INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

PAULA ANDRÉA CALUFF RODRIGUES

DUAS FACES DA MORTE: O CORPO E A ALMA DO CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA SOLEDADE, EM BELÉM/PA.

RIO DE JANEIRO

2014

PAULA ANDRÉA CALUFF RODRIGUES

DUAS FACES DA MORTE: O CORPO E A ALMA DO CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA SOLEDADE, EM BELÉM/PA.

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural.
Orientador: Profº. Ms. Evandro Domingues

RIO DE JANEIRO

2014

T685 Rodrigues, Paula Andréa Caluff.

Duas faces da morte: o corpo e a alma do Cemitério Nossa Senhora da Soledade, em Belém/PA. / Paula Andréa Caluff Rodrigues. — 2014.
425 f. ; 30 cm.
Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Patrimônio Cultural) — IPHAN, Rio de Janeiro, 2014.
Bibliografia: f...-... .

1. Cemitérios. 2. Cemitério da Soledade – História - Belém/PA – Século XIX. 3. Morte – aspectos sociais – cultos religiosos. 4. Arquitetura – patrimônio material, imaterial e cultural. I. Título.

CDD: 240
306
709
CDU: 393

TERMO DE APROVAÇÃO

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

PAULA ANDRÉA CALUFF RODRIGUES

DUAS FACES DA MORTE: O CORPO E A ALMA DO CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA SOLEDADE, EM BELÉM/PA.

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural.

Rio de Janeiro, novembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

_____

Professor Ms. Evandro Domingues (orientador) – IPHAN/PEP/MP

_____

Professor Dr. Nivaldo Vieira de Andrade Júnior – Faculdade de Arquitetura / UFBA

_____

Professora Dr. Joseane Paiva Macedo Brandão – IPHAN/PEP/MP

Para **João Augusto**:
selo sobre o meu coração,
amor tão forte quanto a morte;
e aos meus filhos Bárbara, Paulo, Camila e Eugen

AGRADECIMENTOS

Ao fim deste trabalho tenho completa consciência de que nada fiz sozinha. Deus me permitiu receber centenas de gestos de apoio, carinho, atenção, ajudas acadêmicas, sugestões de leituras, que me mantiveram firme nesta caminhada rumo ao conhecimento. *Deo gratias!*

Registro minha gratidão ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, na pessoa da Presidente Jurema Machado, que me permitiu realizar dois grandes objetivos de minha vida pessoal e profissional: trabalhar no IPHAN/PA e conquistar o mestrado pela Instituição. Agradeço a Coordenação Geral de Documentação e Pesquisa, nas pessoas de Lia Motta e Adriana Nakamuta. Minha reverência a todos os mestres que partilharam comigo a grande riqueza de seu conhecimento: Adler, Alejandra, Analucia, Carla, Cecília, Claudia, Helena, Hilário, Juliana, Jurema, Luciano, Márcia Chuva, Marcia Sant'Anna, Marcus Tadeu (inesquecível), Tarcila, Patrícia, Pragmácio, Rafael, Renata, Rogério e Sônia. Certamente que um pouco de cada um está presente nesta dissertação. Agradeço, ainda, ao Felipe e ao Alberto, da Copedoc e aos gentis colegas da Biblioteca Central do IPHAN/RJ.

Agradeço especialmente ao melhor orientador que eu poderia ter: o meu muito querido professor Evandro Domingues, que deixava melhor e mais bonito tudo o que eu fazia. A ele, toda a minha gratidão, admiração e amizade. Meu agradecimento a Ana Carmem e Joseana, que com paciência me introduziram nos caminhos da sociologia e antropologia.

Além do conhecimento, o PEP/MP me presenteou com amigos em todo o território nacional, aos quais devo imenso carinho. Em especial, recordo minha amiga muito querida, Simone, que me orientava em tudo, desde ônibus até bibliografias. Agradeço a amizade sempre presente de Mônica e Hermano, e ao Marcelo Renan, que enviava dicas de cemitérios e leituras. Não posso esquecer das "minhas meninas": Lilian, Lorraine, Michelle, Joseane, Thamyres, Ellis, Jackie e Ana Betânia. Enfim, todos sempre farão parte de minhas doces lembranças do mestrado no Rio de Janeiro.

Agradeço a todos da Unidade do IPHAN/PA, na pessoa da Superintendente Maria Dorotéa de Lima, a quem devoto uma extrema admiração. Sou grata a Adma Santa Lopes, minha supervisora, que sempre me apoiou e incentivou. Meu carinho a Tatiana, Giovanni, Larissa, Cyro, Fernando, Andréia, Lucimar, Nonato, Denise, Keyla, Camila, Débora, Valéria, Victor, Joseana, Rose, Cynthia, Érika, Suelen, as estagiárias Luciene e Caroline, e ao Leonardo Santos, que me deu o suporte tecnológico que precisava. Meu profundo respeito aos demais profissionais com os quais tive o prazer de trabalhar: técnicos, estagiários, bibliotecárias, motoristas, serventes e guardas. Recordo aqui, o restaurador João Carlos Velozo, com quem tive a honra de conviver e aprender um pouco do muito que ele sabe.

Devo uma menção especial a Carla Cruz, que acreditou em meus projetos, não me deixou desistir e com profissionalismo os tornou realidade. Encontrei nela o apoio que precisava dentro do IPHAN para realizar a pesquisa das cores do Mercado do Ver-o-Peso, para publicar o livro e implantar as visitas monitoradas no Cemitério da Soledade, com a adoção de material didático-instrucional (*folder* e livreto) por mim desenvolvido.

Quero deixar registrado o meu profundo agradecimento à equipe da Mendes Comunicação, que durante o mestrado me ajudou a produzir materiais de alta qualidade. Minha gratidão ao Dr. Oswaldo Mendes, seus filhos Oswaldo e Rose e ao Oswaldo Mendes Neto, com extensão a toda a família. Obrigada por materializarem meus sonhos.

Outra grande ajuda, desta vez fora da Instituição, veio por meio de minha caríssima amiga Rosa Arraes, que sempre compartilhou comigo o amor e o respeito pelo Soledade. Ela me ajudou a publicar o livro "As Paroquiais da Amazônia: no rastro dos traços de Landi", assumindo responsabilidades que para mim seriam impossíveis, em função do Mestrado. Ela esteve comigo no lançamento do livro, tanto em Belém, no Museu de Arte de Belém, como no Rio de Janeiro, no Palácio Gustavo Capanema. Rosa é uma amiga do coração.

Não posso esquecer de minha professora e mestre Jussara Derenji, que foi quem primeiro me mostrou as riquezas do Cemitério da Soledade, encaminhando as minhas pesquisas iniciais neste campo que resultaram na publicação do livro "O tempo e a pedra".

A pesquisa dentro do cemitério da Soledade foi exaustiva, mas contei com a preciosa ajuda do Padre Ronaldo, do Diácono Brito, de João Paulo Brito e do Sr. Wagner. Agradeço aos participantes das entrevistas que compartilharam suas crenças e devoções em favor desta pesquisa e faço memória a todos aqueles que descansam no sono eterno do Soledade.

Agradeço a Peter e Zaida Knight, pelo apoio recebido por ocasião de meus estudos no Rio de Janeiro e pela valorosa ajuda no *abstract.*

Não poderia deixar de agradecer à minha amada família. Todos, à sua maneira, sempre me ajudaram, apoiaram e torceram por mim. Inicialmente, agradeço aos meus pais Felipe e Maria José, eternos incentivadores, que são os primeiros a ler e fazer correções em meus escritos. Agradeço aos meus sogros Oscar e Jacira, que providenciaram toda a estrutura para que eu passasse as temporadas de estudo no Rio de Janeiro e me tratam como verdadeira filha.

Agradeço aos irmãos Eládio e Betinha, Alexandre e Renata, Manoel e Marcella, e aos meus sobrinhos e afilhados muito amados. Imensa gratidão à minha cunhada Neuza, uma verdadeira irmã do coração, que sempre acreditou em mim e com quem recordo, com saudade, a memória do querido José Francisco, que cedo partiu para a Vida Eterna. Em especial, agradeço aos queridos irmãos Oscar e Débora, aos quais devo a viagem de pesquisa em Portugal e lançamento do livro na Universidade de Lisboa, onde contei com o suporte acadêmico e a imensa amizade de minha eterna mestra, Profª Maria Adelina Amorim.

Compartilho a realização do mestrado e desta dissertação com meu amado marido João Augusto e com meus filhos: Bárbara, Paulo Henrique, Camila e Eugen, aos quais dedico este trabalho. Finalmente, entrego meus projetos, meus sonhos, minhas realizações, tudo o que tenho e tudo o que sou para ela: "*Totus tuus ego sum, Mariae".*

De profúndis clamávi ad te, Dómine: Dómine, exáudi vocem meam:
Fiant aures tuæ intendéntes: in vocem deprecatiónis meæ.
Si iniquitátes obsérváveris, Dómine: Dómine, quis sustinébit?
Quia apud te propitiátio est: et propter legem tuam sustínui te, Dómine.
Sustínuit ánima mea in verbo ejus: sperávit ánima mea in Dómino.
A custódia matutína usque ad noctem: speret Israël in Dómino.
Quia apud Dóminum misericórdia: et copiósa apud eum redémptio.
Et ipse rédimet Israël: ex ómnibus iniquitátibus ejus.
Réquiem ætérnam dona eis, Dómine.
Et lux perpétua lúceat eis.

(Salmo 129, parte da Liturgia das
Vésperas para os fiéis defuntos)

RESUMO

A inauguração do Cemitério Nossa Senhora da Soledade, em Belém do Pará, em 1850, marca o momento histórico da transferência de enterros anteriormente realizados em igrejas ou suas imediações para um espaço público. O número de pessoas enterradas ultrapassa os 30.000, impulsionado pelas vítimas de duas epidemias: a febre amarela (1850) e cólera (1885). O local foi inspirado no estilo monumental de cemitérios europeus, seguindo as linhas do período artístico do romantismo, com a adoção de materiais, obras de escultura e cantaria de Portugal e Itália. Apresenta mausoléus e túmulos com rico simbolismo funerário, revelando ideais da época, fatores socioeconômicos, ocupações, valores familiares e conjugais. Sua riqueza refletiu o poder econômico trazido pela cultura da borracha. Os enterramentos cessaram em 1880, mas as pessoas continuaram a visitar esse lugar. Foi desenvolvida uma nova apropriação do espaço por manifestações de devoções às santas almas do purgatório ao lado do cruzeiro e devoções populares em sepulturas específicas. Sem enterros, iniciou-se um processo de degradação rápida, tornando-se objeto de especulações urbanas que incluíam demolição para alargamento de estradas ou para a construção de um complexo habitacional. A mobilização de intelectuais resultou no seu tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN - em 1964, evitando a sua destruição. Esta dissertação põe em questão os novos usos do cemitério e o seu significado para a comunidade, tendo em conta a sua natureza material e imaterial, seu corpo e alma. Pretende identificar o patrimônio cultural que se desenvolveu ali e procura observar a dinâmica social onde o cemitério está inserido, com suas práticas culturais, significados e valores que marcam as experiências constitutivas da cultura de um povo. Foi feita uma pesquisa oral com os frequentadores e devotos do lugar e as respostas permitiram uma compreensão mais completa das manifestações culturais e o perfil das pessoas que as praticam. A partir daí, foram analisadas as relações entre pessoas e espaço, a questão dos santos populares não reconhecidos pela Igreja Católica, o sincretismo religioso e as principais ofertas devocionais feitos em túmulos. Enfim, este trabalho não se destina a resolver ou esgotar a pesquisa sobre o reconhecimento do sentido e valor que o Soledade tem para a cidade e para as pessoas que fazem uso dele. É uma tentativa de observar a realidade, com vista a uma melhor compreensão das relações que ocorrem lá. É como a construção de uma pequena ponte, onde diferentes usos e interesses podem se encontrar, relacionar e respeitar mutuamente, de modo que o maior beneficiado com este processo pode ser o Cemitério de Soledade.

Palavras-chave: Cemitérios. Cemitério da Soledade - Belém/PA. Arquitetura cemiterial – Século XIX. Morte – aspectos sociais. Cultos religiosos. Patrimônio cultural.

ABSTRACT

The inauguration in 1850 of the *Cemitério Nossa Senhora da Soledade* (Lady of Solitude Cemetery), in Belém, Pará State, Brazil, marks the historical moment when burials previously performed in churches or their vicinity, were moved to a public space. The number of people buried exceeds 30,000, a number swollen by the victims of two epidemics: yellow fever (1850) and cholera (1885). The design of the cemetery was inspired by the monumental style first used in European cemeteries, following the style known as romanticism, with adoption of materials, works of sculpture and stonework from Portugal and Italy. There are mausoleums and tombs with rich funerary symbolism, revealing ideals of that period, socioeconomic factors, occupations, and family and marital values. This rich style reflects the economic power brought by natural rubber production boom in the Amazon region. The burials ceased in 1880, but people continued visiting this place. A new use for the space was developed: manifestations of devotion to the holy souls in purgatory next to the main cross and popular devotions at specific graves. Without burials, the former cemetery began a process of rapid degradation. The land became the subject of urban speculations that included demolition for road widening and construction of a housing complex. A mobilization of intellectuals resulted in it being listed by the National Historical and Artistic Heritage Institute (IPHAN) in 1964, avoiding its destruction. This dissertation questions the new uses of the cemetery and its significance to the community, examining its physical and cultural value, its body and soul. The objective is to identify the cultural heritage developed there and to observe the social dynamics in the vicinity of the cemetery, including cultural practices, significance, and values that mark the development of popular culture. Oral research was undertaken with visitors and devotees of the place, Their responses led to a fuller understanding of the cultural events and the profile of people who participate in them. Then, the relationships between people and space, the issue of popular saints unrecognized by the Catholic Church, religious syncretism and the main devotional offerings made in tombs were analyzed. This work is not intended to exhaust research possibilities concerning recognition of the meaning and value that Soledad has for the city and for the people that use it. It is an attempt to look at reality, with a view to better understanding the relationships that occur there. It's like building a small bridge, where different users and interests can meet, relate and respect one another, so that the greatest benefit from this process may be for the Soledade Cemetery itself.

Keywords: Cemeteries. Soledade Cemetery - Belém / PA. Cemiterial Architecture - Nineteenth Century. Death - Social aspects. Religious cults. Cultural heritage.

LISTA DE IMAGENS

Img..01: Cemitério da Soledade..... 24
Img.02: Quadra da Irmandade de São Francisco da Penitência..... 36
Img.03: Portada da Quadra que pertencia a Santa Casa de Misericórdia..... 36
Img.04: Túmulos do cemitério Soledade..... 37
Img.05: Vista do cruzeiro na alameda principal, tendo ao fundo a capela..... 38
Img.06: Torre sineira posterior à capela..... 39
Img.07: Planta de localização do cemitério Soledade com as principais edificações..... 40
Img.08: Vista aérea do cemitério da Soledade..... 41
Img.09: Portada principal do Soledade..... 42
Img.10: Mausoléu do Visconde de Arary e família..... 45
Img.11: Mausoléu do Visconde de Arary e família..... 45
Img.12: Mausoléu C. A. Chermont..... 46
Img.13: Mausoléu C. A. Chermont..... 47
Img.14: Mausoléu Antônio T. Pena..... 48
Img.15: Mausoléu Antônio Teodorico da S. Pena..... 48
Img.16: Túmulo de Manoel Vicente Foro..... 50
Img.17: Túmulo de Manoel Vicente Foro..... 50
Img.18: Mausoléu do Ten. Cel. Benedito Pedro da Silveira Frade..... 51
Img.19: Mausoléu do Capitão Manoel José de M. Freire Barata..... 52
Img.20: Mausoléu do General Gurjão..... 54
Img.21: Mausoléu do General Gurjão..... 54
Img.22: Túmulo do Cap. José Joaquim da Silva..... 55
Img.23: Túmulo do Cap. José Joaquim da Silva..... 55
Img.24: Mausoléu de Joaquim Victorino..... 56
Img.25: Mausoléu de Joaquim Victorino..... 56
Img.26: Túmulo de Antônia Roiz dos Santos..... 58
Img.27: Detalhe do Túmulo de Luiza Bond Dewey..... 59
Img.28: Túmulo de Luiza Bond Dewey..... 59
Img.29: Túmulo de D. Anna Magalhães..... 61
Img.30: Túmulo do Campo Santo, Salvador/BA..... 61
Img.31: Túmulo D. Josephina da Silva Magno..... 62

Img.32: Cemitério Nossa Senhora da Soledade..... 63
Img.33: Cemitério da Soledade..... 70
Img.34: Det. da balaustrada que separa a alameda principal dos túmulos e vegetação... 70
Img.35: Vista aérea do cemitério da Soledade..... 71
Img.36: Vista aérea do cemitério da Soledade..... 71
Img.37: Mapa da vegetação (copas das árvores) realizado pelo IPHAN/PA..... 73
Img.38: Lista de cemitérios tombados existente no site do IPHAN..... 80
Img.39: Detalhe do Túmulo do menino Zezinho..... 121
Img.40: Vista do Túmulo do menino Zezinho..... 121
Img.41: Túmulo da Menina Januária..... 122
Img.42: Túmulo da Menina Januária..... 122
Img.43: Túmulo da Menina Januária visto de cima com oferendas..... 122
Img.44: O Túmulo dos Gêmeos..... 123
Img.45: Túmulo de Marianna Isabel Leite da Silva..... 124
Img.46: Túmulo do menino Cícero..... 124
Img.47: Sepultura da Escrava Anastácia..... 125
Img.48: Túmulo de mármore da Preta Domingas..... 125
Img.49: Sepultura de Raimunda Picanço..... 127
Img.50: Detalhe de placa de ex-votos..... 127
Img.51: Túmulo Joaquim Ignácio d'Almeida..... 128
Img.52: Detalhe de placas de ex-votos..... 128
Img.53: Túmulo de D. Marianna Izabel da Silva..... 129
Img.54: Túmulo de Joaquim Corrêa da Silva..... 129
Img.55: Planta de localização do cemitério da Consolação, São Paulo/SP..... 126
Img.56: Panorâmica do cemitério da Consolação/ SP..... 126
Img.57: Local de oferendas no cemitério da Consolação..... 127
Img.58: Placa afixada ao lado do cruzeiro..... 128
Img.59: Túmulo de Antonio da Rocha Marmo..... 129
Img.60: Detalhe da oração com aprovação eclesiástica..... 129
Img.61: Túmulo de Maria Judith de Barros..... 130
Img.62: Planta de localização do cemitério Campo Santo, Salvador/BA 133
Img.63: Escultura de uma pranteadora no cemitério do Campo Santo, Salvador/BA..... 182
Img.64: Entrada do cemitério de Santo Amaro..... 135
Img.65: Planta de localização do cemitério Santo Amaro, Recife/PE..... 136

Img.66: Túmulo de Alfredinho..... 137
Img.67: Detalhe da lápide com foto..... 137
Img.68: Túmulo da "Menina sem nome" com oferendas..... 138
Img.69: Planta de localização do cemitério São João batista, Fortaleza/CE..... 140
Img.70: Túmulo da menina Lúcia..... 141
Img.71: Planta de localização do cemitério dos Prazeres, Lisboa/PT..... 143
Img.72: Pórtico de entrada do cemitério dos Prazeres, Lisboa – Portugal..... 144
Img.73: Túmulo no cemitério dos Prazeres..... 144
Img.74: Túmulo no Cemitério dos Prazeres..... 144

LISTA DE TABELAS

TABELA I: Tipos de Sepulturas e Valores em Belém /PA..... 33
TABELA II: Tipologia ética e Número de mortos de Cólera em Belém/PA..... 33
TABELA III: Fonte. Base cartográfica CODEM..... 66

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Motivos para frequentar o Soledade..... 91
Gráfico 2: Conhecimento sobre o reconhecimento e tombamento do Soledade..... 92
Gráfico 3: Como começou a frequentar o Cemitério..... 93
Gráfico 4: Tempo de frequência de visitas..... 94
Gráfico 5: Túmulos de familiares..... 95
Gráfico 6: Principais locais de visitação..... 96
Gráfico 7: Frequência de visitas..... 103
Gráfico 8: Oferendas em retribuição a graças alcançadas e pagamento de promessas..... 104
Gráfico 9: Tipos de Oferendas..... 106
Gráfico 10: Religião..... 107
Gráfico 11: Principais Orações..... 108
Gráfico 12: Frequência na Capela..... 109
Gráfico 13: Visitas Monitoradas..... 110
Gráfico 14: Sexo dos frequentadores..... 110
Gráfico 15: Idade dos entrevistados..... 111
Gráfico 16: Escolaridade dos entrevistados..... 112

LISTA DE ANEXOS

Anexo 01: Resolução nº 181 que aprova o Regulamento do Cemitério da Soledade..... 220

Anexo 02: Telegrama enviado a Rodrigo M. F. de Andrade por Ernesto Cruz, solicitando andamento no processo de tombamento do Cemitério da Soledade..... 233

Anexo 03: Resposta de Rodrigo M. F. de Andrade ao telegrama de Ernesto Cruz..... 234

Anexo 04: Telegrama de Ernesto Cruz a Rodrigo M. F. de Andrade sobre a pretensão do Município desapropriar a área do Cemitério para a construção de casas..... 235

Anexo 05: Telegrama de Ernesto Cruz a Rodrigo M. F. de Andrade pedindo urgência no tombamento do cemitério e relatando o envio de levantamento fotográfico..... 236

Anexo 06: Telegrama de Rodrigo M. F. de Andrade a Ernesto Cruz informando arquivamento do processo do Cemitério Soledade..... 237

Anexo 07: Telegrama de Hilmo Moreira ao Ministro Jarbas Passarinho, solicitando interesse na construção de capela mortuária no Cemitério da Soledade, encaminhado ao Diretor do DPHAN, Renato Soeiro..... 238

Anexo 08: Reportagem do LUX Jornal intitulada "Quer transformar o cemitério num bairro residencial", enviado por Ernesto Cruz a Rodrigo M. F. de Andrade..... 239

Anexo 09: Carta enviada por Ernesto Cruz a Rodrigo M. F. de Andrade, reiterando o desejo coletivo de tombamento do Soledade e repercussão na opinião pública..... 240

Anexo10: Carta de Rodrigo M. F. de Andrade a Sr. Ernesto Cruz, comunicando ser injustificável o tombamento isolado do bem..... 241

Anexo 11: Carta de Ernesto Cruz a Rodrigo M. F. de Andrade acusando o recebimento da carta 229 que relatava impossibilidade do tombamento do Soledade..... 242

Anexo 12: Carta de Mário Barata a Rodrigo M. F. de Andrade, propondo nova consideração da necessidade do Tombamento do Cemitério Soledade..... 243

Anexo 13: Carta de Ernesto Cruz a Renato Soeiro, acusando o envio do Recibo de Notificação nº 904, do tombamento do Soledade, assinado pelo Chefe do Gabinete do Prefeito Municipal, já que este estava ausente da cidade..... 245

Anexo 14: Carta de Ernesto Cruz a Rodrigo M. F. de Andrade, encaminhando o Recibo de Ofício nº 79 assinado pelo Prefeito Municipal de Belém..... 246

Anexo 15: Carta de Ernesto Cruz a Renato Soeiro, encaminhado Ofício recebido com atraso da Conselheira Presidente do Tribunal de Contas do Estado solicitando a entrega da imagem do Cristo Crucificado da capela do Cemitério da Soledade..... 247

Anexo 16: Ordem de Arquivamento do Processo de Tombamento do Cemitério da Soledade assinada por Carlos Drummond de Andrade, Chefe da Seção Histórica do IPHAN..... 248

Anexo 17: Artigo "Valor Urbanístico do Cemitério da Soledade", de Mário Barata..... 249

Anexo 18: Parecer favorável ao tombamento do Cemitério da Soledade emitido pelo Arquiteto Paulo Thedim Barreto..... 254

Anexo 19: Notificação nº 904 emitida pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e encaminhada ao Prefeito Municipal de Belém/PA, informando a Inscrição do Soledade no Livro do Tombo Paisagístico do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 255

Anexo 20: Ofício nº 1.320 emitido por Rodrigo M. F. de Andrade e encaminhado a Ernesto Cruz, informando envio da Notificação nº 904 referente ao Tombamento do Soledade, para que fizesse chegar às mãos do Prefeito de Belém para ser assinado e devolvido..... 256

Anexo 21: Ofício nº 24, emitido pela Junta Governativa da Casa do Pará e encaminhado a Rodrigo M. F. de Andrade, informando a concessão de Voto de Louvor a este Diretor pelo Tombamento do Cemitério da Soledade..... 257

Anexo 22: Ofício nº 79, emitido por Rodrigo M. F. de Andrade e enviado ao Prefeito Municipal de Belém/PA, informando sobre a Inscrição do Conjunto paisagístico do Cemitério Soledade no Livro do Tombo nº 1..... 258

Anexo 23: Ofício nº 85, emitido por Rodrigo M. F. de Andrade e enviado a Ernesto Cruz, informando ser inválido o Recibo de Notificação assinado por representante do prefeito, devendo um novo recibo ser assinado pela autoridade municipal..... 259

Anexo 24: Ofício nº 333, enviado por Rodrigo M. F. de Andrade a Ernesto Cruz, notificando o recebimento do Recibo de Notificação assinado pelo Prefeito da cidade..... 260

Anexo 25: Ofício nº 548/70, enviado por Eva Andersen Trindade a Ernesto Cruz, relatando preocupação com a segurança da imagem barroca de Cristo Crucificado da capela do Soledade e solicita autorização para utilizá-lo na nova sede do Tribunal de Contas..... 261

Anexo 26: Ofício nº 703/70, emitido por Eva Andersen Trindade a Renato Soeiro, encaminhando pedido de que o Tribunal de Contas seja guardião da imagem barroca do Cristo Crucificado, da Capela do Soledade..... 262

Anexo 27: Ofício nº 704/70, enviado por Eva Andersen Trindade a Ernesto Cruz, encaminhando Ofício para ser por ele enviado a Renato Soeiro..... 263

Anexo 28: Ofício nº 936/70, enviado por Renato Soeiro a Eva Andersen Trindade, sugerindo que seja feita uma réplica de gesso em conformidade com o original, para ser colocada na Capela com placa de que a imagem original se encontra no Tribunal de Contas..... 264

Anexo 29: Ofício nº 935/70, enviado por Renato Soeiro a Ernesto Cruz, informando a transferência da imagem do Cristo para o Tribunal e pede que esta seja fotografada para arquivo e envio de cópia à Diretoria do P.H.A.N..... 265

Anexo 30: Ofício nº 15, enviado por Hilmo de Farias Moreira a Ernesto Cruz, consultando sobre a possibilidade de instalação no Cemitério da Soledade de uma câmara mortuária administrada pela Santa Casa, alegando ser esta proprietária do terreno do Cemitério..... 266

Anexo 31: Ofício nº 1001, enviado por Renato Soeiro ao Prefeito Municipal de Belém, mencionando a intenção de transformar o Cemitério da Soledade em Parque Público. Pede que a Prefeitura indique um Arquiteto para desenvolver o projeto sob a orientação técnica do IPHAN e sugere a promoção de um Edital..... 267

Anexo 32: Recibo da Notificação nº 904 emitida pela Diretoria do Patrimônio e Artístico Nacional, referente ao Tombamento do Soledade, assinada por Líbero Luxardo..... 268

Anexo 33: Recibo do Ofício nº 29, referente ao Tombamento do Soledade, assinado pelo Prefeito de Belém..... 269

Anexo 34: Documento interno do DPHAN referente da Soledade que encaminha um trecho da carta enviada por Ernesto Cruz esclarecendo que a Santa Casa de Misericórdia não é proprietária do terreno do Cemitério..... 270

Anexo 35: Documento interno emitido por Judith Martins, referente à propriedade do Cemitério da Soledade, informando que por ocasião do Tombamento, em 23/02/64, o lugar pertencia à Municipalidade de Belém, sendo expedida ao Prefeito a Notificação nº 904.. 271

Anexo 36: Documento interno assinado por Antônio Pedro Alcântara, designado pelo Diretor para entrar em contato com a Prefeitura de Belém para verificar a situação do Soledade. 272

Anexo 37: Mapa da CODEM - Companhia de Desenvolvimento e Administração de Áreas Metropolitanas – Com a localização dos cemitérios da cidade de Belém..... 274

Anexo 38: Questionário para Frequentadores do Cemitério da Soledade – Belém/PA.... 275

Anexo 39: Questionários respondidos pelos frequentadores do Cemitério da Soledade (Ordem alfabética)..... 277

Anexo 40: As principais orações distribuídas em folhetos ou cópias no Soledade..... 344

Anexo 41: Modelo do Livreto: Soledade – História, Arte e Cultura..... 354

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 18

CAPÍTULO I..... 24
1. O CORPO DO CEMITÉRIO DA SOLEDADE..... 24
1.1. Contextualização..... 24
1.2. Primeiro Cemitério Público de Belém: o Soledade..... 27
1.3. O Processo de Tombamento..... 68
1.4. A Situação até o ano de 2014..... 77

CAPÍTULO II..... 80
2. A ALMA DO CEMITÉRIO DA SOLEDADE..... 80
2.1. Orações e devoções..... 80
2.2. A pesquisa com frequentadores do cemitério..... 86
2.3. Os principais túmulos de devoção..... 113
2.4. Devoções em outros cemitérios..... 125
2.4.1. Cemitério da Consolação, em São Paulo/SP..... 125
2.4.2. Cemitério do Campo Santo, em Salvador/BA..... 131
2.4.3. Cemitério Santo Amaro, Recife/PE..... 135
2.4.4. Cemitério São João Batista, Fortaleza/CE..... 138
2.4.5. Cemitério dos Prazeres, Lisboa/PT..... 142

CAPÍTULO III..... 146
3. AS DUAS FACES DA MORTE – O GRANDE ENCONTRO..... 146
3.1. Problematização dos termos usados..... 146
3.2. As relações entre pessoas e o espaço do Soledade..... 148
3.3. Fundamentação católica..... 151
3.3.1. Diretório Sobre a Piedade Popular e a Liturgia: Princípios e Orientações... 153
3.3.2. O Purgatório..... 157
3.4. Santos oficiais e não oficiais..... 162
3.4.1. Os santos canonizados..... 162
3.4.2. Os “santos” que o povo elege..... 166
3.5. Ex-votos e oferendas..... 170
3.5.1. As velas..... 172
3.5.2: As orações..... 173
3.5.3. A água..... 176
3.5.4. As flores..... 179
3.5.5. As fitas..... 182
3.5.6. Alimentos..... 184
3.5.8: Roupas..... 187
4. CONCLUSÃO..... 191

REFERÊNCIAS..... 204

ANEXOS..... 220

INTRODUÇÃO

O homem vem sendo constantemente instigado a descobrir o sentido da morte ao longo de sua existência. A passagem inexorável do tempo, simbolizada pela ampulheta alada, recorda a todos a finitude do corpo. Desde a antiguidade e ao longo dos séculos, se percebe a busca da "imortalidade", seja através de monumentos, seja através dos mais variados rituais.

A ocultação de um cadáver fadado à decomposição, seja por enterramento, embalsamamento, cremação, deposição em cavernas ou outras formas, era uma prática sociocultural de preservar o morto e também o próprio vivo, que não teria que presenciar uma antecipação de sua finitude degradante. Resquícios de inumações pré-históricas denotam a preocupação do homem com o pós-morte, o início de uma espiritualidade, por meio de rituais e práticas funerárias. Cecille Lestienne afirma que os rituais funerários são as primeiras formas detectáveis de prática religiosa[1].

Segundo Simões Ferreira, entre os séculos XIV, XV e XVI, com o movimento intelectual e artístico do *Renascimento*, surgem reflexões sobre a "arte de morrer", que se materializariam em túmulos artísticos com inspiração nos ideais clássicos da Antiguidade greco-romana. O autor cita que, posteriormente, com o fortalecimento do estilo barroco (XVI–XVIII) as formas de expressão e materialização da arquitetura funerária seriam levadas à exacerbação, muitas vezes conflitando com o local de sua execução nas igrejas. Isto incluía também exéquias pomposas, que tendiam a usar temas mundanos. Percebe-se a tentativa de "embelezamento da morte" como estratégia ilusionista de camuflar os aspectos ingratos da vida e da dificuldade de compreensão da morte, agora tida como algo "lúgubre e macabro, uma extinção e esquecimento, que só a recordação e o culto memorial podiam atenuar[2]".

Philippe Ariès discorre sobre as maneiras diferentes que o homem do fim do século XVIII tinha de encarar a morte. Nos campos e entre os menos favorecidos, a morte seria um alívio dos desgostos ou salvação das calamidades, vista por uma ótica de nostalgia onde o medo não predominava. Por sua vez, o homem urbano desenvolveu um temor maior da morte ao tomar ciência das questões doutrinárias da Igreja católica referentes ao *post mortem*, mas também por superstições da época. Para Ariès, o advento do *Romantismo*, a partir da última década do século XVIII, iria trazer uma nova visão da morte, baseada na felicidade da

[1] LESTIENNE, Cecile. Prehistoire – funerailles d'antan. **Sciences et avenir**, n. 480, 1987. *Apud:* AQUINO, Felipe. As sepulturas na pré-história – EB. Editora Cléofas. Disponível em: <http://cleofas.com.br/as-sepulturas-na-pre-historia-eb/> Acesso em: 11/02/2014.

[2] FERREIRA. J. M. Simões. **Arquitectura para a morte. A questão cemiterial e seus reflexos na teoria da arquitectura.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009. p. 345 – 347.

liberação corpórea do ser, associada à consolação da perda de alguém a partir de um futuro reencontro familiar, destinado aos bons e justos. Aos poucos, a morte abandonava sua capa de horror e medo, para dar lugar a um momento de amor, emoção e desejo[3].

O século XIX chegou permeado de questionamentos sobre a morte e os enterramentos nas igrejas, segundo J. M Simões Ferreira. Esta polêmica surgiu quase ao mesmo tempo em vários países, sendo que alguns tentaram, por meio de Leis e Resoluções, proibir a realização de sepultamentos nas igrejas ou em áreas anexas a estas, tornando obrigatórios os enterramentos das pessoas falecidas em um espaço público, construído especificamente com esta finalidade[4].

Para Maria Elizia Borges, o século XIX inaugura o conceito da "morte burguesa" carregada de dramaticidade e que gerava comoção aos que ficavam. Estes, por sua vez, buscavam através da arte funerária a representação do triunfo da vida sobre a morte, utilizando elementos cristãos, associados a antigas fórmulas pagãs e profanas[5]. Esta época marca o surgimento dos chamados cemitérios históricos ou monumentais, configurados como grandes necrópoles adornadas com ricos jazigos, alguns em forma de capelas, que denotavam poder econômico e posição social do morto. Os cemitérios expandiram seu caráter religioso e se tornaram espaços sociais e culturais.

> A efervescência narcisista, típica da burguesia, levou a nova classe a querer registrar suas particularidades nos cemitérios, que se tornaram o local propício para: perenizar o individualismo do homem, recém-valorizado após a morte; romper o anonimato das pessoas que passam a promover-se, a distinguir-se dos demais; adquirir propriedades perpétuas, cabendo aos homens poderosos o melhor quinhão de vida eterna[6].

É neste contexto que se insere o objeto de estudo da presente dissertação: o cemitério Nossa Senhora da Soledade, em Belém do Pará. Inaugurado em 1850 e fechado para enterramentos apenas 30 anos depois, o lugar conserva mausoléus e túmulos característicos do romantismo e enobrecidos pelo apogeu da borracha na região. O encerramento de

---

[3] ARIÈS, Phillippe – **História da Morte no Ocidente.** Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1977. p. 446 - 449

[4] FERREIRA. J. M. Simões. **Arquitectura para a morte. A questão cemiterial e seus reflexos na teoria da arquitectura.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009. p. 413

[5] BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão Preto.** Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.

[6] *Idem.* p. 130-131.

enterramentos no lugar foi causa de seu acelerado processo de degradação, chegando a ser objeto de especulações imobiliárias e urbanísticas que cogitaram sua demolição para alargamento de ruas. Em 1964, a mobilização de intelectuais da época resultou em seu processo de Tombamento como Patrimônio Paisagístico pelo IPHAN.

A escolha de um cemitério como objeto de estudo, certamente encontraria restrições e questionamentos tanto do público em geral como dentro da área acadêmica. Vale lembrar que há um número expressivo de pessoas que não participam de velórios, não têm coragem de olhar uma pessoa morta e se recusam a entrar em necrópoles, sejam elas contemporâneas ou antigas. Nely Guernelli Nucci fala sobre o tema:

> Nossa sociedade de consumo tenta contornar a finitude, envolvendo-a em asceticismo, buscando minimizar seu impacto, amenizar seu significado e reduzir as perdas que possa ocasionar. Paradoxalmente, faz aumentar o tabu sobre a morte e obscurece a realidade de que ela e a vida são inseparáveis[7].

Em meio a dificuldades inerentes ao tema, surgiu o desejo de desenvolver um trabalho dentro do cemitério da Soledade, com o objetivo de obter maior conhecimento sobre o lugar, delineando aspectos até então pouco estudados e valorizados, como o caso das manifestações devocionais que ali acontecem. Trata-se de um cenário cultural que apresenta visões plurais e diversas apropriações por diferentes atores sociais: alguns observam apenas o seu valor histórico e artístico, enquanto outros o veem como local de práticas devocionais e culturais.

Embora existam visões e interesses diferentes acerca da apropriação do Soledade, eles não podem ser tratados de maneira dissociada, pois interferem num tipo particular de (con)vivência, social e religiosa, relacionada com aquele espaço, com as práticas de devoção e culto da memória próprias dos cemitérios. Esta foi a principal motivação da pesquisa.

Uma das preocupações que acompanhou este trabalho, desde o início, foi a de não se buscar soluções para a situação aparentemente conflitiva entre as diferentes percepções e apropriações do Soledade; mas sim, entender as relações que ali se desenvolvem, sem adotar uma postura autoritária ou hierarquizada em favor do patrimônio material tombado, algo muito latente na formação técnica de arquitetura, como é o caso desta pesquisadora.

---

[7] NUCCI, Nely Ap. Guernelli. A criança e a morte – um encontro existencial. *In:* **A arte de morrer – Visões plurais** – Volume 2 / Franklin Santana Santos (organizador) – Bragança Paulista, SP: Editora Comenius, 2009. p. 198

Inicialmente, foi feita uma divisão entre as diferentes formas de percepção do espaço estudado, que se configuram nos capítulos I e II, respectivamente. Portanto, o Capítulo I trata dos aspectos históricos e contextuais do cemitério da Soledade, o seu "corpo", localizando-o como um marco histórico na mudança ocorrida no local dos sepultamentos na cidade de Belém, ao se tornar o 1º cemitério público municipal. É apresentado um breve panorama das tradições culturais da época, as características urbanas de escolha do local e as desobediências às primeiras leis que impunham a transferência de enterros das igrejas para os cemitérios.

No capítulo I ainda são pontuados os principais fatores que impulsionaram esta transferência e o impulso dado pelas epidemias que levaram a óbito uma parcela expressiva da população. A descrição das principais construções do Soledade enfatiza a influência da cultura europeia, tanto com relação à configuração espacial da necrópole, quanto às principais simbologias funerárias utilizadas nos túmulos, alguns deles trazidos de Portugal e Itália. Estas características foram associadas à economia da borracha, crescente na região, que viabilizou financeiramente o grau de refinamento de muitas das sepulturas e mausoléus do lugar.

Ainda no Capítulo I, é mencionado o aspecto paisagístico do Soledade e a importância do lugar dentro da configuração urbana da cidade, que é um aspecto relevante para o próprio processo de tombamento da necrópole. São apresentados documentos do Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, constantes no Processo nº 0376-T-48, que resultou na inserção do lugar no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico como "Conjunto Paisagístico do Cemitério Nossa Senhora da Soledade", em 1964.

Ao final do primeiro capítulo é feita uma apresentação da situação atual do cemitério, intervenções realizadas e as propostas que vem sendo estudadas com vistas à sua preservação. Comenta-se sobre o recente projeto de restauro, conservação e adequação do Soledade, bem como, mostrada a importância de que sejam levados em consideração os aspectos de vivência, social e religiosa, permeada das práticas de devoção e culto da memória que ali acontecem.

O Capítulo II aborda os aspectos devocionais presentes no cemitério, denominados de "alma" do Soledade. Inicia-se com uma revisão bibliográfica sobre o uso da necrópole após a proibição de sepultamentos, mostrando a continuidade de sua função social através da manutenção de atividades litúrgicas, de visitação e honra aos mortos e o início de práticas devocionais. Apresenta-se, neste segundo capítulo, a pesquisa realizada com frequentadores e devotos do cemitério da Soledade, bem como a análise de dados desta pesquisa. A partir daí, são mostrados os principais túmulos de devoção do lugar.

Finalizando o Capítulo II, são mostrados alguns casos de devoções e manifestações culturais que acontecem em outros cemitérios fora do estado do Pará, a partir de visitas realizadas na fase de pesquisa desta dissertação. As necrópoles visitadas foram: o cemitério da Consolação, em São Paulo/SP; Campo Santo, em Salvador/BA; Santo Amaro, Recife, PE; São João Batista, em Fortaleza/CE e o cemitério dos Prazeres, em Lisboa/Portugal.

O Capítulo III se configura como o ponto principal desta dissertação, pois propõe uma confrontação entre as diferentes apreensões do lugar. Busca-se situar o relacionamento das práticas de parte da sociedade do século XIX com a morte, seus rituais e costumes, e a partir daí, observar estes reflexos no século XXI, na maneira que ela lida com seus questionamentos da vida após a morte, e a prática das devoções que se desenvolvem em cemitérios.

De início, é apresentado um embasamento teórico frente à problematização de termos usados no trabalho, especialmente a expressão "popular" que acompanha as palavras devoção, piedade e "santo". Além disso, procurou-se uma diferenciação entre as palavras paisagem, território e lugar, em função da relação que se dá entre o cemitério e as pessoas que o frequentam. Em paralelo, foram estudados documentos da doutrina católica para compreender certas formulações acerca da relação entre purgatório e devoção das almas.

O terceiro capítulo apresenta, ainda, uma análise das oferendas e *ex-votos* que acompanham as devoções dentro do cemitério da Soledade, tendo como base os resultados da pesquisa com frequentadores, que especificaram os principais objetos ofertados como agradecimentos a graças alcançadas. São eles: as velas, as orações (recitadas ou impressas), a água, as flores, as fitas, os alimentos e as peças de vestuário.

A proposta deste trabalho é colocar em questão e evidenciar os novos usos do cemitério e seus significados, assim como problematizar a sua preservação ao estudar a forma como essa preservação/conservação tem sido colocada a partir do tombamento. Ao levar em conta também as manifestações culturais que podem ser inseridas e valorizadas pelas políticas de preservação voltadas ao patrimônio de natureza imaterial, busca-se a identificação da dinâmica social onde o Soledade está inserido: as "práticas culturais, sentidos e valores vivos, marcos de vivências e experiências que conformam uma cultura para os sujeitos que com ela se identificam", conforme ressalta Cecília Londres[8].

[8] FONSECA, Maria Cecilia Londres. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio." In: **O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial.** Brasília: Ministério da Cultural/Iphan, 2. ed, 2003, p. 38

Durante a pesquisa foram executados três produtos específicos relacionados ao cemitério da Soledade: a elaboração de um *folder*, um livreto (Anexo 41) e a organização de visitas orientadas. Todavia, houve um questionamento pessoal sobre o desenvolvimento destes projetos ao indagar se eles não seriam uma tentativa, mesmo que inconsciente, de uma "domesticalização" do culto. Não seria esta, uma forma de convencimento a favor de uma ideologia preservacionista, apoiada pelo poder do conhecimento? Por que o mármore das sepulturas seria mais importante que a vela de um devoto que visita o lugar há mais de 50 anos? Espera-se neste trabalho justificar a negativa das perguntas acima.

O patrimônio não pode ser visto isolado do contexto em que está inserido e dos sujeitos particulares que o legitimam. O Artigo nº 216 da Constituição Federal incentiva a identificação e proteção de bens "portadores de referências à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira", com suas complexidades e dinâmicas distintas. Espera-se que este trabalho possa promover uma reflexão sobre a importância histórica e artística do Soledade, junto com sua apropriação dentro do imaginário da população, com sua simbologia e cultura.

Esta dissertação não pretende solucionar ou exaurir as pesquisas em torno de um tema tão vasto como é o do reconhecimento dos sentidos e valores que o cemitério Nossa Senhora da Soledade tem para a cidade de Belém e para as pessoas que o frequentam. Trata-se de uma tentativa de compreensão do espaço, um conhecimento de "corpo e alma", com vistas a um melhor entendimento das relações que ali acontecem, como se fosse a construção de uma pequena ponte, onde diferentes interesses e usos possam estar relacionados, e não apartados, de forma que o maior beneficiado com todo este processo possa ser o próprio Soledade.

CAPÍTULO I

1. O CORPO DO CEMITÉRIO DA SOLEDADE

1.1. Contextualização

O cemitério Nossa Senhora da Soledade, em Belém do Pará, pode ser visto como um exemplar característico do período do Romantismo, com influências da *Belle Époque e art-nouveau.* Surgiu quase que em paralelo com cemitérios monumentais europeus: *Pére-Lachaise*, Paris (1804), *Highgate Cemetery*, Londres (1839), *Cimitero Staglieno*, Gênova (1851) e o *Monumentale di Milano* (1866), dentre outros. Sua inauguração marca o momento histórico de mudanças urbanísticas e culturais, quando ricos e pobres passariam a dividir o mesmo solo, conforme citado em trabalhos anteriores desta pesquisadora[9].



Img..01: Cemitério da Soledade (Fonte: Edição F. A. Fidanza – **Álbum de Belém** - 1902)

A Belém de fins do XIX era uma cidade de apenas dois bairros, denominados de Freguesia da Sé e Freguesia da Campina. Existiam, ainda, propriedades rurais denominadas de "rocinhas", configuradas por uma casa com campo e pomar, localizada nas cercanias[10]. No ano do início da construção do cemitério, mais precisamente em 1848, a população local era de aproximadamente 75.000 habitantes, sendo quase 20.000 de escravos.

[9] RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **O Tempo e a Pedra**. Belém/PA, 2003. p. 18
[10] TOCANTINS, Leandro. **Santa Maria de Belém do Grão Pará**. RJ. 1963. p. 106

Até o século XIX, Belém apresentava um núcleo urbano pequeno com fazendas e sítios nos arredores. Por ocasião do início das obras do Soledade, nos limites da cidade, o Igarapé do Piri já havia sido aterrado, mas ainda se andava de canoa por algumas partes alagadas. As pessoas costumavam andar a pé ou usavam outras formas de locomoção, como por exemplo: cavalos, charretes e carruagens. Vale lembrar que a primeira empresa de bonde elétrico só seria instalada em 1868, pelo industrial James Bond[11] e o primeiro carro a entrar no Brasil data do ano de 1891, trazido justamente pelo pai da aviação: Alberto Santos Dumont[12].

A morte costumava bater mais cedo na porta das pessoas, especialmente em função de epidemias que rapidamente se alastravam em cidades de porto movimentado e sem infraestrutura urbana adequada, como era o caso de Belém. A cidade sofreu epidemia de Varíola (1850), de *Chorela Morbus* (1855) e Peste Negra (1899)[13]. Até então era época da "morte domesticada".

Era corrente como prática religiosa associada à morte nas famílias católicas, a presença de um sacerdote, para ministrar os últimos Sacramentos[14] e confortar as famílias em luto. Aos fiéis, a religião católica possibilitava a vivência de rituais importantes para o momento da morte e sua aceitação pelos que sentiam a perda de um ente querido. Estavam presentes ao lado do moribundo, na despedida desta vida, os parentes, incluindo crianças, amigos, religiosos e até vizinhos curiosos, que cantavam e oravam em vigília. Por costume, os donos da casa deveriam providenciar comida e bebida para servir aos presentes[15]. Segundo Érika Amorim Silva:

> Os cerimoniais realizados durante o velório como a reza do Terço, a Missa de corpo presente, a bênção do padre, eram rituais indispensáveis ao consolo dos que choravam a perda de um ente querido; esses ritos se prolongavam com a Missa de sétimo dia, de mês e de ano de falecimento. Todos esses elementos integram os costumes funerários e evidenciam a função dos ritos, visto aqui como ponto de conexão entre vivos e mortos[16].

---

[11] MENDES, Carlos Pimentel. **Novo Milênio: Bondes no Brasil. Belém/PA**. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/bonden10.htm> Acesso em: 11/06/2014.

[12] LEITE. Rodrigo Peixoto. **O Carro Popular no Brasil**. Dissertação de Mestrado em Design pela PUC – Rio. Orientação: Cláudia Renata Mont'Alvão. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0410906_06_cap_03.pdf> Acesso em: 14/08/2014.

[13] VIANNA**,** Arthur. **As Epidemias** no **Pará**. 2ª ed., Belém: UFPA, 1975 [1908].

[14] Penitência (Confissão), Eucaristia e Extrema-Unção.

[15] SILVA, Érika Amorim. **O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850 – 1891)**. São Paulo: 2005. Dissertação (Mestrado) – PUC, SP.

[16] *Idem*, p. 89

Alguns rituais eram comuns após a morte de uma pessoa. Após a comprovação do óbito, era feito o tratamento do defunto, que consistia em cortar unhas, cabelos, fazer a barba e vestir. O testamento tentava organizar a vida econômica e até social da família. Quando não era feito antecipadamente, havia a oportunidade de ser ditado a um advogado. Em geral, os testamentos dos paraenses seguiam os mesmo padrões preconizados pela igreja Católica para se obter uma boa morte[17].

As estruturas testamentárias se iniciavam no "prólogo" com a invocação à Santíssima Trindade (Sinal da Cruz), seguida do nome, estado civil e local de residência do testador. Era comum um "preâmbulo religioso" com invocações a devoções particulares, seguidas de considerações sobre o estado de saúde, vida e morte. Eram feitas as "disposições espirituais ou bem da alma", que indicavam a mortalha escolhida, disposições sobre sepulturas, cortejo fúnebre, número de Ofícios desejados, chegando a especificações detalhadas, como era o caso do pedido de uma capela de missas[18]. Além disso, era comum delegar bens para ordens religiosas e leigas e para caridade[19].

Depois dos assuntos religiosos e dos bens espirituais, os testamentos enumeravam as "disposições materiais ou heranças", onde eram listados os herdeiros e legatários, a repartição dos bens entre eles, alforria de escravos fiéis, "pagamento e cobrança de dívidas, reserva de usufrutos, estipulação de encargos e pensões e nomeação do testamenteiro". Ao final do documento, no que era denominado de "escatocolo", eram indicados as testemunhas, o escrivão, o lugar de redação e a data[20].

Certos cuidados eram tidos no velório, especialmente de bebês e inocentes. Era preciso evitar as lágrimas para "não molhar as asas dos anjos que vinham buscar a alminha". Aos adultos, era certo que o corpo deveria ficar em exposição para as pessoas o verem, como uma forma de aceitação da morte e de se ter a certeza do óbito. Quanto mais importante o falecido, mais demorada sua exposição. Outro costume era a presença de pedintes nas procissões, quando era praxe receberem esmolas[21].

---

[17] SILVA, Érika Amorim. **O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850 – 1891)**. São Paulo: 2005. Dissertação (Mestrado) – PUC, SP. p. 89.
[18] Correspondia a 50 Missas rezadas pelo padre.
[19] Repositório Um - Universidade do Minho. **Os Testamentos e a História da Família.** Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3364/1/testamentos.pdf.> Acesso em: 16/06/2014.
[20] *Idem.*
[21] SILVA, Érika Amorim. **O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850 – 1891).** São Paulo: 2005. Dissertação (Mestrado) – PUC, SP.

As procissões denotavam o grau de importância do morto. Pela manhã e tarde, estavam sujeitas aos rigores climáticos da região, permeados de sol causticante e chuvas de verão vespertinas. Contudo, os horários do entardecer e início da noite eram reservados àqueles que seriam levados ao seu último repouso com requintes das solenidades fúnebres, inspiradas no modelo lusitano de religiosidade barroca e exagerada[22]. Era a pompa na morte, iluminadas por tochas e velas, bandas de músicas fúnebres e sinos que tocavam o dobre monótono dos finados a uma elite mais abastada.

Por algum tempo, escravos carregavam os caixões dos ricos até o cemitério, mas a partir da "monumentalização" da morte, os esquifes passaram a ser transportados em carruagens fúnebres. Um exemplar deste carro dos mortos se encontra atualmente no Museu Histórico do Estado do Pará (MHEP), que é atribuído, sem comprovação, à celebração das exéquias do Maestro Carlos Gomes. Apesar de não ter sido enterrado em Belém, pois a família solicitou seu corpo após a morte, o Maestro passou os últimos dias na capital paraense e recebeu as honras fúnebres com muita pompa[23].

1.2. Primeiro Cemitério Público de Belém: o Soledade

Philippe Ariès relata que a partir do século XVIII a morte atingiria proporções dramáticas e até, exaltadas. Os sentimentos de tristeza e saudade iriam inspirar declarações de "amor, fidelidade e lembrança eterna", registradas em variados túmulos que passariam a formar os cemitérios monumentais da época. Para o autor, era possível perceber a forte influência do positivismo, corrente filosófica inaugurada por Augusto Comte e Stuart Mill, que ganhou força entre o final do século XIX e início do XX[24].

Os ideais positivistas associados às questões higienistas plantadas pelo Iluminismo, iriam alterar costumes e tradições das sociedades da época. Uma importante mudança aconteceria na maneira pela qual grande parte das pessoas passaria a enterrar os seus mortos, notadamente a partir da transferência dos enterramentos feitos anteriormente nas igrejas, para um local edificado especificamente para receber os mortos. Estas ideias oriundas da Europa chegariam com brevidade às colônias portuguesas no Brasil, alterando em parte a visão oitocentista dos enterramentos.

---

[22] BARROSO JÚNIOR, Reinaldo dos Santos; SALES, Tatiane da Silva. **Mercado Católico de Bens Fúnebres: Notas sobre os óbitos de São Luís no Século XVIII (1739 – 1749)**. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano IV, n. 11, Set. 2011**.**

[23] MORAES REGO, Clovis. **Carlos Gomes no Pará**. Belém L&A Editora, 2004. p. 93 – 110.

[24] ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

É importante recordar que, conforme cita Simões Ferreira, as questões higienistas não eram invenções da era moderna. Na Roma antiga, o crescimento urbano promovido pela expansão do Império Romano e as preocupações sanitárias decorrentes deste processo, geraram regulamentações para enterramentos fora das cidades, como foi o caso da Lei das Doze Tábuas, que proibia inumações dentro das cidades[25]. Contudo, foi no século XIX que estes temas seriam mais fortemente discutidos. Esta polêmica surgiu quase que paralelamente em vários países, onde se buscava

> (...) uma indagação de caráter antropológico, histórico, filosófico e teológico, orientada criticamente, que se traduziu num conjunto de proscrições e prescrições que tinham a ver com a crítica generalizada ao costume do sepultamento nas igrejas e nas cidades, que é considerado insalubre e indecoroso; a localização e implantação de novos cemitérios, fora das cidades; a sua disposição e configuração geral; o caráter arquitetônico, a decoração artística, as características ambientais, as novas formas das sepulturas e sepultamentos (...)[26]

João José Reis lembra que enterros em igrejas e cemitérios paroquiais estavam associados à própria salvação da alma, portanto, as reações a esta proibição foram muitas, tanto na Europa, quanto no Brasil. Um exemplo importante ocorrido no Brasil foi a Cemiterada, em Salvados/BA, que dentre vozes dissidentes do Estado, da igreja e das irmandades, foi principalmente um movimento da "população que se recusou a deixar que uma companhia privada gerisse um aspecto tão importante de sua visão de mundo[27]".

A Cemiterada aconteceu no dia 25 de outubro de 1836, motivada pela insatisfação das sociedade local frente à lei que outorgava a particulares o monopólio dos enterros no cemitério Campo Santo, por trinta anos. A revolta envolveu interesses de empresários, igreja, câmara, governo e da própria população, que digladiavam entre si. Os empresários queriam investir em um negócio pioneiro e supostamente rentável, até então deixado nas mãos da Igreja e Confrarias; o poder executivo desejava implementar as medidas higienistas, segundo eles, úteis à saúde pública; as confrarias e a igreja não queriam perder preciosos rendimentos que detinham; e a população se incomodava em ver um assunto tão relevante como a morte sendo tratado com interesses mercadológicos e financeiros[28].

---

[25] FERREIRA. J. M. Simões. **Arquitectura para a morte. A questão cemiterial e seus reflexos na teoria da arquitectura.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009. p. 49
[26] *Idem*. p. 413
[27] REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 23-24.
[28] *Idem.* p. 308-317.

O caso da Bahia é apenas um exemplo da resistência à transferência dos enterramentos das Igrejas para um espaço público. As críticas e discussões existiam em todo o território nacional, afinal, as medidas iam de encontro ao que vinha sendo praticado pela população há muito tempo, que acreditava nas instituições religiosas como agentes do bem viver e, principalmente do "bem morrer":

> (...) a preparação para a morte, os diversos gestos propiciatórios que vão desde a feitura do testamento ao rito da extrema unção. (...) as pessoas presidiam sua própria morte com certo temor mas diligentemente e, quando o fim se aproximava recebiam a ajuda solidária dos parentes, confrades e amigos sempre presentes[29].

A cidade de Nossa Senhora de Belém do Grão Pará, durante a primeira metade do século XIX, assim como o resto do Brasil, mantinha a prática dos sepultamentos nas igrejas e áreas contíguas, apesar de haver uma Carta Régia de 14 de janeiro de 1801, determinando a construção de cemitérios públicos na cidade[30]. Os enterramentos fora das igrejas eram reservados para uma parte considerável da população: degredados, excomungados, escravos e demais desvalidos.

> A população de Belem, arraigada ao uso de sepultar nas egrejas, não se comprazia com as determinações da carta regia já aludida e persistia em enterrar os seus mortos em terreno sagrado. Somente os escravos e pessoas desprotegidas da sorte sepultavam-se no cemitério do Largo da Campina, o que determinava a devastação e o abandono dessa humilde necrópole[31].

Ernesto Cruz relata que apesar da Carta Régia de 1801 ter sido enviada ao governador D. Francisco de Souza Coutinho, na época, a determinação de que os sepultamentos fossem realizados fora das igrejas não foi cumprida[32]. Havia, inclusive, um Regulamento para o cemitério do Largo da Campina que não chegou a vigorar. Este documento seria posteriormente adaptado e adotado pelo cemitério Nossa Senhora da Soledade, com aprovação através da Resolução nº 181, de 09 de dezembro de 1850. (Anexo 01).

---

[29] REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 23

[30] CRUZ, Ernesto. O Cemitério de Nossa Senhora da Soledade. **Vultos e Episódios da História do Pará: Procissão dos séculos.** Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1952.

[31] BELÉM (Pará). Intendência Municipal**. Álbum de Belém: Pará 15 de novembro de 1902.** Belém: Edição Felipe Augusto Fidanza, 1902. pgs. 19 e 20.

[32] CRUZ, Ernesto. O Cemitério de Nossa Senhora da Soledade. **Vultos e Episódios da História do Pará: Procissão dos séculos.** Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1952.

Os ricos e poderosos continuaram sendo sepultados dentro ou nas imediações das igrejas, sendo que algumas possuíam seus próprios cemitérios em anexo. Aqueles considerados indignos de buscar o descanso eterno nos templos sagrados, eram sepultados em um pequeno terreno próximo ao Largo da Pólvora, atualmente Praça da República, "entre as ruas São Vicente de Fora e Cruz das Almas, denominadas hoje avenidas Serzedelo Corrêa e rua Arcipreste Manuel Teodoro[33]".

Érika Amorim Silva cita que o local destinado aos enterramentos de degredados, indigentes e não católicos no Largo da Pólvora, embora fosse cercado e bento, não tinha nenhuma capela em seu entorno, nem designação ou proteção especial, sendo reconhecido apenas como o cemitério do Largo da Campina. Segundo a autora, os corpos que ali eram enterrados não possuíam dignidade em sua última morada, pois estavam sujeitos a todo tipo de profanação, principalmente por animais[34].

Para uma sociedade onde a tradição religiosa preconizava a importância das exéquias e enterros para a salvação da alma, é possível inferir o grau de rejeição que envolvia os enterramentos realizados no cemitério do Largo da Pólvora, conforme se comprova pelas palavras de Érika Amorim Silva:

> A resolução de onde enterrar os mortos não deve ser pensada apenas como sendo uma mudança espacial, geográfica ou territorial, mas como mutação profunda em incertezas, hábitos e costumes que se encontravam cravados havia séculos no seio da sociedade belenense. Deste modo, a transferência dos campos santos conduzia a incertezas que vinham sendo rigorosamente negociadas entre os sujeitos sociais interessados[35].

Após a inauguração da nova necrópole sob o orago de Nossa Senhora da Soledade, localizada a algumas quadras de distância do Largo da Pólvora (Largo da Campina), os pobres e desvalidos que haviam sido enterrados neste antigo cemitério não foram esquecidos. A Ficha de Informações da Série Tombamento relativa ao cemitério da Soledade[36], informa que após a sua inauguração e por iniciativa do então Bispo do Pará, aquele local foi devidamente escavado, sendo os ossos encontrados transladados para o novo Campo Santo.

---

[33] CRUZ, Ernesto. O Cemitério de Nossa Senhora da Soledade. **Vultos e Episódios da História do Pará: Procissão dos séculos.** Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1952.
[34] SILVA, Érika Amorim. **O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850 – 1891).** São Paulo: 2005. Dissertação – Mestrado – PUC, SP. 2005. p. 66
[35] *Idem.* p. 76
[36] Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro, Série Tombamento, Pasta Cemitério Nossa Senhora da Soledade, Histórico, Folha 2, Informações sobre o Bem Tombado, Ficha nº 02

Érika Silva apresenta alguns detalhes das correspondências trocadas entre a metrópole portuguesa e os governadores do Pará, com o conteúdo da Carta Régia de 1801: especificações sobre localização das necrópoles e das cerimônias fúnebres. Para a construção de novos cemitérios, eram indicados terrenos longe de áreas alagadas, sem umidade e mais afastados dos centros urbanos[37]. Atenta aos cuidados com as almas, explicitava a Carta:

> (...) deveis ordenar que em cada hum d'elles haja um altar, em que se possa celebrar o santo sacrifício da missa e no qual se deva oficiar solemnemente no dia da comemoração dos defuntos; podendo também em cada cemitério haver hum capellão, que diga missas cotidianas pelos que alli se enterrarem ou celebrar com mais solenidade, pellos que assim quiserem ordenar (...)[38]

Conforme cita Érika Amorim Silva, após um intervalo de 25 anos da emissão desta Carta Régia, uma nova lei foi promulgada em 1º de outubro de 1826, enfatizando a proibição de sepultamentos nas igrejas. Não obstante o empenho de profissionais da área médica na tentativa de justificar tais medidas, esta lei também seria ignorada. Para os higienistas, o costume funerário de colocar mortos e vivos em um mesmo espaço era prejudicial e ambos deveriam ter seus espaços distintos[39]. Dentre os motivos expostos no Códice 110 do Arquivo Público do Pará, que indicavam os enterramentos em locais afastados, citavam-se:

> (...) os vapores que exhalão os mesmos cadaveres, impregnando a atmosphera vem aser acausa, deuqe os vivos respirem hum ar corrupto, e inficcionado, e que porisso estejam sujeitos, e muitas vezes padeção moléstias epidêmicas, e perigozas[40].

As discussões acaloradas sobre a transferência do local de sepultamentos de mortos do âmbito das igrejas para cemitérios públicos foram apressadas por uma calamidade que atingiu fortemente a cidade de Belém: a epidemia de febre amarela, que aconteceu em 1850. Odair Franco explicita que desde 1849 até 1861 esta doença se alastrou "do norte a sul do país, eclodindo em quase tôdas as Províncias do Império e levando-lhes a desolação e o luto[41]".

---

[37] Arquivo Público do Pará, Códice 1010, p. 223. Apud: SILVA, Érika. **O Cotidiano da Morte e a Secularização dos Cemitérios em Belém na Segunda Metade do Século XIX (1850/1891)**, p.18. Dissertação apresentada na Pontifícia Universidade católica de São Paulo PUC/SP. São Paulo: 2005.

[38] *Idem.*

[39] SILVA, Érika Amorim. **O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850 – 1891).** São Paulo: 2005. Dissertação – Mestrado – PUC, SP. 2005. p. 17

[40] Arquivo Público do Pará, Códice 1010, p. 223. Apud: SILVA, Érika. **O Cotidiano da Morte e a Secularização dos Cemitérios em Belém na Segunda Metade do Século XIX (1850/1891)**, p.18. Dissertação apresentada na Pontifícia Universidade católica de São Paulo PUC/SP. São Paulo: 2005. p.17.

[41] FRANCO, Odair. **História da Febre-Amarela no Brasil.** Rio de Janeiro/GB. Brasil, 1969. Disponível em: <http://www.fef.br/biblioteca/arquivos/data/0110historia_febre.pdf> Acesso em: 17/07/2014.

Arthur Viana descreve que uma barca dinamarquesa de nome *Pollux*, seguida da charrua *Pernambucana*, aportaram em Belém, vindas do Recife, em meados de janeiro de 1850. Ambas transportavam passageiros doentes de febre amarela a bordo. Pouco adiantou a quarentena nos barcos do porto, pois a peste se alastrou pela cidade, afetando a vida comercial e social da época, onde as pessoas se dedicavam prioritariamente a cuidar de doentes e enterrar os mortos. Mais de 12.000 pessoas foram acometidas pela doença e 593 morreram[42].

A urgência de um lugar específico e afastado para enterrar as vítimas do "vômito negro", apressou a inauguração do Soledade, ocorrida em 08 de janeiro de 1850, pelo Presidente da Província Jerônimo Coelho, conforme relata Arthur Vianna. As obras de melhoramento da necrópole aconteceriam somente tempos depois. A capela só foi abençoada e inaugurada solenemente no dia 07 de julho do mesmo ano, pelo vigário da freguesia da Trindade, padre Manoel Vasques da Cunha Pinho[43].

Segundo Flávio Leonel Abreu da Silveira, a epidemia de cólera chegaria a Belém cinco anos depois da inauguração do Soledade, em 1855, trazida por imigrantes portugueses que viajavam na galera *Deffensor* em busca de novas oportunidades no Brasil. Seus efeitos foram ainda mais devastadores do que os da epidemia anterior de febre amarela. O cenário era assustador, já que as condições de higiene, especialmente nas classes mais pobres, acabavam por favorecer o acelerado processo de expansão da doença. O autor relata o cenário da época:

> (...) a presença assustadora dos corpos moribundos caídos nas ruas, dos mortos insepultos cuja putrescência empestava os ares de uma cidade em pânico, ao mesmo tempo em que eram devorados pelos urubus. Sendo assim, nos cemitérios da cidade existiam dois dilemas: se superlotados, os corpos jaziam expostos ao tempo; se muito distantes do local da(s) morte(s), não poderiam albergar os mortos. Daí a possibilidade de enterrá-los em casa, nos terrenos e "rocinhas" do espaço urbano. Os escravos, se não morressem do mal eram de grande valia no sepultamento das gentes: força escrava, expropriada e desfalecida, que servia para manter a ordem sanitária de uma Belém acometida pela cólera[44].

---

[42] VIANNA, Arthur. **As Epidemias no Pará**. Belém: EDUFPA, 1975
[43] *Idem.*
[44] SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. **Terror e danação na Belém do Grão-Pará**. Physis, Rio de Janeiro, v. 16, n. 01. Jul/2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312006000100009&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 03/07/2014

Jane Felipe Beltrão apresenta duas tabelas que ilustram o impacto da epidemia de cólera na cidade de Belém[45]. A Tabela I mostra a relação entre o tipo de sepultura e o seu valor correspondente em réis, contendo desde a forma mais simples de se enterrar, que era em valas comuns, muito usadas em tempos de epidemia, até sepulturas perpétuas ou para as associações religiosas, que eram mais caras.

A Tabela II informa e quantifica percentualmente a tipologia étnica das vítimas da epidemia de cólera, demonstrando que o maior percentual de atingidos pela doença foi entre os negros (29%). Este fato se justifica em função das precárias condições de vida e trabalho as quais eles eram expostos.

TIPOS DE SEPULTURA	VALORES (réis)
Nas valas (em tempo de epidemia)	2$000
Rasa ou temporária	4$000
Temporária em carneiro ou pedra e cal	4$000
Perpétua ou mausoléu	3$000
Para membros de corporações e associações religiosas	5$000

TABELA I: Tipos de Sepulturas e Valores em Belém /PA
(Fonte: BELTRÃO, Jane Felipe. Cólera, o flagelo de Belém no Grão Pará. p. 259)

TIPOLOGIA ÉTNICA	Nº de mortos	%
Branca	184	18%
Cabocla	55	05%
Cafuza	108	10%
Índia	9	01%
Mameluca	54	05%
Mulata	153	15%
Parda	30	03%
Preta	301	29%
Tapuia	141	14%
TOTAL	1.035	100%

TABELA II: Tipologia ética e Número de mortos de Cólera em Belém/PA
(Fonte: BELTRÃO, Jane Felipe. Cólera, o flagelo de Belém no Grão Pará. p.264)

[45] BELTRÃO, Jane Felipe. **Cólera, o flagelo de Belém no Grão Pará**. Belém: MPEG/UFPA, 2004

A última grande epidemia que aconteceu na cidade de Belém no século XIX foi a de varíola, ocorrida em fins de 1870. Assim como das outras vezes, a doença foi trazida por imigrantes, desta vez, nordestinos que vinham para o Pará fugindo do flagelo da seca no sertão e chegavam "em condições precaríssimas e em péssimo estado de saúde[46]". Diante de tantas mortes o Soledade se tornou pequeno e em 1874 foi inaugurado o cemitério Santa Isabel, para onde seria encaminhada a maior parte dos enterramentos.

Ernesto Cruz relata que as obras iniciadas para a criação do cemitério Nossa Senhora da Soledade, em 1848, estavam orçadas em oito contos de reis, todavia, o Governo da província destinou "apenas seiscentos mil reis", o que fez com que os demais custos fossem cobertos por doações particulares[47]. O construtor da necrópole foi um membro do Partido Conservador, o major Joaquim Victorino de Souza Cabral[48], advogado, defensor popular, que chegou a exercer o cargo de juiz municipal[49].

Segundo Érika Amorim Silva, a Câmara Municipal de Belém providenciou a compra de mais "seis braças de terreno, pelo lado norte", de modo a deixar o cemitério isolado pelos quatro lados, sendo que, internamente, os quatro cantos estariam reservados para irmandades ou corporações que desejassem comprá-las. A licença para que irmandades pudessem construir suas próprias necrópoles nos cantos do Soledade só foi dada no ano de 1861[50].

Desta feita, ficaram localizadas nos quatro cantos do cemitério da Soledade a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, a Ordem Terceira do Carmo, a Ordem de São Francisco da Penitência e a Ordem Militar do Santo Cristo. Nesta última quadra se encontra o túmulo do construtor do cemitério, major Joaquim Victorino, que fazia parte desta Ordem Militar, conforme cita Ernesto Cruz[51].

---

[46] SÁ, Magali Romero. **A "peste branca" nos navios negreiros: epidemias de varíola na Amazônia colonial e os primeiros esforços de imunização**. Rev. latinoam. psicopatol. fundam., São Paulo , v. 11, n.4, supl. Dez/2008. n.4, supl. Dez/2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142008000500008&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 04/07/2014.

[47] CRUZ, Ernesto. O Cemitério de Nossa Senhora da Soledade. **Vultos e Episódios da História do Pará: Procissão dos séculos**. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1952.

[48] Fundação Biblioteca Nacional. **A Constituição: Órgão do Partido Conservador - 1874 a 1886** - PR_SPR_00562_385573. Disponível em: <memoria.bn.br/docreader/WebIndex/WIPagina/385573/ 10368> Acesso em 14/01/14.

[49] _____. **A Actualidade - 1859 a 1864** - PR_SOR_02335_235296. Disponível em: <memoria.bn.br/docreader/WebIndex/WIPagina/235296/1062> Acesso em 14/01/14.

[50] SILVA, Érika Amorim. **O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850 – 1891)**. São Paulo: 2005. Dissertação – Mestrado – PUC, SP. 2005. p. 66

[51] CRUZ, Ernesto. O Cemitério de Nossa Senhora da Soledade. **Vultos e Episódios da História do Pará: Procissão dos séculos**. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1952.

Atualmente, das quadras particulares, que se configuram como pequenos quadrantes de cemitérios dentro do Soledade, a única que ainda mantém a portada indicativa de entrada é a que foi destinada à Irmandade da Santa Casa da Misericórdia, localizada no quadrante frontal à esquerda de quem entra no cemitério. As demais quadras são identificadas apenas pela delimitação em alvenaria, sendo que a de São Francisco da Penitência, que está no quadrante à direita dos fundos da capela, está completamente escondida, não permitindo que se visualize seu contorno. Segundo o Regulamento do cemitério da Soledade:

> Art.12º As irmandades, corporações, ou ordens terceiras e religiozas também poderão comprar separada ou associadamente o terreno precizo para sepultaras no chão. Nos terrenos comprados pelas irmandades e ordens terceiras só eh permitido sepultar-se pessoas livres a ellas pertencentes, ou seos ascendentes, e descendentes, e parentes collateraes até o 4º grao (...)[52].

Segundo Carlos Rocque, o espaço interno do cemitério Nossa Senhora da Soledade seria dividido "em quadras que serviriam para os monumentos particulares, catacumbas, sepulturas para pessoas livres e para escravos". Todavia, assim como na cidade dos vivos existem os bairros elegantes separados das periferias, que são com frequência destinados aos menos favorecidos, a cidade dos mortos também se configuraria em espaços diversos para ricos e pobres[53].

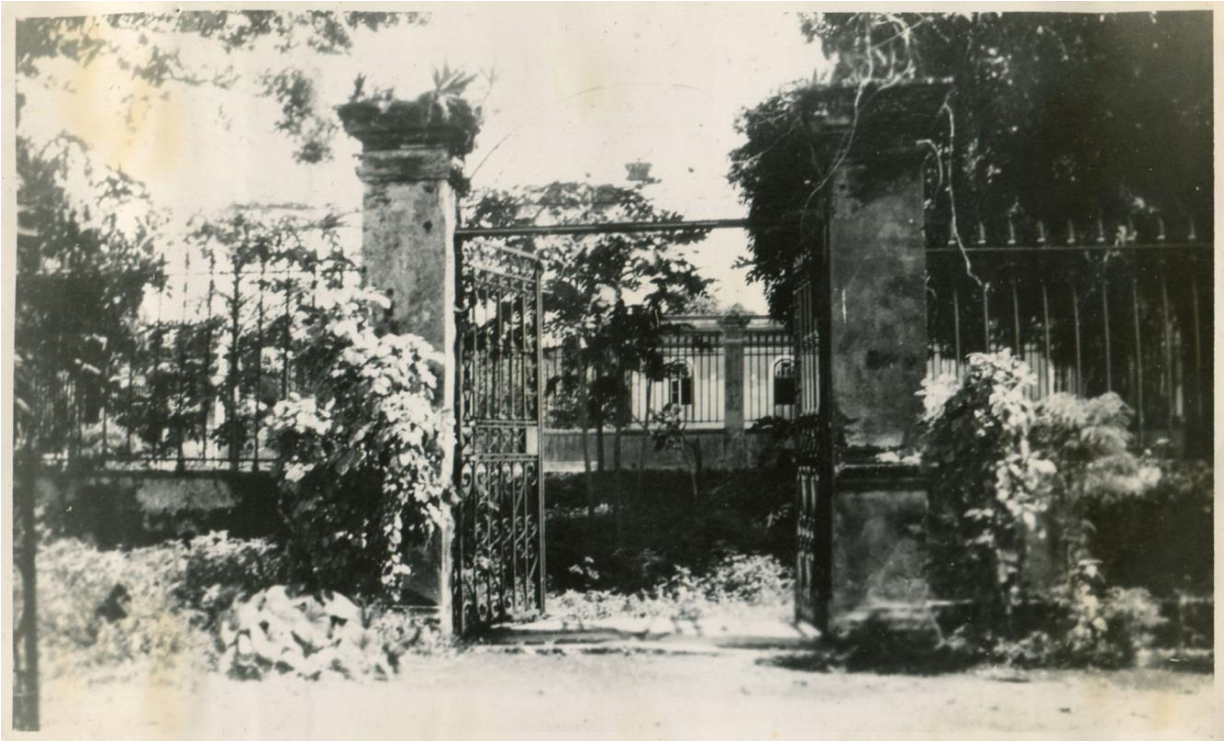
As imagens 02 e 03 subsequentes mostram duas delimitações destinadas a diferentes irmandades, que ficavam localizadas nos cantos do cemitério da Soledade: a primeira, Img.02, em foto de 1946, refere-se à irmandade de São Francisco da Penitência, que não mais existe. Nota-se que à época o lugar já se encontrava em arruinamento e com a presença de vegetação de pequeno e grande porte.

A imagem 03, obtida em foto recente, mostra a portada do quadrante reservado à Santa Casa de Misericórdia do Pará, que por algum tempo se ocupou da administração do cemitério. Nota-se a presença do portão de ferro trabalhado, que ainda mantém em sua parte superior o símbolo das mãos entrelaçadas com um coração no meio delas, que é um elemento iconográfico característico deste tipo de irmandade.

---

[52] Regulamento do Cemitério da Soledade, feito anteriormente por Jerônimo Coelho para o cemitério da Campina, que ficou valendo para o 1º Cemitério Público. Apud: SILVA, Érika Amorim. **O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850 – 1891)**, São Paulo: 2005. Dissertação – Mestrado – PUC, SP. 2005. p. 66

[53] ROCQUE, Carlos. **História Geral de Belém e do Grão-Pará**. Distribel. 2001



Img.02: Quadra da Irmandade de São Francisco da Penitência. (Fonte: CRUZ, Ernesto. **O Cemitério de Nossa Senhora da Soledade**. 11/04/1946. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro, DCC 4014, Arm.II, Gav. 03, Pasta 2018)



Img.03: Portada da Quadra que pertencia a Santa Casa de Misericórdia
(Foto: Maria Goretti da Costa Tavares, 22/03/2014)

A localização das sepulturas iria denotar uma estratificação socioeconômica, demonstrando claramente a posição social do morto. Os lugares tidos como mais privilegiados, localizados de frente para a alameda principal, na entrada do cemitério ou mesmo perto da capela, seriam os espaços destinados aos mais abastados, dentre eles, ricos fazendeiros da Ilha do Marajó, políticos, autoridades clericais e militares. Os pobres eram enterrados pelas irmandades em covas comuns nas quadras laterais, ou ficavam localizados em espaços mais afastados. A imagem 04 abaixo ilustra os túmulos do cemitério da Soledade no início do século XX.



Img.04: Túmulos do Cemitério Soledade. (Fonte: PARÁ. Governo do Estado, 1901-1909. **Augusto Montenegro. Álbum do Estado do Pará: oito annos de governo.** Paris: Chaponet, 1908)

A necrópole apresentava uma planta tradicional, comum em alguns cemitérios brasileiros construídos nesta mesma época. Configurava-se por uma alameda principal, ladeada por túmulos mais vistosos de ambos os lados, pertencentes às famílias mais abastadas. Ao centro da alameda está localizado um cruzeiro[54] de mármore e ao fundo se chega a capela da necrópole (Img.05).

[54] Cruz central, geralmente de pedra e com base escalonada, onde são acesas velas pelas almas dos que foram enterrados no cemitério e também pelos que foram enterrados em outros lugares.



Img.05: Vista do cruzeiro na alameda principal, tendo ao fundo a capela
(Fonte: CRUZ, Ernesto**. O Cemitério de Nossa Senhora da Soledade**. 11/04/1946.
Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro, DCC 4014, Arm. II, Gav. 03, Pasta 2018)

A capela foi construída em honra a Nossa Senhora da Soledade, devoção da Península Ibérica pouco comum na Região Norte do Brasil. Para Beatriz Coelho, a Soledade é uma Senhora das Dores que recorda a solidão da Virgem após o enterro de Jesus Cristo[55]. A capela apresenta a fachada frontal em estilo neoclássico, com frontão triangular e datação no tímpano

[55] COELHO, Beatriz. **Devoção e arte: imaginária religiosa em Minas Gerais.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo Edusp / Vitae, 2005. 290p.

(1850), enquanto as fachadas laterais remetem às construções coloniais brasileiras[56]. O adro do pequeno templo é revestido de pedra de Lioz. A torre sineira, (Img.06), apresenta características barrocas, onde um "largo arco, no qual elementos de sobrevivência formal do barroco pombalino se ajustam a uma base bem clássica[57]", segundo Mário Barata.

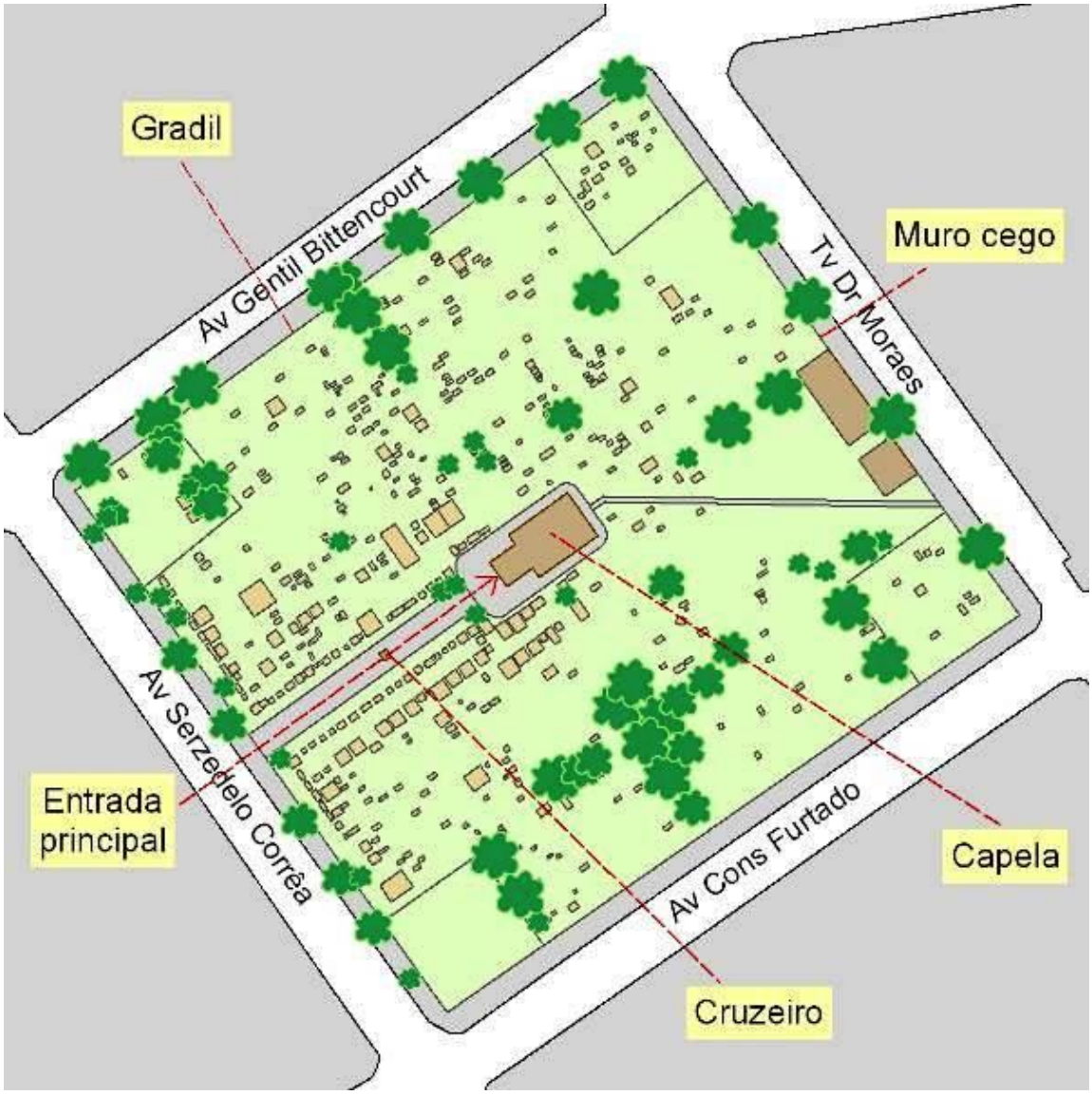


Img.06: Torre sineira posterior à capela. (Fonte: CRUZ, Ernesto. **O Cemitério de Nossa Senhora da Soledade.** 11/04/1946. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, DCC 4014, Arm. II, Gav. 03, Pasta 2018)

[56] RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **O Tempo e a Pedra**. Belém/PA, 2003. p. 32

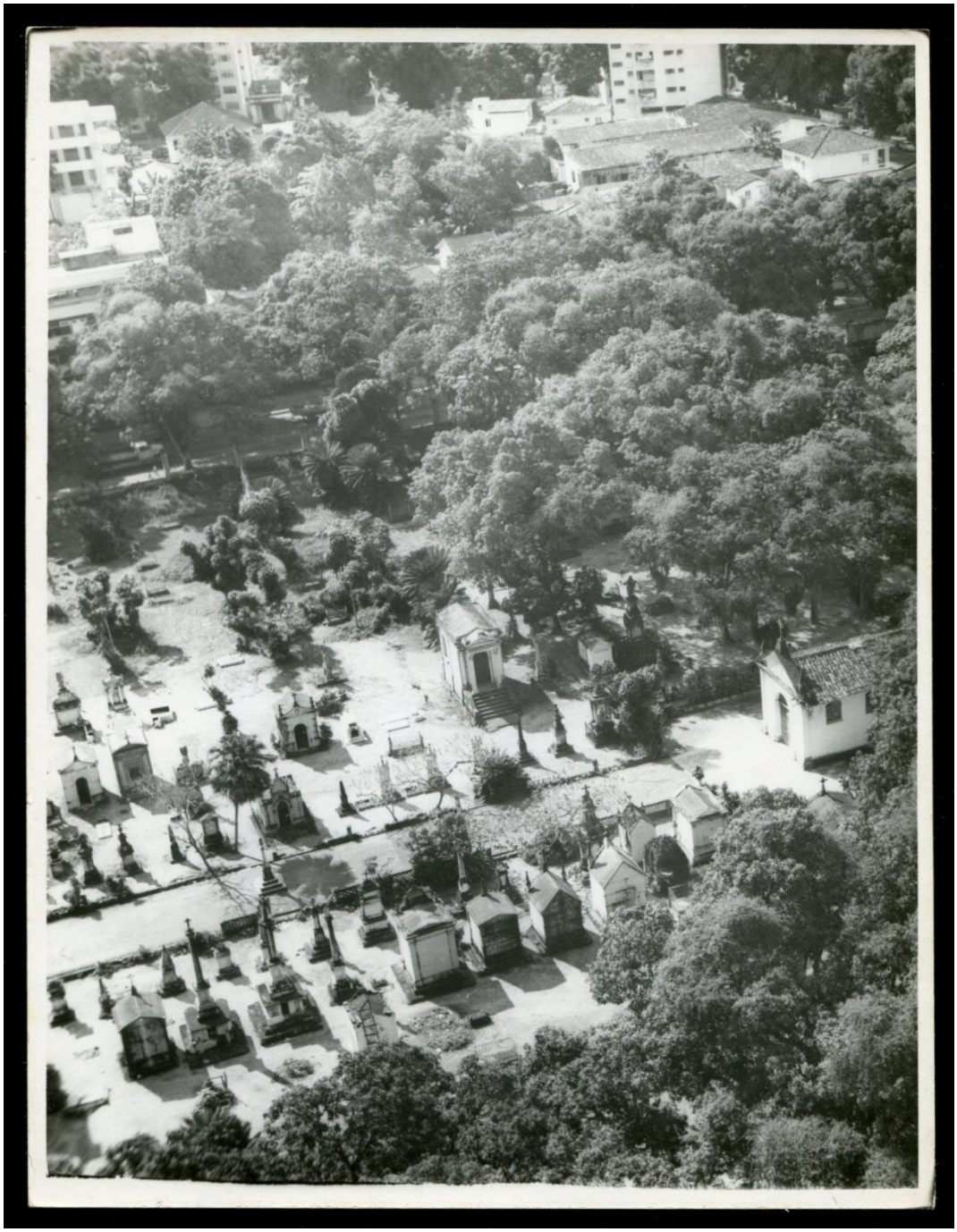
[57] BARATA, Mário**. Valor Urbanístico do Cemitério da Soledade**. Artigo enviado como anexo ao pedido de reabertura do Processo de Tombamento do Cemitério N. Sra. da Soledade, inserido no Processo nº 0376-T-48.Arquivo Central do IPHAN/Secção Rio de Janeiro.

Localizado no bairro Batista Campos, a entrada do cemitério situava-se na antiga Rua São Vicente de Fora, atual Avenida Serzedelo Corrêa, tendo aos fundos a antiga Travessa Chafariz do Bispo, hoje chamada de Travessa Doutor Moraes. Pode-se notar que o local era afastado do centro, pois era delimitado pelas estradas da Constituição e da Vala, atuais Avenida Gentil Bittencourt e Avenida Conselheiro Furtado, respectivamente, conforme publicado em *O tempo e a pedra*, resultado de um trabalho anterior desta pesquisadora[58]. Atualmente, o bairro é considerado um dos mais caros da cidade Belém por estar localizado em área nobre da cidade. As duas imagens seguintes ilustram sua localização em planta (Img.07) e uma vista aérea do lugar (Img.08), obtida por meio de levantamento fotográfico realizado no ano de 1973, pelo IPHAN.



Img.07: Planta de localização do Cemitério Soledade com as principais edificações.
(Fonte: Arquivo do IPHAN/PA-019. Pasta Documentos. Plantas de Áreas verdes. Planta Soledade)

[58] RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **O Tempo e a Pedra**. Belém/PA, 2003. p. 31

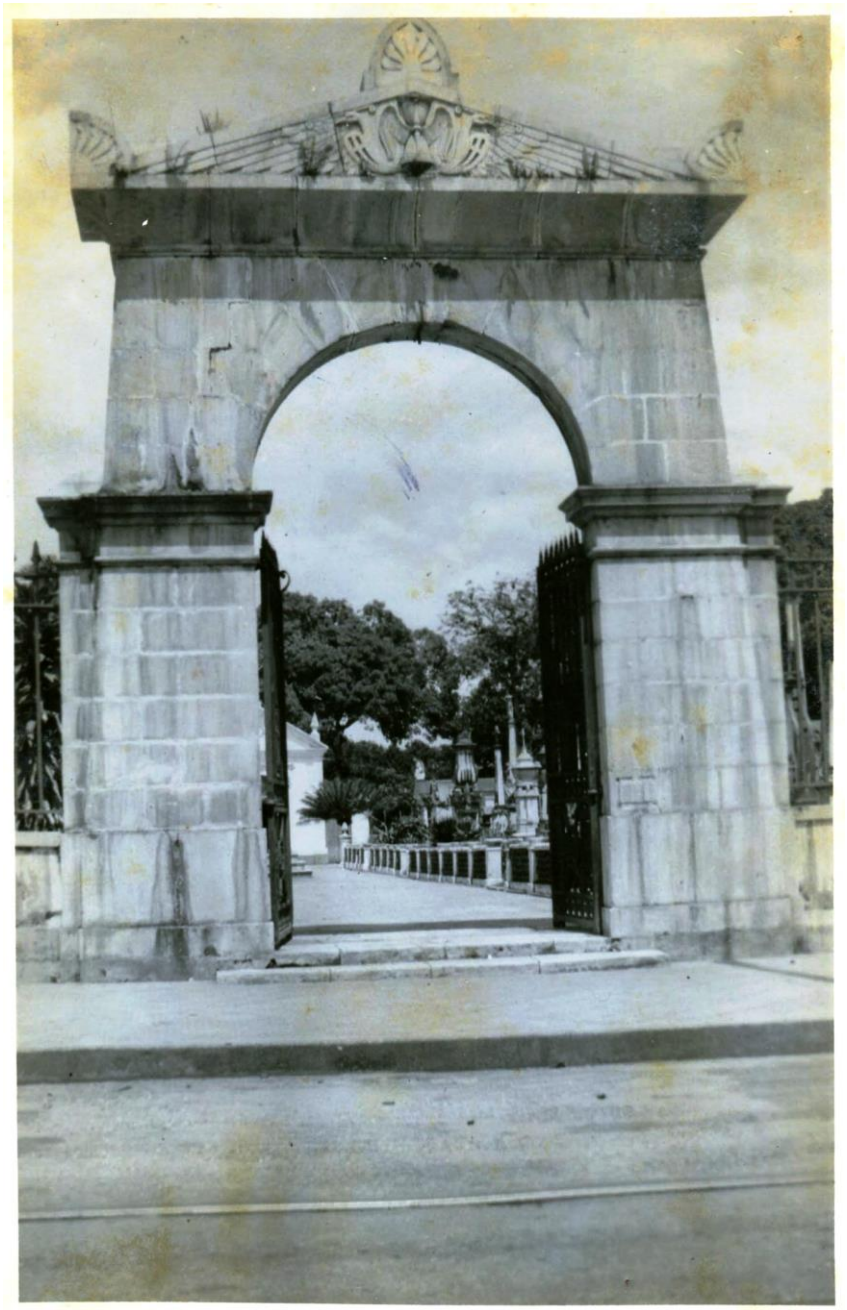


Img.08: Vista aérea do cemitério da Soledade. (Fonte: Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. DPHAN – Ministério da Educação. Foto nº 75501. 1973)

Ernesto Cruz informa que a administração do Soledade ficou a cargo da Santa Casa de Misericórdia, que deveria se responsabilizar pelo enterro de pobres, indigentes e escravos na quarta de terreno a ela destinada e pela qual deveria pagar anualmente cem réis à Câmara Municipal. Além disso, coube a ela executar acabamentos e refinamentos do lugar, a partir da doação do benfeitor Vicente Antônio de Miranda[59].

[59] CRUZ, Ernesto. O Cemitério de Nossa Senhora da Soledade. **Vultos e Episódios da História do Pará: Procissão dos séculos**. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1952.

Segundo Carlos Rocque, as melhorias executadas só se iniciariam, de fato, três anos depois da inauguração do cemitério, quando foi firmado um acordo entre a Santa Casa e o construtor Joaquim Maria Osório, de Lisboa, representado em Belém por Francisco Antônio Fernandes. A empresa lusa se comprometeu a fornecer as pedras de cantaria portuguesas para o pórtico de entrada (Img.09) e o gradeamento de ferro, a ser usado para cercar e adornar os muros da necrópole. A grade é oriunda de Liverpool (Inglaterra), mais especificamente da firma Singlehurts Muller & Cia[60].



Img.09: Portada principal do Soledade (Fonte: CRUZ, Ernesto. **O Cemitério de N. Sra. da Soledade**. 11/04/1946. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro, DCC4014,ArmII,Gav.03,Pasta 2018)

[60] ROCQUE, Carlos. **História Geral de Belém e do Grão-Pará**. Belém: Distribel. 2001

Ernesto Cruz cita que embarcações como os barcos *Princess Royal* e *Emily*, o iate *Rival* e o brigue *Elisa*, aportaram em Belém em diferentes momentos do ano de 1853, com os materiais utilizados para o embelezamento do primeiro cemitério público da cidade. A partir daí, teve início a construção do pórtico de entrada desenhado pelo engenheiro e arquiteto preferido de D. Pedro I, o francês Pierre Joseph Pézerat que resultou em um trabalho considerado de elevado valor artístico e monumental. Segundo Ernesto Cruz era "talhado em cantaria de pedra lioz da melhor qualidade, lavrada e escodada com ferramenta mais fina nos enfeites e nas guarnições[61]".

Um importante momento econômico da região iria contribuir sobremaneira para que o Soledade adquirisse ares de necrópole europeia: o início da extração comercial do látex (*Hevea Brasilienses*) e o crescimento da sua exportação, especialmente para os mercados europeus que vivenciavam os avanços tecnológicos da Revolução Industrial e o desenvolvimento da indústria automobilística. O dinheiro advindo da economia da borracha refletia nas casas dos vivos e dos mortos. Os barcos que partiam com o látex, voltavam abarrotados de materiais de construção europeus, que iam desde simples pedras portuguesas até esculturas em mármore de Carrara, de grande valor artístico. O movimento no porto de Belém era um reflexo da circulação monetária, que possibilitava que o ideal de beleza e requintes europeus se difundisse com rapidez em plena região Amazônica. Belém se tornaria, em pouco tempo, a "Capital da Borracha". Segundo Antônio Rocha Penteado,

> "Surgiram em Belém seus dois primeiros bancos e novas representações consulares (...) criou-se a Capitania do Porto, inaugurou-se a Freguesia da Trindade (...) surgiu um novo cemitério (o da Soledade) situado nos confins orientais do aglomerado urbano desta época, organizou-se a colônia portuguesa em torno de sua clássica Sociedade Beneficente, iniciou-se a terceira Igreja de Nazaré...[62]

Ainda segundo Antônio Rocha Penteado, o apogeu da Economia da Borracha aconteceria entre os anos de 1890 e 1906, quando as capitais do Pará e Amazonas seriam alçadas ao patamar de cidades economicamente desenvolvidas[63], onde produtos, serviços e costumes europeus passariam a ser vistos como ideais de beleza, refinamento e modernidade. A Amazônia liderou mundialmente a produção e o mercado da borracha, promovendo

---

[61] CRUZ, Ernesto. O Cemitério de Nossa Senhora da Soledade. **Vultos e Episódios da História do Pará: Procissão dos séculos.** Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1952

[62] PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém do Pará: Estudo de Geografia Urbana.** Vol. 1. Coleção Amazônica. Série José Veríssimo. Universidade Federal do Pará - UFPA. 1968. p. 127.

[63] *Idem.* p. 127.

enriquecimento súbito de algumas famílias, segundo Nilda Nazaré Oliveira. O produto era considerado como "o melhor látex do mundo", mas a economia baseada no extrativismo não resistiu à concorrência com a produção internacional iniciada após o contrabando de sementes de seringueiras para a Inglaterra[64]. O jornalista Joe Jackson faz a reconstituição deste que é um dos primeiros casos de biopirataria, do contrabandista inglês Henry Wickham:

> (...)70 mil sementes de seringueira. Foi graças a essa encomenda surrupiada do Brasil que as colônias inglesas na Ásia tornaram-se as maiores produtoras de látex do mundo no início do século passado, enterrando o milionário ciclo da borracha na Amazônia. O ladrão se chamava Henry Wickham (1846-1926), um aventureiro inglês que morou em Santarém, Pará. (...)[65].

Nilza Nazaré P. Oliveira cita que, dentre os fatores que contribuíram para o acelerado processo de declínio da economia da borracha, pesou o fato de que os empresários envolvidos com a extração e comércio na região não se preocuparam com a acumulação de capital e o reinvestimento dos lucros para uma produção mais consistente, com vistas à industrialização.

> Ao contrário, seu lucro foi desperdiçado em luxo pelas famílias dos seringalistas. Afora as obras suntuosas como o Teatro da Paz, em Belém, e o Teatro Amazonas, em Manaus, e a construção de alguns palacetes para residência das famílias enriquecidas, o capital ganho com a exportação da borracha foi gasto na contratação de companhias de ópera e balé para desfrute dessas mesmas famílias[66].

Embora a historiadora não mencione, supõe-se que uma parte do dinheiro do látex foi aplicada nos túmulos do Soledade, até porque, ali se encontram enterradas muitas famílias da Ilha do Marajó, local de fazendas com extensos seringais. As imagens a seguir mostram alguns exemplos de mausoléus, fotografados em diferentes épocas, acompanhados de relatos baseados em um trabalho publicado anteriormente por esta pesquisadora[67].

---

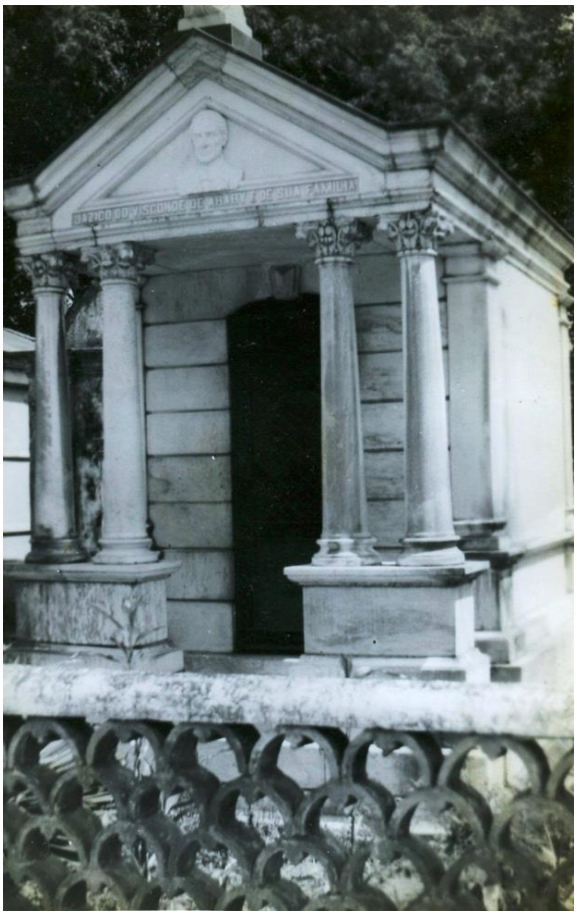
[64] OLIVEIRA, Nilda Nazaré Pereira. **A Borracha da Amazônia, os Acordos de Washington e a Política Externa brasileira.** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22, 2003, João Pessoa. Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003. CD-ROM. Disponível em: http://anpuh.org/anais/?p=15205 Acessado em: 27/06/2014.

[65] Joe Jackson. **O Ladrão no Fim do Mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. Apud. CLÁUDIO, Ivan. **O homem que roubou a borracha do Brasil**. ISTOÉ Independente. Livros. Edição 2181, de 26/08/2011 Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/154500_O+HOMEM+QUE+ROUBOU+A+BORRACHA+DO+BRASIL> Acesso em: 30/06/14.

[66] OLIVEIRA, Nilda Nazaré Pereira. **A Borracha da Amazônia, os Acordos de Washington e a Política Externa brasileira.** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22, 2003, João Pessoa. Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003. CD-ROM. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/?p=15205> Acesso em: 30/06/2014.

[67] O Livreto **Soledade: História, Arte e Cultura** de autoria desta pesquisadora, é um produto das Práticas Supervisionadas do Mestrado publicado em 2014. Consta nos Anexos desta Dissertação. (Anexo 41)

As imagens 10 e 11 mostram o mausoléu do Visconde de Arary, em imagens de 1946 e 2006, respectivamente. Trata-se de uma construção de estilo neoclássico, em forma de capela, onde quatro colunas sustentam um frontão triangular, encimado por um anjo orante sobre o acrotério[68]. No tímpano, distingue-se um busto com a figura do falecido Antônio Lacerda Chermont, que segundo o *site Geni*, foi militar e rico proprietário de terras[69]. Além disso, chegou a ser comandante da Guarda Nacional e foi presidente da Província do Pará. Recebeu importantes condecorações, como a comenda da Imperial Ordem de Cristo e Imperial Ordem da Rosa. Ele foi pai de Justo Leite Chermont, o primeiro governador do Pará no regime republicano[70].



Img.10: Mausoléu do Visconde de Arary e família (Fonte: CRUZ, Ernesto. **O Cemitério de N. S. da Soledade**.11/04/1946.Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro.DCC4014, Arm.II, Gav.03, Pasta2018)



Img.11: Mausoléu do Visconde de Arary e família (Fonte: Arquivos do IPHAN/PA. Documentos do IPHAN. Cemitério Soledade. Levantamento Fotográfico. Ano de 2006)

[68] Pequeno pedestal sem ornatos, geralmente colocado nas extremidades e/ou no cume do frontão, que serve de suporte de estátuas. (Fonte: Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa**. – 3.ed.totalmente revisada e ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 44.

[69] GENI. **A Myritage Company**. Disponível em: <http://www.geni.com/people/Ant%C3%B4nio-Lacerda-de-Chermont/6000000017587978346> Acesso em: 13/01/14.

[70] RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **Soledade: História, Arte e Cultura**. Belém/PA. 2014. ISBN: 978-85-915369-1-7.

As imagens 12 e 13 abaixo, referem-se ao mausoléu do filho do Barão de Arary, o senador Justo Chermont. O senador era homem próspero que chegou a ser governador do Estado do Pará e ministro das Relações Exteriores do Governo Deodoro da Fonseca[71]. O túmulo denominado de C.A. Chermont é uma homenagem de Justo Chermont à sua amada filha de nome Cecília Augusta de Assis Chermont, que faleceu ainda bem jovem[72].



Img.12: Mausoléu C. A. Chermont (Fonte: CRUZ, Ernesto. **O Cemitério de N. Senhora da Soledade**. 11/04/1946. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, DCC 4014, Arm. II, Gav. 03, Pasta 2018)

[71] Biografia. Página do Senado Federal do Brasil. **Portal Senadores**. Disponível em: http:// www.senado.gov.br/senadores/senadores_biografia.asp?codparl=1998&li=23&lcab=1894-1896&lf=23

[72] Diário Oficial da União. **Diários Jus Brasil**. Seção 1, DOU 18/05/1920. Disponível em: http:// www.jusbrasil.com.br/diarios/1885499/pg-10-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-18-05-1920. Acesso em 13/01/14.



Img.13: Mausoléu C. A. Chermont (Foto: Paula Rodrigues, março de 2014)

A construção em mármore de Carrara remete ao estilo neoclássico. Apresenta escadaria de sete degraus, vitrais, colunas coríntias e frontão triangular que guarda as iniciais C. A. O portão de bronze, com refinado trabalhado, traz detalhes em espigas, volutas e tochas. Dentro do mausoléu, há um busto de mulher e três urnas funerárias. O piso apresenta composição em mármores de diferentes cores, lembrando pisos de igrejas, conforme descrito por esta pesquisadora em seu trabalho anterior *Soledade: história, arte e cultura*[73].

Outro rico proprietário de terras do Marajó[74] com mausoléu de destaque no Soledade é Antônio Theodorico da Silva Penna (Img.14 e Img.15). Construído em mármore de Lioz e estilo neoclássico, assemelha-se a uma capela, talvez como estratégia para reproduzir o sentido dos enterramentos feitos, anteriormente, nas igrejas. Quatro colunas jônicas sustentam frontão triangular com representação da face do morto no tímpano. Cada ângulo do frontão era adornado por figura alegórica, provavelmente simbolizando as virtudes da teologia católica (Fé, Esperança e Caridade), sendo que uma delas não existe mais no lugar.

---

[73] RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **Soledade: História, Arte e Cultura**. Belém/PA. 2014. ISBN: 978-85-915369-1-7.

[74] Coleção das leis. **Brazil 1870**. p.322. Disponível em: <books.google.com.br/books?id=mq0w AAAAIAAJ. Acesso em: 14/01/14.



Img.14: Mausoléu Antônio T. Pena (Fonte: CRUZ, Ernesto**. O Cemitério de N. S. da Soledade**.11/04/ 1946.Arquivo Central do IPHAN/Seção do Rio de Janeiro. DCC 4014, Arm.II, Gav.03, Pasta 2018)



Img.15: Mausoléu Antônio Teodorico da S. Pena (Fonte: Arquivo do IPHAN/PA. Documentos do do IPHAN. Cemitério Soledade. Levantamento Fotográfico. Sem data)

Maria Elizia Borges recorda que "as imagens sacras acentuavam a devoção dos homens", mas as imagens profanas permitiam ao escultor explorar outras possibilidades de expressões, daí serem bastante usadas para "celebrar as graças terrenas e temporais do homem burguês[75]". Por sua vez, Alejandro Mesa explica que monumentos à perpetuidade encerram uma tradição representada, em grande parte, por iconografias adotadas pelo cristianismo.

> Las virtudes teologales son las que tienem como origen, motivo y objto imediato a Dios mismo. Ellas son em este orden: La fe representada com la cruz (...). La esperanza representada por el ancla (...). La caridade, es representada com la mujer que enseña el pecho a um pequeno, para proporcionarle alimento[76].

O mausoléu de Antônio Theodorico possui a representação de anjos. Para Maria Elizia Borges, o anjo "personifica o ser espiritual que exerce o ofício de mensageiro entre Deus e os

[75] BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão Preto.** Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002. p. 188- 194

[76] MESA, Alejandro. **¿De qué nos están hablando los símbolos del Cementerio Viejo?** Paysandú – Uruguay, jan/2009. p. 29

homens". Por isso, estas esculturas são muito frequentes na estrutura figurativa dos cemitérios. Os anjos podem ser usados como anunciadores ou guardiões[77], como parece ser o caso deste mausoléu. Uma é provavelmente o Arcanjo Gabriel, que segura a trombeta de anúncio do juízo final; e o outra, com livro na mão, talvez represente São Miguel Arcanjo, que leva as almas dos mortos ao purgatório, segundo a tradição católica[78]. A foto recente já mostra que esta escultura não tem mais a cabeça, nem parte da asa esquerda.

O túmulo a seguir (Imgs. 16 e 17), embora possa ter outros sepultamentos, posto que é um túmulo de família, apresenta o nome de duas pessoas em sua lápide: Manoel Vicente Foro, um próspero fazendeiro[79] e João Câncio de Bohemia Sampaio, que fez Faculdade de Filosofia na Universidade de Coimbra[80]. Não se conseguiu comprovar grau de parentesco ou amizade entre eles. A Construção em mármore de Lioz remete ao ecletismo e tem na base leões deitados, que, segundo Alejandro Mesa, simbolizam poder, força e ressurreição[81]. Em alguns casos, a presença do leão como figura escultórica pode ser alusão ao fato do falecido ser chefe de família, segundo o livro *Soledade: História Arte e Cultura*[82].

O túmulo apresenta, ainda, meias colunas de fuste estriado que emolduram o epitáfio, sendo que uma delas sustenta um pináculo encoberto por panos, símbolo alusivo do luto. Nota-se uma guirlanda de flores, que é uma simbologia usada com frequência para lembrar a vitória sobre o pecado e a morte, segundo Maria Elizia Borges[83]. Para Thiago Nicolau de Araújo, a coroa de flores significa salvação e saudade. Ele enfatiza que as flores, apesar de apresentarem diversos significados, "possuem em comum o sentimento do sagrado, pois são símbolos religiosos[84]".

---

[77] BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão Preto.** Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002. p. 182

[78] RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **Soledade: História, Arte e Cultura**. Belém/PA. 2014. ISBN: 978-85-915369-1-7.

[79] Fundação Biblioteca Nacional. **Treze de Maio - 1845 a 1861** - PR_SOR_00679_700002. Disponível em: <memoria.bn.br/docreader/WebIndex/WIPagina/700002/2520> Acessado em: 14/01/14.

[80] Lista dos estudantes da Universidade de Coimbra. **Segundo Anno**. UC Digitalli. Disponível em: <https://digitalis.uc.pt/files/previews/76724_Preview.pdf> Acesso em: 14/01/14.

[81] MESA, Alejandro. **¿De qué nos están hablando los símbolos del Cementerio Viejo?** Paysandú – Uruguay, jan/2009. p. 29

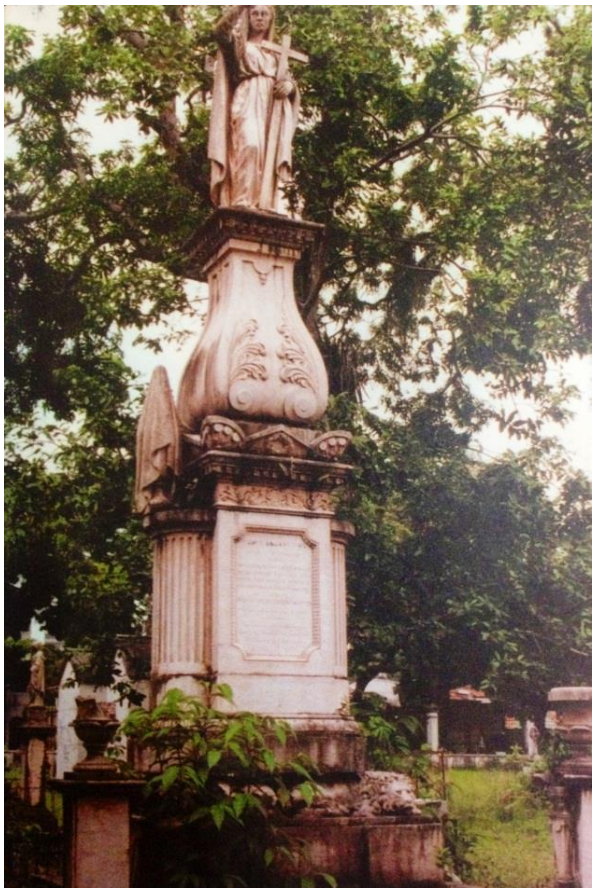
[82] RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **Soledade: História, Arte e Cultura**. Belém/PA. 2014. ISBN: 978-85-915369-1-7.

[83] BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão Preto.** Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002. p. 203.

[84] ARAÚJO, Thiago Nicolau de**. Túmulos celebrativos de Porto Alegre: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889-1930)**. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 73.



Img.16: Túmulo de Manoel Vicente Foro (Fonte: CRUZ, Ernesto. **O Cemitério de N. S. da Soledade** 11/04/1946. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro DCC 4014, Arm. II, Gav. 03, Pasta 2018)



Img.17: Túmulo de Manoel Vicente Foro (Fonte: RODRIGUES, P. A. C. **O Tempo e a Pedra.** Belém/PA, 2003. p. 67)

Acima da guirlanda, está uma grande urna, elemento muito usado em simbologias funerárias. Segundo Maria Elizia Borges, vasos ou urnas podem simbolizar "o corpo separado da alma (vazio) ou a eterna felicidade (com um pássaro pousado em sua borda, saciando a sede)[85]". Acrescenta o *site* Cemitérios SP que podem ser encontrados vasos e urnas cobertos com um manto, "referindo-se à tristeza que o cobriu[86]". Sobre a urna, ergue-se uma figura alegórica de mulher segurando nas mãos uma cruz e outra elevada ao céu. Maria Elizia Borges, ao discorrer sobre as esculturas de alegorias da ressurreição, menciona a figura de anjo ou mulher que "está com uma das mãos apontadas para o céu, símbolo da vida celestial, enquanto que a outra mão, estendida para baixo, relaciona-se com a vida terrestre[87]".

[85] BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão Preto.** Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002. p.303.

[86] Cemitério SP. Arte Cemiterial. Disponível em: <http://www.cemiteriosp.com.br/arte-cemiterial/> Acesso em: 23/09/2014.

[87] BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão Preto.** Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002. p. 184.

Outro túmulo que pode ser destacado é o de Benedito Pedro da Silveira Frade (Img.18), de família tradicional do Marajó e riqueza ligada a exportação da borracha[88]. O mausoléu em mármore de Lioz é de estilo neobarroco e tem procedência assinada: Germano José de Sales, Lisboa – Portugal. Recorda uma capela, adornada de figuras zoomorfas entrelaçadas (cobras com cabeça de dragão), decorações fitomorfas (misturando diferentes plantas), ampulheta alada, tochas verticais e vasos flamejantes. O frontão apresenta volutas e *rocailles*, encimados por uma coruja. Para Alejandro Mesa, a coruja é símbolo da tristeza, obscuridade e melancolia, por ser uma ave noturna[89].



Img. 18: Mausoléu do Ten. Cel. Benedito Pedro da Silveira Frade
(Fonte: RODRIGUES, P. A. C. **O Tempo e a Pedra**. Belém/PA, 2003. p. 63)

[88] Fundação Biblioteca Nacional. **Treze de Maio - 1845 a 1861** - PR_SOR_00679_700002. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=700002&pagfis=3790&pesq=&es=s&url=http://memoria.bn.br/docreader#> Acesso em: 13/01/14.
[89] MESA, Alejandro. **¿De qué nos están hablando los símbolos del Cementerio Viejo?** Paysandú – Uruguay, jan/2009. p. 45.

Outro, ainda, é o túmulo do capitão Manoel José de Melo Freire Barata, um proprietário de imóveis em Belém e fazendas no Marajó, onde foi assassinado. Seu filho Manuel de Melo Barata foi Senador da República, assim como seu neto Manoel de Melo Cardoso Barata, conhecido abolicionista, republicano, escritor, genealogista, historiador e bibliófilo[90]. O mausoléu de estilo neogótico (Img.19), apresenta cobertura em duas águas encimada por pináculos, com vão em arco ogival protegido por portão em ferro trabalhado. Nota-se o uso de tochas invertidas e a coroa/guirlanda.



Img.19: Mausoléu do Capitão Manoel José de M. Freire Barata (Fonte: Arquivo do IPHAN/PA. Documentos do IPHAN. Cemitério da Soledade. Levantamento Fotográfico. Sem data)

[90] **Família Barata Freire**. Disponível: <http://www.genealogiafreire.com.br/unido_barata_freire.htm> Acesso em: 13/01/14.

Além dos túmulos dos "Barões da Borracha", o Soledade abriga túmulos de vultos da história do Pará, dentre políticos, clérigos e militares, que contrastam com as sepulturas mais simples e de menores dimensões que ficam localizadas mais ao fundo da necrópole. Dentre as sepulturas de maior visibilidade, Carlos Rocque cita:

> (...) Cônego Siqueira Mendes, um importante líder do Pará da época imperial, que mesmo tendo morrido em Fortaleza, foi enterrado no Soledade; Honório José dos Santos, fundador do 1º jornal de Belém com circulação diária – o "13 de Maio"; o revolucionário Antônio Bernal do Couto; Domingos Marreiros; Frutuoso Guimarães; Cônego Ismael de Sena Ribeiro Nery; Antônio Lacerda Chermont, o Visconde de Arary; o senador e historiador Manuel Barata; General Gurjão, herói da Guerra do Paraguai (...)[91]

Um túmulo que pode ser considerado importante, tanto por suas dimensões como pela trajetória do falecido ali enterrado, é o do general Hilário Maximiano Antunes Gurjão, herói de guerra que morreu em combate na Guerra do Paraguai. Segundo a Biografia do General Gurjão, ele comandou a Batalha de Tuiuti e a Batalha de Itororó, onde foi ferido, vindo a falecer alguns dias depois. O general foi agraciado com as comendas da Imperial Ordem de Cristo, da Imperial Ordem da Rosa, Cavaleiro da Imperial Ordem de Avis e Dignitário da Imperial Ordem do Cruzeiro[92].

O imponente mausoléu do general Gurjão tem estilo neoclássico e, como a maioria daqueles já descritos aqui, é talhado em pedra de Lioz. Delimitando a sua área, foram colocadas grades de ferro fundido. O túmulo é robusto, como se fosse uma fortificação. O acesso é feito por duas grossas colunas. Conforme Cemitérios SP, as colunas representam "a totalidade da vida de uma pessoa. Uma coluna quebrada (com ou sem flores) significa que a vida foi interrompida prematuramente[93]".

Segundo Mário Barata, o busto do general que foi colocado sobre uma coluna, dentro do mausoléu, foi feito pelo professor Alegretti, do Instituto de Belas Artes de Roma e o túmulo veio da Oficina da Província de Bréscia, na Itália[94]. Maria Elizia Borges descreve que

---

[91] ROCQUE, Carlos. **O Cemitério N. Sra. da Soledade**. Jornal A Província do Pará. Belém/PA. Caderno Cultura. pg. 06. Publicado no dia 20/07/1997.

[92] **Biografia do General Gurjão**. Disponível em: <http://www.amazonline.com.br/heraldica/gurjao. htm.> Acesso em 13/01/14.

[93] Cemitério SP. Arte Cemiterial. Disponível em: <http://www.cemiteriosp.com.br/arte-cemiterial/> Acesso em: 23/09/2014.

[94] BARATA, Mário. **Valor Urbanístico do Cemitério da Soledade**. Artigo enviado como anexo ao pedido de reabertura do Processo de Tombamento do Cemitério N. Sra. da Soledade, inserido no Processo nº 0376-T-48.Arquivo Central do IPHAN/Secção Rio de Janeiro.

os bustos eram reproduções da imagem da pessoa falecida que constava de cabeça, dorso e parte do peito e visavam "celebrar a memória do vulto morto". Eram comuns até metade do século XIX, mas se banalizou no século XX, perdendo o seu sentido inicial[95].



Img.20: Mausoléu do General Gurjão (Fonte: CRUZ, Ernesto**. O Cemitério de N. Sra. da Soledade**. 11/04 /1946. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, DCC 4014, Arm. II, Gav. 03, Pasta 2018)



Img.21: Mausoléu do General Gurjão
(Foto: Maria Goretti Tavares. Visita Monitorada, 22/03/14)

[95] BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão Preto.** Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002. p. 195.

A observação das imagens em registros de diferentes períodos (Imgs. 20 e 21) mostra o acentuado grau de degradação do monumento, infiltrações, crescimento de vegetação e a retirada de elementos decorativos, como é o caso dos brasões, busto do general e a pira do fogo eterno que ficava na cobertura da edificação.

Outro importante militar tem túmulo de destaque no Soledade. Trata-se do Capitão de Mar e Guerra da Armada Nacional e Imperial Brasileira José Joaquim da Silva, Comendador da Ordem de São Bento de Aviz e prático das costas do Pará, Maranhão e Cayenna. (Imgs. 22 e 23). A construção do mausoléu é em estilo eclético e foi feito com mármore de Carrara.



Img.22: Túmulo do Cap. José Joaquim da Silva (Fonte: CRUZ, Ernesto. **O Cemitério de Nossa Senhora da Soledade**. 11/04/1946. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. DCC 4014, Arm. II, Gav. 03, Pasta 2018)



Img.23: Túmulo do Cap. José Joaquim da Silva (Fonte: RODRIGUES, P. A. C. **O tempo e a pedra.** Belém/PA. 2003. p.57)

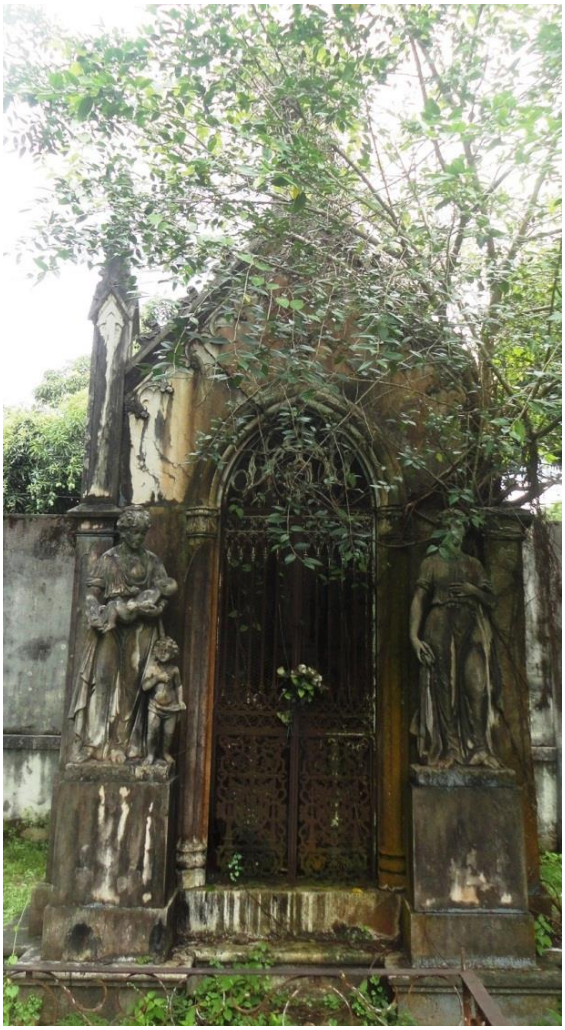
Segundo o livreto *Soledade: História, Arte e Cultura*, possui urna flamejante (a chama eterna), ampulheta alada (passagem do tempo), âncora (alusiva à profissão do falecido), folhas de acanto (as provações vencidas), a cobra que morde o próprio rabo (símbolo da eternidade),

a flor do cardo (perpétua saudade), dentre outros símbolos. O frontão é sustentado por cariátides (mulheres no lugar de colunas)[96]. Na visita ao cemitério dos Prazeres em Lisboa, observou-se um túmulo similar a este (Img.69).

Ernesto Cruz informa que o construtor e responsável pelas obras do cemitério, major Joaquim Victorino de Souza Cabral, também teve seu mausoléu no cemitério Nossa Senhora da Soledade[97]. Seu túmulo foi construído em forma de capela e está localizado no quadrante destinado à Ordem do Santo Cristo. Feito de mármore de Lioz e em estilo neogótico, apresenta fachada com abertura em ogivas acanhadas, pináculos e folhas de acanto estilizadas.



Img. 24: Mausoléu de Joaquim Victorino (Fonte: CRUZ, Ernesto. **O Cemitério de N. S. da Soledade**. 11/04/1946. Arquivo Central do IPHAN/ Secção Rio de Janeiro DCC 4014, Arm. II, Gav. 03, Pasta 2018)



Img.25: Mausoléu de Joaquim Victorino (Foto: Giovanni Sarquis. Visita monitorada com alunos da UFPa, 22/03/14)

[96] RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **Soledade: História, Arte e Cultura**. Belém/PA. 2014. ISBN: 978-85-915369-1-7.

[97] CRUZ, Ernesto. O Cemitério de Nossa Senhora da Soledade. **Vultos e Episódios da História do Pará: Procissão dos séculos.** Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1952.

No ponto mais alto do mausoléu do major Joaquim Victorino está posicionado uma escultura que remete ao anjo da morte, com asas longas que quase tocam os pés. Para Maria Elizia Borges, esta denominação foi amplamente usada nos séculos XIX e XX, onde a figura alada e assexuada, com características da estatuária clássica, era usada para o guardião dos túmulos, que recebia esta denominação. Com o passar do tempo, as esculturas "foram evoluindo no sentido de maior humanização, ganhando uma aparência mais terrena e perdendo suas características celestiais[98]".

Ladeando o portão de ferro trabalhado que protege o vão de entrada da construção, estão posicionadas duas figuras alegóricas femininas, à esquerda e direita, que provavelmente simbolizam as virtudes teologais da caridade e da esperança, respectivamente. A escultura à esquerda de quem olha o mausoléu está com o seio desnudo prestes a amamentar o bebê, com uma criança menor ao lado. Conforme citado anteriormente por Alejandro Mesa, esta imagem é associada à virtude da caridade (amor). Do lado esquerdo, observa-se uma figura de mulher que segura na mão direita uma âncora, que é um símbolo frequentemente associado a virtude da esperança, segundo o autor[99].

A comparação entre as duas imagens mostradas abaixo, registra o grau de deterioração e descaso em que se encontra o cemitério Nossa Senhora da Soledade no ano de 2014. A brancura do mármore de Lioz, ainda mantida em 1946 (Img.24), encontra-se camuflada por crostas negras, infiltrações, fungos e limo. A vegetação arbustiva já toma conta de parte da fachada da edificação e suas raízes provocaram, inclusive, o desabamento do pináculo esquerdo. O anjo da morte está completamente encoberto pela vegetação e não é possível mais a sua observação (Img.25).

Existem, ainda, outros túmulos de pessoas da sociedade da época que suscitam interesse por sua beleza artística e pela simbologia usada para transmitir valores como amor conjugal, tributo filial, gratidão, dentre outros, através de símbolos funerários. É o caso do túmulo neoclássico de D. Antônia Joaquina Roiz dos Santos (Img. 26)

---

[98] BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão Preto.** Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002. p 182.

[99] MESA, Alejandro. **¿De qué nos están hablando los símbolos del Cementerio Viejo?** Paysandú – Uruguay, jan/2009. p. 29



Img.26: Túmulo de Antônia Roiz dos Santos (Foto: Paula Rodrigues, março de 2014)

A sepultura mostra um casal abraçado em atitude de lamentação, onde a escultura da mulher apoia a cabeça no ombro do homem que usa uma coroa de louros, símbolo da glória desde a época do Império Romano, segundo Alejandro Mesa[100]. A escultura masculina está ao lado de uma coluna adornada por guirlanda que, segundo Mesa, simboliza os merecimentos. Sobre a coluna, descansa uma tocha, deitada, ainda queimando. Um rosa quebrada, como a que o homem segura nas mãos, lembra a fragilidade da vida, segundo *Cemitérios SP*[101].

[100] MESA, Alejandro. **¿De qué nos están hablando los símbolos del Cementerio Viejo?** Paysandú – Uruguay, jan/2009. p. 37.
[101] Cemitério SP. Arte Cemiterial. Disponível em: <http://www.cemiteriosp.com.br/arte-cemiterial/> Acesso em: 23/09/2014.

Luiza Calandrini Sarah Bond Dewey tem sepultura neoclássica em forma de coluna que sustenta urna funerária encoberta por panos. Observa-se a alusão à passagem do tempo simbolizado na ampulheta alada, conforme citado anteriormente. A rosa em botão quebrada, possivelmente associa "Lulu" a uma flor que não teve chance de desabrochar, pois morreu antes dos três anos de idade[102]. Conforme o *site Family Memorials,* seu pai, Henry Bond Dewey, foi Consul dos Estados Unidos no Pará[103]. A imagem 28, de 2014, mostra acelerado processo de degradação do túmulo, com aumento de áreas de crosta negra e fungos, em relação à imagem 27, de 1999.



Img.27: Detalhe do Túmulo de Luiza Bond Dewey
(Fonte: RODRIGUES, P. A. C. **O tempo e a pedra**. Belém, 2003. p. 68)



Img. 28: Túmulo de Luiza Bond Dewey
(Foto: Paula Rodrigues, março de 2014)

[102]RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **Soledade: História, Arte e Cultura**. Belém/PA. 2014. ISBN: 978-85-915369-1-7.

[103] **Family Memorials: Genealogies of the Families and Descendants of the Early Settlers of Watertown, Massachusetts**. p. 689. Disponível em: <books.google.com.br/books?id=3Yc-AAAAYA AJ.>Acesso: 14/11/14.

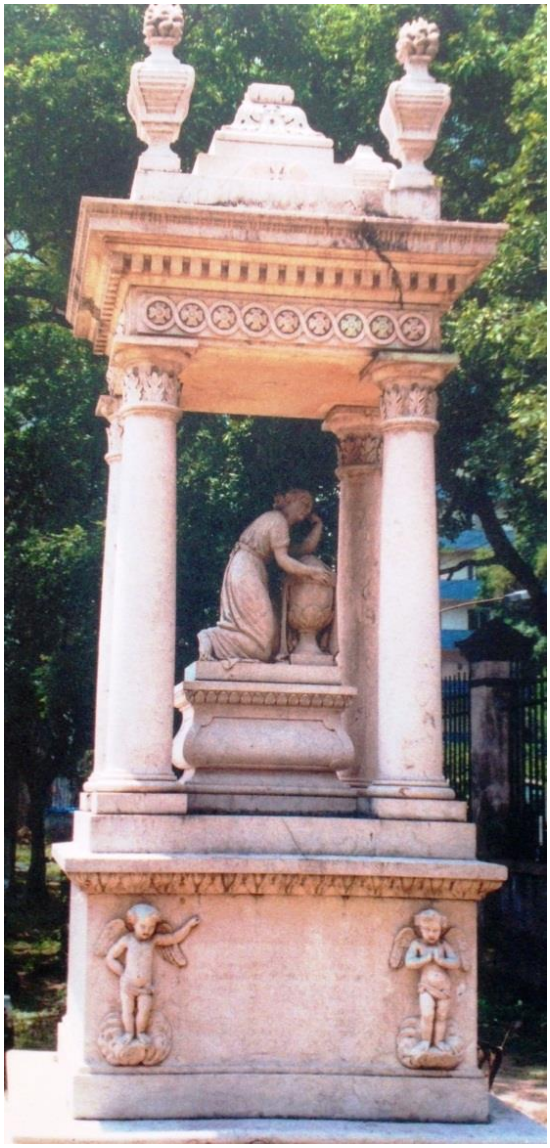
O túmulo neoclássico de mármore de Lioz de Anna Joaquina Pimenta de Magalhães é destaque na entrada do cemitério. Segundo o *site Geneall*, D. Anna, filha do português João Felipe Palácio com a paraense Maria Inácia Chermont, foi a matriarca da família Pimenta de Magalhães no Pará[104]. Apresenta em sua base dois anjos crianças sobre nuvens. Apesar do Cemitério SP especificar que os querubins são mais indicativos de túmulos de crianças[105], Maria Elizia Borges diz que eles representam a imortalidade da alma[106]. O livreto Soledade: História, Arte e Cultura, informa que a presença de nuvens nos em meio aos anjos crianças, revela a aspiração do paraíso[107].

Na parte superior, vasos flamejantes ladeiam uma ampulheta alada, associada usualmente com a passagem inexorável do tempo[108]. As quatro colunas do túmulo são associadas por Rosa Maria Lourenço Arraes com "o eixo do mundo[109]", enquanto que o Cemitérios SP descreve a simbologia destes elementos como sendo a totalidade da vida da pessoa. Entre as colunas está a figura de uma mulher ajoelhada e debruçada sobre a urna. Maria Elizia Borges define como *"pranteadoras"* estas figuras femininas, "que interpretam em pranto o lamento e a dor da perda de um ente querido". Segundo ela, este tipo de escultura era um dos temas predominantes na arte cemiterial inglesa da metade do século XVIII, até a metade do século XIX[110].

Durante a pesquisa e visita técnica realizada ao cemitério Campo Santo, em Salvador/BA, no ano de 2014, foi encontrado um exemplar (Img.30) muito semelhante ao túmulo de Anna Joaquina Pimenta de Magalhães (Img.29). A estrutura era a mesma, diferindo apenas as inscrições sobre os falecidos ali sepultados. Esta semelhança supõe a existência de marmorarias portuguesas que trabalhavam com catálogos de suas obras, enviando encomendas para diversas partes do Brasil. O mesmo modelo foi encontrado também no cemitério dos Prazeres, em Lisboa, Portugal (Img. 68).

---

[104] **Geneall**. Disponível em: <http://www.geneall.net/P/forum_msg.php?id=9642> Acesso em 13/01/14.
[105] Cemitério SP. Arte Cemiterial. Disponível em: <http://www.cemiteriosp.com.br/arte-cemiterial/> Acesso em: 23/09/2014.
[106] BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão Preto.** Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002. p. 302
[107] RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **Soledade: História, Arte e Cultura**. Belém/PA. 2014. ISBN: 978-85-915369-1-7.
[108] *Idem.*
[109] ARRAES, Rosa Maria Lourenço. **Arte Mortuária: Estética e Símbolos**. 1994. TCC apresentado ao Curso de Educação Artística da Universidade Federal do Pará (UFPa), para obtenção do grau de licenciamento em Artes.
[110] BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão Preto.** Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002. p. 197



Img.29: Túmulo de D. Anna Magalhães (Fonte: RODRIGUES, P.A.C. **O tempo e a pedra**, 2003.p.61)



Img.30: Túmulo do Campo Santo, Salvador/BA (Fonte: Paula Rodrigues, 2012)

Atrás da capela do cemitério, encontra-se o túmulo neoclássico de D. Josephina da Silva Magno (Img.31), em mármore de Lioz. Base de coluna com secção quadrada, decorada nos quatro lados com folhas de acanto estilizadas e ampulhetas aladas. Segundo Cemitério SP, a folha de acanto representa "o jardim divino ou o jardim do Éden[111]". Para Alejandro Mesa, a clepsidra ou relógio de areia alado, é um símbolo da brevidade do tempo, conforme já citado anteriormente. Destaca-se a figura do anjo de longas asas segurando uma guirlanda de flores. Segundo o livreto *Soledade: História, Arte e Cultura,* é um símbolo dos merecimentos que imortalizam a vida, ao vencer a morte[112].

[111] Cemitério SP. Arte Cemiterial. Disponível em: <http://www.cemiteriosp.com.br/arte-cemiterial/> Acesso em: 23/09/2014.
[112] RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **Soledade: História, Arte e Cultura**. Belém/PA. 2014. ISBN: 978-85-915369-1-7.



Img. 31: Túmulo D. Josephina da Silva Magno (Foto: Luciene Cordeiro, 2013)

Outro aspecto importante e notadamente característico da necrópole desde seus primeiros anos era o seu tratamento paisagístico, com a presença de variados espécimes da flora, como descrito por Mário Barata:

> (...) dando nota inconfundível à paisagem urbana de Belém do Pará, está o Cemitério da Soledade, em quadra arborizada com palmeiras e árvores da terra e ainda, as "mangueiras de cemitério", a que se refere liricamente Eneida[113] (no seu **Banho de Cheiro**)[114].

A assertiva acima pode ser comprovada ao se observar imagens do cemitério da Soledade tiradas ao longo dos anos de sua existência. Desde elementos vegetais de porte arbóreo, como as palmeiras de açaí, mangueiras e outras árvores frutíferas, até o uso de plantas decorativas e vegetação arbustiva, o lugar sempre apresentou um tratamento paisagístico como reflexo da relação entre o homem e a natureza abundante da região.



Img.32: Cemitério Nossa Senhora da Soledade. (Fonte: FIDANZA, Filipe Augusto. Biblioteca Nacional Digital. [187-?]. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=27885)

[113] Eneida de Villas Boas Costa de Moraes foi jornalista e escritora paraense que nasceu em Belém do Pará a 23/10/1903. Em 1930, fixou residência no Rio de Janeiro onde faleceu a 27/04/1971. Banho de Cheiro foi um dos livros de sua trilogia memorialista, publicado em 1962. (Fonte: SANTOS, Eunice Ferreira dos. **Eneida de Moraes: Fragmento de Vida e Obra**. GEPEN – Sobre Gênero e Mulher. Disponível em: <http://www.ufpa.br/projetogepem/index.php?option=com_content&view=article&id=7&Itemid=7> Acesso em 07/07/2014.

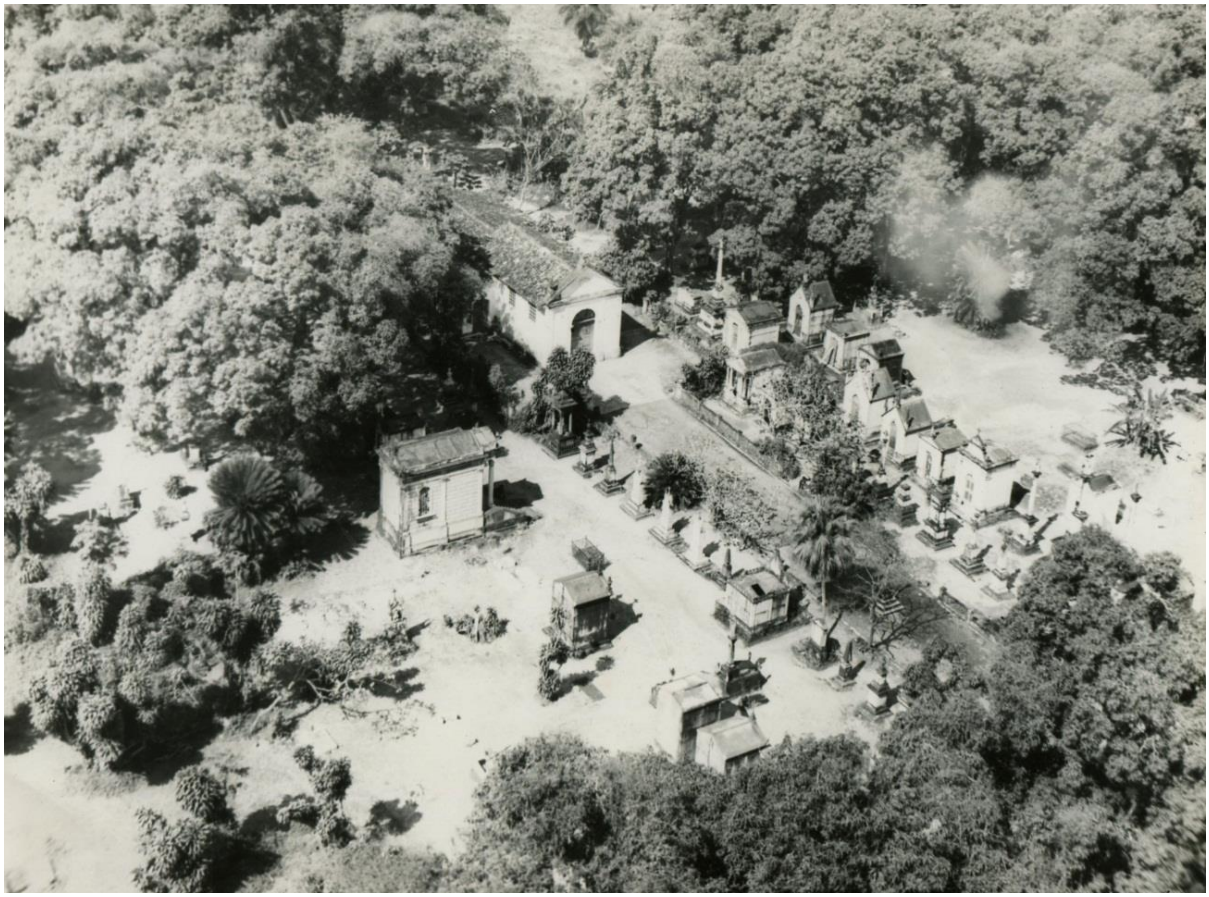
[114] BARATA, Mário**. Valor Urbanístico do Cemitério da Soledade**. Artigo enviado como anexo ao pedido de reabertura do Processo de Tombamento do Cemitério N. Sra. da Soledade, inserido no Processo nº 0376-T-48.Arquivo Central do IPHAN/Secção Rio de Janeiro.



Img.33: Cemitério da Soledade (Fonte: **O Município de Belém**, Relatório de Antônio Lemos, 1903.



Img.34: Detalhe da balaustrada que separava a alameda principal das sepulturas e vegetação (Fonte: CRUZ, Ernesto. **O Cemitério de Nossa Senhora da Soledade**. 11/04/1946. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, DCC 4014, Arm. II, Gav. 03, Pasta 2018)



Img.35: Vista aérea do Cemitério da Soledade. (Fonte: Arquivo Central do IPHAN/
Seção Rio de Janeiro. Arquivo do DPHAN – Ministério da Educação. Foto nº 75502. 1973)



Img.36: Vista aérea do Cemitério da Soledade. (Fonte: SARRAF, Tarso. Portal ORM, 16/08/2013)

Desde a imagem mais antiga até a mais recente, pode-se observar a importância paisagística que o cemitério Nossa Senhora da Soledade carrega em si. O **Álbum do Pará de 1902** descreveu na época:

> (...) já de muitos anos o Cemitério da Soledade foi declarado interdito, convertendo-se desta sorte num pitoresco e sombrio jardim, onde a memória dos mortos se acha perpetuada nos túmulos solitários, que contrastam num destaque esquisito o tumulto das ruas circundantes e a verdura triste dos eucaliptos, misturados às verdoengas e rumorosas mangueiras[115].

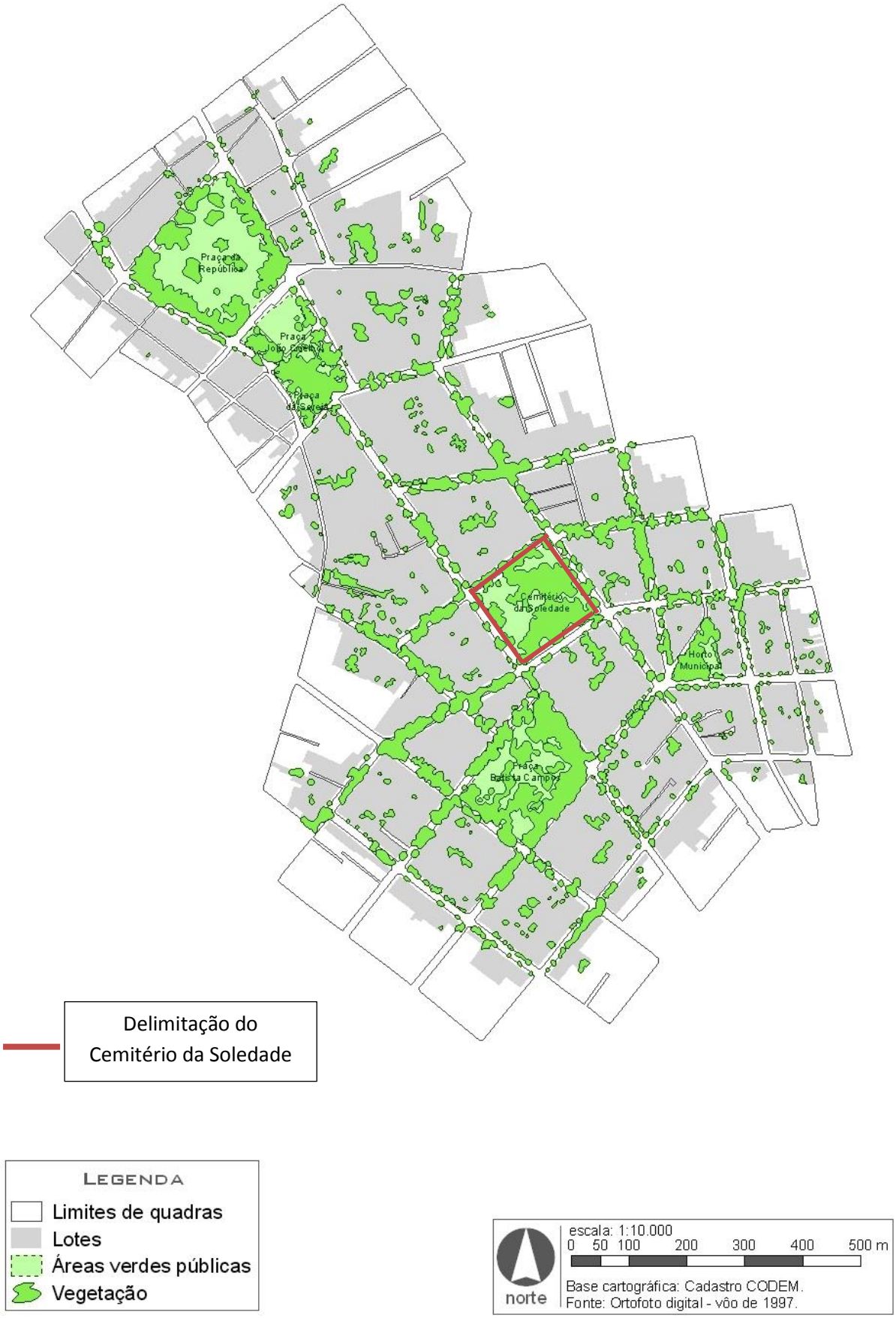
Segundo a Regulamentação do Conjunto Paisagístico da Área Central de Belém-PA, o Soledade ocupa uma quadra do Bairro de Batista Campos, em área central da capital Belém, perfazendo uma área de aproximadamente 2.200m². A alameda principal mede 06m de largura e aproximadamente 60m de comprimento, ao lado do qual se localizam os principais túmulos. Contudo a paisagem está intimamente ligada com elementos da natureza, onde árvores de grande porte e arbustos se encontram plenamente integradas com as construções seculares e a ambiência do lugar[116].

Tendo como base um mapa da Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém – CODEM - o IPHAN/PA realizou no ano de 2006 um levantamento para mapear as áreas de copas de árvores nas vias de circulação, praças e dentro das quadras (Img.37). Este estudo integrou a proposta feita pela Superintendência de delimitação física e regulamentação do "Conjunto Paisagístico da Área Central de Belém", voltada para a preservação de ambiência e maior controle de ocupação da área. O Conjunto Paisagístico abrange parte dos seguintes bairros: Campina, Reduto, Nazaré e Batista Campos e totaliza mais de 910.000 m², divididos da seguinte maneira[117]:

Item	Área (m²)	% área
Áreas verdes (praças e cemitério)	100.914,21	11,08
Circulação (vias e passeios)	244.315,78	26,82
Lotes	565.795,59	62,11
Total	**911.025,58**	**100,00**

TABELA III: Fonte. Base cartográfica CODEM. (Tabulações dos pesquisadores do IPHAN/PA, 2006)

[115] BELÉM (Pará). Intendência Municipal. **Álbum de Belém: Pará 15 de novembro de 1902**. Belém: Edição Felipe Augusto Fidanza, 1902.
[116] **Regulamentação do Conjunto Paisagístico da Área Central de Belém-PA**. Acervo do IPHAN/PA
[117] *Idem.*



Img.37: Mapa da vegetação (copas das árvores) realizado pelo IPHAN/PA. (Fonte: **Regulamentação do Conjunto Paisagístico da Área Central de Belém-PA**. Acervo do IPHAN/PA)

Segundo a medição feita por pesquisadores contratados e orientados pelo IPHAN/PA, as espécies predominantes nas ruas que integram o Conjunto Paisagístico são mangueiras, oitizeiros e castanholeiras. Em áreas livres públicas, como é o caso da Praça da República, da Praça Batista Campos e do Horto Municipal (conhecido como "Pracinha do Horto), bem como do próprio cemitério da Soledade, também são comuns as árvores de samaumeiras, além destas espécies citadas. Portanto, são espécies vegetais de médio e grande porte, com copas grandes que podem chegar até quase 20m de altura, apresentando relativa permeabilidade visual[118].

Desde 1993 o IPHAN/PA realiza estudos sobre o entorno do cemitério da Soledade, buscando reunir condições para a definição de uma normatização para a área, que já sofreu modificações inadequadas de uso e ocupação do solo[119]. A pesquisa em questão realçou um dos valores característicos do próprio tombamento, que é o seu caráter paisagístico, e em como esta paisagem se insere na cidade como um todo.

Portanto, é também por seu valor paisagístico que tem sido destacada a importância do Soledade na configuração urbanística da cidade. Desta forma, o IPHAN/PA abriu um processo que já se encontra em fase de instrução, no qual propõe tombamento e elaboração da portaria de regulamentação do Conjunto Paisagístico da Área Central de Belém. Este projeto marca a posição do cemitério da Soledade não apenas como um monumento pontual tombado a nível federal, mas como parte integrante da visualidade e ambiência da cidade, sendo um ponto de referência espacial e cultural para a população.

1.3. O Processo de Tombamento

A patrimonialização de bens culturais é baseada em processos de atribuição e reconhecimento de valor de bens culturais, identificados e selecionados como tal, por meio de instrumentos legais de proteção e práticas de preservação, conservação, salvaguarda e gestão. No Brasil, especificamente, o Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, foi o marco legal inicial deste processo de preservação, que se pautava pela construção de uma identidade brasileira, onde bens eram selecionados por critérios estéticos (prioritariamente associados com o estilo barroco e o modernismo), históricos, paisagísticos, políticos, dentre outros.

---

[118] **Regulamentação do Conjunto Paisagístico da Área Central de Belém-PA**. Acervo do IPHAN/PA
[119] *Idem.*

O Estado nacionalista, na tentativa de construir uma identidade brasileira, vislumbrou nas questões patrimoniais um importante aliado, o que já vinha sendo feito em outros países. Para Benedict Anderson, o nacionalismo é capaz de se apropriar do anseio da própria dinâmica social, resultando em uma comunidade política imaginada limitada e soberana, onde pessoas que não se conhecem na totalidade, se reconhecem como parte dela[120]. Da mesma forma, Dominic Poulot, ao analisar a busca da construção do nacionalismo e amor pela pátria da Revolução Francesa, mostra que a história e o patrimônio são importantes para legitimar a nação, onde as práticas preservacionistas se relacionam com este objetivo[121].

O período da 1ª República no Brasil (1889 – 1930) apresenta similaridades com as características descritas por Norbert Elias em seus estudos sobre os problemas no processo de formação dos Estados e construção das nações: a criação de uma imagem similar de si mesma com valores civilizatórios de modernidade; o uso de imagens do passado que possibilitem às novas gerações uma identificação e orgulho de sua identidade nacional; e a integração de "segmentos regionais díspares e de diferentes extratos sociais, em torno de certos grupos centrais dominantes[122]".

Entre os anos de 1920 e 1930 começaram a surgir as primeiras propostas relativas à patrimonialização e preservação de bens. A partir de 1924, as principais correntes ideológicas defendiam o neocolonial como estilo ideal para inserir o Brasil na ordem moderna e civilizada mundial. Essa ideia seria rebatida pelo próprio modernismo, que viria em seguida. Parte da intelectualidade da época alegava que os avanços tecnológicos dariam suporte a uma arquitetura mais leve e moderna[123].

O portal do IPHAN relata que a partir dos anos 30 e do Governo Vargas, criam-se as bases da valorização estética através do patrimônio histórico e artístico nacional, que culminaria com a criação do SPHAN. A partir de um anteprojeto de Lei, elaborado por Mário de Andrade, a pedido do Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, foi sendo moldada a base das políticas de preservação e salvaguarda do patrimônio cultural brasileiro. Em 13/01/1937 foi implantado por Rodrigo Melo Franco de Andrade o Serviço do Patrimônio

---

[120] ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo.** Lisboa: Edições 70, 2005.
[121] POULOT, Dominique. **A História da Razão Patrimonial na Europa do século XVIII ao XXI**. In Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional n. 34. 2012. Tradução de Catarina Eleonora.
[122] ELIAS, Norbert. **Escritos & Ensaios**, v. 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
[123] CHUVA, Márcia. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. **Revista do Patrimônio**, Brasília, n. 34, 2011, pp. 147-166; CHUVA, Márcia. Fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado. **TOPOI**, v. 4, n. 7, jul.-dez. 2003, pp. 313-333.

Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, atual IPHAN, pela Lei nº 378. No dia 30 de novembro deste ano foi promulgado o Decreto Lei nº 25, que organiza a "proteção do patrimônio histórico e artístico nacional[124]".

O golpe e a Constituição do Estado Novo, em 1937 vão dar à nação o contexto de Estado totalitário, segundo o Portal do IPHAN. O SPHAN surge constituído por intelectuais afinados com este Estado Novo, que passam a idealizar e construir o que seria denominado de patrimônio nacional. Os principais instrumentos utilizados para alcançar seus objetivos eram: o tombamento, a *Revista do Patrimônio*, as obras de restauração e a rede de integração de populações dispersas[125].

A evolução da concepção de patrimônio cultural do Brasil e a institucionalização de suas práticas de preservação podem ser melhor entendidas a partir das discussões de Márcia Chuva sobre o assunto. A historiadora traça um panorama cronológico, situando contextualmente as concepções iniciais de construção de identidade nacional, mostrando como o estilo barroco brasileiro, do tipo "moderno e civilizado", seria utilizado como passaporte para a entrada do Brasil na civilização ocidental[126].

Márcia Chuva relata que havia entre os pensadores da época a crença da universalidade, a valorização de um patrimônio onde a cultura e a arte estivessem atreladas a um ponto comum com o resto do mundo. Para alguns, isto significava o desprezo aos valores regionais, como era o caso de Rodrigo Melo Franco que preferia negar uma possível herança indígena na busca da herança europeia – portuguesa[127].

Entretanto, não havia uma ideia coesa acerca das posturas a serem adotadas, apesar dos ideais da Semana de 22[128] fomentarem tais discussões. Marcia Chuva relata que, um exemplo disto era o dissenso entre Mário de Andrade, que buscava situar a cultura brasileira em seu caráter múltiplo e diversificado, enquanto Drummond de Andrade queria identificar a arte brasileira na classificação da história da arte no Ocidente. Para a autora, a criação do

---

[124] Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / IPHAN. **Sobre a Instituição.** Disponível em: <http: //portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=11175&retorno=paginaIphan> Acesso em 11/06/2014.
[125] *Idem*
[126] CHUVA, Márcia. **Fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado**. Topoi .Rio de Janeiro; v. 4, n.7, jul.-dez.2003, p. 313-333.
[127] *Idem*
[128] Evento de ideias modernistas do qual participaram intelectuais como Mário de Andrade, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Manoel Bandeira, Afonso Arinos, dentre outros. (Fonte: WALDMAN, Thaís. **À "frente" da Semana de Arte Moderna: a presença de Graça Aranha e Paulo Prado.** Estud. hist. (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, Junho, 2010. Disponível em: <http://www.scielo .br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862010000100004&lng=en&nrm=iso> Acesso em 20/08/2014.

SPHAN foi marco de encaminhamento das diretrizes preservacionistas do patrimônio cultural brasileiro, fazendo parte de um projeto de modernização, atrelado ao pensamento de unidade nacional do Estado Novo[129]:

> Somente a unidade das origens e a ancestralidade comum de toda a nação deveriam servir para ordenar o caos, encerrar os conflitos, irmanar o povo e civilizá-lo. As práticas de preservação cultural foram inauguradas no Brasil no bojo deste projeto, a partir da criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – o SPHAN, em 1937[130].

Márcia Chuva afirma que desde 1930 até 1960, a ação centralizadora do Estado usaria o patrimônio como estratégia na construção de uma possível identidade nacional e de uma arte genuína do país. É nesta época que se destacam as "cidades-monumentos", onde as operações de conservação e restauração tinham por objetivo reforçar uma unidade estética em torno da arte barroca colonial. O próprio SPHAN agiria de forma centralizadora, promovendo restaurações nas cidades históricas, na busca de uma unificação estético-estilística[131].

Apenas a partir de 1970, com o advento da crise da modernidade, é que novas estratégias de construção de poder e hierarquias começaram a ser inventadas. Nesta época, já se fazia sentir o processo descrito por Stuart Hall como "descentração" dos sujeitos, com o afrouxamento das fronteiras do que é tido como nacional[132]. Para o teórico, a "pós-modernidade" marca mudanças no conceito e vivência das identidades dos indivíduos, que culminarão no fenômeno conhecido como globalização.

O Brasil apresentava naquele momento uma ampliação da noção de patrimônio cultural para além das instituições de patrimônio, onde serão valorizadas novas formas de atribuições de valores de referências para um grupo, reconhecendo-se uma diversidade nacional. Luiz de Castro Faria Nesse descreve que neste contexto são criados o PCH (Programa das Cidades Históricas) e o CNRC (Centro Nacional de Referência Cultural), projetos que influenciariam a constituição de perspectivas, práticas e programas no campo da preservação durante as décadas seguintes[133].

---

[129]CHUVA, Márcia. **Fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado**. Topoi. Rio de Janeiro; v. 4, n.7, jul.-dez. 2003, p. 313-333.
[130] *Idem.*
[131] *Ibidem.*
[132]HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
[133]FARIA, Luiz de Castro. **Nacionalismo, nacionalismos - dualidade e polimorfia: à guisa de depoimento e reflexão**. In Chuva, Márcia (org.). A Invenção do Patrimônio: continuidade e ruptura na constituição de uma política oficial de preservação cultural no Brasil. Rio de Janeiro: IPHAN, 1995.

A dimensão continental do Brasil iria dificultar as descobertas, levantamentos e estudos dos inúmeros bens de relevância histórica e cultural existentes, bem como, a própria proteção do que já havia sido tombado pela União. Ainda que o Decreto Lei nº 25 previsse uma parceria com os municípios, onde estes deveriam ser executores da preservação estabelecida pelo Governo Federal[134], isto de fato não aconteceu.

Na tentativa de minimizar estes problemas, foram implantadas algumas unidades locais do IPHAN em alguns estados do Brasil, de maneira a evitar que as prefeituras se opusessem às políticas preservacionistas por eles determinadas, conforme descrevem Aldrin Figueiredo, Rosângela Lima e Maria Dorotéa de Lima. A partir daí, é possível notar uma maior participação e o trabalho efetivo das próprias unidades em favor dos tombamentos locais. No caso de Belém, a implantação da primeira Diretoria Regional só iria ocorrer no ano de 1979. A Diretoria

> (...) tinha inicialmente sob sua jurisdição os estados do Pará, Amazonas, Acre, e Rondônia, além dos territórios Amapá e Roraima. Seu primeiro diretor foi o arquiteto e urbanista Jorge Derenji, que veio do Rio Grande do Sul para Belém , em 1964, para lecionar no recém-criado curso de arquitetura da UFPa[135]".

Em Belém, a primeira manifestação em favor do tombamento do cemitério Nossa Senhora da Soledade é anterior à instalação da Diretoria Regional. Em 1948, pouco mais de 10 anos depois da fundação do SPHAN, Ernesto Cruz[136] já ventilava o tombamento em função do valor "artístico e histórico" a ele atribuídos[137]. Porém, os signos da nacionalidade brasileira ainda estavam direcionados prioritariamente ao estilo colonial (barroco) e ao modernismo, conforme citado anteriormente, o que resultava em certo repúdio ao que havia sido feito no século XIX.

É bastante provável que a rejeição, nos primeiros anos do SPHAN, ao estilo eclético usado em profusão nas construções do novecentos, tenha contribuído para a lentidão e morosidade presente no processo de tombamento do cemitério Nossa Senhora da Soledade

---

[134] Diz o Artigo 5º do Decreto Lei nº 25: O tombamento dos bens pertencentes à União, aos Estados e aos Municípios se fará de ofício por ordem do Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, mas deverá ser notificado à entidade a quem pertencer, ou sob cuja guarda estivera coisa tombada, a fim de produzir os necessários efeitos.

[135] FIGUEIREDO, Aldrin Moura de; BRITTO, Rosangela Marques de; e LIMA, Maria Dorotéa de (orgs.). **Pedra & Alma: 30 anos do IPHAN no Pará.** Belém: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (PA), 2010. p. 34

[136] Historiador paraense que na época era o Representante do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Pará, Diretor da Biblioteca e Arquivo Público e também membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará – IHGP.

[137] CRUZ, Ernesto**. O Cemitério de Nossa Senhora da Soledade**. 11/04/1946. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Processo nº 0376 – T – 48.

pelo patrimônio nacional. O seu registro no livro do tombo só viria a acontecer no ano de 1964, impulsionado pela ameaça de demolição da necrópole, o que mobilizou grande parte da população da cidade.

> Este processo foi especialmente complicado e teve uma participação fundamental do professor Mário Barata. Nos anos de 1962 e 1963, houve uma verdadeira campanha para se construírem edifícios residenciais no antigo campo santo, retirando-se da área jazigos e todo o conjunto paisagístico. Em 29 de dezembro de 1963, Mário Barata publica um artigo criticando duramente esse propósito[138].

As discussões travadas entre os atores que participam do processo de tombamento do cemitério Nossa Senhora da Soledade como patrimônio nacional, refletem as próprias dúvidas nas questões relativas à atribuição de valor, a decisão sobre o que deve ser preservado ou não e a importância que o bem supostamente teria dentro de um contexto de identidade nacional. Pode-se afirmar que tais discussões faziam parte da construção de um discurso sobre as práticas voltadas de preservação, em um momento que estava sendo alinhavado o próprio pensamento da instituição de patrimônio acerca do tema.

No ano em que o cemitério Nossa Senhora da Soledade foi tombado, outros 28 bens também foram tombados no Brasil, sendo 2 deles em Belém (o cemitério propriamente dito e o antigo Hospital Militar, onde atualmente se localiza a "Casa das 11 Janelas"). Convém ressaltar, entretanto, que houve apenas mais um caso, além do Soledade, de bem tombado como Conjunto Urbano Paisagístico, que foi o tombamento de um trecho na cidade de Petrópolis, a Av. Köeller. Isso demonstra o reconhecimento da importância do cemitério para a configuração urbana de Belém e a peculiaridade do valor a ele atribuído.

Após uma pesquisa realizada no acervo do Arquivo Central do IPHAN/, Seção Rio de Janeiro, antigo Arquivo Noronha Santos, foi possível identificar um total de 22 processos de tombamento envolvendo cemitérios, sendo que alguns deles ainda estão em aberto e sem conclusão. Uma busca no *site* do IPHAN, em junho de 2014, apresentou um total de 12 registros de cemitérios tombados nos Livros do Tombo do Arquivo Central do IPHAN, como pode ser visto na reprodução abaixo (Img.38).

---

[138] FIGUEIREDO, Aldrin Moura de; BRITTO, Rosangela Marques de; e LIMA, Maria Dorotéa de (orgs.). **Pedra & Alma: 30 anos do IPHAN no Pará.** Belém: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (PA), 2010. p. 30



Img.38: Lista de cemitérios tombados existente no *site* do IPHAN
(Disponível em: http://www.iphan.gov.br/ans/inicial.htm)

Observando-se os cemitérios tombados, nota-se uma predominância daqueles tombados como anexos a igrejas católicas, sendo estes monumentos o principal objeto do tombamento. Isso se justifica pelo fato de que até o século XIX, os enterramentos eram feitos nas igrejas ou em áreas contíguas. Este foi o caso da Igreja de São Francisco da Penitência, no Rio de Janeiro/RJ (Processo 0022-T-38), e da Igreja da Misericórdia, em Porto Seguro/BA (Processo 0800-T-68), tombadas com seus cemitérios anexos[139].

[139] Fonte: Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Processos de Tombamento.

Dentre as outras necrópoles que integram o livro do tombo, destacam-se: o Túmulo de Peter Lund, considerado o pai da paleontologia brasileira, e seus companheiros, enterrados em Lagoa Santa/ MG (Processo 0603-T-59); o cemitério Batalhão do Campo Maior/ PI (Processo 0185-T-38), onde estão enterrados combatentes da Guerra do Jenipapo, um confronto entre partidários da independência brasileira e a resistência portuguesa, ocorrido em 13 de março de 1823[140]; o cemitério de Mucugê/ BA, inserido no Conjunto Arquitetônico e paisagístico da cidade (Processo 974-T-78); e o Portão do cemitério de Arez/ RN (Processo 0669-T-62), que foi tombado no Livro de Belas Artes.

O processo de tombamento do cemitério da Soledade faz parte de uma prática preservacionista que reflete as políticas adotadas na época e os conceitos que permeavam o processo de valorização de bens culturais e seus instrumentos de proteção. A partir dele, é possível refletir sobre a importância e responsabilidades acarretadas pelo tombamento para a preservação do patrimônio cultural, bem como a gestão desse patrimônio visando reduzir as perdas (considerando o valor a ele atribuído), a mitigação de riscos e a proposta de planos e projetos adequados de conservação, intervenção e restauração destes bens.

A leitura das correspondências entre Rodrigo Melo Franco de Andrade, presidente do SPHAN, e o historiador Ernesto Cruz, que propôs a abertura do processo de tombamento do cemitério Nossa Senhora da Soledade, em Belém, revela que a justificativa para o pedido de tombamento estava intimamente ligada à importância arquitetônica, artística e paisagística atribuída ao campo santo no contexto urbanístico da cidade[141]. A preocupação principal era proteger um bem material ameaçado de ser desapropriado e demolido para a construção de um conjunto residencial, conforme o conteúdo do telegrama encaminhado pelo historiador ao presidente do IPHAN, em 1948. (Anexos 02 e 04).

O processo administrativo para o tombamento do Soledade, iniciado pelo pedido de Ernesto Cruz, em 1948, é composto de telegramas (Anexos 02, 03, 04, 05, 06 e 07); recorte de artigo publicado em jornais da época (Anexo 08); cartas (Anexos 09, 10, 11, 12, 13, 14 e 15); ordem de arquivamento (Anexo 16); artigo (Anexo 17); parecer (Anexo 18); notificação (Anexo 19); ofícios (Anexo 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 e 31); recibos de notificação (Anexos 32 e 33); documentos internos (Anexos 34, 35 e 36); e planta de

[140] BATISTA, Rodrigo. **Batalha do Jenipapo.** Disponível em: <http://www.historiabrasileira. com/brasil-imperio/batalha-do-jenipapo/> Acesso em 07/11/2013.
[141] Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro, Processo de Tombamento do Cemitério da Soledade. Processo nº 0376-T-48.

localização com mapa (Anexo 37), em um total de 48 páginas[142]. Informações mais detalhadas foram encontradas no inventário, que contém fotografias, publicações, trechos de livros e artigos, recortes de jornal e outras informações[143].

O pedido de tombamento de Ernesto Cruz, reiterado pelas cartas e telegramas que enviou ao Diretor Rodrigo Melo Franco, chamando atenção para a importância histórica, arquitetônica e artística do lugar, e a necessidade de sua proteção, terminou por ser indeferido e arquivado em maio de 1950, segundo a ordem de arquivamento do processo assinada por Carlos Drummond de Andrade, chefe da Seção Histórica do SPHAN (Anexo 16).

O processo de tombamento só seria reaberto em 1963, corroborado pela publicação de um artigo de Mário Barata, que sensibilizou a sociedade local e a própria instituição federal de patrimônio, então denominada Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Anexo 16). Finalmente, após parecer favorável do arquiteto Paulo Thedim Barreto (Anexo 18), o cemitério da Soledade foi tombado como "Conjunto Paisagístico do Cemitério Nossa Senhora da Soledade", registrado sob o número 29 do 1º Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, em 23/01/1964.

Depois do tombamento, o Soledade seria alvo de duas solicitações em 1970. O primeiro veio através de um ofício datado de 10/04/1970 e encaminhado por Eva Andersen Pinheiro para Ernesto Cruz. A jurista solicitava autorização para transferir uma imagem barroca de Cristo crucificado, do cemitério para o Tribunal de Contas, onde era Conselheira Presidenta, em vista dos perigos de roubo e profanação no local. (Anexos 14, 24, 25, 26, 27 e 28). O pedido foi autorizado.

A segunda solicitação foi feita pelo provedor da Santa Casa de Misericórdia do Pará, Hilmo de Farias Moreira, que pretendia instalar no local uma capela mortuária, sob administração desta entidade (Anexos 6, 29, 33 3 34). O provedor alegava que a Santa Casa de Misericórdia era, de fato, proprietária do terreno onde estava instalado o cemitério. Após pesquisa e análise por parte do SPHAN, houve a comprovação de que o terreno do cemitério não pertencia àquela entidade e que a sua administração havia sido repassada ao Município em 1890. Portanto, este pedido foi negado.

---

[142] Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Processo de Tombamento do Cemitério da Soledade. Processo nº 0376-T-48.

[143] Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de janeiro. Inventário: Informações sobre o bem Tombado. Ficha nº 02. Cemitério da Soledade. Pasta 193-2013.

O último documento que consta do processo de tombamento é um relatório de viagem do arquiteto Antônio Pedro Alcântara. Ele veio a Belém em março de 1973, designado por Renato Soeiro para verificar, junto à prefeitura municipal, o andamento de serviços de restauração nesta cidade, e também averiguar questões relativas ao Soledade. Um fato estranho chama a atenção na assinatura do documento, onde o nome de Antônio Alcântara foi datilografado sobre o nome do diretor da Diretoria de Conservação e Restauração da DPHAN, José de Souza Reis[144]. Não se sabe o motivo para a substituição dos nomes (Anexo 35).

1.4. A Situação até o ano de 2014

Apesar das várias intervenções no Centro Histórico de Belém, realizadas a partir dos anos 1980, o cemitério da Soledade permaneceu como um caso emblemático de degradação, ocupando, ainda assim, uma quadra inteira dentro de um dos bairros de maior valor financeiro da cidade.

A década de 1990 foi período de grande depredação no Soledade, impulsionado por atos de vandalismos de jovens tidos como "góticos", que quebravam túmulos, profanavam ossos, realizavam pichações e roubavam elementos da estatuária, conforme relata a Jussara da Silveira Derenji[145]. A prefeitura, através da Fundação Cultural do Município de Belém (FUMBEL), propôs a transformação do cemitério da Soledade em *Cemitério-Parque,* com um projeto de musealização do espaço, com a concordância do IPHAN. Estavam à frente deste trabalho a presidente da FUMBEL Ruth Burlamarqui e a própria autora do projeto, a arquiteta Jussara Derenji.

O Departamento de Patrimônio do Município iniciou as benfeitorias, com o apoio de técnicos vindos da Bahia, dentre eles o restaurador João Velozo. Entre os anos de 1994 e 1996 foi feita a limpeza e restauração de todos os túmulos da alameda principal. Todavia, com a mudança de governo as obras foram interrompidas e não se chegou a concluir o projeto, com o agravante de que o projeto arquitetônico e de restauro feito pela arquiteta Jussara Derenji desapareceu dos arquivos misteriosamente.

---

[144] Apesar de ser um dos primeiros colaboradores de Rodrigo Melo Franco de Andrade no SPHAN e ter participação ativa nos "anos heroicos" da instituição, o arquiteto modernista José de Souza Reis é citado como "um ilustre desconhecido", no trabalho apresentado por Ricardo Rocha no 7º Seminário Docomomo Brasil, realizado em Porto Alegre, no ano de 2007. Ver: ROCHA, Ricardo. José de Souza Reis e o SPHAN: da inconfidência à glória. In: **Anais do 7º Seminário Docomomo Brasil**. Porto Alegre: 2007. Disponível em: <http://www.docomomo.org.br/seminario%207%20pdfs/045.pdf> Acesso em 26/06/2014.

[145] Arquiteta e urbanista que desenvolveu um projeto de restauração para o cemitério da Soledade no ano de 1994, projeto este que foi apresentado no Colóquio de História e foi doado à Prefeitura de Belém, para ser executado pela FUMBEL.

Desde a interrupção de execução do projeto de restauração na década de 1990, foram realizadas apenas ações esporádicas dentro do cemitério da Soledade. Um exemplo disso foi a instalação de refletores no mandato do prefeito Edmilson Rodrigues (2000) para facilitar a segurança do local, feita pela prefeitura. Mais de uma década depois, no ano de 2012, a Superintendência do IPHAN/PA realizou uma obra emergencial para a consolidação da capela da necrópole que ameaçava desabar.

Com o passar dos anos, a trajetória das práticas, a legislação e a conscientização da sociedade em favor da importância da conservação e preservação do patrimônio, percebe-se a necessidade de observar todo o conjunto urbano onde o bem tombado está inserido. O bem cultural está relacionado com os diversos domínios da vida social e a ele são atribuídos valores distintos como marcos identitários para cada grupo social. É preciso considerar a natureza imaterial e as referências culturais a ele associadas.

Como referência importante de uma visão mais ampla e integrada dos bens e práticas culturais passíveis de valorização pelas políticas de patrimônio, o Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC (1998/2000) foi proposto com a preocupação de identificar e produzir conhecimento sobre a dimensão material e imaterial dos bens culturais, reconhecendo os valores atribuídos pelas comunidades que vivenciam esses bens[146]. A partir das premissas que corroboram a aplicação do INRC, o IPHAN/PA iniciou uma série de reuniões, em 2008, para viabilizar um projeto mais consistente, integrado, para a restauração do cemitério da Soledade.

A Superintendente do IPHAN/PA Mária Dorotéa de Lima informou que em 2011, foi feita uma parceria entre este Instituto e a Fundação Cultural do Município de Belém (FUMBEL), para a contratação, por meio de licitação, do Escritório R2, a fim de que este fizesse os levantamentos e elaborasse um projeto de restauração. O arqueólogo Fernando Marques coordenou a pesquisa arqueológica e a arquiteta Thais Sanjad trabalhou na complementação do inventário das sepulturas, já iniciado sob a orientação de João Velozo, restaurador do IPHAN. O projeto foi repassado à prefeitura municipal de Belém, assim como parte dos recursos para as obras, a ser executado no âmbito do PAC das Cidades Históricas. Entretanto, esse projeto foi inviabilizado pela inadimplência do município junto ao Governo Federal. Em 2013, após uma nova parceria entre o governo municipal, estadual e o IPHAN, o projeto foi retomado.

[146] Inventário Nacional de Referências Culturais-INRC. Site do IPHAN. Patrimônio Cultural. Patrimônio Imaterial. Disponível: <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3275> Acesso em 20/07/2014.

O IPHAN/PA têm se mostrado atento às necessidades de preservação do Soledade por se tratar de bem tombado, contudo, pouco foi levantado sobre as pessoas que têm realizado práticas devocionais realizadas naquele espaço por mais de 50 anos. A implementação do projeto de restauro, conservação e adequação, passa também pela aceitação dos usuários daquele bem cultural e pela compreensão das novas relações de apropriação que ali acontecem.

Esta dissertação buscou realizar uma pesquisa com frequentadores e devotos daquela necrópole, no decorrer de 2013, na expectativa de conhecer um cenário cultural com visões plurais e diversas apropriações do mesmo espaço por diferentes atores. Percebeu-se um tipo particular de (con)vivência, social e religiosa, relacionada com o lugar, permeada das práticas de devoção e culto da memória próprias dos cemitérios.

A pesquisa coloca em discussão os novos usos do cemitério e seus significados, assim como problematiza a sua preservação ao estudar a forma como a conservação desse bem cultural tem sido colocada a partir do tombamento. As práticas culturais que ali vêm se desenvolvendo fazem parte da dinâmica social onde o cemitério da Soledade está inserido. Conforme aponta Cecília Londres, é preciso valorizar as "práticas culturais, sentidos e valores vivos, marcos de vivências e experiências que conformam uma cultura para os sujeitos que com ela se identificam[147]".

Ao mesmo tempo, a descoberta de novos valores, práticas e relações, permite traçar um paralelo sobre os desafios que hoje o Soledade enfrenta, quando as instituições de preservação passam a lidar com a cultura imaterial que se desenvolveu por meio das devoções populares. É uma tentativa de trabalhar de maneira integrada o concreto e o abstrato, o palpável e o invisível, o material e o imaterial.

[147] FONSECA, Maria Cecilia Londres. **Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio.** In: O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. Brasília: Ministério da Cultural/Iphan, 2. ed, 2003, p. 38

CAPÍTULO II

2. A ALMA DO CEMITÉRIO DA SOLEDADE

2.1. Orações e devoções

A proibição de sepultamentos no cemitério Nossa Senhora da Soledade aconteceu no dia 14 de agosto de 1880. A partir daí, o cemitério Santa Isabel receberia os enterros. Mesmo assim, o Soledade continuou a ser visitado pelos parentes dos que ali repousavam, especialmente no dia de finados[148].

Mesmo interditado para enterramentos, no ano de 1896 o lugar foi palco de uma das mais memoráveis celebrações de exéquias que a cidade de Belém já contemplou por ocasião da morte do Maestro Carlos Gomes, que passou seus últimos anos de vida em Belém. O sofrimento e a romantização de seu funeral refletiram a teatralização da dor como manifestação de uma afetividade coletiva e as relações entre o individuo e a coletividade, o humano e o sagrado, a vida e a morte.

Segundo Clóvis Moraes Rego, a comoção se abateu sobre a cidade no dia da morte de Carlos Gomes e Belém acordou como se fosse um domingo, "um lindo dia de sol e o ar tinha um perfume de rosas e raízes aromáticas, prenunciando dias festivos[149]". Após ser velado por dois dias no Instituto de Música que recebe o seu nome, sairia de lá a procissão solene rumo ao seu enterro simbólico, no cemitério da Soledade, onde passaria duas semanas até o traslado de seu corpo para Campinas, sua cidade natal[150].

Geraldo Mártires Coelho conta que o funeral do maestro reuniu mais de 10.000 pessoas que se espremiam entre sepulturas e árvores, enquanto esperavam os oradores inscritos se pronunciarem por várias horas. As exéquias se estenderam do dia 16 de setembro até 08 de outubro, quando, então, após solenidade na Catedral Metropolitana o corpo partiu de navio para São Paulo[151]. O relato do funeral de Carlos Gomes registra a importância do cemitério Nossa Senhora da Soledade dentro da vida social da cidade, mesmo após sua interdição e reforça o seu uso por parte da população que o visitava com muita frequência.

---

[148] **O Município de Belém: relatório de Antônio Lemos. 1903**. Publicado em 30 de setembro de 2013 no site UFPA 2.0. Disponível em: http://ufpadoispontozero.wordpress.com/2013/09/30/o-municipio-de-belem-relatorio-de-antonio-lemos-1903/ Acessado em 09/07/2014

[149] MORAES REGO, Clóvis. **Carlos Gomes no Pará.** Belém L&A Editora, 2004. p. 93 – 110.

[150] ARRAES, Rosa e RODRIGUES Paula. **Morrer em Belém no fim do século XIX: o caso das pomposas exéquias do Maestro Carlos Gomes.** No prelo. 2014.

[151] COELHO, Geraldo M. **O brilho de supernova: a morte bela de Carlos Gomes**. Rio de Janeiro: Agir, 1995. p.158

Conforme o relatório de Antônio Lemos, de 1903, embora não existissem mais enterramentos no Soledade, algumas ossadas e corpos embalsamados ainda eram levados para lá, sendo depositados em "túmulos apropriados e depósitos especiais". A capela era conservada em bom estado, com todos os "paramentos e alfaias" necessários ao culto católico, o que indica a manutenção dos serviços litúrgicos no local[152].

O relatório informa sobre o esmero nas celebrações que ali ocorriam, especialmente no dia de finados. A decoração era feita para honrar os mortos e impressionar aqueles que os visitavam. Pelas descrições contidas no documento, desde aquela época o cruzeiro já recebia "centenas" de velas pelas almas dos falecidos.

> Também na Soledade celebraram-se este anno, com a costumada solennidade, as cerimonias do dia de finados. Recebera a capella artística e elegante decoração, executada pela casa A. P. de Lemos & Cia. Desde o altar-mór até à porta, estavam as paredes forradas de setineta rôxa, ornada de galões doirados e prateados. Pendiam do tecto bambinelas de veludo arroxeado, com guarnições de prata. No centro do templo, foi armado um tumulo, que pesado veludo negro cobria: este pano estava bordado a alto relevo, com guarnições egualmente de oiro e prata. Quatro tocheiros rodeavam o tumulo. Do alto da porta da capella descia grande reposteiro pesado ainda de gorgorão rôxo com bordado de prata. Numerosas flôres, tanto artificiaes como naturaes, entremeiadas de viridentes palmas, juncavam o altar-mór. No centro da avenida principal que vae do portão à capella, eleva-se a grande cruz de mármore, toda enfeitada de flores, com duas grinaldas de *biscuit* em ambos os braços, tendo pétalas várias e centenas de velas em torno[153].

O texto acima reforça a importância do cemitério da Soledade e sua função social e cultural para a população da cidade de Belém, tendo continuado como lugar de visitação mesmo após ser interditado. Maria Elizia Borges cita que cemitérios eram locais "onde se operacionalizavam os compromissos essenciais, presentes nas práticas espontâneas dos fiéis calcados no discurso da Igreja Católica Apostólica Romana[154]". Era o caso do Soledade.

---

[152] BELÉM, O Município de. **Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15 de novembro de 1904, referente ao ano de 1903**, pelo Intendente Municipal Senador Antonio José de Lemos. Belém: Typographia de Alfredo Augusto Silva, 1904.

[153] BELÉM, O Município de. **Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, referente ao ano de 1906, pelo Intendente Municipal Senador Antonio José de Lemos**. 5º volume. Belém: Archivo da Intendência Municipal, 1907.

[154] BORGES, Maria Elizia. **Arte Funerária: apropriação da Pietá pelos marmoristas e escultores contemporâneos. Estudos IberoAmericanos**, Porto Alegre, v. XXIII n. 2. 1997. p. 137

Com o passar do tempo, um fenômeno comum a outros cemitérios deste tipo iria se desenvolver também no Soledade com muita intensidade. Trata-se da devoção às santas almas e a santos "milagreiros" e populares, que se configura, por vezes, como uma espécie de troca material e simbólica entre vivos e mortos; entre o mundo físico e o transcendente. A devoção às almas consiste em visitas semanais ao cemitério, por nove segundas-feiras consecutivas, acompanhadas de orações e oferendas, na busca da obtenção de uma graça ou milagre. Este tema será tratado no Capítulo III desta dissertação, onde será vista a recorrência das orações pelas almas dos mortos, ainda na Idade Média, e a relação existente entre esta prática e o ensinamento católico sobre o Purgatório, que seria o destino das almas em busca da "purificação" necessária para se atingir o Paraíso[155].

No cemitério da Soledade, em Belém. Não foi possível precisar e especificar exatamente quando e como aconteceram as primeiras demonstrações de devoção às santas almas e aos santos populares dentro da necrópole. Uma das mais antigas referências sobre o assunto vem do ano de 1963, em um artigo de Mário Barata. No texto, o historiador já citava a existência da visitação a sepulturas de pessoas tidas como "milagrosas", como era o caso do túmulo de Raimunda Picanço[156]. (Anexo 17). Isto já sinaliza um período superior a 60 anos, no qual os devotos se dirigem àquela necrópole no intuito de honrar seus mortos e rezar pelos que já se foram.

Quase 10 anos depois, o sociólogo Walcyr Monteiro iria realizar pesquisas específicas sobre o culto das almas em diversos cemitérios de Belém. Entre os anos de 1971 e 1972, observou-se que havia um procedimento seguido pelos fiéis desejosos de alcançar graças, que consistia em um compromisso de visitação ao cemitério por nove segundas-feiras, ininterruptamente. Ali, era feita a recitação de um Rosário, devoção mariana que, segundo a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos (departamento da Igreja Católica), consiste na oração de 03 Terços seguidos[157]. A Oração das Santas Almas, com o pedido particular do fiel, deveria ser lida entre o 2º e o 3º Terço. Dentre os principais motivos pesquisados e identificados pelo pesquisador para que os fiéis realizassem a "Novena das Almas" foram listados:

---

[155] LE GOFF, Jacques. **O Nascimento do Purgatório**. São Paulo: Estampa 1995

[156]BARATA, Mário. Valor Urbanístico do Cemitério da Soledade, 1963. **Dossiê de Tombamento do Cemitério da Soledade.** Arquivo Central do IPHAN/Rio de Janeiro, Processo nº 0376 - T - 48.

[157] Cada Terço é composto de 01 Credo, 06 Pai-Nossos, 53 Ave-Marias, 06 Glórias e 01 Salve-Rainha, recordando os Mistérios da Vida de Jesus Cristo, que são: Gozozos, Dolorosos e Gloriosos (Fonte: Directorio Sobre la Piedad Popular y la Liturgia: Principios y Orientaciones. Ciudad del Vaticano. 2002. Congregación para el Culto Divino y la Disciplina de los Sacramentos. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20020513_vers-direttorio_sp.html> Acesso em: 28/07/2014.

> Pedidos de casamento (...), solução de problemas domésticos, solução de problemas financeiros, pedidos de emprego, pedidos para passar nos exames vestibulares para a Universidade ou simplesmente passar de série em qualquer nível de ensino, ou até mesmo pela destruição de rivais, adversários ou inimigos[158].

Walcyr Monteiro observou, ainda, que as orações para as almas em geral eram feitas no Cruzeiro do cemitério, enquanto os casos das devoções a almas específicas, tidas como verdadeiros "santos populares", possuíam suas próprias orações que deveriam ser rezadas em cada um dos túmulos (Anexo 40). Além de orações, também havia casos de promessas materiais, com oferenda de velas, flores, fitas e placas de agradecimento[159].

Atualmente, foram identificadas mudanças com relação às sepulturas mais visitadas e os tipos de oferendas, mas o caráter devocional ainda é a principal função exercida na necrópole pelas pessoas que a visitam. A pesquisa com frequentadores, apresentada neste capítulo, buscou compreender essa apropriação do espaço, estabelecendo um diálogo com outras pesquisas ali desenvolvidas sobre o tema, como é o caso de Marlon Lima da Silva. Ele menciona que:

> Ainda que outros usos também se façam presentes, como a visitação aos túmulos de familiares e o uso turístico, é a prática do culto aos santos populares que representa o grande polo de atração dos frequentadores do cemitério[160].

Pesquisadores de cultos populares no cemitério de São João Batista, em Manaus, detectaram especificidades naquela necrópole que podem também ser notadas no cemitério Nossa Senhora da Soledade. Segundo Fabiane Vinente dos Santos e Jean Ricardo Ramos Maia, as devoções apresentam-se no cemitério de Manaus de duas formas. A primeira delas é apenas a visitação, onde o fiel se dirige ao túmulo para rezar, acender velas ou colocar flores. A outra forma se dá por meio da promessa, em que é firmado um compromisso do fiel com o seu santo de devoção[161].

---

[158] MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**, 6ª ed. Belém: Cromos Editora. 2012. p. 175

[159] *Idem.*

[160] SILVA, Marlon Lima da. **Gestão e uso do patrimônio cultural: o culto aos santos populares no Cemitério Nossa Senhora da Soledade, Belém-PA.** Trabalho desenvolvido sob orientação da Profª. Drª. Ruth Künzli, durante o Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD) UNESP-UFPA. 2013.

[161] SANTOS, F. V; MAIA, J. R. R. **Hagiografia de cemitério: história social e imaginário religioso nas canonizações populares em Manaus**. *In:* Os Urbanitas - Revista de Antropologia Urbana, São Paulo, v.5, n.8, 2008. Disponível em: <www.osurbanitas.org/osurbanitas8/vinente&maia-08-2008.html> Acessado em 29/07/2014

> Um benefício é pedido em troca de uma dádiva, que pode ser uma benfeitoria no próprio túmulo do santo – como, por exemplo, o erguimento de uma nova lápide, a construção de um jazigo, o pagamento de anúncios nos jornais divulgando a graça - prática também muito comum para pagar promessas de santos 'oficiais'(...), um ex-voto relacionado à graça recebida ou, até mesmo, o martírio do próprio corpo, como subir a escadaria de uma Igreja de joelhos ou a privação de algo prazeroso durante determinado período de tempo[162].

No caso do Soledade, embora existam casos de fiéis que visitam o lugar apenas para orar, a exteriorização da promessa por meio de oferendas é a mais usual. Percebe-se dois tipos de devoções no Soledade: a primeira se relaciona a uma devoção específica, direcionada unicamente a um "santo" eleito pelo povo, como é o caso da Preta Domingas, Menino Zezinho, Raimunda Picanço, dentre outros. A segunda forma é a devoção geral que engloba todas as "santas almas" do Purgatório e que, com frequência, se funde com as devoções individuais por serem todas consideradas merecedoras de orações.

Com relação à exteriorização das promessas, foi possível perceber alterações que ocorreram ao longo dos últimos quarenta anos. Walcyr Monteiro informa que na década de 1970 era comum os fiéis depositarem velas, flores, fitas e papéis com orações nos túmulos de devoção. No caso do Menino Cícero, além das ofertas acima mencionadas eram colocados brinquedos e bonecos de cera. Isto não ocorre mais. Além disso, alguns devotos retribuíam as graças alcançadas mandando fazer benfeitorias nas sepulturas, como foi o caso do jazigo de Raimundinha Picanço, que tem a indicação de que foi ofertado por uma devota agradecida[163].

Por meio de uma análise comparativa entre as oferendas feitas nos últimos 40 anos, nota-se que importantes detalhes foram acrescidos. Nos casos de devoções específicas ainda permanecem as doações de velas, flores e fitas. Contudo, novos elementos surgiram, como por exemplo: imagens de santos, água, bombons, pirulitos, pipocas, refrigerantes, bolos, até peças de vestuário como camisetas e bonés. Estes dois últimos itens são específicos do túmulo do Menino Zezinho (Img. 45), que é o único dentro do cemitério da Soledade onde ocorre este tipo de oferenda.

---

[162] SANTOS, F. V; MAIA, J. R. R. **Hagiografia de cemitério: história social e imaginário religioso nas canonizações populares em Manaus**. *In:* Os Urbanitas - Revista de Antropologia Urbana, São Paulo, v.5, n.8, 2008. Disponível em: <www.osurbanitas.org/osurbanitas8/vinente&maia-08-2008.html> Acessado em 29/07/2014

[163] MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**, 6ª ed. Belém: Cromos Editora. 2012. p. 187 – 188.

A força das devoções populares tem sido objeto frequente de reportagens jornalísticas, que embora não reconheçam ser esta uma particularidade do Soledade, em Belém, uma vez que manifestações semelhantes são relatadas em todo Brasil, são unânimes em apontar a importância dessa prática na apropriação atual do espaço. Segundo Alexandra Cavalcante:

> Em qualquer dia, todos os meses, o ano inteiro. Aglomeração em volta de um túmulo, pode apostar, é "santa" do povo. Por elas os fiéis disputam espaço para deixar flores, os mais diversos pedidos, bilhetes, velas, placas e homenagens fervorosas a santas que a Igreja não reconhece como tal. As "santas" populares atraem milhares de fiéis no Brasil inteiro. Em alguns casos, as histórias se parecem em vários aspectos e, quase sempre, padecem de informações mais concretas[164].

Em notícia vinculada no *Diário do Pará* foi descrito que:

> De mortos com o dom de operar milagres, o cemitério da Soledade está cheio. Basta olhar para as sepulturas enfeitadas com velas, terços, placas. Há o de Raimunda Picanço, do menino Cícero, da pequena Januária - que morreu com um ano de vida. Há de médicos, advogados, escravos[165].

Anderson Araújo ressalta, entretanto, que:

> O que mantém o Cemitério da Soledade como espaço ativo e muito frequentado em Belém é o culto das almas, realizado todas as segundas-feiras. São os muitos devotos do Menino Zezinho, do Menino Cícero, da Menina Januária, dos Gêmeos, da Preta Domingas e da Escrava Anastácia que encontraram no espaço uma forma tipicamente brasileira de praticar o catolicismo[166].

O cemitério de Santa Izabel, que entrou em funcionamento no ano de 1874, em substituição ao Soledade, também é pródigo nestas práticas devocionais. Portanto, a partir da leitura do material vinculado na imprensa publicado ao longo dos anos sobre o Soledade e o Santa Izabel, pode-se verificar que a preocupação a preservação destas necrópoles, especialmente o Soledade, está frequentemente associada com o seu uso devocional.

---

[164] CAVALCANTI, Alexandra. **Em reverência às santas populares**. Editoria do Caderno Mulher. O Liberal. Disponível em: <http://201.59.48.71/oliberal/arquivo/noticia/mulher/n02112003default.asp> Acesso em: 08/01 /2013.

[165] Soledade: guerra diária entre tempo e memória. Seção Pará, **Diário do Pará**. Publicado em Terça-feira, 01/11/2011.

[166] ARAÚJO, Anderson**.** Abandono centenário degrada Soledade. Caderno Poder pg. 21. Jornal **O Liberal**. Publicado em: 13 de novembro de 2011.

2.2. A PESQUISA COM FREQUENTADORES DO CEMITÉRIO

Toda pesquisa é um processo de construção do conhecimento. Além de ser um ato de indagação e averiguação da realidade possível de ser apreendida[167], pesquisar é buscar o conhecimento e interpretação de fatos de maneira mais aprofundada. É um recurso usado para reunir e analisar importantes informações sobre diferentes temas. Quando uma pesquisa deixa de ser um mero instrumento quantitativo e passa a ser um diálogo entre pesquisador e pesquisado, as possibilidades se agigantam.

Surgiu, a partir do contato com as devoções que têm lugar no cemitério da Soledade, a necessidade de se realizar uma abordagem etnográfica dos frequentadores daquele espaço, buscando apreender o relacionamento entre esses sujeitos, com ênfase nos aspectos subjetivos. James Clifford postula que a pesquisa não deve ser vista apenas como uma experiência e uma interpretação de uma realidade circunscrita, por parte do pesquisador, mas sim, como a negociação construtiva que envolve dois ou mais sujeitos, dando origem a padrões discursivos de diálogo e "polifonia", configurando-se como uma relação dialógica entre entrevistador e entrevistados[168].

Adotamos, aqui, a contribuição da antropologia interpretativa de Clifford Geertz[169], através da qual a abordagem etnográfica é valorizada, levando o pesquisador a buscar o entendimento do que acontece em um lugar ou sociedade, reconhecendo que ele se encontra dentro do próprio acontecimento. Através do método de *descrição densa*, percebe-se um modo de conceber o trabalho de pesquisa baseado na definição e interpretação dos sujeitos estudados e nas diferentes maneiras que as pessoas compreendem o seu redor, bem como as próprias ações dos outros membros de seu grupo. Essas interações são feitas por meio de símbolos e processos, onde os sujeitos estabelecem significado às suas ações.

Por muito tempo, as práticas discursivas e seletivas de preservação do patrimônio estiveram mais ligadas aos aspectos estéticos, físicos e materiais, que relegava os atributos culturais, a memória coletiva e mesmo pessoal, a um segundo plano. Pensar a memória como uma construção processual é reconhecê-la como um sistema cultural de atribuição de significados produzidos ao longo do tempo. A própria ressemantização do termo patrimônio

---

[167] FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa.** – 3.ed. totalmente revisada e ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 1556

[168] CLIFFORD, James. Sobre a alegoria etnográfica. *In*: **A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

[169] GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. p. 13-41.

(de "histórico e artístico nacional" para "cultural") significou um movimento no sentido de ir além dos aspectos materiais. Márcia Chuva, ao discorrer sobre este processo, recorda a importância da inclusão do tema na Constituição Brasileira de 1988.

> Tendo acompanhado o processo de ampliação do campo do patrimônio que se deu em todo o mundo ocidental, o texto constitucional consolidou uma noção ampla e plural da identidade brasileira, trazendo para a cena jurídico-política a noção de bens culturais de natureza imaterial[170].

Neste ponto, ressalta-se a importância, para este trabalho, da relação entre memória e oralidade, tanto do ponto de vista antropológico, como histórico. O desenvolvimento da pesquisa com os frequentadores do Soledade foi importante para conhecer as relações que se desenvolviam no espaço do cemitério, com um mapeamento das principais devoções, bem como suas expressões e sentidos.

Pierre Nora, ao discorrer sobre os *lugares de memória*, faz uma distinção entre eles classificando-os como locais, materiais (concreto) ou imateriais (abstrato, simbólico e funcional), onde a memória de um grupo, sociedade ou até nação é cristalizada, possibilitando a eles um sentimento de pertencimento e identidade[171]. No caso do Soledade, entretanto, são poucos os estudos sobre as pessoas que frequentam o cemitério, relacionadas com a manifestação devocional que ali acontece às segundas-feiras. Sabe-se que o lugar há muito tempo não recebe mais enterramentos, pois foram apenas 30 anos de uso neste sentido. Entretanto, existem pessoas que o frequentam há mais de 50 anos como local de visitação e devoção. Este fato parece ser um motivo bastante forte para que os sentidos atribuídos por elas sejam relevantes na proposição de políticas públicas para o local.

Com base em aulas de Analucia Thompson sobre o uso e importância das fontes orais em pesquisas[172], foi possível identificar as potencialidades neste trabalho. Uma das expectativas com a pesquisa é ouvir vozes de interlocutores, geralmente ignorados. Marieta de Moraes Ferreira e Janaina Amado, em seus estudos sobre o testemunho oral, postulam que este recurso

---

[170] CHUVA, Márcia Regina Romeiro (org.). Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, 2011.
[171] NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.
[172] Analucia Thompson, Disciplina "Memória e Oralidade", ministrada em maio de 2013, **I Módulo de Aulas** do Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural do IPHAN, Rio de Janeiro.

> possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos... (...) essa característica permitiu inclusive que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos[173].

Os frequentadores do cemitério da Soledade não parecem estar preocupados em defender teorias ou justificar políticas públicas. Eles agem como informantes da subjetividade da experiência humana para o pesquisador, a partir do momento que adicionam dados até então não alcançados pelas fontes escritas, proporcionando uma espécie de cruzamento de informações, perspectivas, entre fontes orais e escritas. Desta forma, se possibilita o surgimento de novos campos, hipóteses e visões sobre os fatos.

A pesquisa realizada com frequentadores do cemitério da Soledade foi feita de maneira individualizada e por meio de questionários semiestruturados, aplicados a um determinado percentual de pessoas que se encontravam na necrópole, e complementada pela experiência da *observação participante*.

Ao comentar sobre a obra de William Foote White, Licia Valladares discorre sobre os princípios da *observação participante*, destacando a importância do pesquisador saber que se trata de um processo longo, em que ocorrem negociações de aceitação entre ele e os sujeitos, que demandam justificações e até mesmo a necessidade de um intermediário que lhe facilite o acesso ao grupo. Isto implica que esta prática é "repleta de dilemas teóricos e práticos que cabe ao pesquisador gerenciar[174]".

Wander de Lara Proença, de maneira mais específica, cita que a pratica da *observação participante* é indicada para pesquisas no campo religioso brasileiro, uma vez que o pesquisador pode ser levado a conclusões equivocadas, porque suas crenças pessoais diferem do grupo[175]. Esta teria sido uma das principais preocupações desta mestranda, desde o início da realização da pesquisa.

---

[173] FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina; (Org.) Apresentação. In: **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. xiv.

[174] VALLADARES, Licia. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 63, Fev/2007.

[175] PROENÇA, Wander de Lara. Contribuições do Método da Observação Participante para pesquisas no campo religioso brasileiro. **Revista Antropos** – Volume 2, Ano 1, Mai/2008. Disponível: <http:// revista.antropos.com.br/downloads/Artigo%202%20-%20O%20m%E9todo%20da%20observa%E7%E3o%20participante%20-%20Wander%20de%20Lara%20Proen%E7a.pdf> Acesso em: 18/09/2014.

> Um dos desafios que se apresenta ao pesquisador de temas religiosos reside no risco de emitir parecer ou prescrever conclusões precipitadas, superficiais ou calcadas em juízos de valor marcados por sua própria crença. Ou seja, cometer incoerências em relação às maneiras como os próprios participantes do grupo em estudo vivenciam sua fé e atribuem significados às suas práticas e comportamento[176].

A partir da experiência da disciplina "Memória e Oralidade[177]", o tipo de pesquisa adotado aqui foi a de "história oral temática", onde o foco central de abordagem acontece nas relações existentes entre as pessoas que frequentam o espaço. Com base em Paul Thompson, levou-se em consideração o fato de que "a memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos[178]".

Um roteiro foi delimitado tendo em vista as expectativas da pesquisa. A elaboração do questionário semiestruturado (Anexo 38), combinando perguntas abertas e fechadas, foi facilitada pela experiência e contato anterior com o objeto, que tem sido motivo de pesquisas documental e histórica por mais de uma década[179]. A tabulação das respostas possibilitou uma análise dos dados de forma conjunta.

As entrevistas com frequentadores do cemitério da Soledade foram precedidas de conversas com o zelador Wálter, com o responsável pelos serviços litúrgicos na Capela, o Diácono Brito, e com o vendedor de velas João Paulo. Eles foram agentes importantes para facilitar o acesso aos entrevistados, exortando-os a participar das entrevistas, uma vez que a abordagem das pessoas em um ambiente introspectivo como de um cemitério não é tarefa fácil. Geralmente, as pessoas que ali se encontram estão em um momento reflexivo e de oração; algumas em sofrimento ou fazendo promessas desesperadas; outras, ainda passando por momentos de perda. Estes fatores dificultam o contato do pesquisador com o entrevistado. Em certa medida, para o devoto, trata-se de uma pessoa estranha que quer saber de sua vida, suas crenças e devoções. Apesar da dificuldade inicial, as entrevistas transcorreram com relativa tranquilidade, alternando o turno da manhã e da tarde.

---

[176] PROENÇA, Wander de Lara. Contribuições do Método da Observação Participante para pesquisas no campo religioso brasileiro**. Revista Antropos** – Volume 2, Ano 1, Mai/2008. Disponível: <http://revista.antropos.com.br/downloads/Artigo%202%20-%20O%20m%E9todo%20da%20observa%E7%E3o%20participante%20-%20Wander%20de%20Lara%20Proen%E7a.pdf> Acesso em: 18/09/2014.

[177] Analucia Thompson, Disciplina "Memória e Oralidade", ministrada em maio de 2013, **I Módulo de Aulas** do Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural do IPHAN, Rio de Janeiro.

[178] THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

[179] RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **O Tempo e a Pedra**. Belém/PA, 2003

Com o auxílio do encarregado de manutenção do cemitério, Luiz Wagner Henrique Brito, foi feita uma contagem do número de pessoas que entraram no cemitério da Soledade para realizarem novenas durante todo o dia 14 de janeiro de 2013. Contabilizou-se um total de 223 pessoas, adotando-se então a média de frequência de 200 pessoas por dia. Esse número foi usado para se estabelecer um número adequado de entrevistas a serem feitas.

Foi adotada, como referência, a base de cálculo do site *Cuali Pesquisa e Sistema*[180], que relaciona o universo total estudado, o número de entrevistas e uma margem de erro, baseados em conceitos matemáticos e de estatística. Assim, foi admitido um cálculo de amostragem com margem de erro de 10% para um universo de 200 pessoas, que resultou em um total de 66 pessoas a serem entrevistadas. Por meio desse recorte, foi possível determinar um subconjunto representativo, dentro de uma totalidade de pessoas que visita regularmente o Soledade às segundas-feiras, pois nos demais dias da semana o espaço permanece fechado ao público. Algumas posturas foram adotadas durante a pesquisa:

1) Foi explicado ao entrevistado o teor da pesquisa e como ele, através de seu depoimento, estaria colaborando com o projeto;
2) Desde o início da entrevista, foi informada a Instituição a qual a pesquisadora estava vinculada, o IPHAN/PA.
3) Foram explicitados ao entrevistado, com clareza, os objetivos da pesquisa e as possíveis formas de divulgação;
4) Houve o empenho para não se criar falsas expectativas;
5) Optou-se pela identificação opcional do entrevistado, na busca de uma maior liberdade dos depoimentos;
6) Informações adicionais coletadas e/ou consideradas relevantes para a pesquisa foram anotadas no verso do papel.

Com relação à transcrição das entrevistas feitas no cemitério da Soledade, foi adotada a textualização, onde foram reparados pequenos erros gramaticais e reparadas algumas palavras sem peso semântico, sem interferir no conteúdo relatado pelas pessoas. Ao final da fase de entrevistas, estes questionários totalizaram 69 depoimentos, sendo três descartados por haverem sido respondidos em conjunto, o que dificultaria o processo de sua análise.

[180] Site Cuali Pesquisas e Sistemas. Ferramentas. **Cálculo de amostras**. Disponível em: <http://cuali.com.br/ferramentas> Acesso em: 20/09/2013.

A partir dos 66 questionários selecionados, foi feito um agrupamento de maneira a possibilitar um cruzamento de visões e informações. As questões quantitativas foram compiladas, comparadas e analisadas, dando origem às análises e gráficos apresentados a seguir, de maneira a facilitar o entendimento das informações obtidas. Os principais questionários dos participantes da pesquisa oral serão apresentados no Anexo 39.

O gráfico abaixo está relacionado com o motivo pelo qual as pessoas frequentam o cemitério da Soledade. As respostas obtidas enfatizaram o caráter devocional assumido pela necrópole. Enquanto apenas 7 pessoas (10%) declararam interesse por motivos históricos e artísticos, a grande maioria, (54 pessoas, 76% dos entrevistados), vai ali por motivos devocionais. Dentre elas, 5 citaram interesse pela parte histórica do cemitério, daí o total de opiniões resultar em 71 respostas, em um universo de 66 entrevistados.

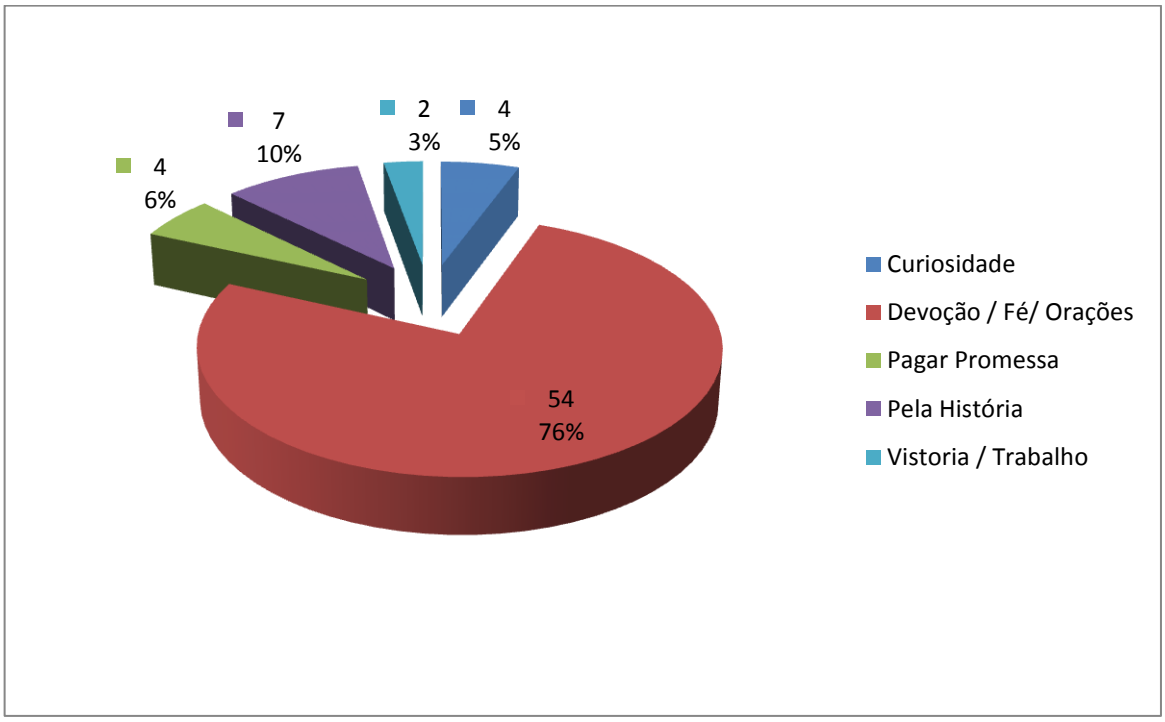


Gráfico 01 – Motivos para frequentar o Soledade

Vale ressaltar que a pesquisa ocorreu nos dias de 2ª feira, dia da devoção às almas, que é o único dia em que a necrópole fica aberta ao público. Este resultado ratifica a importância de se respeitar e valorizar esta manifestação cultural de caráter imaterial e não apenas se pensar nos aspectos estéticos e artísticos do espaço.

O gráfico 2 corresponde à sistematização de informações resultantes da pergunta: "O que você sabe sobre o Soledade", que buscou inferir o nível de conhecimento dos frequentadores sobre um bem cultural que é tombado pelo IPHAN, bem como sua relevância

histórica, social, cultural e artística para a cidade de Belém. O resultado mostrou o desconhecimento por parte dos entrevistados dos valores históricos, artísticos e paisagísticos atribuídos ao Soledade, valores estes que foram reconhecidos no seu tombamento em nível federal, no ano de 1964.

Somando os 11% das pessoas que afirmavam não saber mais informações sobre o cemitério com os 54% daqueles que reconheciam "só saber que ele era antigo", chegou-se a um total de 65% sem conhecimento específico sobre a relevância do Soledade enquanto bem cultural nacional. Este fato mostra que o apelo do cemitério, o motivo pelo qual eles o frequentam com regularidade, está no seu contexto religioso e devocional.

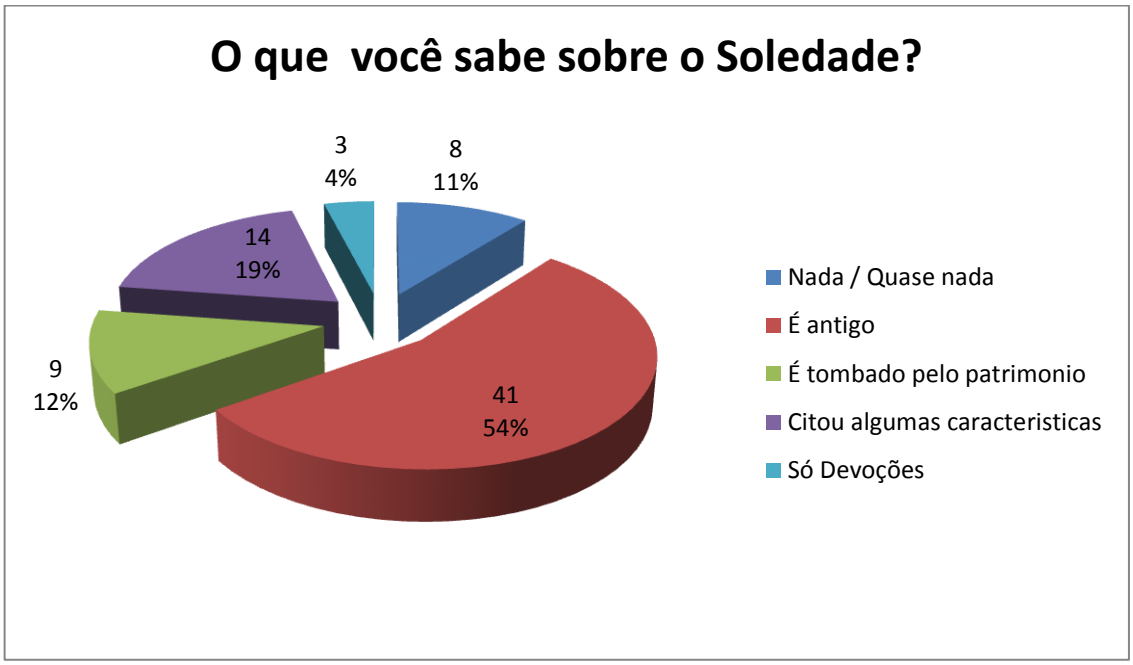


Gráfico 2: Conhecimento sobre o reconhecimento e tombamento do Soledade como bem cultural

A seguir, o Gráfico 3 demonstra as diferentes razões pelas quais os frequentadores começaram a ir ao cemitério. Surpreendeu o percentual significativo de 24% dos entrevistados que foi levado lá ainda na tenra idade, por seus pais ou avós. Ao ser entrevistada, a engenheira civil Ana Mendes mencionou que sua primeira visita ao cemitério da Soledade foi há mais de 30 anos, trazida por sua mãe. Ao responder sobre o motivo que a levava a frequentar o lugar, disse: "Por tradição. Minha mãe era devota das almas. Agora que ela morreu, eu acendo as velas por ela e aproveito para rezar pela minha mãe[181]". Aparecida Brígida é devota há mais tempo que Ana e menciona o tempo que frequenta o cemitério: "Desde os meus 10 anos de idade,

[181] Ver entrevista de Ana Maria Borges Leal Mendes, 2013, Anexo 39.

quando vinha trazida por minha mãe. Venho aqui há mais ou menos 45 anos[182]". Da mesma forma, Jocimar Lima também veio trazido por sua mãe: "Minha mãe me trouxe a primeira vez. Venho aqui há mais de 50 anos (...). Sei o que meus pais me contavam, sobre muitas pessoas enterradas aqui que faziam milagres[183]".

Percebe-se a devoção aos ícones da devoção popular como um legado que vem sendo passado dos pais para os filhos, como um ensinamento que vem sendo mantido por gerações. Surge aqui uma convergência entre a natureza material e imaterial do bem: a preocupação com a preservação para futuras gerações.

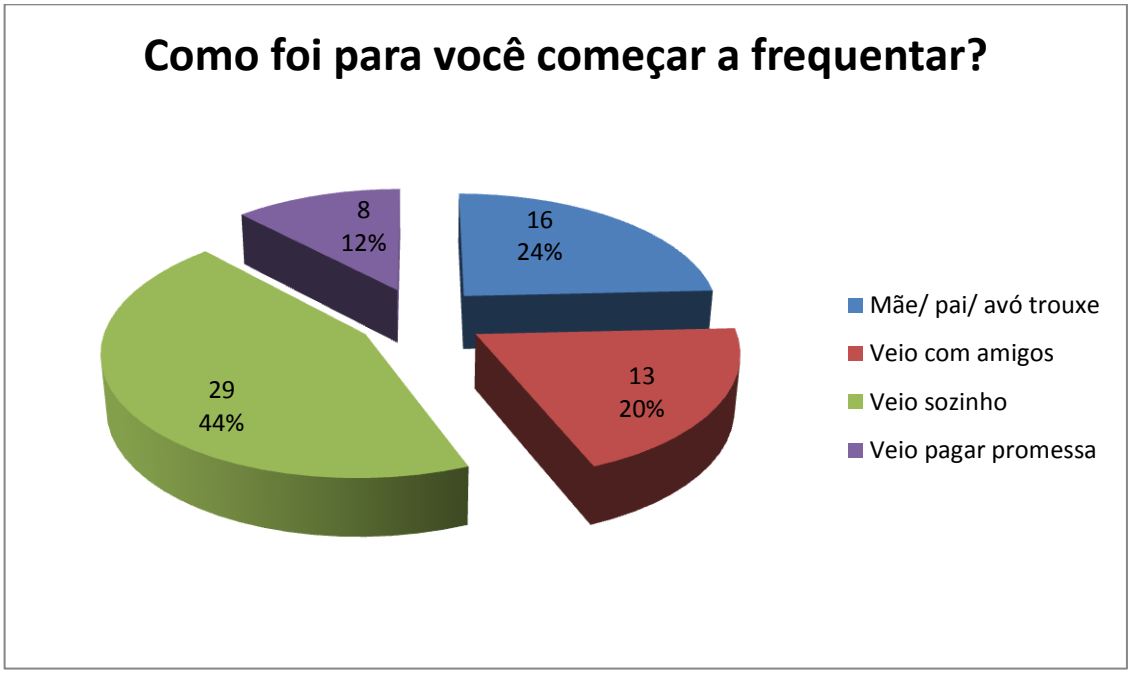


Gráfico 3: Como começou a frequentar o Cemitério

Outro fator considerado foi o tempo decorrido desde a primeira visita ao cemitério, ou seja, por quanto tempo as pessoas vêm frequentando o Soledade para exercer sua devoção. Este é um fator importante quando se recorda que o tempo de uso do Soledade para a função de enterramentos foi de apenas 30 anos e não haveria, em princípio, razão para continuar sendo visitado com frequência.

A realização das entrevistas comprovou que as devoções já existem há mais tempo do que o período de três décadas de funcionamento do cemitério. Cinco pessoas entrevistadas (8%) relataram frequentar o Soledade por um período superior a 50 anos. Os dois maiores percentuais abrangem o período entre 10 e 30 anos (32%) e entre 30 e 50 anos (25%), em um

[182] Ver entrevista de Aparecida Santa Brígida, 2013, Anexo 39.
[183] Ver entrevista de Jocimar de Lima, 2013, Anexo 39.

total de 36 pessoas dentre os entrevistados, mostrando a longevidade destas devoções, como pode ser comprovado no Gráfico 4.

Um depoimento interessante foi do professor João Guilherme Corrêa, que relatou como há algumas décadas atrás havia uma maior proximidade das pessoas com o cemitério da Soledade, que era visitado tanto por crianças, que ali exercitavam suas brincadeiras infantis, mas também por adultos, por causa das missas ali celebradas.

> (...) venho desde criança, já tem quase 60 anos. Lembro de frequentar a missa das 07h da manhã, que era lotada de gente. Ele está nas minhas lembranças de infância. Eu e meus amigos vínhamos brincar de bola e esconde-esconde aqui. O tempo passa, mas eu continuo tendo a mesma sensação que trago da infância Depois que cresci, comecei a trazer comida para o Filé (cachorro). Além disso sou devoto das almas[184].

Muitas das pessoas que visitam o cemitério da Soledade por devoção às almas já o fazem por muitos anos, entretanto um número expressivo de pessoas declarou frequentar o cemitério há menos de um ano, como foi o caso de 11 entrevistados (17%). Possivelmente, isto seja resultado do surgimento de novas devoções. Ao mesmo tempo, é possível que tenham surgido novos interesses de visitação, já que, dentre os frequentadores, uma parte declarou estar ali por interesse histórico e curiosidade.

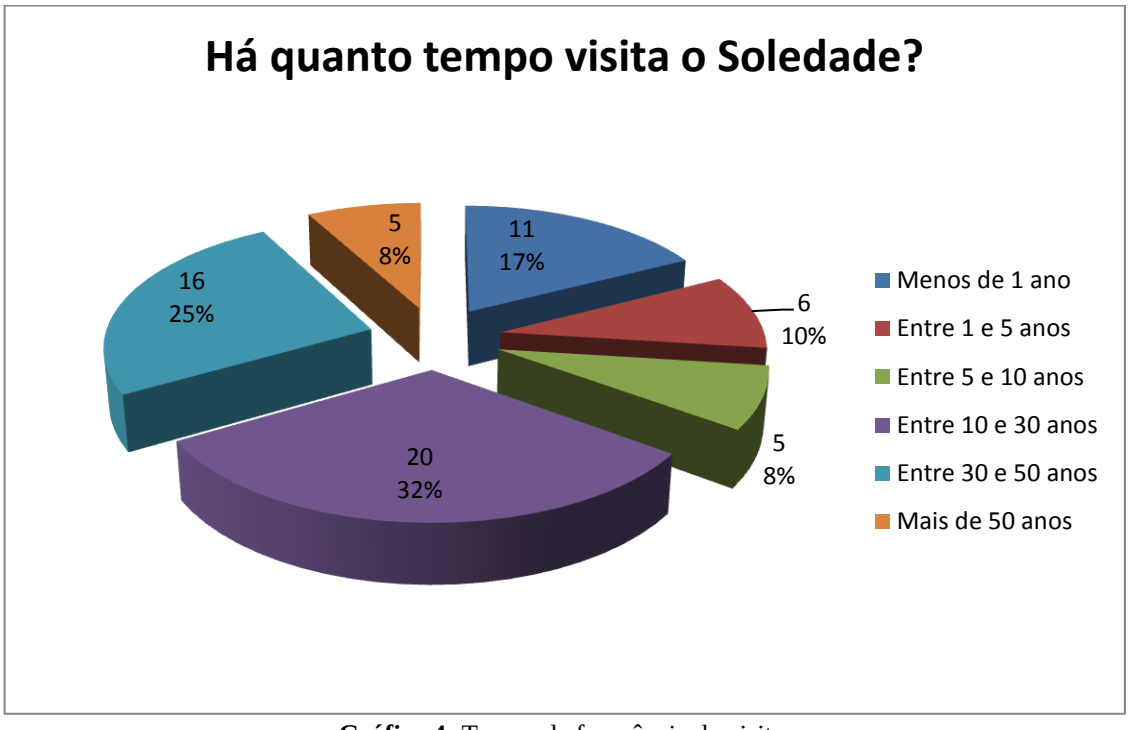


Gráfico 4: Tempo de frequência de visitas

[184] Ver entrevista de João Guilherme Viana Corrêa, 2013, Anexo 39.

Os frequentadores foram questionados se possuíam e/ou visitavam túmulos de parentes no cemitério. O Gráfico 5 registra que a maioria (98%) não tinha nenhum conhecido enterrado ali. Esta constatação não foi propriamente uma surpresa, uma vez que, durante anos de pesquisa no local, poucas vezes foi encontrado alguém que estivesse visitando o túmulo de algum parente. Os enterramentos no Soledade cessaram desde 1880, portanto, muitas famílias já perderam a referência de seus antepassados. Dentre os entrevistados, apenas a aposentada Maria de Lourdes Vaz disse ter parentes enterrados ali, fato este relatado por sua avó. Todavia, não soube identificar o túmulo.

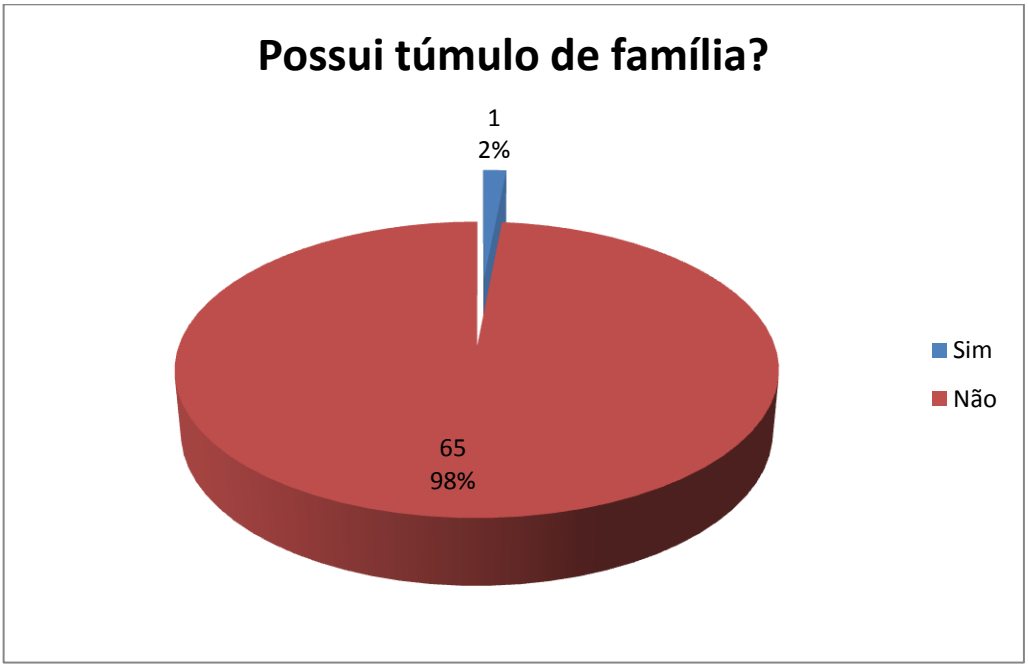


Gráfico 5: Túmulos de familiares

A pergunta seguinte do questionário se referia aos principais túmulos de visitação. As informações obtidas se tornaram importantes para o *Projeto de Restauração, Conservação e Readequação do Cemitério Soledade*, cuja articulação entre governo federal, estadual e municipal viabilizou o início de suas atividades nos primeiros meses de 2014[185]. A Secretaria do Estado de Cultura do Pará – SECULT – se dispôs a coordenar a execução do projeto executivo e os dados obtidos na pesquisa lhe foram repassados, a fim de subsidiar um melhor planejamento de acesso e estrutura de apoio a estas sepulturas.

A pergunta pedia aos entrevistados que enumerassem nominalmente os túmulos que costumavam visitar. A maioria citava o Cruzeiro, pois ele também é local de visitação. Neste ponto, percebeu-se que a pergunta havia sido mal formulada ao usar o termo túmulo. O mais

[185] Ver Item 1.4. A Situação até o ano de 2014, no Capítulo I: O bem de natureza material.

adequado seria: “Quais os locais dentro do cemitério que você visita?”. Apesar disto, as sepulturas mais visitadas foram nominalmente citadas e a pesquisa não foi prejudicada. As respostas dadas foram compiladas e geraram o Gráfico 6:

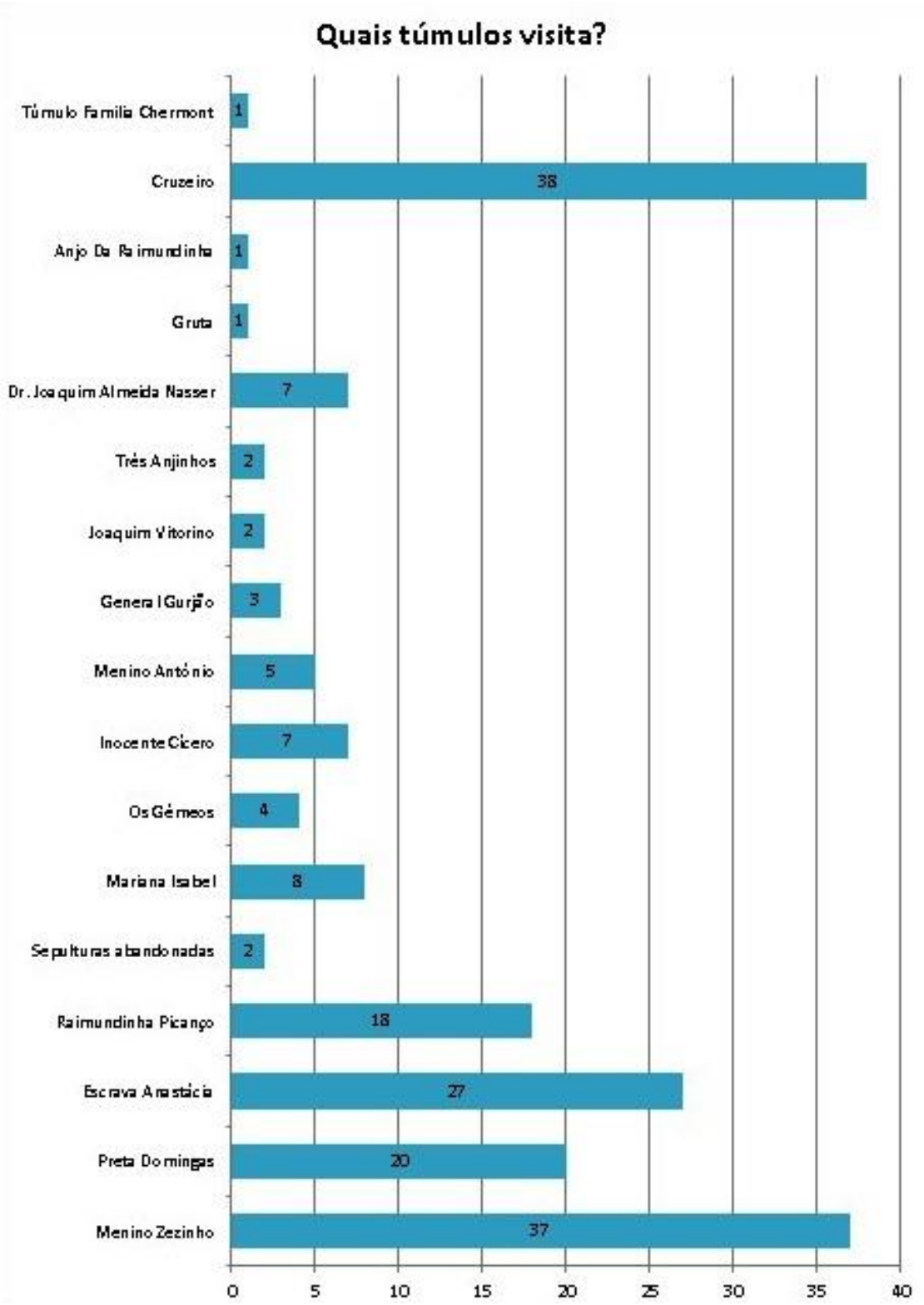


Gráfico 6: Principais locais de visitação

O Cruzeiro, citado pela maioria dos entrevistados (21%), é o local onde são feitas e cumpridas as promessas das almas do purgatório. Tradicionalmente, os cruzeiros são lugares onde se acende vela por um parente enterrado em outro local, mas no Soledade, ele também é o lugar da devoção às almas. Excluindo-se o Cruzeiro, foram listados os túmulos mais visitados dentro do cemitério da Soledade:

1º) Menino Zezinho

2º) Escrava Anastácia

3º) Preta Domingas

4º) Raimundinha Picanço

5º) Mariana Isabel

6º) Dr. Joaquim Nasser e Inocente Cícero (empatados)

7º) Menino Antônio

8º) Gêmeos

9º) General Gurjão

10º) Joaquim Vitorino e 3 Anjinhos

Os motivos para a escolha de uma ou outra devoção, ou de várias ao mesmo tempo, são os mais diversos. A pedagoga Ana Guimarães declarou:

> É uma devoção de família, que herdei de meu avô e de minha avó. Eu costumava ir ao Santa Isabel, mas quando mudei, comecei a vir aqui. Um dia eu sonhei com a Raimundinha Picanço. Ai, minha irmã que sempre foi devota dela, me disse que o túmulo onde ela estava enterrada era aqui[186].

Um entrevistado que não quis se identificar e declarou ser umbandista, contou o motivo de sua devoção: "Quando consegui uma graça com os erês[187]: o Zezinho e um outro lá atrás. Vou aos túmulos dos meninos pela graça alcançada". Este entrevistado declarou visitar o túmulo das crianças e rezar pelas almas no Cruzeiro: "Não podemos deixar de rezar pelas almas[188]". O estudante de administração Inaldo Corrêa confirma a devoção ao Menino Zezinho associada às crenças da Umbanda: "O Anjo José tem uma história bonita. Minha avó é umbandista e me disse que ele é um espírito cultuado na Umbanda". Joselina Branco,

[186] Ver entrevista de Ana Cristina Guimarães, 2013, Anexo 39.
[187] Segundo o candomblé, Erê é um orixá filho de Xangô. São seres que falam uma linguagem infantil e se comportam como crianças (Fonte CASCUDO, Luís da Câmara. Religião no povo. In: Superstição no Brasil, 4ª ed., pp. 337-496. São Paulo: Global, 2001. p. 282).
[188] Ver entrevista de Anônimo, 2013, Anexo 39.

economista e igualmente devota de José, deu entrevista ao lado do marido e netos, enfatizando o fato das devoções que passam de pai para filhos.

> Eu vinha com a minha bisavó, que era devota das almas e agora já trago meus netos aqui. Venho ao Soledade há 47 anos. Além do Cruzeiro, visito o Menino Zezinho e Escrava Anastácia. Minha bisavó era devota deles. Ela dizia que o menino Zezinho era protetor das crianças[189].

Em alguns casos, a devoção foi impulsionada por questões de saúde. "Uma pessoa amiga teve muitos problemas de saúde, foi até para a UTI, mas alcançou uma graça. Venho por ela e por devoção minha mesmo", disse o servidor Antônio Ximenes, que declara rezar no Cruzeiro e nos túmulos do Zezinho, Preta Domingas e Anastácia[190]. O pedreiro Oswaldo Pimentel estava agradecendo ao Menino Zezinho o alívio de sua perna, que doía muito[191], e o eletricista Mauro Ivan Monteiro Sandir disse ter sido curado de doenças coronárias[192].

O guia turístico Rui Reis se divide entre uma apropriação dos elementos artísticos e uma percepção do Soledade, também, como local de devoção. Ele relatou visitar algumas sepulturas pela beleza artística e estética delas, como é o caso do Mausoléu da Família Chermont, ao mesmo tempo em que afirma que também reza e acende velas em outros túmulos que considera milagrosos, como é o caso da Preta Domingas e do Menino José. Declarou, inclusive, que deve ao Menino Zezinho a sua aprovação na universidade[193].

Declarando-se evangélica, a culinarista Évila Beltrão expõe a razão de sua devoção, pedindo ajuda para acender velas no Cruzeiro, corroborando o caráter sincrético de parte das práticas devocionais que ali acontecem, que serão estudadas no Capítulo III desta dissertação.

> Sou evangélica e recebi esta missão. Faço isto por meu filho que bebe muito e é drogado. Ele é um rapaz problemático. (...) Por isso me sinto tão culpada pelo que ela passa agora e estou me apegando a tudo. É a primeira vez que venho aqui. Minha nora é espírita e ela me disse que estão para levar meu filho. Que ela em uma sessão espírita viu isso e me disse para vir acender estas velas para as almas libertarem meu filho. (...) Ela mandou acender velas por 09 segundas-feiras seguidas para as almas[194].

[189] Ver entrevista de Inaldo Corrêa Gonçalves Júnior, 2013, Anexo 39.
[190] Ver entrevista de Antônio Ximenes, 2013, Anexo 39.
[191] Ver entrevista de Oswaldo Pimentel, 2013, Anexo 39.
[192] Ver entrevista de Mauro Ivan Monteiro Sandir, 2013, Anexo 39.
[193] Ver entrevista de Rui Reis, 2013, Anexo 39.
[194] Ver entrevista de Évila Beltrão, 2013, Anexo 39.

Joana do Nascimento participa da devoção às 13 Almas, que consiste na ida ao cemitério por 9 segundas-feiras ininterruptas, onde se reza e acende velas (a ser detalhada no próximo capítulo), mas também declara ser devota da Escrava Anastácia, do Menino Zezinho, do Dr. Joaquim, Antônio, de Maria das Dores, de Raimundinha Picanço, da Preta Domingas e dos gêmeos. Estes últimos são tratados de maneira especial com relação aos demais, pois ela se declara ser mãe de filhos gêmeos e sempre reza por eles no túmulo citado. Joana informa que faz orações para todos aqueles aos quais é devota, rezando os 3 Terços, todas as segundas-feiras[195].

O agrônomo e veterinário Paulo Eduardo Silva especifica suas devoções e demonstra entusiasmo diante do projeto de implantação de visitas monitoradas no cemitério do Soledade[196]. Ele afirma: "Sei que nesses túmulos já houve muita reciprocidade. É como um imã, um centro de energia". Ele se declara um grande devoto das Santas Almas e alerta que elas dão o que se pede, mas que não se deve interromper a devoção e a promessa.

> Raimunda Picanço, Preta Domingas, Cícero, Anônimo, Irmã Dulce, Mariana, os três anjinhos, Negra Anastácia (sei que é um memorial e que ela não está enterrada ali), Zezinho, os gêmeos e a Mangueira (Exu). Minha mãe era muito católica. Ela costumava levar os filhos a igrejas e ao cemitério. Perdi um irmão meu de 18 anos por acidente com armas e ela então se tornou devota das almas. Para mim, além da devoção às almas, contemplo também a arte que existe aqui dentro. Costumo visitar cemitérios na Europa, pois é um ambiente que me sinto bem, me sinto em paz[197].

Na fala de Paulo Silva, ele menciona uma árvore dedicada a *Exu*, entidade ou orixá de culto recorrente nas tradições iorubá, do candomblé e da umbanda, que merece menção neste trabalho. De fato, existe uma mangueira na parte posterior do cemitério, com o tronco já perfurado por causa das velas que são acesas no lugar, onde também são depositados pratos de comida. Este é um símbolo que pode ser considerado representativo do sincretismo existente no cemitério da Soledade.

Luiz da Câmara Cascudo define o *Exu* como

---

[195] Ver entrevista de Joana do Nascimento, 2013, Anexo 39.
[196] Uma das propostas da pesquisa era ao final, organizar uma visita monitorada no Soledade com todos os participantes, como um modelo a ser implantado futuramente, inclusive com apoio de material didático-instrucional. Os detalhes deste projeto serão colocados no Capítulo IV e o conteúdo do Livreto do Soledade constará no Anexo 41.
[197] Ver entrevista de Paulo Eduardo Bentes de Melo e Silva, Anexo 39.

> o representante das potências contrárias ao homem. Os afro-baianos assimilam-no ao demônio católico; mas, o que é interessante, temem-no, respeitam-no (ambivalência), fazendo dele objeto de culto (...). São-lhe consagrados os primeiros dias de todas as festas fetichistas e as segundas-feiras[198].

O representante comercial Wendell Melo, reforça o que foi citado pelo devoto Paulo Eduardo Silva sobre a interrupção da devoção, ao ser questionado sobre os túmulos que visitava no Soledade:

> Cruzeiro, Raimundinha Picanço, Preta Domingas e Menino Zezinho (...) são os de devoção do meu pai e eu visito os mesmos. Dizem que não pode parar de visitar senão as coisas começam a dar errado. E olha que aconteceu isso com o meu pai. Só que ele já começou a vir de novo[199].

O técnico mecânico João Fontenelle declarou ser devoto, ainda, de uma santa popular cultuada em outro local, no caso, o cemitério Santa Isabel: "Sou devoto de Severa Romana e tenho até uma filha com esse nome. Gosto de visitar as irmãs brancas[200]". Justificou que frequenta o cemitério da Soledade apenas para rezar:

> Gosto de orar pelas almas do purgatório. Antes fazia novena para as almas. Agora não peço nada. Apenas rezo pelos que ninguém lembra de rezar. Por exemplo, sabe aquele pessoal que morreu sufocado? Eles morreram sofrendo... Rezo por eles[201].

Existem, ainda, aqueles devotos que desconhecem o nome dos falecidos pelos quais rezam, sabendo apenas a sua profissão, como foi o caso do ferreiro José Eugênio, que disse:

> Comecei a vir por causa de uma promessa feita para as almas. Venho aqui desde criança. Sou um homem de oração. Acendo vela no Cruzeiro e em um túmulo ao lado da Capela, que é de um militar. Fiz promessa para ele e fui atendido. Visito ainda o Cícero e Anastácia[202].

Com o passar do tempo, é comum as pessoas desenvolverem um grau de intimidade maior com as devoções. Esta temática será melhor detalhada no Capítulo III, a seguir. Esta proximidade com os mortos pode ser notada na fala da devota Maria de Lourdes Vaz, que é

---

[198] CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** – 12ª ed. – São Paulo: Global, 2012. p. 286

[199] Ver a entrevista de Wendell Melo, 2013, Anexo 39.

[200] O entrevistado foi questionado para se saber a quem ele referia como irmãs brancas e ele respondeu se tratarem de freiras. Esta é uma denominação comum nos países africanos, tanto que, as Irmãs Missionárias de Nossa Senhora da África (MSOLA), são conhecidas como "Irmãs Brancas". Ver: Agenzia Fides. Europa/Itália - As "Irmãs Brancas" rumo ao 24º Capítulo Geral. Disponível em: <http://www.fides.org/pt/news/pdf/30738> Acesso em: 19/09/2014.

[201] Ver a entrevista de João Fontenelle, 2013, Anexo 39

[202] Ver a entrevista de José Eugênio, 2013, Anexo 39.

aposentada do Estado. Para ela, ir ao cemitério da Soledade é uma celebração pelas almas e por seus antepassados. Ela conta suas devoções como quem fala de bons e fiéis amigos:

> No início foi pelos meu bisavós, que estão enterrados aqui. Depois passei a vir por devoção às almas mesmo. Aqui é um lugar ideal para oração. (Rezo no) Cruzeiro, Raimundinha Picanço, Zezinho, Anastácia, um amigão militar Vitorino, o Dr. Joaquim de Almeida, a Mariana Isabel e um outro militar[203].

A partir da análise das entrevistas foi possível identificar algumas peculiaridades. De modo geral, os devotos do Menino José declaravam fazer promessas relacionadas ao universo infantil: enfermidades, problemas escolares, aprovação em escolas e até universidades. Impulsionado pelo fato estar localizado próximo à entrada do cemitério, este túmulo é o mais visitado, com 20% dos entrevistados declarando sua devoção a ele. É comum ver a escultura do menino vestida com camisetas, bonés, adornada por fitas e flores, além de receber oferendas que vão desde bombons, refrigerante, pipoca e demais guloseimas.

Duas escravas estão entre o 2º e 3º túmulos mais visitados: Anastácia (15%) e Preta Domingas (11%). Alguns frequentadores desconheciam o fato de que esta Escrava Anastácia não é a mesma venerada como santa, com milhões de fiéis espalhados pelo Brasil, segundo informação da casa de Cultura da Mulher Negra, que especifica que a escrava Anastácia está enterrada na Igreja do Rosário, no Rio de Janeiro[204]. Outras pessoas declararam saber do fato e se referem ao túmulo como apenas um memorial da famosa escrava.

A utilização do Soledade como cemitério aconteceu durante o período de uma sociedade escravocrata, tendo a abolição da escravatura sido decretada em 1888, quando o cemitério já não recebia mais enterramentos. A presença marcante desta devoção popular a escravas ali enterradas merece estudos aprofundados, por sua importância na sociedade local, pois em meio a tantos ilustres e letrados, duas escravas ocupam posição de destaque nas devoções dentro do cemitério. Sobre o tema, Leonardo Castro menciona:

> Na Amazônia, o número de escravos negros não chegou a ser tão numerosos quanto em outras regiões do Brasil. Isto devia-se ao fato de que a atividade básica da região – o extrativismo florestal – exigia o conhecimento da floresta amazônica e os negros não a conheciam[205].

---

[203] Ver a entrevista de Maria de Lourdes Andrade Vaz, 2013, Anexo 39.

[204] Site Casa de Cultura da Mulher Negra: Biografias. **Princesa Anastácia**. Disponível em: <http://www. casadeculturadamulhernegra.org.br/mn_mn_t_biografia_a.htm> Acessado em: 20/09/2013.

[205] CASTRO, Leonardo. **Os Negros no Pará**. Disponível em: <http://parahistorico.blogspot.com.br/ 2009/02/os-negros-no-para.html> Acesso em 20/09/2013.

Entretanto, Belém era centro receptor e exportador de negros para diferentes regiões, onde estes trabalhavam na coleta das drogas do sertão (Baixo Tocantins), na criação de gado (Marajó), na coleta do cacau (Baixo Amazonas) e no artesanato de cerâmica (Ilha das Onças). Além destes lugares havia a presença de escravos no próprio espaço urbano da capital paraense[206], trabalhando nas casas de família das elites mais afortunadas, como pode ter sido o caso destas duas escravas.

Não foi possível averiguar a origem dessas devoções no Soledade. O exemplo do túmulo da jovem Raimundinha Picanço, com 10% das citações, é um caso que não se tem dados sobre a origem de sua devoção. Alguns devotos relataram graças alcançadas em questões matrimoniais e de saúde. Noutro caso, o túmulo de Mariana Isabel, que obteve 8 citações (4%), foram citadas intercessões em casos amorosos. O túmulo do advogado Dr. Joaquim Almeida Nasser, por sua vez, mencionado por 7 entrevistados (aprox. 4%), era frequentemente lembrado em petições que se referiam a questões judiciais ou para obtenção de casa própria.

Em todo caso, as devoções não acontecem apenas nos túmulos de maior visibilidade dentro do cemitério. Existem pessoas que visitam justamente as sepulturas mais abandonadas e de difícil acesso dentro do Soledade. São pessoas que afirmam querer rezar por aqueles que ninguém reza, pelos esquecidos, como foi o caso dos entrevistados João Fontenelle[207] e de Mariana Rayol Pinto[208].

A pergunta nº 7 do questionário, que indagava sobre a frequência com que os entrevistados visitavam o cemitério da Soledade, revelou o alto nível de comprometimento das pessoas com sua devoção. Foram entrevistadas 44 pessoas que revelaram se dirigir àquele cemitério todas as segundas-feiras, por anos seguidos, perfazendo um total de 67% dos entrevistados, ou seja, a maioria deles.

No gráfico, as 8 pessoas inseridas na resposta "outros" se referem em grande parte a turistas e pessoas que ali estavam pela primeira vez. Abel Van Dijk, universitário holandês, foi uma destas pessoas. Contou que estava de passeio pela cidade e se sentiu atraído pela beleza do cemitério antigo. Em seu depoimento, deixou um novo enfoque sobre intervenções

[206] CASTRO, Leonardo. **Os Negros no Pará**. Disponível em: <http://parahistorico.blogspot.com.br/ 2009/02/os-negros-no-para.html> Acesso em 20/09/2013.
[207] Ver a entrevista de João Fontenelle de Souza Filho, 2013, Anexo 39.
[208] Ver a entrevista de Mariana Rayol Pinto, Anexo 39.

em sítios históricos, que, muitas vezes, alteram a ambiência do lugar. Ao ser questionado sobre as condições gerais do Soledade, respondeu:

> Não muito boa, mas eu gosto assim. Onde eu moro, na Holanda, eles restauraram alguns cemitérios antigos que ficaram parecendo novos. Este cemitério mostra que é antigo e abandonado. Foi justamente o que me chamou a atenção. Não deveriam mexer muito. Deveriam ter apenas um lugar para informações, um folder, placas contando sobre a história. Talvez um pequeno Museu. Nada muito grande para não mudar a essência[209].

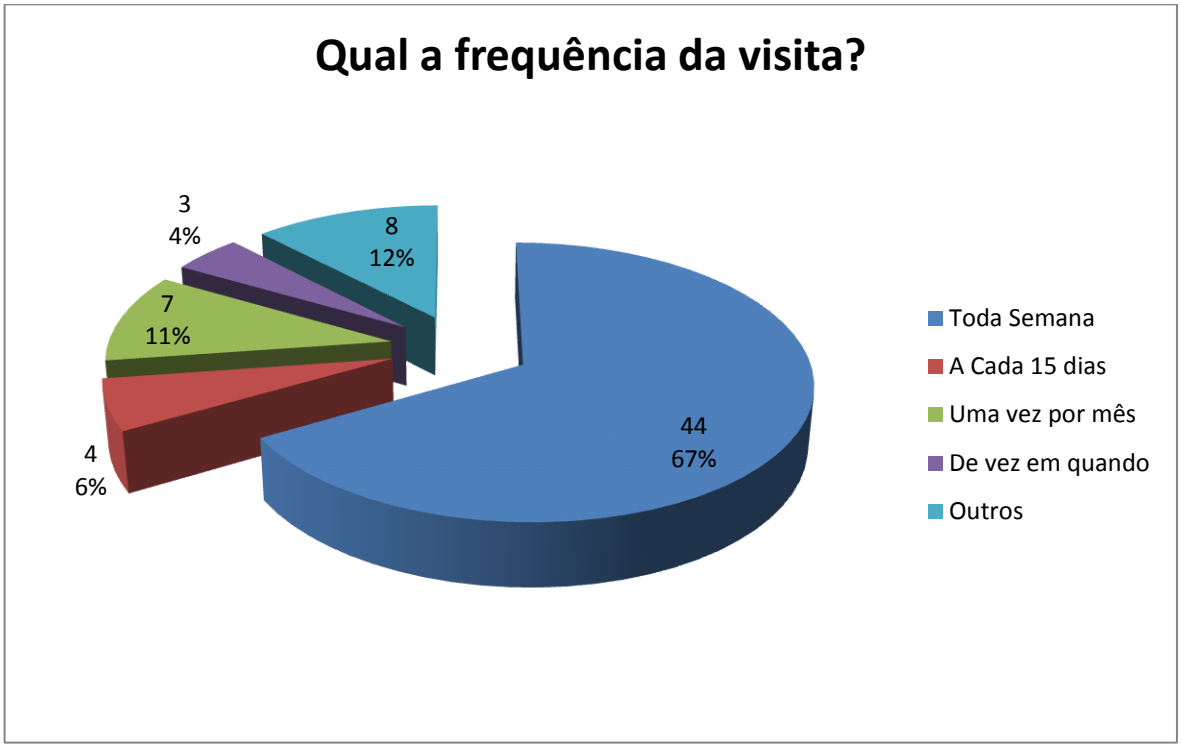


Gráfico 7: Frequência de visitas

O depoimento de Abel Van Dijk encontra ressonância nas preocupações de Ulpiano Bezerra de Menezes, para o qual há que se ter cuidado com intervenções desarticuladas entre a prática e as representações, sob pena de privilegiar apenas "os usos culturais da cultura", em detrimento do conteúdo existencial do patrimônio, ligado ao cotidiano e às relações que se manifestam em seu meio[210]. A visão de um devoto e de um turista sobre o cemitério da Soledade serão sempre diferenciadas, mas a fala de Abel recorda que mais que a preocupação com o material, é preciso levar em conta a relação de seus frequentadores com ele e as sensações envolvidas neste processo.

---

[209] Ver a entrevista de Abel Van Dijk, 2013, Anexo 39.

[210] MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. **O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas**. In: IPHAN. I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009. Brasília: IPHAN, 2012. p. 25-39. (Anais; v.2, t.1).

A pergunta nº 10 do questionário indagava se o entrevistado costuma fazer algum tipo de oferenda ao seu objeto de devoção, como pagamento de promessas e graças alcançadas. O Gráfico 8 demonstra os valores obtidos, onde quase 88% afirmaram trazer oferendas, em contraposição aos 12% que nada ofereciam.

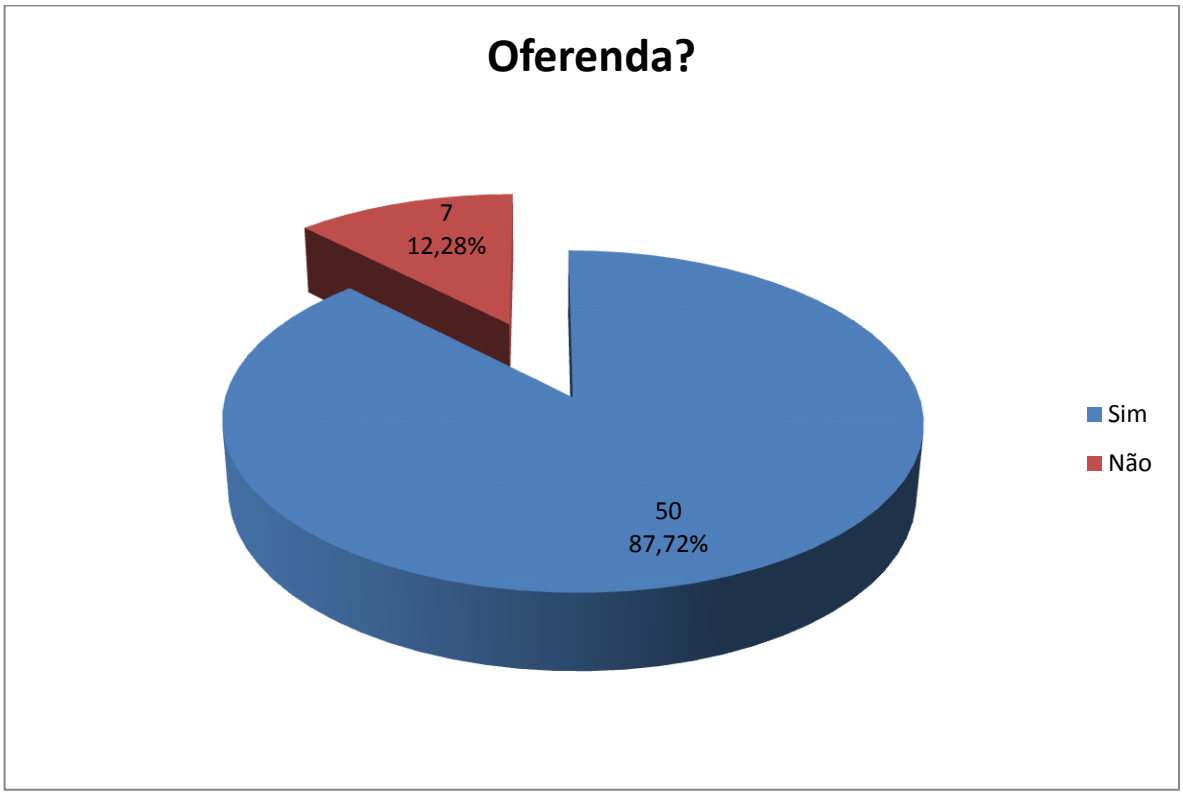


Gráfico 8: Oferendas em retribuição a graças alcançadas e pagamento de promessas

Os principais itens usados como oferendas ou *ex-votos* são diversos e permeados de simbolismo, como serão analisados especificamente no Capítulo III desta dissertação. Entretanto, cabe apontar que, segundo Walcyr Monteiro, desde a década de 1970, os principais objetos de devoção às almas são velas, flores e fitas[211]. Esta assertiva foi confirmada por esta pesquisa, sendo adicionados novos itens.

Dentre as oferendas trazidas o principal item são as velas, em decorrência à devoção das almas. As velas foram citadas por 63% dos entrevistados. A devota Aparecida Santa Brígida disse que "vela é luz para as almas[212]". A culinarista Évila Beltrão explicou: "Foi uma orientação da minha nora para afastar este encosto do meu filho. Ela mandou acender velas

[211] MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**, 6ª ed. Belém: Cromos Editora. 2012. p. 187.
[212] Ver a entrevista de Aparecida Santa Brígida, 2013, Anexo 39.

por 09 segundas-feiras seguidas para as almas[213]". A servidora pública Mariana Pinto finalizou dizendo: "Trago velas e preces, as duas melhores formas de luz que conheço[214]".

Em segundo lugar, registrou-se a oferta de águas em garrafas ou copos plásticos, totalizando um percentual de 16%. Por meio das perguntas do questionário, indagou-se o porquê de determinados itens serem depositados nos túmulos, como por exemplo, a água e comidas diversas, uma vez que as pessoas já estavam mortas e não poderiam consumir nada do que lhes era oferecido.

O professor de português Ocimar Mendonça respondeu: "A água é para as almas com sede e que morreram afogadas[215]". A mesma resposta foi dada pelo engenheiro Elias Sabat, que declarou: "A vela é luz e a água é para as almas que tem sede; aquelas que morreram com sede[216]". A advogada Céres Ribeiro diz: "Deposito água porque as 13 almas morreram queimadas. Além disso, na oração das 13 almas, pede pra gente oferecer água, pois elas têm sede de justiça[217]". Dentre todos os motivos citados, um chamou a atenção por ter relação direta entre a oferenda e a morte de um parente. O motorista Carlos Alberto Lacerda relata o comovente motivo de depositar água nos túmulos:

> Há três anos atrás perdi uma filha que morreu queimada na França. Jogaram gasolina nela e tocaram fogo. Por isso sempre lembro das almas que morreram queimadas e trago água. Tem almas que morreram afogadas, outras com sede[218].

Outro tipo de oferenda comum se relaciona com comidas e guloseimas, que são especialmente ofertadas em túmulo de crianças. Esta entrega de alimentos é um procedimento comum na Umbanda, segundo o devoto Carlos Lacerda, sendo o tema discutido no Capítulo III deste trabalho. Ele conta que, entre os umbandistas, há um consenso de que o orixá não se alimenta fisicamente da oferta, mas sim da "vibração da comida que lhe é oferendada[219]".

O devoto umbandista Luiz Carlos Portírio declarou em frente ao túmulo do Menino Zezinho: "Nós, umbandistas, sabemos que ele é um espírito de criança que vem receber sua oferenda toda segunda-feira. Trago brinquedos, tigela com pipoca e até bolo inteiro que eu mesmo faço para ele. Eu tenho uma outra devoção em especial, mas não posso dizer".

---

[213] Ver a entrevista de Évila Beltrão, 2013, Anexo 39.
[214] Ver a entrevista de Mariana Pinto, 2013, Anexo 39.
[215] Ver a entrevista de Ocimar Mendonça, 2013, Anexo 39.
[216] Ver a entrevista de Elias Sabat, 2013, Anexo 39.
[217] Ver a entrevista de Céres Ribeiro, 2013, Anexo 39.
[218] Ver a entrevista de Carlos Alberto Lacerda, 2013, Anexo 39.
[219] *Idem.*

Complementando seu depoimento, o entrevistado declarou que enquanto deposita as ofertas de comida, reza a oração do Menino Zezinho, Pai Nosso, Ave Maria e Glória ao Pai[220].

A economista Léa Costa afirma: "Visito o menino Zezinho e rezo no Cruzeiro. Trago bombons porque se trata de uma criança[221]". A doméstica Maria da Paz diz que: "Ele é um anjinho, uma criança. Falavam muito do menino Zezinho e eu comecei a botar bombom para ele[222]". Maria Olinda dos Santos, enfermeira, conta trazer bombons ao Zezinho como um agrado[223], enquanto o caminhoneiro Marcondes Rolim diz: "Trago bombom porque os falecidos eram crianças[224]".

Apenas um dos entrevistados declarou não ofertar nenhum dos itens apresentados no questionário. Tratava-se de um adolescente que disse ser gótico e que se autodenominou de Bruxinho[225]. Quando questionado se depositava algo nos túmulos, declarou: "Bruxaria e sangue; magia negra. Geralmente, faz parte de um pacto que faço. Não é devoção, é pacto[226]".

O Gráfico 9, a seguir, apresenta os principais itens ofertados pelos devotos:

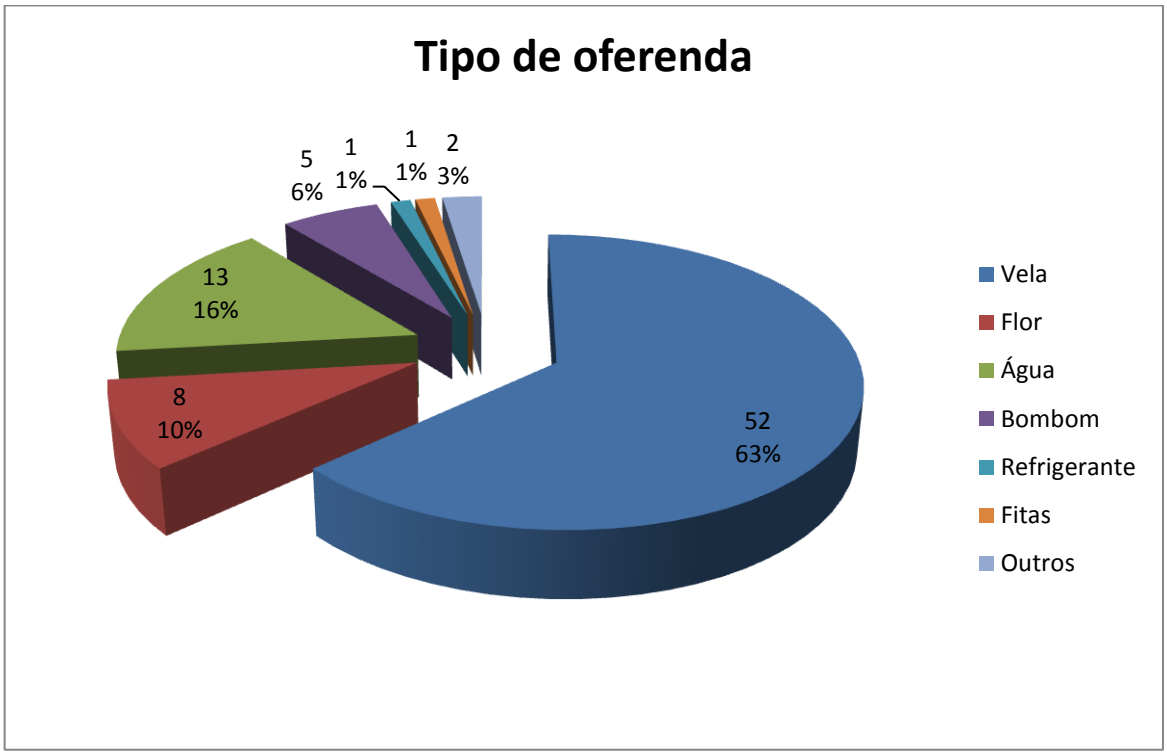


Gráfico 9: Tipos de Oferendas

[220] Ver a entrevista de Luiz Carlos Portírio, Anexo 39.
[221] Ver a entrevista de Léa Costa, 2013, Anexo 39.
[222] Ver a entrevista de Maria da Paz, 2013, Anexo 39.
[223] Ver a entrevista de Maria Olinda dos Santos, 2013, Anexo 39.
[224] Ver a entrevista de Marcondes Rolim, 2013, Anexo 39.
[225] Posteriormente, a pesquisadora descobriu que o rapaz era conhecido como Caio.
[226] Ver a entrevista de Bruxinho (Caio), 2013, Anexo 39.

A pergunta seguinte buscava inquirir sobre a religião professada pelos devotos. Um grande número se declarou católico e alguns faziam questão de frisar serem praticantes. Raimunda da Silva Andrade, trabalhadora do lar, disse: "Sou católica. Muito mesmo[227]", enquanto a doméstica Júlia Brito enfatizou: "Sou católica, até eu morrer[228]". Por outro lado, foi expressivo o número de pessoas que declararam que, além de serem católicos se identificavam com outras religiões e adotavam expressões de uma e outra. Para a elaboração do gráfico, as respostas destes entrevistados foram agrupadas na opção denominada de "Várias", como forma de distinguir daqueles que declararam apenas uma religião.

A pedagoga Ana Cristina Guimarães declarou ter influência de diferentes religiões: "Sou de família católica, mas também sigo a doutrina espírita[229]". Por sua vez, Carla Carvalho, dona de casa, disse: "Sou espírita, mas confio nas almas[230]". A culinarista Évila Brandão revela sua diversidade de opções religiosas: "Já fui católica, espírita, umbandista... hoje sou evangélica[231]". A administradora Francinasa Dantas assume todo o seu sincretismo: "Sou católica não praticante e sigo um pouco de cada religião[232]". Finalmente, o guia turístico Rui Reis, que afirmou não ter religião, declarou: "Chego, coloco as velas e falo diretamente com eles. Faço minhas promessas e alcanço graças[233]". O gráfico 10 apresenta os percentuais:

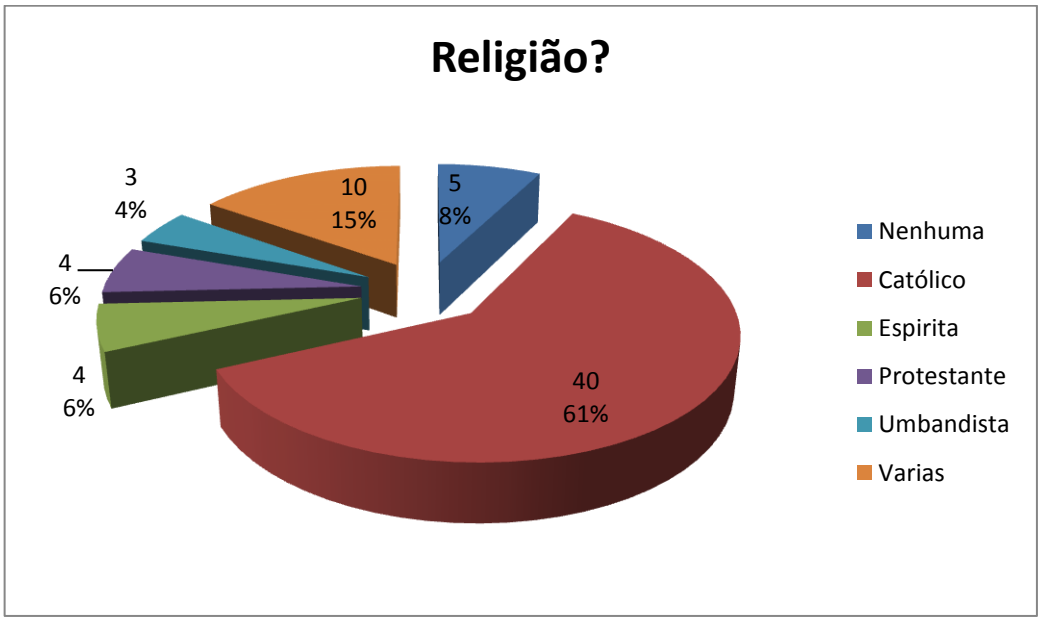


Gráfico 10: Religião

[227] Ver a entrevista de Raimunda da Silva Andrade, 2013, Anexo 39.
[228] Ver a entrevista de Júlia Brito, 2013, Anexo 39.
[229] Ver a entrevista de Ana Cristina Guimarães, 2013, Anexo 39.
[230] Ver a entrevista de Carla Carvalho, 2013, Anexo 39.
[231] Ver a entrevista de Évila Beltrão, 2013, Anexo 39.
[232] Ver a entrevista de Fransinasa Dantas, Anexo 39.
[233] Ver a entrevista de Rui Reis, 2013, Anexo 39.

Em seguida, foi perguntado aos entrevistados sobre as principais orações feitas pelos eles. Pelo que se pôde constatar, a origem de todas as devoções partiu justamente das orações às almas do purgatório, realizadas às segundas-feiras. Walcyr Monteiro publicou em sua obra[234] a "Milagrosa Novena em Honra às Almas" (Vide Anexo 40), muito usada por devotos por ocasião de suas pesquisas na década de 1970.

Talvez por se tratar de uma oração longa, novas versões começaram a ser usadas, bem como, as orações individuais para ser rezada em cada túmulo, como era o caso das preces de Raimundinha Picanço, Cícero, Menino Zezinho, Escrava Anastácia e Preta Domingas. As principais orações estão listadas no Anexo 40, e o Capítulo III deste trabalho, trará uma análise sobre o tema.

Segue abaixo, o Gráfico 11 que versa sobre as principais orações feitas pelos devotos dentro do cemitério da Soledade.

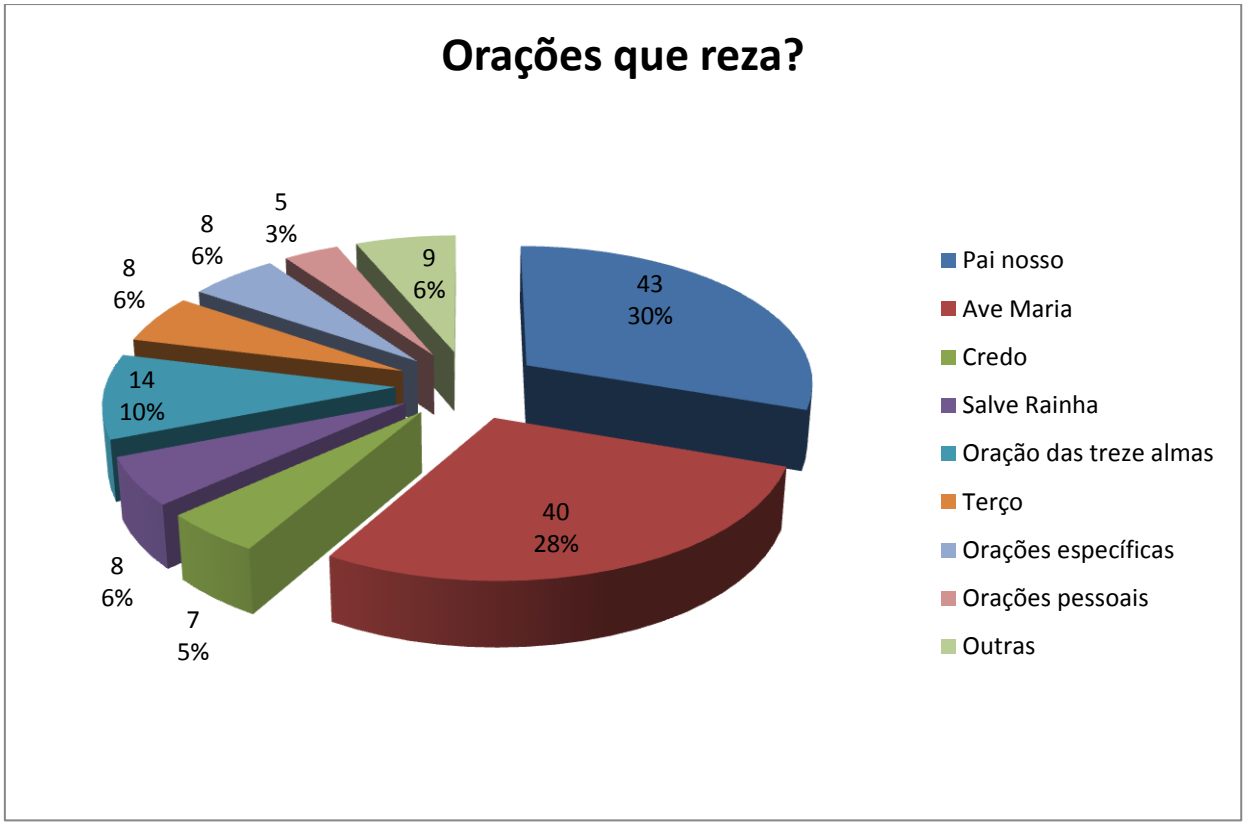


Gráfico 11: Principais Orações

[234] MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**. 6ª ed. Belém: Cromos Editora. 2012. p. 179 – 181.

Baseado no grande número de orações levantadas durante a pesquisa de campo, houve a necessidade de avaliar a importância da Capela dentro das atividades do cemitério. Para isso, foi perguntado aos frequentadores se eles costumavam frequentar aquele lugar. O número de pessoas que declarou ir a Capela com frequência (64%) mostra o quanto é importante que seja respeitada esta função religiosa do lugar, tendo em vista o início das intervenções de conservação, restauro e readequação nos espaços do cemitério, propostas pela prefeitura municipal.

O Gráfico 12 mostra a importância que a capela tem para os frequentadores do cemitério da Soledade

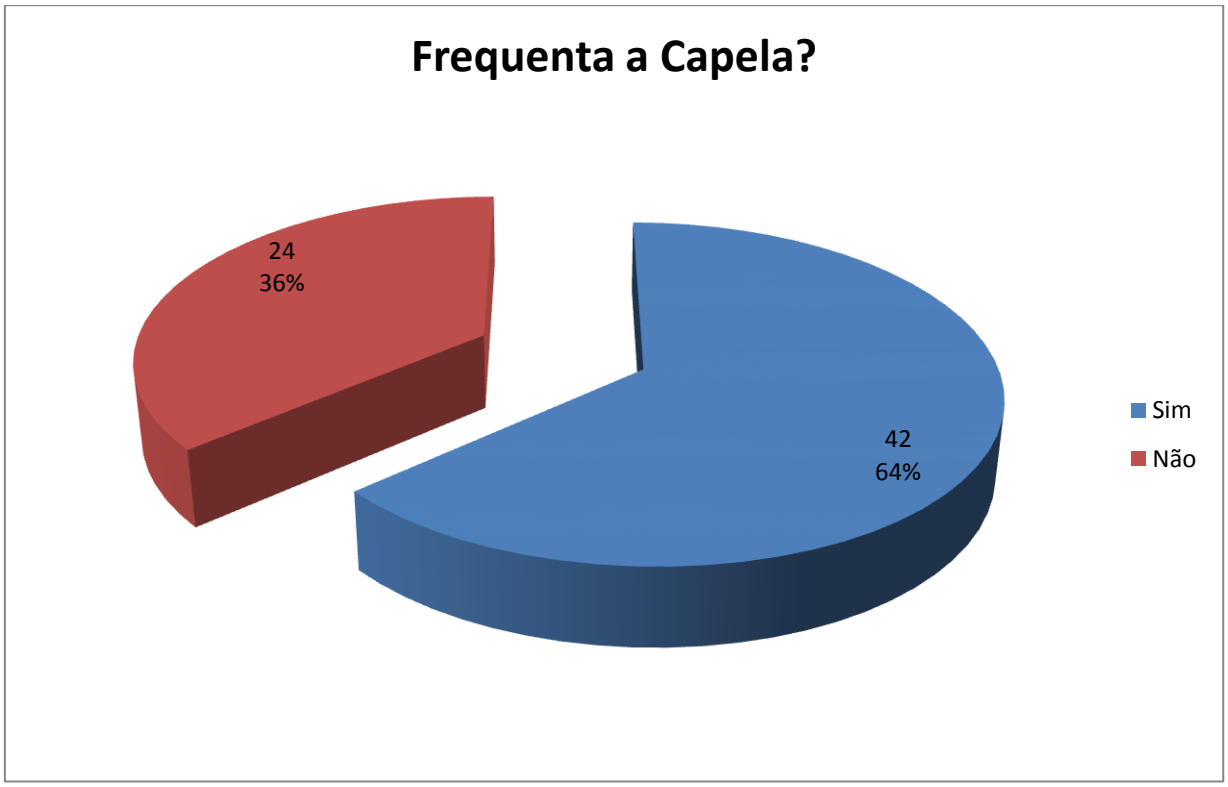


Gráfico 12: Frequência na Capela

A possível implantação do *Projeto de Conservação, Restauração e Readequação do Cemitério da Soledade* motivou o Iphan/PA a propor um trabalho com os frequentadores pautado pela perspectiva da educação patrimonial, a partir da qual foi inserida na pesquisa uma pergunta sobre o interesse em visitas monitoradas ao cemitério. As respostas mostraram o anseio das pessoas em conhecer um pouco mais sobre o patrimônio tombado. No Capítulo IV, os temas sobre as visitas monitoradas e educação patrimonial serão abordadas mais especificamente.

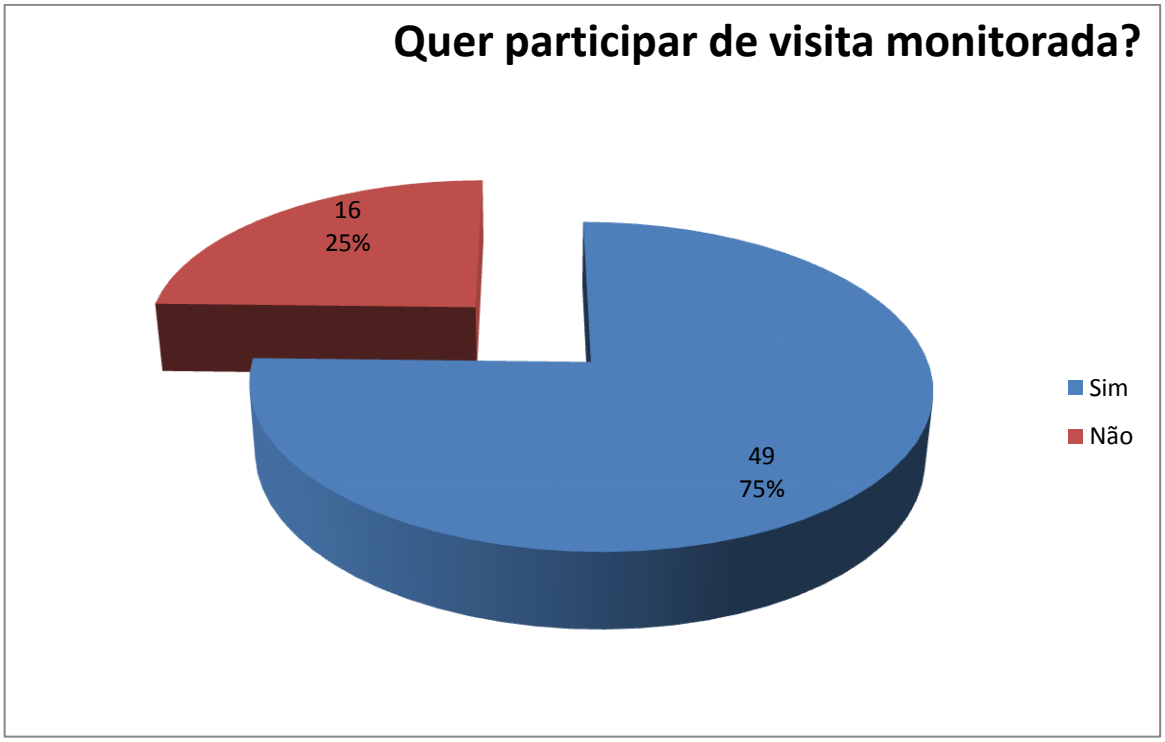


Gráfico 13: Visitas Monitoradas

A pesquisa observou ainda itens como sexo e idade dos frequentadores. Houve um empate técnico entre a frequência de homens e mulheres no cemitério, 49% e 51%, respectivamente. Com relação ao quesito idade, os dois maiores percentuais colocam o perfil das pessoas que frequentam o Soledade como predominantemente acima dos 40 anos de idade, conforme se observa nos Gráficos 14 e 15 abaixo:

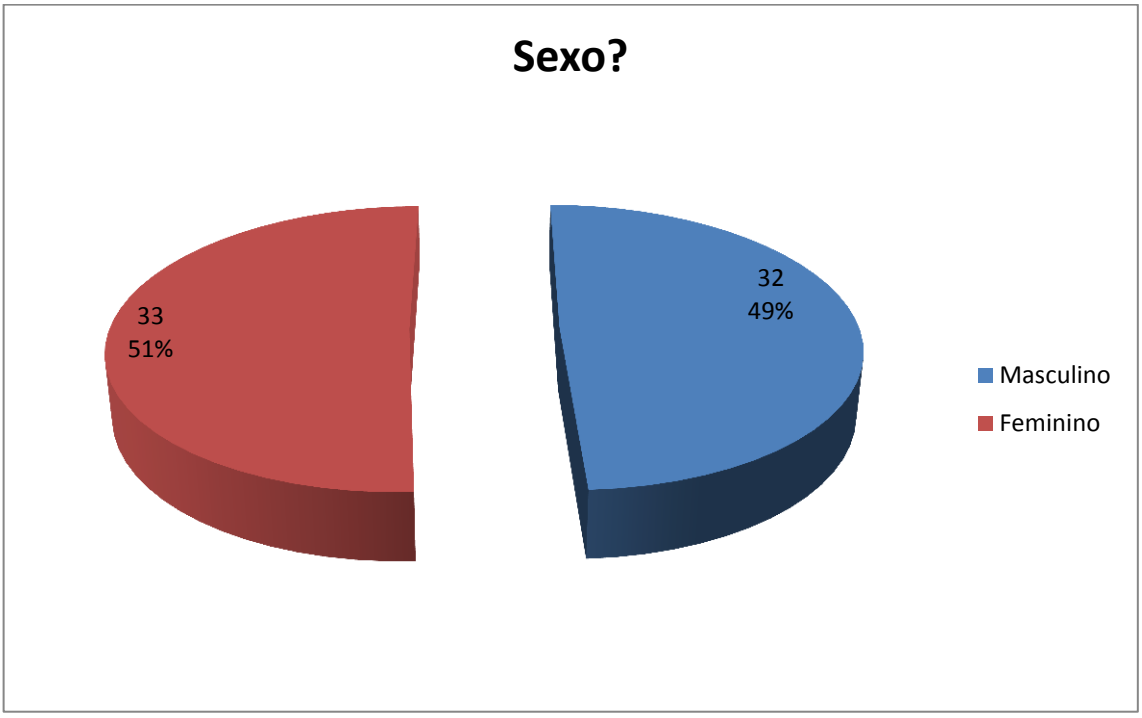


Gráfico 14: Sexo dos frequentadores

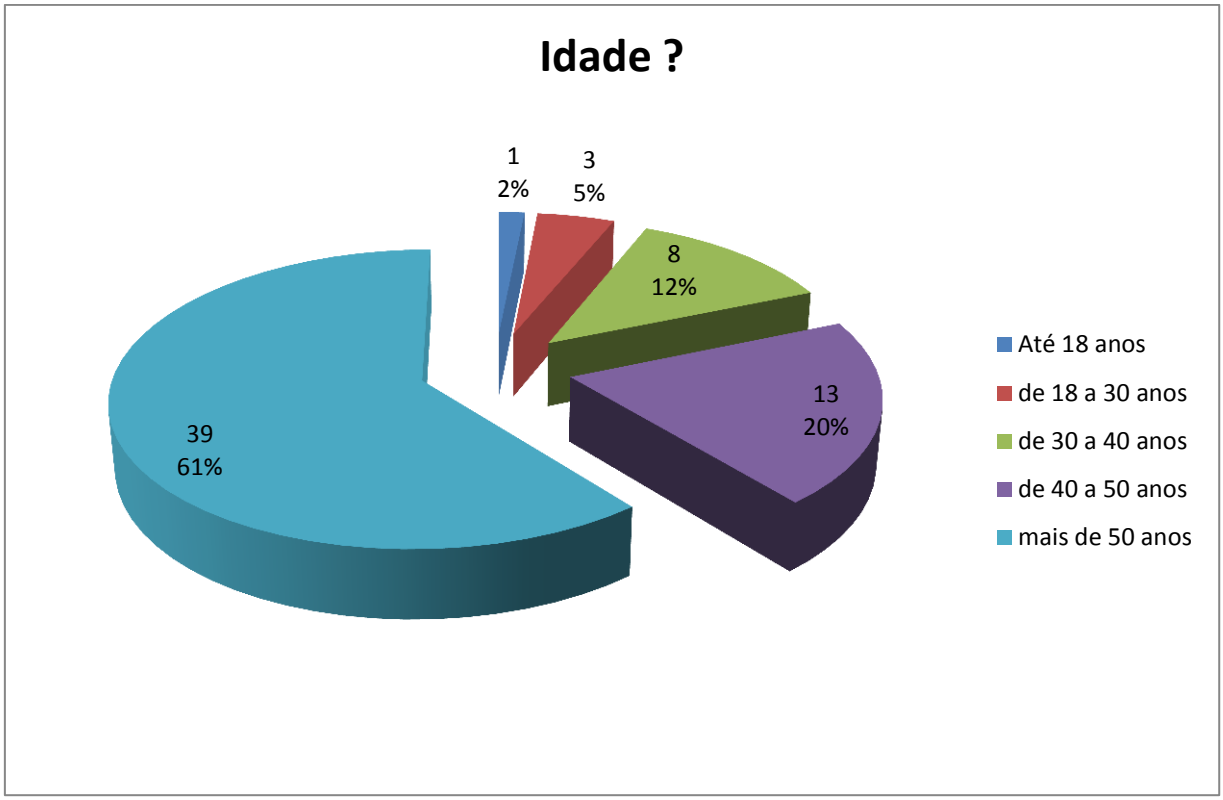


Gráfico 15: Idade dos entrevistados

A seguir, foi questionada a escolaridade dos entrevistados, que revelou um dado importante, ao demonstrar o grande número de pessoas que frequentam o cemitério da Soledade e que possuem curso superior completo ou incompleto, além de níveis de pós–graduação. Estas informações obtidas com a pesquisa oferecem um contraponto importante a ideias correntes no senso comum ("estereótipos") de que as devoções seriam práticas de pessoas de baixa instrução, com pouco conhecimento. A pesquisa mostrou que 57% dos entrevistados declararam estar cursando ou já possuírem graduação universitária e pós-graduação, em um total de 36 pessoas.

O gráfico 16, apresentado abaixo, contraria suposições pré-estabelecidas e mostra que ainda há muito a ser pesquisado sobre estas questões devocionais. Vale ressaltar que, de todas as pessoas entrevistadas apenas o pedreiro Oswaldo Pimentel se declarou analfabeto[235]. Por outro lado um dos entrevistados, Edielson Pimentel, afirmou possuir 06 diplomas de graduação em Ensino Superior, apresentando, inclusive, suas carteiras do CREA e da OAB. Ele contou, ainda, que atualmente exerce profissionalmente a advocacia, mas o que gosta mesmo de fazer é estudar[236].

[235] Ver a entrevista de Oswaldo Pimentel, 2013, Anexo 39.
[236] Ver a entrevista de Edielson Pimentel, Anexo 39.

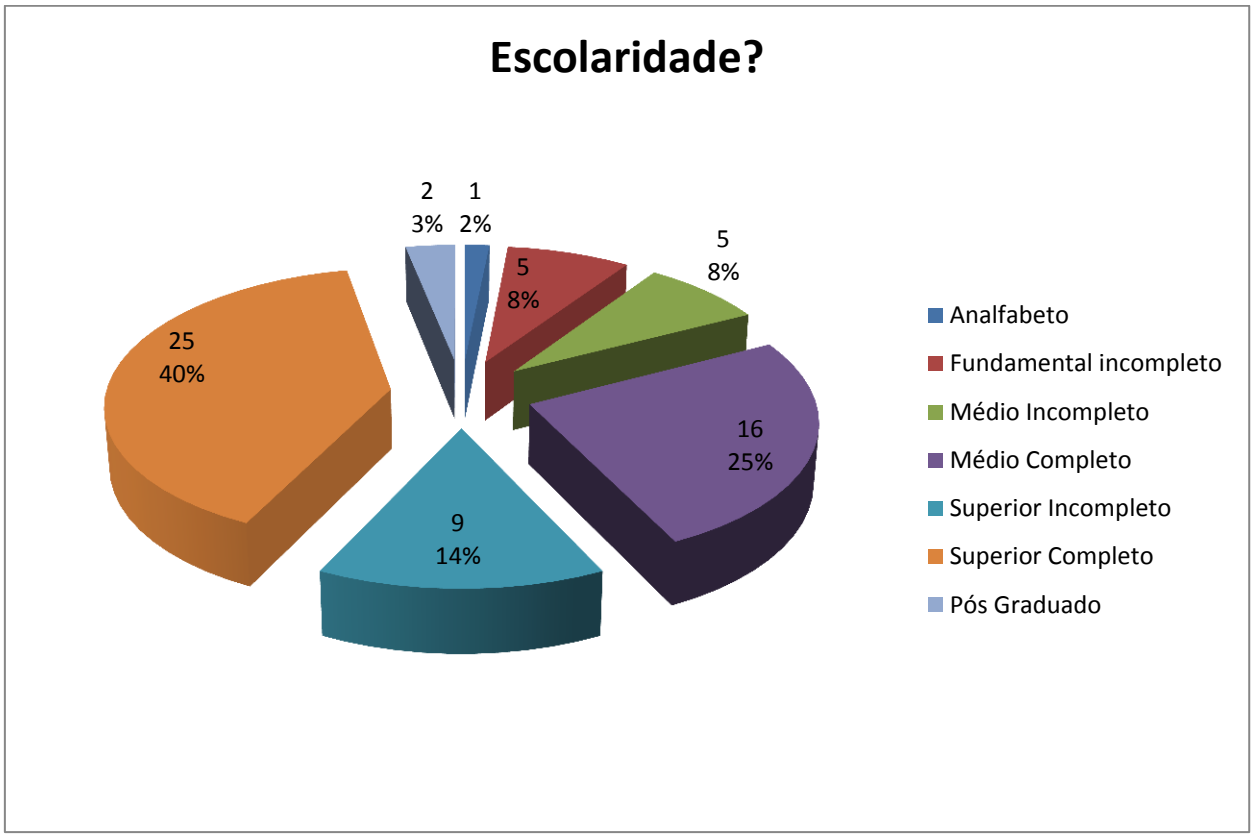


Gráfico 16: Escolaridade dos entrevistados

A tabulação dos dados obtidos na pesquisa realizada dentro do cemitério da Soledade permitiu uma melhor visualização e quantificação de aspectos até então pouco estudados na necrópole, sendo um convite a reflexão sobre as posturas que vem sendo tomadas com vistas ao seu tratamento como um bem tombado pelo IPHAN.

Ulpiano Meneses afirma que "os principais componentes do valor cultural: valores cognitivos, formais, afetivos, pragmáticos e éticos[237]", encontram-se agrupados, em combinações e recombinações, que incluem conflitos. É preciso estar atento a tudo isso todas as vezes em que se deseja intervir, seja em projetos de restauração, conservação ou preservação. Estes dados que foram obtidos por meio de entrevistas com os frequentadores do cemitério da Soledade, acrescentam mais conhecimento ao bem tombado, especialmente em seu aspecto cultural e imaterial.

[237] MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. **O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas**. In: IPHAN. I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009. Brasília: IPHAN, 2012. p. 25-39. (Anais; v.2, t.1).

2.3. OS PRINCIPAIS TÚMULOS DE DEVOÇÃO

Uma das pesquisas pioneiras sobre as devoções no cemitério da Soledade foi feita pelo sociólogo Walcyr Monteiro, entre os anos de 1971 e 1972, já referida neste trabalho. Segundo ele, na época, as sepulturas mais visitadas eram: Raimundinha Picanço, Preta Domingas e Menino Cícero[238]. Nesta pesquisa com frequentadores, realizada em 2013, observou-se que novos túmulos foram acrescidos nas devoções, inclusive com um deles assumindo a posição de túmulo mais visitado do cemitério: o do Menino Zezinho (Imgs.39 e 40). Éden M. da Costa já havia apontado sua importância como local de devoção:

> Na minha primeira visita ao local, encontrei a estátua cheia de fitas coloridas e vestida com uma camiseta onde estava escrito: "cebolinha". Provavelmente alguém agradecido por ter seus pedidos atendidos e que não queria deixar o menino despido, já que a estátua está realmente "nua"; aliás, em um outro momento vi que alguém havia colocado um boné azul sobre a cabeça da mesma, além de ter fixado olhos de boneca e colocado uma nova camisa, de cor azul claro.(...) Notei que, além de acenderem velas (...)costumam também colocar bombons e pirulitos próximos à estátua da criança, como fazem para outras que estão sepultadas no local, assim como, ao rezar, ficam durante algum tempo tocando na estátua ou em outra parte do túmulo. Um outro detalhe são as placas em agradecimento que se pode ver arrumadas na base da sepultura, e cuja grafia parece expressar a condição dessa criança na mentalidade dos seus devotos: Anjo Zezinho[239].

O túmulo de estilo neoclássico em homenagem a José, que faleceu aos sete anos, em 1881, apresenta escultura em mármore de Lioz de um menino nu, sentado, que segura um pergaminho com seu nome e data de falecimento. Devotos atribuem milagres e graças recebidas por intermédio do "Menino Zezinho" geralmente em casos de doenças infantis e problemas escolares. Como retribuição, costumam deixar oferendas que vão desde balas e refrigerantes, até camisetas e bonés para vesti-lo[240]. Há algum tempo atrás, uma grade de proteção foi instalada no local na tentativa de evitar que velas fossem acessas em cima do mármore e diminuir o acúmulo de oferendas.

A restauradora Rosa Maria Lourenço Arraes faz a seguinte descrição do túmulo:

---

[238]MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**, 6ª ed. Belém: Cromos Editora. 2012. p. 176

[239] COSTA, Eden Moraes da. **Médico de ontem e de hoje: Ciência, fé e santidade no culto a Camilo Salgado (1874-1938) em Belém do Pará.** (Dissertação de mestrado). Belém: UFPA, 2003.

[240] RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **Soledade: história, arte e cultura.** Setor de Educação Patrimonial IPHAN/PA. 2014. ISBN 978-85-915369-1-7

> Escultura de um menino nu sentado, nas mãos carrega um livro onde se lê: José. Faleceu em 13 de fevereiro de 1881. Simboliza, na sua própria imagem a pureza da criança e a vida eterna que, segundo a Bíblia, todas deverão alcançar[241].

Embora o *site* Cemitério SP afirme que "esculturas representando crianças não significam exatamente que o falecido era uma criança[242]", geralmente estes túmulos são associados com inocência, precocidade e imaturidade, sendo que alguns podem até se referir à morte súbita de um adulto. No caso específico da sepultura do menino José, a escultura é, de fato, uma alusão à morte precoce de um inocente. Maria Elizia Borges relata casos de retratismo estatuário em sepulturas, onde são representados o falecido e familiares, em "atitudes e trajes realistas. Esta era uma característica comum na arte funerária da *belle époque*, com bases em um realismo evocador: "o túmulo reduz-se, às vezes, a um simples suporte para a escultura do retratado", apresentando-se como um busto, um relevo, ou uma estátua[243]". As descrições da professora coincidem com a forma artística do túmulo de José.

Não foram encontrados documentos sobre a *causa mortis* do menino José. O túmulo data de 1881 e supõe-se que seja uma construção tardia, já que depois da Portaria de 1880[244], só eram permitidos corpos embalsamados ou ossuários. Algumas estórias são repassadas entre os frequentadores da necrópole[245]. Para Heraldo Maués, o menino foi vítima de maus tratos[246]. Trata-se, ainda, de um túmulo visitado frequentemente por umbandistas, sendo comum se encontrar ali pipoca, bolos e pratos de comida, conforme citado anteriormente.

---

[241] ARRAES, Rosa Maria Lourenço. **Arte Mortuária: Estética e Símbolos**. 1994. TCC apresentado ao Curso de Educação Artística da Universidade Federal do Pará (UFPa), para obtenção do grau de licenciamento em Artes.

[242] Cemitério SP. Arte Cemiterial. Disponível em: <http://www.cemiteriosp.com.br/arte-cemiterial/> Acesso em: 22/09/2014.

[243] BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto** = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão Preto. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002. p. 156.

[244] A Portaria de 05 de Agosto de 1880 suspendeu os enterramentos no Soledade. Ver: BARATA, Mário. **Valor Urbanístico do Cemitério Soledade.** Documento integrante do Processo de Tombamento do bem, existente no Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro.

[245] Durante uma visita monitorada, um dos participantes de nome Abrão, relatou que "havia ouvido falar" que José era um filho muito amado, que foi comido por uma onça que os pais criavam no quintal de sua casa. Esta informação não foi confirmada. As visitas monitoradas aconteceram no cemitério da Soledade, no dia 07 de abril de 2014, uma segunda-feira, sendo realizadas visitas no turno matutino e vespertino, com a distribuição de *folders* do Soledade. A mestranda Paula Andréa Caluff Rodrigues conduziu as visitas, com o apoio da Superintendência do IPHAN/PA, por meio do Setor de Educação Patrimonial. O evento foi destinado aos participantes das entrevistas e aberta ao público interessado.

[246] MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular.** Revista Norte Ciência, Vol. 2, n. 1, 2011. p. 1-26.



Img.39: Detalhe do Túmulo do menino Zezinho
(Foto: Paula Rodrigues, 2003)



Img.40: Vista do Túmulo do menino Zezinho
(Fonte: Arquivos do IPHAN/PA – Cemitério Soledade - Projeto R2 – Fotos. 2006)

Outra sepultura de criança, com importância devocional dentro do Soledade é o túmulo da Menina Januária (Imgs. 41, 42 e 43), em estilo neoclássico e mármore de Lioz com gradil em ferro fundido. Apresenta a delicada escultura de uma criança dormindo, executada com um nível de qualidade e técnica apurada, que pressupõe sua origem europeia. Chama atenção o rico panejamento clássico, os detalhes rendilhados do travesseiro, assim como a delicadeza das fronhas e vestes bordadas.

Para o *site* Cemitério SP, há uma simbologia específica para esculturas de infantes adormecidos: "uma criança dormindo é o elo entre a vida e a morte[247]". Com frequência, os devotos se referem a estas esculturas infantis de maneira carinhosa e as chamam de "anjinhos".

[247] Cemitério SP. Arte Cemiterial. Disponível em: <http://www.cemiteriosp.com.br/arte-cemiterial/> Acesso em: 22/09/2014.



Img.41: Túmulo da Menina Januária
(Foto: Paula Rodrigues, 2000)



Img.42: Túmulo da Menina Januária
(Foto: Luciene Cordeiro, 2013)



Img.43: Túmulo da Menina Januária visto de cima com oferendas
(Fonte: Arquivos do IPHAN/PA – Cemitério Soledade - Projeto R2 - Fotos. 2006)

A morte precoce de inocentes quando retratada em esculturas suscita piedade e comoção entre os devotos, especialmente aos do cemitério da Soledade. Dentre outros túmulos de crianças, também são locais de devoção as sepulturas dos "gêmeos" (Img. 44), do menino Antônio (Img.45) e do *Innocente* Cícero (Img.46), sendo que estas duas últimas não apresentam representação escultórica das criança falecidas.

O túmulo dos "gêmeos", com características neoclássicas, usa como material o mármore de Lioz e está identificado apenas como "... Barros". Apresenta a escultura de dois bebês adormecidos em uma almofada bordada. As figuras adormecidas em túmulos podem ser vistas a partir de um "elo entre a vida e a morte[248]", conforme citado anteriormente pelo *site Cemitério SP*.

As cabeças dos dois bebês estão apoiadas em delicados travesseiros. A riqueza de detalhes denota uma técnica apurada praticamente inexistente na região. O túmulo é cercado por gradil de ferro trabalhado, como se fosse um berço. Os devotos que costumam visitar este túmulo fazem promessas e, assim como no menino Zezinho e menina Januária, costumam deixar oferendas como bombons, refrigerantes, pirulitos, dentre outros.

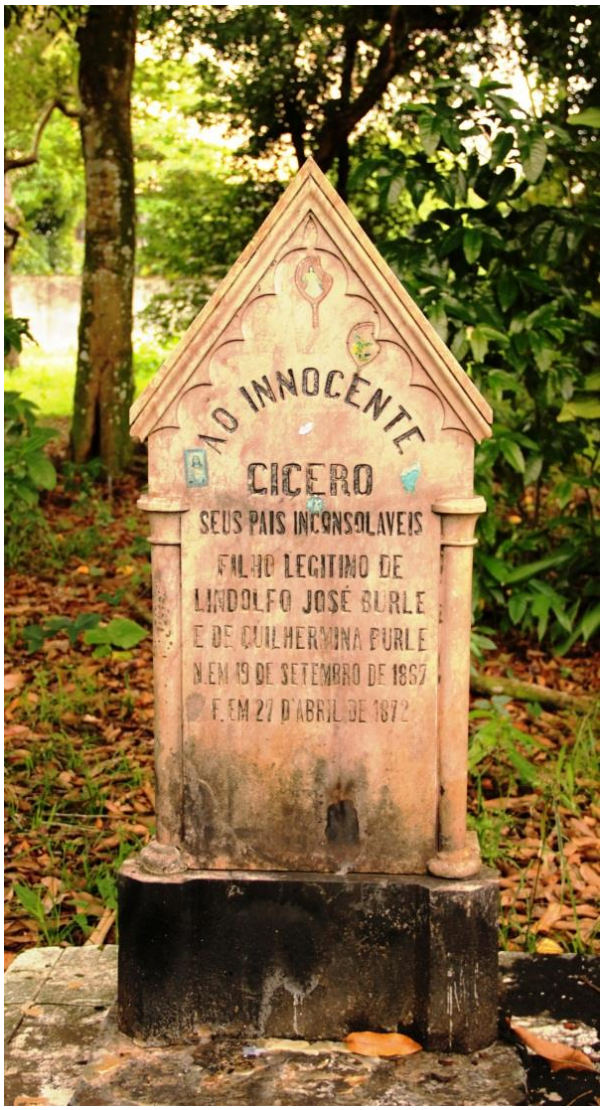


Img.44: O Túmulo dos Gêmeos - ....Barros
(Foto: Luciene Cordeiro, 2013)

[248] Cemitério SP. Arte Cemiterial. Disponível em: <http://www.cemiteriosp.com.br/arte-cemiterial/> Acesso em: 22/09/2014.



Img.45: Túmulo do menino Antônio
(Foto: Luciene Cordeiro, 2013)



Img.46: Túmulo do menino Cícero
(Foto: Luciene Cordeiro, 2013)

Conforme informado anteriormente, dois dos túmulos mais visitados pertenceram a negras escravas: Anastácia (Img.47) e Preta Domingas (Img.48). É interessante observar a grande diferença entre ambos: um túmulo é extremamente simples, enquanto o outro está localizado em área nobre do cemitério. A sepultura da Escrava Anastácia, de configuração simples, está localizada aos fundos da capela e é frequentemente associada a outra santa de devoção popular, bem mais famosa: a Escrava Anastácia, personificada com uma mordaça sobre os lábios, que é uma devoção da cidade do Rio de Janeiro. A sepultura do Soledade pode ser de uma escrava homônima, ou ainda, da escrava de propriedade do Sr. Joaquim Francisco Corrêa, conhecida como Romana, que foi o primeiro enterramento do cemitério[249].

[249] REGO, O. L. M. **Calendário histórico de Belém: 1616 - 1946**. Belém, 1979. p. 9. Disponível em: http://issuu.com/ufpadoispontozero/docs/calend__rio_hist__rico_de_bel__m?workerAddress=ec2-23-21-22-145.compute-1.amazonaws.com. Acesso em: 13/01/14.



Img.47: Sepultura da Escrava Anastácia
(Foto: Luciene Cordeiro, 2013)



Img.48: Túmulo de mármore da Preta Domingas
(Foto: Luciene Cordeiro, 2013)

O túmulo da Preta Domingas é atípico, pois mesmo sendo de uma escrava, possui localização privilegiada nas imediações da Capela. Apresenta uma coluna de secção quadrada que apoia uma urna flamejante. Possui como elementos decorativos: a ampulheta alada, que simboliza, segundo Maria Elizia Borges, a passagem do tempo e a representação da flor do cardo/perpétua, representação vulgar na necrópole. Sobre a base, está apoiado um vaso vazio, que é símbolo da separação do corpo da alma[250], com a chama do fogo eterno a queimar no ponto mais alto.

O epitáfio localizado na parte central da coluna, embora enegrecido pela cinza das velas, deixa registrado a data de seu falecimento: "Aqui jazem os restos mortaes da Preta Domingas. Faleceu em 25 de março de 1871. Signal de gratidão".

[250] BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto** = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão preto. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002. p. 303.

Tanto pelo material empregado (pedra de Lioz) como pela localização, é possível inferir que sepultura foi uma forma de reconhecimento dos patrões pela dedicação dela à família. Esta hipótese é compartilhada por Walcyr Monteiro, que afirma ser Domingas uma escrava dedicada, citando que a devoção popular em torno dela começou logo após a sua morte, quando o patrão mandou edificar o túmulo.

> A Preta Domingas foi uma escrava que viveu no século passado. Bondosa, terna, criou com extremo carinho um menino que lhe fora confiado. Anos depois, morreu, e o menino que criou, então feito homem, mandou lhe erigir um túmulo. Invocada por pessoas aflitas, estas viram seus pedidos serem realizados, iniciando-se então seu culto[251].

Entretanto, outra fonte, Heraldo Maués, informa que a escrava faleceu vítima de maus tratos por parte de seus patrões, mas não apresenta a comprovação do fato. Em todo caso, o pesquisador enfatiza que o sofrimento e os martírios são elementos importantes no processo de santificação de pessoas comuns pelo povo, como que requisitos para marcar e justificar um santo de devoção popular[252].

A sepultura de Raimunda Picanço, ou Raimundinha, como é provavelmente o local de uma das mais antigas devoções no local, mencionado no *Dossiê de Tombamento do Cemitério da Soledade*, no artigo de Mário Barata[253]. O autor cita em seus escritos a "sepultura de azulejos portugueses de Raimunda Chermont Picanço, tida como milagrosa". Atualmente, não há qualquer resquício deste material de azulejaria portuguesa no seu revestimento, restando apenas uma placa em cantaria de Lioz sobre o túmulo. (Imgs. 49 e 50)

Walcyr Monteiro menciona um relato sobre Raimundinha Picanço, informando devotos relataram que ela havia sido envenenada por seus irmãos e pela madrasta. Recorda-se aqui o fato acima citado por Heraldo Maués sobre a necessidade do sofrimento para santificação. Este fato não tem comprovação. Monteiro relata, ainda, um caso ocorrido na década de 1930, que pode estar ligado ao início das devoções à falecida. Um dia, quando crianças brincavam próximo ao túmulo de Raimundinha.

---

[251] MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**. 6ª ed. Belém: Cromos. Editora. 2012. p. 176-177.
[252] MAUÉS, Raymundo Heraldo. Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular. **Revista Norte Ciência**, Vol. 2, n. 1, 2011. p. 1-26.
[253] BARATA, Mário**. Valor Urbanístico do Cemitério da Soledade**. Artigo enviado como anexo ao pedido de reabertura do Processo de Tombamento do Cemitério N. Sra. da Soledade, inserido no Processo nº 0376-T-48.Arquivo Central do IPHAN/Secção Rio de Janeiro.

> (...) o seu espírito apareceu, chamando um deles. O menino ficou "assombrado", tendo bastante febre, curando-se ante a invocação do nome de Raimundinha Picanço; daí em diante, sucedem-se os milagres[254].



Img.49: Sepultura de Raimunda Picanço
(Foto: Luciene Cordeiro, 2013)



Img.50: Detalhe de placa de ex-votos
(Foto: Luciene Cordeiro, 2013)

A sepultura do advogado Joaquim Ignácio d'Almeida (Imgs. 51 e 52), falecido em 1875, se transformou em objeto de visitação, por devotos com problemas judiciais e financeiros. Bacharel português, casado com D. Maria Romana de Almeida, foi homem culto e letrado, cujo nome consta como um dos doadores de livros e contribuições financeiras para a *Bibliotheca do Pará*[255]. Foi pai do advogado, escritor, professor e político Tito Franco de Almeida[256]. Em publicação de jornal da época, sua morte foi assim noticiada:

---

[254] MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**, 6ª ed. Belém: Cromos Editora. 2012. p. 176

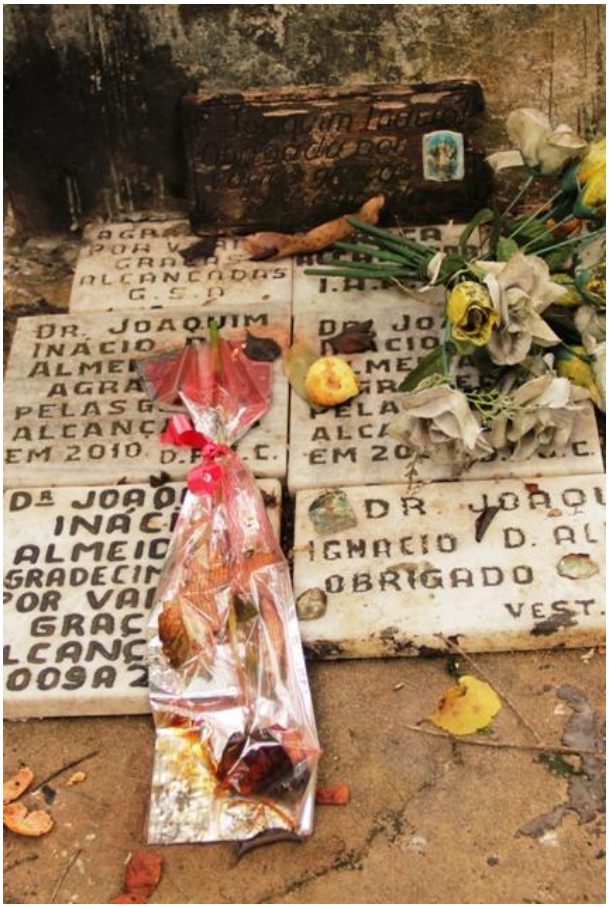
[255] Resumo Histórico XV - dos *Annaes da bibliotheca e archivo público do Pará*. Internet Archive. Disponível: <https://archive.org/stream/annaesdabibliot01archgoog/annaesdabibliot01archgoog_djvu.txt> Acesso em 17/07/2014.

[256] **Tito Franco de Almeida**. *Wikipedia*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tito_Franco_de_Almeida> Acesso em: 23/07/14.

> (...) Advogado muito inteligente e probo, o Sr. Joaquim Ignácio de Almeida , exercendo sua profissão por perto de cincoenta annos, era no Pará venerado e muito estimado, pois nele viam todos o typo do homem de bem. Nasceu em Coimbra em 1807, e era descendente de uma família de magistrados e juristas. (...) morreu pobríssimo, legando aos seus apenas um nome inmaculado[257].



Img.51: Túmulo Joaquim Ignácio d'Almeida
(Foto: Luciene Cordeiro, 2013)



Img.52: Detalhe de placas de ex-votos
(Foto: Luciene Cordeiro, 2013)

Outro túmulo que recebe muitas visitas às segundas-feiras é o de Marianna Isabel (Img.53), localizado na parte posterior do cemitério da Soledade. Possui estilo neoclássico, apresentando uma coluna baixa que sustenta um obelisco onde se ergue uma cruz. O *site Cemitério SP* se refere aos obeliscos como elementos comuns na cultura egípcia, que se tornaram populares no século XIX por questões de custos e dimensões. Eram mais baratos e ocupavam espaços menores, sem perder a imponência. "O obelisco enaltece o falecido e simboliza a grandeza faraônica[258]".

[257] O finado Joaquim Ignácio de Almeida. O Liberal do Pará, publicado em 03/10/1875. Nº 288. Anno 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/704555/per704555_1875_00288.pdf> Acesso em: 17/07/2014.
[258] Cemitério SP. **Arte Cemiterial**. Disponível em: <http://www.cemiteriosp.com.br/arte-cemiterial/> Acesso em: 22/09/2014.

Na base do túmulo está escrito: “Aqui jaz D. Marianna Izabel Leite da Silva. Fallecida n’esta cidade de Belém a 06 (?) de julho de 1880. Amor conjugal”. Por se tratar do túmulo de uma esposa homenageada pelo marido apaixonado, é possível inferir que este seja o motivo da devoção popular, especialmente em casos amorosos.

Durante a pesquisa, um dos entrevistados informou que o marido de Marianna estava enterrado em um túmulo parecido com o dela, em outro quadrante. De fato, foi identificado o túmulo de Joaquim Corrêa da Silva (Img.54), com a mesma configuração artística de obelisco encimado por uma cruz. Contudo, não se conseguiu a comprovação que ambos eram casados, embora o sobrenome fosse o mesmo. Observou-se, contudo, que pela data da morte, Joaquim havia falecido 12 anos antes de Marianna e tem a inscrição “Amor filial”. É mais provável que se trate do túmulo do sogro de Marianna, cujo filho mandou erigir as duas sepulturas.



Img.53: Túmulo de D. Marianna Izabel da Silva
(Foto: Luciene Cordeiro, 2013)



Img.54: Túmulo de Joaquim Corrêa da Silva
(Foto: Giovanni Sarquis, 2014)

O cemitério Nossa Senhora da Soledade possui muitos outros túmulos eivados de relevância cultural para aqueles que o frequentam. A pesquisa realizada se configura apenas como uma amostragem, um passo inicial, na direção de um melhor entendimento e conhecimento deste bem cultural tombado como patrimônio nacional. As informações obtidas, as singularidades, as recorrências da prática de devoção às almas e da visitação, orações e oferendas em túmulos de devoção popular, registram uma outra face da morte, ainda pouco contemplada.

Neste ponto, percebe-se que a mera divisão entre material e imaterial, instrumentalizada, conceitual e operacionalmente no campo da preservação do patrimônio, pode ser é algo inconsistente, uma vez que não se vislumbra um limite demarcatório entre ambos. Pelo contrário, eles se relacionam, se complementam e se necessitam mutuamente no caso do Soledade. Os instrumentos de preservação de ambos, o tombamento e o registro, respectivamente, não poderiam ser tratados isoladamente, neste caso. Conforme explica Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses,

> o campo dos valores não é um mapa em que se tenham fronteiras demarcadas, rotas seguras, pontos de chegadas precisos. É, antes, uma arena de conflito, de confronto – de avaliação, valoração[259].

Portanto, para que haja uma melhor percepção da atribuição de valor a este lugar por parte dos que o frequentam e dos que são responsáveis por sua conservação, é preciso que este patrimônio seja tratado de maneira unificada, sem se preocupar com distinções entre bem de natureza material ou imaterial ou seu valor histórico, artístico, estético ou paisagístico. Este vem a ser uma das principais descobertas desta pesquisa. O "grande encontro", tão esperado, entre a dimensão material e imaterial deste patrimônio que é o cemitério da Soledade, na verdade, já vem acontecendo há muito tempo, como será discutido no capítulo seguinte.

Ao final da pesquisa, reconhece-se a necessidade de evitar a polarização inicial de que o tombamento representava a valorização do "material" e a identificação das referências culturais ligadas aos ritos de devoção no cemitério representavam o "imaterial" no Soledade. O corpo não está limitado ao aspecto material, bem como a alma não está restrita à imaterialidade. Eles estão permeados por ambos.

---

[259] MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. **O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas**. In: IPHAN. I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009. Brasília: IPHAN, 2012. p. 25-39. (Anais; v.2, t.1).

2.4. DEVOÇÕES EM OUTROS CEMITÉRIOS

Durante o desenvolvimento da pesquisa, houve a necessidade de se ter uma perspectiva comparativa sobre a forma como o tema aparece em outras necrópoles brasileiras contemporâneas ao Soledade. A intenção era observar o tratamento dado aos túmulos mais antigos, verificar se havia material didático instrucional sobre eles, visitas monitoradas e, principalmente, ver se existiam e como eram vistas as manifestações devocionais dentro dos cemitérios. Foram visitados: o cemitério da Consolação, em São Paulo/SP; o cemitério Campo Santo, em Salvador/BA; o cemitério Santo Amaro, Recife, PE; o cemitério de São João Batista, em Fortaleza/CE e o cemitério dos Prazeres, em Lisboa/Portugal.

2.4.1. Cemitério da Consolação, em São Paulo/SP: (Visita em março de 2013)

A inauguração do cemitério da Consolação é marcada pelos mesmos dilemas pelos quais passaram outros cemitérios no mesmo período, envoltos nas questões da arbitrariedade da transferência dos sepultamentos das igrejas para cemitérios afastados do centro das cidades. Amanda Aparecida Pagoto descreve o descontentamento de uma parcela da sociedade da época com relação a este fato:

> (...) foi considerada arbitrária, por uma grande parcela dos paulistanos, a nova postura do governo ao inaugurar um campo santo distanciado meia légua da cidade (cerca de dois quilômetros e meio), sem a infraestrutura prevista em seu regulamento, destinado a inumação de ricos e pobres (sem distinção no seu espaço) e, além de tudo, que concedia a um empresário carioca o monopólio da condução dos corpos ao novo campo[260].

Embora a construção de um cemitério público para a cidade de São Paulo já fosse discutida desde 1829, quando e então vereador Joaquim Antônio Alves Alvim fez esta proposição, o cemitério da Consolação custou a ser inaugurado devido a questões financeiras. Em 1857, a paulistana Maria Domitila de Castro Canto e Melo, que era a Viscondessa de Castro e Marquesa de Santos (1797-1867), fez uma doação de 2 contos de réis para a construção da capela. Este gesto donativo, acrescido da epidemia de varíola, apressou a construção da necrópole, que seria inaugurada no dia 15 de agosto de 1858[261].

---

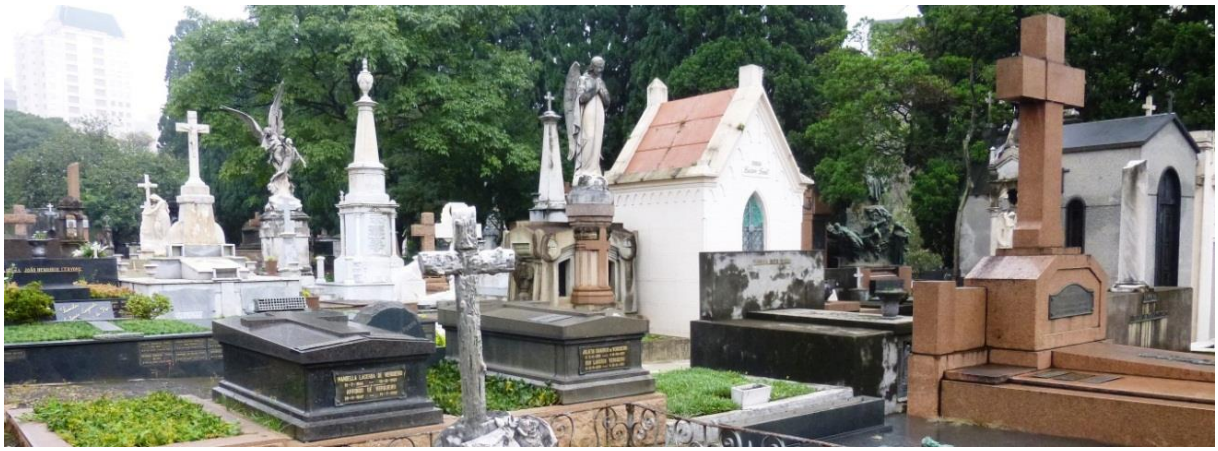
[260] PAGOTO, Amanda Aparecida. **Do âmbito sagrado da igreja ao cemitério público: transformações fúnebres em São Paulo (1850-1860)**. – São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. p. 99

[261] MARTINS, José de Souza. Folder: **História e arte no Cemitério da Consolação**. São Paulo: Prefeitura da Cidade de São Paulo / Secretaria de Cultura / Secretaria de Serviços, 2008.



Img.55: Planta de localização do cemitério da Consolação, São Paulo /SP
Fonte: www.maps.google.com.br

Assim como o Soledade, o cemitério da Consolação ocupa toda uma quadra do bairro do mesmo nome, como pode ser visto na imagem 55, acima. Apresenta imponente pórtico neoclássico na entrada, com quatro colunas jônicas sustentando um frontão triangular. A alameda principal, destacada pelas linhas vermelhas, é ladeada por vegetação de grande porte e chega até a capela do cemitério, delimitada por um ponto amarelo central. Outro ponto comum entre as duas necrópoles é a presença de arborização, que reforça o caráter paisagístico dos lugares.



Img.56: Panorâmica do cemitério da Consolação/ SP
(Foto: Paula Rodrigues, 2013)

O cemitério da Consolação é considerado uma das referências no Brasil em arte tumular e acolhe em seus túmulos algumas personalidades (Img.56). Além da própria Marquesa de Santos, ali estão enterrados o escultor Victor Brecheret (1894-1955), autor

devárias obras escultóricas dentro da necrópole, o Conde Alexandre Siciliano (1860-1913), o industrial Roberto Cochrane Simonsen (1889-1948) e muitas outras figuras expressivas. É importante mencionar o "túmulo social" ou "túmulo corporativo" denominado de Mausoléu dos Chapeleiros, da Sociedade Beneficente dos Chapeleiros, que reunia os operários da Fábrica de Chapéus de João Adolfo[262]. O *site* Arte Funerária no Brasil lista mais alguns:

> Ademar Pereira Barros (Governador de São Paulo - 1847 – 1951); Antonio da Silva Prado (Prefeito de São Paulo - 1899 – 1911); Armando de Salles Oliveira (Governador de SP - 1931 – 1935); Conde Francisco Matarazzo (Industrial); Francisco de Paula Ramos de Azevedo (Engenheiro e arquiteto); Francisco Schimidt (Cafeicultor); Geremia Lunardelli (Cafeicultor); Guiomar Novaes (Pianista); José de Freitas Valle (Mecenas e político); Luiz Pereira Barreto (Cientista); Mário de Andrade (Escritor); Marquesa de Santos (Benemérita); Manoel Ferraz de Campos Salles (Presidente da República - 1898 – 1902); Oswald de Andrade (Escritor); Tarsila do Amaral (Pintora); Washington Luis Pereira de Souza (Presidente da República - 1926 – 1930)[263].

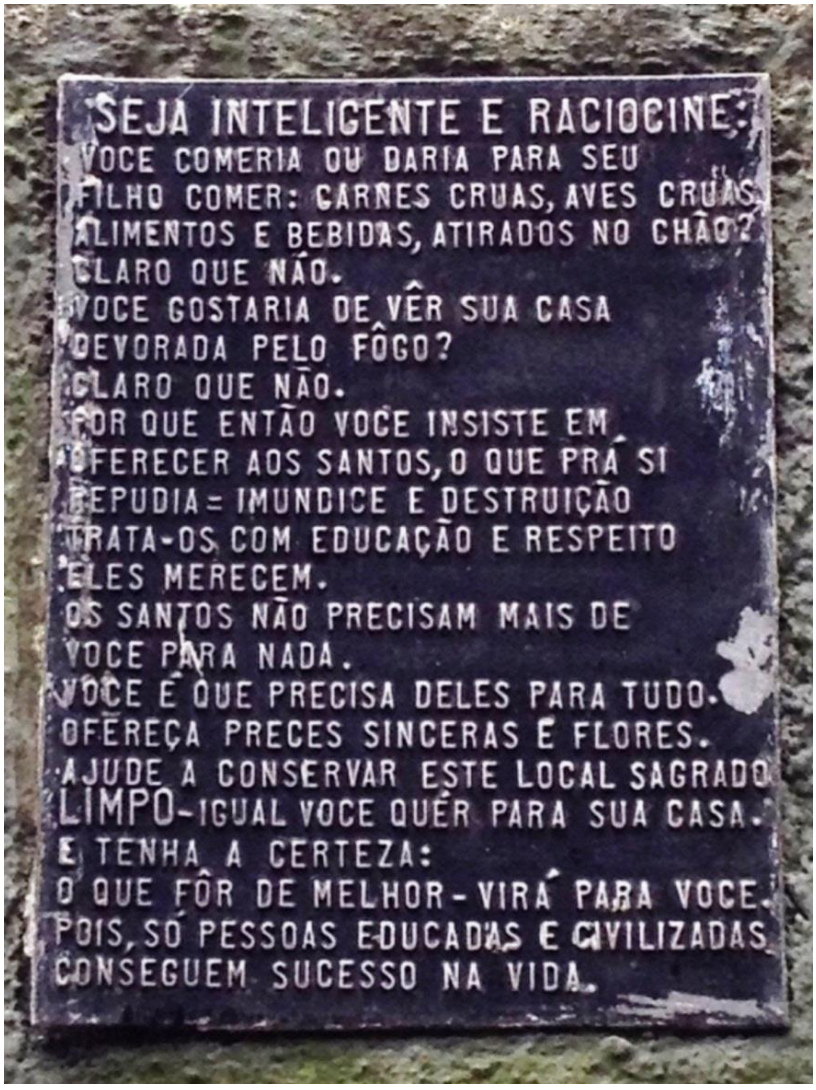
Foram observados três locais de manifestações populares: o Cruzeiro, o túmulo de Antoninho e o de Maria Judith de Barros. O cruzeiro fica localizado em um espaço protegido por duas paredes laterais, provavelmente construídas em época recente e apresenta um grande número de velas e comidas ali depositadas (Img. 57). Havia no local uma placa que exortava os devotos a evitarem tais ofertas (Img.58).



Img. 57: Local de oferendas no Cemitério da Consolação (Foto: Paula Rodrigues, 2013).

[262] MARTINS, José de Souza. Folder: **História e arte no Cemitério da Consolação**. São Paulo: Prefeitura da Cidade de São Paulo / Secretaria de Cultura / Secretaria de Serviços, 2008.

[263] **Arte Funerária no Brasil.** Cemitérios Brasileiros. Cemitério da Consolação. Personalidades. Disponível em: <http://www.artefunerariabrasil.com.br/cemiteriosBrasileiros.php?pg=personalidades&estado=SãoPauloSP&cidade=São Paulo&cemiterio=Cemitério da Consolação> Acesso em: 11/09/2014.



Img. 58: Placa afixada ao lado do cruzeiro. (Foto: Paula Rodrigues, 2013)

O túmulo de Antônio da Rocha Marmo possui uma representação em bronze do menino ao lado de Jesus Cristo. Apresenta pequenas placas afixadas ao túmulo, alusivas a graças alcançadas, além de muitas flores naturais e artificiais. Uma placa pequena pede que não sejam acesas velas no túmulo e a maior mostra a oração com aprovação da Igreja católica, no caso, autorizada pelo cardeal Dom Odilo Pedro Scherer. O *site SP Antiga* contém informações sobre a vida de Antoninho, como costuma ser chamado por seus devotos.

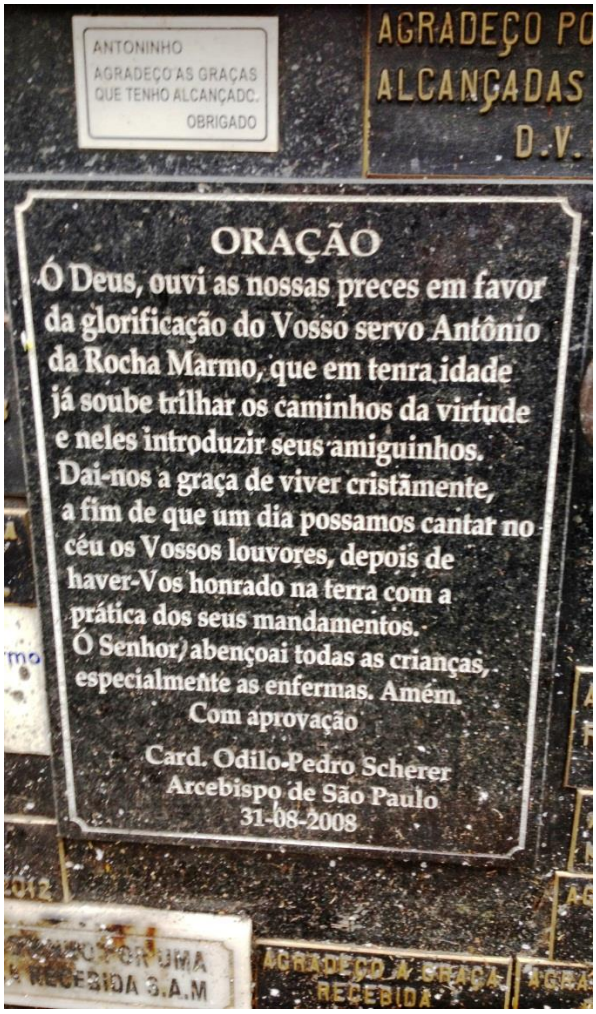
> Desde criança Antoninho gostava de abençoar as pessoas que passavam em frente da janela da sua casa, onde costumava celebrar missas. Logo, a população começou a apreciar sua dedicação perante a sua religiosidade. Dizem que ele tinha o dom de prever o futuro, inclusive prevendo a sua morte. Faleceu aos 12 anos vítima de tuberculose[264].

[264] GARCIA, Glaucia. Os santos populares paulistanos**.** História, Arquitetura e Fotografia. **SP Antiga**. jun/2014. Disponível em: <http://www.saopauloantiga.com.br/santos-populares/> Acesso em: 12/09/2014.

As imagens abaixo se referem ao túmulo de Antoninho, sendo a primeira uma vista da escultura principal da sepultura, onde se vê a imagem de uma criança segurando um livro ao peito adornado por uma cruz, tendo ao lado a imagem de Jesus Cristo que oferece a ele a Sagrada Eucaristia (Img. 59). A segunda imagem é um detalhe da oração a Antoninho, com aprovação eclesiástica (Img.60).



Img.59: Túmulo de Antonio da Rocha Marmo
(Foto: Paula Rodrigues, 2013)



Img. 60: Detalhe da oração com aprovação eclesiástica
(Foto: Paula Rodrigues, 2013)

O outro túmulo que recebe devoção no cemitério paulista é de construção simples e pertence a Maria Judith de Barros. Assim como o túmulo de Antoninho, a sepultura de Maria Judith (Img.61) se encontra coberta de placas de *ex-votos*. Apresenta uma casinhola de proteção em mármore, onde se vê uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, destinada para as velas. Vasos de flores naturais e artificiais são depositados para Mª Judith com frequência, sendo muito procurada por vestibulandos, segundo informou o funcionário Francinaldo Gomes, conhecido como "Popó", uma vez que alguns alunos que participavam de atividades educativas no local, ao conhecerem a fama de Judith, começaram a fazer promessas.

Percebe-se, neste ponto, um fato interessante relacionado a atividades educativas e instrucionais dentro dos cemitérios, que é a possibilidade de aumento das práticas devocionais a partir do momento em que elas são propagadas e referenciadas. Uma prova disto é o fato de que alunos de ensino médio que até então não conheciam a história de vida de Maria Judith, a partir das aulas e visitas ao local, onde tomaram conhecimento de sua fama de "milagreira", iniciaram sua devoção. Este caso deve ser levado em consideração por ocasião de implantação de visitas monitoradas em necrópoles, como é o caso do cemitério da Soledade.

Marcelo Duarte escreve sobre Maria Judith:

> No arquivo local, não existe registro do dia de seu nascimento. Não há também uma única foto que apresente aos fiéis vestibulandos a feição da protetora. Sabe-se que Maria Judith de Barros sofria de uma doença generalizada. Era casada, mas apanhava constantemente do marido, sem nunca ter revidado. Morreu em 26 de novembro de 1938, vítima das agressões do cônjuge, que contribuíram para agravar seu estado clínico. Seu corpo foi enterrado na Rua 26, lado direito, terreno 40[265].



Img. 61: Túmulo de Maria Judith de Barros. (Foto: Paula Rodrigues, 2013)

[265] DUARTE, Marcelo. Por que tantos vestibulandos visitam o túmulo de Maria Judith de Barros no Cemitério da Consolação. **São Paulo para curiosos**. Publicado em jan/2014. Disponível em: <http://spcuriosos.com.br/maria-judith-de-barros-a-santa-popular-dos-vestibulandos/> Acesso em: 25/09/2014.

2.4.2. Cemitério do Campo Santo, em Salvador/BA: (Visita em 21/07/2014)

Paulo Segundo da Costa, ao escrever sobre a história do cemitério do Campo Santo, em Salvador, Bahia, afirma que o mesmo é de propriedade da Santa Casa de Misericórdia, desde 1840.

> Em Salvador, os primeiros sepultamentos em cemitério a céu aberto, de que se tem notícia, foi iniciativa da Irmandade da Misericórdia, cumprindo o preceito evangélico de enterrar os mortos, como o vem fazendo ao longo do tempo, inicialmente no velho cemitério do Campo da Pólvora e depois no Campo Santo[266].

O terreno escolhido para sua construção foi a Fazenda São Gonçalo, desapropriada pelo governo provincial e comprada por seis contos de réis, por uma empresa concessionária denominada de Empresa dos Cemitérios da Cidade, que tinha a frente o sócio proprietário Caetano Silvestre da Silva, segundo Paulo da Costa. A iniciativa enfrentou resistências por diversos setores da sociedade local, que contestava os privilégios dados aos empresários e acusavam o plano de ser "impreciso e vago". Dentre os opositores, estavam "as entidades interessadas nos resultados financeiros dos enterros: confrarias, irmandades, mosteiros, conventos e paróquias[267]".

João José Reis relata com detalhes o movimento que passou a ser conhecido como "Cemiterada", revolta popular que aconteceu em 25 de outubro de 1836, contra a transferência dos enterramentos das igrejas e cemitérios paroquiais para o cemitério público e os privilégios concedidos a particulares sobre a gestão da necrópole[268].

Apenas na provedoria de Antônio de Souza Lima (1844/46) é que foram feitas as benfeitorias para deixar o cemitério em condições de receber os primeiros enterramentos, de acordo com Paulo da Costa. Portanto, o cemitério do Campo Santo iniciou suas atividades no dia 1º de maio de 1844, quando passou a receber os corpos dos falecidos no Hospital da Santa Casa e de escravos[269].

---

[266] COSTA. Paulo Segundo da. **Campo Santo: Resumo Histórico – Cemitério do campo Santo – 1840-2002.Santa Casa de Misericórdia**. 1ª ed. – Salvador: Contexto & Arte. 2003. p. 11

[267] *Idem.* p. 57-62.

[268] REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

[269] COSTA. Paulo Segundo da. **Campo Santo: Resumo Histórico – Cemitério do campo Santo – 1840-2002.Santa Casa de Misericórdia**. 1ª ed. – Salvador: Contexto & Arte. 2003. p. 57 - 62.

Assim como o cemitério da Soledade, o Campo Santo recebeu vítimas das epidemias de febre amarela (1849) e cólera *morbus* (1855), segundo Paulo da Costa. O autor afirma que a antiga capela era "pequena e mal construída", sendo construído outro templo, em honra a Nossa Senhora da Piedade, inaugurado em 07 de junho de 1874. Neste ínterim, numerosos túmulos monumentais já começavam a surgir. O autor cita uma publicação do jornal *A Tarde*, datada de 3 de novembro de 1950, que diz:

> Os adornos da natureza completam-se com obras de arte do conjunto simétrico da capela, das campas e mausoléus que permitem aos mais ilustres visitantes da Bahia equipararem o nosso principal cemitério ao Pére-Lachaise, em Paris, ao Campo Santo de Pisa, na Itália (...)[270]

Paulo Segundo da Costa arrola uma lista de "importantes figuras baianas" que ali foram enterradas que inclui desde provedores da Santa Casa, até políticos, industriais, jornalistas, médicos, engenheiros, advogados e comerciantes, dentre outros. Um dos túmulos mais famosos é do poeta Antônio de Castro Alves, sepultado em 1871 no túmulo da família de Francisco Ramos Guimarães Alves[271].

Embora o Campo Santo não seja tombado pelo IPHAN, possui túmulo específico com a chancela de bem cultural da cidade, que possui tombamento federal. É o caso da Estátua da Fé, obra do escultor alemão Johann Halbig (1814/1882), que adorna o túmulo nº 199, da quadra nº 5, adquirida pelo Barão de Cajayba para decorar o túmulo de seu filho José Joaquim Gomes d'Argolo, que morreu precocemente[272].

Observando-se a planta do cemitério do Campo Santo (Img. 62), notam-se semelhanças com o cemitério da Soledade, como é o caso da centralidade da capela ligada ao portão de entrada pela alameda principal, que está demarcada com linhas vermelhas para facilitar sua visualização, uma vez que a copa das árvores a encobre em vistas aéreas. A capela central, demarcada com linhas amarelas marca a área da formação inicial da necrópole, que foi sendo ampliada em quadras maiores para o lado esquerdo do templo, já que o lugar continua sendo usado até a atualidade como principal lugar de enterramentos. A vegetação densa se limita às áreas mais antigas, sendo praticamente inexistente nas quadras mais novas.

---

[270] REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 96.
[271] COSTA. Paulo Segundo da. **Campo Santo: Resumo Histórico – Cemitério do campo Santo – 1840/2002. Santa Casa de Misericórdia**. 1ª ed. – Salvador: Contexto & Arte. 2003. p. 99-101
[272] *Idem.* p. 97



Img.62: Planta de localização do cemitério do Campo Santo, Salvador/BA
Fonte: www.maps.google.com.br

Durante as pesquisas no cemitério do Campo Santo, não foi observado nenhum caso de devoção popular, nem foram encontradas oferendas e ex-votos sobre as sepulturas. Esta constatação foi confirmada pela arquiteta Cibele de Mattos Mendes[273], que realiza visitas monitoradas no lugar e forneceu importantes dados sobre a necrópole

A pesquisadora baiana informou que muitas famílias abastadas de Salvador importaram elementos da arquitetura funerária europeia, em meados do século XIX, como é o caso da figura escultórica de uma pranteadora, que pode ser vista na imagem 63, de maneira semelhante à que ocorreu no cemitério da Soledade. Cibele Mendes descreve o Campo Santo:

> Uma arquitetura funerária que reúne túmulos capelas, obeliscos e mausoléus pomposos, em pedra de Lioz, importados de oficinas de cantaria de Lisboa, França, Itália e Alemanha, que preserva até os dias atuais o universo de estilos e técnicas; constituindo-se num repositório de obras de arte de diferentes épocas, sinais duradouros de atitudes e relações efemeramente existentes no mundo dos vivos, perpetuados através da arquitetura fúnebre[274].

[273] Cibele de Mattos Mendes é doutoranda pela Universidade Federal da Bahia e desenvolve pesquisas sobre a arquitetura funerária de Salvador no século XIX. Além de material impresso e da disponibilização do seu projeto de doutorado, realizou um intercâmbio com esta mestranda, incluindo visita monitorada no Campo Santo. Por ocasião de visita a Belém para realizar pesquisas no cemitério da Soledade, pude retribuir a gentileza, igualmente com uma visita monitorada, desta vez no cemitério da Soledade.
[274] MENDES, Cibele de Mattos. **A Pedra de Lioz na Arquitetura Funerária de Salvador no século XIX**. Projeto de Tese. Programa de Pós -graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU. Salvador, 2010.



Img.63: Escultura de uma pranteadora no Cemitério do Campo Santo, Salvador/BA
(Foto: Paula Rodrigues, 2013)

Embora o Cemitério do Campo Santo não apresentasse manifestações populares em torno de determinados túmulos, enfoque principal desta pesquisa no Cemitério Nossa Senhora da Soledade, onde esta é uma prática comum, a visita àquela necrópole foi importante, por permitir a observação de semelhanças e fatos comuns que cercavam a história da implantação de ambos e sua utilização pela população.

Além disso, a maneira como os administradores criaram alternativas para sua melhor utilização como bem cultural, serviu de base para o desenvolvimento do material didático-instrucional para o Soledade, proposto como um produto resultante desta pesquisa. Dentre os cemitério visitados, este foi considerado o mais bem equipado em termos de informações aos frequentadores e visitantes. Possui placas indicativas dos túmulos mais relevantes, planta baixa de localização e especificações artísticas e históricas, incluindo os significados de algumas simbologias funerárias.

2.4.3. Cemitério Santo Amaro, Recife/PE (Visita em março de 2013)

Segundo Fellipe Fernandes, o Cemitério Senhor Bom Jesus da Redenção de Santo Amaro das Salinas (Img.64) abriga desde túmulos simples e comuns até "mausoléus imponentes, morada de grandes personagens da história de Pernambuco, cujos nomes evocam um mapa da cidade[275]", atualmente impressos nos nomes de ruas da cidade.

Alunos de arquitetura da Universidade Católica de Pernambuco, organizadores do *blog* Bairro de *Santo Amaro*, contam que o bairro já possuía o primeiro cemitério da cidade, que era o *Britsh Cemetery*, construído em 1814 e mais conhecido como Cemitério dos Ingleses. Segundo eles, a inauguração do cemitério de Santo Amaro só aconteceria em 1º de março de 1851, após o governo comprar uma parte do terreno de Norberto Joaquim José Guedes, que cedeu gratuitamente a outra metade para a construção deste empreendimento[276].

Maria Elizia Borges menciona que o projeto da atual necrópole foi feito por uma comissão, sendo o principal autor e idealizador o engenheiro francês Louis Léguer Vauthier (1845-1916). Segundo ela, o Cemitério de Santo Amaro "foi planejado de tal modo que a paisagem é equanimemente distribuída entre os túmulos e as covas-rasas" e recebeu vítimas da epidemia de febre amarela (1849) e de cólera *morbus* (1856)[277]".



Img. 64: Entrada do cemitério de Santo Amaro. (Foto: Paula Rodrigues, 2013)

[275] FERNANDES. Fellipe. Epitáfios urbanos. **Revista Aurora**. Disponível em: <http://aurora.diariodepernambuco.com.br/2013/03/epitafios-urbanos/> Acesso em: 21/03/2013.

[276] **Bairro de Santo Amaro** – Recife. História. Disponível em: <http://santoamarorecife.blogspot.com.br/p/historia.html> Acesso em 24/09/2014.

[277] BORGES, Maria Elizia. **Cemitério Santo Amaro**. Arte Funerária no Brasil. Cemitérios Brasileiros. Disponível em: <http://www.artefunerariabrasil.com.br/cemiteriosBrasileiros.php?pg=historia&estado=Pernambuco%20-%20PE&cidade=Recife&cemiterio=Cemit%E9rio%20Santo%20Amaro> Acesso em : 24/09/2014.

A configuração espacial do cemitério de Santo Amaro assemelha-se ao Soledade, por ocupar uma quadra em bairro importante da cidade, contudo, sua planta radial com a igreja ao centro prima pela simetria (Img.65). O acesso à necrópole é feito por um largo portão de ferro fundido, que dá acesso a uma alameda arborizada, sinalizada por linhas vermelhas, que segue até a capela, marcada de amarelo. Nota-se a predominância de vegetação arbórea de grande porte apenas nas extremidades, próximas ao muro, resultando em um local aberto, muito afetado pelo sol da região.



Img.65: Planta de localização do cemitério Santo Amaro, em Recife/PE
Fonte: www.maps.google.com.br

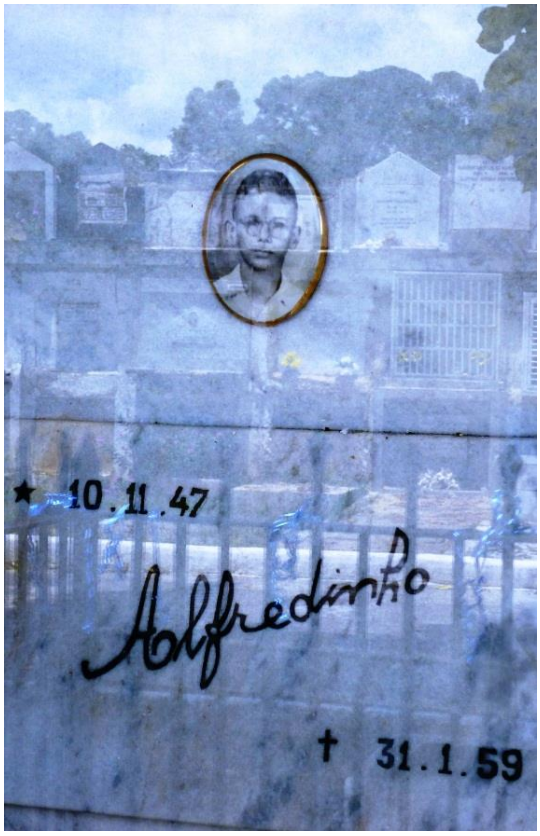
Dentre as muitas sepulturas existentes, dois locais são especialmente visitados por devotos, sendo ambos relativos a túmulos de crianças. O primeiro deles pertence ao menino "Alfredinho", que morreu aos 11 anos de idade, conforme indica a lápide de seu túmulo (Imgs.66 e 67) . A outra sepultura pertence a uma menina não identificada, assassinada em 1970, em uma praia de Recife.

A sepultura perpétua nº 812 do pequeno Alfredo Sotero Neto é contornada por grade de ferro preta. Apresenta uma moldura em mármore negro que envolve uma lápide protegida por um vidro. A placa de mármore branco informa a data de nascimento e falecimento do menino, 10/11/1947 e 31/01/1959 respectivamente, tendo acima da grafia de seu nome uma pequena foto em moldura oval de borda dourada. Em frente a este túmulo, encontra-se um banco e espaço específico para se acender velas, indicando ser ali um lugar de muita oração, devoção e visitação.

Não se obteve maiores informações sobre a vida e morte da criança, apenas relatos, como o de Elizeu Rodrigues, que postou um comentário na página *Santos Populares do Brasil*, no *Facebook*, relatando que Alfredinho, mesmo acometido de doença grave "continuou feliz e pedia a sua mãe que não chorasse[278]". Sua fama de pequeno intercessor se espalhou rapidamente.



Img.66: Túmulo de Alfredinho
(Foto: Paula Rodrigues, 2013)



Img.67: Detalhe da lápide com foto
(Foto: Paula Rodrigues, 2013)

A outra devoção, que acontece no túmulo da "menina sem nome", apresenta mais informações, até porque se trata de um crime que gerou comoção na cidade. Luís Américo Silva Bonfim informa que a criança,

> (...) com aproximadamente oito anos de idade, foi encontrada morta por um pescador na Praia do Pina, na cidade do Recife-PE, em 22 de junho de 1970. Com marcas de estupro, o corpo a criança passou dias à espera do reclame dos parentes, já que o caso havia sido noticiado amplamente pela imprensa. Só que ninguém se apresentou e a menina foi sepultada como indigente, em cova comum[279].

---

[278] RODRIGUES, Elizeu. Timeline Photos. **Santos Populares do Brasil**. Disponível em: <https://www.facebook.com/santospopularesdobrasil/photos/a.136034579923999.1073741826.136027923257998/136034583257332/?type=1&permPage=1> Acesso em: 25/09/2014.

[279] BONFIM, Luiz Américo Silva. **O Signo Votivo Católico no Nordeste Oriental do Brasil: Mapeamento e Atualidade.** Tese de Doutorado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2007.

A sepultura (Img.68) se assemelha a uma mesa de mármore branco onde são depositados bonecas, bichos de pelúcia, brinquedos, imagens de santos e *ex-votos* como miniaturas de casas e peças do corpo humana reproduzidas em cera, além de flores naturais e artificiais, orações impressas e placas votivas. Uma das placas diz: "Menina-sem-Nome. Sofreste na terra, mas por prêmio ganhaste o céu".



Img.68: Túmulo da "Menina sem nome" com oferendas
(Foto: Paula Rodrigues, 2013)

2.4.4. Cemitério São João Batista, Fortaleza/CE: (Visita em fevereiro de 2014)

José Solón Sales e Silva informa que um primeiro cemitério, anterior ao São João Batista, existiu no Morro do Croatá, e sua construção teria sido iniciada em 1844, sendo inaugurado em 1853. Em 1860, a Lei Provincial de 04 de agosto entrega sua administração à Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, quando passa a ser denominado de cemitério de São Casemiro. Esta denominação foi uma homenagem ao governador Casimiro José de Moraes Sarmento, que autorizou sua construção[280].

No ano de 1862, o governo provincial ordenou a construção de uma necrópole mais afastada do centro da cidade para receber as vítimas da epidemia de cólera, bem como os

[280] SILVA. José Solón Sales e. Cemitério – patrimônio cultural e atrativo diferencial: um estudo sobre o Cemitério São João Batista de Fortaleza. *In:* MARTINS, Clerton (org.) **Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar.** São Paulo: Roca, 2006. p. 136-137.

despojos mortais daqueles que haviam sido sepultados no antigo cemitério de São Casemiro, que seria desativado. As obras da construção ficaram a cargo do engenheiro Inácio Pinto de Almeida Castro. A nova necrópole foi inaugurada em 5 de abril de 1866 e alguns anos depois, ela passou à administração da Santa Casa de Misericórdia.

> As construções tumulares do São João Batista, durante o século XIX e início do XX, são predominantemente neoclássicas e foram realizadas em Portugal. (...) obras de procedência portuguesa das oficinas de Antônio Moreira Rato e Germano Salles e filhos[281].

Indyra Tomaz aponta que, desde sua fundação, o cemitério São João passaria a "receber corpos pertences aos parentes das famílias ricas da capital". Ela escreve uma prática interessante de visitas ao cemitério de São João Batista, por ocasião dos primeiros anos de sua utilização, onde uma senhora da sociedade local, à semelhança dos hábitos europeus, fazia piqueniques no lugar.

> Por volta de 1862, a forma que as famílias encontravam para mostrar sua ascensão econômica era decorando os túmulos de seus parentes. Um caso muito conhecido foi o da baronesa do Crato que tinha o hábito de fazer um piquenique aos domingos com a sua família. Essa ideia foi adotada pelo restante da sociedade que passou firmar uma competição em relação aos túmulos mais bonitos[282].

Este fato remete a um hábito muito frequente na Inglaterra vitoriana, como afirmam Ralph e Terry Kovel, que escrevem: "Family outings, and often picnics, were commonplace in large, park like cemeteries"[283]. Este exemplo reforça a assertiva de que os ideais europeus em torno da sociabilidade nesses espaços eram valorizados pela sociedade da época, como foi citado no Capítulo II, ao se mencionar a época de fundação do cemitério da Soledade.

Com relação à sua configuração espacial, é possível verificar a disposição em "espinha de peixe" no cemitério S. João Batista (Img.69), onde um longo corredor central ladeado de vegetação, destacado com linhas vermelhas, atravessa toda a extensão do lugar, tendo na frente a edificação da capela, marcada com amarelo. Assim sendo, sua forma se distingue das demais necrópoles visitadas.

---

[281]SILVA. José Solón Sales e. Cemitério – patrimônio cultural e atrativo diferencial: um estudo sobre o Cemitério São João Batista de Fortaleza. *In:* MARTINS, Clerton (org.) **Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar.** São Paulo: Roca, 2006. p. 136-137.

[282] TOMAZ, Indyra. **O Cemitério das Obras de Arte**. De pés descalços. Nov/2007. Disponível em: <http://igti.wordpress.com/2007/11/03/o-cemiterio-das-obras-de-arte/> Acesso em: 26/09/2014.

[283] KOVEL, Terry; Ralph. **Families used to picnicin the cemetery**. Antiques. The Free Lance Star. Out/1999. Disponível em: <http://news.google.com/newspapers?nid=1298&dat=19991009&id=pi4zAAAAIBAJ&sjid=gggGAAAAIBAJ&pg=4495,2386260> Acesso em: 26/09/2014.



Img.69: Planta de localização do cemitério de S. João Batista, Fortaleza/CE
Fonte: www.maps.google.com.br

Dentre os túmulos de "sepultados ilustres" citados por José Solón Sales e Silva[284], não consta um dos mais frequentados dentro do São João Batista, que é a sepultura da menina Lúcia, que morreu aos 2 anos de idade, cinco dias antes de seu aniversário (Img.70). O lugar vem sendo objeto de grande devoção popular, fato este comprovado pelas inúmeras placas votivas de mármore, que agradecem por graças alcançadas. A construção remete ao estilo neoclássico e apresenta uma coluna alta de base quadrada que tem ao centro a imagem da criança com seu nome e os anos de 1915 e 1917, que correspondem ao ano de seu nascimento e falecimento, respectivamente. No alto da coluna está posicionado um anjo querubim, que é frequentemente usado para indicar túmulos de crianças, segundo o *Cemitério SP*[285]. Rosana Romão fornece maiores detalhes sobre a menina Lúcia:

> Ela é irmã de Luiza Távora, primeira-dama do Ceará durante os dois mandatos de Virgílio Távora. As duas irmãs estão enterradas no mesmo jazigo que possui uma efígie bem curiosa. A imagem da pequena Lúcia está no alto de uma coluna e costuma assustar os visitantes. O motivo se dá em virtude do olhar fixo da criança[286].

[284] SILVA. José Solón Sales e. Cemitério – patrimônio cultural e atrativo diferencial: um estudo sobre o Cemitério São João Batista de Fortaleza. *In:* MARTINS, Clerton (org.) **Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar.** São Paulo: Roca, 2006. p. 138-139.
[285] Cemitério SP. **Arte Cemiterial.** Disponível em: <http://www.cemiteriosp.com.br/arte-cemiterial/> Acesso em: 25/09/2014.
[286] ROMÃO, Rosana. **Cemitério mais antigo de Fortaleza tem jazigos de personalidades históricas do Ceará**. Tribuna do Ceará. Cotidiano, Ago/2014. Disponível em: <http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/cotidiano-2/cemiterio-mais-antigo-de-fortaleza-tem-jazigos-de-personalidades-historicas-ceara-sugestao/> Acesso em: 26/09/2014.

Assim como nos túmulos infantis do cemitério Nossa Senhora da Soledade, em Belém do Pará, os devotos da menina Lúcia, no cemitério São João Batista, em Fortaleza, costumam deixar em sua sepultura balas, pirulitos, pipoca e até balões como decoração. Rosana Romão relata o sentido deste ritual dentro do imaginário popular, segundo o qual toda vez que as oferendas são postas sobre o túmulo, "a alma do finado vai até o local, come os doces, brinca com os balões e depois vai embora[287]".



Img.70: Túmulo da menina Lúcia. (Foto: Paula Rodrigues, 2013)

[287] ROMÃO, Rosana. **Cemitério mais antigo de Fortaleza tem jazigos de personalidades históricas do Ceará**. Tribuna do Ceará. Cotidiano, Ago/2014. Disponível em: <http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/cotidiano-2/cemiterio-mais-antigo-de-fortaleza-tem-jazigos-de-personalidades-historicas-ceara-sugestao/> Acesso em: 26/09/2014.

Indyra Tomaz menciona outro túmulo no São João Batista, o da adolescente Cleidimar Medeiros Dantas (1955 - 1970), também muito visitado por pessoas que buscam "cura de algumas doenças, aprovação em vestibular, melhorias nas condições financeiras". Como retribuição a graças alcançadas são deixados no túmulo: "velas, flores, quadros, mensagens". Ela informa que 40 pessoas em média visitam regularmente a sepultura às segundas-feiras[288].

2.4.5. Cemitério dos Prazeres, Lisboa/PT: (Visita em novembro de 2013)

Assim como a maioria dos cemitérios da época, o cemitério dos Prazeres teve sua inauguração ligada a violentas epidemias, no caso, a de cólera *morbus*. A facilidade com que a doença se propagava entre as pessoas e o alto índice de mortalidade impulsionaram as proibições de enterramentos nas igrejas e suas imediações, conforme relata Licínio Fidalgo, técnico superior funcionário da Divisão de Gestão Cemiterial e responsável pelas visitas monitoradas na necrópole. Segundo o funcionário, o cemitério foi inaugurado em 1833 e ali era o lugar onde se sepultavam os habitantes da zona ocidental de Lisboa, especialmente de muitos nomes reconhecidos na história de Portugal[289].

Segundo Licínio Fidalgo, o Decreto-Lei de 21 de setembro de 1835, que proibia sepultamentos em templos religiosos e os tornava obrigatórios em cemitérios públicos, também enfrentou resistência em todo o país. Contudo, a situação em Lisboa teve "aceite sem grandes convulsões", uma vez que estes enterramentos fora das igrejas vinham sendo feitos desde 1833, com as vítimas da cólera. Em 1858 foi erguida a capela em honra a Nossa Senhora dos Prazeres, em volta da qual "as famílias ilustres procuraram terrenos para neles construir seus jazigos[290]".

> Anjos da morte encimam algumas construções, outras ostentam símbolos profissionais, profusa simbologia religiosa e fúnebre, alguns apelam violentamente para o sofrimento e dor causados pela morte, em atitudes românticas, outros, os que marcaram as lutas da militância laica, os símbolos dessa militância, que vão desde os jazigos inteiramente laicos, ou apelando para simbólica inspirada na natureza, ou simbólica maçónica, ou profissional[291].

---

[288] TOMAZ, Indyra. **O Cemitério das Obras de Arte**. De pés descalços. Nov/2007. Disponível em: <http://igti.wordpress.com/2007/11/03/o-cemiterio-das-obras-de-arte/> Acesso em: 26/09/2014.
[289] FIDALGO, Licínio. 1. **Cemitério dos Prazeres**. Material didático-instrucional da Divisão de Gestão Cemiterial. Câmara Municipal de Lisboa.
[290] FIDALGO, Licínio. **Sinopse das visitas ao Cemitério dos Prazeres**. Fev/2011. Material impresso que acompanha as visitas monitoradas.
[291] *Idem.*



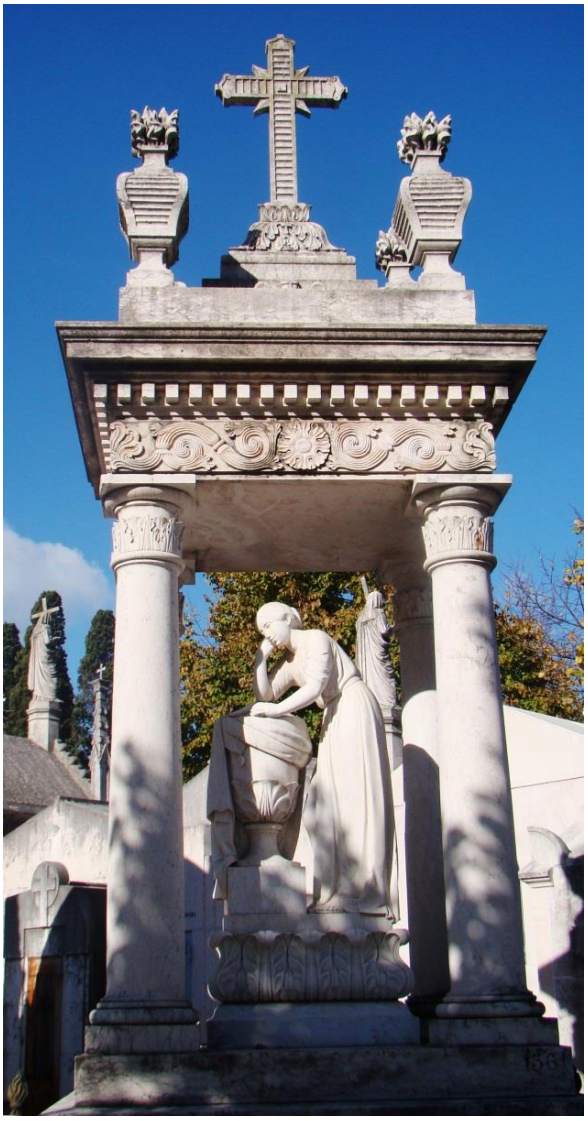
Img. 71: Planta de localização do Cemitério dos Prazeres, Lisboa/PT
Fonte: www.maps.google.com.br

A observação espacial do cemitério dos Prazeres (Img.71) permite a verificação da semelhança com a maioria das outras necrópoles visitadas no que diz respeito à entrada e acesso a capela. O pórtico monumental de entrada em estilo neoclássico (Img.72), onde colunas sustentam frontões triangulares de mármore e portões de ferro fundido delimitam sua passagem, remete aos pórticos dos cemitérios da Soledade (Belém/PA) e da Consolação (São Paulo/SP). A partir daí, segue-se por uma larga alameda principal, indicada na imagem pelas linhas vermelhas que chega até a capela do lugar, marcada na cor amarela. Percebe-se que a vegetação, em sua maioria, está proporcionalmente distribuída, criando alamedas secundárias arborizadas que favorecem o seu paisagismo.

Foi possível observar a influência artística do cemitério dos Prazeres na arte empregada nos túmulos do cemitério da Soledade e o provável uso de mesmas marmorarias fornecedoras dos elementos artísticos e arquitetônicos, em função de similaridades encontradas. Uma das sepulturas do cemitério dos Prazeres (Img.73) remete à sepultura de Ana Joaquina Pimenta de Magalhães (Img. 29), no Soledade, e, igualmente, a outro túmulo do cemitério do Campo Santo, na Bahia (Imag. 30). Além deste caso, cita-se outro mausoléu português (Img.74), muito semelhante ao do capitão José Joaquim da Silva (Img.29 e 30), existente no cemitério da Soledade.



Img.72: Pórtico de entrada do cemitério dos Prazeres, Lisboa – Portugal
(Foto: Paula Rodrigues, 2013)



Img.73: Túmulo no cemitério dos Prazeres
(Foto: Paula Rodrigues, 2013)



Img.74: Túmulo no cemitério dos Prazeres
(Foto: Paula Rodrigues, 2013)

Apesar de não haver expressões de devoção popular e práticas votivas em túmulos específicos, a visita ao cemitério dos Prazeres foi relevante por proporcionar um paralelo entre um cemitério em Portugal e alguns cemitérios brasileiros, denotando a influência europeia na configuração das necrópoles brasileiras do período.

O trabalho buscou enfatizar anteriormente, a influência das tradições e expressões artísticas trazidas de Portugal nas questões religiosas, funerárias e culturais em torno dos cemitérios no Brasil. A partir das visitas, foi possível traçar uma melhor contextualização da implantação dos cemitérios públicos, contemporâneos ao Soledade, que substituíram os sepultamentos realizados nas igrejas; observar os mesmos problemas enfrentados; as semelhanças artísticas e arquitetônicas e sua situação atual.

CAPÍTULO III

3. AS DUAS FACES DA MORTE – O GRANDE ENCONTRO

3.1. Problematização dos termos usados

As discussões sobre os termos "popular" e "cultura" são relevantes para a pesquisa, pois as conceituações estão atreladas a diferentes áreas do conhecimento. Há divergências nos termos usados, por serem abrangentes e pertinentes a várias disciplinas. Há que se ter cautela com as denominações dadas às manifestações frequentemente rotuladas de "devoções populares". Por definição, a palavra "popular" refere-se a algo próprio do povo, feito para o povo e agradável a ele. Refere-se também a algo "vulgar, ordinário, trivial, plebeu[292]". Isto pode levar à errônea associação de que manifestações populares são desprovidas de valor.

Petrônio Domingues relata que intelectuais europeus foram responsáveis pela separação entre a cultura popular e a erudita, no século XVIII, ao criarem o conceito de folclore, o "saber do povo". Estes conceitos chegariam ao século XIX com uma valorização em função ao seu caráter primitivo, puro e residual do passado, de uma cultura fadada ao desaparecimento ao entrar em contato com os centros urbanos. Atualmente, o termo folclore deu lugar à expressão cultura popular, mais abrangente[293].

Segundo Peter Burke, no início do período moderno a elite da Europa ocidental considerava a cultura popular como uma segunda tradição, apesar de vê-la como "não oficial" e de classes subalternas. Simples e letrados chegavam a compartilhar a mesma cultura. Neste período, entretanto, iniciou-se um distanciamento entre ambas, provocado por novas perspectivas que acompanharam os movimentos identificados com o Renascentismo, a revolução científica e as reformas religiosas. Neste último caso, o historiador lembra que tanto a reforma católica, pautada pelas diretrizes do Concílio de Trento, quanto a protestante, se esforçavam para refrear os excessos da religiosidade popular, a partir do século XVI. Para Burke é difícil estabelecer delimitação entre cultura erudita e popular, pois esta "é um sistema de limites indistintos, de modo que é impossível dizer onde termina uma e começa outra[294]".

---

[292] Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa.** – 3.ed.totalmente revisada e ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 1607

[293] DOMINGUES, Petrônio. Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica. **História**, Franca, v. 30, n. 2, Dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/ scielo.php?script=sci_arttext &pid=S0101-90742011000200019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25/08/2014

[294] BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800**; tradução Denise Bottmann. — São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Ecléa Bosi acredita que existe uma cultura vivida e outra que é aspirada pelo homem. Menciona que a cultura popular e a cultura erudita são dois grupos que se confrontam, onde o primeiro apresenta realizações culturais com significados sociais e o segundo, "cujas realizações assumem significação quando postas em oposição à cultura dominante[295]".

Maria Laura Cavalcanti, analisando o fenômeno da cultura popular na atualidade e, em especial nos folguedos do folclore brasileiro, nota que a

> cultura não são comportamentos concretos, mas sim significados permanentemente atribuídos pelos homens ao mundo. São fatos e processos que atravessam as fronteiras entre as chamadas cultura popular, erudita, ou de massa, e mesmo os limites entre as diferentes camadas sociais. São veículos de relações humanas, de valores e visões de mundo[296].

Na tentativa de buscar conceituação sobre a cultura popular, Michel de Certeau chama de "cultura comum de pessoas comuns", ou seja, "uma cultura que se fabrica no cotidiano, nas atividades ao mesmo tempo banais e renovadas de cada dia[297]". Esta assertiva aponta o caráter dinâmico destas manifestações. Por sua vez, Roger Chartier enfatiza que estas relações são diversificadas em função das pessoas que com elas se relacionam. Para o autor, "o popular não está contido em conjunto de elementos que bastaria identificar, repertoriar e descrever". Para Chartier, o popular é aquele que qualifica, "um tipo de relação, um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras[298]".

Estas breves e importantes reflexões são uma tentativa de utilização adequada do termo devoção e cultura popular. Uma vez que é perceptível a problematização em definir o que é popular e, ao mesmo tempo, percebe-se que não há uma delimitação estanque entre os tipos de cultura, optou-se por permanecer com a designação de devoção popular. Roger Chartier, associando o termo popular aos tipos de relações e maneiras de uso de objetos ou normas sociais[299], respalda a decisão desta mestranda.

---

[295] BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 155.
[296] CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica. **Revista TB,** Rio de Janeiro, 147: 69/78, out.-dez., 2000. p. 72
[297] CERTEAU, Michel de. "A beleza do morto". *In*: A cultura no plural. Campinas, SP: Papirus, 1995.
[298] CHARTIER. Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1993
[299] *Idem.*

3.2. As relações entre pessoas e o espaço do Soledade

O cemitério de Nossa Senhora da Soledade completou 164 anos de existência no ano de 2014, dentre os quais apenas 30 anos foram dedicados aos enterramentos. Embora sua função inicial tenha sido curta, ainda hoje o lugar possui uma importante função social para as pessoas que o frequentam todas as segundas-feiras.

José Enrique Finol e Karelys Fernández, estudiosos da semiótica nos ritos funerários, descrevem que o ato de visitar o túmulo de um defunto apresenta uma estrutura similar a uma visita social nas casas dos vivos. É a repetição de algo que se fazia quando a pessoa era viva e que é feito como uma forma de continuidade da relação familiar ou de amizade. Se por um lado o velório é um ato de solidariedade, a visita aos cemitérios é uma forma de comunicação com o morto.

> Una vez concluida la relación velatoria e incluso el rito del entierro, en los que el individuo y el grupo expresan su solidaridad con la familia, en la relación post-entierro son sólo los familiares quienes quedan solos con su difunto, son ellos quienes, a través de la visita, de las flores y rezos, de la conversación frecuente, conservan viva la relación con los muertos[300].

Finol e Fernández realizaram pesquisas com alguns frequentadores de cemitérios na Venezuela e chegaram à conclusão de que "frente a la muerte, los visitantes imponen un sistema que privilegia la vida, trayendo así a los escenarios de la muerte las mismas prácticas propias de la vida cotidiana". Portanto, ali acontecia um ato da prática social que possibilita e mantém um intercâmbio comunicativo[301].

É uma relação dialógica onde emissor e receptor atuam mutuamente, sendo ambos afetados pelo processo, de uma forma ou de outra. As respostas obtidas pelos pesquisadores corroboraram essa ideia, por permitirem a compreensão de que a visita tem efeito também sobre os visitantes: "Significa mucho (la visita), estando aquí me siento bien[302]". Este tipo de resposta foi encontrado, também, entre as falas dos frequentadores do cemitério da Soledade, como pode ser visto nas entrevistas em anexo (Anexo 39). Embora o tratamento devocional seja diferente do ato de visitar um parente ou amigo falecido, é possível afirmar que o "diálogo" pregado por Finol e Fernández, acontece em ambos os casos.

---

[300] FINOL, José Enrique; FERNÁNDEZ, Karelys. Etno-Semiótica del Rito: Discurso funerario y prácticas funerarias en cementerios urbanos. **Signa. Revista de la Asociación Española de Semiótica**. Núm. 6, 1997.
[301] *Idem.*
[302] *Ibidem.*

O cemitério pode ser visto como o espaço próprio da morte. Entretanto, a linguagem espacial do cemitério Nossa Senhora da Soledade, com suas tumbas e mausoléus, não pode ser vista apenas como um território ou espaço. A partir do momento em que pessoas o frequentam e ali desenvolvem relações, ele se transforma em um lugar de referências e significados para elas.

Para Antônio Mota, o *lugar* é "uma construção social resultante do enraizamento de um ou mais indivíduos num eixo espaço-temporal", que se transforma a partir da "construção de memorias e narrativas a emoldurar o passado, o presente e o futuro". Ao falar especificamente dos cemitérios, ele afirma se tratar de um lugar que,

> Embora não seja necessariamente institucionalizado ou concebido para tal finalidade, lida igualmente com processos sociais, com memorias e representações individuais e coletivas, que se exprimem por meio de outros tipos de acervos, de narrativas expositivas e que faculta aos indivíduos a possibilidade de atribuírem determinados valores, significados e sentidos aos objetos[303].

A partir dos anos de 1970, o conceito de lugar foi recuperado pela geografia humanista, associado a bases filosóficas. Inicialmente, o termo seria usado por La Blanche e Sauer vinculado apenas à ideia de localização, segundo Werther Holzer[304]. O geógrafo Yi-Fu Tuan vai iniciar uma série de discussões onde situa o lugar como um conjunto de sentimentos associados a determinados espaços. Para ele, o espaço se torna um lugar quando é preenchido por um valor a ele atribuído[305].

Topofilia é um neologismo usado por Yi-Fu Tuan para falar sobre o amor ao lugar e ao convívio, em um espaço onde a vivência e o pertencimento são frutos afetivos do relacionamento entre um indivíduo e o espaço. O lugar passa a ser uma realidade que independe de uma imagem precisa ou limitada. A definição tem como referência a relação de familiaridade das pessoas com este espaço[306].

No caso específico do Soledade, é possível supor uma transformação da visão da população sobre o cemitério. Inicialmente, ele era visto apenas como um território, uma

---

[303] MOTTA, Antônio. Museu da morte: patrimônios familiares e coleções. *In:* MAGALHÃES, Aline Monteiro; BEZERRA, Rafael Zamorano (Org.). **Museus nacionais e os desafios do contemporâneo.** Rio de Janeiro: MHN, 2011. p. 280

[304] HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**. Disponível em: <http://www. revistaterritorio.com.br/pdf/07_6_holzer.pdf> Acesso em: 01/10/2014.

[305] TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência.** Disponível em: <http://www.4shared. com/ postDownload/dpf27wAQ/ESPAO_E_LUGAR_-_A_perspectiva_.html> Acesso em: 01/10/2014.

[306] *Idem.*

delimitação imposta pelas relações de poder que obrigavam a transferência de sepultamentos das igrejas para um lugar comum. Com o passar do tempo, começaram a ser estabelecidas outras relações com o espaço, por meio da iconografia e de simbolismos, onde as pessoas deixavam "recados" em forma de mausoléus, lápides e esculturas funerárias. Além da condição social do morto, eram explicitados valores de fidelidade, amor conjugal e filial, sentimentos de patriotismo, honradez e gratidão. O antigo território imposto começava a alcançar contornos de paisagem, até seu reconhecimento como tal por meio do tombamento nacional como patrimônio paisagístico em 1964.

A prática das devoções às almas e a alguns túmulos iria, finalmente, conferir àquele espaço o que Yi-Fu Tuan descreve como o sentido de *lugar*. O túmulo já não era apenas de uma família, mas passaria a ser apropriado por um grupo de devotos, que atribuíam milagres aos falecidos. A paisagem estaria associada ao conceito de pertencimento, relacionamento e afetividade, podendo ser compreendido por meio do conceito de *lugar*, com questões antropológicas relevantes[307]. A partir dessa perspectiva, outras questões passam a ser para se pensar a apropriação desse espaço: a subjetividade que o indivíduo ou o grupo estabelecem com os lugares, as noções de tempo, ritual, repetições, e a associação com a memória individual e coletiva. Esta memória precisa de um lugar para se materializar, e os cemitérios servem a este propósito.

Flávio de Lemos Carsalade lembra a importância dos bens históricos que servem de orientação e referência no processo de fruição da cultura ou de compartilhamento da memória, denotando assim sua função social. Conforme o arquiteto, a função social presente nos monumentos

> é a de orientar as populações e o cidadão no tempo e no espaço, colocando a cada um de nós como partícipes de um grupo comunitário que compartilha de uma história comum e de um lugar próprio no mundo, conferindo-nos a sensação de pertencimento (...) Faz parte ainda dessa função social a consolidação de uma identidade coletiva, a qual faz reconhecer-nos como elos de uma comunidade e que estimula nossos laços afetivos e de cidadania[308].

Percebe-se, portanto, que ao se realizar estudos sobre um bem tombado, com vistas a intervenções futuras, há que se preocupar não apenas com seu aspecto físico e material, mas

---

[307] TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência.** Disponível em: <http://www.4shared.com/postDownload/dpf27wAQ/ESPAO_E_LUGAR_-_A_perspectiva_.html> Acesso em: 01/10/2014.

[308] CARSALADE, Flávio de Lemos. **A ética das intervenções**. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3303> Acesso em: 11/08/2014.

com todo o contexto que o permeia, de maneira a fortalecer e proporcionar um melhor uso em função de sua fruição atual. O cemitério da Soledade já tem uma nova significação dentro de uma comunidade, que não é mais aquela pelo qual ele foi criado inicialmente.

As relações desenvolvidas ao longo dos anos fazem parte da própria identidade atribuída e reconhecida no cemitério da Soledade. Daí a importância de pesquisas que proporcionem o conhecimento técnico baseado nos valores urbanos e sociais do espaço, preservando suas peculiaridades, tanto na matéria quanto nos significados, "na sua conexão com seus cidadãos e com a personalidade própria de cada lugar[309]". O presente trabalho busca compreender práticas dentro do cemitério da Soledade, a partir de uma análise dos suportes materiais e imateriais advindos de uma prática social e religiosa, com suas significações e ressignificações.

Buscando confrontar as duas faces da morte, buscou-se compreender melhor as expressões culturais que cercam o culto às almas, especialmente em cemitérios antigos, como é o caso do Soledade. Muitas perguntas surgiram: Como as devoções começaram? Qual o peso da doutrina católica e outras religiões nestas manifestações? Como a Igreja se posiciona frente a estas formas de sacralização popular de pessoas e lugares? Até que ponto a miscigenação característica do processo colonizador português facilitou a ocorrência deste fenômeno? Como tudo isto acontece em um país multicultural como o Brasil? Era necessário um aprofundamento nestas questões.

3.3. Fundamentação católica

Tornou-se importante para esta pesquisa um maior embasamento nos preceitos da religião católica, que era predominante na época da fundação da necrópole. A doutrina católica denomina de escatologia[310] os acontecimentos do destino final do homem, também conhecidos como *novíssimos*. O Compêndio do Catecismo da Igreja Católica apresenta os quatro *novíssimos* como sendo: Morte, Juízo, Inferno e Paraíso.

O *Catecismo* apresenta, ainda, as 7 Obras de Misericórdia Corporais e as 7 Obras de Misericórdia Espirituais. Em cada uma destas listas há um item relacionado com os *novíssimos*: o ato de enterrar os mortos é considerado uma obra de misericórdia corporal

[309] CARSALADE, Flávio de Lemos. **A ética das intervenções**. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br /baixaFcdAnexo.do?id=3303> Acesso em: 11/08/2014.
[310] Parte da Teologia e Filosofia que trata dos destinos últimos da humanidade e do mundo.

enquanto que, rezar a Deus por vivos e defuntos, é visto como uma obra de misericórdia espiritual[311].

As Obras de Misericórdias integram os estatutos das Santas Casas de Misericórdias desde suas fundações até os dias atuais. A primeira misericórdia foi instituída na cidade de Lisboa, Portugal, em 1498, por intervenção da Rainha D. Leonor, com a criação do "Compromisso da Misericórdia de Lisboa", baseado nas 14 obras acima citadas[312]. A irmandade foi trazida pelos portugueses ao Brasil, onde está presente desde o ano desde 1539, quase sempre ligada aos locais de sepultamentos e cemitérios das cidades. O cemitério Campo Santo, em Salvador/BA, é até hoje administrado pela Santa Casa[313].

Em Belém, a Misericórdia chegou por volta de 1650, quando uma igreja e um albergue foram construídos, em taipa de pilão, na Rua Trindade, onde hoje é a Praça Barão do Guajará. No ano de 1667, o rei de Portugal Dom Afonso VI conferiu à irmandade da misericórdia paraense, "o diploma concedendo as mesmas isenções, graças e privilégios de que gozava a Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa[314]". No ano de inauguração do Soledade, a Santa Casa de Misericórdia assumiria a sua administração, permanecendo até 1890, quando devolveu a função para a Intendência Municipal, uma vez que que cessaram os enterramentos. (Vide Anexo 35).

Durante o funcionamento do cemitério da Soledade, a misericórdia corporal era exercida pelas Irmandades e Ordens Terceiras, que enterravam os pobres nos cantos extremos da necrópole. Por sua vez, as obras de misericórdia espiritual aconteciam por meio das celebrações de missas (que rezavam por vivos e mortos), mas também pelos fiéis que se entregavam às devoções das santas almas do purgatório.

Em um país como o Brasil, o colonizador português trouxe e adotou a religião católica como oficial, que iria influenciar na maneira como se tratava os mortos, nas questões funerais

---

311 **Catecismo da Igreja Católica**. Compêndio. @Copyright 2005 - Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html> Acesso em 15/07/2014.

312 **5 Séculos de História – Séculos XV e XVI**. Santa Casa de Misericórdia de Lisboa. Disponível em: http://www.scml.pt/pt-PT/scml/5_seculos_de_historia/seculos_xv_e_xvi/ Acessado em 25/07/2014.

313 COSTA. Paulo Segundo da. **Campo Santo: Resumo Histórico – Cemitério do campo Santo – 1840-2002.Santa Casa de Misericórdia**. 1ª ed. – Salvador: Contexto & Arte. 2003

314 MIRANDA, Cybelle Salvador. Memória da Assistência à saúde em Belém-PA: Arquitetura como documento. *In*: **I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo.** 2010. Disponível em: <http://www.academia.edu/7194718/Memoria_da_assistencia_a_saude_em_Belem-PA> Acesso em: 12/08/2014.

e na crença da oração dos vivos pelos mortos. Conforme assinala Jean-Claude Schmitt, havia a crença de que os mortos voltariam, caso os ritos funerais e o luto não fossem cumpridos.

> (...) se o corpo de um afogado desapareceu e não pôde ser sepultado segundo o costume, ou ainda se um assassinato, um suicídio, a morte de uma mulher no parto, o nascimento de uma criança natimorta apresentam para a comunidade dos vivos o perigo de uma mácula. Esses mortos são geralmente considerados maléficos. Essa dimensão antropológica e universal do retorno dos mortos está presente, entre outras, na tradição ocidental, desde a Antiguidade, na Idade Média e até no folclore contemporâneo[315].

Um fato comprobatório dessas tradições que atravessam séculos está na devoção às almas do purgatório. Estas devoções podem ser consideradas como gestos e atitudes de um passado distante que encontram sentido nas relações sociais dos dias de hoje. O ato de rezar pelas almas em um dia específico, no caso, a segunda-feira, remonta a tradições da Idade Média. Ao discorrer sobre a "Semana dos Mortos", Schmitt mostra que a relação entre a oração dirigida às almas dos que já morreram e os dias da semana vem desde o medievo. Confessores e pregadores dos séculos XII e XIII, como Thomas de Chobham e Jean Gobi, buscaram difundir esta devoção. A partir de então, tornar-se-ia cada vez mais frequente a realização, sempre às segundas-feiras, das procissões, bênçãos de sepulturas e Santas Missas pelos fiéis defuntos[316].

Conforme longa tradição, mortos e vivos existiam igualmente "no ritmo da semana e no sétimo dia, tinham o lazer de repousar". Os cristãos adotariam o domingo como o dia do repouso de seus mortos, em alusão a Deus que descansou no 7º dia da criação[317]. Nos demais dias, acreditavam que as almas dos mortos voltavam ao seu sofrimento, com as penas a serem cumpridas e as purgações dos pecados reservados aos que ainda não contemplavam a glória de Deus. Era a hora de rezar por elas.

3.3.1. Diretório Sobre a Piedade Popular e a Liturgia: Princípios e Orientações

Com o passar do tempo, a ortodoxia católica passou a enfrentar questões que extrapolavam suas rubricas, especialmente relacionadas com o sincretismo religioso. Era preciso uma melhor definição de termos e expressões para que o clero pudesse lidar melhor com as manifestações devocionais existentes.

---

[315] SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
[316] *Idem*
[317] *Ibidem.*

O documento publicado em 17/12/2001 pela Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos[318], indica como, após o Concílio Vaticano II, a Igreja católica passou a ver e se posicionar diante das questões relativas à piedade popular, de acordo com os países e a tradições locais, em função de sua diversidade. Na época, o Papa João Paulo II se manifestou dessa maneira na Carta Apostólica *Vicesimus Quintus Annus:*

> La piedad popular no puede ser ni ignorada ni tratada con indiferencia o desprecio, porque es rica en valores, y ya de por sí expresa la actitud religiosa ante Dios; pero tiene necesidad de ser continuamente evangelizada, para que la fe que expresa, llegue a ser un acto cada vez más maduro y auténtico[319].

Para difundir o posicionamento da Igreja católica sobre o tema, a Congregação para Doutrina da Fé publicou documentos com princípios e orientações sobre as questões que envolvem a piedade popular e a liturgia, buscando uma distinção conceitual entre exercícios de piedade, devoção, piedade popular e religiosidade popular[320].

- Exercícios de Piedade – designam as expressões públicas ou privadas da piedade cristã que mesmo sem serem parte da Liturgia Oficial da Igreja Católica são inspiradas por ela. Alguns exercícios de piedade podem ser indicados pela própria Sé Apostólica (como é o caso das Obras de Piedade que integram o CIC) ou indicada por Bispos.
- Devoções: designam as várias práticas exteriores que animadas pela fé interior manifestam um aspecto do seu relacionamento com Deus, seus anjos e santos. Exemplos de devoções são os textos de orações, cantos, as visitas a lugares particulares, o uso de medalhas, insígnias, hábitos e costumes. Esta descrição, por si só, já ratifica a denominação de devoção popular às manifestações que ocorrem no cemitério da Soledade, às segundas-feiras.
- Piedade Popular - designa manifestações de cultos de caráter comunitário ou particular, dentro da fé cristã, que se expressam na sagrada Liturgia por meio de formas culturais de seu povo ou etnia. É considerada como um "verdadeiro tesouro do povo de Deus".

---

[318] **Directorio Sobre la Piedad Popular y la Liturgia: Principios y Orientaciones**. Ciudad del vaticano. 2002. Congregación para el Culto Divino y la Disciplina de los Sacramentos. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20020513_vers-direttorio_sp.html> Acessado em: 28/07/2014.
[319] *Idem.*
[320] *Ibidem.*

- Religiosidade popular – refere-se a uma "experiência universal", na qual as manifestações culturais pessoais e coletivas apresentam dimensão religiosa. Esta não tem, necesariamente, relação com a revelação cristã, já que "todo pueblo tiende a expresar su visión total de la trascendencia y su concepción de la naturaleza, de la sociedad y de la historia, a través de mediaciones cultuales".

Existem várias maneiras de expressões da piedade popular, como por exemplo, o ato de tocar ou beijar imagens, as relíquias veneradas e os objetos sacros. Além disso, também são consideradas piedosas as iniciativas de fazer peregrinações e procissões, seja descalço ou de joelhos, o uso de determinadas roupas, enfim, tradições muitas vezes, passadas de geração em geração, que externam com simplicidade a fé das pessoas. Dentre estas manifestações, também são citados as oferendas, as velas e os ex-votos, elementos muito comuns nas devoções do Soledade. Todavia, a Igreja católica alerta para o que, a partir de sua doutrina representaria um risco das atitudes desprovidas de fé: "los gestos simbólicos degeneren en costumbres vacías y, en el peor de los casos, en la superstición[321]".

O documento acima fala, ainda, sobre as orações escritas e difundidas pela piedade popular, como é o caso das preces que são distribuídas no cemitério da Soledade. Ele reconhece o uso de linguagem menos rigorosa, mas reforça que esta seja condizente com a fé católica, devendo haver, preferencialmente, uma prévia aprovação eclesiástica. Isto de fato não acontece no Soledade, uma vez que é grande o número de orações sem a aprovação do clero local. Recorde-se, ainda, que muitas das promessas incluem a distribuição de milheiros de orações como propagação da devoção[322]. (Anexo 39).

Com relação às imagens, estas são citadas como extremamente importantes dentro do contexto da piedade popular. Para a Igreja católica, elas ajudam o fiel a se confrontar com os mistérios da fé cristã, por meio de um grande patrimônio artístico presente tanto em igrejas quanto em lugares sagrados[323], como era o caso, também, dos cemitérios. As imagens suscitam a piedade e a devoção popular, sendo que não há referências de culto às almas ou em sepulturas nos cemitérios parques contemporâneos. A afirmativa acima é corroborada por Eden Moraes da Costa, que realizou pesquisas em outros cemitérios de Belém:

---

[321]**Directorio Sobre la Piedad Popular y la Liturgia: Principios y Orientaciones**. Ciudad del vaticano. 2002. Congregación para el Culto Divino y la Disciplina de los Sacramentos. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20020513_vers-direttorio_sp.html> Acessado em: 28/07/2014

[322]*Idem.*

[323] *Ibidem.*

> Gostaria de dizer também que não conheço cultos desse gênero sendo realizados nos chamados cemitérios-parque, como o "Max Domini", "Recanto da Saudade" e "Parque da Eternidade". Os santos populares parecem ser característicos de cemitérios públicos, ao menos em Belém do Pará[324].

Aqui entra um ponto específico desta pesquisa, tendo se observado que o estilo arquitetônico e artístico do cemitério da Soledade, com profusão de imagens do Romantismo, carregadas de emotividade e expressividade, é um ambiente propício para o desenvolvimento dessas relações criadas pelas pessoas com túmulos específicos. O material dá concretude à devoção. Conforme apontado, não há registro dessas manifestações em cemitérios contemporâneos, onde o túmulo se restringe a uma lápide de mármore com os dados do falecido. Pode- se afirmar que a subjetividade precisa de uma materialidade para se expressar, no caso específico das devoções.

O número expressivo de visitas dos devotos a túmulos infantis reforça a assertiva de que grande parte dos indivíduos que visita o cemitério se sensibiliza muito mais a partir de imagens escultóricas de inocentes do que por lápides perfiladas. A imagem é a materialização do santo com o qual o devoto quer criar laços e relações e facilita o "diálogo" de petição e recepção de graças. Daí advém, possivelmente, o grau de intimidade que os devotos revelam nas entrevistas possuir com devoções, que com o passar do tempo, se tornam como amigos.

O Capítulo VII do documento publicado pela Congregação católica versa sobre o sufrágio pelos defuntos e a fé na ressurreição dos mortos. Aqui se reforça a definição do Purgatório como um lugar de purificação dos eleitos de Deus, diferenciando-se do castigo destinado aos condenados ao inferno, recolocando a doutrina de fé formulada, principalmente, nos Concílios de Florença e de Trento[325].

A partir disso, surge o costume de se oferecer Missas em sufrágio por uma alma ou várias, que supostamente estivessem no Purgatório: "una súplica insistente a Dios para que tenga misericordia de los fieles difuntos, los purifique con el fuego de su caridad y los introduzca en el Reino de la luz y de la vida". Os sufrágios são expressões de fé na comunhão

---

[324] COSTA. Eden Moraes da**. Médico de ontem e de hoje: Ciência, fé e santidade no culto a Camilo Salgado (1874-1938) em Belém do Pará**. Dissertação apresentada ao Mestrado em Antropologia, Departamento de Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Orientador Raymundo Heraldo Maués. – Belém: [s. n.], 2003.

[325] **Directorio Sobre la Piedad Popular y la Liturgia: Principios y Orientaciones**. Ciudad del vaticano. 2002. Congregación para el Culto Divino y la Disciplina de los Sacramentos. Art. 251. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20020513_vers-direttorio_sp.html> Acessado em: 11/08/2014.

dos santos, pregada na Oração do Credo, com base no 2º Livro dos Macabeus (2 Mac 12, 46), que diz: "santo y saludable es el pensamiento de orar por los difuntos para que queden libres de sus pecados[326]".

O Diretório católico de 2002 reconhece, ainda, formas de piedade popular para com os defuntos, que variam conforme os lugares e tradições. Em alguns locais, é comum a visita aos cemitérios de forma comunitária ou privada no dia dos finados, quando os fiéis

> se acercan a la tumba de sus seres queridos para mantenerla limpia y adornada con luces y flores; esta visita debe ser una muestra de la relación que existe entre el difunto y sus allegados, no expresión de una obligación, que se teme descuidar por una especie de temor supersticioso[327].

Aqui se percebe uma discordância entre o que a Igreja católica reconhece como piedade popular e manifestações devocionais que têm lugar no cemitério da Soledade, onde é patente a obrigação da presença física todas as segundas-feiras, sob pena de desagradar as almas em caso de interrupção. Alguns frequentadores, inclusive, declararam receio de interromper a devoção, adotando uma postura que poderia ser considerada supersticiosa segundo a definição do Diretório católico.

As confrarias e outras associações que tem como finalidade "enterrar os mortos", como era o caso das irmandades, também são mencionadas no referido documento. Entretanto, a função das irmandades se extinguiu logo após a proibição de enterramentos no Soledade, desativando os quatro cantos da necrópole, onde leigos se uniam para praticar estas obras de misericórdia corporal e espiritual[328].

3.3.2. O purgatório

Estudos voltados para a temática da morte e das almas requerem, igualmente, aprofundamento sobre o que a doutrina católica prega sobre o purgatório, pois é a este lugar que a maioria dos devotos das almas encaminha suas preces. As novenas e orações presenciadas no Soledade são dirigidas prioritariamente às santas almas do purgatório.

---

[326] **Directorio Sobre la Piedad Popular y la Liturgia: Principios y Orientaciones**. Ciudad del vaticano. 2002. Congregación para el Culto Divino y la Disciplina de los Sacramentos. Art. 251. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20020513_vers-direttorio_sp.html> Acessado em: 11/08/2014.

[327] *Idem*

[328] *Ibidem.*

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, a tradição promete a ressurreição dos mortos em um corpo glorioso e imperecível por ocasião do Juízo Final, garantida pela própria ressurreição do Cristo[329]. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, diz que a partir do princípio agostiniano das cidades de Deus e dos homens, são formados os fundamentos da doutrina da comunhão entre o céu e a terra, onde "uns peregrinam na terra (Igreja Militante), outros, passada esta vida, são purificados (Igreja Padecente), e outros, finalmente, são glorificados e contemplam claramente Deus trino e uno, como Ele é (Igreja Triunfante)[330]". As almas do purgatório fazem parte da Igreja Padecente.

O Módulo 34 do Curso de Iniciação Teológica da Escola *Mater Ecclesiae*, ao discorrer sobre os *novíssimos*, trata sobre a doutrina do Purgatório. Estevão Tavares Bettencourt especifica que mesmo sem esta denominação, desde os tempos dos macabeus, no século II a. C., já existia a crença na existência de um estado (não um local) para onde se dirigiam as almas dos fiéis que morriam no amor de Deus, mas que ainda necessitavam de uma purificação de seus pecados. Os cristãos deram continuidade ao que havia preconizado Judas Macabeu (+160 a.C.), que julgava "ser útil o sufrágio dos vivos" para purificação dos mortos antes de chegar ao paraíso[331].

Jacques Le Goff, ao falar sobre o nascimento do purgatório, o definia como sendo um "além-intermédio onde certos mortos passam por uma provação que pode ser abreviada pelos sufrágios a ajuda espiritual dos vivos (...)[332]". Dentre outras coisas, Le Goff afirmava que:

> A duração dessa penosa estada no Purgatório não depende somente da quantidade de pecados que levam consigo na hora da morte, mas da afeição de seus próximos. Estes - parentes carnais ou parentes artificiais, confrarias das quais faziam parte, ordens religiosas das quais tinham sido benfeitores, santos por quem tinham demonstrado uma devoção particular - podiam abreviar-lhes a estada no Purgatório por meio de suas preces, suas oferendas, sua intercessão, maior solidariedade entre vivos e mortos[333]".

---

[329] CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Copyright 2005 Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html> Acesso em: 05/06/2014.

[330] II Concílio do Vaticano, **Const. dogm. Lumen Gentium**, 49: AAS 57 (1965) 54. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p1s1c2_50-141_po.html>Acesso: 05/06/2014.

[331] BETTENCOURT, Estevão Tavares. Escola "Mater Ecclesiae": curso de iniciação teológica por correspondência. Módulo 34: Os novíssimos. Lição 3: **O Purgatório. -** Rio de Janeiro. p.136 - 137

[332] LE GOFF, Jacques. **O Nascimento do Purgatório**. São Paulo: Estampa 1995. p. 19

[333] *Idem.* p. 75

Embora Jacques Le Goff localize o "nascimento do purgatório" no século XII[334], Michell Vovelle lembra que desde o século V, mais precisamente com Santo Agostinho, já se percebia a preocupação com o tema. O Bispo de Hipona especificou que as penas imputadas às almas do purgatório eram aliviadas através de orações dos vivos. A promulgação do dogma[335] do purgatório aconteceu em 1274, no concílio de Lyon. Contudo, a proclamação definitiva deste dogma só ocorreria no concílio de Florença, em 1439. Neste ínterim, Dante Alighieri publica sua famosa obra, um poema de viés épico e teológico da literatura italiana, denominado de *A Divina Comédia*, falando do inferno, purgatório e paraíso[336].

Para Michell Vovelle, o purgatório surge como uma mudança de mentalidade, por ser uma terceira opção, mais branda, para as "perspectivas trágicas da alternativa entre paraíso e inferno", concebidas até então. A assimilação por parte dos fiéis foi rápida. Apenas com a Reforma promovida por Martinho Lutero que este "terceiro local" seria repudiado, estabelecendo que vivos nada podiam fazer pelos mortos. A Igreja Católica, entretanto, responderia com a Contrarreforma, movimento de retomada doutrinal que confirmou o dogma do purgatório e o proclamou um artigo de fé, no Concílio de Trento. Vovelle cita que o Papa Sisto V publicou bulas de indulgências para confrarias que dessem auxílio às almas do purgatório, como era o caso de algumas conduzidas pelos frades capuchinhos[337].

> Esse sistema é sustentado, bem como fortalecido, por toda a rede de solidariedades que o ladeia, e que tem nas confrarias, multiplicadas ao longo do século, o principal sustentáculo; (...) De forma sucessiva, essas solidariedades organizam-se diferentemente conforme as regiões – e meios receptivo (...)[338].

A importância do purgatório e a vitalidade das confrarias perduraram pelos séculos XVII, XVIII até o XIX. Alguns anos depois da inauguração do Soledade, confrarias já tomavam conta dos quatro cantos da necrópole: Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, a Ordem Militar do Santo Cristo, a Ordem Terceira de São Francisco da Penitência e Ordem Terceira do Carmo[339].

---

[334] LE GOFF, Jacques**. História e Memória**. 5.ed. Campinas, Editora da Unicamp, 2003.
[335] Ponto fundamental e indiscutível de uma doutrina religiosa. (Fonte: Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa.** – 3.ed.totalmente revisada e ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 701)
[336] VOVELLE, Michell. **As almas do purgatório ou o trabalho de luto.** Tradução de Aline Meyer e Roberto Cattani, São Paulo: UNESP, 2010. p. 27– 28.
[337] *Idem.* p. 100 - 127
[338] *Ibidem.* p. 126-127.
[339] RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **O Tempo e a Pedra**. Belém/PA, 2003. p.32

Mesmo com a ajuda das confrarias, as discussões sobre o purgatório não passariam incólumes ao pensamento iluminista do século XVIII, quando novos questionamentos seriam feitos, deixando a devoção permeada de conflitos no século seguinte. Segundo Vovelle, os iluministas criticavam imagem de um Deus vingativo e punitivo, a ser combatido "pelo caminho reto da filosofia[340]". Em contrapartida, santo Alfonso de Liguori[341] admoesta os fiéis a uma visão misericordiosa do purgatório, baseado no cristianismo de amor[342].

Michell Vovelle demonstra que, embora a iconografia do século XIX se apresentasse com frequência mesclada de temas profanos, o imaginário do romantismo era alimentado "com presenças do além". Daí a riqueza de representações encontradas com frequência em cemitérios desta época.

> Não pretendo dizer que a fé proclamada e os ensinos da Igreja não têm mais lugar em tudo isso: a impregnação, assim como a referência religiosa permanecem mais do que nunca onipresentes no lugar dos mortos (...) com sinais visíveis de desapego, tanto nas obséquias civis quanto no simbolismo de muitos jazigos[343].

Em sua análise sobre o século XX, Michell Vovelle percebe que o purgatório perdeu o antigo caráter dramático e se aproximou da piedade popular, aquela que "nas consciências individuais se refere a estratificações de crenças, desde as mais antigas até as mais elaboradas". A observação de *ex-votos*[344] em catacumbas de Nápoles, expressos em sua maioria como pequenas tábuas votivas que agradecem as graças alcançadas, é para ele um "retratos da mentalidade coletiva confrontada com o milagre e a morte". Para o historiador, é como se os defuntos assumissem um papel secundário de intermediário de intercessores perante os intercessores maiores, que são os santos canonizados pela igreja ou o próprio Deus[345]. A citação abaixo se refere a manifestações devocionais que podem ser relacionadas àquelas que acontecem há mais de 60 anos no cemitério da Soledade:

---

[340] VOVELLE, Michell. **As almas do purgatório ou o trabalho de luto.** Tradução de Aline Meyer e Roberto Cattani, São Paulo: UNESP, 2010. p. 210-211.

[341] Bispo católico italiano que nasceu em 1696 e faleceu em 1787. Recebeu o título de Doutor da Igreja. Fonte: Castle, Harold. **St. Alphonsus Liguori**. The Catholic Encyclopedia. Vol. 1. New York: Robert Appleton Company, 1907. Disponível em: <http://www.newadvent.org/cathen/01334a.htm> Acesso em: 29/08/2014.

[342] VOVELLE, Michell. **As almas do purgatório ou o trabalho de luto.** Tradução de Aline Meyer e Roberto Cattani, São Paulo: UNESP, 2010. p. 205-206.

[343] *Idem.* p. 268.

[344] Abreviação latina de *ex-voto suscepto* ("o voto realizado"). Fonte: **Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais.** Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?Fuseaction=termos_texto&cd_verbete=5433> Acesso em: 29/08/2014

[345] VOVELLE, Michell. **As almas do purgatório ou o trabalho de luto.** Tradução de Aline Meyer e Roberto Cattani, São Paulo: UNESP, 2010. p. 278-282.

> Os mortos se tornam os intermediários mais próximos para os quais apelar em caso de perigo, para levar orações e pedidos, pelo caminho hierárquico, até os grandes santos e a Madona, de onde virá a intervenção milagrosa[346].

O século XX é testemunha de um relativo afastamento do homem contemporâneo da morte e de seus ritos. Norbert Elias, ao analisar os rituais fúnebres da atualidade atesta que muitos deles "foram esvaziados de sentimento e significado; as formas seculares tradicionais de expressão são pouco convincentes". Para ele, isto se deve principalmente ao medo da morte, especialmente a morte solitária de uma velhice abandonada, sem parentes, dentro das Unidades de Terapia Intensiva, fatos corriqueiros na contemporaneidade. Para minimizar o temor, o homem tende a evitar, afastar e reprimir os pensamentos que recordem a morte, ou incorpora a fé na imortalidade[347].

Philippe Ariès preconizava que desde o século XIX já era perceptível essa mudança de atitude e mentalidade perante a morte, que se consolidaria no século XX, denominada por ele de a "morte invertida". Para Ariès, isto seria um retrato da prevalência do silêncio e da proibição nas questões da morte, onde as manifestações aparentes de dor, pesar e luto estavam fadadas à extinção[348].

> Importa antes de mais nada que a sociedade, os amigos, a vizinhança, os colegas, as crianças, se apercebam o menos possível da passagem da morte. Se algumas formalidades se mantêm e se uma cerimônia continua a assinalar a partida, devem ter um caráter discreto e evitar todo o pretexto para qualquer emoção[349].

Apesar de uma maioria que parece fechar os olhos para a morte, os frequentadores do cemitério Nossa Senhora da Soledade, à sua maneira, parecem buscar uma maior aproximação, não apenas física (visita aos túmulos), mas também espiritual (devocional) com as almas dos que já morreram. Estas manifestações culturais que envolvem pessoas e lugares merecem um olhar mais acurado.

Desta forma, tornou-se necessário para a elaboração desta dissertação um aprofundamento nas questões referentes ao tema das devoções em túmulos onde os devotos rezam e depositam ofertas como retribuição a graças alcançadas.

---

[346] VOVELLE, Michell. **As almas do purgatório ou o trabalho de luto.** Tradução de Aline Meyer e Roberto Cattani, São Paulo: UNESP, 2010. p. 285

[347] ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguido de, envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED, 2001. p. 36.

[348] ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro, Ediouro, 2003

[349] *Idem.*

3.4. Santos oficiais e não oficiais

Uma discussão importante ao se estudar as devoções populares do cemitério Nossa Senhora da Soledade se refere à temática dos "santos populares", ou seja, aqueles que não são canonizados pela Igreja Católica, mas sim, pelo povo que os legitimam e os acolhem como santos. Para a religião católica apostólica romana existem dois tipos de santos: os santos canonizados e os santos não canonizados. Todos os dois tipos já se encontram ou no Céu ou no Purgatório, já que este último é considerado uma promessa do Paraíso. A alma que está no Purgatório já foi livrada do Inferno e, após sua devida purificação ou expiação, ela já pode contemplar Deus face a face, portanto, as almas que estão no purgatório já são consideradas santas. Conforme o *blog* católico *Sanctorum*:

> Santo canonizado é aquele sobre quem o Papa, baseado em depoimentos, declara oficialmente que está no céu e pode ser venerado publicamente. Canonizar não é fazer alguém "virar" santo, porque esse alguém já era santo quando morreu. É colocar alguém na lista (cânone) dos santos. Santo não canonizado é aquele que está no céu, mas não houve nenhum pronunciamento oficial da Igreja sobre ele[350].

3.4.1. Os santos canonizados

Existe um grande número de santos reconhecidos pela Igreja Católica. O *site* do Vaticano apresenta para cada dia do ano uma lista de santos e mártires católicos, denominada de "Martirologio[351]". Na última revisão oficial, feita em 2001, havia 6.538 santos e beatos, contudo, Bernard des Graviez e Thierry Jacomet comentam que "ao longo dos séculos, aproximadamente 35 mil pessoas ou grupo de pessoas foram proclamados santos". Destes, aproximadamente 30 mil foram mártires que morreram defendendo a fé católica e os outros seriam aqueles que a professavam abertamente[352]. Os autores afirmam:

> Depois da morte, a Igreja reconhece como santos os homens e mulheres que responderam ao chamado de Deus para dividir sua santidade, admitindo como ponto de partida que só Deus é "santo", ou seja, só Ele é soberanamente puro. Este reconhecimento recebe o nome de canonização[353].

---

[350] **Beatificação e Canonização dos Santos**. Blog Sanctorum. Disponível em: <http://santossanctorum.blogspot.com.br/p/beatificacao-e-canonizacao-dos-santos.html> Acesso em: 11/08/2014

[351] *Site* do Vaticano. Cúria Romana. Academias Pontifícias. Martírios Antigos e Modernos. **Martirologio.** Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_academies/cult-martyrum/martiri/009.html> Acesso em: 22/08/2014.

[352] GRAVIEZ, Bernard des; JACOMET, Thierry. **Os santos e seus símbolos**. Coleção Grandes Livros da Religião. Trad. Angela Zarate. Ediciones: Folio, S.A. Barcelona, 2008. p. 99

[353] *Idem.*

Dentre as congregações da Cúria Romana, existe uma que trata especificamente dos assuntos relativos à canonização: é a Congregação para as Causas dos Santos. Em 1983 foi publicada a Constituição Apostólica *Divinus Perfectionis Magister,* um documento com instruções a serem seguidas nestes casos[354]. O processo, desde então, é feito em várias etapas, que incluem os reconhecimentos como "venerável", "beato", até "santo". O fato é que, um processo de canonização, com raras exceções, demanda tempo, pesquisas detalhadas, muito trabalho e custos financeiros.

Existem santos católicos associados à questão da morte, como por exemplo, São José, considerado o padroeiro da boa morte. Plínio Corrêa de Oliveira conta que a tradição católica explica esta denominação com base na própria morte de São José, onde ele teria sido assistido diretamente por Maria Santíssima e por seu filho adotivo Jesus[355]. Da mesma forma, há uma invocação antiga de Maria como Nossa Senhora da Boa Morte, em consideração ao pedido final da oração mariana que diz: "Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte". Este culto foi trazido ao Brasil pelos portugueses e originou a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte[356].

Cabe aqui uma reflexão sobre o porquê da recorrente invocação à Virgem Maria na hora da morte, uma vez que, segundo alguns cristãos, ela própria não teria passado por este momento. É o que a tradição da igreja oriental denomina de "dormição de Nossa Senhora" – a *Dormitio Beatae Mariae Virginis.* Sophia Fotopoulou explica que na tradição da Igreja Ortodoxa, o dia da morte da Mãe de Deus – *Théotokos* – é chamado de "dormição". Os fundamentos se baseiam na tradição que vem dos tempos apostólicos, escritos apócrifos, a fé do povo e a opinião de alguns teólogos dos primeiros séculos da cristandade, respeitados pela ortodoxia de suas ideias e santidade de sua vida[357].

---

[354] *Site* do Vaticano. Congregação para as Causas dos Santos. **Normas para observar na Instrução Diocesana das Causas dos Santos**. Disponível em: < http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ csaints/documents/rc_con_csaints_doc_07021983_norme_po.html> Acesso em: 22/08/2014.

[355] OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. **São José, padroeiro da boa morte**. Excertos. Catolicismo – Revista de cultura e atualidades. Disponível em: <http://www.catolicismo.com.br/materia/materia.cfm/idmat/ 24A803D8-C739-9B52-4FB2DECC05E9397D/mes/Mar%C3%A7o2014> Acesso em: 28/08/2014.

[356] A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, é, segundo Joanice Santos Conceição, uma "instituição que traz na sua égide traços característicos das vivências mortuárias ressignificadas no Brasil", com traços do catolicismo e do candomblé. Foi fundada em Salvador, no século XVIII e é exclusiva ao gênero feminino. Preserva ao longo dos séculos o trato com a temática mortuária, em especial com os valores africanos "ainda que reelaborados e reinterpretados". Fonte: CONCEIÇÃO, Joanice Santos. Tenha uma boa morte: notas sobre a Irmandade da Boa Morte. **PLURA, Revista de Estudos de Religião.** Vol. 3, N. 2, jul-dez/2012.

[357] FOTOPOULOU, Sofia. ***The dormition of Theotokos.*** Newsfinder. Religion Section. Disponível em: <http:// www.newsfinder.org/site/readings/the_dormition_of_theotokos/> Acesso em: 29/08/2014.

A definição da Igreja veio através da proclamação do dogma da Imaculada Conceição, em 1850, quando o Papa Pio XII promulgou a Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*, instituindo, *ex cathedra*[358], o dogma da Assunção da Virgem Maria aos Céus em corpo e alma. Diz a constituição: "A imaculada sempre Virgem Maria, Mãe de Deus, encerrado o curso de sua vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celeste[359]".

Apesar a imprecisão do termo morte ou dormição para o fim da sua existência terrena, Maria é muito lembrada pelos fiéis na hora da morte. A explicação pode ser encontrada no livro do Apocalipse, que trata da grande batalha entre o dragão e a mulher, tidos como personificações do demônio e de Maria, que defende "os que guardam os mandamentos de Deus[360]". Bernard des Graviez afirma que se atribui a Maria "um grande poder de intercessão diante de seu Filho", por ser reconhecida como mãe da Igreja e de toda a humanidade[361].

Michel Vovelle cita que algumas confrarias expandiriam a devoção à Santíssima Virgem na hora da morte, especialmente sob duas denominações: Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora do Rosário, sendo esta última especialmente lembrada quando se rezava pelas almas do Purgatório[362]. Dentro do cemitério da Soledade, um dos quadrantes estava reservado à Irmandade da Ordem Terceira do Carmo.

A cidade de Fátima, em Portugal, atrai cerca de 5 milhões de peregrinos anualmente, por ser considerada o local onde Maria teria aparecido para três crianças, em 13 de maio de 1915: Lúcia de Jesus, Francisco Marto e Jacinta Marto. Uma delas, Lúcia, escreveu em seu livro *4.ª Memória* uma oração pelos mortos e almas do Purgatório, a partir de um pedido feito pela Virgem de acrescer, após a oração de cada *Mistério do Terço*, a seguinte jaculatória: "Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno; levai as almas todas para o Céu, principalmente as que mais precisarem da vossa misericórdia[363]".

---

[358] Termo teológico particularmente aplicado ao Sumo Pontífice da Igreja Católica, que atesta infalibilidade quando o Papa se pronuncia em questões de doutrina sobre fé e moral. Fonte: Encyclopedia. Site New Advent. Disponível em: <http://www.newadvent.org/cathen/05677a.htm> Acesso: 28/08/2014

[359] Constituição Apostólica do Papa Pio XII. ***Munificentissimus Deus.*** Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/apost_constitutions/documents/hf_pxii_apc_19501101_munificentissimus-deus_po.html> acesso em: 28/08/2014.

[360] Bíblia on line. Apocalipse 12. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/#/acf/ap/12> Acesso em: 29/08/2014.

[361] GRAVIEZ, Bernard des; JACOMET, Thierry. **Os santos e seus símbolos.** Coleção Grandes Livros da Religião. Trad. Angela Zarate. Ediciones: Folio, S.A. Barcelona, 2008. p. 75

[362] VOVELLE, Michell. **As almas do purgatório ou o trabalho de luto.** Tradução de Aline Meyer e Roberto Cattani, São Paulo: UNESP, 2010. p. 155

[363] Site Santuário de Fátima – Página Oficial. Mensagem de Fátima. **Orações.** Disponível em: <http://www.santuario -fatima.pt/portal/index.php?id=2414> Acesso em 29/08/2014.

Outro santo relacionado frequentemente com a morte é São Miguel Arcanjo, considerado "o príncipe dos exércitos de Deus[364]", em alusão à batalha travada por ele e seus anjos contra o Demônio e seus "anjos caídos[365]", no início dos tempos, quando Lúcifer teria desafiado a Deus e sido expulso da corte celeste. Recorda, ainda, a batalha final descrita no livro do *Apocalipse*[366]. Na arte e iconografia, São Miguel

> é representado como um guerreiro angelical, totalmente armado com capacete, espada e escudo (muitas vezes o escudo com a inscrição em latim: *Quis ut Deus*), de pé sobre o dragão, a quem, por vezes, perfura com uma lança. Ele também tem uma balança em que pesa as almas dos defuntos (...), ou o livro da vida, para mostrar que ele participa do julgamento[367].

Frederick Holweck escreve que a devoção a São Miguel Arcanjo é muito antiga, uma vez que já era venerado pelos judeus, antes de Cristo. Os primeiros cristãos o invocavam principalmente em casos de doenças, como o "grande médico celeste[368]". Michell Vovelle relata que, com o passar do tempo, se fortaleceu a noção de que "os anjos materializam o laço que une os locais inferiores às alegrias celestes do paraíso", com destaque ao intercessor celeste São Miguel, um santo que é anjo[369]. Na ladainha do santo é possível encontrar mais enfaticamente suas atribuições com relação à morte, às almas e ao purgatório:

> São Miguel, guardião do paraíso, tende piedade de nós, (...) luz e confiança das almas no último momento da vida, (...) arauto da sentença eterna, (...) consolador das almas que estão no purgatório, (...) aquele a quem Deus incumbiu de receber as almas que estão no purgatório (...) [370].

Adalgisa Arantes Campos considera o culto a São Miguel dotado de bases sociológicas, especialmente na Península Ibérica dos séculos XVI e XVII, quando:

---

[364] Denominação usada no Livro Bíblico de Daniel 8, 11. Fonte: Bíblia on line. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/#/acf/dn/8> Acesso em 28/08/2014.

[365] São os anjos que se rebelaram contra Deus e se opuseram a seus projetos. Ver: GRAVIEZ, Bernard des; JACOMET, Thierry. **Os santos e seus símbolos**. Coleção Grandes Livros da Religião. Trad. Angela Zarate. Ediciones: Folio, S.A. Barcelona, 2008. p.59

[366] "E houve batalha no céu; Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhavam o dragão e os seus anjos; mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus". Apocalipse 12, 7 – 8. Fonte: Bíblia on line. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/#/acf/ap/12> Acesso em: 28/08/2014.

[367] HOLWECK, Frederick G. St. Michael the Archangel. **Catholic Encyclopedia**, Volume 10. 1913.

[368] *Idem.*

[369] VOVELLE, Michell. **As almas do purgatório ou o trabalho de luto.** Tradução de Aline Meyer e Roberto Cattani, São Paulo: UNESP, 2010. p. 92 – 97.

[370] Ladainha de São Miguel. Quaresma de São Miguel Arcanjo. Blog *Dominus Vobiscum*. Disponível em: <https://domvob.files.wordpress.com/2014/07/quaresma-de-sc3a3o-miguel-arcanjo.pdf>Acesso em: 28/08/2014.

> Domina por completo as manifestações mais populares, compartilhando, muitas vezes o mesmo altar com outra invocação, notadamente das Almas do Purgatório, das quais é considerado o principal defensor. Em Portugal, a representação do Arcanjo tornara-se frequente nos painéis existentes nos monumentos denominados *alminhas*[371].

Nas representações existentes no Soledade, não são frequentes as imagens de santos, mas alguns deles foram identificados. Há uma imagem de São Miguel Arcanjo e outra de São Gabriel, na entrada do mausoléu de Antônio Theodorico da Silva Pena (Imagens 15 e 16). Outras representações encontradas foram a "Sagrada Face" de Jesus, adornando o mausoléu do Tenente Coronel Benedicto P. da Silveira Frade (Imagem 29) e uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, no acrotério do túmulo de José C. M. F. Barata.

É importante lembrar que um dos requisitos para a canonização de alguém é sua a passagem pela morte, dia ao qual ele será lembrado. Bernard des Graviers e Thierry Jacomet lembram que para um cristão a data da sua morte é a data do seu verdadeiro nascimento[372]. Portanto, os cemitérios podem ser vistos como lugares onde descansam possíveis santos, aqueles que ultrapassaram a barreira da morte.

3.4.2. Os "santos" que o povo elege

Luís da Câmara Cascudo define os santos do povo como "santos regionais, irregulares iconicamente, mas consagrados pela confiança popular[373]". Além do culto às almas, existe no Soledade a devoção aos túmulos de pessoas que, aos poucos, foram sendo considerados "milagreiros", independente da aprovação da Igreja Católica. É o que relata Eden Costa

> (...) as pessoas que vão realizar culto àqueles santos nos cemitérios, (...) encontram saídas para exercer sua religiosidade, criando seus próprios intermediários entre este e o "outro" mundo. Basta o milagre e a divulgação deste para que a devoção se espalhe e a santidade seja reconhecida pela população. Isso conduz a uma reflexão acerca da lógica singular que opera no seio do que poderíamos chamar aqui de religiosidade popular, em relação a uma religião oficial[374].

---

[371] CAMPOS, Adalgisa Arantes. São Miguel, as Almas do Purgatório e as balanças: iconografia e veneração na Época Moderna. **Memorandum.** n. 7, 2004, p. 102-127.
[372] GRAVIEZ, Bernard des; JACOMET, Thierry. **Os santos e seus símbolos**. Coleção Grandes Livros da Religião. Trad. Angela Zarate. Ediciones: Folio, S.A. Barcelona, 2008. P. 159.
[373] CASCUDO, Luís da Câmara. Religião no povo. *In:* **Superstição no Brasil**, 4ª ed., pp. 337-496. São Paulo: Global, 2001. p. 422.
[374] COSTA. Eden Moraes da. **Médico de ontem e de hoje: Ciência, fé e santidade no culto a Camilo Salgado (1874-1938) em Belém do Pará**. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal do Pará: Belém, 2003.

As discordâncias entre a ortodoxia católica oficial e a vivência particular das crenças religiosas não é um fenômeno atual. A religiosidade multifacetada do povo pode ser percebida desde o início do processo de ocupação e colonização do Brasil pelos portugueses. Fabíola Araújo diz que a religiosidade brasileira do período colonial até o Império, é marcada pela dicotomia do modelo econômico-social de uma sociedade escravista.

> Mitos, símbolos e ritos entrecruzaram-se, e, por isso, possibilitaram releituras e atribuições de novos significados a "velhas" práticas religiosas. (...) Não foi somente a religião do negro que teve que fazer concessões, a religiosidade do branco também o teve. Embora, nas relações de poder que foram estabelecidas em terras coloniais a balança pendesse para o colonizador, detentor, não só de riquezas, mas também o maior produtor de bens simbólicos respaldado nas instituições[375].

O historiador Ronaldo Vainfas afirma que, em conjunto com o objetivo mercantilista, a colonização portuguesa trazia a intenção de expandir o catolicismo no mundo, como um eco da Contrarreforma. Para ele, a catequização era parte do processo de colonização, que resultaria em um catolicismo diferente do oficial, que mesclava fundamentos católicos, crenças nativas, africanas e até judaicas. Vainfas enfatiza:

> Se o sincretismo religioso prevaleceu desde o início, ele foi compartilhado, em vários graus, por senhores e escravos, portugueses e naturais da Colônia, brancos, negros, índios, mulatos, pardos, cafuzos, enfim, por toda a sociedade luso-brasileira[376].

Fabíola Araújo e Ana Casimiro afirmam que o culto aos santos, prática comum na Europa, e reafirmada após o Concílio de Trento, teve grande importância no período colonial, reverberando até a atualidade, "em uma dinâmica de deslocamentos, rupturas e continuidades". Para as autoras, "devotos e conteúdos devocionais mudaram por conta de uma historicidade, no entanto, os santos continuam fazendo parte, não só da crença, mas de toda a ritualística católica". No Brasil colônia a devoção aos santos mesclava a doutrina católica da época com a prática religiosa vivida na "intimidade" de brancos, negros e índios[377].

---

[375] ARAÚJO, Fabíola Pereira de; CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt S. **São Benedito no contexto da Romanização da Igreja Católica: uma devoção preterida**. Revista Histedbr On-line. Campinas: [s.d], p. 1-13. Disponível em: <www.histedbr.fae.unicamp.br>. Acesso em: 25/08/2014.

[376] VAINFAS, Ronaldo. Sincretismo nosso de cada dia. **Revista Brasileira de História.** Edição nº 100, São Paulo, Jan/2014. p. 35

[377] ARAÚJO, Fabíola Pereira de; CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt S. São Benedito no contexto da Romanização da Igreja Católica: uma devoção preterida. **Revista Histedbr On-line**. Campinas: [s.d], p. 1-13. Disponível em: <www.histedbr.fae.unicamp.br>. Acesso em: 25/08/2014.

Laura de Melo e Souza menciona que o sincretismo aumentava à medida que avançava o processo de colonização. Inicialmente,

> prevaleciam os elementos de magia e religiosidade popular comuns a Portugal; a feitiçaria descrita era de cunho eminentemente europeu, e as manifestações de religiosidade ameríndia ainda não chegavam a ser propriamente sincréticas, ou o eram em âmbito restrito. Avançando pelos século XVII e XVIII, o desenvolvimento do processo colonizatório propiciava maior interpenetração entre religiosidade europeia, africana e ameríndia (...)[378].

Dentre os fatores que propiciaram o desenvolvimento de valores sincréticos, Laura de Mello e Souza cita o fato de que nos mais de 300 anos de colonização portuguesa, a única legislação eclesiástica criada para "traduzir" as determinações tridentinas para a realidade colonial foram as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* (1707), tendo a prática das visitas pastorais incentivadas pelo Concílio de Trento se iniciado muito tardiamente. Além disso, o regime de "padroado", onde o poder da Coroa portuguesa se fundia com atribuições religiosas, priorizava os interesses econômicos aos catequéticos. Desta forma o período de colonização no Brasil seria testemunha do sincretismo católico, em que se atribuiam a divindades de diferentes grupos africanos (orixás) nomes de santos católicos, bem como sua hibridização com a representação e percepção das divindades indígenas[379].

Outro fator iria contribuir para a manutenção das crenças sincréticas, vinha do fato de que as cidades, eram, no geral, bastante carentes de profissionais da saúde que pudessem atender, mesmo às mais simples enfermidades, a população mais simples. Os serviços de médicos e cirurgiões eram muito restritos a uma classe privilegiada. Os padres cuidavam da saúde da alma, mas quem cuidaria da saúde do corpo? Aldrin Figueiredo responde: "Eram pajés e curandeiros os que, afinal, tratavam das verminoses, febres palustres e sezões, tão comuns nas populações mais pobres das capitais, do interior do Pará e do Amazonas[380]"

É neste contexto amazônico que se insere o Cemitério Nossa Senhora da Soledade, com a presença das diversas manifestações culturais e religiosas. Percebe-se o ecletismo cultural e sincrético presente nas devoções às almas do Purgatótio e nas práticas devocionais

---

[378] SOUZA, Laura de Mello e**. O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 17

[379]*Idem.* p. 93 – 95.

[380] FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Quem eram os pajés científicos? Trocas simbólicas e confrontos culturais na Amazônia, 1880-1930. *In*: FONTES, Edilza (org.) **Coleção Contando a História do Pará: diálogos entre Antropologia e História**. Belém: e.Motion, 2003. p. 59.

que acontecem em determinadas sepulturas. A pesquisa de campo, ao questionar sobre a religião dos frequentadores, mostrou a diversidade de credos e, em muitos casos, a interpenetração entre eles. Era comum a resposta do entrevistado que se considerava católico, mas aberto a outros credos. Este intercâmbio religioso-cultural irá se refletir tanto nas oferendas depositadas nos túmulos, como nas suas formas diversificadas que os devotos professavam a sua fé.

Walcyr Monteiro menciona o peso da miscigenação na formação étnica e cultural da Amazônia. Para ele, tanto branco, como o negro e o índio demonstravam a crença nas almas e em suas manifestações, que resultariam na crença nas "visagens, nas assombrações e nas almas de poder miraculoso[381]". O sociólogo afirma que

> Os católicos, com a crença em céu, purgatório e inferno, acreditam também em alma penada. Muitos dos mitos e lendas indígenas foram transformados pelos missionários e catequistas em manifestações demoníacas (...). Os negros africanos acreditavam na alma, bem como, no fato dela "penar" (...)[382].

O antropólogo Arthur Napoleão Figueiredo, um dos pioneiros nos estudos da presença africana na Amazônia, descreve a crença nos santos no âmbito das religiões africanas mesclado com as crenças indígenas e seus "mundos mitológicos":

> Nesse mundo espiritual, os santos são entidades que protegem não somente os homens como as comunidades em que vivem, e que, devidamente reverenciados sob as formas as mais diversas, garantem prosperidade, saúde e felicidade. Sua atuação, entretanto, não é total, pois existem situações em que sua força é impotente. Essas situações encontradas no mundo sobrenatural e na própria natureza são fruto da atuação de outras entidades que habitam a floresta e o fundo dos rios[383].

Anaíza Vergolino e Silva faz uma análise das diferenças da religiosidade entre a população da capital Belém e do interior do Pará. A partir de suas análises, pode se traçar um quadro de similaridades em função da multiculturalidade apresentada e identificada nas devoções populares do Cemitério da Soledade. Para a antropóloga, a comparação entre o interior e a capital do estado do Pará

---

[381]MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**, 6ª ed. Belém: Cromos Editora. 2012. p. 211.
[382] *Idem.*
[383] FIGUEIREDO, Arthur Napoleão. Presença africana na Amazônia. **Revista Estudos Amazônicos**. Vol. III, n °1, 2008, p. 134 – 135.

> revela mudanças no nível ideológico de seus habitantes, pois se no interior paralelamente existe uma crença e uma prática de pajelança cabocla; nos centros urbanos esse mesmo cristianismo se dilui na adesão às religiões mediúnicas, sejam elas de fundo evangélico (Pentecostal), kardecista (Espiritismo) e sincrética (Afro-Brasileiro)[384].

3.5. Ex-votos e oferendas

Os cemitérios são considerados por algumas pessoas como lugares propícios a introspecção, oração, contemplação, meditação e recordação. Contudo, não é de hoje que os vivos costumam deixar algo além de preces vocais ou mentais nas sepulturas de seus entes queridos. Luiz Américo Silva Bonfim menciona que a relação votiva "é estabelecida quando se espera uma intervenção sobre algo que está muito além das possibilidades de realização daquele que perece[385]".

Jean-Pierre Bayard indica que desde 10.000 a.C. já eram colocadas oferendas próximas aos lugares onde os mortos eram enterrados. Estas oferendas iam desde simples pedras e flores até utensílios de sílex e marfim, vasos cerâmicos e machados polidos. Com o passar do tempo, o hábito de honrar um falecido com ofertas materiais carregadas de simbologias se tornaria comum[386].

A observação de objetos deixados como oferendas no cruzeiro, sobre as sepulturas ou em suas imediações, pode ajudar a entender melhor as relações que se operam dentro do Cemitério da Soledade. Conforme citado na Introdução deste trabalho, Lewis Mumford afirma que alguns sepultamentos na pré-história apresentavam pedras, galhos, gravetos ou montes de terra nas covas. Contudo, o motivo aparente desta prática era apenas a demarcação, de maneira a facilitar a identificação do lugar para quando alguém ali retornasse para prestar culto aos mortos, uma vez que o homem da época era nômade[387]. Entretanto, a partir do período paleolítico, começaram a aparecer objetos como oferendas aos mortos.

---

[384] SILVA, Anaíza Vergolino e. **O tambor das Flores: uma análise da Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros do Pará (1965-1975)**. 1976. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1976.

[385] BONFIM, Luiz Américo Silva. **O Signo Votivo Católico no Nordeste Oriental do Brasil: Mapeamento e Atualidade.** (Tese de doutorado). Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2007.

[386] BAYARD, Jean-Pierre. **O Sentido Oculto dos Ritos Mortuários: Morrer é morrer?** Trad. Bernôni Lemos – São Paulo: Paulus, 1996. pg. 61-62.

[387]MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas.** Trad. Neil R. da Silva. 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998. pg. 12 – 13.

O *site* da *Foundation Hellenic World* menciona que a exploração arqueológica de algumas cavernas do período paleolítico, revelaram utensílios, chifres e flores como oferendas funerárias. No início do Neolítico, além destes itens, era comum a colocação de vasos, jarros, ossos, dentre outros, nos locais de enterramentos. Com o passar do tempo, os objetos se tornariam mais sofisticados, chegando às joias e estatuetas, finos vasos de alabastro[388]. Recorda-se aqui, as tumbas dos faraós egípcios, que eram enterrados junto com um grandioso e rico enxoval funerário, como cita Maria del Carmem Pérez Die[389].

É certo que a escolha de um determinado objeto implicaria em uma simbologia a ele atribuída por quem o ofertava. Victor Tuner observa que os símbolos são elementos primordiais para se analisar um rito ou cerimônia. Para ele, os símbolos estão imbricados com processos sociais que o envolvem e estão relacionados com vários outros acontecimentos. O antropólogo afirma que "el símbolo es la más pequeña unidad del ritual que todavía conserva las propiedades específicas de la conducta ritual, es la unidad última de estructura específica en un contexto ritual[390]".

Nesta dissertação, adotou-se os termos *oferendas* e *ex-voto*s para as práticas devocionais que acontecem no Soledade e que são materializadas através dos mais diversos objetos: velas, orações escritas, placas de agradecimento, água, flores, fitas, alimentos diversos, enfim, objetos carregados de simbolismo que registram um relacionamento entre as pessoas e o transcendental. Conforme a *Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais*, *ex-voto* pode ser compreendido da seguinte forma:

> O termo designa pinturas, estatuetas e variados objetos doados às divindades como forma de agradecimento por um pedido atendido. (...).As motivações do presente votivo são muitas: proteção contra catástrofes naturais, cura de doenças, recuperação em virtude de sofrimentos amorosos, acidentes e dificuldades financeiras[391].

Aqui serão expostas breves informações sobre os principais itens ofertados, obtidos através de observações *in loco* e nas respostas dos questionários aplicados aos frequentadores.

---

[388] *Site* da Foundation Hellenic World – Hellenic History on the Internet. Prehistory. Stone Age. Mesolithic Period. **Mesolithic Society.** Disponível em: <http://www.ime.gr/chronos/01/en/ml/ society/index.html> Acesso em: 30/04/14.

[389] PÉREZ DIE, M. C. **Heracleópolis Magna – La Necropolis real del Tercer Período Intermedio y su reutilización.** Volumen I. Fundación Barrero. Ed: Secretaria General Técnica, 2010.

[390] TUNER, Victor**.** La selva de los símbolos. Siglo XXI. Madrid. 1980. p. 21 *Apud*: ENRIQUE FINOL, José; MONTILLA, Aura M.. Rito y Símbolo: Antropo-Semiótica del velorio en Maracaibo. **Revista de Ciencias Humanas y Sociales**, Maracaibo, v. 20, n. 45, dez/ 2004.

[391] **Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais**. Ex-Votos. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?Fuseaction=termos_texto&cd_verbete=5433> Acesso em: 29/08/2014

3.5.1. As velas

Este é um dos principais símbolos usados nos ritos funerários. Sarah Carr-Gomm afirma que as velas têm importância para várias religiões. Para os cristãos, "as velas da Eucaristia representam a presença de Cristo na santa comunhão" e o Círio Pascal "simboliza o Cristo ressuscitado na Páscoa[392]".

O *site* Ecclesia, do Vicariato Ortodoxo, diz que para os católicos, a vela recorda a luz que ilumina as trevas. "Irradiando luz iluminadora, simboliza Cristo 'Luz do mundo', conforme ele próprio se qualificou". A vela tem também um caráter sacrifical, "A vela acesa substitui diante de Deus a pessoa que a acende: Fica se consumindo, como se fosse um holocausto oferecido a Deus[393]".

A liturgia católica utiliza com muita frequência as velas, nos sacramentos do Batismo e Confirmação, nos Ofícios Litúrgicos, nas Exéquias e na celebração do Santo Sacrifício da Missa. A oração do Intróito da Missa, em comemoração de todos os fiéis defuntos, enuncia: "Requiem aeternam dona eis Domine, et Lux perpetua luceat eis[394]".

O *site* Obituários de Venezuela informa que os antigos romanos acreditavam que as tochas usadas nos funerais serviam para guiar o morto até sua morada eterna[395]. José Enrique Finol e Aura Montilla recordam que na Idade Média o ritual foi mantido, pois havia o costume de acender uma luz para guiar a alma do defunto, citando Bracamonte, que afirmava: "Las velas representan el fuego, la luz de lo que está por venir, la conformidad para los sobrevivientes, y luz que guiará al alma[396]".

A vela é o item mais usado como manifestação devocional do Soledade. O cruzeiro central já se encontra desgastado e enegrecido, em decorrência das velas acesas ao longo dos

---

[392] CARR-GROMM, Sarah. **Dicionário de símbolos na arte: guia ilustrado da pintura e da escultura ocidentais.** Trad. Marta de Senna.-Bauru,SP: EDUSC, 2004. p. 217

[393] Ecclesia. Vicariato Arquidiocesano Ortodoxo para todo o Brasil. Fé cristã ortodoxa**. Por que acendemos velas?** Disponível em: <http://www.ecclesia.net.br/biblioteca/fe_crista_ortodoxa/por_que_acendemos_velas.html> Acesso em: 04/09/2014.

[394] Descanso eterno, dai-lhes, Senhor, e a luz perpétua os ilumine. Ver: *Site* Missa Tridentina. Material de Apoio. Festas Notáveis. Documentos. **Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos**. Disponível em: <http://www.missatridentina.com.br/index.php/material-de-apoio-sp-473651883/proprio-da-missa/festas-notaveis/27comemoracao-de-todos-os-fieis-defuntos/file> Acesso em: 04/09/2014.

[395] Obituários de Venezuela. **La importancia de las flores y la luz en los ritos funerarios.** Mai/2011. Disponível em: <http://www.obituariosdevenezuela.com/2011/05/la-importancia-de-las-flores-la-luz-en-los-ritos-funerarios/ > Acesso em: 04/09/2014.

[396] FINOL, José Enrique; MONTILLA, Aura M. Rito y Símbolo: Antropo-Semiótica del velorio en Maracaibo. **Revista de Ciencias Humanas y Sociales**, Maracaibo, v. 20, n. 45, dez/ 2004.

anos. O mesmo ocorre com algumas sepulturas, que já mostram o desgaste provocado pelo calor do fogo, da cera e da fumaça. Embora existam lugares específicos para as velas, existem fiéis que insistem em acendê-las diretamente sobre o túmulo.

Conforme citado no Capítulo II, vários devotos associam a oferta de velas com a crença de oferecer "luz para as almas", dentre eles a aposentada Aparecida Brígida, a administradora Francinasa Dantas, o eletricista Mauro Sandir e o Engenheiro Elias Sabbat. O técnico mecânico João Fontenelle Filho disse acender velas "para guiar as almas perdidas por desastres e tragédias" (Anexo 39).

3.5.2: As orações

Oração é uma súplica religiosa, uma reza[397]. Conforme citado na Introdução, o ato de enterrar os mortos estava envolto, desde a antiguidade, em um caráter religioso, como um relacionamento entre o homem e o transcendente. As palavras pronunciadas em reverência ou de aceitação da fatalidade da morte podem ser vistas como as primeiras orações feitas na intenção de alguém que morreu. O próprio silêncio pode ser indicativo de uma oração meditativa. O Catecismo da Igreja Católica afirma que

> a oração cristã é uma das formas de crescimento da Tradição da fé, particularmente pela contemplação e pelo estudo dos crentes, que guardam no seu coração os acontecimentos e as palavras da economia da salvação, e pela penetração profunda das realidades espirituais que eles experimentam[398].

José Enrique Finol e Aura Montilla mencionam que as orações são um símbolo recorrente usado nos ritos de velórios da igreja católica para elevar a alma do defunto[399]. No Cemitério da Soledade, essas orações apresentam um enfoque prioritário às almas do Purgatório, seguido de preces individuais a algumas devoções. Folhetos, cópias e "santinhos" impressos são encontrados em profusão na capela, nas proximidades de alguns túmulos e até nas barracas dos vendedores de velas que ficam na entrada do cemitério. A presença deste material é justificada como sendo esta uma das formas de pagamento de promessas, que consiste na impressão e distribuição de tais orações.

---

[397] Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa.** – 3.ed.totalmente revisada e ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 1451

[398] Catecismo da Igreja Católica. **A oração cristã**. Capítulo II,, Parágrafo 2651. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p4s1cap2_2650-2696_po.html> Acesso em: 04/09/2014.

[399] FINOL, José Enrique; MONTILLA, Aura M. Rito y Símbolo: Antropo-Semiótica del velorio en Maracaibo. **Revista de Ciencias Humanas y Sociales**, Maracaibo, v. 20, n. 45, dez/ 2004.

O anexo 40 deste trabalho traz o registro das orações mais usadas pelos devotos do cemitério da Soledade. Somente voltadas para a intenção das almas foram encontradas quatro variações de orações, sendo que a maior delas é tida como a prece original. Todas adotam o estilo literário comum a preces católicas, ainda que não se conheça registro de licença da Igreja católica para tal, conhecida atualmente como *Imprimatur*[400]. As preces são permeadas de aspectos trágicos, como o trecho que diz: "Oh, Almas santas, benditas, milagrosas e abençoadas das três pessoas que morreram queimadas, afogadas e enforcadas". Nas preces individuais, reza-se à Escrava Anastácia: "Vemos que algum algoz fez de tua vida um martírio, violentou tiranicamente a tua mocidade; vemos também no teu semblante macio, no teu rosto suave, tranquilo, a paz que os sofrimentos não conseguiram perturbar".

Da mesma forma, nas orações encontradas no Cemitério da Soledade são recordados aspectos de sofrimento na vida do Cristo e de sua Mãe Maria Santíssima, como por exemplo, o trecho da prece às almas que diz: "pelas gotas de suor que Jesus Cristo derramou do seu sagrado Corpo, atendei o meu pedido (...)[401]".

Cita-se outros exemplos:

> (...) Pedi e rogai a N. S. Jesus Cristo, principalmente pela chaga do seu ombro, que tanto fez sofrer aquele corpo santíssimo, pelas agonias do Horto das Oliveiras, quando prostrado por terra suou sangue pelos nossos pecados, pela coroa de espinhos que traspassou a cabeça de Jesus, pela cruz que Ele levou no ombro pelas ruas de Jerusalém, pelo último suspiro que Ele exalou na cruz, por todos estes martírios deste coração candíssimo, pedi e rogai por mim, para alcançar a graça que vos peço (...) [402].
>
> (...) eu vos peço pelas dores e amarguras que Maria Santíssima sofreu no mundo desde o nascimento de Jesus até a sua morte. Por todas as lágrimas que ela derramou durante a paixão e Morte de seu adorado Filho. Pela sua triste amargurada solidão, quando se viu sozinha no mundo, sem o seu Santíssimo Filho, por todos os martírios deste coração de mãe aflitíssima e desolada, alcançai-me a graça que vos peço (...) [403].

---

[400] Permissão de autoridade religiosa para imprimir texto que foi submetido à sua censura. Fonte: Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa.** – 3.ed.totalmente revisada e ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p.1086

[401] Oração das 13 almas (Anexo 40).

[402] Milagrosa novena em honra das almas (Anexo 40). Fonte: MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**, 6ª ed. Belém: Cromos Editora. 2012. p. 179 – 181.

[403] *Idem.*

> (...) eu vos suplico pela agonia do vosso Sacratíssimo Coração e pelas dores de vossa Mãe Imaculada que purifique com o vosso sangue a alma de nossa irmã Domingas, que agora já se encontra junto de vós (...) [404].

As preces também apresentam um caráter de petição, e, algumas, inclusive as retribuições que serão feitas caso a graça seja alcançada. Na "milagrosa novena em honra às almas", o fiel pede por bens espirituais e temporais, como se nota no trecho que diz:

> (...) para que eu seja livre de todos os perigos do corpo e da alma, seja feliz e obtenha bons resultados nos meus negócios(...).Livrai-me de todos os perigos em meu corpo e da minha alma, de todas as calúnias, intrigas e perseguições. Livrai-me de todos os obstáculos e dificuldades que se opuserem às realizações de minhas petições ou fizerem mais tempo (...) [405].

A prece denominada de "oração das almas poderosas" menciona, no seu próprio texto, a oferta e a retribuição que será dada para que o pedido seja alcançado. Um dos trechos menciona: "Almas Santas, durante esta novena eu vos darei um copo com água e rezarei por vós saciardes a vossa sede de justiça e me auxiliai neste pedido[406]". A "oração das 13 almas" segue a mesma linha e descreve o pagamento da promessa na própria prece:

> Livrai-me dos males, dai-me sorte na vida e cegai meus inimigos. Que os olhos do mal não me vejam, cortai as forças dos meus inimigos. Minhas 13 Almas benditas, Sabidas e Entendidas, se me fizerdes alcançar esta graça (...) ficarei devota de vós e espalharei um milheiro desta oração mandando, também, rezar uma Missa.

As orações feitas para os "santos inocentes", que são venerados nos túmulos de crianças, revelam singeleza e pureza em sua linguagem. As preces usam palavras no diminutivo e quase sempre fazem alusão aos anjinhos. Cita-se, como exemplo, a preces ao Menino Cícero:

> Já que te encontras ao lado dos anjinhos, que entoam os Hinos ao Senhor, venho te implorar para levares esta prece aos pés de Jesus, e pedir que me alcances esta graça se for permitido por Deus. (Pede a graça). Porque a tua alma junta a Ele, representa um lírio de pureza[407].

Outro exemplo é a prece encaminhada ao Menino Zezinho:

---

[404] Oração da Preta Domingas. (Anexo 40)
[405] Milagrosa novena em honra das almas (Anexo 40). Fonte: MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**, 6ª ed. Belém: Cromos Editora. 2012. p. 179 – 181.
[406] Oração das Almas Poderosas. (Anexo 40)
[407] Novena para pedir uma graça para Cícero. (Anexo 40)

> Zezinho, glorioso anjinho do Senhor, eu vos invoco para que me livres da maldade do pecado, da cegueira de minha alma e me ajude a fugir delas, porque neste momento te envio este versinho a Maria Santíssima para levares a ela e depositares a seus pés[408].

A maioria dos devotos declarou fazer as orações mais tradicionais da Igreja católica, como o Pai Nosso, a Ave Maria, o Glória ao Pai e a Salve Rainha. Todavia, alguns preferem usar preces próprias. O guia turístico Rui Reis declara: "Faço da minha cabeça, vou falando nas minhas palavras". A professora aposentada Maria José Dantas costuma rezar o terço, orações tradicionais e também "conversar" com eles. "Falo e eles me ouvem", ela disse. O professor João Corrêa disse: "Faço preces da minha cabeça". A advogada Céres Ribeiro conta: "Antigamente eu costumava ler a oração das 13 almas, mas hoje em dia, já me sinto muito íntima e mais converso com elas. (Anexo 40)".

Os depoimentos parecem corroborar foi encontrado nos estudos de José Enrique Finol e Karelys Fernández, sobre as relações dialógicas que se desenvolvem dentro de um cemitério. Percebe-se em vários depoimentos dos frequentadores do Soledade, a vivência de uma prática social e o relacionamento de intimidade que vai surgindo com o tempo entre os devotos e suas devoções[409]. As preces "conversadas", ao que parecem, podem ser interpretadas nesse sentido.

3.5.3. A água:

José Enrique Finol e Karelys Fernández recordam que a água tem um sentido de purificação para os católicos, com uma simbologia associada à limpeza, renovação e purificação. Possui, ainda, simbologia ligada à fecundidade, já que é nela que se desenvolve a vida. Para os estudiosos, a Bíblia apresenta a água com um sentido espiritual, sendo considerada símbolo da eternidade[410]. Miranda Bruce-Mitford relaciona a água com a pureza e muitos mitos de criação e lembra que os quatro rios do paraíso são fontes de poder e alimento espiritual[411].

No catolicismo, a água é símbolo recorrente: no sacramento do batismo, nas pias de água benta nas entradas das igrejas, no *asperges* das missas solenes, na aspersão de água

---

[408] Oração Zezinho Anjinho de Jesus. (Anexo 40)
[409] FINOL, José Enrique; MONTILLA, Aura M. Rito y Símbolo: Antropo-Semiótica del velorio en Maracaibo. **Revista de Ciencias Humanas y Sociales**, Maracaibo, v. 20, n. 45, dez/ 2004.
[410] *Idem.*
[411] BRUCE-MITFORD, Miranda. **O livro ilustrado dos símbolos: o universo das imagens que representam as ideias e os fenômenos da realidade**. Trad. Fernando Wizard e Maria Rodrigues.- São Paulo: Publifolha, 2001. p. 34

benta por ocasião dos rituais de dedicações de igrejas e altares, bênçãos de lugares, de objetos de piedade, e está presente também no ritual das exéquias. A água benta é vista como proteção contra o mal, tanto que é, ainda hoje, usada nos rituais de exorcismos[412]. De fato, a água está presente desde o início até o fim da vida dos fiéis católicos.

Quando se trata das práticas devocionais dentro do Cemitério da Soledade, observa-se que o oferecimento de água, geralmente em pequenas garrafas de plástico ou copos descartáveis, engloba outras simbologias, carregadas de sincretismo. José Francisco Bairrão e Raquel Rotta mencionam em seus estudos o simbolismo da água na umbanda. Para eles, o "significante" água está muitas vezes relacionado com as emoções, destacando "a sua relação com os sentidos de vida, fertilidade, feminino e, principalmente, maternidade[413]".

Marina Graminha e José Francisco Bairrão explicam que:

> Na Umbanda, assim como no Candomblé, os orixás femininos e ligados às águas mais frequentes são Iemanjá e Oxum, que se diferenciam pelo fato de iemanjá estar ligada às águas salgadas e Oxum às águas doces. Assim, Iemanjá e Oxum, além de serem consideradas donas dos domínios das águas, também estão muito ligadas aos sentimentos humanos, tanto ao amor, quanto ao ódio[414].

Vale lembrar que durante a pesquisa realizada no Soledade, com os frequentadores que visitam o cemitério nas segundas-feiras, identificou-se uma árvore atrás da capela onde alguns deles depositam velas e oferendas, incluindo copos de água, dentro de seu tronco. Um dos entrevistados, Paulo Eduardo Bentes de Melo e Silva, disse por ocasião de sua entrevista que ali era a "árvore do Exu[415]".

Chama atenção o fato de que a água seja um dos elementos também ofertados no cruzeiro do Soledade. Recorda-se, aqui, que uma das orações difundidas no cemitério promete também a oferenda de água (Anexo 40). Não foi possível comprovar se os devotos fazem a oferenda de água cientes dessa prática corrente na Umbanda, ou se fazem por que a prece pede, ou ainda, se porque viram os outros fazerem e repetem o gesto.

---

[412] Liturgia Católica Apostólica Romana. Disponível: <http://www.liturgiacatolica.com/bencaos.html> Acesso em 04/09/2014.

[413] BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques; ROTTA, Raquel Redondo. Mulheres médiuns e caboclas espirituais. **Arq. bras. psicol**., Rio de Janeiro , v. 62, n. 2, 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000200015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15/01/2015.

[414] GRAMINHA, M. R. & BAIRRÃO, J.F.M.H. Torrentes de sentidos: o simbolismo das águas no contexto umbandista. **Memorandum**, 17, 122-148, 2009. Disponível em: < http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a17/grambair01.htm>. Acesso em: 15/01/2015.

[415] Ver a entrevista de Paulo Eduardo B. de M. e Silva, 2013. Anexo 39.

De acordo com o que foi apresentado no Capítulo II, nota-se o grande número de devotos que dizem oferecer água em intenção das almas que morreram queimadas, afogadas ou aquelas que morreram com sede. O estudante Inaldo Gonçalves Jr. acrescenta, ainda, uma relação com a prática associada à Umbanda ao afirmar: "Segundo a umbanda devemos dar água a pessoas que morreram com sede para aliviar o sofrimento[416]".

A teologia bíblica retrata, por sua vez, a simbologia que a água carrega, com aspectos aparentemente contraditórios, mas que fazem parte da experiência de vida do povo israelita. Ao mesmo tempo em que a água significa vida, bênção, presença de Deus e de sua graça, por vezes é associada ao caos, morte e destruição. A mesma água que devassou a terra no dilúvio e matou os soldados do faraó no Mar Vermelho, também pode ser vista como um sinal de reconciliação e salvação[417].

Ainda sobre o tema, o Evangelho de São Lucas relata a seguinte parábola contada por Jesus Cristo, que pode estar associada à oferta de água feita pelos devotos:

> E aconteceu que o mendigo morreu, e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; e morreu também o rico, e foi sepultado. E no inferno, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão, e Lázaro no seu seio. E, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim, e manda a Lázaro, que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama. Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro somente males; e agora este é consolado e tu atormentado. (Lc 16, 20 – 25)[418].

A parábola reforça o aspecto simbólico da água, especialmente para os fiéis católicos. No caso, ela surge como um alívio àquele que sofre e está atormentado, por ter sido condenado à danação do Inferno. Ao mesmo tempo, recorda aquelas almas que ainda não podem contemplar a Deus e que devem expurgar suas faltas no Purgatório. Em ambos os casos, a água, mesmo que em gotas, seria um refrigério.

Dentro do Cemitério da Soledade, é possível observar que existem vários significados e simbologias associadas ao oferecimento do elemento água em lugares devocionais. A água pode ser vista como bênção (água benta), como alívio aos que sofrem, como um simples objeto de promessa ou como uma oferenda a um determinado Orixá.

---

[416] Ver a entrevista de Inaldo Corrêa Jr, 2013. Anexo 39.
[417] CARNIATO, Ir. Maria Inês. **A Água na Teologia Bíblica**. Paulinas; 2003. Disponível em: <http: //www.mundosustentavel.com.br/wp-content/uploads/2011/05/agua.pdf> Acesso em: 23/09/2013.
[418] Bíblia on line. Lucas, 16. Disponível em: <http://www.bibliaonline.com.br/acf/lc/16> Acesso em: 23/09/2013.

3.5.4. As flores

As flores são objetos de uma apropriação simbólica bastante recorrente. Segundo Sarah Carr-Gomm elas indicam tanto o Paraíso, prefigurado no Jardim do Éden, quanto as estações do ano na terra. Desde a Idade Média, elas assumiram um sentido particular dentro do ideário cristão:

> Flores vermelhas representavam o sangue da Paixão de Cristo; flores brancas, especialmente o lírio, a íris e a rosa sem espinhos, a pureza da Virgem. O ciclâmen, o jasmim, o lírio do vale e as violetas também eram relacionados à Virgem[419].

Miranda Bruce-Mitford especifica que os jardins representam o Paraíso e a morada da alma, enfatizando que "o Éden bíblico simbolizava a perfeição existente antes da queda de Adão e Eva". A antropóloga cita:

> Em todos os tempos e culturas, as flores sempre ocuparam lugar especial na vida e no coração das pessoas. Algumas eram vistas antigamente como formas terrenas dos deuses. Eram usadas nos cultos, e atribuíam-lhe poderes mágicos. Em botão, uma flor é símbolo de vida nova, mas também pode acompanhar um morto para o túmulo[420].

Algumas flores são associadas com a morte e são carregadas de simbologia cristã e profana. Miranda Bruce-Mitford menciona algumas delas: rosa, íris, miosótis (não me esqueças), anêmona, papoula, cravo-de-defunto e lírio[421]. Duas flores merecem destaque por sua simbologia funerária recorrente no Cemitério da Soledade, por estarem entre os cinco itens mais usados nas decorações dos túmulos. Elas podem ser encontradas individualmente ou associadas, com o mesmo simbolismo associado à morte.

Uma delas é a flor conhecida como *Asphodelus*. Segundo a Encyclopaedia Britannica, a flor pertence a família *asphodelaceae* e é característica da região do mediterrâneo[422]. Segundo o site EOL, são plantas bulbosas de flores vistosas e caule comestível. Este é um dos motivos de sua associação com os mortos, pois havia um antigo costume grego de plantar

---

[419] CARR-GROMM, Sarah. **Dicionário de símbolos na arte: guia ilustrado da pintura e da escultura ocidentais.** Trad. Marta de Senna.-Bauru,SP: EDUSC, 2004. p. 97

[420] BRUCE-MITFORD, Miranda. **O livro ilustrado dos símbolos: o universo das imagens que representam as ideias e os fenômenos da realidade**. Trad. Fernando Wizard e Maria Rodrigues.- São Paulo: Publifolha, 2001. p. 50-51

[421] *Idem*

[422] **Encyclopaedia Britannica**. Asphodel. Disponível em: <http://global.britannica.com/EBchecked/topic/38975/asphodel> Acesso em: 05/09/2014.

estas flores ao lado das sepulturas[423], provavelmente pela ideia de que poderiam servir de alimento aos mortos. Outra razão está relacionada com a mitologia grega, onde a flor é associada com a figura de Perséfone, que é frequentemente representada coroada com uma guirlanda de *asphodelus*.

> Its general connection with death is due no doubt to the greyish colour of its leaves and its yellowish flowers, which suggest the gloom of the underworld and the pallor of death. The roots were eaten by the poorer Greeks; hence such food was thought good enough for the shades[424].

Perséfone é descrita na mitológica grega da antiguidade como a deusa das ervas, flores, frutos e perfumes, filha de Zeus e Deméter. Ela foi raptada quando colhia flores - narcisos - por seu tio Hades, que era a divindade do mundo dos mortos, para onde a levou. Perséfone foi socorrida por seu meio-irmão Hérmes, mas como ela já havia comido sementes de romã dadas por Hades, não voltou completamente ao mundo dos deuses. Durante a primavera e o verão morava no Olimpo e no outono e inverno voltava ao mundo dos mortos. Um dia, com ciúmes de Hades, transformou a ninfa Menthe em uma flor "destinada a vegetar nas entradas das cavernas, ou, em outra versão, na porta de entrada do reino dos mortos. Esta flor seria denominada de *asphodelus* e daria origem ao mito do "campo de asfodélos", para onde deveriam ir as almas dos que morreram para serem julgados[425]".

A outra flor de simbologia funerária marcante e que é muito utilizada como elemento decorativo no Cemitério Nossa Senhora da Soledade é a chamada Perpétua, cujo nome científico é *gomfrena globosa.* Suzane Fank-de-Carvalho, Misléia Gomes, Pedro Silva e Sônia Báo a descrevem como uma planta herbácea que se apresenta com flores pequenas e de coloração arroxeada, nativa da Índia e conhecida no Brasil como também conhecida como perpétua-roxa. Esta espécie é também cultivada como planta ornamental[426].

Gisela Monteiro escreve se tratar de um costume muito comum em Portugal o uso das Perpétuas nas esculturas e ornamentações de túmulos. Por vezes, elas vêm associadas com outra flor denominada de Saudades e simbolizam juntas o que a união dos nomes significa: perpétuas saudades.

---

[423] **EOL – Encycopedia of life**. Asphodelus. Disponível em: < http://eol.org/pages/32870/details> Acesso em: 05/09/2014.
[424] *Idem.*
[425] **Coleção: divindades gregas**: Brasil, Editora Abril, 2004.
[426] CARVALHO, Suzane Margaret Fank-de- et al . Leaf surfaces of Gomphrena spp. (Amaranthaceae) from Cerrado biome. **Biocel**l, Mendoza, v. 34, n. 1, abr. 2010. Disponivel em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0327-95452010000100004&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 15/01/2015

> Nos cemitérios de Lisboa (Prazeres e Alto de São João) é difícil passar mais do que uma dezena de jazigos sem nos cruzarmos com duas plantas que normalmente aparecem juntas, por vezes na companhia de mais alguns símbolos, e cujo significado é simplesmente "Perpétua Saudade". As Perpétuas são plantas conhecidas por florirem em canudinhos ou bolinhas (...) e a Saudade tem uma representação parecida com a do cardo, podendo até ser confundida com este. Juntas, não carecem de mais interpretação: significam "Perpétua Saudade" ou "Saudade Perpétua[427]".

Por ocasião da pesquisa de campo em cemitérios fora de Belém, foi possível confirmar a assertiva de Gisela Monteiro. Na visita técnica realizada em novembro de 2013, no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa – Portugal, foi possível se verificar o uso decorativo das flores "perpétuas e saudades", isoladas ou associadas, em várias sepulturas. Uma vez que vários túmulos e mausoléus do Cemitério Nossa Senhora da Soledade são de procedência europeia, notadamente de Portugal, é possível que os modelos adotados fossem semelhantes aos dos cemitérios portugueses, alguns deles adquiridos por meio de catálogos. A presença destas flores, tidas por vezes como a flor do cardo, está entre os mais usados ornamentos com simbologia funerária do Soledade.

Desde tempos remotos as flores acompanham os rituais funerários. Cecília Beatriz L. da Veiga Soares menciona a presença de delicadas flores pintadas decorando tumbas etruscas na Turquia e a presença de flores-de-lótus nas tumbas dos faraós do Egito. Além destes exemplos, recorda-se que foram descobertas nas catacumbas romanas "muitos motivos florais simbólicos pintados por cristãos da Igreja primitiva[428]". Os túmulos costumavam ser adornados com muitas flores, fossem elas naturais ou em pinturas parietais. Alejandro Mesa reforça a importância deste elemento ao afirmar que "a través de los tempos el hombre tomó conocimiento del poder sugestivo de las flores[429]".

José Henrique Finol afirma que as flores dão vida à morte e acompanham os ritos funerários, a não ser que o defunto pertença a alguma religião que não permita este oferecimento ou homenagem[430], como é o caso da religião judaica. Um artigo da revista *Super Interessante*, publicado em 1988, corrobora a percepção de que as flores continuam sendo

---

[427] MONTEIRO, Gisela. **Simbologia: perpétua saudade**. *Blog* Mort Safe. Disponível em: <http:// taphophilia.blogspot.com.br/2012/11/simbologia-perpetua-saudade.html> Acesso em: 05/09/2014.
[428] SOARES, Cecília Beatriz L. da Veiga**. O livro de ouro das flores**. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 15
[429] MESA, Alejandro. **¿De qué nos están hablando los símbolos del Cementerio Viejo?** Paysandú – Uruguay, jan/2009. p. 35
[430] Obituários de Venezuela. **La importancia de las flores y la luz en los ritos funerários.** Mai/2011. Disponível em: <http://www.obituariosdevenezuela.com/2011/05/la-importancia-de-las-flores-la-luz-en-los-ritos-funerarios/ > Acesso em: 04/09/2014.

muito usadas na hora da morte. Dizia o artigo que elas ainda "enfeitam as mesas durante as festas, homenageiam os que nascem, os mortos e os que se casam[431]".

A maioria dos entrevistados não se referiu a um tipo específico, mas dentre as flores depositadas nas sepulturas, observou-se a oferta de crisântemos e margaridas, predominantemente artificiais. A engenheira civil Ana Maria Mendes foi a única dentre os entrevistados a se referir a uma flor específica. Ela disse: "Depois de 04 semanas da novena de Raimundinha Picanço, devemos levar Angélicas no túmulo, mas esta é uma flor difícil de encontrar em Belém[432]".

Cecília Soares conta o motivo pelo qual a flor Angélica era considerada miraculosa em tempos antigos. "Consta que teria sido o arcanjo Rafael quem deu a conhecer aos homens suas virtudes[433]". No cemitério da Soledade, observou-se que as flores povoavam o imaginário dos devotos, tanto que, a advogada Céres Ribeiro relata um trabalho voluntário que fazia anos atrás de colocar flores em todas as sepulturas[434].

3.5.5. As fitas

O uso de fitas, fios ou linhas também tem um simbolismo associado. Miranda Bruce-Mitford afirma que "a linha é símbolo da vida e do destino humano fiado por um poder divino. No hinduísmo, a linha conecta este mundo com o outro[435]". Para José Carlos de Abreu Amorim "as fitas servem ainda de ligação com o transcendente; é o zênite atingido pelo xamã através da corda ou escada, chegando ao 'céu'[436]".

Dentre os costumes dos fiéis católicos, há aquele em que o fiel amarra uma fita colorida em volta do santo, denominada de "fita votiva", sendo que para cada pedido feito, é dado um nó na fita. Pelo costume, estes nós seriam desatados quando se alcançasse a graça pedida. Carlos Carvalho Cavalheiro recorda a importância dessas fitas nas festas populares, especialmente nas Folias de Reis, tendo cada cor uma simbologia específica:

---

[431] Quando falam as flores: chaves de um código. **Revista Super Interessante.** Abr/1988. Disponível em: <http://super.abril.com.br/cultura/quando-falam-flores-chaves-codigo-438551.shtml> Acesso em: 03/09/2014.
[432] Ver a entrevista de Ana Maria Mendes, 2013. Anexo 39.
[433] SOARES, Cecília Beatriz L. da Veiga. **O livro de ouro das flores.** – Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 42
[434] Ver a entrevista de Céres Ribeiro, 2013. Anexo 39.
[435] BRUCE-MITFORD, Miranda. **O livro ilustrado dos símbolos: o universo das imagens que representam as ideias e os fenômenos da realidade**. Trad. Fernando Wizard e Maria Rodrigues.- São Paulo: Publifolha, 2001. p. 97
[436] ABREU AMORIM, José Carlos de. Pau de Fita: entre o sagrado e o profano. **Diversidade Religiosa**. UFPb. v. 1, n. 1 (2013). Disponível em: <http:// periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/dr/article/view/15218> Acesso em: 05/09/2014.

> A viola e violões são enfeitados com fitas coloridas. Cada fita pode ter um simbolismo. Geralmente as cores que se utilizam são: amarela, cor-de-rosa, azul (que podem simbolizar a Virgem Maria, sendo que a cor-de-rosa também tem por signo os doze apóstolos de Cristo) e branca (o Divino Espírito Santo)[437].

Luís da Câmara Cascudo menciona que "no Brasil as cores têm significação religiosa, supersticiosa e convencional[438]", assim como em outras partes do mundo. Uma forma muito difundida de uso são as fitas coloridas amarradas nos pulsos dos devotos, a exemplo da fita do Senhor do Bonfim, na Bahia. Este costume já foi adaptado a várias outras festas religiosas.

Paola Pidleski menciona que as primeiras fitas datam do século XIX e eram feitas manualmente para as classes mais abastadas em reconhecimento por suas doações para a Igreja católica. "A fita era feita de seda e possuía uma cruz que lembrava os símbolos das caravelas. Media 47 cm, a chamada medida do Bonfim, tamanho que se refere ao comprimento do braço direito do padroeiro da cidade de Salvador". Com o passar do tempo, as fitas começariam a ser vendidas em festas religiosas, com o objetivo de "popularização da fita como amuleto", sendo que "elas eram atadas ao pescoço e não como atualmente ao punho[439]". Este costume passou a ser usado em muitas igrejas do Brasil, inclusive na Basílica de Nazaré, em Belém.

Fitas coloridas para serem amarradas nos pulsos em homenagem à Nossa Senhora são vendidas especialmente na época do Círio de Nazaré, considerado uma das maiores procissões religiosas do mundo e inscrita na Lista Representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, em dezembro de 2013[440].

É importante mencionar, ainda, o costume adotado pelas confrarias e irmandades religiosas de usar fitas coloridas penduradas no pescoço, como por exemplo, fitas vermelhas aos devotos do Apostolado da Oração e Sagrado Coração de Jesus, fitas amarelas aos da Confraria de São José e fitas cor-de-rosa aos devotos de Nossa Senhora do Rosário, dentre

---

[437] CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. **Nos passos da Folia de Reis**. Sorocaba, 2012. Disponível em: <http://www.crearte.com.br/carlos_textos_t05.htm> acesso em 09/09/2014.

[438] CASCUDO. Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** – 12ª ed. – São Paulo: Global, 2012. p. 226.

[439]PIDLESKI, Paola. **A Transnacionalidade dos processos culturais: Fitas do Sr do Bonfim.** Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC-CELACC) - Artigos (Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos). Disponível em: <http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/blacc/article/view/223> Acesso em 09/09/2014.

[440] Representação da UNESCO no Brasil**. Círio de Nazaré entra para a Lista do Patrimônio Imaterial da Humanidade**. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/about-this-office/single-view/news/cirio_de_nazare_is_inscribed_in_the_intangible_cultural_heritage_list/> Acesso: 09/09/2014.

outros santos. Pierre de Craon, ao escrever sobre as missas de seu tempo de criança, menciona o uso litúrgico das cores:

> Na Missa das oito, nos primeiros bancos da esquerda - do lado do Evangelho – ficavam os meninos da cruzada, de camisas brancas e fitas amarelas, comandados por seu Benedito. Atrás deles ficavam os rapazes da congregação mariana, com suas fitas azuis. Do lado direito se ajoelhavam as meninas, e, atrás delas, as filhas de Maria, dirigidas por Dona Bentinha. Por fim, lá atrás se ajoelhavam as mulheres e os homens do Apostolado da Oração, de fita vermelha, e os homens da Confraria de S. Benedito e da Ordem Terceira com suas opas e escapulários[441].

Não foi possível, através da pesquisa com frequentadores do Cemitério da Soledade, averiguar se havia alguma simbologia específica com relação às fitas e às respectivas cores que os devotos colocavam nos túmulos ou amarravam em grades, cruzes ou esculturas. Foi possível observar, contudo, a variedade cromática das fitas e seus diversos tamanhos e espessuras. Algumas delas eram semelhantes às usadas por fiéis por ocasião do Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

Levando em consideração que as cores podem ser relacionadas com *orixás* na Umbanda e, da mesma forma, com os santos católicos, reforça-se o caráter sincrético das devoções ali manifestadas e se percebe a presença de uma lacuna nesta questão, que merece ser melhor investigada em futuras pesquisas.

3.5.6. Alimentos

O ato de ofertar alimentos aos mortos vem desde a pré-História, como foi citado na introdução deste trabalho. Para Miranda Bruce-Mitford a utilização de tigelas com comidas era uma oferenda comum em várias culturas e simbolizava "o alimento espiritual da alma depois da morte". Cita como exemplo, os recipientes funerários japoneses que datam do século III[442].

O famoso "Livro dos Mortos" dos egípcios apresentava ilustrações da "mesa de oferendas", retratando um costume comum à época, conforme mencionam Sueli Lemos e

---

[441] CRAON, Pierre de. **Dois Sermões, duas Missas, duas Igrejas.** MONTFORT Associação Cultural. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=veritas&subsecao=cronicas&artigo= doissermoes &lang=bra> Acesso em: 08/09/2014

[442] BRUCE-MITFORD, Miranda. **O livro ilustrado dos símbolos: o universo das imagens que representam as ideias e os fenômenos da realidade**. Trad. Fernando Wizard e Maria Rodrigues.- São Paulo: Publifolha, 2001. p. 93

Edna Ande[443]. Cristiane Sato informa que o funeral japonês, sob este aspecto, é uma mistura de tradições xintoístas e budistas:

> O recitar de sutras, oferenda de flores e acender velas e incenso são da tradição budista. Mas o modo pelo qual familiares e amigos do falecido procedem nesses rituais, contudo, refletem tradições xintoístas (o culto aos antepassados, cumprimentar a foto ou o corpo do morto olhando em seu rosto, oferendas em comida, são de origem xintoísta)[444].

Cláudia Rodrigues conta que a cultura greco-romana adotava os enterramentos em ambientes domésticos, sendo as preocupações com exéquias, funerais e sepultamento limitadas aos parentes. Geralmente, cada família adotava um lugar específico onde todos os seus membros deveriam ser enterrados. Portanto, havia um caráter privado nos ritos fúnebres e aconteciam manifestações que iam desde simples oferendas ao lado dos túmulos até verdadeiras refeições funerárias, como banquetes realizados sobre as tumbas[445].

Luís da Câmara Cascudo fala da existência de uma grande variedade e complexidade do "folclore da alimentação", usualmente permeada de "superstições", na visão do autor. Cascudo menciona que a presença de oferendas de alimentos em sepulturas ou em suas proximidades era comum até final do século XVII, apesar de proibições eclesiásticas[446].

O México é um exemplo de país onde se mantém fortes vínculos com as celebrações dos mortos, envolvendo todos os membros das famílias em celebrações festivas e alegres, geralmente contando com a inclusão de alimentos. Para Marisol Rueda, "o México é um país cuja história pode ser explicada por meio da gastronomia". Ela relata que:

> No México pré-hispânico, a comida estava relacionada com a vida religiosa e a adoração dos deuses. A oferenda de alimentos às divindades e aos mortos era uma das características rituais mais importantes dessas culturas. Todo 2 de novembro os mexicanos preparam para seus mortos uma grande oferenda feita à base de comidas, bebidas e flores[447].

---

[443] ANDE, Edna; LEMOS, Sueli. **Egito**. –São Paulo: Callis Ed. 20011. p. 16

[444] SATO, Cristiane. **Falecimento.** Disponível em: < http://www.culturajaponesa.com.br/?page_id=250> Acesso em: 08/09/2014.

[445] RODRIGUES, Cláudia. **Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. p. 40 - 41

[446] CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** – 12ª ed. – São Paulo: Global, 2012. p. 28.

[447] RUEDA, Marisol. **Revolução mexicana provocou renovação também na culinária**. Opera Mundi. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/reportagens/6099/revolucao+mexicana+provocou+renovacao+tambem+na+culinaria++.shtml> Acesso em: 08/09/2014.

Os equatorianos também mantêm a tradição de levar alimentos aos cemitérios, especialmente no dia de finados, afirma Ana Maria Passos. Segundo a autora, esta é uma tradição indígena que permaneceu mesmo após a chegada do colonizador europeu. É costume, as pessoas levarem variados alimentos, pães, batata com carne, bananas, balas, grãos e uma bebida chamada de colada morada, "feita com muitas frutas, ervas, rapadura e farinha de milho roxo", cuja função principal era "revigorar o espírito e a memória dos antepassados[448]".

No Brasil, a oferta de alimentos em sepulturas não é um procedimento comum entre os cristãos, mas sim entre as religiões afro-brasileiras. Stefan Hubert aponta que a comida tem um papel fundamental na cosmologia destas religiões. Os cultos fazem

> oferendas de alimentos, propiciatórias de pagamento por favores recebidos, ou como resgate de faltas em relação aos preceitos religiosos. Essas oferendas rituais, também chamadas obrigações, procedimento rotineiro por parte dos envolvidos nas práticas religiosas, são dadas aos deuses, por exigência dos mesmos a fim de propiciar auxílio em questões espirituais e materiais[449].

Stefan Hubert afirma que o alimento age como uma moeda de troca simbólica e relacionamento com o sobrenatural. A oferenda de alimentos aos *orixás* pode se dar sob a forma sacrificial (a imolação de animais), ou a partir da oferta de alimentos (como doces, frutas e outras comidas), "pois a oferenda culinária também pode ser considerada uma espécie de sacrifício". Para o pesquisador, o alimento é "uma troca, em que o axé, a força vital, poder que se acumula nas pessoas e objetos, circula. É transmitido alimentando e nutrindo deuses e homens. Essa comensalidade com os deuses é uma forma de trazê-los para a mesa e ter a honra de partilhar um alimento com eles[450]". O autor ressalta que:

> Preparar o alimento, nesse sentido, pode ser considerado um ritual de comensalidade: social, que envolve comunicação, e implica uma troca, partilha, união, age como catalisador, estimulando, dinamizando e incentivando as relações entre os indivíduos. Enfim, podemos considerar que a refeição, no contexto da religiosidade afrobrasileira, é um importante momento sociorreligioso, que agrupa as pessoas em torno do sagrado e, por extensão, no seu cotidiano[451].

---

[448] PASSOS, Ana Maria. **Equatorianos mantêm costume de levar alimentos a cemitérios para comemorar dia de Finados.** Quito, nov/2012. Disponível em: <http://m.operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/25225/equatorianos+ mantem+ costume+ de+ levar+alimentos+a+cemiterios+para+comemorar+dia+de+finados.shtml> Acesso em: 08/09/2014.

[449] HUBERT, Stefan. Manjar dos deuses: as oferendas nas religiões afro-brasileiras. **Primeiros Estudos**, São Paulo, n. 1, p. 81-104, 2011.

[450] *Idem*

[451] *Ibidem.*

Outra vez, retorna-se ao que foi dito por José Enrique Finol e Karelys Fernández, acerca do intercâmbio comunicativo como prática social entre vivos e mortos, de forma visível e invisível, material e imaterial[452]. É como se, ao ofertar um determinado alimento, o devoto simbolicamente criasse uma intimidade com os que já se foram, e evocasse a sua memória. Ao oferecer balas e pirulitos, o devoto demonstra querer agradar a alma de uma criança e realizar com ela essa troca simbólica de algo tangível por uma graça intangível.

Dentro do Cemitério da Soledade, os alimentos mais comumente encontrados como oferendas são os doces (balas, bombons e pirulitos), bolos, refrigerantes e pipocas. Algumas pessoas declararam oferecer bombons nos túmulos por eles pertencerem a crianças. Dentre os devotos, o umbandista Luiz Carlos Portírio[453] declarou trazer bolos e doces para o Menino Zezinho por "omolu e obaluaê[454]". Apenas um deles, o gótico que se autodenominou de Bruxinho, mencionou fazer oferendas com sangue e magia negra.

3.5.7: Roupas

A oferta de roupas foi encontrada em apenas uma das sepulturas do Soledade: a do menino Zezinho. A oferenda de peças de vestuário ao menino parece estar ligada a um simbolismo de troca. Talvez pelo fato da escultura mostrar uma criança nua, os devotos passaram a tratá-lo como uma criança que precisava se abrigar das chuvas e tempestades.

Nenhum dos entrevistados declarou trazer roupas para "vestir" a escultura infantil. Entretanto, observa-se que, a cada semana, novas peças de vestuários são ofertadas, com as mais variadas temáticas. As camisas podem ser alusivas a times de futebol, de fardamento escolar ou de propaganda política, assim como os bonés, que usualmente contém propaganda ou a marca de alguns de estabelecimentos comerciais. O zelador é encarregado de retirar periodicamente as camisetas, de forma a evitar a corrosão do mármore em contato com o tecido encharcado pelas águas pluviais. Mesmo assim, novas roupas são colocadas.

Nancy Rabelo recorda a figura dos "santos de vestir", presenças cativas nas antigas procissões realizadas desde o tempo do Brasil Colônia. Com antecipação e devoção, eram

---

[452] FINOL, José Enrique; FERNÁNDEZ, Karelys. Etno-Semiótica del Rito: Discurso funerario y prácticas funerarias en cementerios urbanos. 1997. **Signa. Revista de la Asociación Española de Semiótica.** Núm. 6, 1997.

[453] Ver a entrevista de Luiz Carlos Portírio, 2013. Anexo 39.

[454] Para as religiões afro-brasileiras, "obaluayê" (velho) ou "omulu" (moço) é o *orixá* masculino que simboliza o senhor da vida e da morte, o médico dos pobres. Omulu usa pipoca para curar chagas. Ler: FREITAS, MCS., FONTES, GAV., and OLIVEIRA, N., orgs. **Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura** [online]. Salvador: EDUFBA, 2008. 422 p. ISBN 978-85-232-0543-0. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/9q/pdf/freitas-9788523209148-19.pdf> Acesso em: 09/09/2014.

feitas vestes de "belos bordados e acabamentos refinados" para vestir santos que haviam sido esculpidos especialmente para receber esta indumentária. Todo um ritual era obedecido, onde apenas mulheres podiam vestir as santas, enquanto os homens vestiam os santos[455].

Segundo Selma Soares de Oliveira, estas imagens também são conhecidas como "Imagem de roca, ou santo de roca, imagem de vestir, imagem de bastidor ou imagem de procissão". Ela afirma que este era um hábito muito comum nos século XVI e XVII, em Portugal, citando como exemplo a Confraria de Nossa Senhora de Nazaré, que costumava fazer vestes para sua imagem[456].

Nota-se uma associação, aqui, com o ato de vestir imagens consideradas sagradas. O grande símbolo da fé da maioria do povo paraense é uma pequena imagem que todos os anos, no mês de outubro, percorre junto com uma multidão as ruas da cidade de Belém, por ocasião do Círio de Nazaré. Um dos pontos icônicos da devoção é justamente o manto que veste a imagem de Nossa Senhora de Nazaré a cada ano, e que muitos fiéis acreditam ser abençoado.

Para Ivone Corrêa, a vestimenta é um dos símbolos da religiosidade do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, tanto para a "cidade que se veste para viver seu grande dia de festa", enfeitando fachadas, portas e janelas, como para os devotos, que compram roupas novas e camisetas com imagem da santa para o dia do Círio. Até a pequena imagem esculpida em madeira policromada, todos os anos, recebe um novo manto, geralmente doado por um devoto, que a cobrirá até o Círio do ano seguinte[457].

Mízar Klautau Bonna relata que em 1953, a imagem recebeu um manto confeccionado pela modista Vivi Martins, e pela década de 1960 se tem registro de mantos feitos pelas freiras do Colégio Gentil Bittencourt, as Irmãs Filhas de Sant'Ana[458]. Segundo Ivone Maria Corrêa, na época, o manto era bordado com materiais doados por promesseiros e devotos. Depois, passou a ser feito por uma ex-aluna, Ester Paes França, orientada pelas freiras do Colégio Gentil. Atualmente já é objeto de trabalho de estilistas paraenses, apresentado

---

[455] RABELO, Nancy. A arte de vestir santos. **Revista História**. mai/2010. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/perspectiva/a-arte-de-vestir-santos> Acesso em: 09/09/2014.

[456] OLIVEIRA, Selma Soares de. As seculares imagens de roca. **Sitientibus**, n.º 40, jan/jun 2009, pp. 203-215. Disponível em <http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/40/12_as_seculares_imagens_da_roca.pdf.> Acesso em: 09/09/2014.

[457] CORRÊA, Ivone Maria Xavier de Amorim. **Círio de Nazaré: A Festa da Fé e suas (re) significações culturais – 1970-2008**. Tese de Doutorado (História). PUC-SP, 2010.

[458] BONNA, Mízar Klautau. O Manto. **O Livro do Círio**/ Elisabeth Mendonça de Vasconcellos e Mauro Cezar Klautau Bonna (organizadores). - Belém: Floresta, Guia, 2009. p. 108-113.

solenemente após uma missa festiva, com direito a entrada triunfal na Basílica de Nazaré, acompanhado de efeitos de sons e luzes[459].

Além do sentido de oferecer agasalho, abrigo e proteção para uma imagem de criança desnuda, é possível que o costume de "vestir o sagrado" tenha influenciado os fiéis a colocar roupas na imagem do menino Zezinho, no Soledade. O ato de vestir a quem está nu, recorda, ainda, as palavras de Cristo, segundo o texto da Bíblia:

> Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos; porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; sendo estrangeiro, não me recolhestes; estando nu, não me vestistes; e enfermo, e na prisão, não me visitastes. Então eles também lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, ou com sede, ou estrangeiro, ou nu, ou enfermo, ou na prisão, e não te servimos? Então lhes responderá, dizendo: Em verdade vos digo que, quando a um destes pequeninos o não fizestes, não o fizestes a mim. E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna[460].

A busca de sentidos e significados atribuídos às devoções no espaço do cemitério Soledade, o objetivo de identificar seus elementos constitutivos por meio de um olhar lançado sobre as relações que se estabelecem entre as pessoas e o lugar, suas crenças e motivações, bem como as diversas práticas votivas, são passos significativos para um melhor entendimento deste patrimônio tombado pelo IPHAN, especialmente com vistas à implementação de um bom projeto de restauro e conservação.

Observa-se a apropriação por diversos atores, dentre aqueles que buscaram sua preservação como "lugar de memória", e outros que estabeleceram ali novas relações de pertencimento, e outras "memórias", não necessariamente vinculadas àquela valorizada no processo de tombamento. Aos poucos, foram adicionados pequenos pontos a essa trama, no sentido de compor uma visão mais abrangente de um universo multifacetado, que se apresenta por meio de diversas apropriações de um mesmo espaço.

Foi possível contemplar, dentro do Cemitério da Soledade, diferentes processos que vão se definindo a partir de múltiplas sensibilidades, e que nos fizeram retornar ao ponto

---

[459] CORRÊA, Ivone Maria Xavier de Amorim. **Círio de Nazaré: A Festa da Fé e suas (re) significações culturais – 1970-2008**. Doutorado em História. PUC-SP, 2010.

[460] Bíblia on line. Evangelho de Mateus 25, 41 – 46. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/#/acf/mt/25> Acesso em: 09/09/2014.

central deste trabalho, que buscou, em vez de um confronto de diferentes visões, um encontro entre o palpável e o abstrato. Para isso, buscou-se adentrar pequenos mundos, memórias, intimidades e privacidades, sem perder de vista a relação do homem com um espaço de convivência, permeado pelas questões da morte e do além-túmulo. A partir daí, foi possível uma percepção mais sensível das referências culturais que ali vão se constituindo, a importante função social do Soledade, hoje, e a próprio sentido do cemitério como referência para aqueles que o frequentam.

4. CONCLUSÃO

> Eu refleti várias vezes sobre a nossa busca rígida. Ela me mostrou que tudo fica iluminado à luz do passado. Está sempre ao nosso lado, olhando de dentro para fora, como você disse: do avesso[461].

O trecho acima se refere à fala final de Alexander Perchov, proferida por ocasião de sua despedida do protagonista Jonathan Safran, personagens do filme *Uma vida iluminada*, do diretor Liev Schreiber[462]. O filme mostra a trajetória de pessoas e objetos, em um processo de reconstrução de memórias após a II Grande Guerra. Durante todo o filme, o jovem Jonathan coleta objetos que o recordem de momentos passados, à luz do presente. Para Magda dos Santos Ribeiro, estes objetos são como "feixes de histórias, condensando as diversas possibilidades de uma trajetória, simultaneamente, possível e passada". Para ela,

> O convite que o filme "Vida Iluminada" faz ao espectador é o de refletir sobre como os vários significados das coisas e das experiências humanas sucessivamente avançam e recuam no decurso da vida social e da prática cotidiana. O filme revela uma vida onde as pessoas e as coisas são igualmente significativas (...) O significado das coisas está contido, não necessariamente em suas formas, mas nos modos como nos relacionamentos com elas e, sobretudo, nas diversas posições sociais que ocupam em nossas trajetórias e vidas[463].

Tendo como base as considerações da autora, é possível afirmar que o relacionamento de Jonathan com pedras, batatas, folhas, fotos e tantos outros objetos, é apenas uma representação das tantas outras que existem resultantes da relação do homem com objetos, atribuindo a eles um sentido específico. É um processo de atribuição de significação de objetos, que passam a constituir uma representação social, a partir do momento em que acumulam elementos simbólicos e históricos em um determinado tempo e lugar. Assim acontece com os cemitérios, onde ao longo dos séculos e desde a pré-história, o homem lida com estas questões. A memória de um falecido se configura como um fenômeno de complexidade conceitual, teórica e metodológica, a partir de formas de representação construídas coletivamente, expressas a partir de túmulos, objetos funerários e até devocionais, como pode ser observado nas diferentes visões sobre os enterramentos.

---

[461] **Uma vida iluminada.** Direção: Lieve Schreiber, baseado no livro "Everything is illuminated" (2002), de Jonathan Safran Foer. Fotografia Matthew Libatique. [S.I.]: EUA, 2005 (100 minutos), NTSC, color. Título original: "Everything is illuminated".

[462] *Idem.*

[463] RIBEIRO, Magda dos Santos. **Uma vida iluminada: trajetórias sociais de pessoas e objetos na reconstrução de memórias pós holocausto.** IN: Proa – Revista de Antropologia e Arte [on-line]. Ano 02, vol.01, n. 02, nov. 2010. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/proa/ResenhasII/magda.html> Acesso em: 29/09/2014.

Os lugares físicos, escolhidos para o enterramento de mortos, sofreram alterações em sua forma e estética. Contudo, seus aspectos transcendental, religioso, mítico e simbólico permanecem característicos até os dias de hoje. De certa forma, os cemitérios buscam a preservação dos vestígios e da memória de seus mortos, gerando assim um espaço físico repleto de sentido humano a partir dos relacionamentos que ali se desenvolvem, em um ambiente de sociabilidades entre visitantes e visitados.

Este trabalho, que tem como objeto de estudo as formas de apropriação do Cemitério da Soledade, partiu do pressuposto de que era necessário e importante para a preservação e conservação de um bem tombado, como é o caso, um maior e mais aprofundado conhecimento sobre as percepções acerca deste espaço. A identificação da dinâmica social em que o cemitério está inserido, com suas práticas culturais, sentidos e vivências, auxiliou no entendimento simbólico do espaço cemiterial, não apenas como um lugar de enterramentos, ou um museu a céu aberto.

Inicialmente, tomou-se como parâmetro de distinção, diferentes formas de apropriação do lugar, como se fossem duas faces da morte. Foram estudados de maneira separada os aspectos artísticos, arquitetônicos e históricos atribuídos ao cemitério, no primeiro capítulo, enquanto que as manifestações culturais presentes ali, através da devoção popular aos túmulos remanescentes, ocuparam outro capítulo.

Entretanto, o que se percebeu é que, na maioria das vezes, a cultura material funerária era portadora de significados e sentidos, de parâmetros sociais, do passado e do presente. Ao mesmo tempo, a apropriação de determinados lugares e túmulos por elementos de devoção, adicionam outro caráter ao bem, que deixa de ser particular, no caso de uma sepultura, para se transformar em um bem da coletividade, venerado e cultuado por muitas pessoas.

A separação entre perspectivas de tratamento do bem tombado, enquanto espaço de reconhecido valor artístico, arquitetônico e histórico, de natureza material e simbólica, e como referência cultural, lugar onde se desenvolveram práticas culturais associadas a narrativas e elementos simbólicos, de natureza imaterial, foi útil para uma delimitação inicial do objeto de estudo. Desta forma, a revisão histórica e documental sobre a transferência dos enterramentos das igrejas para um o primeiro cemitério público de Belém e o seu processo de tombamento como patrimônio nacional, acrescentou dados importantes à pesquisa.

Foram levantados dados sobre as epidemias que vitimaram centenas de belenenses; informações sobre a presença negra na sociedade escravagista local; visões do poderio econômico advindo da economia da borracha, refletido nos túmulos dos "barões da borracha"; enfim, informações complementares que enriquecem os estudos sobre esta necrópole.

Ainda neste sentido, foi importante verificar a vocação do lugar como uma referência paisagística da cidade, feita através de imagens e estudos de áreas verdes. O Cemitério da Soledade se consolidou como parte integrante da visualidade e ambiência da cidade, sendo um ponto de referência espacial e cultural para a população. Este fato corroborou o tipo de tombamento aplicado ao lugar: Patrimônio Conjunto Paisagístico do Cemitério Nossa Senhora da Soledade.

Uma informação pequena, descoberta no Processo de Tombamento do Cemitério da Soledade, mas de grande valor para esta pesquisa, foi a citação do túmulo de Raimundinha Picanço como sendo visitado pelos devotos, desde a década de 1960. A relevância desta pequena citação, em meio a descrições dos túmulos mais expressivos em termos de valores históricos, estéticos e artísticos dentro do Cemitério, decorre do fato de ser este um dos primeiros registros encontrados do caráter devocional que os frequentadores atribuíam ao lugar.

A pesquisa em publicações da época, como por exemplo, nos *Relatórios* do intendente Antônio Lemos, forneceu dados sobre o uso do cemitério após sua interdição para sepultamentos. Foi possível perceber que mesmo após 14 de agosto de 1880, data oficial do fim de suas atividades de receber e enterrar mortos, uma parte da população continuava frequentando o local, seja para honrar seus entes queridos, seja para participar de celebrações litúrgicas que continuavam a acontecer ali. As exéquias do maestro Carlos Gomes, falecido em 1896, são um exemplo de que o Soledade continuava sendo um lugar de acontecimentos sociais e culturais.

Certamente, um dos fatores que enriqueceram a perspectiva deste trabalho foi a realização das entrevistas com frequentadores e visitantes do Cemitério da Soledade, realizada no ano de 2013 com cerca de 66 pessoas. A análise e a compilação destes dados serviram de suporte para uma compreensão das manifestações culturais e devocionais presenciadas na necrópole, com os dados quantificados e expressos em gráficos, importantes no sentido de compor um panorama de análise, uma vez que a bibliografia e os estudos relativos a esta temática ainda são escassos.

O grande desconhecimento, por parte dos frequentadores, dos aspectos pelos quais o Soledade foi tombado pelo IPHAN, ou seja, seus valores históricos, artísticos e paisagísticos, foi um dos motivadores deste trabalho. A maioria das pessoas entrevistadas declarou não saber nada sobre o cemitério ou sobre seu tombamento. Elas declararam frequentar o lugar motivadas apenas pelas devoções às santas almas e aos túmulos de santos populares.

Dentre os resultados mais interessantes, a pesquisa mostrou um grande número de pessoas que herdaram as devoções de mães ou avós, ou seja, esta prática assume relevância a partir do momento em que se percebe a tentativa de perpetuação e transferência de um legado de pai para filho, de uma geração a outra, denotando a longevidade destas manifestações. Este fato nos remeteu às considerações de José Guilherme Cantor Magnani, sobre patrimônio:

> O termo patrimônio significa, etimologicamente, herança paterna, o que evoca a ideia de transmissão e, no caso de uma coletividade, transmissão não de pai para filho, mas de uma geração a outra. Convém recordar: o que se transmite são os suportes físicos, manifestações concretas e condições efetivas de existência da cultura[464].

Este aspecto é muito importante para o reconhecimento do valor das manifestações culturais que acontecem no Cemitério da Soledade. Outro dado relevante mostrado pela pesquisa foi o perfil dos frequentadores, indicando a participação tanto de homens quanto de mulheres, sendo 80% dos entrevistados acima de 40 anos e 57% deles com superior incompleto, completo ou pós-graduação. Um universo até então pouco conhecido, começou a se configurar a partir da análise destes dados. Foi como se um grupo, aparentemente homogêneo, passasse a apresentar, além de similaridades, também características específicas, retratados em várias faces e vozes. A morte não apresentaria apenas duas faces, como proposto no início da pesquisa, mas sim, uma profusão delas.

Neste ponto, foram importantes para este trabalho os estudos de profissionais que já haviam realizado pesquisas dentro do cemitério e, de alguma maneira, já haviam referenciado a devoção às almas e aos túmulos do Soledade. Os principais autores foram: Walcyr Monteiro[465], Marlon Lima da Silva[466], Éden Moraes da Costa[467], Rosa Maria Lourenço Arraes[468], Érika Amorim Silva[469] e Raymundo Heraldo Maués[470].

---

[464] MAGNANI, José Guilherme Cantor. Pensar grande o patrimônio cultural**. Lua Nova**, São Paulo, v. 3, n. 2, Dez/1986.
[465] MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**, 6ª ed. Belém: Cromos Editora. 2012

Com o desenvolvimento da pesquisa, houve a necessidade de se adentrar em territórios multidisciplinares, buscando apoio em autores da teologia, filosofia, antropologia, sociologia, dentre outras áreas. Além deles, foram úteis os documentos disponibilizados no *site* do Vaticano[471], como o *Catecismo da Igreja Católica* e *o Diretório Sobre a Piedade Popular e a Liturgia: Princípios e Orientações* (este último disponível apenas em língua espanhola). As discussões e análises resultaram no capítulo denominado de "Grande Encontro", inicialmente imaginado como um confronto entre o bem de natureza material e o imaterial, mas que resultou, em verdade, na constituição de uma imagem multifacetada do Soledade.

As discussões sobre a problematização dos termos usados, principalmente o uso da expressão popular associado à cultura, santos e devoções. A contextualização sobre cultura e seus múltiplos entendimentos, além do reconhecimento de que ela não possui uma delimitação estanque, definiu o uso do termo popular, com base no pensamento de Roger Chartier, que associa esta expressão a diversos tipos de relações e maneiras de uso de objetos ou normas sociais[472].

Um importante passo para este trabalho foi o acesso aos estudos de José Enrique Finol e Karelys Fernández[473]. Por meio da uma visão semiótica dos cemitérios e dos ritos funerários na Venezuela feitos por estes autores, foram encontradas e melhor entendidas similaridades e características importantes do Soledade. A primeira delas foi o entendimento das dinâmicas de visitação dos mortos como uma prática social e dialógica, onde o visitante e o visitado podem ser vistos como atores neste processo, sendo ambos afetados por ele. O frequentador dialoga com o morto através de visitas aos túmulos e oferendas, ao mesmo tempo em que esta prática lhes dá uma sensação de bem-estar, paz e retribuição, quando a graça é alcançada.

---

[466] SILVA, Marlon Lima da. **Gestão e uso do patrimônio cultural: o culto aos santos populares no cemitério Nossa Senhora da Soledade, Belém-PA.** Belém: UNESP-UFPA, 2013.
[467] COSTA, Eden Moraes da. **Médico de ontem e de hoje: Ciência, fé e santidade no culto a Camilo Salgado (1874-1938) em Belém do Pará.** (Dissertação de mestrado). Belém: UFPA, 2003.
[468] ARRAES, Rosa Maria Lourenço. **Arte Mortuária: Estética e Símbolos**. 1994. TCC apresentado ao Curso de Educação Artística da Universidade Federal do Pará (UFPa), para obtenção do grau de licenciamento em Artes.
[469] SILVA, Érika Amorim. **O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850 – 1891)**. São Paulo: 2005. Dissertação (Mestrado) – PUC, SP.
[470] MAUÉS, Raymundo Heraldo. Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular**. Revista Norte Ciência**, Vol. 2, n. 1, 2011. p. 1-26.
[471] Disponível em: <http://www.vatican.va>
[472] CHARTIER. Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1993
[473] FINOL, José Enrique; FERNÁNDEZ, Karelys. Etno-Semiótica del Rito: Discurso funerario y prácticas funerarias en cementerios urbanos. **Signa. Revista de la Asociación Española de Semiótica**. Núm. 6, 1997.

A sensação de bem-estar e de intimidade com os mortos foi relatada por vários entrevistados que responderam ao questionário no Soledade, confirmando esta forma de intercâmbio comunicativo entre vivos e mortos. São estas pessoas que vão ao cemitério e que através de visitas frequentes, orações e oferendas mantém viva a relação com os mortos. Daí a percepção do Soledade não apenas como um espaço físico, mas como "lugar", na perspectiva daquilo que Yi-Fu Tuan descreve como "topofilia": uma paisagem associada ao conceito de pertencimento, relacionamento e afetividade, com questões antropológicas relevantes, que resultam a um amor ao lugar e ao convívio[474].

A partir deste entendimento, percebe-se que o cemitério não deve ser valorizado apenas como um objeto do século XIX, com riquezas artísticas materiais. Ele precisa ser visto para além do seu espaço físico limitado, pois engloba milhares de relações, fatos, histórias de vida e de fé, que atravessaram os anos silenciosamente. As pessoas que o frequentavam no passado, as que hoje visitam seus túmulos devocionais e aquelas que, futuramente virão até ele, trazidas por parentes, desespero, necessidades materiais, doenças, crenças, ou curiosidade, é que o transformam em um "lugar" ao qual são atribuídos novos sentidos.

Ao se analisar os resultados da pesquisa com frequentadores do cemitério da Soledade, foi possível perceber a importância de um conhecimento mais aprofundado desta rede de relações e práticas culturais que ali vêm acontecendo. A observação de aspectos rotineiros que acontecem no cemitério é fundamental para se entender e melhor definir a significação do bem para a comunidade, os comportamentos dos diferentes atores, os laços afetivos entre os seres humanos e o meio ambiente material, bem como o próprio valor cultural que advém desta rede de inter-relações.

As pesquisas na documentação da Igreja católica serviram de ponto de partida para uma primeira percepção das devoções e práticas votivas, ainda que atrelada a uma visão institucional, doutrinal e disciplinar. Uma vez que a maior parte dos cemitérios do século XIX era administrada pelas Santas Casas de Misericórdia, foi importante analisar o estatuto desta Instituição e seu caráter caritativo. Dentre as obras de misericórdia corporais e espirituais admitidas pela Igreja católica, que eram base do Estatuto da Misericórdia, foram observadas duas com relação a cemitérios: o auxílio no enterro de desvalidos e a oração pelos falecidos, que são obras de misericórdia corporal e espiritual, respectivamente.

---

[474] TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência.** Disponível em: <http://www.4shared.com/postDownload/dpf27wAQ/ESPAO_E_LUGAR_-_A_perspectiva_.html> Acesso em: 01/10/2014.

A partir da obra de misericórdia espiritual de oração pelos defuntos, encontra-se um ponto de conexão com a devoção às almas. Afinal, as novenas e orações feitas nos cemitérios são dirigidas prioritariamente às "almas do Purgatório". Por isso, foi importante a conceituação de Jacques Le Goff, que definiu esse "lugar" como um "além-intermédio onde certos mortos passam por uma provação que pode ser abreviada pelos sufrágios a ajuda espiritual dos vivos[475]". Os estudos de Le Goff e de Michell Vovelle[476] sobre o tema enriqueceram a pesquisa, mostrando que a devoção às almas, que se pratica até os dias de hoje, teve início na Idade Média, assim como o destaque conferido ao papel das irmandades e confrarias nas questões funerárias.

Ao se buscar compreender estas questões à luz da contemporaneidade, percebe-se que tanto a concepção sobre o Purgatório como as tradições funerárias foram sendo alteradas. Philippe Ariès menciona que o sentido da morte a partir do novecentos se apresentaria diferente de épocas anteriores, caracterizado pelo silêncio e proibição, a "privação da morte", com os moribundos solitários em hospitais, a recusa do luto que evitava a comoção e o choro, a restrição de crianças no ambiente funerário e a simplificação de ritos[477].

Para Michell Vovelle, no século XX o Purgatório perdeu o antigo caráter dramático e se aproximou da piedade popular[478]. Este fato pode ser um dos fatores que contribuiu para o surgimento de devoções a santos não canonizados pela Igreja Católica dentro do ambiente dos cemitérios. É o que Luís da Câmara Cascudo descreve como "santos regionais, irregulares iconicamente, mas consagrados pela confiança popular[479]", ou seja, santos eleitos pelo povo.

Na pesquisa sobre santos oficiais (canonizados) e não oficiais (não canonizados), chegou-se a conclusão de que este processo de santificação e devoção popular encontra raízes na própria religiosidade multifacetada do período colonial brasileiro. Nesta época, conforme Fabíola Araújo, "mitos, símbolos e ritos entrecruzaram-se, e, por isso, possibilitaram releituras e atribuições de novos significados a velhas práticas religiosas[480]". Ronaldo Vainfas

---

[475] LE GOFF, Jacques. **O Nascimento do Purgatório**. São Paulo: Estampa 1995. p. 19

[476] VOVELLE, Michell. **As almas do purgatório ou o trabalho de luto.** Tradução de Aline Meyer e Roberto Cattani, São Paulo: UNESP, 2010.

[477] ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro, Ediouro, 2003

[478] VOVELLE, Michell. **As almas do purgatório ou o trabalho de luto.** Tradução de Aline Meyer e Roberto Cattani, São Paulo: UNESP, 2010.

[479] CASCUDO, Luís da Câmara. Religião no povo. *In:* **Superstição no Brasil**, 4ª ed., pp. 337-496. São Paulo: Global, 2001. p. 422.

[480] ARAÚJO, Fabíola Pereira de; CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt S. São Benedito no contexto da Romanização da Igreja Católica: uma devoção preterida. **Revista Histedbr On-line**. Campinas: [s.d], p. 1-13. Disponível em: <www.histedbr.fae.unicamp.br>. Acesso em: 25/08/2014.

reforça o sincretismo como elemento constitutivo da prática religiosa de "senhores e escravos, portugueses e naturais da Colônia, brancos, negros, índios, mulatos, pardos, cafuzos, enfim, por toda a sociedade luso-brasileira[481]".

Neste sentido, se reafirma o ecletismo cultural e sincrético presente nas devoções a almas e santos não canonizados que vem acontecendo no cemitério da Soledade. A pesquisa de campo mostrou a diversidade de credos e, em muitos casos, de interpenetração entre eles. Daí a importância de confrontar os dados obtidos com o trabalho de outros autores, como foi o caso de Walcyr Monteiro[482], Arthur Napoleão Figueiredo[483], Aldrin Figueiredo[484] e Anaíza Vergolino e Silva[485].

A análise das práticas votivas no Soledade permitiu conhecer aspectos até então não estudados nesse contexto, ao se buscar a simbologia presente nos objetos ofertados. Observou-se que os objetos - velas, orações escritas, placas de agradecimento, água, flores, fitas, alimentos diversos – encontram-se carregados de um simbolismo que registra o relacionamento entre as pessoas e o transcendental. Algumas das oferendas têm um caráter associado às cerimônias católicas, como as velas, flores e orações, enquanto outras denotam mais o sincretismo presente no lugar, como é o caso da oferta de alimentos nas sepulturas, que tem um papel importante entre as religiões afro-brasileiras, conforme Stefan Hubert[486].

As questões relativas às oferendas de alimentos e roupas remeteram, ainda, ao pensamento de José Enrique Finol e Karelys Fernández, em seus estudos sobre o intercâmbio comunicativo como prática social entre vivos e mortos, de forma visível e invisível, recriando situações do cotidiano dos vivos (comer, vestir, conversar) que resultam em uma espécie de intimidade com aqueles que já se foram[487].

---

[481] VAINFAS, Ronaldo. Sincretismo nosso de cada dia. **Revista Brasileira de História.** p. 35. Edição nº 100, São Paulo, Jen/2014.
[482] MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**, 6ª ed. Belém: Cromos Editora. 2012.
[483]FIGUEIREDO, Arthur Napoleão. **Presença africana na Amazônia**. Revista Estudos Amazônicos. Vol. III, n° 1, 2008, p. 134 – 135.
[484] FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Quem eram os pajés científicos? Trocas simbólicas e confrontos culturais na Amazônia, 1880-1930. FONTES, Edilza (org.) **Coleção Contando a História do Pará: diálogos entre Antropologia e História.** Belém: e.Motion, 2003.
[485] SILVA, Anaíza Vergolino e. **O tambor das Flores: uma análise da Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros do Pará (1965-1975)**. 1976. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1976
[486] HUBERT, Stefan. Manjar dos deuses: as oferendas nas religiões afro-brasileiras. **Primeiros Estudos**, São Paulo, n. 1, p. 81-104, set/2011.
[487] FINOL, José Enrique; FERNÁNDEZ, Karelys. Etno-Semiótica del Rito: Discurso funerario y prácticas funerarias en cementerios urbanos**. Signa. Revista de la Asociación Española de Semiótica** Núm. 6, 1997.

Outro ponto importante foi a percepção de uma ligação de algumas práticas com a grande festa católica do povo paraense, o Círio de Nazaré, cuja importância o levou a ser inscrito na Lista Representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, da UNESCO[488]. As fitas coloridas usadas nos pulsos dos fiéis durante a festa podem remeter às fitas amarradas em algumas esculturas e cruzes do cemitério. Assim como o ato de vestir a imagem de Nossa Senhora de Nazaré com diferentes mantos que são considerados sagrados, pode ser associado ao gesto de vestir a escultura do menino Zezinho, como prova de devoção.

Finalmente, as visitas a outras necrópoles brasileiras e uma em Portugal permitiram comparações importantes para este trabalho. A primeira delas foi a constatação de que os cemitérios do século XIX, quase que em sua totalidade, passaram pelos mesmos problemas por ocasião de sua fundação. Inicialmente, houve dificuldades nas transferências de sepultamentos de dentro das igrejas para um cemitério público, onde ricos e pobres teriam que dividir o mesmo solo.

A substituição da tradição secular de enterramentos nas dependências das igrejas seria aos poucos aceita em virtude das epidemias que ceifavam muitas vidas e deixavam a população aterrorizada com os perigos da contaminação. As discussões higienistas, iniciadas no século XIX na França, ganharam corpo a partir das ideias positivistas relativas a questões higienistas, plantadas por correntes de pensamento associadas ao *Iluminismo*, que iriam alterar costumes e tradições das sociedades da época.

O Soledade foi inaugurado em meio a uma epidemia de febre amarela (1850), conforme Arthur Vianna[489]. A mesma epidemia está ligada a inauguração do Cemitério Campo Santo, em Salvador/BA, só que a peste chegou por lá um ano antes (1849), segundo Paulo Segundo da Costa[490]. Neste mesmo ano a febre amarela chegaria a Recife/PE, acelerando a inauguração do Cemitério Santo Amaro, que aconteceu em 1851[491].

Além destas similaridades, os cemitérios dividem a mesma configuração de cemitérios monumentais. Conforme tratado no Capítulo I deste trabalho, estes lugares se configuram

---

[488] Representação da UNESCO no Brasil**. Círio de Nazaré entra para a Lista do Patrimônio Imaterial da Humanidade**. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/about-this-office/single-view/news/cirio_de_nazare_is_inscribed_in_the_intangible_cultural_heritage_list/> Acesso: 09/09/2014.

[489] VIANNA, Arthur. **As Epidemias no Pará**. Belém: EDUFPA, 1975

[490] COSTA. Paulo Segundo da. **Campo Santo: Resumo Histórico – Cemitério do campo Santo – 1840-2002.Santa Casa de Misericórdia**. 1ª ed. – Salvador: Contexto & Arte. 2003.

[491] BORGES, Maria Elizia. **Cemitério Santo Amaro**. Arte Funerária no Brasil. Cemitérios Brasileiros. Disponível em: <http://www.artefunerariabrasil.com.br/cemiteriosBrasileiros.php?pg=historia&estado= Pernambuco%20-%20PE&cidade=Recife&cemiterio=Cemit%E9rio%20Santo%20Amaro> Acesso em : 24/09/2014

como grandes necrópoles do período artístico do *Romantismo*, adornadas por ricos jazigos e esculturas de artistas renomados carregadas de expressividade, ou ainda por mausoléus que remetiam a capelas, de maneira a amenizar a frustração de não poder mais ser enterrado em igrejas. A localização das sepulturas, suas dimensões, esculturas, elementos decorativos e materiais empregados, denotavam o poder econômico e posição social do morto.

Observou-se, nos cemitérios brasileiros a influência das tradições trazidas de Portugal especialmente no que diz respeito a questões religiosas, funerárias e culturais. Um exemplo desta influência foi presenciado na observação de túmulos encontrados no cemitério da Soledade (Belém) e no Campo Santo (Salvador), muito semelhantes a exemplares encontrados no cemitério dos Prazeres (Lisboa).

Estas visitas também foram importantes para se observar o estado de conservação dessas necrópoles, as iniciativas em torno da perspectiva da educação patrimonial, bem como a observação de manifestações devocionais nessas necrópoles. Dentre todos os cemitérios, o único em estado de degradação é o cemitério da Soledade. A justificativa para este fato vem do fato de que ele não recebe enterramentos desde 1880, enquanto todos os demais ainda exercem esta atividade regularmente.

A preservação e conservação de um bem cultural estão intimamente ligadas ao seu uso. Por outro lado, se um bem tem uma função social, há interesse público e privado acerca de sua manutenção e dos cuidados que possibilitem o acesso da população a esse bem. A proibição de enterramentos no Soledade foi, de certa maneira, um dos fatores que resultaram no seu processo de abandono e degradação. Outro fator foi a suspensão dos serviços litúrgicos da capela, que aconteceu já no século XX. Era como se o espaço não tivesse mais utilidade.

É interessante observar que, dentre todas as outras necrópoles, apenas o cemitério da Soledade foi tombado pelo IPHAN. Estranho paradoxo! Justamente aquele que tem proteção é o que está mais abandonado e degradado. Surgem daí vários questionamentos: O tombamento imobilizou e dificultou a conservação do Soledade ao longo dos anos? A necessidade de autorização para reformas, laudos e perícias de restauradores, enfim, todo o cuidado exigido pelo órgão de preservação, teria se transformado num empecilho para sua manutenção?

No contexto do processo de tombamento do Soledade, registrado nas cartas de Ernesto Cruz, o poder público tencionava construir no local um conjunto habitacional[492], o que leva a crer que ele não mais existiria se não fosse tombado. Contudo, cabem reflexões sobre seu uso e a relevância deste espaço para a cidade de Belém. Foi objeto de estudo, neste trabalho, a importância das devoções e práticas votivas que ali acontecem todas as segundas-feiras, configurando-se como uma importante referência cultural para o lugar. Qual a razão do poder público não priorizar esta apropriação do espaço? Talvez, um dos motivos seja o desconhecimento do valor das manifestações culturais que ali acontecem, e a dificuldade em se lidar com estas diferentes dimensões de natureza material e imaterial.

Além disso, foi importante abordar na pesquisa o processo de "dessemantização" da morte, em que o homem atual se afasta e procura evitar a morte, abreviando ao máximo este confronto. Este processo é acentuado por abordagens equivocadas sobre o tema nos meios de comunicação, na literatura e nas produções cinematográficas, imputando à morte um caráter macabro, conforme apontou J. M. Simões Ferreira. O que o autor denominou de "interdição da morte" pode ser ratificado pelo relativo abandono das práticas funerárias, que resultam em abreviações das exéquias, do luto e dos cortejos funerários[493].

Outro trabalho importante para entender esse processo foi o de Cláudia Rodrigues, que associa a tendência de afastamento do homem das questões fúnebres ao processo de secularização dos cemitérios, quando a Igreja católica perdeu o controle dos enterramentos e teve início o sepultamento civil. A historiadora enfatiza que esta "descristianização" acarretou uma dessacralização parcial da morte[494], conforme tratado no Capítulo I[495].

Corroborando a tendência de afastamento do homem da morte, J. M. Simões Ferreira relaciona o fim dos cemitérios monumentais e o surgimento dos cemitérios parques, com pequenas lápides, perfiladas em jardins, à própria incapacidade do homem em lidar com o assunto. Ele afirma que o fato da sociedade deixar de produzir uma arquitetura para a morte é "parte de um fenômeno mais amplo de rejeição da própria vida[496]".

---

[492] Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Processo de Tombamento do Cemitério da Soledade. Processo nº 0376-T-48.
[493] FERREIRA. J. M. Simões. **Arquitectura para a morte. A questão cemiterial e seus reflexos na teoria da arquitectura.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.
[494] RODRIGUES, Cláudia. **Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. Rio de janeiro: Arquivo Nacional, 2005. p. 339
[495] Ver: Capítulo I - Uma visão sobre enterramentos.
[496] FERREIRA. J. M. Simões. **Arquitectura para a morte. A questão cemiterial e seus reflexos na teoria da arquitectura.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

Analisando as manifestações culturais que acontecem no cemitério Nossa Senhora da Soledade, onde pessoas visitam túmulos, fazem orações e desenvolvem práticas votivas dentro de seu espaço físico, percebe-se uma intenção oculta de preservação da vida e conservação da memória, como um ato de "resistência cultural", termo usado por José Enrique Finol e Karelys Fernández. O trabalho desses autores foi importante para a pesquisa, considerando sua perspectiva de "esbozarse un esquema semiótico donde la visita es un esfuerzo por mantener la memoria y ésta es una expresión de la continuidad de la vida[497]".

Desde sua fundação em 1850, o cemitério da Soledade foi visto como um lugar de sociabilidades. A configuração de túmulos monumentais dispostos ao lado de árvores e vegetação regional reflete um paisagismo que denota a relação entre o homem e a natureza, bem como a sua importância na configuração urbanística da cidade. O Soledade é parte integrante da visualidade e ambiência da cidade, sendo um ponto de referência espacial e cultural para a população.

Além disso, buscou-se evidenciar e reforçar aqui, a relação dos frequentadores e devotos que se dirigem ao lugar, todas as segundas-feiras, para cultuar as almas. Existe no Soledade uma riqueza antropológica e não apenas histórica e artística. Os desafios para sua preservação são muitos, especialmente quando órgãos preservacionistas e a sociedade exigem medidas para a conservação desse bem tombado.

O trabalho de elaboração de um material voltado para uma iniciativa de educação patrimonial[498] (Anexo 41) foi uma primeira tentativa de contribuir para o conhecimento do bem tombado por parte dos que o frequentam e informar sobre a importância de sua preservação para futuras gerações.

A tentativa de articulação entre as esferas federal (IPHAN), estadual (SECULT) e municipal (FUMBEL), para viabilizar o projeto executivo de restauração e conservação do cemitério da Soledade, conforme tratado no trabalho[499], representa um desafio, e a pesquisa realizada com os frequentadores do cemitério foi disponibilizada à SECULT, com o objetivo de informar sobre as principais devoções que ocorrem no lugar. Todavia, sabe-se que muitos pontos conflitantes entre o uso, a valorização e a preservação dos elementos materiais e imateriais do Soledade ainda precisam ser muito discutidos, envolvendo com a participação de seus frequentadores e devotos.

---

[497] FINOL, José Enrique; FERNÁNDEZ, Karelys. Etno-Semiótica del Rito: Discurso funerario y prácticas funerarias en cementerios urbanos**. Signa. Revista de la Asociación Española de Semiótica.** Núm. 6, 1997.

[498] RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **Soledade: História, Arte e Cultura**. Setor de Educação Patrimonial IPHAN/PA. 2014. ISBN 978-85-915369-1-7.

[499] Ver: Capítulo II – O bem de natureza material. Item 2.4. A Situação até o ano de 2014, desta dissertação.

Toda e qualquer intervenção deve levar em conta a forma como o bem é visto e apropriado pela população que com ele se relaciona. Mudar drasticamente a orientação de um lugar de características devocionais e contemplativas como é o Soledade, para um lugar de diversão e entretenimento, é correr o risco de perda de referência para os que o frequentam. O Brasil está cheio de intervenções equivocadas que afastaram as pessoas que realmente usufruíam do bem, priorizando um mercado turístico eventual.

Recorda-se, aqui, a posição de Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes, que enfatiza a importância da Constituição Brasileira de 1988 ao "deslocar do estado para a sociedade e seus segmentos a matriz do valor cultural", não se admitindo mais que os valores atribuídos sejam imanentes às coisas ou intrínsecos aos bens considerados patrimônio cultural. Como conselheiro consultivo do IPHAN, a posição de Menezes destaca a preocupação com as intervenções dissociadas do aspecto cultural e social de um bem tombado[500]. No caso do Soledade, estas questões podem permear decisões e propostas para a realização de projetos de conservação mais eficientes e sustentáveis.

Acredita-se na possibilidade de ampliação da função social do cemitério da Soledade, adequando-se o monumento para receber maior visitação e oferecer espaços verdes e de contemplação, como um parque, com tratamento museológico, que possibilite a fruição do conhecimento sobre o lugar, respeitando-se as manifestações culturais que ali acontecem. Há que se respeitar as características do local e aproveitar o silêncio, a paz e a tranquilidade daquele recanto, onde se pode observar obras de arte, estudar elementos referenciais de períodos artísticos e arquitetônicos, rezar, praticar a devoção às almas, honrar os que já se foram, ou simplesmente ouvir o canto dos pássaros, sentar sob árvores frondosas, relaxar, ler um livro e até refletir sobre a existência humana e a finitude da vida.

A morte é uma certeza e implica o reconhecimento da finitude do ser humano. É regra sem exceção. Desde os primórdios até a atualidade, a sociedade vem estabelecendo diversas formas de se relacionar com este encontro inevitável. A perturbação resultante do conflito entre a desordem da morte e o equilíbrio da vida, vem sendo amenizada por ritos de passagem criados pelo homem e a maneira como ele honra seus mortos. O cemitério da Soledade, assim como este trabalho, exemplifica sobremaneira este encontro do corpo com a alma, do concreto com o abstrato, onde o sagrado abre as portas para o profano.

---

[500] MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. **O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas**. In: IPHAN. I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009. Brasília: IPHAN, 2012. p. 25-39. (Anais; v.2, t.1).

REFERÊNCIAS

ANDE, Edna; LEMOS, Sueli. **Egito**. –São Paulo: Callis Ed. 20011.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo.** Lisboa: Edições 70, 2005.

ARAÚJO, Thiago Nicolau de**. Túmulos celebrativos de Porto Alegre: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889-1930)**. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Inventário: Informações sobre o bem Tombado. Ficha nº 02. Cemitério da Soledade. Pasta 193-2013.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro, Série Tombamento, Pasta Cemitério Nossa Senhora da Soledade, Histórico, Folha 2, Informações sobre o Bem Tombado, Ficha nº 02.

Arquivo Público do Pará, Códice 1010, p. 223. Apud: SILVA, Érika. **O Cotidiano da Morte e a Secularização dos Cemitérios em Belém na Segunda Metade do Século XIX (1850/1891)**, p.18. Dissertação apresentada na Pontifícia Universidade católica de São Paulo PUC/SP. São Paulo: 2005.

ARRAES, Rosa e RODRIGUES Paula. **Morrer em Belém no fim do século XIX: o caso das pomposas exéquias do Maestro Carlos Gomes.** Artigo no prelo. 2014.

ARRAES, Rosa Maria Lourenço. **Arte Mortuária: Estética e Símbolos**. 1994. TCC apresentado ao Curso de Educação Artística da Universidade Federal do Pará (UFPa), para obtenção do grau de licenciamento em Artes.

BARATA, Mário**. Valor Urbanístico do Cemitério da Soledade**. Artigo enviado como anexo ao pedido de reabertura do Processo de Tombamento do Cemitério N. Sra. da Soledade, inserido no Processo nº 0376-T-48.Arquivo Central do IPHAN/Secção Rio de Janeiro.

BARROSO JÚNIOR, Reinaldo dos Santos; SALES, Tatiane da Silva. Mercado Católico de Bens Fúnebres: Notas sobre os óbitos de São Luís no Século XVIII (1739 – 1749). **Revista Brasileira de História das Religiões.** ANPUH, Ano IV, n. 11, Set. 2011.

BAYARD, Jean-Pierre. **O Sentido Oculto dos Ritos Mortuários: Morrer é morrer?** Trad. Bernôni Lemos – São Paulo: Paulus, 1996.

BELÉM (Pará). Intendência Municipal. **Álbum de Belém: Pará 15 de novembro de 1902**. Belém: Edição Felipe Augusto Fidanza, 1902.

BELÉM, O Município de. **Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, referente ao ano de 1906, pelo Intendente Municipal Senador Antonio José de Lemos**. 5º volume. Belém: Archivo da Intendência Municipal, 1907.

BELTRÃO, Jane Felipe. **Cólera, o flagelo de Belém no Grão Pará**. Belém: MPEG/UFPA, 2004.

BETTENCOURT, Estevão Tavares. Escola "Mater Ecclesiae": curso de iniciação teológica por correspondência. Módulo 34: Os novíssimos. Lição 3: **O Purgatório. -** Rio de Janeiro.

BONFIM, Luiz Américo Silva. **O Signo Votivo Católico no Nordeste Oriental do Brasil: Mapeamento e Atualidade.** Tese de Doutorado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2007.

BONNA, Mízar Klautau. O Manto. *In:* **O Livro do Círio**/ Elisabeth Mendonça de Vasconcellos e Mauro Cezar Klautau Bonna (organizadores). - Belém: Floresta, Guia, 2009.

BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão Preto.** Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.

BORGES, Maria Elizia. **Arte Funerária: apropriação da Pietá pelos marmoristas e escultores contemporâneos. Estudos IberoAmericanos**, Porto Alegre, v. XXIII n. 2. 1997.

BORGES, Maria Elizia. Imagens Devocionais nos Cemitérios do Brasil. In: **XI Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**, 2001, São Paulo. ANPAP na travessia das artes. São Paulo: ANPAP 2001:10-15.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOWKER, John Westerdale. **Para entender as religiões**. Tradução por Cássio de Arantes Leite. São Paulo: Editora Ática, 1997. 200 p.

BRUCE-MITFORD, Miranda. **O livro ilustrado dos símbolos: o universo das imagens que representam as ideias e os fenômenos da realidade**. Trad. Fernando Wizard e Maria Rodrigues. - São Paulo: Publifolha, 2001.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800**. Tradução Denise Bottmann - São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CAMPBELL, C. (dirección) (2009). **Arqueología. Los yacimientos arqueológicos y los tesoros culturales más importantes del mundo** (primera edición en lengua española). China: Blume, 2009.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. São Miguel, as Almas do Purgatório e as balanças: iconografia e veneração na Época Moderna. **Memorandum.** n. 7, 2004, p. 102-127.

CARR-GROMM, Sarah. **Dicionário de símbolos na arte: guia ilustrado da pintura e da escultura ocidentais.** Trad. Marta de Senna.-Bauru,SP: EDUSC, 2004.

CASCUDO, Luís da Câmara. Religião no povo. *In:* **Superstição no Brasil**, 4ª ed., pp. 337-496. São Paulo: Global, 2001. p. 422.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** – 12ª ed. – São Paulo: Global, 2012.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica.** Revista TB, Rio de Janeiro, 147: 69/78, out.-dez., 2000

CERTEAU, Michel de. A beleza do morto. *In*: **A cultura no plural**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CHARTIER. Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos históricos,** Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1993.

CHUVA, Márcia. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. **Revista do Patrimônio**, Brasília, n. 34, 2011, pp. 147-166; CHUVA, Márcia. Fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado. TOPOI, v. 4, n. 7, jul.-dez. 2003.

CHUVA, Márcia. **Fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado.** TOPOI. Rio de Janeiro; v. 4, n.7, jul.-dez.2003, p. 313-333.

CLIFFORD, James. Sobre a alegoria etnográfica. *In:* A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

COELHO, Beatriz. **Devoção e arte: imaginária religiosa em Minas Gerais.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo Edusp / Vitae, 2005. 290p.

COELHO, Geraldo M. **O brilho de supernova: a morte bela de Carlos Gomes**. Rio de Janeiro: Agir, 1995. p.158

CONCEIÇÃO, Joanice Santos. Tenha uma boa morte: notas sobre a Irmandade da Boa Morte. PLURA, Revista de Estudos de Religião. Vol. 3, N. 2, jul-dez/2012.

CORRÊA, Ivone Maria Xavier de Amorim. **Círio de Nazaré: A Festa da Fé e suas (re) significações culturais – 1970-2008**. Tese de Doutorado (História). PUC-SP, 2010.

COSTA. Eden Moraes da**. Médico de ontem e de hoje: Ciência, fé e santidade no culto a Camilo Salgado (1874-1938) em Belém do Pará**. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade Federal do Pará: Belém, 2003.

COSTA. Paulo Segundo da. **Campo Santo: Resumo Histórico – Cemitério do campo Santo – 1840-2002.Santa Casa de Misericórdia**. 1ª ed. – Salvador: Contexto & Arte. 2003

CRUZ, Ernesto**. O Cemitério de Nossa Senhora da Soledade**. 11/04/1946. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Processo nº 0376 – T – 48.

CRUZ, Ernesto. O Cemitério de Nossa Senhora da Soledade. **Vultos e Episódios da História do Pará: Procissão dos séculos.** Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1952.

DOMINGUES, Petrônio. Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica. **História**, Franca, v. 30, n. 2, Dez. 2011.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguido de, envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED, 2001.

ELIAS, Norbert. **Escritos & Ensaios**, v. 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

FARIA, Luiz de Castro. **Nacionalismo, nacionalismos - dualidade e polimorfia: à guisa de depoimento e reflexão**. In Chuva, Márcia (org.). A Invenção do Patrimônio: continuidade e

ruptura na constituição de uma política oficial de preservação cultural no Brasil. Rio de Janeiro: IPHAN, 1995.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa**. – 3.ed.totalmente revisada e ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina; (Org.) Apresentação. In: **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. xiv.

FERREIRA. J. M. Simões. Arquitectura para a morte. A questão cemiterial e seus reflexos na teoria da arquitectura. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009. 1225p.

FIDALGO, Licínio. 1. **Cemitério dos Prazeres**. Material didático-instrucional da Divisão de Gestão Cemiterial. Câmara Municipal de Lisboa.

FIDALGO, Licínio. **Sinopse das visitas ao cemitério dos Prazeres**. Fev/2011. Material impresso que acompanha as visitas monitoradas.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de; BRITTO, Rosangela Marques de; e LIMA, Maria Dorotéa de (orgs.). **Pedra & Alma: 30 anos do IPHAN no Pará.** Belém: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (PA), 2010.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Quem eram os pajés científicos? Trocas simbólicas e confrontos culturais na Amazônia, 1880-1930. FONTES, Edilza (org.) **Coleção Contando a História do Pará: diálogos entre Antropologia e História**. Belém: e.Motion, 2003. p. 59.

FIGUEIREDO, Arthur Napoleão. Presença africana na Amazônia. **Revista Estudos Amazônicos.** Vol. III, n° 1, 2008, p. 134 – 135.

FINOL, José Enrique; FERNÁNDEZ, Karelys. Etno-Semiótica del Rito: Discurso funerario y prácticas funerarias en cementerios urbanos. **Signa. Revista de la Asociación Española de Semiótica**. Núm. 6, 1997.

FINOL, José Enrique; MONTILLA, Aura M. Rito y Símbolo: Antropo-Semiótica del velorio en Maracaibo. **Revista de Ciencias Humanas y Sociales**, Maracaibo, v. 20, n. 45, dez/ 2004.

FONSECA, Maria Cecilia Londres. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio.'' In: **O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial**. Brasília: Ministério da Cultural/Iphan, 2. ed, 2003.

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GRAVIEZ, Bernard des; JACOMET, Thierry. **Os santos e seus símbolos**. Coleção Grandes Livros da Religião. Trad. Angela Zarate. Ediciones: Folio, S.A. Barcelona, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

Hanna Levy no SPHAN: história da arte e patrimônio. [org. Adriana Sanajotti Nakamuta]. – Rio de janeiro: IPHAN/DAF/Copedoc, 2010.

HOLWECK, Frederick G. St. Michael the Archangel. **Catholic Encyclopedia**, Volume 10. 1913.

HUBERT, Stefan. Manjar dos deuses: as oferendas nas religiões afro-brasileiras. **Primeiros Estudos,** São Paulo, n. 1, p. 81-104, set/2011.

LE GOFF, Jacques**. História e Memória**. 5.ed. Campinas, Editora da Unicamp, 2003.

LE GOFF, Jacques. **O Nascimento do Purgatório**. São Paulo: Estampa 1995

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Pensar grande o patrimônio cultural. **Lua Nova**, São Paulo, v. 3, n. 2, Dez/1986.

MARTINS, José de Souza. Folder: **História e arte no cemitério da Consolação**. São Paulo: Prefeitura da Cidade de São Paulo / Secretaria de Cultura / Secretaria de Serviços, 2008.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular. **Revista Norte Ciência**, Vol. 2, n. 1, 2011. p. 1-26.

MENDES, Cibele de Mattos. **A Pedra de Lioz na Arquitetura Funerária de Salvador no século XIX**. Projeto de Tese. Programa de Pós -graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU. Salvador, 2010.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. **O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas**. In: IPHAN. I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009. Brasília: IPHAN, 2012. p. 25-39. (Anais; v.2, t.1).

MESA, Alejandro. **¿De qué nos están hablando los símbolos del Cementerio Viejo?** Paysandú – Uruguay, jan/2009.

MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**, 6ª ed. Belém: Cromos Editora. 2012.

MORAES REGO, Clovis. **Carlos Gomes no Pará**. Belém L&A Editora, 2004.

MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MOTTA, Antônio. Museu da morte: patrimônios familiares e coleções. *In:* MAGALHÃES, Aline Monteiro; BEZERRA, Rafael Zamorano (Org.). **Museus nacionais e os desafios do contemporâneo.** Rio de Janeiro: MHN, 2011.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas.** [trad. Neil R. da Silva]. 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

NUCCI, Nely Ap. Guernelli. A criança e a morte – um encontro existencial. In: **A arte de morrer – Visões plurais**. Volume 2 / Franklin Santana Santos (organizador) – Bragança Paulista, SP: Editora Comenius, 2009.

SOARES, Cecília Beatriz L. da Veiga**. O livro de ouro das flores**. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

PAGOTO, Amanda Aparecida. **Do âmbito sagrado da igreja ao cemitério público: transformações fúnebres em São Paulo (1850-1860)**. – São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém do Pará: Estudo de Geografia Urbana.** Vol. 1. Coleção Amazônica. Série José Veríssimo. Universidade Federal do Pará - UFPA. 1968.

PÉREZ DIE, M. C. **Heracleópolis Magna – La Necropolis real del Tercer Período Intermedio y su reutilización.** Volumen I. Fundación Barrero. Ed: Secretaria General Técnica, 2010

POULOT, Dominique. **A História da Razão Patrimonial na Europa do século XVIII ao XXI**. In Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional n. 34. 2012. Tradução de Catarina Eleonora.

Regulamentação do Conjunto Paisagístico da Área Central de Belém-PA. Acervo do IPHAN/PA

Regulamento do cemitério da Soledade, feito anteriormente por Jerônimo Coelho para o cemitério da Campina, que ficou valendo para o 1º cemitério público. Apud: SILVA, Érika Amorim. **O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850 – 1891)**, São Paulo: 2005. Dissertação – Mestrado – PUC, SP. 2005.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROCQUE, Carlos. **História Geral de Belém e do Grão-Pará**. Distribel. 2001

RODRIGUES, Cláudia. **Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **O Tempo e a Pedra**. Belém/PA, 2003. 79p.

RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **Soledade: História, Arte e Cultura**. Belém/PA. 2014. ISBN: 978-85-915369-1-7.

SANTOS, Eunice Ferreira dos. **Eneida de Moraes: Fragmento de Vida e Obra**. BARATA, Mário**. Valor Urbanístico do Cemitério da Soledade**. Artigo enviado como anexo ao pedido de reabertura do Processo de Tombamento do Cemitério N. Sra. da Soledade, inserido no Processo nº 0376-T-48.Arquivo Central do IPHAN/Secção Rio de Janeiro.

SANTOS, Franklin Santana. Perspectivas Histórico-Culturais da Morte. In: INCONTRI, Dora; SANTOS, Franklin Santana (Org.). **A arte de morrer: Visões plurais.** Bragança Paulista, SP: Editora Comenius, 2009.

SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVA, Anaíza Vergolino e. **O tambor das Flores: uma análise da Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros do Pará (1965-1975)**. 1976. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1976.

SILVA, Érika Amorim. **O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850 – 1891)**. São Paulo: 2005. Dissertação (Mestrado) – PUC, SP.

SILVA. José Solón Sales e. Cemitério – patrimônio cultural e atrativo diferencial: um estudo sobre o Cemitério São João Batista de Fortaleza. *In:* MARTINS, Clerton (org.) **Patrimônio cultural:** da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, 2006.

SILVA, Marlon Lima da. **Gestão e uso do patrimônio cultural: o culto aos santos populares no cemitério Nossa Senhora da Soledade, Belém-PA.** Belém: UNESP-UFPA, 2013.

SOUZA, Laura de Mello e**. O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOCANTINS, Leandro. **Santa Maria de Belém do Grão Pará**. Rio de Janeiro/RJ. 1963.

TUNER, Victor. La selva de los símbolos. Siglo XXI. Madrid. 1980. p. 21 *Apud:* ENRIQUE FINOL, José; MONTILLA, Aura M.. Rito y Símbolo: Antropo-Semiótica del velorio en Maracaibo. **Revista de Ciencias Humanas y Sociales**, Maracaibo, v. 20, n. 45, dez/ 2004.

VAINFAS, Ronaldo. Sincretismo nosso de cada dia. In: **Revista Brasileira de História.** p. 35. Edição nº 100, São Paulo, Jan/2014.

VALLADARES, Licia. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 63, Fev/2007.

VIANNA**,** Arthur. **As Epidemias** no **Pará**. 2ª ed., Belém: UFPA, 1975 [1908].

VOVELLE, Michell. **As almas do purgatório ou o trabalho de luto.** Tradução de Aline Meyer e Roberto Cattani, São Paulo: UNESP, 2010.

INFORMAÇÕES OBTIDAS VIA INTERNET

5 Séculos de História – Séculos XV e XVI. Santa Casa de Misericórdia de Lisboa. Disponível em: http://www.scml.pt/pt-PT/scml/5_seculos_de_historia/seculos_xv_e_ xvi/ Acessado em 25/07/2014.

II Concílio do Vaticano, Const. dogm. Lumen Gentium, 49: AAS 57 (1965) 54. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p1s1c2_50-141_po.html> Acesso: 05/06/2014.

ABREU AMORIM, José Carlos de. Pau de Fita: entre o sagrado e o profano. **Diversidade Religiosa.** UFPb. v. 1, n. 1 (2013). Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php /dr/article/view/152 18> Acesso em: 05/09/2014.

Agenzia Fides. Europa / Itália - As "Irmãs Brancas" rumo ao 24º Capítulo Geral. Disponível em: <http://www.fides.org/pt/news/pdf/30738> Acesso em: 19/09/2014.

ARAÚJO, Fabíola Pereira de; CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt **S. São Benedito no contexto da Romanização da Igreja Católica: uma devoção preterida.** Revista Histedbr On-line. Campinas: [s.d], p. 1-13. Disponível em: <www.histedbr.fae.unicamp.br>. Acesso em: 25/08/2014.

Arte Funerária no Brasil. Cemitérios Brasileiros. **Cemitério da Consolação. Personalidades**. Disponível em: <http://www.artefunerariabrasil.com.br/cemiteriosBrasileiros.php?pg=personalidades&estado=SãoPaulo-SP&cidade=SãoPaulo&cemiterio=CemitériodaConsolação> Acesso em: 11/09/2014.

Arte Funerária no Brasil. Cemitérios Brasileiros. **Cemitério Campo Santo. Localização.** Disponível em: <http://www.artefunerariabrasil.com.br/cemiteriosBrasileiros.php?pg=localização&estado=Bahia%20%20BA&cidade=Salvador&cemiterio=Cemit%E9rio%20Campo%20Santo> Acesso em 11/09/2014

BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques; ROTTA, Raquel Redondo. Mulheres médiuns e caboclas espirituais. **Arq. bras. psicol**., Rio de Janeiro , v. 62, n. 2, 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000200015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15/01/2015.

Bairro de Santo Amaro – Recife. **História.** Disponível em: <http://santoamaro recife.blogspot.com.br/p/ historia.html> Acesso em 24/09/2014.

BATISTA, Rodrigo. **Batalha do Jenipapo**. Disponível em: <http://www.historia brasileira.com/brasil-imperio/batalha-do-jenipapo/> Acesso em 07/11/2013.

Beatificação e Canonização dos Santos. Blog Sanctorum. Disponível em: <http:// santossanctorum.blogspot.com.br/p/beatificacao-e-canonizacao-dossantos.html> Acesso em: 11/08/2014

Bíblia on line. **Apocalipse 12**. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br /#/acf/ap/12> Acesso em: 29/08/2014.

Bíblia on line. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/#/acf/dn/8>

Bíblia on line. **Mateus 25, 41 – 46**. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/#/acf/mt/25> Acesso em: 09/09/2014.

Bíblia on line. **Lucas, 16.** Disponível em: <http://www.bibliaonline.com.br/acf/lc/16> Acessado em: 23/09/2013.

Biografia do General Gurjão. Disponível em: <http://www.amazonline.com.br/heraldica/gurjao.htm.> Acesso em 13/01/14.

Biografia. Página do Senado Federal do Brasil. Portal Senadores. Disponível em: http://www.senado.gov.br/senadores/senadores_biografia.asp?codparl=1998&li=23&lcab=1894-1896&lf=23

Blog Dominus Vobiscum. Disponível em: <https://domvob.files.wordpress.com/2014/07/quaresma-de-sc3a3o-miguel-arcanjo.pdf> Acesso em: 28/08/2014.

BORGES, Maria Elizia. **Cemitério Santo Amaro**. Arte Funerária no Brasil. Cemitérios Brasileiros. Disponível em: <http://www.artefunerariabrasil.com.br/cemiteriosBrasileiros.php?pg=historia&estado=Pernambuco%20%20PE&cidade=Recife&cemiterio=Cemit%E9rio%20Santo%20Amaro> Acesso em : 24/09/2014.

CARNIATO, Ir. Maria Inês. **A Água na Teologia Bíblica**. Paulinas; 2003. Disponível em: <http://www.mundosustentavel.com.br/wp-content/uploads/2011/05/agua.pdf> Acesso em: 23/09/2013.

CARSALADE, Flávio de Lemos. **A ética das intervenções**. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3303> Acesso em: 11/08/2014.

CARVALHO, Suzane Margaret Fank-de- et al . Leaf surfaces of Gomphrena spp. (Amaranthaceae) from Cerrado biome. Biocell, Mendoza, v. 34, n. 1, abr. 2010. Disponivel em: <http://www.scielo.org.ar/ scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0327-95452010000100004&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 15/01/2015

Casa de Cultura da Mulher Negra: Biografias. **Princesa Anastácia**. Disponível em: <http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br/mn_mn_t_biografia_a.htm> Acesso em: 20/09/2013.

CASTRO, Leonardo. **Os Negros no Pará**. Disponível em: <http://parahistorico.blogspot.com.br/ 2009/02/os-negros-no-para.html> Acesso em 20/09/2013.

Catecismo da Igreja Católica. **A oração cristã**. Capítulo II, Parágrafo 2651. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p4s1cap2_2650-2696_ po.html> Acesso em: 04/09/2014.

Catecismo da Igreja Católica. Compêndio. @Copyright 2005 - Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html> Acessado em 15/07/2014.

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. **Nos passos da Folia de Reis**. Sorocaba, 2012. Disponível em: <http://www.crearte.com.br/carlos_textos_t05.htm> Acesso em 09/09/2014.

Cemitério SP. Arte Cemiterial. Disponível em: <http://www.cemiteriosp.com.br/arte-cemiterial/> Acesso em: 23/09/2014.

CEPJA/ Centro Espírita Pai João de Angola**. Oração das almas**. Disponível em: <http://centropaijoaodeangola.com.br/oracao_das_almas_e_bale_das_almas_180.html> Acesso em: 04/09/2014

Coleção das leis. Brazil 1870. p.322. Disponível em: <books.google.com.br/books ?id=mq0wAAAAIAAJ. Acesso em: 14/01/14.

Constituição Apostólica do Papa Pio XII. ***Munificentissimus Deus.*** Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/apost_constitutions/documents/hf_pxii_apc_19501101_munificentissimus-deus_po.html> acesso em: 28/08/2014.

CRAON, Pierre de. **Dois Sermões, duas Missas, duas Igrejas.** MONTFORT Associação Cultural. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=veritas&subsecao= cronicas&artigo= doissermoes&lang=bra> Acesso em: 08/09/2014

Diário Oficial da União. **Diários Jus Brasil**. Seção 1, DOU 18/05/1920. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/1885499/pg-10-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-18-05-1920> Acesso em: 13/01/14.

Directorio Sobre la Piedad Popular y la Liturgia: Principios y Orientaciones. Ciudad del Vaticano. 2002. Congregación para el Culto Divino y la Disciplina de los Sacramentos. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con _ccdds_doc_20020513_vers-direttorio_sp.html> Acesso em: 28/07/2014.

DUARTE, Marcelo. Por que tantos vestibulandos visitam o túmulo de Maria Judith de Barros no cemitério da Consolação. **São Paulo para curiosos**. Publicado em jan/2014. Disponível em: <http://spcuriosos.com.br/maria-judith-de-barros-a-santa-popular-dos-vestibulandos/> Acesso em: 25/09/2014.

Ecclesia. Vicariato Arquidiocesano Ortodoxo para todo o Brasil. Fé cristã ortodoxa**. Por que acendemos velas?** Disponível em: <http://www.ecclesia.net.br/biblioteca /fe_crista_ortodoxa/ por_que_acendemos_velas.html> Acesso em: 04/09/2014.

Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais. Disponível em: <http://www.itaucultural. org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?Fuseaction=termos_texto&cd_verbete=5433> Acesso em: 29/08/2014

Encyclopaedia Britannica. Asphodel. Disponível em: <http://global.britannica.com /EBchecked/topic/ 38975/asphodel> Acesso em: 05/09/2014.

Encyclopedia. Site New Advent. Disponível em: <http://www.newadvent.org/ cathen/05677a.htm> Acesso: 28/08/2014

EOL – Encycopedia of life. Asphodelus. Disponível em: <http://eol.org/pages/ 32870/details> Acesso em: 05/09/2014.

Família Barata Freire. Disponível: <http://www.genealogiafreire.com.br/unido_barata _freire.htm> Acesso em: 13/01/14.

Family Memorials: **Genealogies of the Families and Descendants of the Early Settlers of Watertown,** Massachusetts. p. 689. Disponível em: <books.google.com.br/books?id=3Yc-AAAAYA AJ.>Acesso: 14/11/14.

FERNANDES. Fellipe. **Epitáfios urbanos**. Revista Aurora. *In* Comportamento. Disponível em: <http://aurora.diariodepernambuco.com.br/2013/03/epitafios-urbanos/> Acesso em: 21/03/2013.

FOTOPOULOU, Sofia. ***The dormition of Theotokos.*** Newsfinder. Religion Section. Disponível em: <http://www.newsfinder.org/site/readings/the_dormition_of_theotokos/> Acesso em: 29/08/2014.

FRANCO, Odair. **História da Febre-Amarela no Brasil.** Rio de Janeiro/GB. Brasil, 1969. Disponível em: <http://www.fef.br/biblioteca/arquivos/data/0110historia_ febre.pdf> Acesso em: 17/07/2014.

FREITAS, MCS., FONTES, GAV., and OLIVEIRA, N., orgs. **Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura** [online]. Salvador: EDUFBA, 2008. 422 p. ISBN 978-85-232-0543-0. Disponível em:<http://books.scielo.org/id/9q/pdf/freitas-9788523209148-19.pdf> Acesso em: 09/09/2014.

Fundação Biblioteca Nacional. **A Constituição: Órgão do Partido Conservador - 1874 a 1886** - PR_SPR_00562_385573. Disponível em: <memoria.bn.br/docreader/WebIndex/WI Pagina/385573/ 10368> Acesso em 14/01/14.

Fundação Biblioteca Nacional. **Treze de Maio - 1845 a 1861** - PR_SOR_00679_700002. Disponível em: <memoria.bn.br/docreader/WebIndex /WIPagina/700002/2520> Acesso em: 14/01/14.

Fundação Biblioteca Nacional. **A Actualidade - 1859 a 1864** - PR_SOR_02335_235296. Disponível em: <memoria.bn.br/docreader/WebIndex /WIPagina/235296/1062> Acesso em 14/01/14.

GARCIA, Glaucia. Os santos populares paulistanos. História, Arquitetura e Fotografia. **SP Antiga**. jun/2014. Disponível em: <http://www.saopauloantiga.com.br/santos-populares/> Acesso em: 12/09/2014.

Geneall. Disponível em: <http://www.geneall.net/P/forum_msg.php?id=9642> Acesso em 13/01/14.

GENI. **A Myritage Company**. Disponível em: <http://www.geni.com/people/ Ant%C3 %B4nio-Lacerda-de-Chermont/6000000017587978346> Acesso em: 13/01/14.

GEPEN – **Sobre Gênero e Mulher**. Disponível em: <http://www.ufpa.br/projetogepem /index.php?option=com_content&view=article&id=7&Itemid=7> Acesso em: 07/07/2014.

Google Maps. Cemitério da Consolação. Disponível em: <https://maps.google.com.br/ maps?biw=1600&bih=749&bav=on.2,or.r_cp.r_qf.&um=1&ie=UTF8&fb=1&gl=br&cid=14 120335870998302003&q=Cemit%C3%A9rio+dos+Prazeres&sa=X&ei=Fgm0VM3-DoHwgg Trh4CACQ&ved=0CIUBEPwSMAs&output=classic&dg=brw> Acesso em: 12/01/2015.

Google Maps. Cemitério de Santo Amaro. Disponível em: https://maps.google.com.br/ maps?biw=1600&bih=749&bav=on.2,or.r_cp.r_qf.&um=1&ie=UTF8&fb=1&gl=br&cid=53 2117052709050172 8&q=Cemit%C3%A9rio+de+Santo+Amaro&sa=X&ei=AdmzVMAIxqa CBOiWhJgB&ved=0CHEQ_BIoADAL&output=classic&dg=brw. Acesso em 12/01/2015.

Google Maps. Cemitério do Campo Santo. Disponível em: <https://maps.google.com.br/ maps?biw=1600&bih=749&bav=on.2,or.r_cp.r_qf.&um=1&ie=UTF-8&fb=1&gl=br&cid=14 120335870998302003&q=Cemit%C3%A9rio+dos+Prazeres&sa=X&ei=Fgm0VM3-DoHwgg Trh4CACQ&ved=0CIUBEPwSMAs&output=classic&dg=brw> Acesso em 12/01/2015.

Google Maps. Cemitério dos Prazeres. Disponível em: <https://maps.google.com.br/maps ?biw=1600&bih=749&bav=on.2,or.r_cp.r_qf.&um=1&ie=UTF8&fb=1&gl=br&cid=1412033

5870998302003&q=Cemit%C3%A9rio+dos+Prazeres&sa=X&ei=Fgm0VM3-DoHwggTrh4CACQ&ved=0CIUBEPwSMAs&output=classic&dg=brw> Acesso em: 12/01/2015.

Google Maps. Cemitério São João Batista. Disponível em: <https://maps.google.com.br/maps?biw=1600&bih=749&bav=on.2,or.r_cp.r_qf.&um=1&ie=UTF-8&fb=1&gl=br&cid=14120335870998302003&q=Cemit%C3%A9rio+dos+Prazeres&sa=X&ei=Fgm0VM3-DoHwggTrh4CACQ&ved=0CIUBEPwSMAs&output=classic&dg=brw> Acesso em: 12/01/2105

GRAMINHA, M. R. & BAIRRÃO, J.F.M.H. Torrentes de sentidos: o simbolismo das águas no contexto umbandista. **Memorandum**, 17, 122-148, 2009. Disponível em: <http:// www.fafich.ufmg.br/~memorandum/ a17/grambair01.htm>. Acesso em: 15/01/2015.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / IPHAN. **Sobre a Instituição.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=11175&retorno=pagina Iphan> Acesso em 11/06/2014.

Inventário Nacional de Referências Culturais- INRC. Site do IPHAN. Patrimônio Cultural. Patrimônio Imaterial. Disponível: <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3275> Acesso em 20/07/2014.

Joe Jackson: O Ladrão no Fim do Mundo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. Apud. CLÁUDIO, Ivan. **O homem que roubou a borracha do Brasil**. ISTOÉ Independente. Livros. Edição 2181, de 26 de Agosto de 2011 Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/154500_O+HOMEM+QUE+ROUBOU+A+BORRACHA+DO+BRASIL> Acesso em: 30/06/14.

KOVEL, Terry; Ralph. ***Families used to picnicin the cemetery***. *Antiques. The Free Lance Star*. Out/1999. Disponível em: <http://news.google.com/newspapers?nid=12 98&dat=19991009&id=pi4zAAAAIBAJ&sjid=gggGAAAAIBAJ&pg=4495,238620> Acesso em: 26/09/2014.

LEITE. Rodrigo Peixoto. **O Carro Popular no Brasil**. Dissertação de Mestrado em Design pela PUC – Rio. Orientação: Cláudia Renata Mont'Alvão. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0410906_06_cap_ 03.pdf> Acesso em: 14/08/2014.

LESTIENNE, Cecile. Prehistoire - funerailles d'antan. Op. Cit: AQUINO, Felipe. **As sepulturas na pré-história** – EB. Editora Cléofas. Disponivel em: <http:// cleofas.com.br/as-sepulturas-na-pre-historia-eb/> Acesso em: 11/02/2014.

Lista dos estudantes da Universidade de Coimbra. Segundo Anno. UC Digitalli. Disponível em: <https://digitalis.uc.pt/files/previews/76724_Preview.pdf> Acesso em: 14/01/14.

Liturgia Católica Apostólica Romana. Disponível em: <http://www.liturgiacatolica.com/bencaos.html> Acesso em 04/09/2014.

MARTINS, José de Souza. Folder: **História e arte no cemitério da Consolação**. São Paulo: Prefeitura da Cidade de São Paulo / Secretaria de Cultura / Secretaria de Serviços, 2008.

MENDES, Carlos Pimentel. **Novo Milênio: Bondes no Brasil. Belém/PA**. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/bonden10.htm> Acesso em: 11/06/2014.

MIRANDA, Cybelle Salvador. **Memória da Assistência à saúde em Belém-PA: Arquitetura como documento**. In: I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. 2010. Disponível em: <http://www.academia.edu/7194718/Memoria_da_assistencia_a_saude_em_Belem-PA> Acesso em: 12/08/2014.

Missa Tridentina. Material de Apoio. Festas Notáveis. Documentos. **Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos**. Disponível em: <http://www.missatridentina.com.br/index.php/material-de-apoio-sp473651883/proprio-da-missa/festas-notaveis/27comemoracao-de-todos-os-fieis-defuntos/file> Acesso em: 04/09/2014.

MONTEIRO, Gisela. **Simbologia: perpétua saudade**. *Blog* Mort Safe. Disponível em: <http://taphophilia.blogspot.com.br/2012/11/simbologia-perpetua-saudade.html> Acesso em: 05/09/2014.

O finado Joaquim Ignácio de Almeida. **O Liberal do Pará,** publicado em 03/10/1875. Nº 288. Anno 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/704555/per704555_1875_00288.pdf> Acesso em: 17/07/2014.

O Município de Belém: relatório de Antônio Lemos. 1903. Publicado em 30 de setembro de 2013 no site UFPA 2.0. Disponível em: <http://ufpadoisponto zero.wordpress.com/2013/09/30/o-municipio-de-belem-relatorio-de-antonio-lemos 1903/> Acessado em 09/07/2014

Obituários de Venezuela. **La importancia de las flores y la luz en los ritos funerários.** Mai/2011. Disponível em: <http://www.obituariosdevenezuela.com/2011/05/la-importancia-de-las-flores-la-luz-en-los-ritos-funerarios/> Acesso em: 04/09/2014.

OLIVEIRA, Nilda Nazaré Pereira. A Borracha da Amazônia, os Acordos de Washington e a Política Externa brasileira. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 22., 2003, João Pessoa. Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003. CD-ROM. Disponível em: http://anpuh.org/anais/?p=15205 Acessado em: 27/06/2014.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. **São José, padroeiro da boa morte**. Excertos. Catolicismo – Revista de cultura e atualidades. Disponível em: <http://www.catolicismo.com.br/materia/materia.cfm/idmat/24A803D8-C739-9B52-4FB2DECC05E9397D/mes/Mar%C3%A7o2014> Acesso em: 28/08/2014.

OLIVEIRA, Selma Soares de. As seculares imagens de roca. **Sitientibus**, n.º 40, jan/jun 2009, pp. 203-215. Disponível em: <http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/40/12_as_seculares_imagens_da_roca.pdf.> Acesso em: 09/09/2014.

PASSOS, Ana Maria. **Equatorianos mantêm costume de levar alimentos a cemitérios para comemorar dia de Finados.** Quito, nov/2012. Disponível em: <http://m.operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/25225/equatorianos+mantem+costume+de+levar+alimentos+a+cemiterios+para+comemorar+dia+de+finados.shtml> Acesso em: 08/09/2014.

PIDLESKI, Paola. **A Transnacionalidade dos processos culturais: Fitas do Sr do Bonfim.** Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC-CELACC) - Artigos (Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos). Disponível em: <http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/blacc/article/view/223> Acesso em 09/09/2014.

PROENÇA, Wander de Lara. Contribuições do Método da Observação Participante para pesquisas no campo religioso brasileiro. **Revista Antropos** – Volume 2, Ano 1, Mai/2008. Disponível em: <http://revista.antropos.com.br/downloads/Artigo%202%20-%20O%20m%E9todo%20da%20observa%E7%E3o%20participante%20-%20Wander%20de%20Lara%20Proen%E7a.pdf> Acesso em: 18/09/2014.

RABELO, Nancy. A arte de vestir santos. **Revista História.** mai/2010. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/perspectiva/a-arte-de-vestir-santos> Acesso em: 09/09/2014.

Repositório Um - Universidade do Minho. **Os Testamentos e a História da Família**. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3364/1/testamentos.pdf.> Acesso em: 16/06/2014.

Representação da UNESCO no Brasil**. Círio de Nazaré entra para a Lista do Patrimônio Imaterial da Humanidade**. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/about-this-office/singleview/news/cirio_de_nazare_is_inscribed_in_the_intangible_cultural_heritage_list/> Acesso: 09/09/2014.

Resumo Histórico XV - dos *Annaes da bibliotheca e archivo público do Pará*. Internet Archive. Disponível: <https://archive.org/stream/annaesdabibliot01archgoog/annaes dabibliot01archgoog_djvu.txt> Acesso em 17/07/2014.

Quando falam as flores: chaves de um código. **Revista Super Interessante**. Abr/1988. Disponível em: <http://super.abril.com.br/cultura/quando-falam-flores-chaves-codigo438551.shtml> Acesso em: 03/09/2014.

RIBEIRO, Magda dos Santos. **Uma vida iluminada: trajetórias sociais de pessoas e objetos na reconstrução de memórias pós holocausto.** IN: Proa – Revista de Antropologia e Arte [on-line]. Ano 02, vol.01, n. 02, nov. 2010. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/proa/ResenhasII/magda.html> Acesso em: 29/09/2014.

RIBEIRO, Márcia de Nazaré Oliveira; PAIVA, Patrícia Duarte de Oliveira. **Perpétua.** Dicionário de Flores. Flores na Web. Dicionário de flores. Perpétua. Disponível em: <http://www.floresnaweb.com/ dicionario.php?id=58> Acesso em: 05/09/2014.

ROCHA, Ricardo. **José de Souza Reis e o SPHAN: da inconfidência à glória**. In: Anais do 7º Seminário Docomomo Brasil. Porto Alegre: 2007. Disponível em: <http:// www.docomomo.org.br/seminario%207%20pdfs/045.pdf> Acesso em 26/06/2014.

RODRIGUES, Elizeu. Timeline Photos. **Santos Populares do Brasil**. Disponível em: <https://www.facebook.com/santospopularesdobrasil/photos/a.136034579923999.1073741826.136027923257998/136034583257332/?type=1&permPage=1> Acesso em: 25/09/2014.

ROMÃO, Rosana. **Cemitério mais antigo de Fortaleza tem jazigos de personalidades históricas do Ceará**. Tribuna do Ceará. Cotidiano, Ago/2014. Disponível em: <http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/cotidiano-2/cemiterio-mais-antigo-de-fortaleza-tem-jazigos-de-personalidades-historicas-ceara-sugestao/> Acesso em: 26/09/2014.

RUEDA, Marisol. **Revolução mexicana provocou renovação também na culinária**. Opera Mundi. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/reportagens/6099/revolucao+mexicana+provocou+renovacao+tambem+na+culinaria++.shtml> Acesso em: 08/09/2014.

SÁ, Magali Romero. **A "peste branca" nos navios negreiros: epidemias de varíola na Amazônia colonial e os primeiros esforços de imunização**. Rev. latinoam. psicopatol. fundam., São Paulo , v. 11, n.4, supl. Dez/2008. n.4, supl. Dez/2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142008000500008&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 04/07/2014.

SANTOS, F. V; MAIA, J. R. R. **Hagiografia de cemitério: história social e imaginário religioso nas canonizações populares em Manaus**. *In:* Os Urbanitas - Revista de Antropologia Urbana, São Paulo, v.5, n.8, 2008. Disponível em: <www.os urbanitas.org/osurbanitas8/vinente&maia-08-2008.html> Acessado em 29/07/2014

SARACENI, Rubens. **O mistério das fitas na umbanda**. Povo de Aruanda. Disponível em: <http://www.povodearuanda.com.br/?p=7109> Acesso em: 09/09/2014.

SARRAF, Tarso. Portal ORM, 16/08/2013. Disponível em: <http://www.orm.com.br/noticia/noticia.asp?id=666486&%7Ccemit%C3%A9rio+da+soledade+%C3%A9+homenageado+com+selo> Acesso em: 07/07/2014.

SATO, Cristiane. **Falecimento.** Disponível em: <http://www.culturajaponesa.com.br/?page_id=250> Acesso em: 08/09/2014.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. Terror e danação na Belém do Grão-Pará. Physis, Rio de Janeiro, v. 16, n. 01. Jul/2006. Disponível em: <http://www. scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373312006000100009&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 03/07/2014

Site Cuali Pesquisas e Sistemas. Ferramentas. **Cálculo de amostras**. Disponível em: <http://cuali.com.br/ferramentas> Acessado em: 20/09/2013.

Site da UNESCO. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/list/989> Acesso em 29/04/2014.

Site do Vaticano. Congregação para as Causas dos Santos. **Normas para observar na Instrução Diocesana das Causas dos Santos**. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_07021983_norme_po.html> Acesso em: 22/08/2014.

Site do Vaticano. Cúria Romana. Academias Pontifícias. Martírios Antigos e Modernos. **Martirologio.** Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_ academies/cult-martyrum/martiri/009.html> Acesso em: 22/08/2014.

Site Santuário de Fátima – Página Oficial. Mensagem de Fátima. **Orações.** Disponível em: <http://www.santuario-fatima.pt/portal/index.php?id=2414> Acesso em: 29/08/2014.

Soledade: guerra diária entre tempo e memória. Seção Pará do Diário do Pará.com.br. Publicado em Terça-feira, 01/11/2011, 07h28. Disponível em: <http://diariodopara.diarioonline.com.br/N-145054SOLEDADE+GUERRA+DIARIA+ENTRE+TEMPO+E+MEMORIA.html> Acessado em: 01/08/2014.

The Editors of Encyclopaedia Britannica. Encyclopaedia Britannica. ***Treasury of Atreus***. Disponível em: <http://global.britannica.com/EBchecked/topic/41923/Treasury -of-Atreus> Acesso em: 13/05/14.

The Standfort Encyclopedia of Philosophy. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/augustine/> Acesso em: 03/06/2014.

Tito Franco de Almeida. *Wikipedia*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tito_Franco_de_Almeida> Acessado em: 23/07/14.

TOMAZ, Indyra. **O Cemitério das Obras de Arte**. De pés descalços. Nov/2007. Disponível em: <http://igti.wordpress.com/2007/11/03/o-cemiterio-das-obras-de-arte/> Acesso em: 26/09/2014.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência.** Disponível em: <http://www.4shared.com/postDownload/dpf27wAQ/ESPAO_E_LUGAR_-_A_perspectiva_.html> Acesso em: 01/10/2014.

WALDMAN, Thaís. **À "frente" da Semana de Arte Moderna: a presença de Graça Aranha e Paulo Prado.** Estud. hist. (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, Junho, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-2186 2010000100004&lng=en&nrm=iso> Acesso em 20/08/2014.

FILME

Uma vida iluminada. Direção: Lieve Schreiber, baseado no livro "Everything is illuminated" (2002), de Jonathan Safran Foer. Fotografia Matthew Libatique. [S.I.]: EUA, 2005 (100 minutos), NTSC, color. Título original: "Everything is illuminated".

AULAS

Analucia Thompson, Disciplina "Memória e Oralidade", ministrada em maio de 2013, **I Módulo de Aulas** do Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural do IPHAN, Rio de Janeiro.

JORNAIS

ARAÚJO, Anderson**. Abandono centenário degrada Soledade**. Caderno Poder pg. 21. Jornal O Liberal. Publicado em: 13 de novembro de 2011.

CAVALCANTI, Alexandra. **Em reverência às santas populares**. Editoria do Caderno Mulher. O Liberal. Disponível em: <http://201.59.48.71/oliberal/arquivo/noticia/mulher/n02112003default.asp> Acessado em: 08/01/2013.

ROCQUE, Carlos. **O Cemitério N. Sra. da Soledade**. Jornal A Província do Pará. Belém/PA. Caderno Cultura. pg. 06. Publicado no dia 20/07/1997.

ANEXOS

Anexo 01: Resolução nº 181 - de 09 de dezembro de 1850, que aprova o Regulamento do cemitério de Nossa Senhora de Soledade, retirado da Dissertação Mestrado de Érika Amorim Silva: O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850 – 1891). São Paulo: 2005. PUC, SP. 2005.

"RESOLUÇÃO Nº 181" – DE 9 DE DEZEMBRO DE 1850.

APPROVA, COM AS ALTERAÇÕES NELLE FEITAS, O REGULAMENTO DO CEMITERIO DE NOSSA SENHORA DE SOLEDADE DESTA CAPITAL DE 25 DE MAIO DE 1850.

Fausto Augusto D'Aguiar, presidente da Provincia do Gram Pará.

Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembléa Legislativa Provincial Decretou, e eu Sanccionei a Resolução seguinte.

Artigo 1. Fica approvado, com as alterações feitas por esta Assembléa, o Regulamento de 25 de maio de 1850, formulado pelo Governo da Provincia para o Cemiterio de Nossa Senhora da Soledade nesta Capital, que acompanha esta Resolução.

Artigo 2. Ficão revogadas quaisquer disposições em contrario.

Mando por tanto a todas as Autoridades, a quem o conhecimento, e execução da referida Resolução pertencer, que a cumprão, e facão cumprir tão inteiramente como nella se contém. O Secretario desta Provincia a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palacio do Governo da Provincia do Gram Pará aos nove dias do mez de dezembro de mil oitocentos e cincoenta, vigesimo nono da Independencia e do Imperio.

Jr. S.

Fausto Augusto d'Aguiar.

Raimundo Alves da Cunha a fez.

Sellada e publicada na Secretaria do Governo a 11 de Dezembro de 1850.

O Secretario Miguel Antonio Nobre.

Registra no Livro 2.° de Leis e Resoluções Pronciaes. Secretaria do Governo da Provincia do Pará 11 de Dezembro de 1850.

João Jozé Pereira

Regulamento

Artigo 1º O Cemiterio actual sito nas immediações do campo da pólvora será denominado – Cemiterio da Soledade, – por ser essa inovação da S.S. Virgem, que, por accordo com o Prelado Diocesano, tem de servir de orago à respectiva capella.

Artigo 2º No dito Cemiterio se observarão as disposições do presente Regulamento, que vão declaradas nos artigos seguintes.

Artigo 3º Todos os enterramentos dos cadáveres dos individuos, que fallecerem nesta cidade, se farão no Cemiterio da Soledade; ficando absolutamente proibidos os ditos enterramentos no interior das Igrejas, ou nos adros das mesmas, ou em Cemitérios a elles annexos.

Desta regra exceptuaõ-se os cadáveres dos individuos, pela sua alta dignidade e gerarchia, estão no uso de serem embalsamados; esta excepção aproveitará somente, quando os cadáveres forem embalsamados effectivamente; pois que neste caso ha simples deposito nas Igrejas; e não enterramento.

Artigo 4º Em consequencia da disposição antecedente, do que se acha estabelecido pela legislação geral e provincial vigente, fica sem vigor, como de nenhum effetio, a escolha de sepulturas privativas, que possão pretender as ordens religiosas, ou terceiras, communidades, confrarias, ou outras corporações.

Artigo 5º Dentro de um anno da data do presente Regulamento, os provimentos de todas as Igrejas desta Capital serão ladrilhados, e as sepulturas existentes entulhadas com terra nova em substituição da terra infeccionada e corrupta, que nas mesmas ora se contêm. Se dentro do praso marcado não estiver cumprida a presente disposição, quesquer individuos parochos, ou directores de confrarias, corporações, ordens terceiras ou religiosas, a cujo cargo estiver a guarda ou a administração da Igreja, soffrerão a multa de 20$000 réis, e oito dias de prisão. Esta pena, quando recahir sobre associações collectivas, será imposta ao chefe, ou principal director, ou meza, que

immediatamente governar, dirigir ou administrar as ditas associações, taes como, Priores, Abbades, Guardiões, Juizes, Ministros, Provedores, Mordomos e Mesa rios. &

Artigo 6º Por cada trez mezes, que decorrerem depois de findo o prazo de um anno marcado no artigo antecedente, a falta de cumprimento, do que no mesmo artigo se determina, será considerada reincidencia; a multa será então de 40$000 réis, e 30 dias de prisão. Só por motivos justos apresenta dos perante a Mesa Administrativa da Santa Casa com a precisa antecedencia, poderá a mesma mesa prorogar estes prasos.

Artigo 7º Não incorrerão nas multas e penas dos dous artigos antecedentes os Vigários das Igrejas Matrizes, por depender a determinação nelles prescripta, de consiganção de fundos nas respectivas leis de orçamento, salvo se, decretada a preciza consignação, deixar de ladrilhar-se o pavimento das mesmas Igrejas por negligencia dos Vigarios.

Artigo 8º Se acontecer que, em contravenção ao disposto no artigo 3º, houver enterramento de algum cadáver fora do Cemiterio da Soledade, terá lugar a multa de 20$000, e 8 dias de prisão e a de 40$000 réis, e 30 dias de prisão nas reincidencias; sendo responsaveis os mesmos individuos, e pela mesma fórma de que trata o artigo 5º. Também pelo mesmo motivo, e na mesma occasião, incorrerá em iguaes penas e multas a pessôa, por cuja solicitação ou diligencia se tiver feito o enterramento fora do Cemiterio publico.

Artigo 9º O terreno do Cemiterio será dividido em quarteis cada um delles destinado para monumentos particulares para catacumbas, para sepulturas de pessoas livres, e para ditas de escravos.

Artigo 10 Os particulares poderão comprar porções de terrenos no interior do Cemitério para jazigo das pessoas de suas familias, e sobre o terreno comprado é-lhes permittido erigir os monumentos, que desejarem.

Artigo 11 As irmandades, corporações, ou ordens terceiras ou religiosas, também poderão comprar separada ou associadamente o terreno preciso para sepulturas no chão. Nos terrenos comprados pelas irmandades e ordens terceiras é permittido sepultarem-se somente os seus irmãos.

Artigo 12 No interior do Cemiterio poderá construir-se, uma ou mais linhas de catacumbas, se assim se julgar conveniente.

Artigo 13 Dar-se-ha, como esmola, por cada enterramento, que se fizer no Cemiterio, e a fim de occorrer as suas despezas, o seguinte:

Por catacumba de propriedade do estabelecimento,
por dous anos..... 20$000

Por plano quadrado do terreno para movimentos
perpétuos á particulares..... 2$000

Por sepultura não chão para pessoas livres e adultos,
ou maiores de oito annos..... 3$000

Por dita para livres menores de oito annos... 1$000

Por dita para escravos..... 1$000

Por dita por praça de pret de linha ou de policia paga, em quanto
a irmadade de Santo Christo não tiver comprado terreno para
Cemiterio próprio: dita por praça da armada 1$000

Artigo 14 terão sepulturas gratis os cadaveres dos pobres fallecidos nos hospitaes da Santa Casa; os dos que forem mandados com certificados dos parochos como pessoas indigentes; e os dos presos pobres.

Artigo 15 O terreno, que fôr comprado pelas irmandades, ordens, e associações religiosas, será na razão de 5$000 réis, por braça quadrada; não sendo permitido cerca-lo com muros, mas sim com simples gradil de madeira ou de ferro.

§ Único. O terreno porém comprado pela irmandade militar de Santo Christo, para o mesmo fim, será na razão de 2$500 réis, por braça quadrada em attenção ao valioso serviço,que tem prestado as praças de linha para a construção do actual Cemiterio.

Artigo 16 As irmandades, corporações, e ordens religiosas farão á sua custa a despeza e serviço dos enterramentos dos seus irmãos; mas sobre este serviço o Administrador do Cemiterio exercerá a preciza fiscalização, quanto a profundidade das sepulturas, tapagem das catacumbas, extracção de ossos, abertura de sepultura &.

Artigo 17. Para o serviço do Cemiterio haverá os seguintes empregados:

Hum Administrador com o ordenado annual de	360$000
Hum Capelão com o dito de.....	300$000
Hum Guarda com o dito de.....	250$000

Todos estes empregados são da nomeação da Meza Administrativa da Santa Casa da Mizericordia.

§ Único. Ficando em vigor as nomeações dos empregados actuaes, cujos lugares não forem extinctos por este Resolução.

Artigo 18. Ao Administrador compete:

§ 1°. Velar pela fiel observancia deste Regulamento.

§ 2°. Não consetir que se dê cadaver algum á sepultura, sem que lhe seja apresentado um bilhete assignado pela autoridade policial respectiva, tendo no verso a nota de haver feito o assento de obito o parocho da matriz, e igualmente no mesmo verso a declaração da molestia assignada pelo Facultauivo assistente, ou pelos encarregados das visitas mortuarias.

§ 3°. Marcar o lucar, onde se hade abrir as sepulturas que serão sempre alinhadas e continuas; e não consentir que as dos adultos tenhão menos de nove palmos de comprimento, e trez de largura, e oito de fundo; e as dos menores de oito annos deis palmos de comprido, dous de largo, e seis de fundo; outrosim, não consentir que as caracumbas ou sepulturas sejão abertas antes do praso de dous annos, contados do dia do enterramento.

§ 4°. Lançar no livro propiro o termo de enterramento de cada cadaver, declarando nelle: 1° nome do morto; 2° a idade; 3° a côr; 4° o estado; 5° o noem do Pai e da Mãe, se forem conhecidos; 6° a naturalidade; 7° a data do fallecimento; 8° a molestia de que tiver fallecido; e se fôr escravo, se acrescentará a estas declarações o nome do senhor, tudo segundo o modelo – A.

§ 5°. Dae certidões dos termis de enterramento, lavrando-as no requerimento da parte sob despacho do Procedor da Santa Casa, percebendo de emolumento por cada certidão a quantia de 320 réis.

§ 6°. Organisar no pirmeiro de cada mez, um mappa dos enterros feitos no Cemiterio durante o mez antecedente, segundo o modelo – B remettendo duas copias deste mappa, uma á Meza Administrativa da Santa Casa, e outra á repartição da policia.

Artigo 19. Ao Capellão compete:

§ 1°. Fazer as encommendações dos cadaveres, se antes não tiverem sido feitas em outra igreja, podendo os interessados promover á sua custa encommendações solemnes na Capella do Cemiterio.

§ 2°. Ter á seo cargo a Capella do Cemiterio, e guarda das alfaias paramentos, e mais objectos pertencentes á Capella.

§ 3°. Residir durante o dia no lugar do Cemiterio, de manhã das 7 as 11 horas, e de tarde das 3 as 6 horas.

§ 4°. Dizer Missa todas as segundas feiras, domingos e dias Santos, pelas almas dos finados sepultados no Cemiterio.

Artigo 20. Ao Guarda compete:

§ 1°. Vigiar que o recinto interno do Cemiterio esteja sempre no melhor estado de aceio; evitar a entrada de animaes, que possão revolver as sepulturas; e tratar da plantação de arvoredo nas ruas, pelos quadros ou quarteis, em que for dividido o terreno do Cemiterio.

§ 2°. Cravar sobre cada uma sepultura, e bem no centro, uma estaca para signal, assignalando na mesma com marca de ferro em brasa, ou com tinta a oleo, o numero do mez, o anno, e a numeração que competir ao cadaver na ordem dos enterramentos; traser varrida e sempre limpa a Capella; e vigiar os corpos que nella forem depositados até serem enterrados.

§ 3°. Fazer abrir as sepulturas, quardando as disposições e dimensões marcadas no § 3° art. 18.

§ 4°. Guardar sob sua responsabilidade, e tratar de todas as ferramentas, e mais objectos proprios do serviço material do Cemiterio

Artigo 21. Todas as sepulturas serão abertas á custa da Santa Casa, e por isso haverá dois escravos da mesma empregadps todos os dias neste serviço; deverão comparacer no Cemiterio ás 6 horas da manhã e retirar-se ás 6 horas e meia da tarde.

Artigo 22. O Guarda é obrigado a rezidir no Cemiterio, durante o dia, e morar na casa que lhe é destinada. O Administrador poderá morar fóra do Cemiterio, devendo comparacer no mesmo das 6 horas da manhã até as 6 horas e meia da tarde.

Artigo 23. O Subdelegado do districto, em que se acha o Cemiterio, e o Mordomo da Ogreja e Cemiterio, inspecionarão o mesmo, dando o primeiro parte á repartição da policia, e o segundo á Meza Administrativa da Santa Casa do estado em que elle se achar, e mencionando as faltas do Administrador; Capellão e Guarda, se as encontrarem.

Artigo 24. As esmolas, de que trata o artigo 13, serão dadas e entregues ao Thesoureiro da Santa Casa; este passará recibo ás partes fazendo lançar pelo Escrivão em livro proprio a quantia recebida.

§ Único. As pessoas, irmandades, corporações, ou ordens terceiras ou religiosas, que quizerem comprar terreno no Cemiterio, dirigirão á Meza Administrativa da Santa Casa os seus requerimentos; depois de cincedidos, o Escrivão lavrará em livro propiro os termos respectivos, e o Thesoureiro receberá a quantia competente.

Artigo 25. A pessoa encarregada do enterramento de qualquer corpo não comprehendido na excepção – gratis – é obirgada a procurar e a obter a nota do assento do obito, do parocho da Matriz; e do medico assistente, ou dos encarregados das vizitas mortuarias, a declaração do nome da molestia no verso do bilhete da polícia; devendo chamar o Facultativo encarregado da vizita mortuarioa; a quem competir, quando o fallecido não tenha tido assistente, a fim de haver a declaração do nome da molestia, como se exige no § 2° do artigo 18; outrossim é obrigado a communicar ao Guarda a hora do enterro, para que a sepultura esteja aberta a tempo. Quando falteao cumpirimento de algumas destas disposições, incorrerá na multa de 10$000 réis, e em oito dias de prisão.

Artigo 26. Quando o enterramento seja feito em catacumbas de propriedade do Cemiterio publico, o Administrador a fará tapar hermeticamente e sem demora.

Artigo 27. A Santa Casa fará á sua custa o enterramento dos cadaveres, que tem sepultura gratis, prestando a mortalha, e fazendo-os conduzir no esquife pelos seus escravos. Os parentes ou amigos das pessoas indigentes, que falleceram, deverão communicar ao Mordomo da Igreja e Cemiterio a morte dessas pessoas, apresentando o certificado do parocho; igual communicação deverá fazer o Carcereiro da Cadeia pelos presos pobres. Recebendo o Mordomo da Igreja e Cemitewrio esta communicação, procederá ao enterramento destes cadaveres, mandando pelo Sacristão buscar o bilhete da policia, e obter a nota de obito pelo parocho, e a declaração do nome da molestia pelo medico assistente, ou encarregado da vizita mortuaria.

Artigo 28. Os Facultativos ficam obrigados a declarar no verso dos bilhetes da policioa o nome da molestia de que tiver fallecido o enfermo entregue aos seus cuidados, e a assignar a dita declaração. Quando não cumpram esta disposição por omissão sua, ou desobediencia, incorrerão na multa de 5$000 réis.

Artigo 27. Haverá Facultativos encarregados de fazer a vizita mortuaria dos cadaveres daquellas pessoas, que tiverem fallecido sem assistencia de um Facultativo: declaração, por presumpção provavel, no verso dos bilhetes da policia, o nome da molestia. A Meza Administrativa nomeará tantos quantos julgar necessarios para este ramo de serviço, tendo sempre em vista que não haja embaraço e demora nos enterramentos por falta de numero conveniente; poderá acumular a nomeação de um, o medico do seu hospital; e arbitrará, a cada um, uma gratificação rasoavel, e á custa do rendimento do Cemiterio; a qual gratificação, depois de approivada pela Junta Definitiva, será submettida á approvação do Governo. Ficam sujeitos á multa do artigo antecedente, quando não se prestem ao chamamento, e disso resulte embaraço ao enterramento do cadaver.

Artigo 30. Á vista dos bilhetes da policia o medico do hospital do Senhor Bom Jezus organisará em cada mez o mappa necrologico da Capital, e do m,ez antecedente; e o entregará ao Escrivão da Santa Casa para o afzer publicar no periodico mais acreditado. O Administrador depois de Ter feito o seu mappa, na forma do § 6° do artigo 18, remetterá ao medico acim,a referido os bilhetes da policia do mez antecedente, sendo obrigado a te-los em boa guarda, e devendo-os conferir com os termos lavrados no livro competente, antes da remessa. Organisado o mappa necrologico, o medico recolherá ao archivo da Santa Casa os referidos bilhetes da policia.

Artigo 31. Os bilhetes da policia para o enterramento dos cadaveres serão impressos a expensas da Santa Casa; e entregues na repartição da policia para d'ahi serem distribuidos pelos Delegados e Subdelegados da Capital.

Artigo 32. Os livros de termos de enterramento, e todos os outros do Cemiterio serão, abertos, rubricados, e encerraos pelo Provedor da Santa Casa, findos e escripturados serão recolhidos ao archivo da mesma.

Artigo 33. Recolhidos os livros de termos de enterramento ao archivo da Santa Casa, pertence ao Escrivão da mesma dar as certidões requeridas, lavrando-as no requerimento da parte sob despacho do provedor; percebendo o Escrivão a quantoa de 320 réis de emolumentos por cada certidão que passar.

Artigo 34. O rendimento do Cemitério será applicado ao pagamento dos ordenados dos respectivos empregados; dos fóros do terreno á Camara Municiapl; do juro de 6 por cento do capital empregado na concluzão do mesmo, e de outras despezas indispensaveis; bem como será applicado á conservação do mesmo Cemiterio; não podendo ser distrahido para despezas com quaesquer outros objectos. Se as esmolas produzirem mais do precizo para estas despezas, o Governo da Provincia poderá reduzir os seus preços, de forma que não haja grande escesso de receita.

Artigo 35. He Permittida a extracção dos ossos aos parentes dos finados sepultados no Cemiterio, uma vez que obtenhão da autoridade ecclesiastica respectiva a necessaria licença, e a apresentem ao provedor da Santa casa para lhe pôr o competente visto. A despeza de extracção de ossos e de sua lavagem; será feita por conta dos mesmos interessados.

Artigo 36. Os epitaphios, que houverem de pôr sobre as sepulturas dos finados, serão previamente approvados pela respectiva autoridade ecclesiatica, e apresentados em seguida ao Provedor da Santa Casa, para lhe pôr o competente visto.

Artigo 37. He permittido fazerem-se as encommendações dos cadaveres na Igreja parochial, ou em qualquer outra Igreja, ou na Capella do Cemiterio, devendo-se dar com antecedencia parte á autoridade policial do districto para Ter conhecimento destes actos religiosos em tempo, sob pena de 20$000 réis de multa, e 8 dias de prisão; e em 40$000 réis, e 15 dias de prisão nas reincidencias. Será respeitado sempre o direito de estóla, do respectivo parocho. A multa, e a pena serão impostas á pessoa encarregada do enterramento, ou da encommendação.

Artigo 38. A pessoa que tratar do enterramento dos individuos de religião protestante, ou de quesquer outros, que tenhão de ser sepultados em Cemiteiros privativos de suas religiões, dará antes parte á autoridade policial do districto, tirando o respectivo bilhete da policia, o qual terá somente no verso a declaração do nome da molestia como se determina no § 2° do artigo 18; o referido bilhete de policia será apresentado e entregue ao Administrador do Cemiteiro publico, a fim de fisclisar o cumprimento do disposto na 2ª parte do § 3° do artigo 18. O contraventos pagará a multa de 20$000 réis, e oito dias de prisão. O Administrador terá um livro especial, em que tome nota destes enterramentos com as declarações prescriptas no § 4° do mencionado artigo 18, a fim de se conhecer com exatidão a mortalidade da Capital.

Artigo 39. O Administrador, o Capelão, e o Guarda do Cemiterio são responsaveis pela execução deste regulamento na parte que a cada um diz respeito pelas infracções que praticarem ou consentirem, cada um será multado em cada infracção na quantia de 10$000 a 20$000 réis, conforme a gravidade da mesma.

Artigo 40. Ass multas impostas por este regulamento não serão executadas conjuctamente com a pena de prisão por dias; esta só poderá Ter lugar, quando o infractor das dipsosições do regulamewnto se opposer ao pagamento da multa devida.

Artigo 41. As multas creadas por este regulamento pertencem á Camara Municipal desta Cidade, o Administrador do cemiterio é obrigado a dar parte das infracções, que occorrerem, ao Fiscal do districto, em que o mesmo se acha, para proseguir na respectiva arrecadação; e pertence ao Fiscal conhecer directamente das infracções, em que incorrer o Administrador.

Artigo 42. O Medico do Hospital da Santa Casa formulará as Instrucções que devem regular as exhumações no Cemiterio para exames juridicos, a fim de se evitar o perigo que traz este acto, quando não é feito com as precauções convenientes; as quaes, depois de approvadas pels Mesa Administrativa, Junta Definitoria, e Governo, farão parte deste regulamento.

Artigo 43. O Chefe de Policia fica igualmente incumbido de velar na pontual observancia deste regulamento podendio fazer instaurar processos de desobediencia a quesquer individuos seculares ou ecclesiasticos, que ponhão entraves, e se opponhão á sua execução.

Artigo 44. Este Regulamento será executado como nelle vai disposto. O Governo da Provincia transmittirá directamente uma copia aoPrelado Diocesano, e por intermedio da repartição da policia aos respectivos parochos da Capital, para não allegarem ignorancia.

Artigo 45. O Governo da Provincia fica autorisado para decidir as dúvidas que se suscitarem na execução deste regulamento submettendo as suas decisões á approvação da Assembléa Legislativa Provincial, na sua proxima reunião.

Palacio do Governo da Provincia do Pará 9 de Dezembro de 1850.

Fausto Augusto de Aguiar.

Anexo 02: Telegrama enviado ao Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, Diretor Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, pelo Sr. Ernesto Cruz, representante do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Estado do Pará, solicitando andamento no Processo de Tombamento do Cemitério da Soledade. Data: 31/03/1948. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro)



MINISTÉRIO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

TELEGRAMA

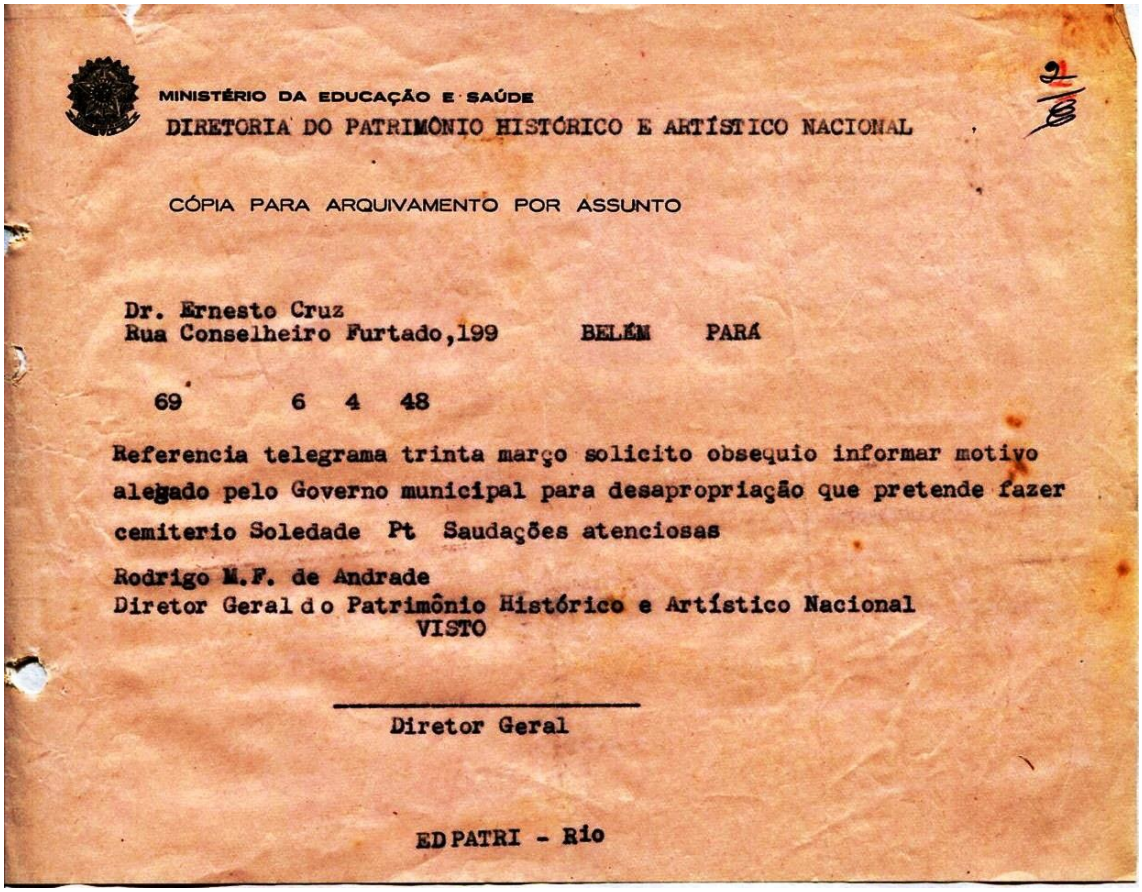
DR ROGRIGO MELO F DE ANDRADE
DIRETOR PATRIMONIO
HISTORICO ARTISTICO NACIONAL
MINISTERIO EDUCACAO 8º AND
RIO DF

PREÂMBULO 7 208 BELEMPA 7949-60-30-1930

COGITANDO GOVERNO MUNICIPAL DESAPROPRIAR
CEMITERIO SOLEDADE ETENDO EU ENVIADO HA
TEMPOS DOCUMENTARIO HISTORICO E FOTOGRAFICO
RAPOSITO TOMBAR ESSE AUTENTICO MONUMENTO
HISTORICO E ATISTICO SOLICITO INFORMACAO
URGENTE ANDAMENTO CITO PROCESSO AFIM ME HABILITE
INTERFERIR ASSUNTO NOME ESSA DIRETORIA AT SDS
CORDIAIS ERNESTO CRUZ -

à D.E.T.
Em 31.3.1948

Anexo 03: Cópia de telegrama datada do dia 06/04/1948 com a resposta do Diretor Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, ao Telegrama enviado pelo Sr. Ernesto Cruz, representante do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Estado do Pará, no dia 31/03/1948, na qual questionava o motivo alegado pelo Governo Municipal para desapropriação do cemitério Soledade. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

CÓPIA PARA ARQUIVAMENTO POR ASSUNTO

Dr. Ernesto Cruz
Rua Conselheiro Furtado,199 BELÉM PARÁ

69 6 4 48

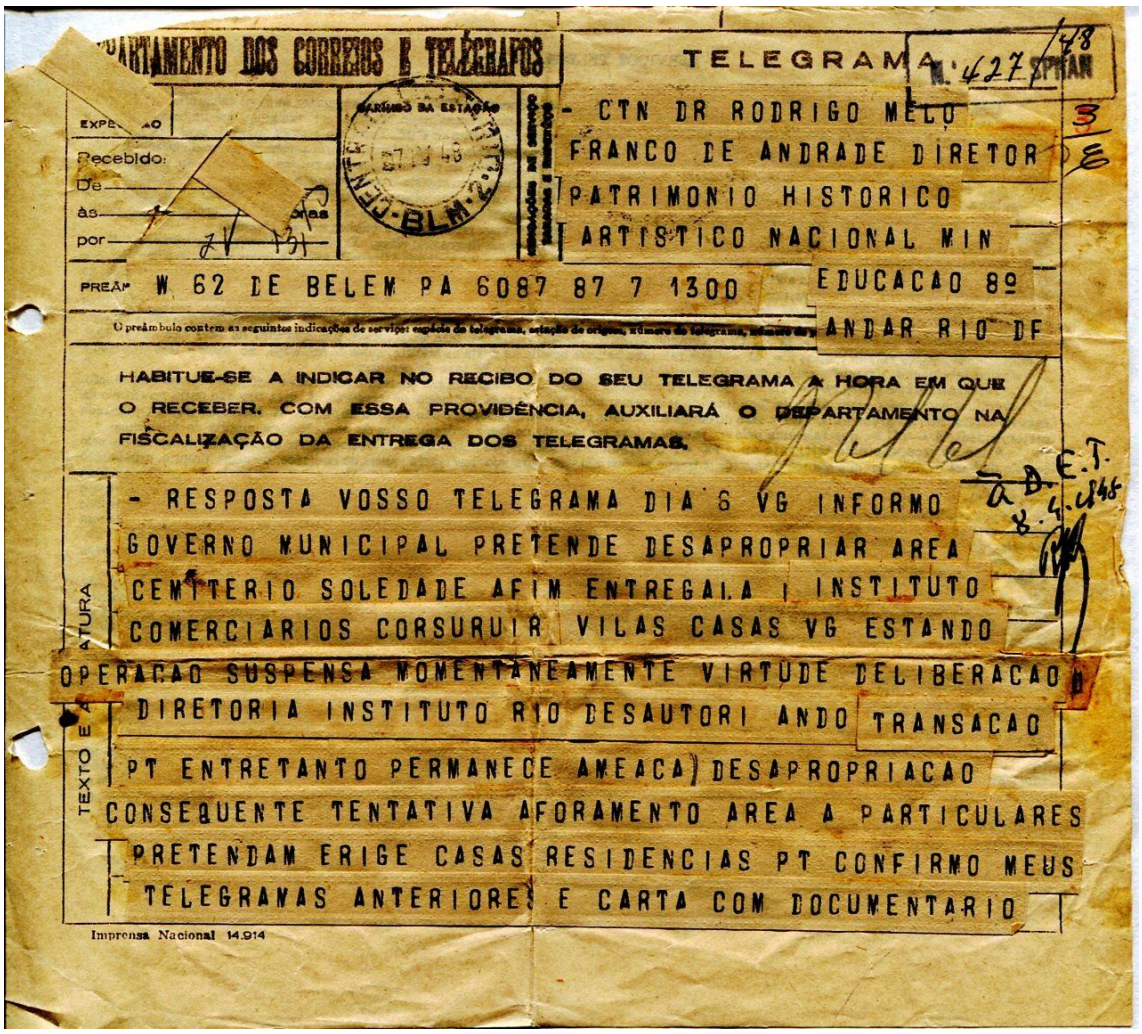
Referencia telegrama trinta março solicito obsequio informar motivo alegado pelo Governo municipal para desapropriação que pretende fazer cemiterio Soledade Pt Saudações atenciosas

Rodrigo M.F. de Andrade
Diretor Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
VISTO

Diretor Geral

ED PATRI - Rio

Anexo 04: Telegrama datado do dia 08/04/1948 e enviado pelo Sr. Ernesto Cruz, representante do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Estado do Pará ao Diretor Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, relatando a pretensão do Governo Municipal desapropriar a área do cemitério para a construção de casas pelo Instituto dos Comerciários. Informa, ainda, que esta operação estava suspensa provisoriamente em virtude da desistência do próprio Instituto, mas que permanecia o risco de "tentativa de aforamento" da área a particulares que pretendam ali erigir residências. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro)



DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

TELEGRAMA N. 427 48 DPHAN

EXPEDIÇÃO
Recebido:
De
às
por

CARIMBO DA ESTAÇÃO — CENTRAL-BLM-2 — 8 4 48

PREÂMBULO — W 62 DE BELEM PA 6087 87 7 1300

- CTN DR RODRIGO MELO FRANCO DE ANDRADE DIRETOR PATRIMONIO HISTORICO ARTISTICO NACIONAL MIN EDUCACAO 8º ANDAR RIO DF

O preâmbulo contem as seguintes indicações de serviço: espécie do telegrama, estação de origem, número do telegrama, número de palavras

HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.

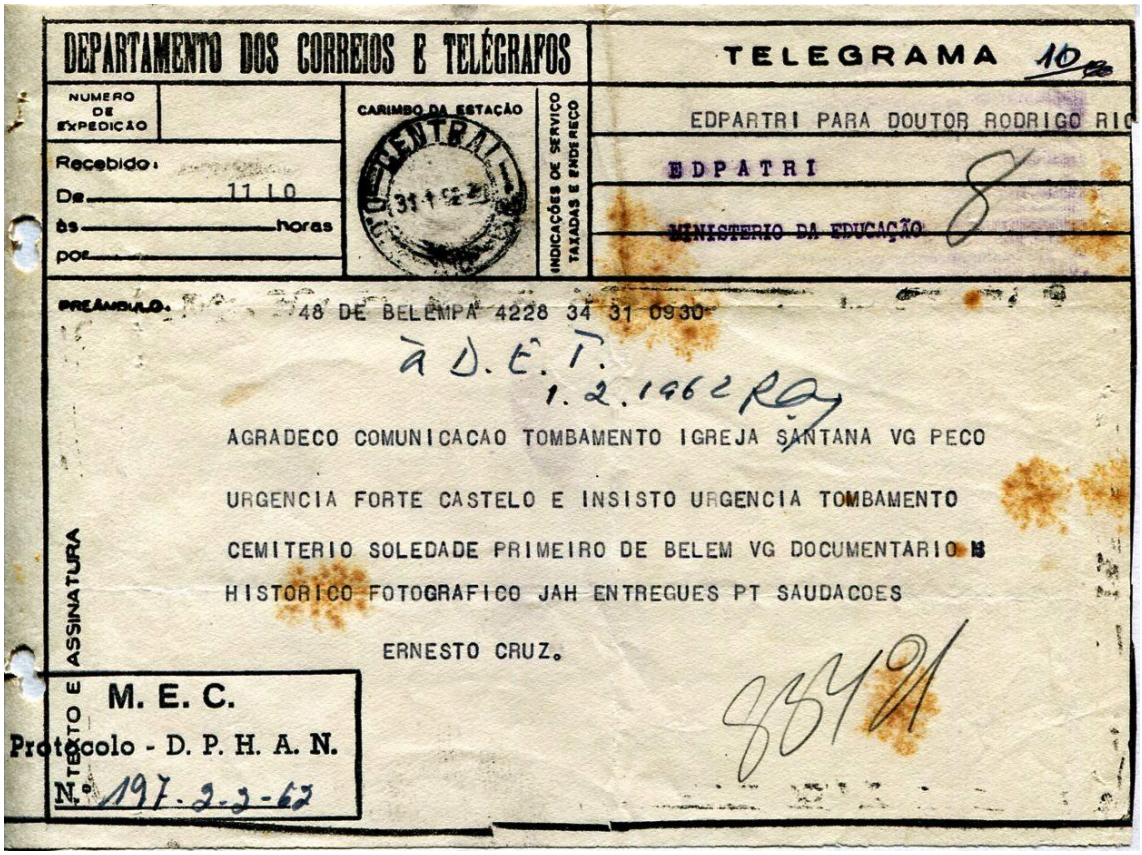
TEXTO E ASSINATURA

- RESPOSTA VOSSO TELEGRAMA DIA 6 VG INFORMO GOVERNO MUNICIPAL PRETENDE DESAPROPRIAR AREA CEMITERIO SOLEDADE AFIM ENTREGALA I INSTITUTO COMERCIARIOS CORSURUIR VILAS CASAS VG ESTANDO OPERACAO SUSPENSA MOMENTANEAMENTE VIRTUDE DELIBERACAO DIRETORIA INSTITUTO RIO DESAUTORI ANDO TRANSACAO PT ENTRETANTO PERMANECE AMEACA) DESAPROPRIACAO CONSEQUENTE TENTATIVA AFORAMENTO AREA A PARTICULARES PRETENDAM ERIGE CASAS RESIDENCIAS PT CONFIRMO MEUS TELEGRAMAS ANTERIORES E CARTA COM DOCUMENTARIO

D.E.T. 8.4.948

Imprensa Nacional 14.914

Anexo 05: Telegrama datado do dia 01/02/1962 e enviado pelo Sr. Ernesto Cruz, representante do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Estado do Pará ao Diretor Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, agradecendo o Tombamento da Igreja de Santana e pedindo urgência no Tombamento do Forte do Castelo e do cemitério da Soledade. Menciona, ainda, o envio anterior de um Documentário Histórico Fotográfico da citada necrópole. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro)



DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

TELEGRAMA 10

NUMERO DE EXPEDIÇÃO

CARIMBO DA ESTAÇÃO

INDICAÇÕES DE SERVIÇO TAXADAS E ENDEREÇO

Recebido: De 11 10 às horas por

EDPARTRI PARA DOUTOR RODRIGO RIO

EDPATRI

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO

PREÂMBULO: 48 DE BELEMPA 4228 34 31 0930

à D.E.T.
1.2.1962 RQ

AGRADECO COMUNICACAO TOMBAMENTO IGREJA SANTANA VG PECO

URGENCIA FORTE CASTELO E INSISTO URGENCIA TOMBAMENTO

CEMITERIO SOLEDADE PRIMEIRO DE BELEM VG DOCUMENTARIO

HISTORICO FOTOGRAFICO JAH ENTREGUES PT SAUDACOES

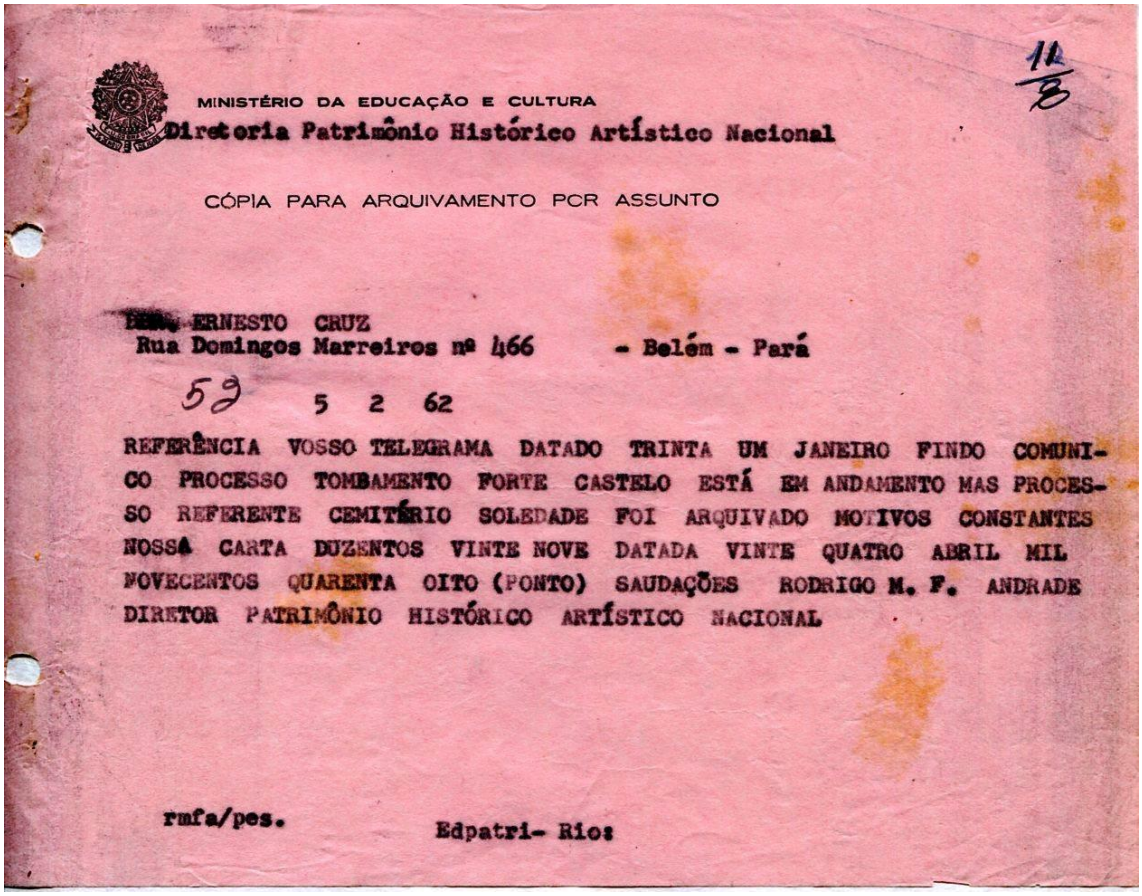
ERNESTO CRUZ.

TEXTO E ASSINATURA

M. E. C.
Protocolo - D. P. H. A. N.
Nº 197-2-2-62

8891

Anexo 06: Cópia datada de 05/02/1962 de telegrama enviado pelo Diretor Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, ao Sr. Ernesto Cruz, representante do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Estado do Pará, informando o andamento do Processo de Tombamento do Forte do Castelo e Arquivamento do Processo do cemitério Soledade, conforme motivos explicitados na Carta 229, de 24/04/1948. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Diretoria Patrimônio Histórico Artístico Nacional

11
B

CÓPIA PARA ARQUIVAMENTO POR ASSUNTO

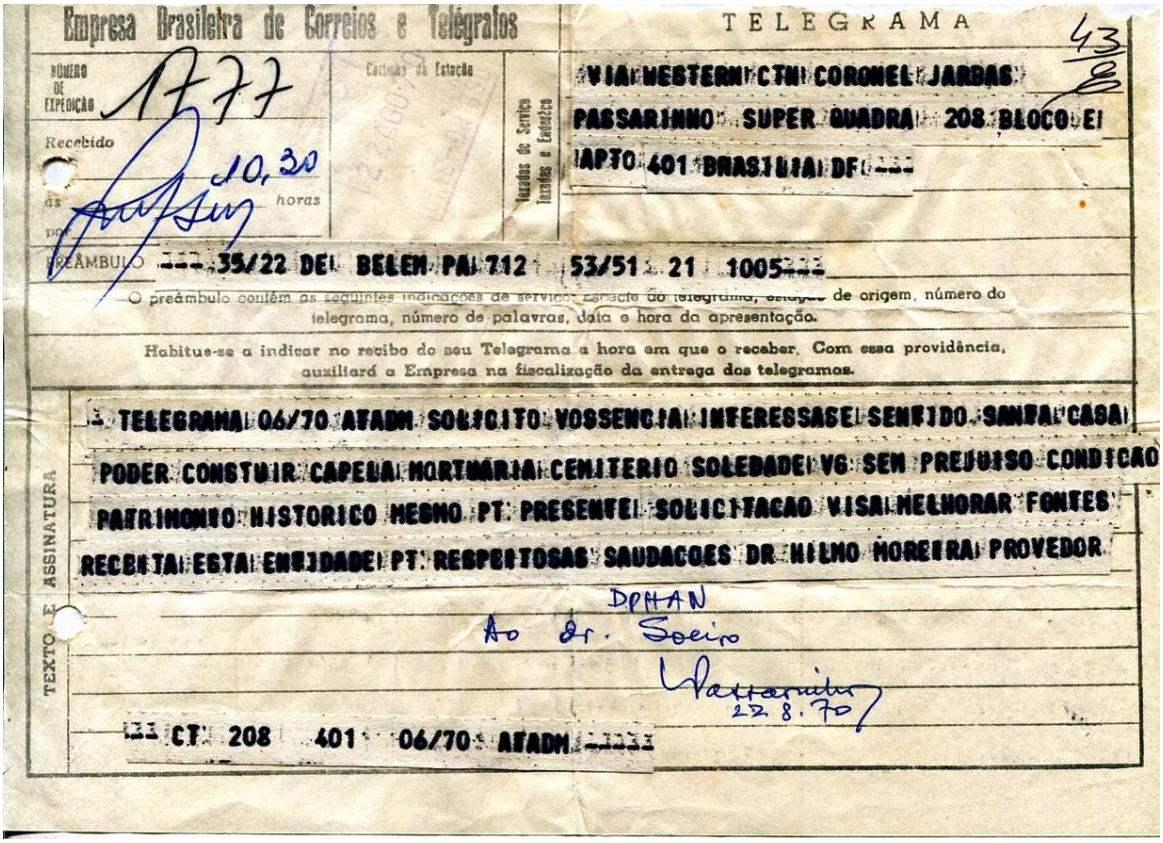
DR. ERNESTO CRUZ
Rua Domingos Marreiros nº 466 - Belém - Pará

59 5 2 62

REFERÊNCIA VOSSO TELEGRAMA DATADO TRINTA UM JANEIRO FINDO COMUNICO PROCESSO TOMBAMENTO FORTE CASTELO ESTÁ EM ANDAMENTO MAS PROCESSO REFERENTE CEMITÉRIO SOLEDADE FOI ARQUIVADO MOTIVOS CONSTANTES NOSSA CARTA DUZENTOS VINTE NOVE DATADA VINTE QUATRO ABRIL MIL NOVECENTOS QUARENTA OITO (PONTO) SAUDAÇÕES RODRIGO M. F. ANDRADE DIRETOR PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL

rmfa/pes. Edpatri- Rio:

Anexo 07: Telegrama enviado pelo Dr. Hilmo Moreira, Provedor da Santa Casa de Misericórdia do Pará ao Coronel Jarbas Passarinho, então Ministro da Educação e Cultura do Governo Emílio Garrastazu Médici, solicitando interesse no caso da solicitação de se construir uma capela mortuária no cemitério da Soledade, a ser administrada pela Santa Casa. Em manuscrito, o Ministro encaminha o telegrama ao Diretor do DPHAN, Sr. Renato Soeiro, em 22.08.70. . (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

TELEGRAMA

43/8

NÚMERO DE EXPEDIÇÃO 1777

Recebido às 10,30 horas

Carimbo da Estação

Visados do Serviço Telefônico e Telegráfico

VIA WESTERN CTNI CORONEL JARBAS PASSARINHO SUPER QUADRA 208 BLOCO EI APTO 401 BRASILIA DF

PREÂMBULO 35/22 DE BELEM PA 712 53/51 21 1005

O preâmbulo contém as seguintes indicações de serviço: espécie do telegrama, estação de origem, número do telegrama, número de palavras, data e hora da apresentação.

Habitue-se a indicar no recibo do seu Telegrama a hora em que o receber. Com essa providência, auxiliará a Empresa na fiscalização da entrega dos telegramas.

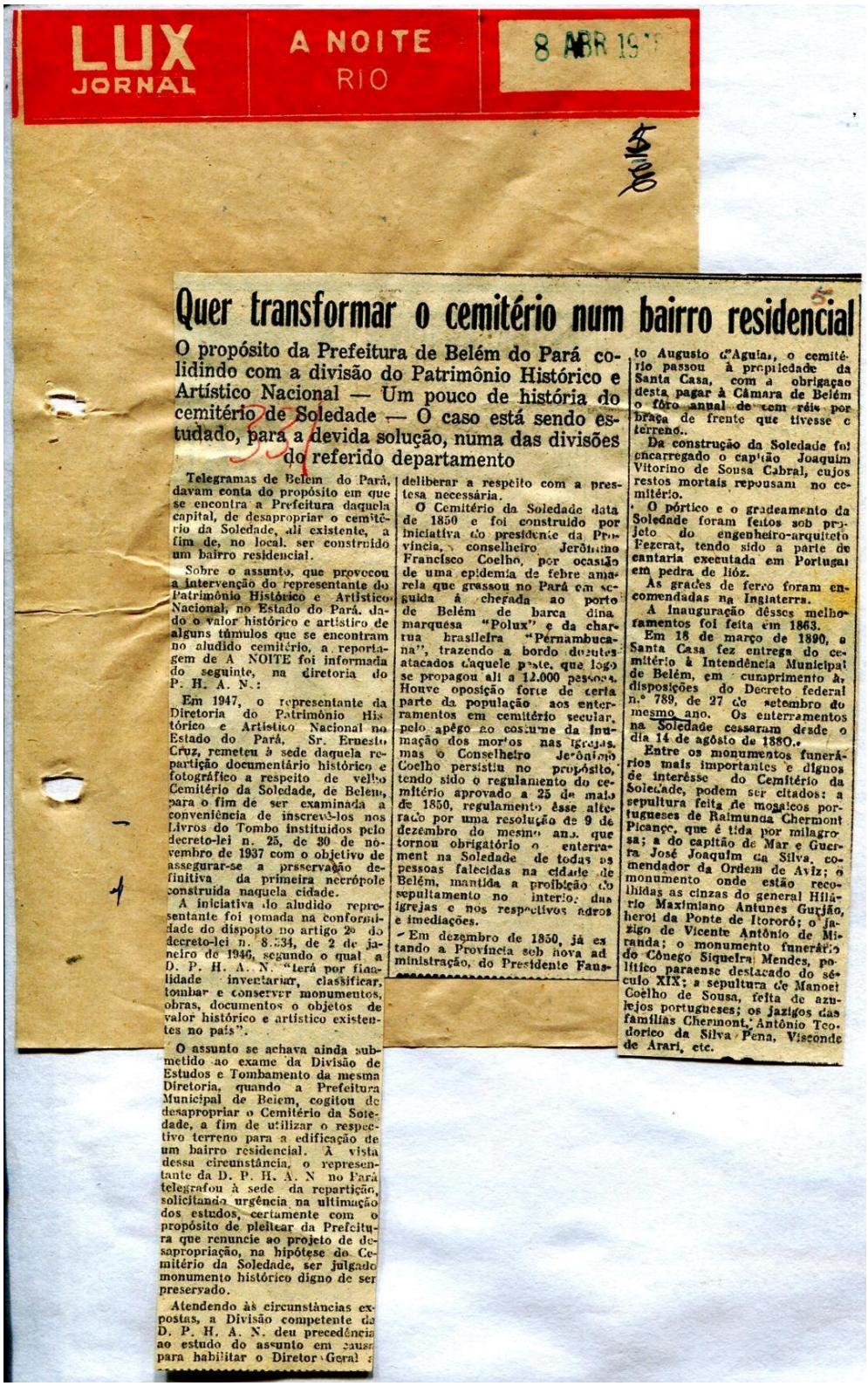
TEXTO E ASSINATURA

TELEGRAMA 06/70 AFADM SOLICITO VOSSENCIA INTERESSASE SENTIDO SANTA CASA PODER CONSTUIR CAPELA MORTUARIA CEMITERIO SOLEDADE VG SEM PREJUISO CONDICAO PATRIMONIO HISTORICO MESMO PT PRESENTE SOLICITACAO VISA MELHORAR FONTES RECEITA ESTA ENTIDADE PT RESPEITOSAS SAUDACOES DR HILMO MOREIRA PROVEDOR

DPHAN
Ao Dr. Soeiro
22.8.70

CT 208 401 06/70 AFADM

Anexo 08: Reportagem do LUX Jornal (A Noite – Rio), do dia 08/04/1948, intitulada "Quer transformar o cemitério num bairro residencial", enviado pelo Sr. Ernesto Cruz, representante do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Estado do Pará ao Diretor Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



LUX JORNAL | A NOITE RIO | 8 ABR 19

Quer transformar o cemitério num bairro residencial

O propósito da Prefeitura de Belém do Pará colidindo com a divisão do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — Um pouco de história do cemitério de Soledade — O caso está sendo estudado, para a devida solução, numa das divisões do referido departamento

Telegramas de Belém do Pará, davam conta do propósito em que se encontra a Prefeitura daquela capital, de desapropriar o cemitério da Soledade, ali existente, a fim de, no local, ser construido um bairro residencial.

Sobre o assunto, que provocou a intervenção do representante do Patrimônio Histórico e Artistico Nacional, no Estado do Pará, dado o valor histórico e artistico de alguns túmulos que se encontram no aludido cemitério, a reportagem de A NOITE foi informada do seguinte, na diretoria do P. H. A. N.:

Em 1947, o representante da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artistico Nacional no Estado do Pará, Sr. Ernesto Cruz, remeteu à sede daquela repartição documentário histórico e fotográfico a respeito de velho Cemitério da Soledade, de Belem, para o fim de ser examinada a conveniência de inscrevê-los nos Livros do Tombo instituidos pelo decreto-lei n. 25, de 30 de novembro de 1937 com o objetivo de assegurar-se a preservação definitiva da primeira necrópole construida naquela cidade.

A iniciativa do aludido representante foi tomada na conformidade do disposto no artigo 2º do decreto-lei n. 8.534, de 2 de janeiro de 1946, segundo o qual a D. P. H. A. N. "terá por finalidade inventariar, classificar, tombar e conservar monumentos, obras, documentos o objetos de valor histórico e artistico existentes no país".

O assunto se achava ainda submetido ao exame da Divisão de Estudos e Tombamento da mesma Diretoria, quando a Prefeitura Municipal de Belem, cogitou de desapropriar o Cemitério da Soledade, a fim de utilizar o respectivo terreno para a edificação de um bairro residencial. A vista dessa circunstância, o representante da D. P. H. A. N no Pará telegrafou à sede da repartição, solicitando urgência na ultimação dos estudos, certamente com o propósito de pleitear da Prefeitura que renuncie ao projeto de desapropriação, na hipótese do Cemitério da Soledade, ser julgado monumento histórico digno de ser preservado.

Atendendo às circunstâncias expostas, a Divisão competente da D. P. H. A. N. deu precedência ao estudo do assunto em causa para habilitar o Diretor Geral a deliberar a respeito com a prestesa necessária.

O Cemitério da Soledade data de 1850 e foi construido por iniciativa do presidente da Provincia, o conselheiro Jerônimo Francisco Coelho, por ocasião de uma epidemia de febre amarela que grassou no Pará em seguida à chegada ao porto de Belém de barca dina marquesa "Polux" e da charrua brasileira "Pernambucana", trazendo a bordo doentes atacados daquele peste, que logo se propagou ali a 12.000 pessoas. Houve oposição forte de certa parte da população aos enterramentos em cemitério secular, pelo apêgo ao costume da inumação dos mortos nas igrejas, mas o Conselheiro Jerônimo Coelho persistiu no propósito, tendo sido o regulamento do cemitério aprovado a 25 de maio de 1850, regulamento êsse alterado por uma resolução de 9 de dezembro do mesmo ano, que tornou obrigatório o enterramento na Soledade de todas as pessoas falecidas na cidade de Belém, mantida a proibição do sepultamento no interior das igrejas e nos respectivos adros e imediações.

Em dezembro de 1850, já estando a Provincia sob nova administração, do Presidente Fausto Augusto d'Aguiar, o cemitério passou à propriedade da Santa Casa, com a obrigação desta pagar à Câmara de Belém o fôro anual de cem réis por braça de frente que tivesse o terreno.

Da construção da Soledade foi encarregado o capitão Joaquim Vitorino de Sousa Cabral, cujos restos mortais repousam no cemitério.

O pórtico e o gradeamento da Soledade foram feitos sob projeto do engenheiro-arquiteto Fezerat, tendo sido a parte de cantaria executada em Portugal em pedra de lióz.

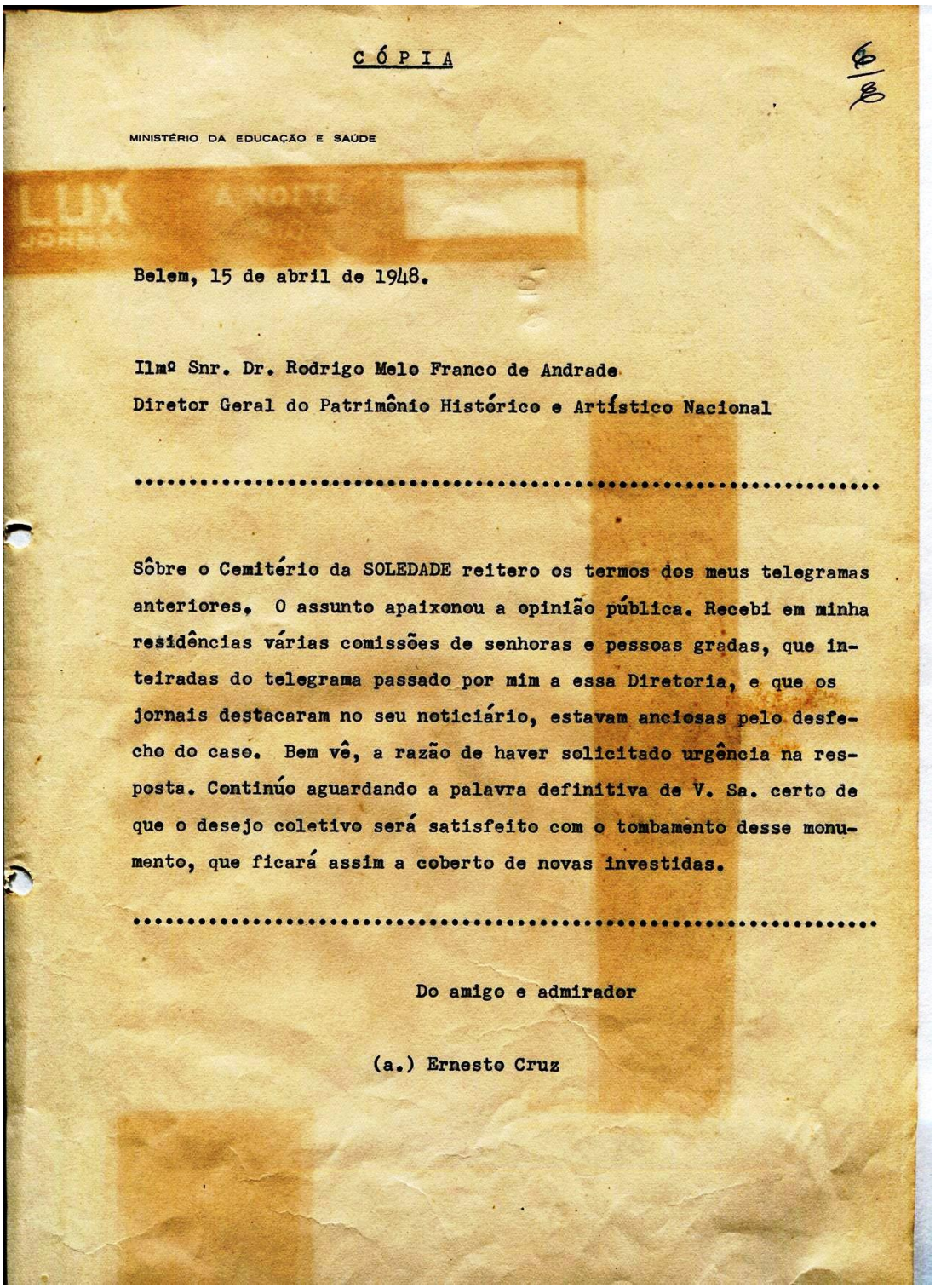
As grades de ferro foram encomendadas na Inglaterra.

A inauguração dêsses melhoramentos foi feita em 1863.

Em 18 de março de 1890, a Santa Casa fez entrega do cemitério à Intendência Municipal de Belém, em cumprimento às disposições do Decreto federal n.º 789, de 27 de setembro do mesmo ano. Os enterramentos na Soledade cessaram desde o dia 14 de agôsto de 1880.

Entre os monumentos funerários mais importantes e dignos de interêsse do Cemitério da Soledade, podem ser citados: a sepultura feita de mosaicos portugueses de Raimunda Chermont Picanço, que é tida por milagrosa; a do capitão de Mar e Guerra José Joaquim da Silva, comendador da Ordem de Aviz; o monumento onde estão recolhidas as cinzas do general Hilário Maximiano Antunes Gurjão, heroi da Ponte de Itororó; o jazigo de Vicente Antônio de Miranda; o monumento funerário do Cônego Siqueira Mendes, político paraense destacado do século XIX; a sepultura de Manoel Coelho de Sousa, feita de azulejos portugueses; os jazigos das famílias Chermont, Antônio Teodorico da Silva Pena, Visconde de Arari, etc.

Anexo 09: Carta datada de 15/04/1948 e enviada pelo Sr. Ernesto Cruz, representante do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Estado do Pará ao Diretor Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, reiterando os escritos em telegramas anteriores e contando sobre a repercussão na opinião pública, inclusive com notas jornalísticas sobre o cemitério da Soledade, reiterando o desejo coletivo de seu Tombamento. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



CÓPIA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

Belem, 15 de abril de 1948.

Ilmº Snr. Dr. Rodrigo Melo Franco de Andrade
Diretor Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

.....

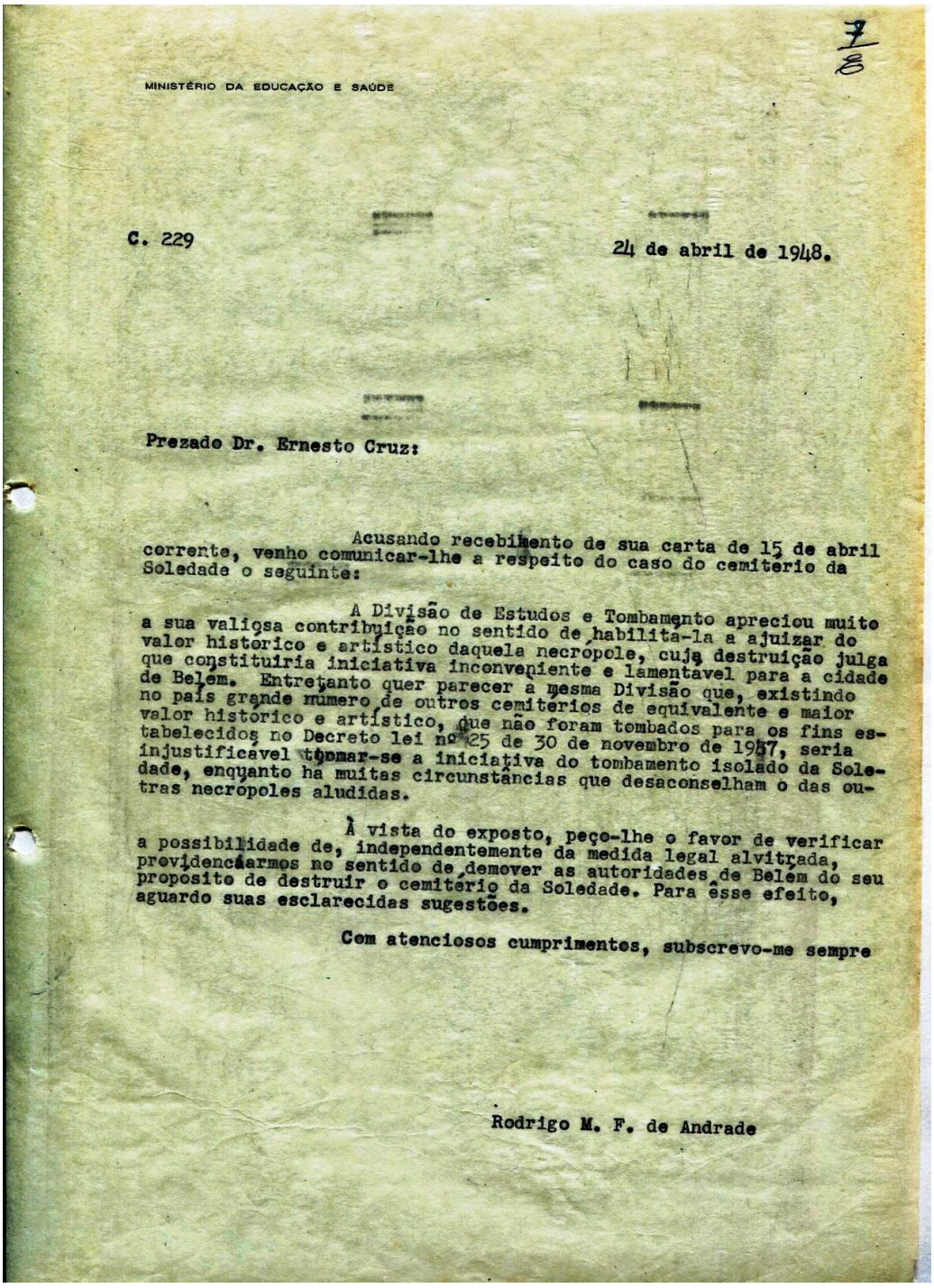
Sôbre o Cemitério da SOLEDADE reitero os termos dos meus telegramas anteriores. O assunto apaixonou a opinião pública. Recebi em minha residências várias comissões de senhoras e pessoas gradas, que inteiradas do telegrama passado por mim a essa Diretoria, e que os jornais destacaram no seu noticiário, estavam anciosas pelo desfecho do caso. Bem vê, a razão de haver solicitado urgência na resposta. Continúo aguardando a palavra definitiva de V. Sa. certo de que o desejo coletivo será satisfeito com o tombamento desse monumento, que ficará assim a coberto de novas investidas.

.....

Do amigo e admirador

(a.) Ernesto Cruz

Anexo10: Carta datada de 24/04/1948 e enviada pelo Diretor Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, ao Sr. Ernesto Cruz, representante do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Estado do Pará, comunicando que embora a Divisão de Estudos de Tombamento reconhecesse que seria "inconveniente e lamentável para a cidade" a destruição da necrópole, mencionava que existiam outros cemitérios no Brasil com "equivalente e maior valor histórico e artístico, que não foram tombados". Desta forma, o Diretor Geral informava que seria injustificável o tombamento isolado do bem, mas solicitou o empenho do Sr. Ernesto Cruz no sentido de demover as autoridades da ideia de demolição da necrópole. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

C. 229

24 de abril de 1948.

Prezado Dr. Ernesto Cruz:

Acusando recebimento de sua carta de 15 de abril corrente, venho comunicar-lhe a respeito do caso do cemiterio da Soledade o seguinte:

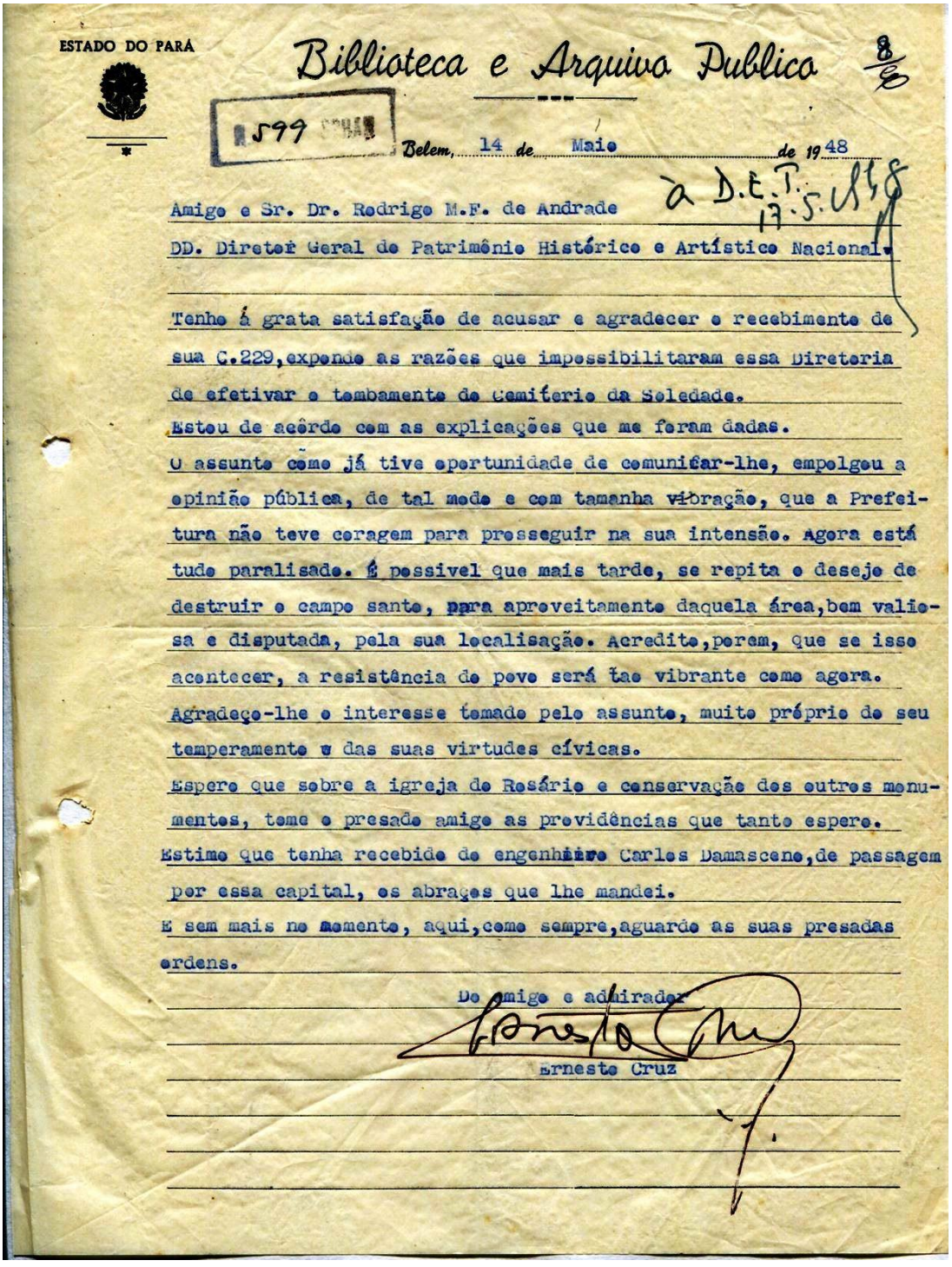
A Divisão de Estudos e Tombamento apreciou muito a sua valiosa contribuição no sentido de habilita-la a ajuizar do valor historico e artistico daquela necropole, cuja destruição julga que constituiria iniciativa inconveniente e lamentavel para a cidade de Belem. Entretanto quer parecer a mesma Divisão que, existindo no país grande numero de outros cemiterios de equivalente e maior valor historico e artistico, que não foram tombados para os fins estabelecidos no Decreto lei nº 25 de 30 de novembro de 1937, seria injustificavel tomar-se a iniciativa do tombamento isolado da Soledade, enquanto ha muitas circunstancias que desaconselham o das outras necropoles aludidas.

À vista do exposto, peço-lhe o favor de verificar a possibilidade de, independentemente da medida legal alvitrada, providenciarmos no sentido de demover as autoridades de Belem do seu proposito de destruir o cemiterio da Soledade. Para esse efeito, aguardo suas esclarecidas sugestões.

Com atenciosos cumprimentos, subscrevo-me sempre

Rodrigo M. F. de Andrade

Anexo 11: Carta em papel timbrado da Biblioteca e Arquivo Público do Estado do Pará, datada de 14/05/1948 e enviada pelo Sr. Ernesto Cruz, representante do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Estado do Pará ao Diretor Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, agradecendo o recebimento da carta 229 e dando ciência das razões da impossibilidade do Tombamento do Soledade, ressaltando que a repercussão do tema na cidade ganhou adesão da opinião pública, motivo este que o fazia acreditar que a necrópole estaria resguardada por algum tempo. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



ESTADO DO PARÁ

Biblioteca e Arquivo Publico

599

Belem, 14 de Maio de 1948

à D.E.T. 17.5.948

Amigo e Sr. Dr. Rodrigo M.F. de Andrade

DD. Diretor Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Tenho á grata satisfação de acusar e agradecer o recebimento de sua C.229, expondo as razões que impossibilitaram essa Diretoria de efetivar o tombamento do Cemiterio da Soledade.

Estou de acôrdo com as explicações que me foram dadas.

O assunto como já tive oportunidade de comunicar-lhe, empolgou a opinião pública, de tal modo e com tamanha vibração, que a Prefeitura não teve coragem para prosseguir na sua intensão. Agora está tudo paralisado. É possivel que mais tarde, se repita o deseje de destruir o campo santo, para aproveitamento daquela área, bem valiosa e disputada, pela sua localisação. Acredito, porem, que se isso acontecer, a resistência do povo será tão vibrante como agora.

Agradeço-lhe o interesse tomado pelo assunto, muito próprio de seu temperamento e das suas virtudes cívicas.

Espero que sobre a igreja do Rosário e conservação dos outros monumentos, tome o presado amigo as providências que tanto espero.

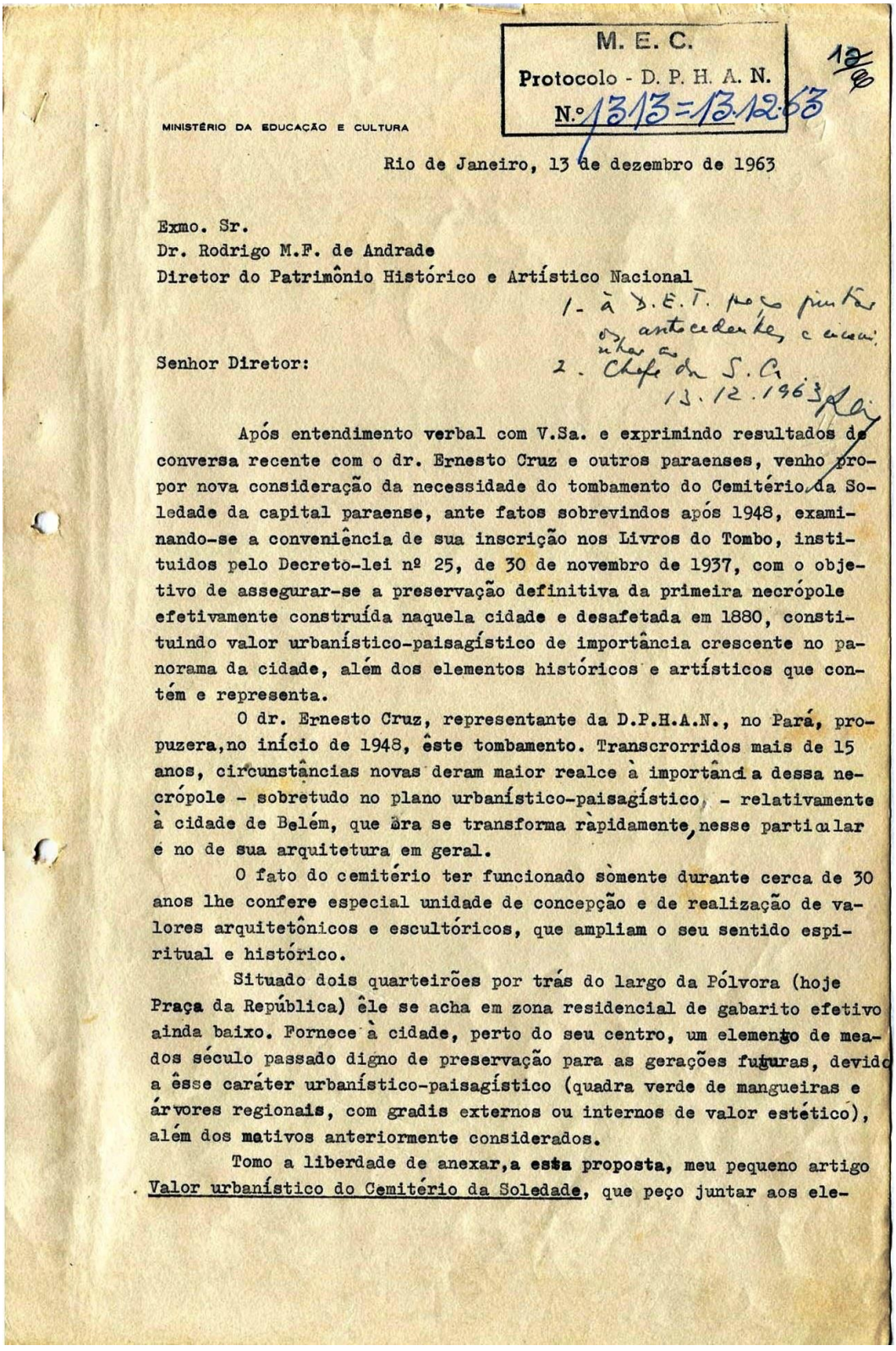
Estimo que tenha recebido do engenheiro Carlos Damasceno, de passagem por essa capital, os abraços que lhe mandei.

E sem mais no momento, aqui, como sempre, aguardo as suas presadas ordens.

Do amigo e admirador

Ernesto Cruz

Anexo 12: Carta datada de 13/12/1963 enviada pelo Professor Catedrático de História da Arte da Universidade do Brasil (ENBA) e membro dos Institutos Históricos e Geográficos do Pará e Brasileiro Sr. Mário Barata ao Diretor Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, propondo nova consideração da necessidade do Tombamento do cemitério Soledade (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



M. E. C.
Protocolo - D. P. H. A. N.
N.º 1313=13.12.63

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1963

Exmo. Sr.
Dr. Rodrigo M.F. de Andrade
Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

1- à D.E.T. para juntar os antecedentes e ouvir a
2. Chefe da S.C.
13.12.1963

Senhor Diretor:

Após entendimento verbal com V.Sa. e exprimindo resultados de conversa recente com o dr. Ernesto Cruz e outros paraenses, venho propor nova consideração da necessidade do tombamento do Cemitério da Soledade da capital paraense, ante fatos sobrevindos após 1948, examinando-se a conveniência de sua inscrição nos Livros do Tombo, instituidos pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, com o objetivo de assegurar-se a preservação definitiva da primeira necrópole efetivamente construída naquela cidade e desafetada em 1880, constituindo valor urbanístico-paisagístico de importância crescente no panorama da cidade, além dos elementos históricos e artísticos que contém e representa.

O dr. Ernesto Cruz, representante da D.P.H.A.N., no Pará, propuzera, no início de 1948, êste tombamento. Transcrorridos mais de 15 anos, circunstâncias novas deram maior realce à importância dessa necrópole - sobretudo no plano urbanístico-paisagístico, - relativamente à cidade de Belém, que ôra se transforma ràpidamente, nesse particular e no de sua arquitetura em geral.

O fato do cemitério ter funcionado sòmente durante cerca de 30 anos lhe confere especial unidade de concepção e de realização de valores arquitetônicos e escultóricos, que ampliam o seu sentido espiritual e histórico.

Situado dois quarteirões por trás do largo da Pólvora (hoje Praça da República) êle se acha em zona residencial de gabarito efetivo ainda baixo. Fornece à cidade, perto do seu centro, um elemento de meados século passado digno de preservação para as gerações futuras, devido a êsse caráter urbanístico-paisagístico (quadra verde de mangueiras e árvores regionais, com gradis externos ou internos de valor estético), além dos mativos anteriormente considerados.

Tomo a liberdade de anexar, a esta proposta, meu pequeno artigo Valor urbanístico do Cemitério da Soledade, que peço juntar aos ele-

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

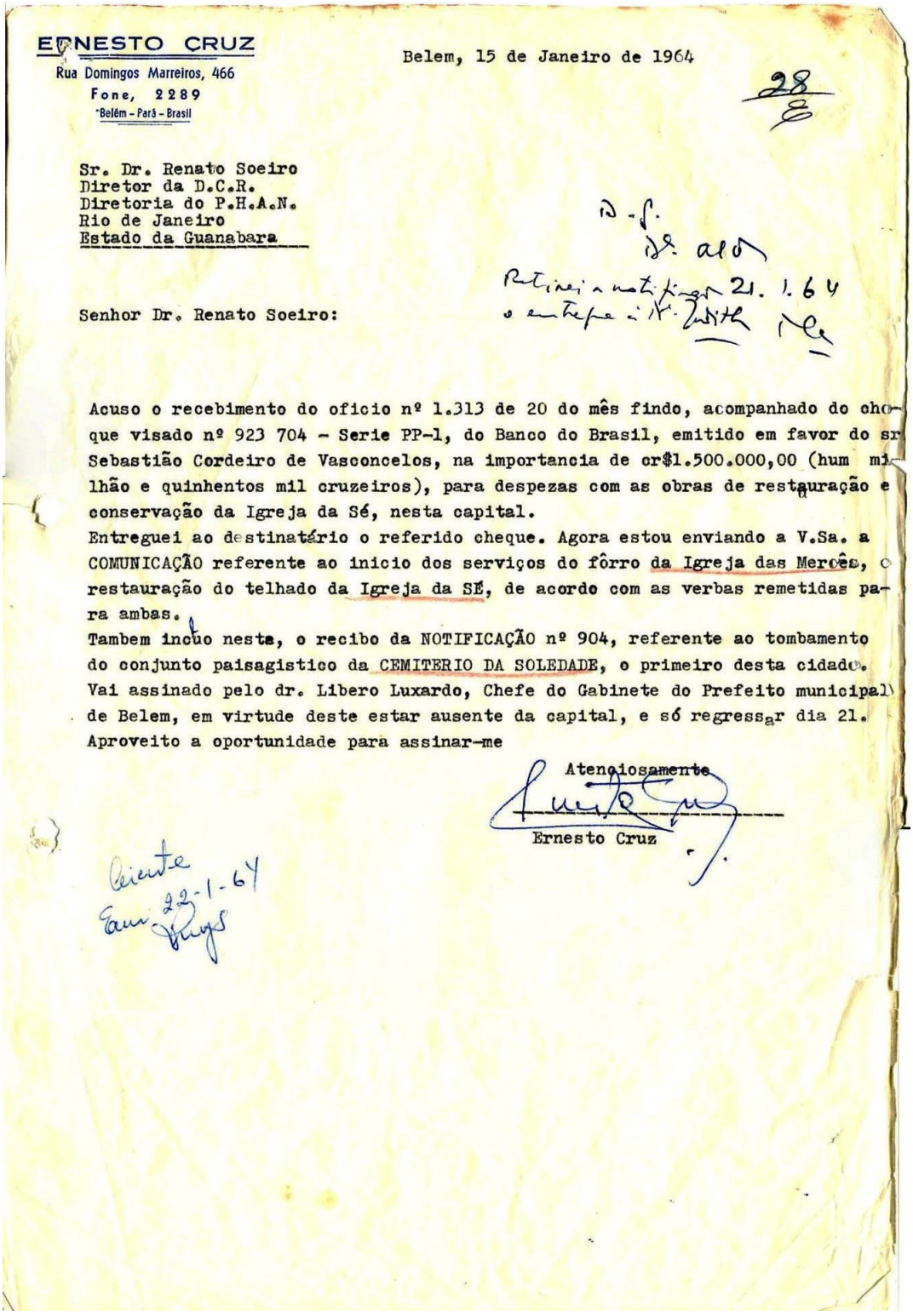
mentos apresentados anteriormente pelo dr. Ernesto Cruz. Como êste reafirmou em 1962 e me foi confirmado no mês passado, permanecem as ameaças de arrasamento do cemitério para construção de edifícios residenciais. É tão grande a pressão imobiliária na capital do Estado, que agora mais do que nunca impõe-se - a meu modo de ver - o tombamento da área do cemitério.

Apresento a V.Sa, os protestos de minha elevada estima e consideração.

M. Barata

Mário Barata
Professor Catedratico de História da Arte da Universidade do Brasil (ENBA) e Membro dos Institutos Histórico e Geográfico do Pará e Brasileiro.

Anexo 13: Carta datada de 15/01/1964 escrita em papel timbrado pessoal pelo Sr. Ernesto Cruz, representante do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Estado do Pará ao Diretor da D.C.R (Diretoria do P.H.A.N.), Sr. Renato Soeiro, acusando recebimento do Ofício nº 1.313 e cheque referentes às obras da Igreja da Sé e o envio do Recibo de Notificação nº 904, do Tombamento do Soledade, assinado pelo Chefe do Gabinete do Prefeito Municipal, Sr. Líbero Luxardo, uma vez que o Alcaide estava ausente da cidade por motivo de viagem.



ERNESTO CRUZ
Rua Domingos Marreiros, 466
Fone, 2289
Belém - Pará - Brasil

Belem, 15 de Janeiro de 1964

28
8

Sr. Dr. Renato Soeiro
Diretor da D.C.R.
Diretoria do P.H.A.N.
Rio de Janeiro
Estado da Guanabara

D.-f.
Dê ao
Retirei a notificação 21. 1. 64
e entreguei à Dª. Judith

Senhor Dr. Renato Soeiro:

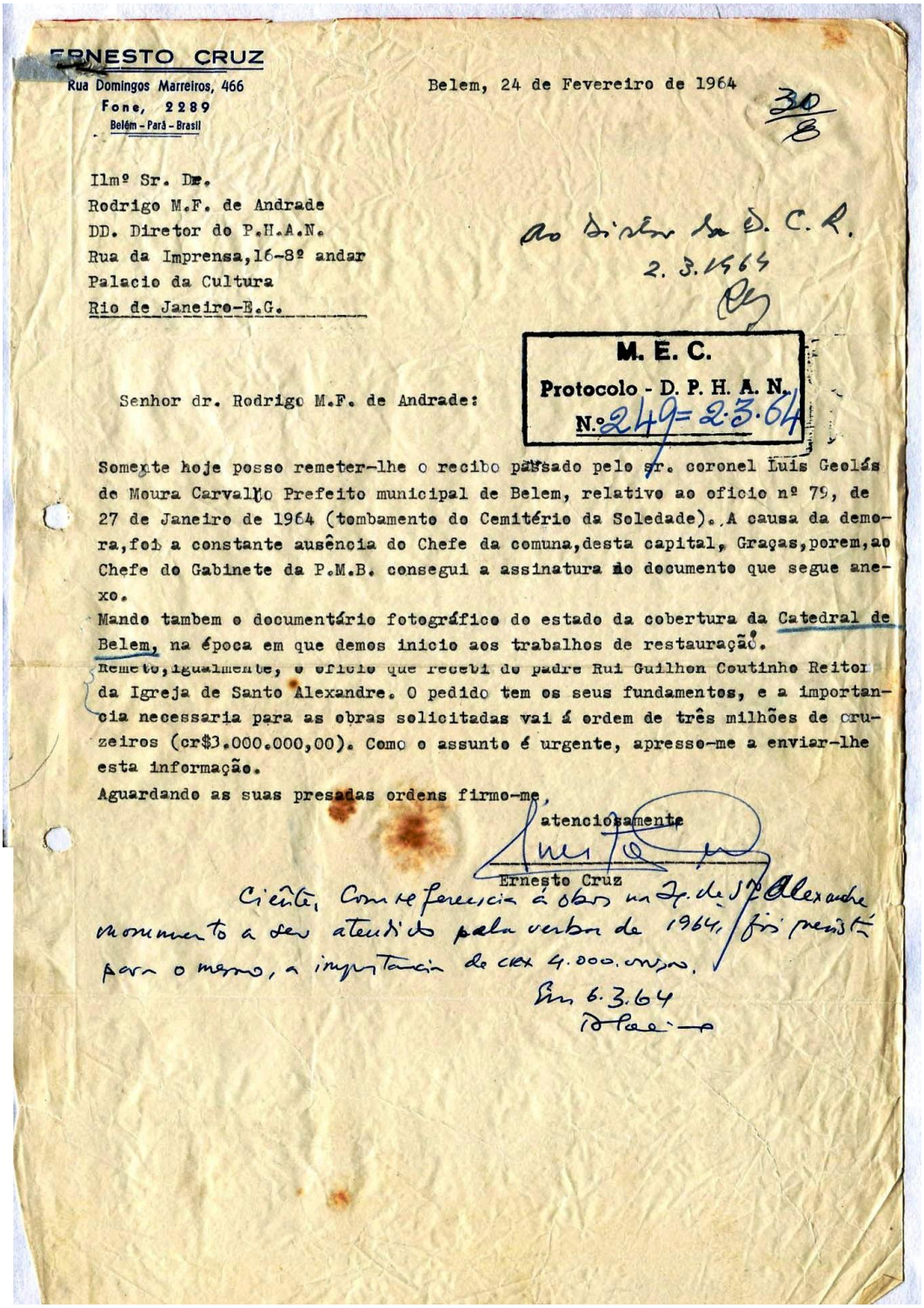
Acuso o recebimento do oficio nº 1.313 de 20 do mês findo, acompanhado do cheque visado nº 923 704 - Serie PP-1, do Banco do Brasil, emitido em favor do sr Sebastião Cordeiro de Vasconcelos, na importancia de cr$1.500.000,00 (hum milhão e quinhentos mil cruzeiros), para despezas com as obras de restauração e conservação da Igreja da Sé, nesta capital.
Entreguei ao destinatário o referido cheque. Agora estou enviando a V.Sa. a COMUNICAÇÃO referente ao inicio dos serviços do fôrro da Igreja das Mercês, o restauração do telhado da Igreja da SÉ, de acordo com as verbas remetidas para ambas.
Tambem incluo nesta, o recibo da NOTIFICAÇÃO nº 904, referente ao tombamento do conjunto paisagistico da CEMITERIO DA SOLEDADE, o primeiro desta cidade.
Vai assinado pelo dr. Libero Luxardo, Chefe do Gabinete do Prefeito municipal de Belem, em virtude deste estar ausente da capital, e só regressar dia 21.
Aproveito a oportunidade para assinar-me

Atenciosamente

Ernesto Cruz

Ciente
Em 22-1-64

Anexo 14: Carta datada de 24/02/1964 enviada em papel timbrado pessoal pelo Sr. Ernesto Cruz, representante do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Estado do Pará ao Diretor Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, justificando a demora no envio em função da "constante ausência do Chefe da comuna" e encaminhando o Recibo de Ofício nº 79 devidamente assinado pelo Prefeito Municipal de Belém, Sr. Coronel Luiz Geolás de Moura Carvalho. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



ERNESTO CRUZ
Rua Domingos Marreiros, 466
Fone, 2289
Belém - Pará - Brasil

Belem, 24 de Fevereiro de 1964

30
B

Ilmº Sr. Dr.
Rodrigo M.F. de Andrade
DD. Diretor do P.H.A.N.
Rua da Imprensa, 16-8º andar
Palacio da Cultura
Rio de Janeiro-E.G.

ao Diretor do D. C. R.
2. 3. 1964

M. E. C.
Protocolo - D. P. H. A. N.
N.º 249 = 2.3.64

Senhor dr. Rodrigo M.F. de Andrade:

Somente hoje posso remeter-lhe o recibo passado pelo sr. coronel Luis Geolás de Moura Carvalho Prefeito municipal de Belem, relativo ao oficio nº 79, de 27 de Janeiro de 1964 (tombamento do Cemitério da Soledade). A causa da demora, foi a constante ausência do Chefe da comuna, desta capital, Graças, porem, ao Chefe do Gabinete da P.M.B. consegui a assinatura do documento que segue anexo.

Mando tambem o documentário fotográfico do estado da cobertura da Catedral de Belem, na época em que demos inicio aos trabalhos de restauração.

Remeto, igualmente, o oficio que recebi do padre Rui Guilhon Coutinho Reitor da Igreja de Santo Alexandre. O pedido tem os seus fundamentos, e a importancia necessaria para as obras solicitadas vai á ordem de três milhões de cruzeiros (cr$3.000.000,00). Como o assunto é urgente, apresso-me a enviar-lhe esta informação.

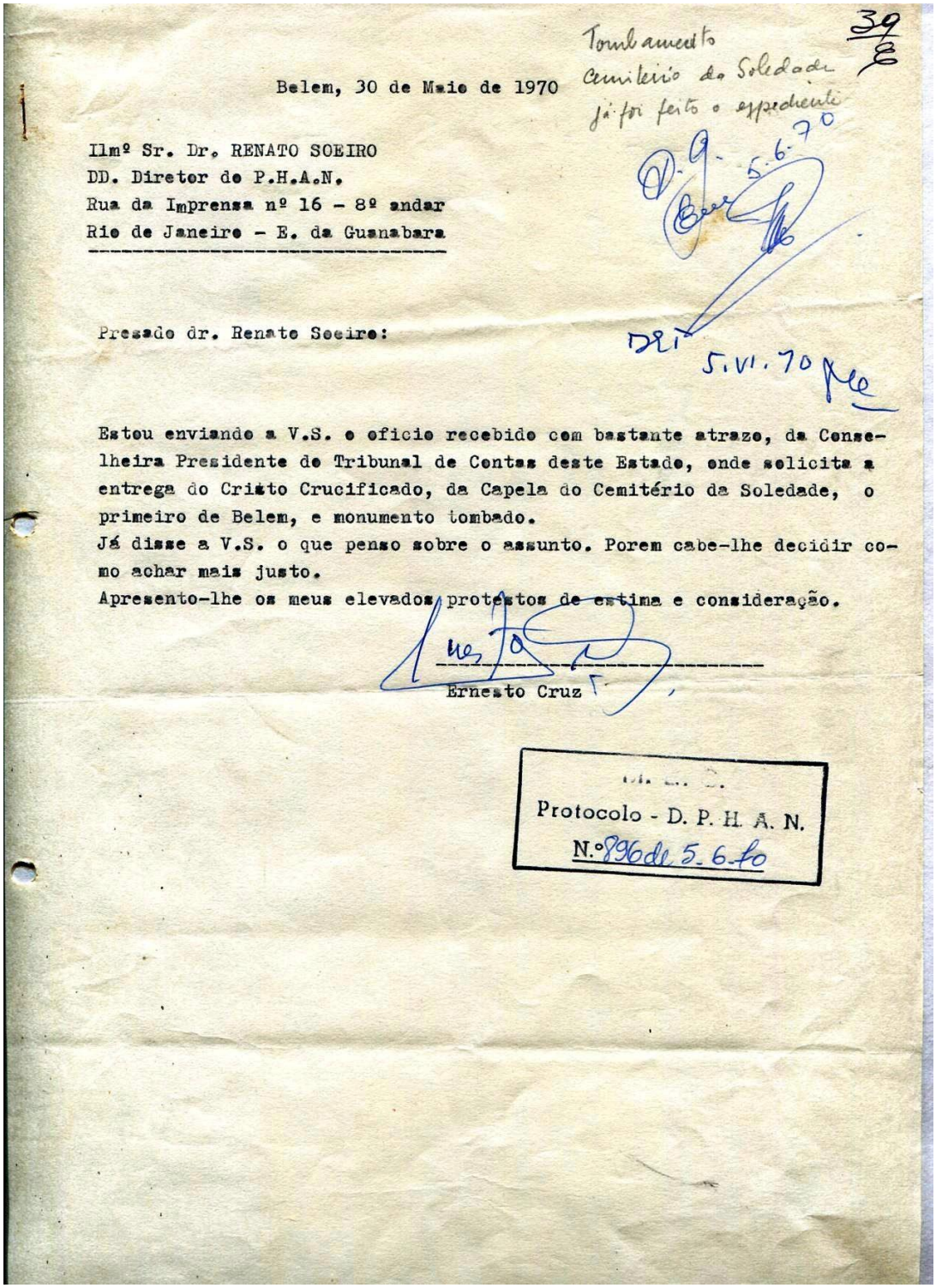
Aguardando as suas presadas ordens firmo-me,

atenciosamente

Ernesto Cruz

Ciente. Com referencia á obra na Igr. de N. S. Alexandre
mencionada a dez atendido pela verba de 1964, foi prevista
para o mesmo, a importancia de cr$ 4.000.000,00.
Em 6.3.64

Anexo 15: Carta datada de 30/05/70, enviada pelo Sr. Ernesto Cruz, representante do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Pará ao Diretor do P.H.A.N. Sr. Renato Soeiro, encaminhado Ofício recebido com atraso da Conselheira Presidente do Tribunal de Contas do Estado solicitando a entrega da imagem do Cristo Crucificado. O representante no Pará escreve: *"Já disse a V. S. o que penso sobre o assunto. Porem cabe-lhe decidir como achar mais justo"*, dando a entender que não concorda com a remoção do bem móvel do local. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



Belem, 30 de Maio de 1970

Tombamento
Cemiterio da Soledade
já foi feito o appropriate

Ilmº Sr. Dr. RENATO SOEIRO
DD. Diretor do P.H.A.N.
Rua da Imprensa nº 16 - 8º andar
Rio de Janeiro - E. da Guanabara

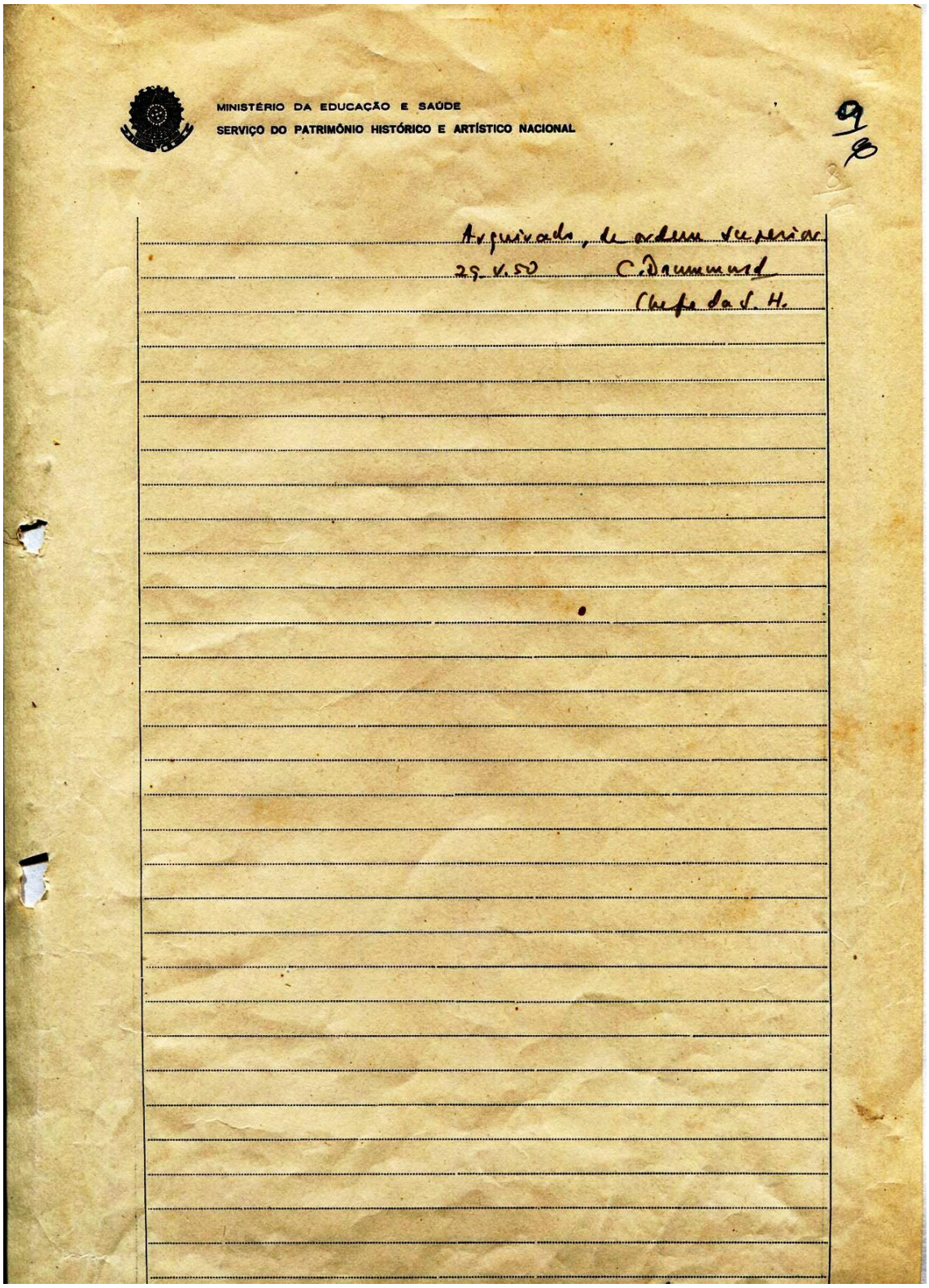
Prezado dr. Renato Soeiro:

Estou enviando a V.S. o oficio recebido com bastante atrazo, da Conselheira Presidente do Tribunal de Contas deste Estado, onde solicita a entrega do Cristo Crucificado, da Capela do Cemitério da Soledade, o primeiro de Belem, e monumento tombado.
Já disse a V.S. o que penso sobre o assunto. Porem cabe-lhe decidir como achar mais justo.
Apresento-lhe os meus elevados protestos de estima e consideração.

Ernesto Cruz

Protocolo - D. P. H. A. N.
N.º 996 de 5.6.70

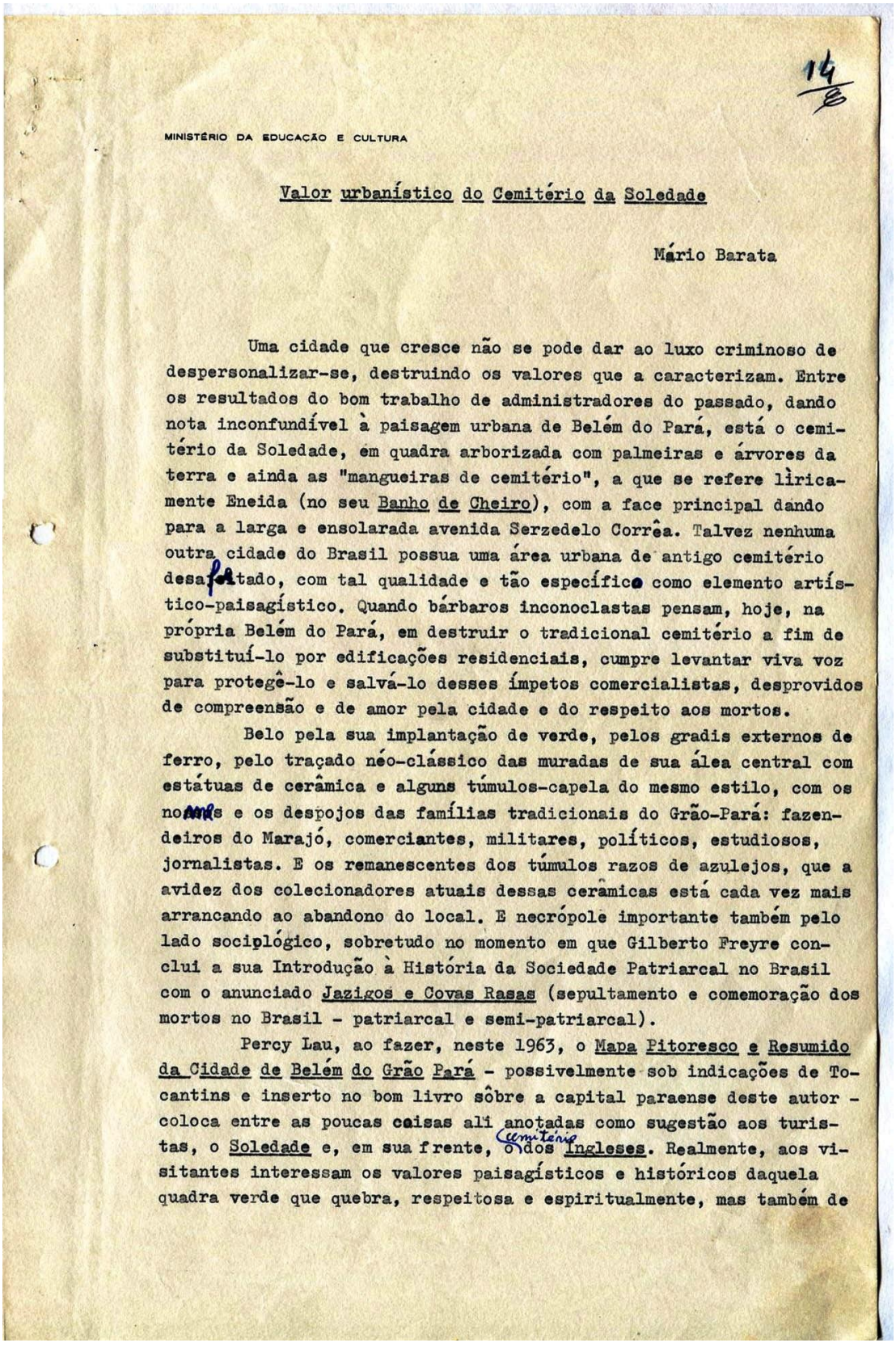
Anexo 16: Ordem de Arquivamento do Processo de Tombamento do cemitério da Soledade assinada por Carlos Drummond de Andrade que era Chefe da Seção Histórica do IPHAN. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).


MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

9
8

Arquivado, de ordem superior
29. V. 50 C. Drummond
Chefe da S. H.

Anexo 17: Artigo "Valor Urbanístico do Cemitério da Soledade" do Profº Mário Barata, anexado à Carta por ele escrita em 13/012/1963 ao Diretor Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



14

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Valor urbanístico do Cemitério da Soledade

Mário Barata

Uma cidade que cresce não se pode dar ao luxo criminoso de despersonalizar-se, destruindo os valores que a caracterizam. Entre os resultados do bom trabalho de administradores do passado, dando nota inconfundível à paisagem urbana de Belém do Pará, está o cemitério da Soledade, em quadra arborizada com palmeiras e árvores da terra e ainda as "mangueiras de cemitério", a que se refere lìricamente Eneida (no seu Banho de Cheiro), com a face principal dando para a larga e ensolarada avenida Serzedelo Corrêa. Talvez nenhuma outra cidade do Brasil possua uma área urbana de antigo cemitério desafetado, com tal qualidade e tão específico como elemento artístico-paisagístico. Quando bárbaros inconoclastas pensam, hoje, na própria Belém do Pará, em destruir o tradicional cemitério a fim de substituí-lo por edificações residenciais, cumpre levantar viva voz para protegê-lo e salvá-lo desses ímpetos comercialistas, desprovidos de compreensão e de amor pela cidade e do respeito aos mortos.

Belo pela sua implantação de verde, pelos gradis externos de ferro, pelo traçado néo-clássico das muradas de sua álea central com estátuas de cerâmica e alguns túmulos-capela do mesmo estilo, com os nomes e os despojos das famílias tradicionais do Grão-Pará: fazendeiros do Marajó, comerciantes, militares, políticos, estudiosos, jornalistas. E os remanescentes dos túmulos razos de azulejos, que a avidez dos colecionadores atuais dessas cerâmicas está cada vez mais arrancando ao abandono do local. E necrópole importante também pelo lado sociplógico, sobretudo no momento em que Gilberto Freyre conclui a sua Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil com o anunciado Jazigos e Covas Rasas (sepultamento e comemoração dos mortos no Brasil - patriarcal e semi-patriarcal).

Percy Lau, ao fazer, neste 1963, o Mapa Pitoresco e Resumido da Cidade de Belém do Grão Pará - possivelmente sob indicações de Tocantins e inserto no bom livro sôbre a capital paraense deste autor - coloca entre as poucas coisas ali anotadas como sugestão aos turistas, o Soledade e, em sua frente, o dos Ingleses. Realmente, aos visitantes interessam os valores paisagísticos e históricos daquela quadra verde que quebra, respeitosa e espiritualmente, mas também de

modo estético, a repetição de casas dos quarteirões fronteiros ou vizinhos, já imaginados proféticamente pela insaciabilidade vampiresca dos especuladores, como áreas de futuros arranhacéus de apartamentos. Só a consciência pública - espiritual e artística -, poderá deter mais uma vez espontâneamente, os resultados das ofertas e tentações do "vil metal", no caso da preservação do cemitério da Soledade, cuja proposta de tombamento estou renovando neste mês, à Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, acompanhando e ampliando, ante fatos novos, a antiga formulação de 1948, feita por Ernesto Cruz.

No décimo quinto capítulo do Santa Maria de Belém do Grão Pará, Leandro Tocantins ressalta, por duas vezes, os magníficos gradis do "Soledade", vindos, ao que parece, da Inglaterra, em meados do século passado, gradis cuja larguesa de rítimo e valor plástico são levemente indicados pelo desenho de Lau. Realmente, nas suas bases de pedra oitocentista e com pilastras laterais, ~~[illegible]~~ limam valor de belesa.

Estudioso da categoria de Arthur Vianna, considerado recentemente por Artur C,F. Reis como um dos quatro maiores historiadores do Pará, desde fins do século passado (1), dedicou atenção ao "Soledade", em sua monografia A Santa Casa da Misericórdia Paraense/ Notícia Histórica/ 1650-1902, editado em Belém nesse último ano. Por ali se sabe que o local do cemitério e o seu início foram estabelecidos pelo notável presidente conselheiro Jerônimo Francisco Coelho, em 1850, durante grande epidemia de febre amarela, no meio de restrições surgidas das classes mais ricas da cidade, habituadas às inhumações nas igrejas.

Só em 1874 nascerá a necrópole de Santa Isabel, cujas obras de muramento externo e gradis foram orçados então, a pedido da Santa Casa, pelo engenheiro Antonio Manuel Gonçalves Tocantins - também estudioso da geografia paraense e autor, entre outros trabalhos de uma Viagem ao Trombetas.

Portaria de 5 de agôsto de 1880, do presidente da Província, dr. José Coelho da Gama e Abreu, Barão de Marajó - geógrafo e historiador - suspendia os enterramentos no Nossa Senhora da Soledade,

---

(1) - No prefácio de História do Pará, de Ernesto Cruz. Universidade do Pará, 1963. 1º v., p. 13.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

visto que a análise do terreno, mixto de argila e areia, revelava-o sob diversos aspectos, impróprio ao fim nobre a que o destinavam até então.

O estudioso que reuniu, todavia, maior documentação sôbre a necrópole foi o já citado Ernesto Cruz, que se baseou em códices manuscritos da Biblioteca e Arquivo Público do Pará e em livros de assentamentos do Cemitério. Intitulou o seu trabalho, terminado ao que parece em abril de 1946 e ao que tudo indica ainda inédito, de O Cemitério de Nossa Senhora da Soledade, enviando-o datilografado e acompanhado de fotografias, à Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em cujo arquivo se encontra. Documento mesmo, pôrtico em cantaria que foi projetado pelo artista Pezerat, de formação néo-clássica, que trabalhou no Rio de Janeiro - na antiga Escola Central (hoje de Engenharia) e na Quinta da Bôa Vista - sendo essa prova de sua atividade no extremo norte do país importante e curiosa para a História da Arte do nosso período imperial. E também apresenta a sóbria e elegante capela néo-clássica, com sineira separada, posterior, em largo arco, no qual elementos de sobrevivência formal barrôco-pombalina se ajustam a uma base bem clássica.

Isolado pelas quatro faces, o "Soledade", incluindo pequenos campos santos de Ordens Terceiras, é área urbanísticamente significativa, na capital paraense, malgrado suas pequenas dimensões.

Divulgarei a seguir outras informações a respeito do tradicional cemitério, fundamentando-me essencialmente no referido trabalho de meu amigo Ernesto Cruz.

4
17
8

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Em dezembro de 1850, já estando a Província sob nova administração, do Presidente Fausto Augusto d'Aguia, o cemitério passou à propriedade da Santa Casa, com a obrigação desta pagar à Câmara de Belém o fôro anual de cem réis por braça de frente que tivesse o terreno.

Da construção da Soledade foi inicialmente encarregado o capitão Joaquim Vitorino de Sousa Cabral, cujos restos mortais repousam no cemitério.

O pórtico e o gradeamento da Soledade foram feitos sob projeto do engenheiro-arquiteto Pezerat, tendo sido a parte de cantaria executada em Portugal em pedra de lióz.

A 28 de janeiro de 1853, fôra firmado contrato entre a Mesa Administrativa da Santa Casa, e o construtor Joaquim Maria Osório, da cidade de Lisboa, representado no ato pelo cidadão Francisco Antônio Fernandes, para o fornecimento dêsse material. Vieram 490 pedras e o portão de ferro, tendo sido aquela "lavrada com ferramenta mais fina nos enfeites e nas guarnições". O gradeamento de ferro encomendado na Inglaterra, por intermédio da firma Singlehurst, Muller & Cia, de Belém, veio pelas barcas "PRINCESS ROYAL" e "EMLY" chegadas em 8 de julho e 19 de setembro de 1853. Em 1854 eram inaugurados os melhoramentos.

Ainda segundo Ernesto Cruz, entre os monumentos funerários mais importantes ou dignos de interêsse, no "Soledade" podem citar-se: o jazigo do major Gaspar Leitão da Cunha, pai do presidente da Província do Pará, Ambrósio Leitão da Cunha; o de Vicente Antônio de Miranda, comendador da Ordem de Cristo e Oficial da Imperial Ordem da Rosa. Deixou um vultoso legado á Santa Casa de Misericórdia do Pará, com o qual foi possível a construção do pórtico e do gradeamento da Soledade; o monumento onde estão as cinzas do general Hilário Maximiano Antunes Gurjão, heroi da ponte de Itororó. Foi construído nas oficinas de Lombardi, na Bréscia. O trabalho de escultura foi feito pelo professor Allegretri, do Instituto de Belas Artes de Roma; o do capitão de mar e guerra José Joaquim da Silva; o do cônego Siqueira Mendes; o de Manoel Coelho de Sousa e outros jazigos como os das famílias Chermont, Barata, Antônio Teodorico da Silva Pena, Visconde de Arari, ~~xxx~~ Joaquim Marcelino Rosa, Joaquim Roberto da Silva e a sepultura de azulejos portugueses de Raimund Chermont Picanço, que é tida como milagrosa.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Com o início da República deu-se a secularização dos cemitérios - aliás sem indenização à Santa Casa Paraense dos capitais ali empregados, ao lados dos da Província. Um termo de entrega em 1891 das citadas necrópoles (belenenses), autorizada aos 17 de outubro de 1890, vem reproduzido na íntegra no livro de Arthur Vianna (2). Ali se relacionam as alfaias e imagens da capela da Soledade. Achar-se-ão ainda no local?

O representante da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional propuzera, como vimos, no início de 1948, a inscrição em Livro do Tombo, do tradicional cemitério. Passados mais de 15 anos, circunstâncias novas deram maior realce à importância dessa necrópole - sobretudo no plano urbanístico-paisagístico, - relativamente à cidade de Belém, que ora se transforma ràpidamente nesse particular e no de sua arquitetura em geral.

O fato do cemitério ter funcionado sòmente durante cerca de 30 anos lhe confere especial unidade de concepção e de realização de valores arquitetônicos e escultóricos, que ampliam o seu sentido espiritual e histórico.

Situado 2 quarteirões por detrás do largo da Pólvora (hoje Praça da República) êle se acha em zona residencial ainda baixa, mas perto do seu centro. Fornece à cidade um elemento de meados do século passado digno de preservação para as gerações futuras, por êsse caráter urbanístico-paisagístico, além dos motivos anteriormente considerados.

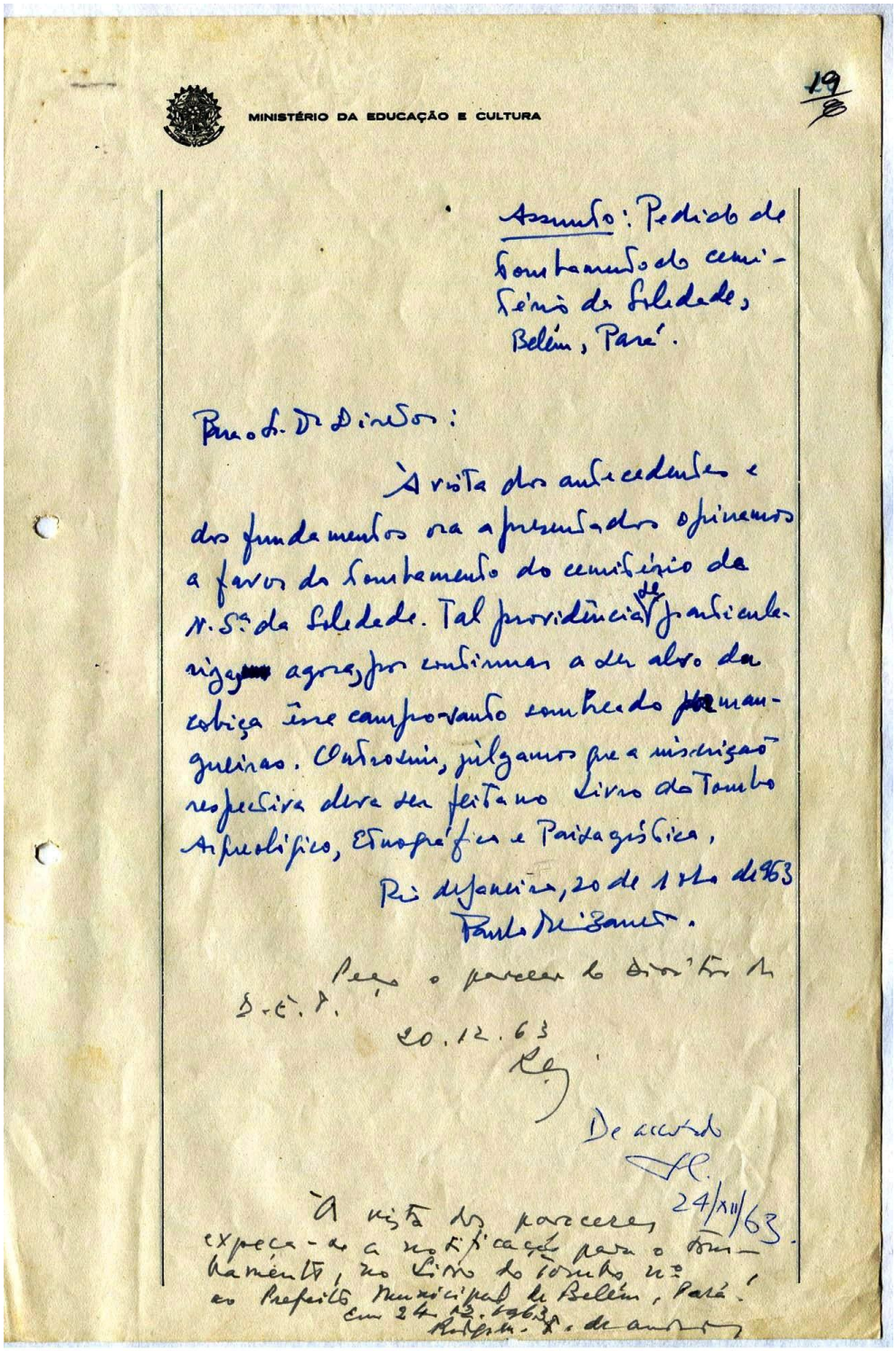
Cumpre ao povo de Belém - do Pará, do país inteiro - lutar pela preservação do antigo cemitério. Entre tantos êrros urbanísticos dos últimos anos - na sêde cega de dinheiro que caracteriza os homens de hoje - não se cometa mais êste.

Que a Serzedêlo Corrêa e suas travessas, ao alcance do largo da Pólvora, tenham os seus velhos cemitérios, a mostrar um pouco do antigo Belém, do grande Belém de outras épocas, com o respeito devido aos ancestrais e ao passado.

---

(2) - Op. cit. Em nota nas p.p. 344-5-6.

Anexo 18: Parecer emitido pelo Arquiteto Paulo Thedim Barreto, datado de 20/12/1963, que assim encaminha ao Diretor sua opinião favorável ao Tombamento do Soledade: "*À vista dos antecedentes e dos fundamentos ora apresentados, opinamos a favor do tombamento do Cemitério da N. Sra. da Soledade. Tal providência se particulariza agora por continuar a ser alvo da cobiça êsse comprovado sombreado por mangueiras. Outrossim, julgamos que a inscrição respectiva deva ser feita no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e paisagístico".* (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

19

Assunto: Pedido de tombamento do cemitério da Soledade, Belém, Pará.

Ao Sr. Diretor:

À vista dos antecedentes e dos fundamentos ora apresentados opinamos a favor do tombamento do cemitério da N. Sra. da Soledade. Tal providência particulariza agora por continuar a ser alvo da cobiça êsse comprovado sombreado por mangueiras. Outrossim, julgamos que a inscrição respectiva deva ser feita no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagística.

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1963

Paulo Thedim Barreto.

Peço o parecer do Sr. Diretor

D.C.P.

20.12.63

De acordo

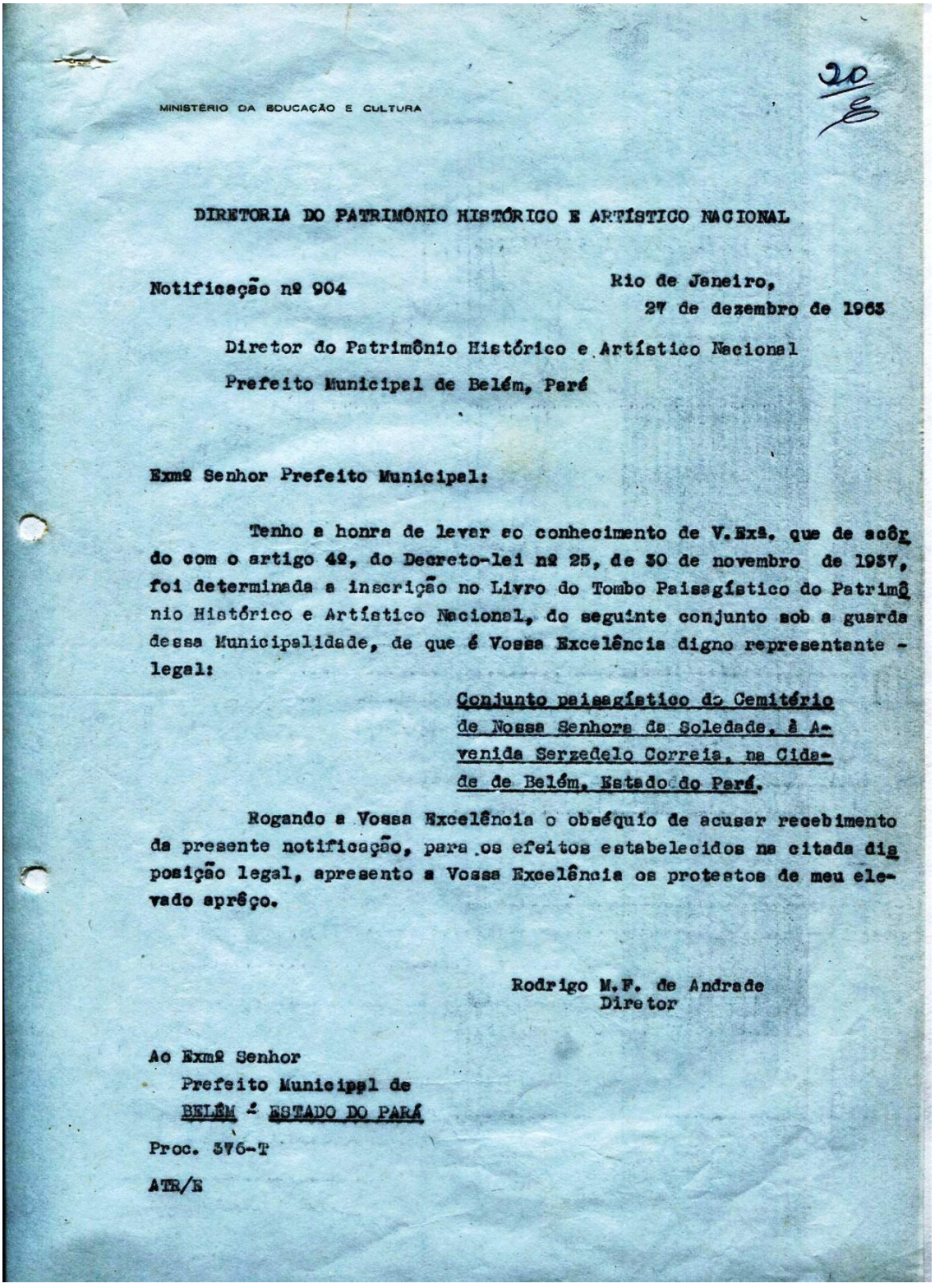
24/XII/63.

À vista do parecer expeça-se a notificação para o tombamento, no Livro do Tombo nº

ao Prefeito Municipal de Belém, Pará.

Em 24 de dezembro de 1963.

Anexo 19: Notificação nº 904, datada de 27/12/1963, emitida pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, na pessoa de seu Diretor Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade e encaminhada ao Prefeito Municipal de Belém/PA, informando a Inscrição do cemitério da Soledade no Livro do Tombo Paisagístico do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com base Decreto-Lei nº 25 de 30/11/37. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

20
E

DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Notificação nº 904

Rio de Janeiro,
27 de dezembro de 1963

Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Prefeito Municipal de Belém, Pará

Exmº Senhor Prefeito Municipal:

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V.Exª. que de acôr do com o artigo 4º, do Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, foi determinada a inscrição no Livro do Tombo Paisagístico do Patrimô nio Histórico e Artístico Nacional, do seguinte conjunto sob a guarda dessa Municipalidade, de que é Vossa Excelência digno representante - legal:

Conjunto paisagístico do Cemitério de Nossa Senhora da Soledade, à Avenida Serzedelo Correia, na Cidade de Belém, Estado do Pará.

Rogando a Vossa Excelência o obséquio de acusar recebimento da presente notificação, para os efeitos estabelecidos na citada disposição legal, apresento a Vossa Excelência os protestos de meu elevado aprêço.

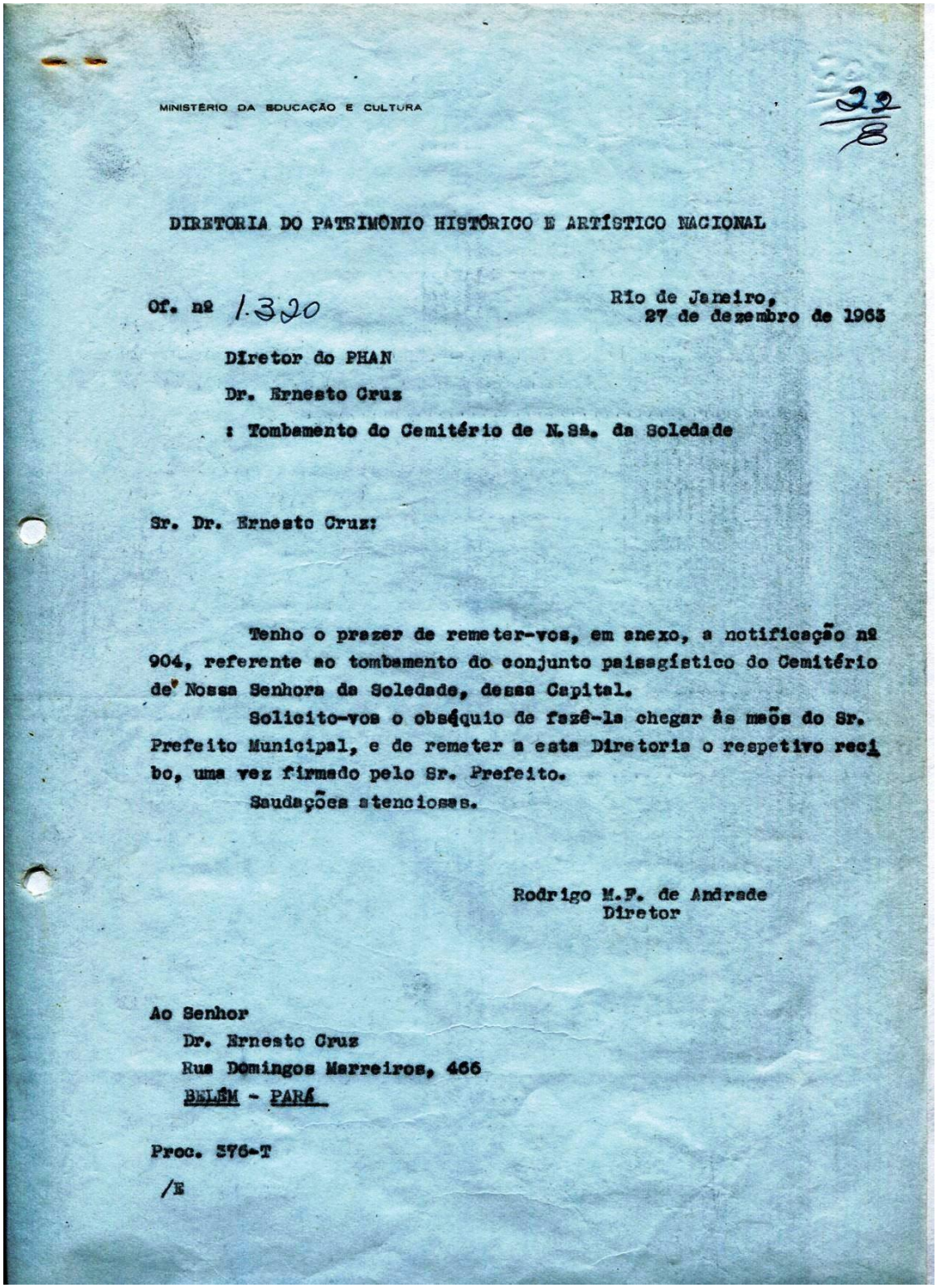
Rodrigo M.F. de Andrade
Diretor

Ao Exmº Senhor
Prefeito Municipal de
BELÉM - ESTADO DO PARÁ

Proc. 376-T

ATR/E

Anexo 20: Ofício nº 1.320, datado de 27/12/1963, emitido pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, na pessoa de seu Diretor Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade e encaminhado ao Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Sr. Ernesto Cruz. O Diretor Geral informa remeter em anexo a Notificação nº 904 referente ao Tombamento do Soledade, para que o Sr. Ernesto Cruz fizesse chegar o documento às mãos do Prefeito de Belém para ser devidamente assinado e devolvido. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

22/8

DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Of. nº 1.320

Rio de Janeiro,
27 de dezembro de 1963

Diretor do PHAN

Dr. Ernesto Cruz

: Tombamento do Cemitério de N.Sa. da Soledade

Sr. Dr. Ernesto Cruz:

Tenho o prazer de remeter-vos, em anexo, a notificação nº 904, referente ao tombamento do conjunto paisagístico do Cemitério de Nossa Senhora da Soledade, dessa Capital.

Solicito-vos o obséquio de fazê-la chegar às mãos do Sr. Prefeito Municipal, e de remeter a esta Diretoria o respetivo recibo, uma vez firmado pelo Sr. Prefeito.

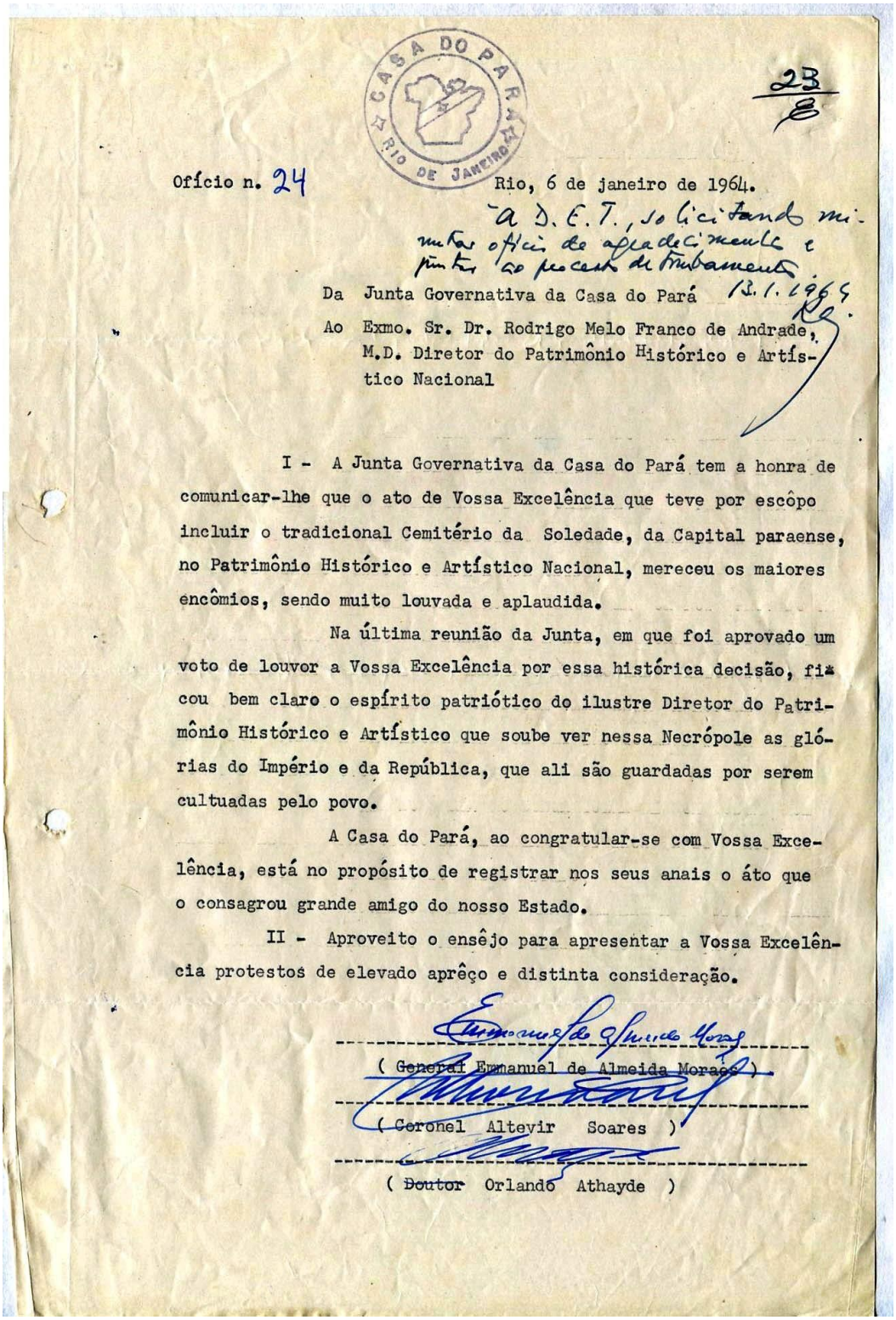
Saudações atenciosas.

Rodrigo M.F. de Andrade
Diretor

Ao Senhor
Dr. Ernesto Cruz
Rua Domingos Marreiros, 466
BELÉM - PARÁ

Proc. 376-T
/E

Anexo 21: Ofício nº 24, datado de 06/01/64, emitido pela Junta Governativa da Casa do Pará e encaminhado ao Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade. Informa a concessão de Voto de Louvor a este Diretor pelo Tombamento do cemitério da Soledade, porque *"soube ver nessa Necrópole as glórias do Império e da República, que ali são guardadas por serem cultuadas pelo povo"*. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



CASA DO PARÁ
RIO DE JANEIRO

23
8

Ofício n. 24 Rio, 6 de janeiro de 1964.

a D.E.T., solicitando minutar ofício de agradecimento e pintar o pergaminho de tombamento 13.1.1964

Da Junta Governativa da Casa do Pará

Ao Exmo. Sr. Dr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, M.D. Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

I - A Junta Governativa da Casa do Pará tem a honra de comunicar-lhe que o ato de Vossa Excelência que teve por escôpo incluir o tradicional Cemitério da Soledade, da Capital paraense, no Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, mereceu os maiores encômios, sendo muito louvada e aplaudida.

Na última reunião da Junta, em que foi aprovado um voto de louvor a Vossa Excelência por essa histórica decisão, ficou bem claro o espírito patriótico do ilustre Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico que soube ver nessa Necrópole as glórias do Império e da República, que ali são guardadas por serem cultuadas pelo povo.

A Casa do Pará, ao congratular-se com Vossa Excelência, está no propósito de registrar nos seus anais o áto que o consagrou grande amigo do nosso Estado.

II - Aproveito o ensêjo para apresentar a Vossa Excelência protestos de elevado aprêço e distinta consideração.

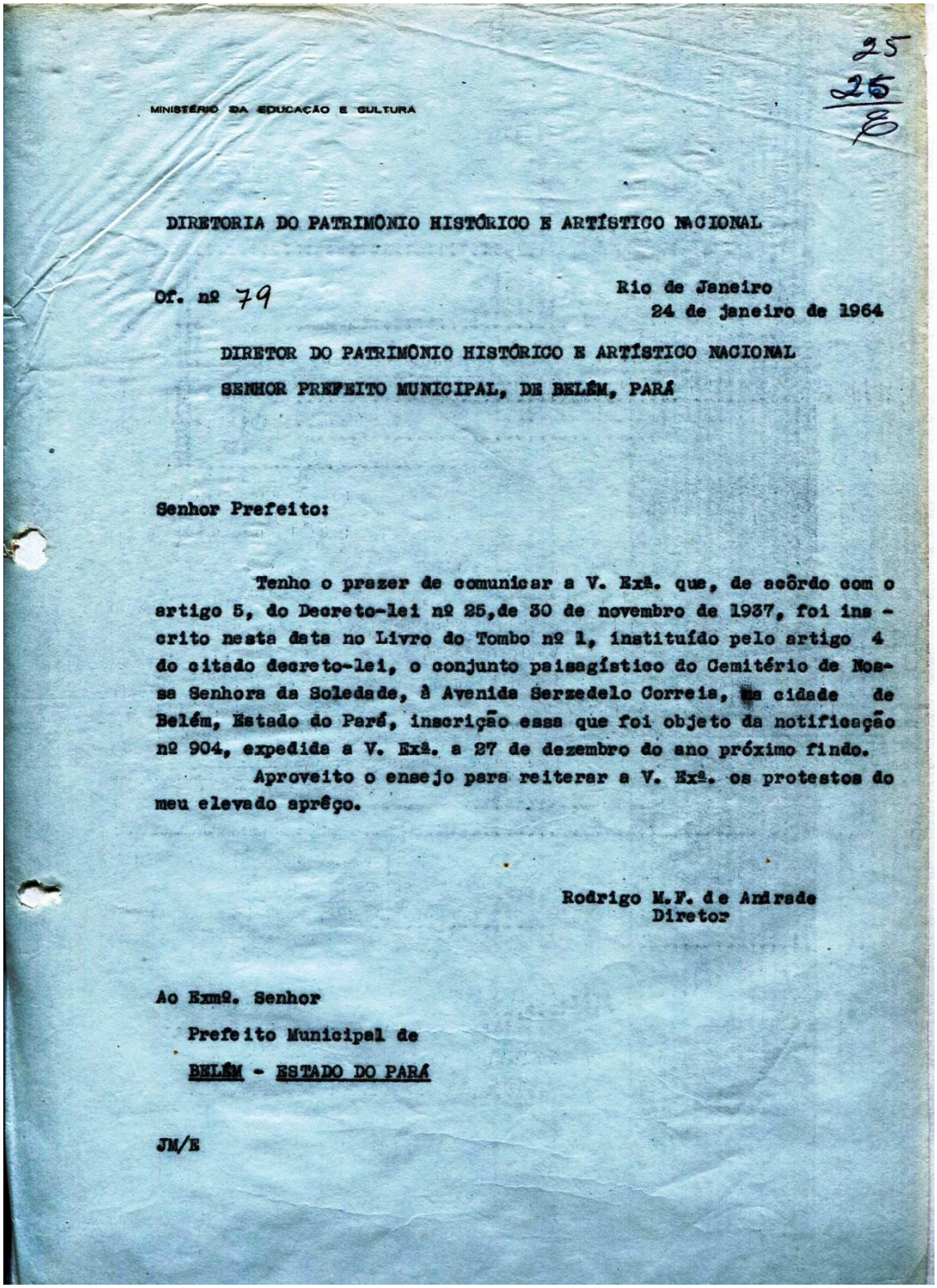
Emmanuel de Almeida Morais

(General Emmanuel de Almeida Moraes)

(Coronel Altevir Soares)

(Doutor Orlando Athayde)

Anexo 22: Ofício nº 79, datado de 24/01/1964, emitido pelo Diretor Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade e enviado ao Prefeito Municipal de Belém/PA. Informa sobre a Inscrição do Conjunto paisagístico do cemitério Soledade no Livro do Tombo nº 1, baseado no Decreto-Lei nº 25 de 30/11/37, notificado por meio da Notificação nº 904, de 27/12/63. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



25
25
E

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Of. nº 79

Rio de Janeiro
24 de janeiro de 1964

DIRETOR DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

SENHOR PREFEITO MUNICIPAL, DE BELÊM, PARÁ

Senhor Prefeito:

Tenho o prazer de comunicar a V. Exª. que, de acôrdo com o artigo 5, do Decreto-lei nº 25,de 30 de novembro de 1937, foi inscrito nesta data no Livro do Tombo nº 1, instituído pelo artigo 4 do citado decreto-lei, o conjunto paisagístico do Cemitério de Nossa Senhora da Soledade, à Avenida Serzedelo Correia, na cidade de Belém, Estado do Pará, inscrição essa que foi objeto da notificação nº 904, expedida a V. Exª. a 27 de dezembro do ano próximo findo.

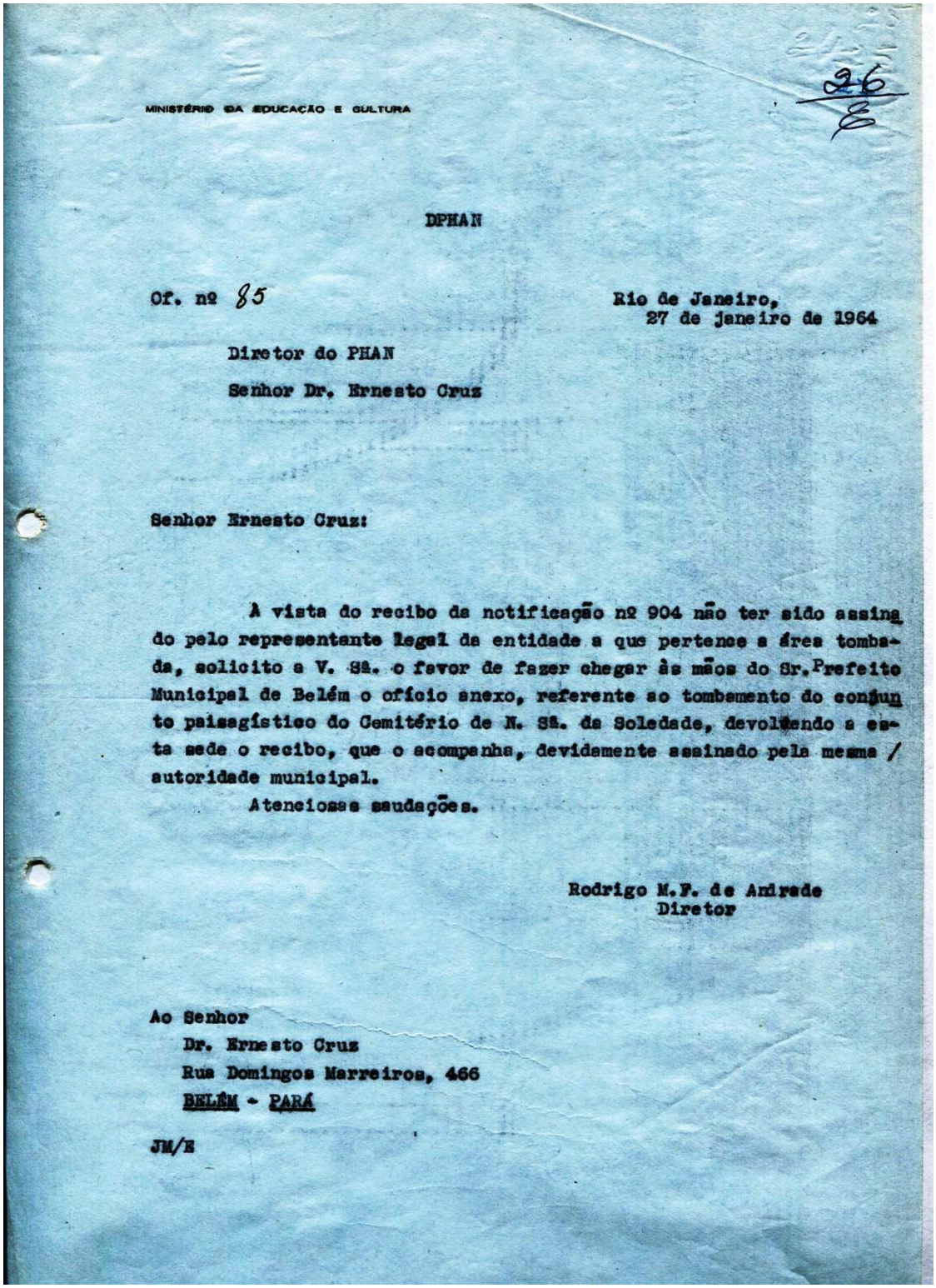
Aproveito o ensejo para reiterar a V. Exª. os protestos do meu elevado aprêço.

Rodrigo M.F. de Andrade
Diretor

Ao Exmº. Senhor
Prefeito Municipal de
BELÊM - ESTADO DO PARÁ

JM/E

Anexo 23: Ofício nº 85, datado de 27/01/64, emitido pelo Diretor Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade e enviado ao Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Sr. Ernesto Cruz. Informa que em vista do Recibo de Notificação enviado não ter sido assinado pelo representante legal da entidade, no caso, o Prefeito, o documento apresentado não era válido, devendo o mesmo ser assinado novamente pela autoridade municipal. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

26
E

DPHAN

Of. nº 85

Rio de Janeiro,
27 de janeiro de 1964

Diretor do PHAN

Senhor Dr. Ernesto Cruz

Senhor Ernesto Cruz:

À vista do recibo da notificação nº 904 não ter sido assinado pelo representante legal da entidade a que pertence a área tombada, solicito a V. Sª. o favor de fazer chegar às mãos do Sr. Prefeito Municipal de Belém o ofício anexo, referente ao tombamento do conjunto paisagístico do Cemitério de N. Sª. da Soledade, devolvendo a esta sede o recibo, que o acompanha, devidamente assinado pela mesma / autoridade municipal.

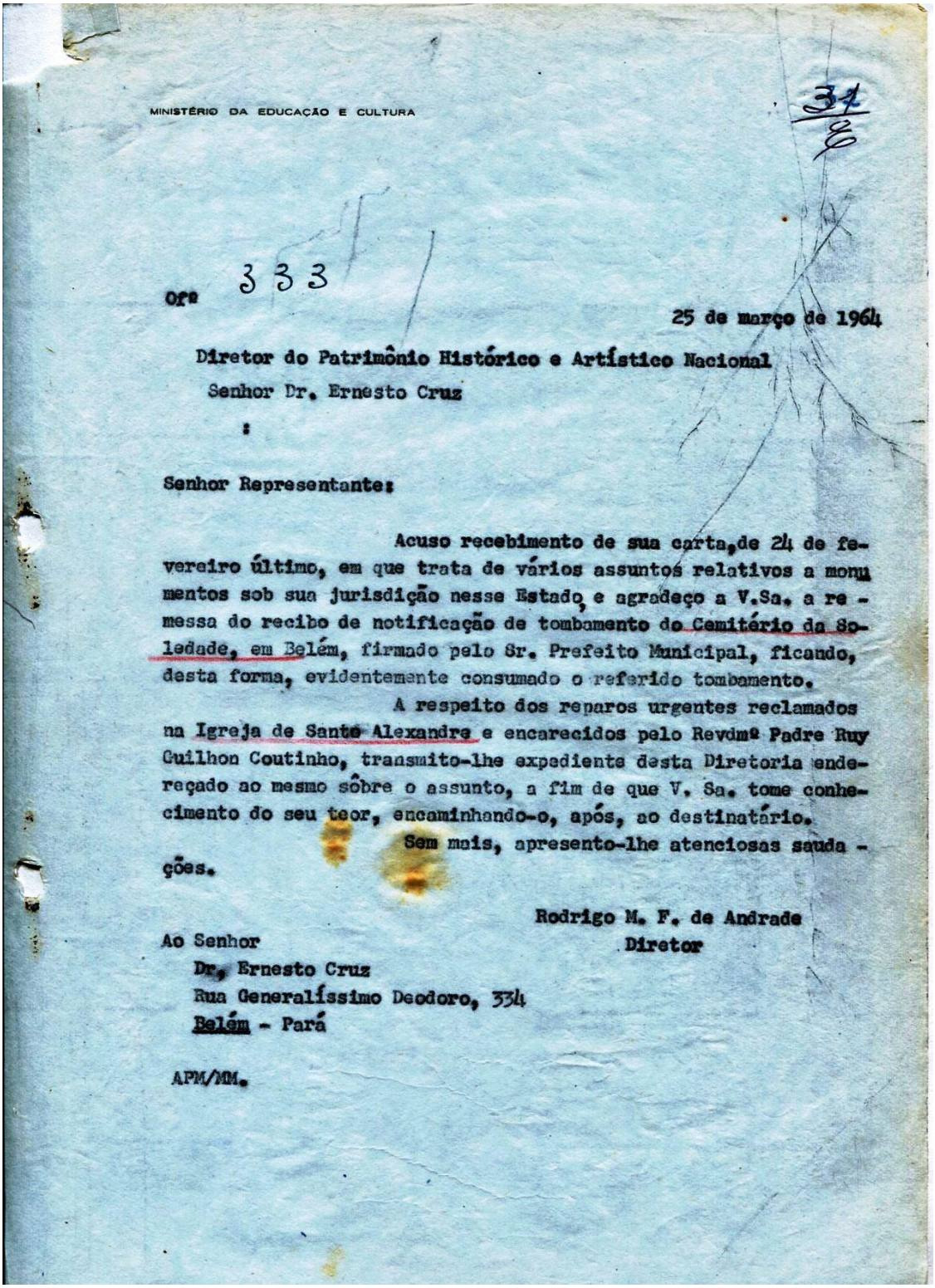
Atenciosas saudações.

Rodrigo M.F. de Andrade
Diretor

Ao Senhor
Dr. Ernesto Cruz
Rua Domingos Marreiros, 466
BELÉM - PARÁ

JM/E

Anexo 24: Ofício nº 333, datado de 25/03/64 e enviado pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, na pessoa de seu Diretor Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade e encaminhado ao Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Sr. Ernesto Cruz. Notifica o recebimento da Carta do dia 24/02/64 que trazia em anexo o Recibo de Notificação de Tombamento do cemitério da Soledade assinado pelo Prefeito da cidade. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

31/86

Ofº 333

25 de março de 1964

Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Senhor Dr. Ernesto Cruz
:

Senhor Representante:

Acuso recebimento de sua carta, de 24 de fevereiro último, em que trata de vários assuntos relativos a monumentos sob sua jurisdição nesse Estado, e agradeço a V.Sa. a remessa do recibo de notificação de tombamento do Cemitério da Soledade, em Belém, firmado pelo Sr. Prefeito Municipal, ficando, desta forma, evidentemente consumado o referido tombamento.

A respeito dos reparos urgentes reclamados na Igreja de Santo Alexandre e encarecidos pelo Revdmº Padre Ruy Guilhon Coutinho, transmito-lhe expediente desta Diretoria endereçado ao mesmo sôbre o assunto, a fim de que V. Sa. tome conhecimento do seu teor, encaminhando-o, após, ao destinatário.

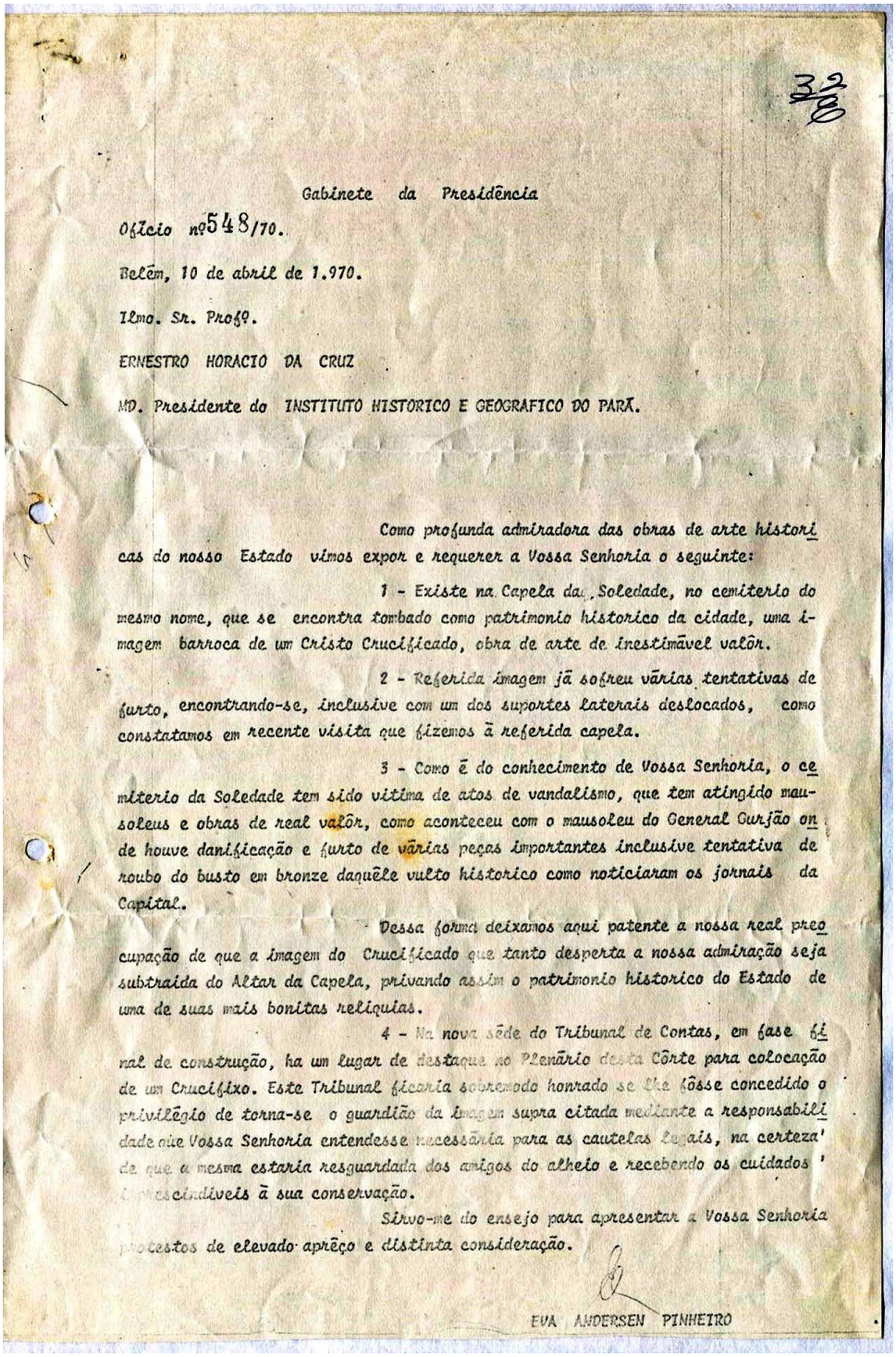
Sem mais, apresento-lhe atenciosas saudações.

Rodrigo M. F. de Andrade
Diretor

Ao Senhor
Dr. Ernesto Cruz
Rua Generalíssimo Deodoro, 334
Belém - Pará

APM/MM.

Anexo 25: Ofício nº 548/70, datado de 10/04/70, enviado pela Presidente do Tribunal de Contas do Estado do Pará Sra. Eva Andersen Trindade ao Sr. Ernesto Cruz, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. A Presidente do TCE relata preocupação com a imagem barroca de Cristo Crucificado da Capela do Soledade, uma vez que se encontrava sujeita a furtos e atos de vandalismo, como os que já haviam ocorrido em alguns túmulos da Necrópole. Solicita, portanto, autorização para removê-lo do local e utilizá-lo na nova sede do Tribunal de Contas, assumindo o Tribunal a responsabilidade sobre a sua guarda. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



328

Gabinete da Presidência

Ofício nº548/70.

Belém, 10 de abril de 1.970.

Ilmo. Sr. Profº.

ERNESTRO HORACIO DA CRUZ

MD. Presidente do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO DO PARÁ.

Como profunda admiradora das obras de arte historicas do nosso Estado vimos expor e requerer a Vossa Senhoria o seguinte:

1 - Existe na Capela da Soledade, no cemiterio do mesmo nome, que se encontra tombado como patrimonio historico da cidade, uma imagem barroca de um Cristo Crucificado, obra de arte de inestimável valôr.

2 - Referida imagem já sofreu várias tentativas de furto, encontrando-se, inclusive com um dos suportes laterais deslocados, como constatamos em recente visita que fizemos à referida capela.

3 - Como é do conhecimento de Vossa Senhoria, o cemiterio da Soledade tem sido vitima de atos de vandalismo, que tem atingido mausoleus e obras de real valôr, como aconteceu com o mausoleu do General Gurjão onde houve danificação e furto de várias peças importantes inclusive tentativa de roubo do busto em bronze daquêle vulto historico como noticiaram os jornais da Capital.

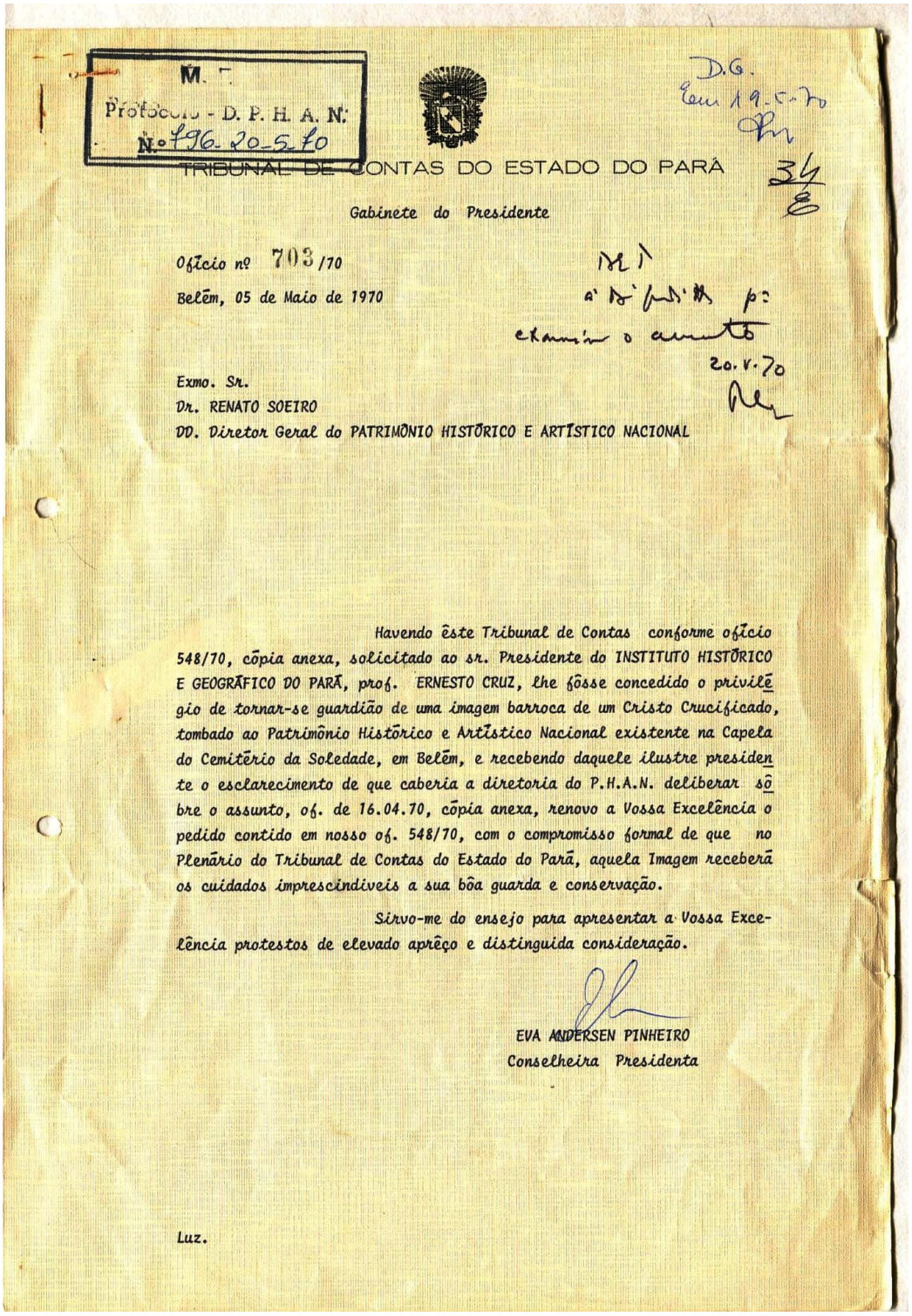
Dessa forma deixamos aqui patente a nossa real preocupação de que a imagem do Crucificado que tanto desperta a nossa admiração seja subtraida do Altar da Capela, privando assim o patrimonio historico do Estado de uma de suas mais bonitas reliquias.

4 - Na nova sêde do Tribunal de Contas, em fase final de construção, ha um lugar de destaque no Plenário desta Côrte para colocação de um Crucifixo. Este Tribunal ficaria sobremodo honrado se lhe fôsse concedido o privilêgio de torna-se o guardião da imagem supra citada mediante a responsabilidade de Vossa Senhoria entendesse necessária para as cautelas legais, na certeza de que a mesma estaria resguardada dos amigos do alheio e recebendo os cuidados indispensáveis à sua conservação.

Sirvo-me do ensejo para apresentar a Vossa Senhoria protestos de elevado aprêço e distinta consideração.

EVA ANDERSEN PINHEIRO

Anexo 26: Ofício nº 703/70, datado de 05/05/70 e emitido pela Conselheira Presidenta do Tribunal de Contas do Estado do Pará Sra. Eva Andersen Trindade ao Diretor Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Sr. Renato Soeiro, encaminhando o pedido de que o Tribunal de Contas seja guardião da imagem barroca do Cristo Crucificado, da Capela do cemitério Soledade. Informa sobre o pedido feito anteriormente Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, Sr. Ernesto Cruz, que encaminhou o caso à Diretoria do Patrimônio Histórico Artístico Nacional. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



M. E.
Protocolo - D. P. H. A. N.
Nº 196 20-5-70

D.G.
Em 19-5-70

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO PARÁ

Gabinete do Presidente

Ofício nº 703/70
Belém, 05 de Maio de 1970

examinar o assunto
20.V.70

Exmo. Sr.
Dr. RENATO SOEIRO
DD. Diretor Geral do PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

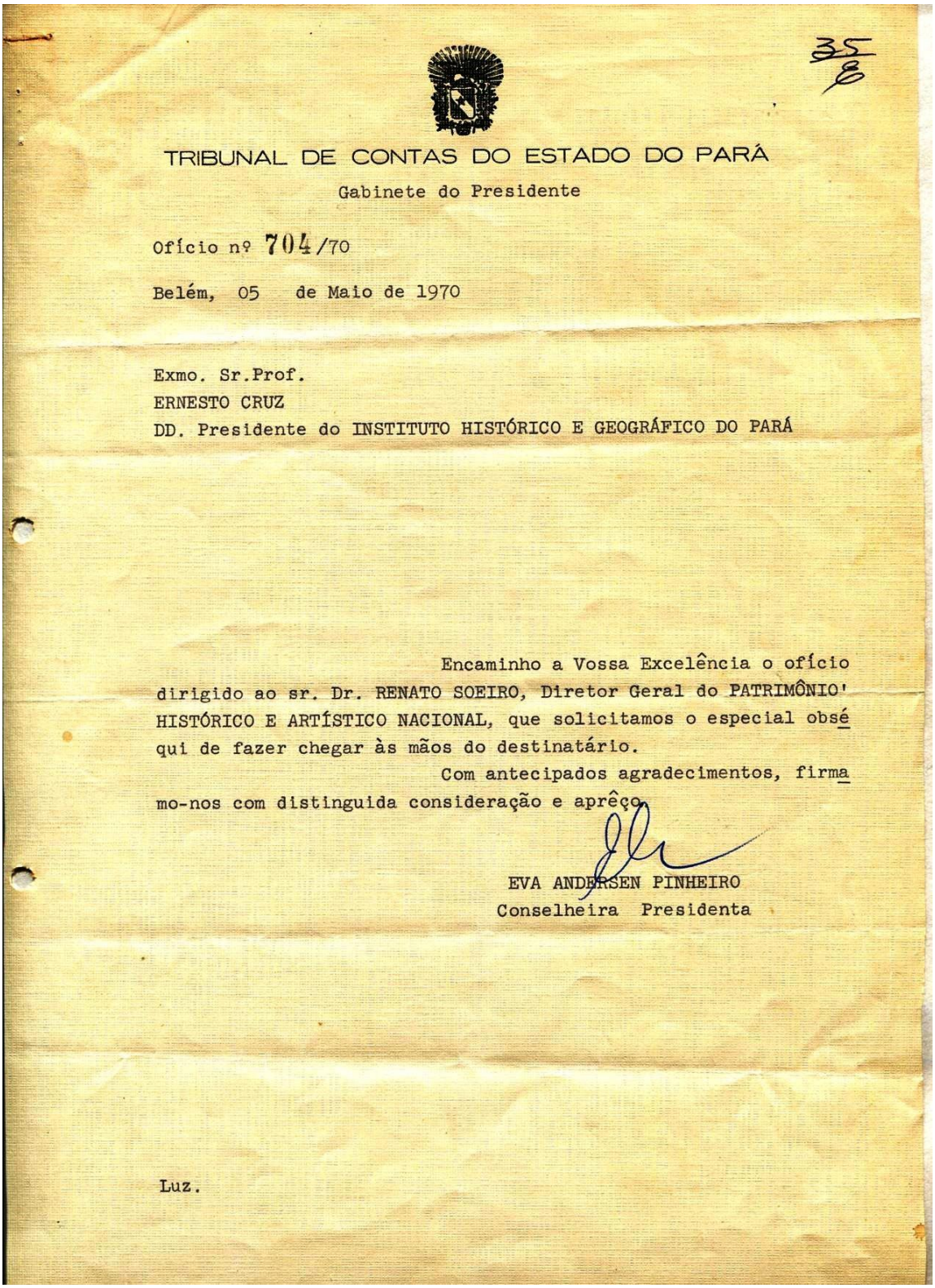
Havendo êste Tribunal de Contas conforme ofício 548/70, cópia anexa, solicitado ao sr. Presidente do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARÁ, prof. ERNESTO CRUZ, lhe fôsse concedido o privilégio de tornar-se guardião de uma imagem barroca de um Cristo Crucificado, tombado ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional existente na Capela do Cemitério da Soledade, em Belém, e recebendo daquele ilustre presidente o esclarecimento de que caberia a diretoria do P.H.A.N. deliberar sôbre o assunto, of. de 16.04.70, cópia anexa, renovo a Vossa Excelência o pedido contido em nosso of. 548/70, com o compromisso formal de que no Plenário do Tribunal de Contas do Estado do Pará, aquela Imagem receberá os cuidados imprescindíveis a sua bôa guarda e conservação.

Sirvo-me do ensejo para apresentar a Vossa Excelência protestos de elevado aprêço e distinguida consideração.

EVA ANDERSEN PINHEIRO
Conselheira Presidenta

Luz.

Anexo 27: Ofício nº 704/70, datado de 05/05/70 e enviado pela Conselheira Presidenta do TCE Sra. Eva Andersen Trindade ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará Sr. Ernesto Cruz, encaminhando o Ofício para ser por ele enviado ao Diretor Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Sr. Renato Soeiro. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO PARÁ

Gabinete do Presidente

Ofício nº 704/70

Belém, 05 de Maio de 1970

Exmo. Sr.Prof.
ERNESTO CRUZ
DD. Presidente do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARÁ

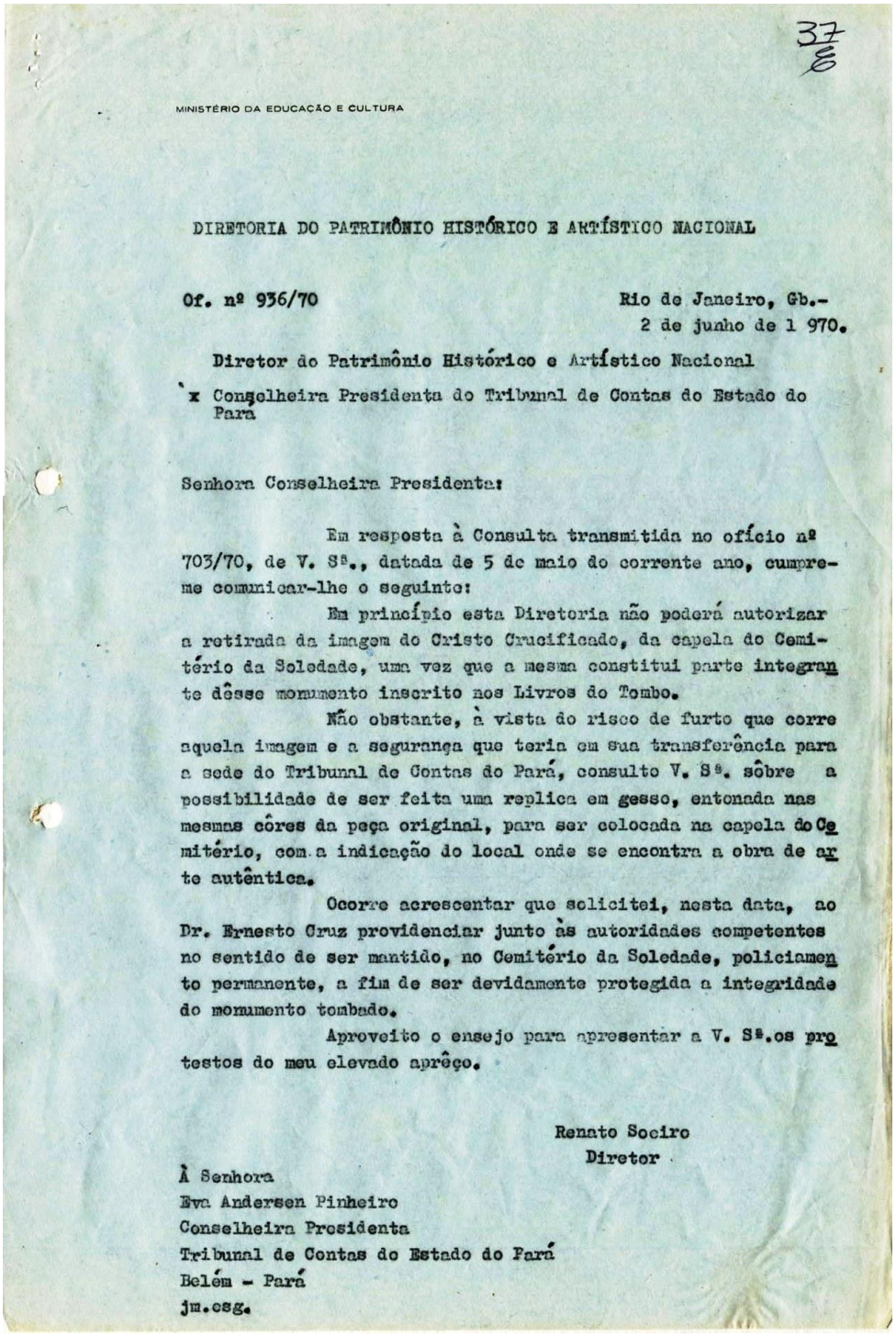
Encaminho a Vossa Excelência o ofício dirigido ao sr. Dr. RENATO SOEIRO, Diretor Geral do PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, que solicitamos o especial obséquio de fazer chegar às mãos do destinatário.

Com antecipados agradecimentos, firmamo-nos com distinguida consideração e aprêço.

EVA ANDERSEN PINHEIRO
Conselheira Presidenta

Luz.

Ofício 28: Ofício nº 936/70, datado de 02/06/70 e enviado pelo Diretor Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Sr. Renato Soeiro à Conselheira Presidenta do Tribunal de Contas do Estado Sra. Eva Andersen Trindade. Informa não poder autorizar a retirada da imagem barroca da Capela *"uma vez que a mesma constitui parte integrante dêsse monumento inscrito no Livro do Tombo"*. Contudo, na iminência de furto, o Diretor sugere que seja feita uma réplica de gesso em conformidade com o original, para ser colocada na Capela com placa indicativa de que a imagem original se encontra no Tribunal de Contas. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



37
8

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Of. nº 936/70 — Rio de Janeiro, Gb.- 2 de junho de 1 970.

Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

x Conselheira Presidenta do Tribunal de Contas do Estado do Pará

Senhora Conselheira Presidenta:

Em resposta à Consulta transmitida no ofício nº 703/70, de V. Sª., datada de 5 do maio do corrente ano, cumpre-me comunicar-lhe o seguinte:

Em princípio esta Diretoria não poderá autorizar a retirada da imagem do Cristo Crucificado, da capela do Cemitério da Soledade, uma vez que a mesma constitui parte integrante dêsse monumento inscrito nos Livros do Tombo.

Não obstante, à vista do risco de furto que corre aquela imagem e a segurança que teria em sua transferência para a sede do Tribunal de Contas do Pará, consulto V. Sª. sôbre a possibilidade de ser feita uma replica em gesso, entonada nas mesmas côres da peça original, para ser colocada na capela do Cemitério, com a indicação do local onde se encontra a obra de arte autêntica.

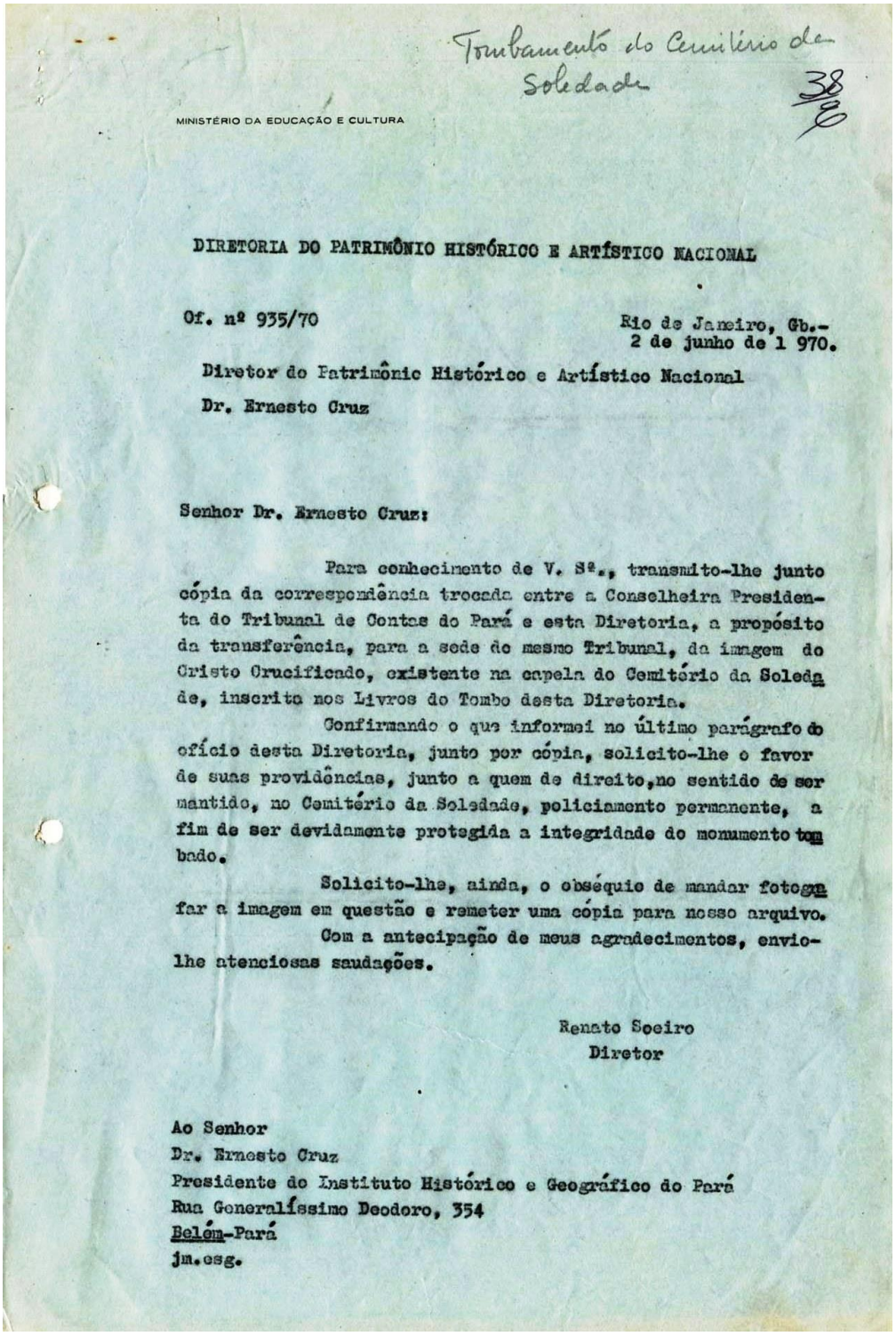
Ocorre acrescentar que solicitei, nesta data, ao Dr. Ernesto Cruz providenciar junto às autoridades competentes no sentido de ser mantido, no Cemitério da Soledade, policiamento permanente, a fim de ser devidamente protegida a integridade do monumento tombado.

Aproveito o ensejo para apresentar a V. Sª.os protestos do meu elevado aprêço.

Renato Soeiro
Diretor

À Senhora
Eva Andersen Pinheiro
Conselheira Presidenta
Tribunal de Contas do Estado do Pará
Belém - Pará
jm.csg.

Anexo 29: Ofício nº 935/70, datado de 02/06/70 e enviado pelo Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Sr. Renato Soeiro ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará Sr. Ernesto Cruz. Informa a troca de correspondência com a Conselheira Presidenta do TCE/PA sobre a transferência da imagem do Cristo Crucificado do Soledade para o Tribunal. Pede que a imagem seja fotografada para arquivo e envio de cópia à Diretoria do P.H.A.N. Pede, ainda, reforço no policiamento para proteger a integridade do cemitério inscrito no Livro do Tombo. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



Tombamento do Cemitério da Soledade

38
E

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Of. nº 935/70

Rio de Janeiro, Gb.-
2 de junho de 1 970.

Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Dr. Ernesto Cruz

Senhor Dr. Ernesto Cruz:

Para conhecimento de V. Sª., transmito-lhe junto cópia da correspondência trocada entre a Conselheira Presidenta do Tribunal de Contas do Pará e esta Diretoria, a propósito da transferência, para a sede do mesmo Tribunal, da imagem do Cristo Crucificado, existente na capela do Cemitério da Soledade, inscrita nos Livros do Tombo desta Diretoria.

Confirmando o que informei no último parágrafo do ofício desta Diretoria, junto por cópia, solicito-lhe o favor de suas providências, junto a quem de direito, no sentido de ser mantido, no Cemitério da Soledade, policiamento permanente, a fim de ser devidamente protegida a integridade do monumento tombado.

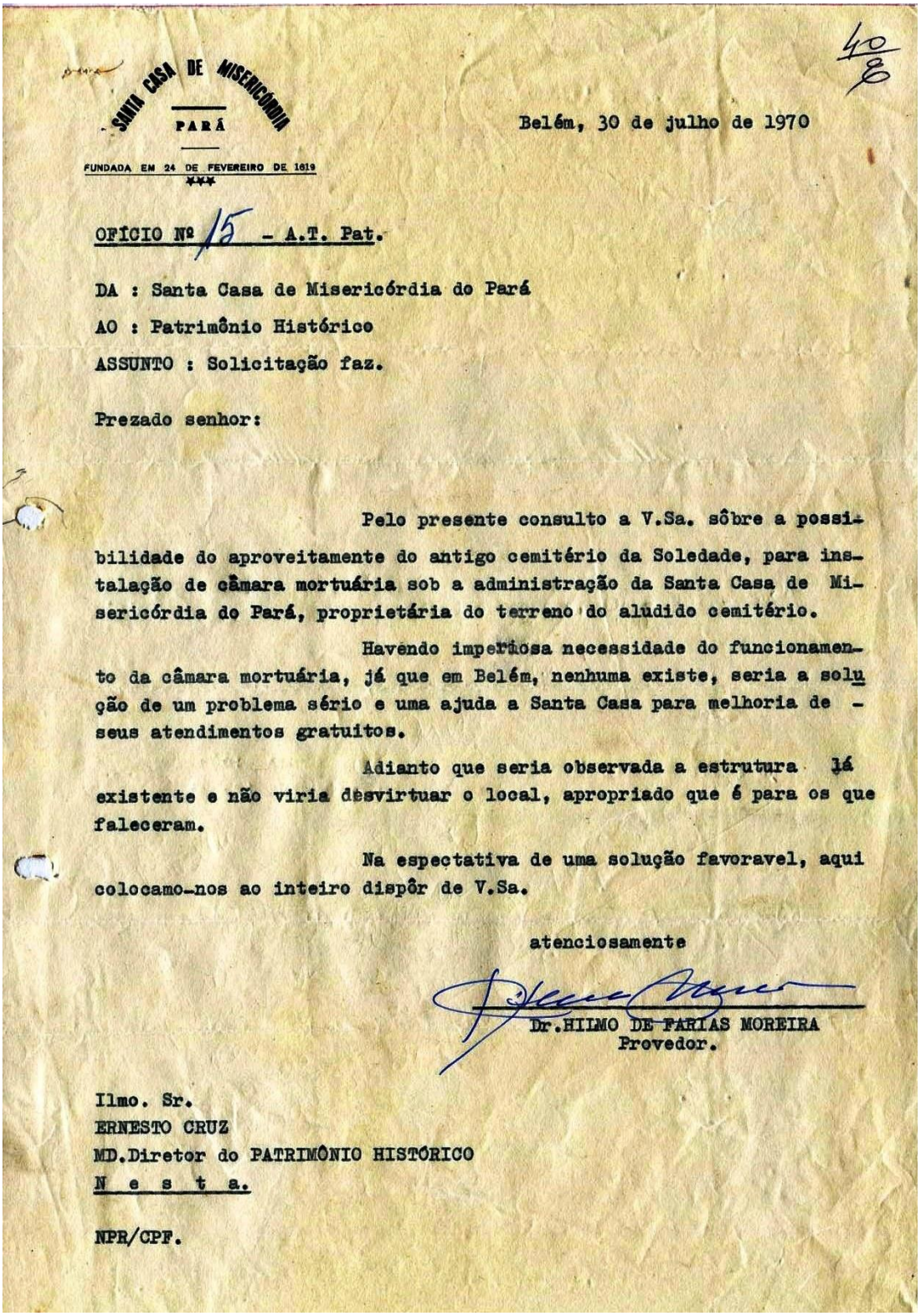
Solicito-lhe, ainda, o obséquio de mandar fotografar a imagem em questão e remeter uma cópia para nosso arquivo.

Com a antecipação de meus agradecimentos, envio-lhe atenciosas saudações.

Renato Soeiro
Diretor

Ao Senhor
Dr. Ernesto Cruz
Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará
Rua Generalíssimo Deodoro, 354
Belém-Pará
jm.esg.

Anexo 30: Ofício nº 15, datado de 30/07/70 e enviado pelo Provedor da Santa Casa de Misericórdia do Pará Dr. Hilmo de Farias Moreira ao Diretor do Patrimônio Histórico no Pará, Sr. Ernesto Cruz, consultando sobre a possibilidade de instalação no cemitério da Soledade de uma câmara mortuária administrada pela Santa Casa, alegando ser esta proprietária do terreno do cemitério. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



SANTA CASA DE MISERICÓRDIA
PARÁ
FUNDADA EM 24 DE FEVEREIRO DE 1619

40/80

Belém, 30 de julho de 1970

OFÍCIO Nº 15 - A.T. Pat.

DA : Santa Casa de Misericórdia do Pará
AO : Patrimônio Histórico
ASSUNTO : Solicitação faz.

Prezado senhor:

Pelo presente consulto a V.Sa. sôbre a possibilidade do aproveitamente do antigo cemitério da Soledade, para instalação de câmara mortuária sob a administração da Santa Casa de Misericórdia do Pará, proprietária do terreno do aludido cemitério.

Havendo imperiosa necessidade do funcionamento da câmara mortuária, já que em Belém, nenhuma existe, seria a solução de um problema sério e uma ajuda a Santa Casa para melhoria de seus atendimentos gratuitos.

Adianto que seria observada a estrutura já existente e não viria desvirtuar o local, apropriado que é para os que faleceram.

Na espectativa de uma solução favoravel, aqui colocamo-nos ao inteiro dispôr de V.Sa.

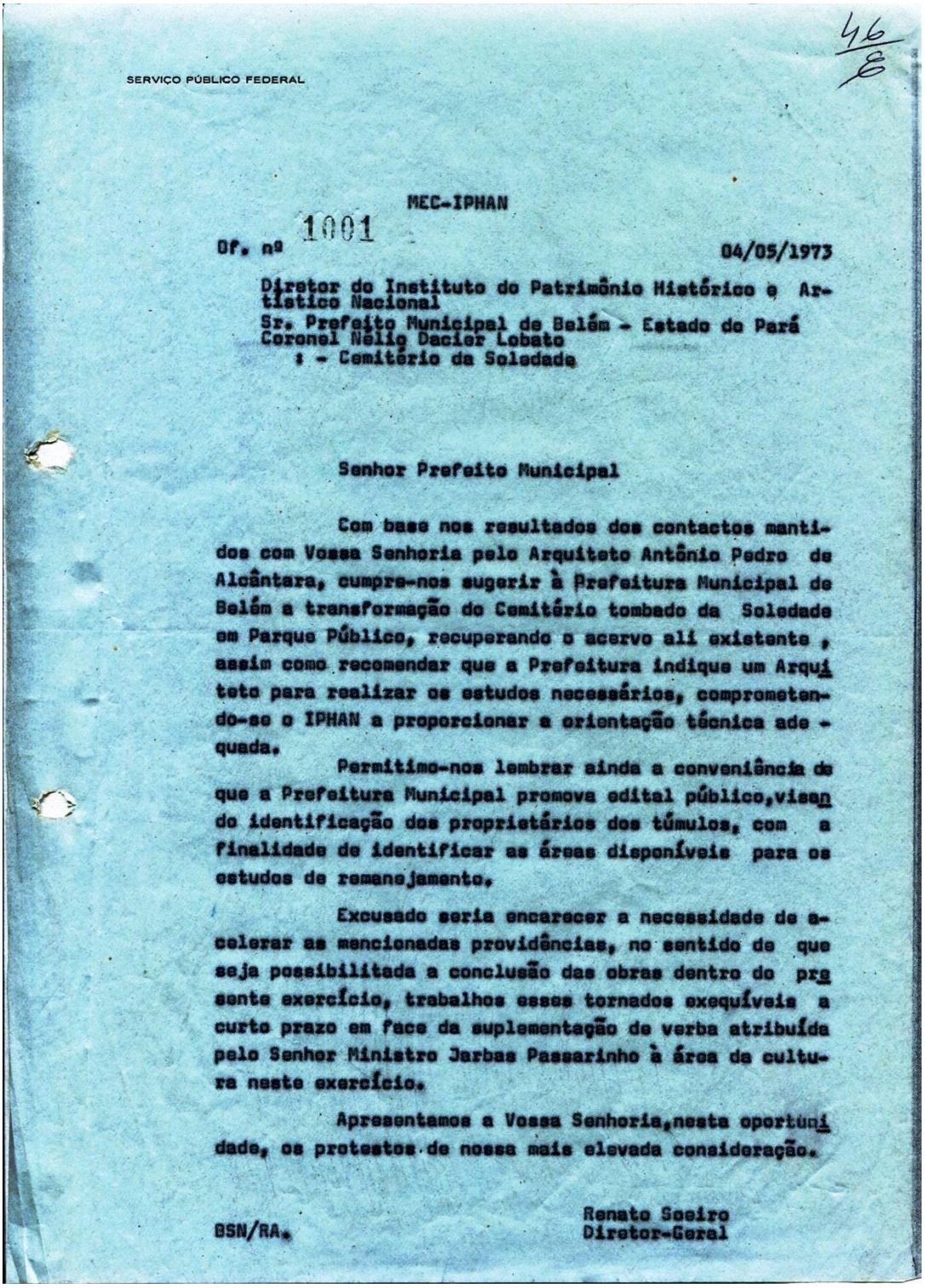
atenciosamente

Dr.HILMO DE FARIAS MOREIRA
Provedor.

Ilmo. Sr.
ERNESTO CRUZ
MD.Diretor do PATRIMÔNIO HISTÓRICO
N e s t a.

NPR/CPF.

Anexo 31: Ofício nº 1001, datado de 04/05/73 e enviado pelo Diretor Geral do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Sr. Renato Soeiro, ao Prefeito Municipal de Belém, Coronel Nélio Dacier Lobato. Menciona contato com o Prefeito através do Arquiteto Antônio Pedro de Alcântara, na intenção de transformar o cemitério da Soledade em Parque Público. Pede que a Prefeitura indique um Arquiteto para desenvolver o projeto sob a orientação técnica do IPHAN e sugere a promoção de um Edital que possibilite a identificação dos proprietários dos túmulos, para a possibilidade de remanejamento.



46
8

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MEC-IPHAN

Of. nº 1001 04/05/1973

Diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Sr. Prefeito Municipal de Belém - Estado do Pará
Coronel Nélio Dacier Lobato
: - Cemitério da Soledade

Senhor Prefeito Municipal

Com base nos resultados dos contactos mantidos com Vossa Senhoria pelo Arquiteto Antônio Pedro de Alcântara, cumpre-nos sugerir à Prefeitura Municipal de Belém a transformação do Cemitério tombado da Soledade em Parque Público, recuperando o acervo ali existente, assim como recomendar que a Prefeitura indique um Arquiteto para realizar os estudos necessários, comprometendo-se o IPHAN a proporcionar a orientação técnica adequada.

Permitimo-nos lembrar ainda a conveniência de que a Prefeitura Municipal promova edital público, visando identificação dos proprietários dos túmulos, com a finalidade de identificar as áreas disponíveis para os estudos de remanejamento.

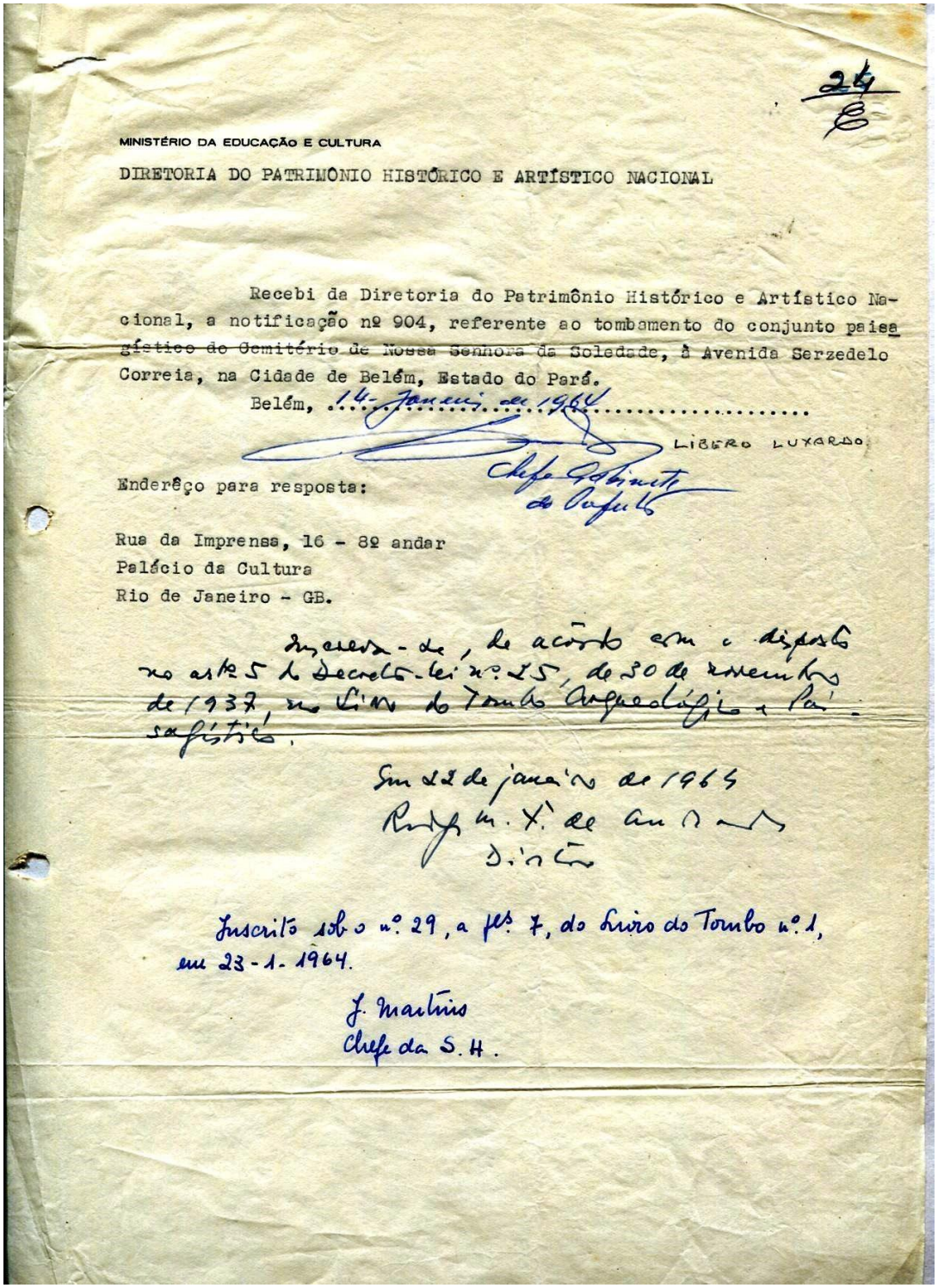
Excusado seria encarecer a necessidade de acelerar as mencionadas providências, no sentido de que seja possibilitada a conclusão das obras dentro do presente exercício, trabalhos esses tornados exequíveis a curto prazo em face da suplementação de verba atribuída pelo Senhor Ministro Jarbas Passarinho à área de cultura neste exercício.

Apresentamos a Vossa Senhoria, nesta oportunidade, os protestos de nossa mais elevada consideração.

BSN/RA.

Renato Soeiro
Diretor-Geral

Anexo 32: Recibo da Notificação nº 904 emitida pela Diretoria do Patrimônio e Artístico Nacional, referente ao Tombamento do Conjunto Paisagístico do cemitério de Nossa Senhora da Soledade, assinado pelo Chefe do gabinete do Prefeito Sr. Líbero Luxardo. Data: 14/01/64. Em manuscrito, lê-se a determinação da Inscrição do cemitério no Livro do Tombo Arqueológico e Paisagístico, feita Diretor do P.H.A.N. Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade (22/01/64), e abaixo está a confirmação da Inscrição feita pela Chefe da S.H. Sra. Judith Martins, no dia 23/01/64. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



24
8

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Recebi da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a notificação nº 904, referente ao tombamento do conjunto paisagístico do Cemitério de Nossa Senhora da Soledade, à Avenida Serzedelo Correia, na Cidade de Belém, Estado do Pará.

Belém, 14 - Janeiro - de 1964

LIBERO LUXARDO
Chefe Gabinete do Prefeito

Endereço para resposta:

Rua da Imprensa, 16 - 8º andar
Palácio da Cultura
Rio de Janeiro - GB.

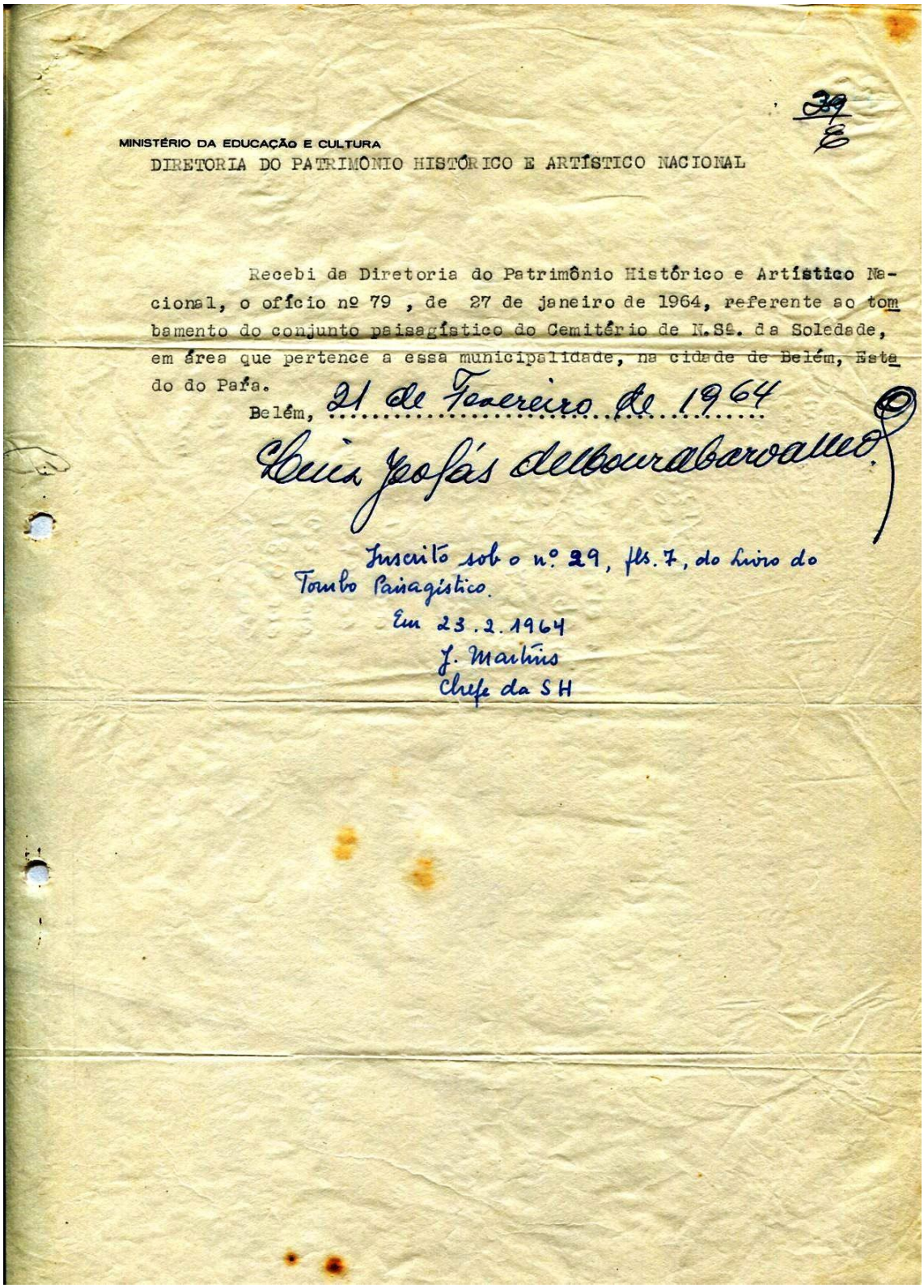
Inscreva-se, de acôrdo com o disposto no art. 5 do Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, no Livro do Tombo Arqueológico e Paisagístico.

Em 22 de janeiro de 1964
Rodrigo M. F. de Andrade
Diretor

Inscrito sob o nº 29, a fls. 7, do Livro do Tombo nº 1, em 23-1-1964.

J. Martins
Chefe da S.H.

Anexo 33: Recibo do Ofício nº 29 (27/01/64), referente ao Tombamento do Conjunto Paisagístico do Cemitério N. Sra. da Soledade, assinado pelo Prefeito de Belém, o Sr. Coronel Luiz Geolás de Moura Carvalho, no dia 21/02/64. Em manuscrito está a confirmação da Inscrição no Livro do Tombo já havia sido feita pela Chefe da S.H. Sra. Judith Martins. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



29
E

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

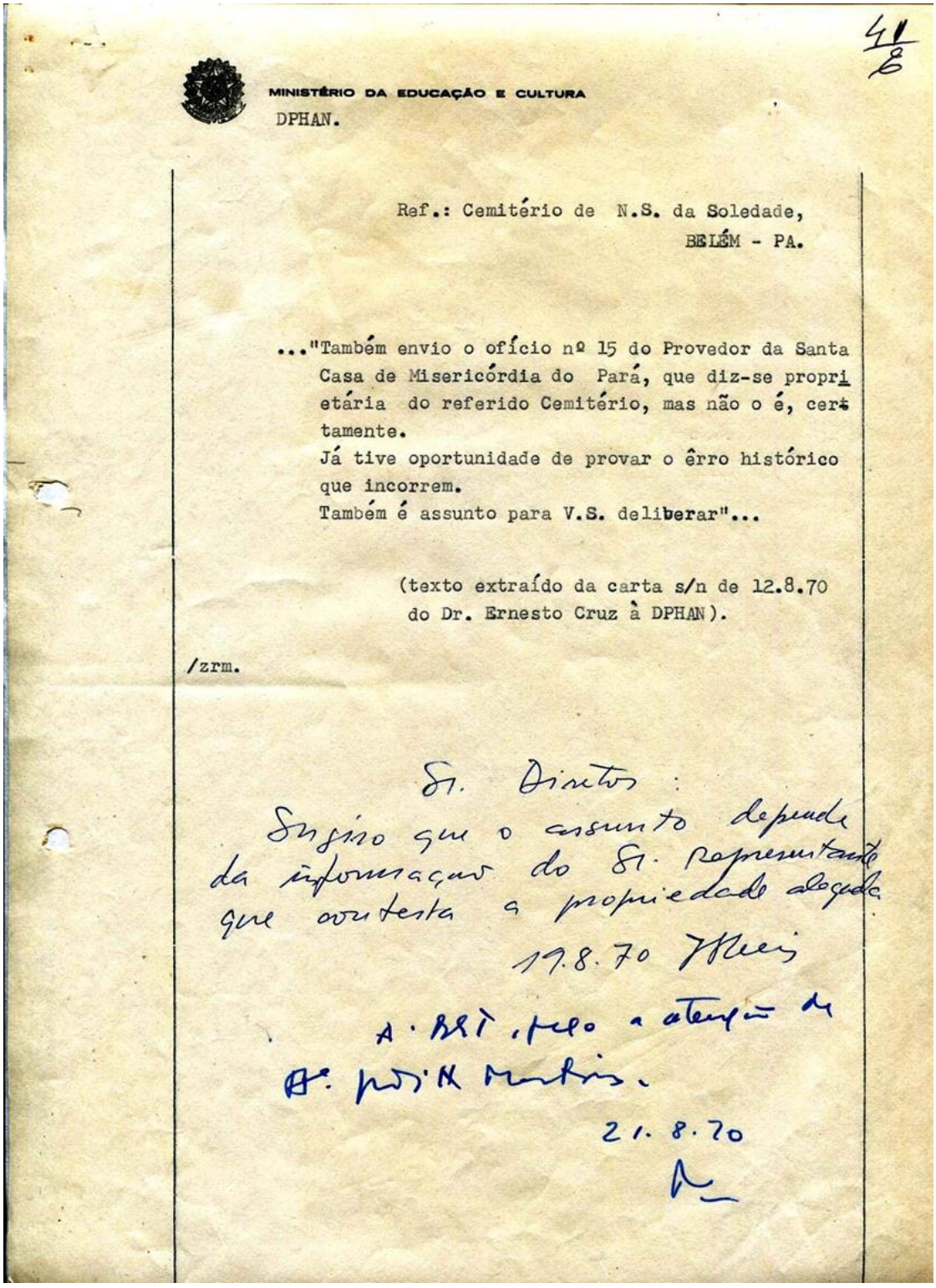
Recebi da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o ofício nº 79 , de 27 de janeiro de 1964, referente ao tombamento do conjunto paisagístico do Cemitério de N.Sª. da Soledade, em área que pertence a essa municipalidade, na cidade de Belém, Estado do Pará.

Belém, 21 de Fevereiro de 1964

Luiz Geolás de Moura Carvalho

Inscrito sob o nº 29, fls. 7, do Livro do Tombo Paisagístico.
Em 23.2.1964
J. Martins
Chefe da SH

Anexo 34: Documento interno do DPHAN referente ao cemitério de N. Sra. da Soledade que encaminha um trecho da carta enviada em 12/08/70 pelo do Sr. Ernesto Cruz à DPHAN, esclarecendo que a Santa Casa de Misericórdia não é proprietária do terreno do cemitério, como havia afirmado o Provedor da Santa Casa, no Ofício nº 15. Em manuscrito, é sugerido ao Diretor que seja averiguada a informação diretamente com o Representante (Sr. Ernesto Cruz) que contesta a afirmação do provedor. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



41
6

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DPHAN.

Ref.: Cemitério de N.S. da Soledade,
BELÉM - PA.

..."Também envio o ofício nº 15 do Provedor da Santa Casa de Misericórdia do Pará, que diz-se proprietária do referido Cemitério, mas não o é, certamente.
Já tive oportunidade de provar o êrro histórico que incorrem.
Também é assunto para V.S. deliberar"...

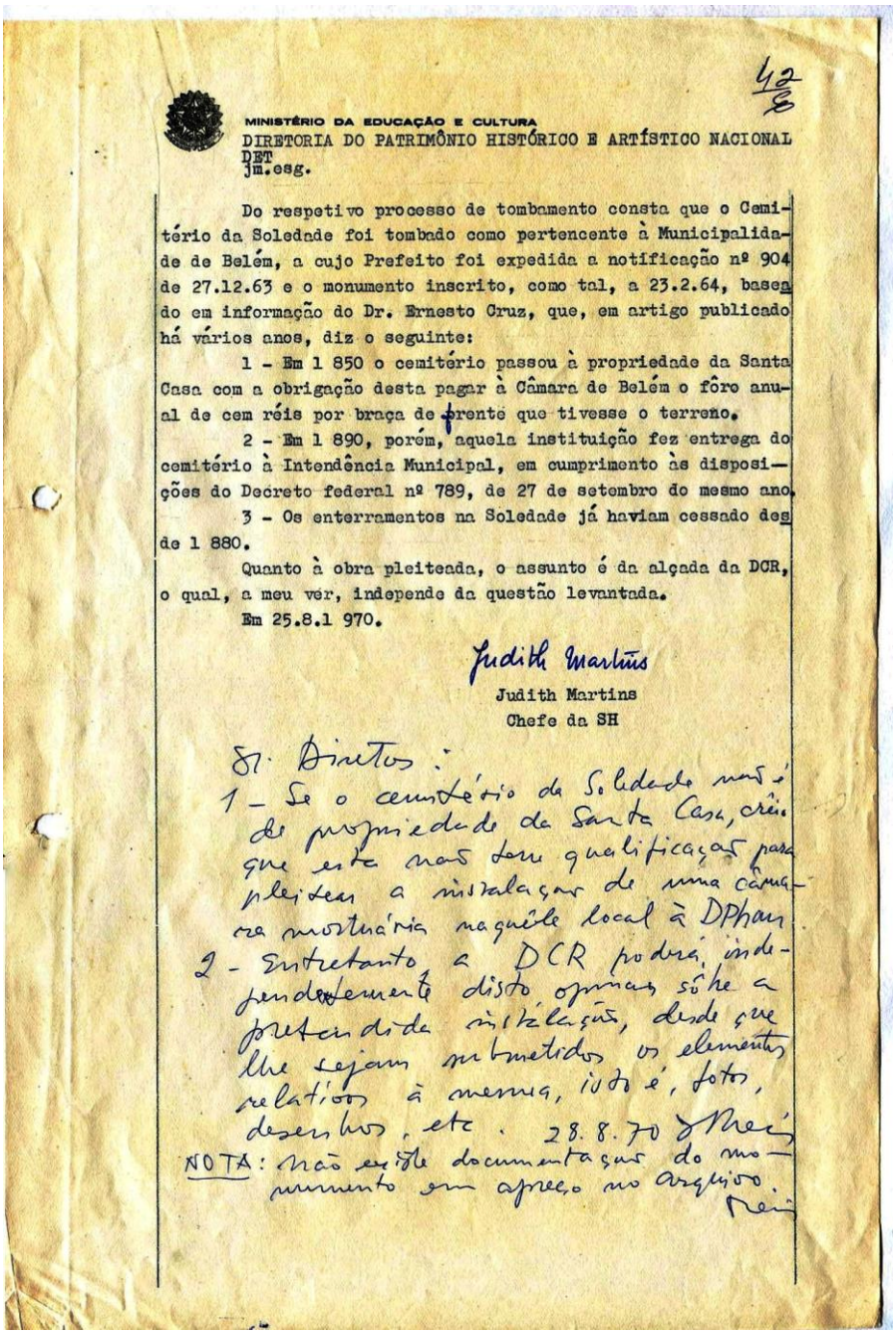
(texto extraído da carta s/n de 12.8.70 do Dr. Ernesto Cruz à DPHAN).

/zrm.

Sr. Diretor:
Sugiro que o assunto dependa da informação do Sr. representante que contesta a propriedade alegada.
19.8.70

A. Bel. Pelo atendimento do
Dr. José Martins.
21.8.70

Anexo 35: Documento interno emitido pela Sra. Judith Martins, Chefe da S.H. no dia 25/08/70, referente à propriedade do cemitério da Soledade. Informa que por ocasião do Tombamento, em 23/02/64, o lugar pertencia à Municipalidade de Belém, sendo expedida ao Prefeito a Notificação nº 904. Relata que no ano da fundação da Necrópole, em 1850, esta passou à propriedade da Santa Casa. Entretanto, em 1890, quando não mais havia enterramentos no local, a própria instituição devolveu o cemitério à Intendência Municipal, *"em cumprimento às disposições do Decreto Federal nº 789, de 27/09/90"*. Três dias depois, em 28/08/70, Reis (?) manuscreve o documento indicando ao Diretor que a Santa Casa não tem *"qualificação para pleitear a instalação de câmara mortuária naquêle local à DPHAN"*. Escreve que a DCR poderá opinar sobre o tema, caso sejam enviados fotos ou desenhos da proposta. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



42
8

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
DET
jm.esg.

Do respetivo processo de tombamento consta que o Cemitério da Soledade foi tombado como pertencente à Municipalidade de Belém, a cujo Prefeito foi expedida a notificação nº 904 de 27.12.63 e o monumento inscrito, como tal, a 23.2.64, baseado em informação do Dr. Ernesto Cruz, que, em artigo publicado há vários anos, diz o seguinte:

1 - Em 1 850 o cemitério passou à propriedade da Santa Casa com a obrigação desta pagar à Câmara de Belém o fôro anual de cem réis por braça de frente que tivesse o terreno.

2 - Em 1 890, porém, aquela instituição fez entrega do cemitério à Intendência Municipal, em cumprimento às disposições do Decreto federal nº 789, de 27 de setembro do mesmo ano.

3 - Os enterramentos na Soledade já haviam cessado desde 1 880.

Quanto à obra pleiteada, o assunto é da alçada da DCR, o qual, a meu ver, independe da questão levantada.

Em 25.8.1 970.

Judith Martins

Judith Martins
Chefe da SH

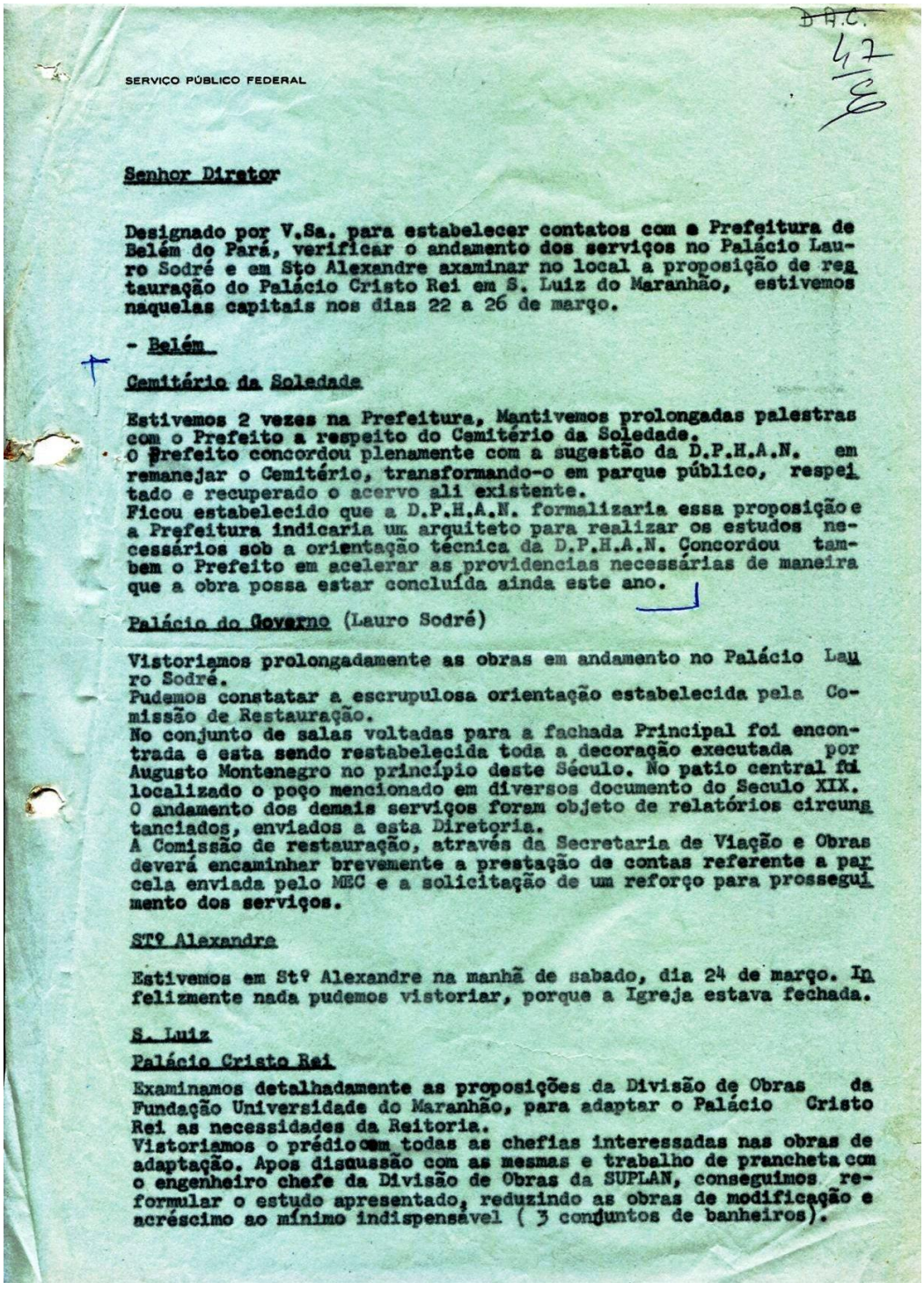
Sr. Diretor:

1 - Se o cemitério da Soledade não é de propriedade da Santa Casa, crêio que esta nada tem qualificação para pleitear a instalação de uma câmara mortuária naquêle local à DPHAN.

2 - Entretanto, a DCR poderá independentemente disto opinar sôbre a pretendida instalação, desde que lhe sejam submetidos os elementos relativos à mesma, isto é, fotos, desenhos, etc. 28.8.70 Reis

NOTA: não existe documentação do monumento em aprêço no arquivo. Reis

Anexo 36: Documento interno datado de 08/04/1973 e assinado pelo Arquiteto Antônio Pedro Alcântara, designado pelo Diretor (supostamente o Sr. Renato Soeiro) para entrar em contato com a Prefeitura de Belém para verificar o andamento de serviços de restauração nesta cidade, inclusive os relacionados com o cemitério da Soledade. Relata que o Prefeito concordou com a proposta do DPHAN de *"remanejar o Cemitério, transformando-o em parque público, respeitado e recuperado o acervo ali existente".* Note-se a datilografia sobreposta de nomes e cargos dos Arquitetos Antônio Alcântara e José de Souza Reis, citada anteriormente no Capítulo II desta Dissertação. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



D.A.C.
47
E

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Senhor Diretor

Designado por V.Sa. para estabelecer contatos com a Prefeitura de Belém do Pará, verificar o andamento dos serviços no Palácio Lauro Sodré e em Sto Alexandre examinar no local a proposição de restauração do Palácio Cristo Rei em S. Luiz do Maranhão, estivemos naquelas capitais nos dias 22 a 26 de março.

- Belém

Cemitério da Soledade

Estivemos 2 vezes na Prefeitura, Mantivemos prolongadas palestras com o Prefeito a respeito do Cemitério da Soledade.
O Prefeito concordou plenamente com a sugestão da D.P.H.A.N. em remanejar o Cemitério, transformando-o em parque público, respeitado e recuperado o acervo ali existente.
Ficou estabelecido que a D.P.H.A.N. formalizaria essa proposição e a Prefeitura indicaria um arquiteto para realizar os estudos necessários sob a orientação técnica da D.P.H.A.N. Concordou também o Prefeito em acelerar as providencias necessárias de maneira que a obra possa estar concluída ainda este ano.

Palácio do Governo (Lauro Sodré)

Vistoriamos prolongadamente as obras em andamento no Palácio Lauro Sodré.
Pudemos constatar a escrupulosa orientação estabelecida pela Comissão de Restauração.
No conjunto de salas voltadas para a fachada Principal foi encontrada e esta sendo restabelecida toda a decoração executada por Augusto Montenegro no princípio deste Século. No patio central foi localizado o poço mencionado em diversos documento do Seculo XIX.
O andamento dos demais serviços foram objeto de relatórios circunstanciados, enviados a esta Diretoria.
A Comissão de restauração, através da Secretaria de Viação e Obras deverá encaminhar brevemente a prestação de contas referente a parcela enviada pelo MEC e a solicitação de um reforço para prosseguimento dos serviços.

Stº Alexandre

Estivemos em Stº Alexandre na manhã de sabado, dia 24 de março. Infelizmente nada pudemos vistoriar, porque a Igreja estava fechada.

S. Luiz

Palácio Cristo Rei

Examinamos detalhadamente as proposições da Divisão de Obras da Fundação Universidade do Maranhão, para adaptar o Palácio Cristo Rei as necessidades da Reitoria.
Vistoriamos o prédio com todas as chefias interessadas nas obras de adaptação. Apos discussão com as mesmas e trabalho de prancheta com o engenheiro chefe da Divisão de Obras da SUPLAN, conseguimos reformular o estudo apresentado, reduzindo as obras de modificação e acréscimo ao mínimo indispensável (3 conjuntos de banheiros).

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

48
8

- 2 -

Assim procedemos por verificar que a Reitoria não dispõe de tempo útil para um trabalhocriterioso de Restauração (as obras devem estar concluidas em meados de julho). Feitas imediatamente as obras fundamentais de segurança, conservação e recuperação de alguns trechos grosseiramente desfigurados, as obras de restauração propriamente ditas poderão ser realizadas com maios disponibilidade de tempo, após o indispensável trabalhos de pesquisa.

Rio de Janeiro, 8 / 4 / 73

Antônio Pedro Alcântara
Diretor Arquiteto

/mg

Anexo 37: Mapa da CODEM - Companhia de Desenvolvimento e Administração de Áreas Metropolitanas – Com a localização dos cemitérios da cidade de Belém, marcando na cor azul o cemitério da Soledade, sem utilização e na cor vermelha os cemitérios em funcionamento. (Fonte: Processo nº 0376 - T - 48, pertencente ao Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro).



Anexo 38: Questionário para Frequentadores do cemitério da Soledade – Belém/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. Por que você frequenta o cemitério Soledade?

2. O que você sabe sobre este cemitério?

3. Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?

4. Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM ( )NÃO . Qual?

5. Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?

6. Porque visita esses túmulos especificamente?

7. Qual a frequência que você vem aqui?
   ( ) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês
   ( ) De vez em quando ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. Você costuma vir com alguém ou vem só?
   ( ) Venho só ( ) Venho acompanhado

9. Se acompanhado, diga de quem:
   ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos

10. Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? ( ) SIM ( ) NÃO

11. Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:
    ( )Velas ( )Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes
    ( )Roupas ( )Bonés ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:
    _____

12. Por que você deposita ofertas nos túmulos?

13. Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial?
( )SIM ( )NÃO. Qual?

14. Você faz algum tipo de oração? ( )SIM ( )NÃO. Qual?

15. O que você acha das condições atuais do cemitério?

16. O que você sugere para melhorar as condições do local

17. Você segue alguma religião? ( )SIM ( )NÃO . Qual?

18. O que é a morte para você?

19. Você frequenta a Capela do Soledade? ( )SIM ( )NÃO. Por quê?

20. Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações?
( )SIM ( )NÃO.

Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.

NOME:
Endereço:
Telefone (s):
Sexo: ( )Feminino ( )Masculino
Ano de Nascimento:
Local de Nascimento:
Profissão:
Escolaridade:

Anexo 39: Questionários respondidos pelos frequentadores do cemitério da Soledade (Ordem alfabética)

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   É a minha primeira vez

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Nada

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Eu estava perdido e quando vi, quis entrar. Achei muito bonito. Gosto desta visão do passado.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   ( ) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? ( ) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? ( ) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    ( )Velas ( )Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? ( )SIM (X)NÃO. Qual?**

14. **Você faz algum tipo de oração? ( )SIM ( )NÃO. Qual?**

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Não muito boa, mas eu gosto assim. Onde eu moro, na Holanda, eles restauraram alguns cemitérios antigos que ficaram parecendo novos. Este cemitério mostra que é antigo e abandonado. Foi justamente o que me chamou a atenção.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local**
    Não deveriam mexer muito. Deveriam ter apenas um lugar para informações, um folder, placas contando sobre a história. Talvez um pequeno Museu. Nada muito grande para não mudar a essência.

17. **Você segue alguma religião? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

18. **O que é a morte para você?**
    É como estar dormindo para sempre. E eu gosto de dormir.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? ( )SIM (X)NÃO. Por quê?**

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? ( )SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Abel Van Dijk
Endereço: Holanda
Telefone(s): **Sexo: ( )Feminino (X)Masculino**
Ano de Nascimento: 1993 **Local de Nascimento**: Holanda
Profissão: Estuda Cinema **Escolaridade: Universitário**

OBS: Entrevista feita em inglês e traduzida livremente pela pesquisadora.

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Devoção às Almas

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   É centenário e está desativado.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   É uma devoção de família, que herdei de meu avô e de minha avó. Eu costumava ir ao Santa Isabel, mas quando mudei, comecei a vir aqui.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Raimundinha Picanço e Escrava Anastácia

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Um dia eu sonhei com a Raimundinha Picanço. Ai, minha irmã que sempre foi devota dela, me disse que o túmulo onde ela estava enterrada era aqui.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Devoção e agradecimento

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? ( )SIM (X)NÃO. Qual?**
    Só agradecimento

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Salve Rainha (tem uma placa na Raimundinha Picanço que sempre rezo), Salmo 23, Pai Nosso e Ave Maria.

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?** Abandonado

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local?** Começar pela Capela

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Sou de família Católica, mas também sigo a doutrina espírita.

18. **O que é a morte para você?**
    É uma passagem.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM (X)NÃO. Por quê?**
    Até assisto Missas do Pe. Ronaldo.

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Ana Cristina Guimarães
Endereço: Pariquis, 1589
Telefone(s) 3223.9030 / 8122.6208 **Sexo: (X)Feminino ( )Masculino**
Ano de Nascimento: 14/09/1969 **Local de Nascimento**: Belém
Profissão: Pedagoga **Escolaridade:** Superior Completo

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Por tradição. Minha mãe era devota das almas. Agora que ela morreu, eu acendo as velas por ela e aproveito para rezar pela minha mãe.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   É muito antigo. Tem muita criança enterrada aqui. É tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Com a minha mãe. Isto foi há mais de 30 anos.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Raimundinha Picanço. Esta é a minha devoção principal, pois faço a novena. Além deste, visito outros túmulos: Dr. Nasser (para meus filhos terem a casa própria), Escrava Anastácia, Menino Zezinho e os Gêmeos.

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Porque eram estes que minha mãe visitava.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Depois de 04 semanas da novena de Raimundinha Picanço, devemos levar angélicas no túmulo, mas esta é uma flor difícil de encontrar.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    A novena de Raimundinha Picanço.

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    5 Ave Marias e 1 Pai Nosso em cada túmulo, que corresponde a um Terço.

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Péssimas. Está cada vez mais difícil caminhar por lá. Chego a vir de botas para cá.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local?**
    Primeiro de tudo tem que capinar.

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Católica Apostólica Romana

18. **O que é a morte para você?**
    A morte é uma passagem dolorosa para quem fica, mas para quem vai, é o descanso eterno. É esta a nossa fé!

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê?**

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Ana Maria Borges Leal Mendes
Endereço: Boaventura da Silva, 1664 / ap. 1001
Telefone(s) 3226.2305 **Sexo: (X)Feminino ( )Masculino**
Ano de Nascimento: 05/01/1956 **Local de Nascimento:** Belém / PA
Profissão: Engenheira Civil **Escolaridade:** Superior Completo

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Me sinto bem.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Pouco. É antigo.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Quando consegui uma graça com os "erês"[501]. O Zezinho e um outro lá atrás.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Visito o Cruzeiro e os dois túmulos (Zezinho e o outro)

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Vou aos túmulos dos meninos pela graça alcançada e no Cruzeiro pelas almas. Não podemos deixar de rezar pelas almas.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   ( ) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês (X) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores (X)Água (X)Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Por causa da promessa que fiz. E sempre consigo o que peço.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Para as crianças.

[501] Segundo o candomblé, **Erê** é o intermediário entre a pessoa e seu Orixá, é o aflorar da criança que cada um guarda dentro de si (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Er%C3%AA). Imagem associada a crianças.

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Pai Nosso e Ave Maria.

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Precisa melhorar mais

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local?**
    Capinar e limpeza

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Umbandista

18. **O que é a morte para você?**
    (Não soube responder)

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? ( )SIM (X)NÃO. Por quê?**

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? ( )SIM (X)NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Anônimo
Endereço:
Telefone(s) **Sexo: ( )Feminino (X)Masculino**
Ano de Nascimento: 20/04/1978 **Local de Nascimento:** Belém/PA
Profissão: Comerciante **Escolaridade:** 1º ano do Ensino Médio

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Comecei para ajudar uma pessoa que é devota das almas e não pode mais frequentar o Cemitério e acabei também me tornando devoto.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Sei que é antigo e que é tombado.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Uma pessoa amiga teve muitos problemas de saúde, foi até para a UTI, mas alcançou uma graça. Venho por ela e por devoção minha mesmo. Já tem mais de 10 anos que frequento aqui.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Cruzeiro, Zezinho, Preta Domingas e Anastácia.

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Porque as graças alcançadas foram feitas a estas pessoas aqui enterradas.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas: Doação em dinheiro

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Para pagar a promessa

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Escrava Anastácia

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Pai Nosso e Credo

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Está muito mal cuidado. Muitas vezes, os próprios visitantes acabam danificando o mármore quando acendem vela onde não devem.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local?**
    Já tem um projeto que vai transformar em parque. Espero que dê certo.

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Católico

18. **O que é a morte para você?**
    É complicado. Prefiro não pensar nisso. Acho que é o fim.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê?** Para rezar

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? ( )SIM (X)NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Antônio Ximenes
Endereço:
Telefone(s) 8249.9117 **Sexo: ( )Feminino (X)Masculino**
Ano de Nascimento: 15/11/1969 **Local de Nascimento:** Capitão Poço/PA
Profissão: Servidor **Escolaridade:** Ensino Médio

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Devoção às almas.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Muito antigo e tem enterrado aqui personagens da história do Pará.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Desde os meus 10 anos de idade, quando vinha trazida por minha mãe. Venho aqui há mais ou menos 45 anos.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Cruzeiro, Capela, Escrava Anastácia, Preta Domingas, Dr. Joaquim Almeida.

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Com minha mãe eram outros, mas vou nesses agora. Eu vou neles porque fui vendo as pessoas irem sempre neles.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas: Dinheiro para dar na Missa.

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Vela é luz para as almas.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Para as almas em geral

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Pai Nosso, Ave Maria e orações pessoais.

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Muito ruim

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local**
    Capinar e limpeza geral

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Católica

18. **O que é a morte para você?**
    É passagem.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê?**
    Para assistir Missa e para rezar.

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Aparecida Santa Brígida
Endereço: Tv. Timbó, 1269, apto. 1204
Telefone: 9988.9482 **Sexo: (X)Feminino ( )Masculino**
Ano de Nascimento: 1958 **Local de Nascimento**: Belém
Profissão: Aposentada **Escolaridade:** Superior Completo

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Eu sou gótico. Faz parte da minha vida. Gosto de cemitérios, gosto de ficar entre as sepulturas.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Sei que ele é antigo e sei que muitas pessoas vêm aqui rezar.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Comecei a vir em 2004. As primeiras vezes eu pulava o muro. Venho para passear e bater fotos.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Todos

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   ( ) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês (X) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? ( ) Venho só (X) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes (X) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    ( )Velas ( )Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas: Bruxaria e sangue (magia negra)

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Geralmente, faz parte de um pacto que faço.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? ( )SIM (X)NÃO. Qual?**
    Não é devoção, é pacto.

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?** Oração satânica

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Até que agora está legal.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local**
    Pintura.

17. **Você segue alguma religião? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**
    Não tenho religião. Gótico é uma seita.

18. **O que é a morte para você?**
    É tudo! Vivo no meu mundo obscuro, falo com os mortos e eles me respondem através de vozes ou de sonhos.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? ( )SIM (X)NÃO. Por quê?**

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Bruxinho (Caio)
Endereço: Passagem Santa Ana, Vila Santa Cruz, 1189
Telefone(s): 3254.7758 / 9922.6465 **Sexo: ( )Feminino (X)Masculino**
Ano de Nascimento: 10/04/95 **Local de Nascimento**: Belém/PA
Profissão: Estudante **Escolaridade:** Superior incompleto (pedagogia na UEPa)

OBS: O entrevistado estava vestido todo de preto, inclusive com capa, acompanhado de um rapaz também vestido de preto e que tirava as fotos.

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Porque sou devota das almas há mais de 30 anos. Sou do estado do Espírito Santo e desde lá eu já acendia velas para elas.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Sei que é antigo (1850 – vi na Capela) e sei que tem um projeto para restaurar.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Quando me mudei para cá, desde a primeira 2ª feira eu já vim aqui. Isso foi há mais de 02 anos.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   O Menino Zezinho e o Cruzeiro (almas)

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Visito o Zezinho porque vi que as pessoas rezavam para ele, daí fiz uma promessa, pedi, rezei e fui atendida. Virei devota!

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Devoção.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Almas

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?** Ave Maria, Pai Nosso e Salve Rainha.

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Ruim

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local**
    Precisa melhorar a entrada, restaurar e fazer canteiro com flores.

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Sou espírita , mas confio nas almas.

18. **O que é a morte para você?**
    É a vida que se faz continuar.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê?**
    Rezo Pai Nosso

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Carla Gonçalves Carvalho
Endereço:
Telefone(s): 8811.9897 **Sexo: (X)Feminino ( )Masculino**
Ano de Nascimento: 22/06/65 **Local de Nascimento**: Espírito Santo
Profissão: do lar **Escolaridade:** Pós-Graduada em Administração

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Por devoção e para pagar promessas para as almas do Purgatório e as 13 almas.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   É antigo

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Eu fazia a Novena do Perpétuo Socorro e um amigo me convidou para vir aqui. Venho aqui há mais de 10 anos.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Cruzeiro, Anastácia, Menino Zezinho, Raimundinha Picanço e o Anjo do lado dela (ao lado do túmulo de Raimundinha Picanço).

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Visito mais a Anastácia e o Zezinho, pois tenho devoção a eles.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? ( ) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas (X)Flores (X)Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Há 3 anos atrás perdi uma filha que morreu queimada na França. Jogaram gasolina nela e tocaram fogo. A senhora soube deste caso? Por isso sempre lembro das almas que morreram queimadas e trago água. Tem almas que morreram afogadas, outras com sede...

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Novena das Almas

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    A oração das almas que já sei de cor, Pai Nosso e Ave Maria.

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Venho há muito tempo aqui e sempre houve descaso. O pior é que não me deixam nem limpar. Eu queria lavar, passar uma palha de aço, deixar o túmulo limpo, mas eles não deixam.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local**
    Ajeitar a calçada e fazer a limpeza daqui

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?** Católica

18. **O que é a morte para você?**
    Quando chega a hora, só Deus sabe. Eu, por exemplo, estou de braços abertos. O espírito sobre e depois tem outra vida.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê?** Faço novenas

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Carlos Alberto R. Lacerda
Endereço:
Telefone(s): 8179.6740 **Sexo: ( )Feminino (X)Masculino**
Ano de Nascimento: 1957 **Local de Nascimento**: Belém / PA
Profissão: Motorista **Escolaridade:** Até a 5ª série

OBS: O entrevistado sugeriu que a visita monitorada seja sábado para ele poder participar com calma.

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Sou devota das almas e aqui me sinto bem.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Sei que é muito antigo com muitas histórias

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Moro aqui perto e já venho aqui a mais de 20 anos. Você já provou a manga daqui? É deliciosa!

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Além do Cruzeiro, visito o Menino Zezinho, Joaquim Nasser, Mariana Isabel, Genoveva (perto dos meninos), Menino Cícero, os 3 anjinhos e a gruta.

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas (X)Flores (X)Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:
    Há alguns anos atrás eu costumava vir com uma amiga na véspera do dia de finados e colocava flores em todos os túmulos. Não ficava nenhum sem flor. Agora não tenho quem me ajude.

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Deposito água porque as 13 almas morreram queimadas. Além disso, na oração das 13 almas, pede pra gente oferecer água, pois elas têm sede de justiça.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Tenho a devoção das Santas Almas. Em São Paulo tem a Capela das 13 almas no cemitério São Pedro, e sempre que viajo, eu vou lá.

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Antigamente eu costumava ler a oração das 13 almas, mas hoje em dia, já me sinto muito íntima e mais converso com elas. Costumo mandar imprimir orações para distribuir (milheiros) e rezo Pai Nosso e Ave Marias.

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Abandonado. Eu sempre me preocupei com as coisas aqui. Inclusive, fui eu que doei esses suportes de vela em torno do cruzeiro, para a as pessoas acenderem velas ali e não nas sepulturas. Eu me inspirei na Capelinha de São Paulo que tem uns assim.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local**
    Além da manutenção de gramado e limpeza nos túmulos é preciso um trabalho para esclarecer as pessoas para não danificarem o local.

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Católica, mas concordo com a doutrina espírita.

18. **O que é a morte para você?**
    A morte é uma passagem para outro plano.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê?**
    Mando rezar Missas e dou contribuições.

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Céres Maria Palmeira Ribeiro
Endereço: Alameda Lúcio Amaral, casa 167 (Jardim Independência)
Telefone(s): 9615.0833 **Sexo: (X)Feminino ( )Masculino**
Ano de Nascimento: 11/01/1963 **Local de Nascimento**: Belém/PA
Profissão: Advogada **Escolaridade:** Superior Completo

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Venho para orações

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Foi criado na época da epidemia de febre amarela, antes de 1900 e que é tombado pelo Patrimônio Histórico.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Quando eu estudava arquitetura, vim aqui a primeira vez, trazido por um professor que veio dar uma aula aqui. Isso foi em 1984. Vim pelo valor artístico do cemitério, por estudo[502].

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Visito o Zezinho e a Escrava Anastácia

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Gosto destes. Geralmente venho aqui depois que deixo minha filha no colégio.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   ( ) Toda semana ( )A cada 15 dias (X)1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Nada nos túmulos, só no Cruzeiro.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? ( )SIM ( )NÃO. Qual?**

[502] O entrevistado declarou ter feito 06 faculdades, mas atualmente exerce a advocacia. Disse que o que gosta mesmo é de estudar.

14. **Você faz algum tipo de oração? ( )SIM (X)NÃO. Qual?**

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Já esteve pior.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local?**
    Limpeza, capinação e banheiros químicos.

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Católica

18. **O que é a morte para você?**
    Prosseguimento da vida.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê?**

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Edielson Pimentel
Endereço:
Telefone(s) 8348.6636 **Sexo: ( )Feminino (X)Masculino**
Ano de Nascimento: 1958 **Local de Nascimento:** Belém/PA
Profissão: Advogado **Escolaridade:** Superior Completo

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Não venho com muita frequência. Venho para pagar promessas.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   É antigo.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Tive uma namorada que era devota das almas. E quando estou de passagem por aqui, costumo entrar.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Só vou ao Cruzeiro

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Para acender velas, mas venho pouco.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   ( ) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês (X) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Para pagar a promessa

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM (X)NÃO. Qual?**
    Às almas

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?** A Prece de Cáritas[503] (Anexo 40) Pai Nosso e Ave Maria

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?** Precisa de restauração para incrementar o turismo e a circulação de pessoas.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local?** Uma boa restauração

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Católica, mas frequento o espiritismo.

18. **O que é a morte para você?**
    São Francisco já dizia "a morte é dormir num lugar e acordar no outro". O problema é saber como vamos fazer essa nossa passagem.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? ( )SIM (X)NÃO. Por quê?**

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Édson de Moraes Nascimento
Endereço:
Telefone(s): 8115.9078/ 8722.1703 **Sexo: ( )Feminino (X)Masculino**
Ano de Nascimento: 10/11/1958 **Local de Nascimento**: Vigia/PA
Profissão: Funcionário Público **Escolaridade:** 3º Grau (cursando)

[503] Prece Espírita, supostamente psicografada na noite de Natal, 25 de dezembro, do ano de 1873, ditada pelo espírito Cáritas.

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Porque tenho devoção às almas

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   É o primeiro da cidade, desde a fundação de Belém[504].

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Um amigo me falou sobre a devoção às almas e já venho aqui há mais ou menos 30 anos.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Só visito o cruzeiro.

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   O cruzeiro é onde se faz a oferenda das almas.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores (X)Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    A vela é luz e a água é para as almas que tem sede. Aquelas que morreram com sede.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM (X)NÃO. Qual?**
    Para as almas.

[504] Dado incorreto, uma vez que existiram outros anteriores. O Cemitério foi o 1º Cemitério público oficial.

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Pai Nosso, Ave Maria e o Creio em Deus Padre.

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    É um desrespeito à cidade. Aqui é um campo santo e estamos perdendo cada vez mais nossa cultura.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local**
    Precisa de uma administração para fazer tudo o que precisa ser feito. As melhorias.

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Católica

18. **O que é a morte para você?**
    É uma passagem para a outra vida. Eu creio na vida eterna.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? ( )SIM (X)NÃO. Por quê?**

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? ( )SIM (X)NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**
    Viajo muito.

NOME: Elias Araújo Sabbat
Endereço:
Telefone(s): 8191.1389 **Sexo: ( )Feminino (X)Masculino**
Ano de Nascimento: 1952 **Local de Nascimento**: Santarém
Profissão: Engenheiro **Escolaridade:** Superior Completo

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Sou evangélica e recebi esta missão. Faço isto por meu filho que bebe muito e é drogado. Ele é um rapaz problemático. Foi uma gravidez indesejada, eu era muito nova e nem criei ele. Os avós criaram. Por isso me sinto tão culpada pelo que ela passa agora e estou me apegando a tudo.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Sei que é o mais antigo de Belém.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   É a primeira vez que venho aqui. Minha nora é espírita e ela me disse que "estão para levar meu filho". Que ela em uma sessão espírita viu isso e me disse para vir acender estas velas para as almas libertarem meu filho.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Só vim ao cruzeiro.

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   ( ) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros - 1ª vez

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (x) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (x) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (x)Velas ( )Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Foi uma orientação da minha nora para afastar este "encosto" do meu filho. Ela mandou acender velas por 09 segundas-feiras seguidas para as almas.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Às almas

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Rezei o Pai Nosso e ofereci ao espírito de "chamou o nome de Jesus" e estou com fé de mãe.

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Péssima. Está abandonado.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local**
    Limpeza nos túmulos e segurança.

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Já fui católica, espírita, umbandista... Hoje sou evangélica.

18. **O que é a morte para você?**
    É um descanso. É saber quer a pessoa vai ficar na lembrança.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? ( )SIM (X)NÃO. Por quê?**

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Évila Beltrão
Endereço:
Telefone(s): 8183.9829 **Sexo: (X)Feminino ( )Masculino**
Ano de Nascimento: 1951 **Local de Nascimento**: Pernambuco
Profissão: Culinarista e gastrônoma **Escolaridade:** 3º grau incompleto

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Por orações.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Que é muito antigo e tradicional.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Minha mãe me trazia aqui desde os 09 anos.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Zezinho, Mariana Isabel, Escrava Anastácia, Preta Domingas.

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Porque sempre me deram retorno quando estou aflita e quando preciso de energia.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores (X)Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Vela é luz e água porque falam das almas que tem sede.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Almas

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?** Oração das 13 almas, Pai Nosso, Ave Maria e Glória ao Pai.

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Precária, necessitando

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local**
    Restaurar os jazigos

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Sou católica não praticante e sigo um pouco de cada religião

18. **O que é a morte para você?**
    É uma esperança de renascimento. Uma chance de consertar o que a gente fez de errado.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê?** Para rezar

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Francinasa Dantas
Endereço: Serzedelo Corrêa, 153, apto. 1400
Telefone(s): 8300.3532 **Sexo: (X)Feminino ( )Masculino**
Ano de Nascimento: 1972 **Local de Nascimento**: Belém
Profissão: Administradora **Escolaridade:** Superior Completo

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Vim pela parte histórica

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Sei que é muito antigo e tem grandes nomes de ilustres aqui sepultados. Sei que ele é tombado elo Patrimônio.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Venho aqui a pouco tempo. Tive vontade.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Vou ao "Anjo José" e ao Cruzeiro

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   O Anjo José tem uma história bonita. Minha avó é umbandista e me disse que ele é um espírito cultuado na umbanda.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores (X)Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Segundo a umbanda devemos dar água a pessoas que morreram com sede para aliviar o sofrimento.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? ( )SIM (X)NÃO. Qual?**

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?** Pai Nosso, Anjo da Guarda e Salmo 23 (Vide Anexo 40). Não rezo Ave Maria.

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Precisa reformar

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local?**
    Falta capinar e limpar os túmulos

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Sou quase evangélico.

18. **O que é a morte para você?**
    É algo que encaro normal. Ela é o meio, a metade de um processo que você tem que passar.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? ( )SIM (X)NÃO. Por quê?** Não tenho tempo.

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Inaldo Corrêa Gonçalves Jr.
Endereço: Av.Paulo Costa, 2877
Telefone(s) 3267.3085 **Sexo: ( )Feminino (X)Masculino**
Ano de Nascimento: 1989 **Local de Nascimento:** Belém/PA
Profissão: Estudante **Escolaridade:** 1º semestre de Administração

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Devoção às santas almas

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Muito antigo

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Venho há muito tempo aqui. Mais de 20 anos.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Anastácia, menino Zezinho, Dr. Joaquim, Antônio, Maria das Dores, Raimundinha Picanço, Preta Domingas e os gêmeos (sou mãe de gêmeos).

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Sempre fui devota deles e das 13 Almas.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? ( ) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas (X)Flores (X)Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Agradecimento por graças alcançadas.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Para todos

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?** 03 Terços toda 2ª feira

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Péssimas. Muitas pessoas vem aqui e ele nunca está em condições.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local**
    Limpeza e segurança.

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Católica. (e muito católica!)

18. **O que é a morte para você?**
    É um descanso eterno. De tanto vir aqui já vejo a morte de outro modo. Sou mais conformada. É como se eles me confortassem.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê?**

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Joana Alves do Nascimento
Endereço:
Telefone(s): 8867.7888 **Sexo: (X)Feminino ( )Masculino**
Ano de Nascimento: 24/06/54 **Local de Nascimento**: Castanhal
Profissão: Vendedora **Escolaridade:** 6ª Série

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Devoção. Tenho 3 devoções.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Aqui tem muitas devoções

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Uma prima me trouxe aqui e frequento aqui desde 1974.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Raimundinha Picanço, Preta Domingas e Menino Zezinho.

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Porque vejo muitos milagres acontecerem lá. Já viu a quantidade de placas?

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Trago 4 maços de velas: uma para as almas (acendo no Cruzeiro) e os outros 3 maços acendo em cada túmulo de devoção.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? ( )SIM (X)NÃO. Qual?** Sim, e tenho alcançado graças.

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?** Pai Nosso e Ave Maria

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Tem muito mato. Está abandonado.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local?** Primeiro de tudo é a Capela que tem que melhorar.

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Católica

18. **O que é a morte para você?**
    Eu penso que a morte não é um fim.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM (X)NÃO. Por quê?**

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: João Edir Picanço Costa
Endereço: Triunvirato, 558
Telefone(s) 3272. 9721 **Sexo: ( )Feminino (X)Masculino**
Ano de Nascimento: 1938 **Local de Nascimento**: Oriximiná/PA
Profissão: Pecuarista aposentado **Escolaridade:** Primário

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Gosto de orar pelas almas do purgatório. Antes fazia novena para as almas. Agora não peço nada. Apenas rezo pelos que ninguém lembra de rezar. Por exemplo, sabe aquele pessoal que morreu sufocado?[505] Eles morreram sofrendo... Rezo por eles.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Sei que ele é muito, muito antigo.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Venho aqui desde novinho. Não lembro quanto tempo faz exatamente. Sou devoto de Severa Romana e tenho até uma filha com esse nome. Gosto de visitar as irmãs brancas[506].

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Visito principalmente o Cruzeiro e as sepulturas mais abandonadas, aonde ninguém vai nem reza.

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Gosto de rezar pelos esquecidos. Dou atenção para quem não tem atenção.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   ( ) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês (X) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM (x) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas: Além de velas só oração.

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Coloco velas para guiar as almas perdidas por desastres, tragédias, essas coisas.

---

[505] Incêndio na Boite Kiss que vitimou mais de 230 pessoas, em Santa Maria /RS

[506] A pesquisadora questionou o entrevistado para saber a quem ele se referia como irmãs brancas e ele respondeu se tratarem de freiras.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? ( )SIM (X)NÃO. Qual?**

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Salmo 90, Salmo 37, Salmo 107. Também leio o Evangelho. Uso muito São Lucas para pedir por pessoas doentes. (Anexo 40)

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    AS autoridades não dão atenção para nada.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local?**
    Principalmente arrumar o piso e mandar capinar.

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Católico, até hoje.

18. **O que é a morte para você?**
    Todos vamos passar por ela. Não é nem o fim, nem o começo. Todos temos que passar por este martírio, pois até Jesus Cristo passou pela morte.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? ( )SIM (X)NÃO. Por quê?**

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações ( )SIM (X)NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: João Fontenelle de Souza Filho
Endereço:
Telefone(s) 3229.4307 **Sexo: ( )Feminino (x)Masculino**
Ano de Nascimento: 25 de abril de 1940 **Local de Nascimento:** Belém/PA
Profissão: Técnico Mecânico de carros pesados **Escolaridade:** Nível Médio

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Ele está nas minhas lembranças de infância. Eu e meus amigos vínhamos brincar de bola e esconde-esconde aqui. O tempo passa, mas eu continuo tendo a mesma sensação que trago da infância. É como se eu ainda fosse criança aqui. Depois que cresci, comecei a trazer comida para o "Filé".[507] Além disso sou devoto das almas.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Sou íntimo daqui e nunca tive medo. Lembro muito da D. Lindinha, que era uma pessoa muito devotada aqui, que se vestia sempre de branco e mangas compridas. Ela era responsável pela 1ª Comunhão que acontecia na Capela. Ela mesma preparava as jovens, era muito exigente, e dizia que elas tinham que se vestir de vestidos brancos e se encarregarem da limpeza dos túmulos. Ela dava até baldinho e escovinha para cada uma das meninas. Era muito bacana! Depois que ela morreu, tudo ficou abandonado.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Como já disse, venho desde criança, já tem quase 60 anos. Lembro de frequentar a Missa das 07h da manhã, que era lotada de gente.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Vou sempre à Capela para rezar.

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Mas devo confessar que o que me traz aqui não são os túmulos, é o cachorro mesmo. Ele já me conhece e espera pelo alimento que trago.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros Mais de 1 x por semana

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? ( ) SIM (X) NÃO.**

[507] Cachorro vira-lata que está sempre nas dependências do Cemitério da Soledade.

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    ( )Velas ( )Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas: Só oração

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?** Não

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? ( )SIM (X)NÃO. Qual?** Não

14. **Você faz algum tipo de oração? ( )SIM ( )NÃO. Qual?**
    Sim. Faço preces da minha cabeça. Rezo pelas almas que ninguém reza e também pelos animais.

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Quando D. Lindinha estava viva, era sempre bem cuidado. Depois que ela morreu, fechou. Tinha ainda o Sr. Dário que limpava o cemitério. Era um zelador excelente que dava conta de todo o cemitério sozinho. Ele inclusive, limpava o quintal da minha casa nas folgas.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local**
    É importante se preocupar com a Capela, o calçamento e a história dos túmulos. Tem que dar maior visibilidade.

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Católico

18. **O que é a morte para você?**
    Hoje eu encaro com naturalidade. Acredito na continuação, na vida eterna. Por isso não tenho medo. Quem tem muita fé, sabe que tem vida depois da morte.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê?**

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: João Guilherme Viana Corrêa
Endereço: Av. Gentil Bittencourt, 49
Telefone(s): 3224.4695/ 99964858 **Sexo: ( )Feminino (X)Masculino**
Ano de Nascimento: 04/04/1949 **Local de Nascimento**: Belém/PA
Profissão: Prof. da UFPa (Administração) **Escolaridade:** Superior completo

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Venho como se fosse a qualquer outro lugar, sem medo. Venho para agradecer e rezar pelos espíritos.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Quase nada. Sei o que meus pais me contavam, sobre muitas pessoas enterradas aqui que faziam milagres.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Minha mãe me trouxe a primeira vez. Venho aqui há mais de 50 anos.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Raimundinha Picanço, Preta Domingas e menino Zezinho

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Sempre admirei a história que contam deles.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   ( ) Toda semana ( )A cada 15 dias (X)1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Só acendo velas no Cruzeiro

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? ( )SIM (X)NÃO. Qual?**
    Não faço promessas, só agradeço.

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?** Pai Nosso e Ave Maria

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Do mesmo jeito, sempre foi abandonado.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local**
    Precisa melhorar tudo.

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Católica

18. **O que é a morte para você?**
    É a separação do espírito do corpo.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê?**
    Para rezar

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Jocimar de Lima
Endereço: Tv. São Sebastião, 14 (Pedreira)
Telefone(s): 8857.1915 **Sexo: ( )Feminino (X)Masculino**
Ano de Nascimento: 1951 **Local de Nascimento**: Belém/PA
Profissão: Funcionário Público Federal **Escolaridade:** Superior Completo

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Devoção às almas.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Tombado pelo Patrimônio Antigo. Um campo santo muito antigo.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Comecei a vir por causa de uma promessa feita para as almas. Venho aqui desde criança. Sou um homem de oração.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Acendo vela no Cruzeiro e em um túmulo ao lado da Capela , que é de um militar. Fiz promessa para ele e fui atendido. Visito ainda o Cícero e Anastácia.

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Por causa da graça alcançada.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? ( ) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    -
13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Ao militar daquele túmulo ao lado da Capela e mando rezar Missa pela alma dos falecidos.

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Pai Nosso e Ave Maria

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Tem que preservar e melhorar muito. Aterrar para as pessoas poderem andar. Sempre foi tratado com muito descaso.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local?**
    Limpeza, aterro (areia) e capinar a vegetação.

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Católico

18. **O que é a morte para você?**
    Uma consequência da vida. Nascemos, crescemos e morremos. Como dizia o meu pai: "Quem de novo não morre, de velho não escapa!"

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê?**

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? ( )SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: José Eugênio
Endereço: Fernando Guilhon, nº 2157 - Cremação
Telefone(s) 3212.9959 **Sexo: ( )Feminino (X)Masculino**
Ano de Nascimento: 21 de abril de 1960 **Local de Nascimento:** Belém/PA
Profissão: Serralheiro e ferreiro **Escolaridade:** Ensino Médio Completo

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Eu sou devota da escrava Anastácia e agora vendo vela no ponto que era do meu marido, ali fora.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   É muito antigo. Meu marido era zelador daqui, Eurico dos Santos Brito, e ele mesmo montou uma venda de velas.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Comecei a frequentar quando o meu marido morreu. Desde 1985. Depois que ele morreu eu passei a tomar conta, com meus netos. Eu antes fazia devoção para Escrava Anastácia, mas agora que proibiram a gente de acender vela lá eu abandonei. Fico só vendendo vela.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Escrava Anastácia

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Porque fiz um pedido e ela me atendeu.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? ( ) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? ( ) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    ( )Velas ( )Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Antigamente eu acendia vela, mas agora que ficaram reclamando eu apenas vendo velas.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? ( )SIM (X)NÃO. Qual?**

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Oração da Escrava Anastácia

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Pior do que era. Aqui vivia cheio de gente.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local**
    Primeiro que tudo é a limpeza.

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?** Católica, até eu morrer.

18. **O que é a morte para você?**
    É a coisa mais natural. É quando chega a hora.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? ( )SIM (X)NÃO. Por quê?**

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? ( )SIM (X)NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Júlia Henrique Brito
Endereço: Rua São Silvestre, nº 1321 (Entre Apinagés e Tupinambás)
Telefone(s): 3087.1613 **Sexo: (X)Feminino ( )Masculino**
Ano de Nascimento: 21/07/1934 **Local de Nascimento**: Belém/PA
Profissão: Doméstica **Escolaridade:** 5ª série

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Porque tenho devoção.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Sei que é o mais antigo de Belém

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Eu morava aqui perto, no Ed. Uirapuru e vinha aqui desde criança com minha mãe. Ela era devota. Venho aqui há mais de 40 anos.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Visito o menino Zezinho e rezo no Cruzeiro.

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Minha mãe era devota dele e ele é milagroso.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   ( ) Toda semana (X)A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores ( )Água (X)Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Trago bombons porque se trata de uma criança.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM (X)NÃO. Qual?**
    Ao Menino Zezinho e já alcancei a graça.

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?** Pai Nosso e Ave Maria

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Péssimas, o pior é que é bem no centro da cidade.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local**
    Precisa muito de uma restauração e recuperação.

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Católica

18. **O que é a morte para você?**
    É uma coisa tão triste... Para mim é o início de uma nova vida. Só estamos aqui de passagem.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? ( )SIM (X)NÃO. Por quê?**

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Léa Maria Amoedo Costa
Endereço: Av. Serzedelo Corrêa, 105, apto. 1202
Telefone(s): 3223.4983 / 99895055 **Sexo: (X)Feminino ( )Masculino**
Ano de Nascimento: 03/08/1957 **Local de Nascimento**: Belém/PA
Profissão: Economista **Escolaridade:** Superior Completo

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Devoção às almas

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   É histórico e antigo. Tem muita gente ilustre enterrado aqui e ele foi interditado.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Eu estava com problema e fiz promessa ao Menino Zezinho e alcancei a graça. Venho aqui há mais ou menos 10 anos.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Zezinho e Cruzeiro. Eu tenho uma outra devoção em especial, mas não posso dizer.

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Promessa. Vou ao cruzeiro porque as almas precisam de luz e de reza.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas (X)Flores (X)Água (X)Bombons (X)Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas: Bolo, biscoito, pipoca, comida e brinquedos

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Agradecimento e pagamento de promessa. Nós umbandistas, sabemos que o Zezinho é um espírito de criança e ele vem sempre receber sua oferta nas 2as. Feiras. Trago brinquedos, tigela com pipoca e até bolo inteiro que eu mesmo faço para ele. Trago tudo isso para "omolu" e "obaluaê". As velas são para as almas.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Não posso contar

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Oração do menino Zezinho, Pai Nosso, Ave Maria e Glória.

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Péssimas

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local**
    É preciso melhoramentos, limpeza dos túmulos . O acesso é complicado. Precisa melhorar calça e acessos.

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Umbanda

18. **O que é a morte para você?**
    É um descanso pois somos passageiros.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê? Rezar**

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Luiz Carlos dos Santos Portírio
Endereço: R. Cesário Alvin, Pass. Marcílio Dias, 11A
Telefone(s): 8315.8661 **Sexo: ( )Feminino (X)Masculino**
Ano de Nascimento: 31/07/61 **Local de Nascimento**: Belém
Profissão: Taifeiro **Escolaridade**: até a 5ª série

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Sou devoto das almas.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Aqui estão enterradas relíquias, militares, crianças.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Desde que comecei a devoção às almas. Há mais de 05 anos atrás.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Cruzeiro, Zezinho, Anastácia, Advogado[508], Preta Domingas, Militares, Isabel, Joaquim Vitorino... São 13 almas que visito.

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Devoção

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? ( ) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores (X)Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas: pipoca

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Trago bombom porque os falecidos eram crianças e trago água para as almas que tem sede no purgatório[509].

[508] Dr. Manoel Almeida
[509] Passagem da Bíblia que fala da alma que queria apenas uma gota d'água para matar a sede no purgatório

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM ( )NÃO. Qual?** Peço só saúde

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
Pai Nosso e Ave Maria

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
Falta melhorar muito

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local?**
Melhorar a Capela

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
Católica Apostólica Romana[510].

18. **O que é a morte para você?**
Um pedaço da vida que todos vão passar por ela. Não tenho medo.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê?**
Assisto Missa, Novena, rezo...

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Marcondes da Silva Rolim
Endereço: Tv. 14 de Março, 1705 (entre Pe. Eutíquio e Passagem Orquídea)
Telefone(s) **Sexo: ( )Feminino (X)Masculino**
Ano de Nascimento: 13/06/74 **Local de Nascimento:** Belém/PA
Profissão: Motorista e Caminhoneiro **Escolaridade:** 8ª série

[510] Posteriormente, a pesquisadora foi informada por outra pessoa que o entrevistado era umbandista, mas teve vergonha de declarar.

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Devoção

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Antigo.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Venho aqui desde criança, (mais ou menos 44 anos), quando minha mãe me trazia para vir a Missa aqui. Ela era devota das almas e depois que ela morreu eu continuei com a devoção.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Zezinho e Cruzeiro.

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Falavam muito do menino Zezinho e eu comecei a botar bombom para ele.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (x)Velas ( )Flores ( )Água (x)Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Porque ele é um anjinho, uma criança.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? ( )SIM (X)NÃO. Qual?**
    Só peço proteção

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?** Pai Nosso, Ave Maria, Credo e Salve Rainha.

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Abandonado

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local**
    Tem que melhorara Capela que está muito feia. E ela era tão linda no meu tempo...

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Católica

18. **O que é a morte para você?**
    É uma passagem. Ao mesmo tempo que a morte é alegre a gente fica triste. Dizem que o dia de nossa morte é mais feliz que o dia do nascimento.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê?** Rezar

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Maria da Paz
Endereço:
Telefone(s): 8255.7795 **Sexo: (X)Feminino ( )Masculino**
Ano de Nascimento: 1959 **Local de Nascimento**: Acará
Profissão: Doméstica **Escolaridade:** 8ª série incompleta

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   É uma forma de celebração pelas almas e por meus antepassados

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   O pouquinho que sei é que tem centenas de pessoas de grande fé aqui, como o Menino Zezinho, Raimundinha Picanço...

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   No início foi pelos meu bisavós, que estão enterrados aqui. Depois passei a vir por devoção às almas mesmo. Aqui é um lugar ideal para oração.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
   Meus bisavós. Minha avó me disse isso, mas eu não sei o nome deles, nem a sepultura.

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Cruzeiro, Raimundinha Picanço, Zezinho, Anastácia, um "amigão militar" Vitorino[511], o Dr. Joaquim de Almeida, a Mariana Isabel e um outro militar.

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   São os mais conhecidos e considero suas intercessões milagrosas.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas (x)Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Só acendo vela no cruzeiro, nos túmulos eu faço oração. Faço por agradecimento

[511] A Pesquisadora informou se tratar de Joaquim Victorino, o construtor do Cemitério. A entrevistada não sabia maiores detalhes sobre ele.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? ( )SIM ( )NÃO. Qual?**
    Sim, para as almas e já alcancei muitas graças.

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Costumo rezar o Terço, O Rosário[512] e a Oração das 13 Almas.

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Falta um cuidado melhor. Aqui é um Campo Santo, que não é cuidado.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local?**
    Capinar e uma boa administração.

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Católica, graças a Deus!

18. **O que é a morte para você?**
    É continuidade. Morre para a vida material e nasce para a imaterial.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê?** Pelas celebrações

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Maria de Lourdes Andrade Vaz
Endereço: Conjunto Cidade Nova IV, WE 42, nº 112
Telefone(s) 8858.8160 / 3263.6054 **Sexo: (X)Feminino ( )Masculino**
Ano de Nascimento: 04/08/1955 **Local de Nascimento:** Belém
Profissão: Aposentada do Estado **Escolaridade:** 2º Grau Completo

[512] Três terços completos, ou até quatro.

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Porque gosto e tenho devoção às almas

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   É antigo.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Moro longe, mas uma amiga me falou sobre ele. Já venho aqui há 28 anos. Venho uma vez ao mês, mas rezo pelas 4 segundas-feiras.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Cruzeiro e Menino Zezinho

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   No túmulo do Menino Zezinho peço proteção para os meus netos, para que eles sigam bem nos estudos, entrem na faculdade...

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   ( ) Toda semana ( )A cada 15 dias (X)1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores ( )Água (X)Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas: Doação para o Diácono

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Trago bombons como um agrado.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Para as almas.

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?** Oração das 13 almas, Pai Nosso e Ave Maria

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?** Está abandonado

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local?** A entrada e a Capela

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Católica

18. **O que é a morte para você?**
    É uma viagem que vai e não volta, mas eu acredito em Deus.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê?**

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Mª Olinda dos Santos
Endereço:
Telefone(s): 3248. 1735 **Sexo: (X)Feminino ( )Masculino**
Ano de Nascimento: 05/02/1952 **Local de Nascimento**: Belém
Profissão: Enfermagem **Escolaridade:** 2º Ano do fundamental

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   É o cemitério mais próximo da minha casa e tenho devoção às almas.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   É muito antigo e inoperante. É do Patrimônio Histórico.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Vim por vontade própria. Frequento desde 1980

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Cruzeiro e túmulos abandonados

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Gosto de rezar pelos que ninguém reza.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:
    Trago velas e preces, as duas melhores formas de luz que conheço.

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Acendo velas no cruzeiro

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Para as 13 almas

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?** Rezo o Terço

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Ele poderia ser mais bonito, mas está abandonado.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local**
    Capinar e reparo nas sepulturas

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Me considero católica

18. **O que é a morte para você?**
    É a passagem desta vida para uma outra. Aqui é apenas o tempo das culpas e das expiações.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê?**
    Faço donativos e mando rezar Missas

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Mariana Rayol Pinto
Endereço: Tv. Bom Jardim, 979
Telefone(s): 3225.3793 **Sexo: (X)Feminino ( )Masculino**
Ano de Nascimento: 03/06/1957 **Local de Nascimento**: Belém/PA
Profissão: Servidora Pública (TRT) **Escolaridade:** Superior Completo

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Para pedir proteção às almas.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   É muito antigo.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Venho aqui há mais de 20 anos.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Menino Zezinho, Preta Domingas, Raimunda Picanço, Escrava Anastácia, e o Cruzeiro das Almas.

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Pela história de devoção de cada um deles.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? ( ) Venho só (X) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais (X)Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas (X)Flores (X)Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Vela é luz e a água é para as almas que morreram com sede. Deixo a água no cruzeiro.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM (X)NÃO. Qual?**
    Fiz várias promessas, pois eu tinha problema de coração e fiz até angioplastia. E alcancei esta graça, pois fiquei boa.

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Faço as orações específicas e mais Pai Nosso e Ave Maria.

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Abandonado.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local**
    Ele deveria ser apenas com grama (e não mato), ter banheiros decentes, melhorar a Capela e ter pessoas para tomar conta (a Guarda Municipal).

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Católica

18. **O que é a morte para você?**
    É o renascimento para outra vida, ao lado de Deus. É a passagem do mundo carnal para o espiritual.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê?**

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Mauro Ivan Monteiro Sandir
Endereço: Passagem Napoleão Martins, nº 5 D
Telefone(s): 8937.1455 **Sexo: ( )Feminino (X)Masculino**
Ano de Nascimento: 22/09/1977 **Local de Nascimento**: Belém/PA
Profissão: Eletricista **Escolaridade:** 2º Grau Completo

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Sou devoto das almas

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Antigo e desativado.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Minha avó era devota. A primeira vez que vim aqui foi com ela, há mais de 30 anos.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Só visito Cruzeiro

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Devoção às almas.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   ( ) Toda semana ( )A cada 15 dias (X)1x por mês ( ) De vez em quando ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores (X)Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Só deposito no Cruzeiro. A água é para as almas com sede e que morreram afogadas.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM ( )NÃO. Qual?** As almas

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    “Almas preciosas”, Pai Nosso e Ave Maria.

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Abandonado

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local**
    Limpeza e capinagem

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Católica

18. **O que é a morte para você?**
    É como se fosse uma segunda vida.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? ( )SIM ( )NÃO. Por quê?**
    De vez em quando.

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Ocimar Mendonça
Endereço: Av. Júlio César, Conj. Marex, 3804
Telefone(s): (94) 9185.8447 **Sexo: ( )Feminino (X)Masculino**
Ano de Nascimento: 16/02/1972 **Local de Nascimento**: Belém
Profissão: Professor de português **Escolaridade:** Superior Completo
Email: ocimarmendonca@yahoo.com.br

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Venho pouco aqui. É a minha segunda vez. Pagar promessa ao menino Zezinho

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Sei que é muito antigo

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Um amigo me falou sobre ele.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Menino Zezinho

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Fiz uma promessa para ele porque minha perna doía muito.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   ( ) Toda semana ( )A cada 15 dias (X)1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Para pagar a promessa.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM (X)NÃO. Qual?**
    Ao Menino Zezinho

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual**?
    Pai Nosso, Ave Maria, Salve Rainha.

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Muito ruim

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local**
    Limpeza em geral

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Sou católico desde que nasci

18. **O que é a morte para você?**
    Não sei explicar, mas acho que é um descanso.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê?** Para assistir Missa

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Oswaldo Pimentel
Endereço: Passagem Arthur Bernardes, nº 40 (Entre Quintino e Pariquis)
Telefone(s): 8193.1904 **Sexo: ( )Feminino (X)Masculino**
Ano de Nascimento: 19/11/1033 **Local de Nascimento**: Óbidos / PA
Profissão: Pedreiro **Escolaridade:** Analfabeto

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Minha mãe era muito católica. Ela costumava levar os filhos a igrejas e ao cemitério. Perdi um irmão meu de 18 anos por acidente com armas e ela então se tornou devota das almas. Para mim, além da devoção às almas, contemplo também a arte que existe aqui dentro. Costumo visitar cemitérios na Europa, pois é um ambiente que me sinto bem, me sinto em paz.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Houve um surto de cólera que vitimou muita gente, então construíram este cemitério para receber os mortos pela epidemia. Sei que as grades vieram da Inglaterra (Liverpool). Gosto muito de antiguidade e costumo participar de leilões. Vejo o Soledade como um centro de energias, onde recarrego minhas baterias.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Vim trazido pela minha mãe, quando ainda era uma criança. Mas frequentar mesmo, posso dizer que tem uns 10 anos que venho sempre aqui.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Raimunda Picanço, Preta Domingas, Cícero, Anônimo, Irmã Dulce, Mariana, os três anjinhos, Negra Anastácia (sei que é um memorial e que ela não está enterrada ali), Zezinho, os gêmeos e a Mangueira (Exu).[513]

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Porque sei que nesses túmulos já houve muita reciprocidade. É como um imã, um centro de energia.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   (X) Toda semana ( )A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

[513] Existe uma mangueira na parte posterior do Cemitério, com o tronco vazado, onde a pesquisadora notou que as pessoas acendiam velas. Exu seria "um Orixá, ou mesmo uma entidade, que estaria mais próximo ao Aiyê (Terra), ou ao plano material. Foi justamente esta ligação, associada ao caráter irascível, brincalhão, inconseqüente e às vezes virulento de exu que levou vários missionários protestantes, católicos e anglicanos na África a sincretizá-lo com o Diabo dos cristãos. (Op. cit. VERGER), p. 119 e segs (Fonte: http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=373)

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
(X)Velas ( )Flores (X)Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
Peço coisas pessoais e tenho sempre conseguido. As almas dão, mas não pode parar a devoção.

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
Oração do Perpétuo Socorro, 7 Ave Maria, 7 Pai Nossos, Credo, Santo Anjo, Salve Rainha e Consagração a Nossa Senhora.

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
Deteriorado demais. Cheio de marcas de velas nos túmulos.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local?**
Melhorar a capela por primeiro, depois restaurar a imaginária e os portões e gradis.

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
Católico com aceitação do espiritismo.

18. **O que é a morte para você?**
É uma passagem, uma transição. É a continuidade de um processo que avalia o nosso grau de perfeição e, dependendo disso, podemos retornar.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê?**
Para receber a bênção do diácono.

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Paulo Eduardo Bentes de Melo e Silva.
Endereço: Água Cristal (Condomínio classe A , mais afastado da cidade)
Telefone(s) 8421.6466 / 8457.6867 **Sexo: ( )Feminino (X)Masculino**
Ano de Nascimento: 17/02/1962 **Local de Nascimento:** Belém/PA
Profissão: Agrônomo e veterinário **Escolaridade:** Superior Completo

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao Ccmitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Porque gosto. Acho que é um pedaço de nossa história que está abandonado. Fotografo, divulgo e também sou devoto.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   É o cemitério mais antigo e tem até escravos sepultados aqui. É da época da escravatura. Foi criado em função de uma epidemia, pois antes os enterramentos eram feitos nas Igrejas e com as doenças, havia risco de contaminação.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   O misticismo sempre me encantou. Venho aqui há mais de 10 anos.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Preta Domingas, Túmulo da Família Chermont (acho linda a construção), e Coronel Gurjão, que é herói da Guerra do Paraguai.

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   Visito por respeito e devoção.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   ( ) Toda semana ( )A cada 15 dias (X)1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Eu não tenho religião. Chego, coloco as velas e falo diretamente com eles. Faço minhas promessas e alcanço graças.

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Fiz promessa para o menino Zezinho me ajudar a entrar na Faculdade e consegui.

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Faço da minha cabeça, vou falando nas minhas palavras. Não tenho oração. Depois acendo as velas.

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    É uma tristeza. Está muito abandonado.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local**
    Mais atenção e divulgação ao espaço. Eu mesmo divulgo na internet, escrevo textos, faço seminários...

17. **Você segue alguma religião? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

18. **O que é a morte para você?**
    A morte é o fim. Quando eu fechar os olhos, tudo vai acabar. Não tem outro mundo.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? ( )SIM (X)NÃO. Por quê?**

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Rui Reis
Endereço: Passagem Juruti, nº 23
Telefone(s): 8825.7728 **Sexo: ( )Feminino (X)Masculino**
Ano de Nascimento: 1976 **Local de Nascimento**: Belém/ PA
Profissão: Guia turístico **Escolaridade:** Superior Incompleto (História)

OBS: O entrevistado declarou o desejo de se tornar guia de visita monitorada no cemitério e se colocou à disposição, caso precisem.

QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DO CEMITÉRIO SOLEDADE – BELÉM/PA

Ao participar desta pesquisa você estará ajudando nos estudos relativos ao cemitério da Soledade, com vistas ao seu Projeto de Restauro, Conservação e Adequação. Desde já, agradecemos sua ajuda. (Assine apenas se desejar).

1. **Por que você frequenta o cemitério Soledade?**
   Por devoção às almas.

2. **O que você sabe sobre este cemitério?**
   Quase nada. Sei que é antigo.

3. **Como foi para você começar a frequentar o Soledade? Desde quando vem aqui?**
   Quem primeiro me trouxe aqui foi meu pai. Ele era devoto das almas. Eu já frequento há mais de 10 anos.

4. **Você tem algum túmulo de sua família aqui neste cemitério? ( )SIM (X)NÃO . Qual?**

5. **Qual (quais) o(s) túmulo(s) que você visita?**
   Cruzeiro, Raimundinha Picanço, Preta Domingas e Menino Zezinho.

6. **Porque visita esses túmulos especificamente?**
   São os de devoção do meu pai e eu visito os mesmos. Dizem que não pode parar de visitar senão as coisas começam a dar errado. E olha que aconteceu isso com o meu pai. Só que ele já começou a vir de novo.

7. **Qual a frequência que você vem aqui?**
   ( ) Toda semana (X)A cada 15 dias ( )1x por mês ( ) De vez em quando
   ( ) Só quando faço promessa ( )Outros

8. **Você costuma vir com alguém ou vem só? (X) Venho só ( ) Venho acompanhado**

9. **Se acompanhado, diga de quem: ( ) Pais ( )Filhos ( )Outros parentes ( ) Amigos**

10. **Você costuma trazer e/ou fazer alguma oferenda? (X) SIM ( ) NÃO.**

11. **Marque o que costuma levar para colocar nas sepulturas:**
    (X)Velas ( )Flores ( )Água ( )Bombons ( )Refrigerantes ( )Roupas ( )Bonés
    ( )Outras coisas. Cite as outras coisas:

12. **Por que você deposita ofertas nos túmulos?**
    Por agradecimento

13. **Você faz algum tipo de promessa a uma devoção em especial? (X)SIM ( )NÃO. Qual?**
    Às almas e já alcancei graças.

14. **Você faz algum tipo de oração? (X)SIM ( )NÃO. Qual?** Pai Nosso e Ave Maria

15. **O que você acha das condições atuais do cemitério?**
    Precisa melhorar.

16. **O que você sugere para melhorar as condições do local?**
    Sei que tem um projeto. Ouvi dizer que vão derrubar tudo isso para fazer uma praça. É verdade?[514]

17. **Você segue alguma religião? (X)SIM ( )NÃO . Qual?**
    Católico

18. **O que é a morte para você?**
    Nem gosto de pensar nisso. Penso mais na tristeza que ela traz, quando perdemos pessoas que amamos. Não tenho medo da morte para mim, mas para aqueles que amo.

19. **Você frequenta a Capela do Soledade? (X)SIM ( )NÃO. Por quê?**

20. **Gostaria de participar de uma palestra sobre a história do cemitério da Soledade, o sentido da morte e a importância de sua preservação para as futuras gerações? (X)SIM ( )NÃO. Se SIM, deixe seus dados para que possamos entrar em contato.**

NOME: Wendell Melo
Endereço: Av. Conselheiro Furtado, 2312 / ap. 1404
Telefone(s) 8138.3699 **Sexo: ( )Feminino (X)Masculino**
Ano de Nascimento: 03/06/1975 **Local de Nascimento:** Belém
Profissão: Representante Comercial **Escolaridade:** 3º Grau incompleto

[514] A pesquisadora informou a ele que era impossível a destruição ou demolição do Cemitério da Soledade, por se tratar de um local tombado pelo patrimônio.

Anexo 40: As principais orações distribuídas em folhetos ou cópias no Soledade.

MILAGROSA NOVENA EM HONRA DAS ALMAS[515] (Visite o cemitério 9 segundas-feiras rezando 1 Rosário. Rezam-se 2 Terços, em seguida lê-se a Oração e o último Terço).

Oh! Almas! Oh, Almas santas, benditas, milagrosas e abençoadas das três pessoas que morreram queimadas, afogadas e enforcadas. Vós fostes como eu, e eu serei como vós. Rogai a Deus por mim, que rogarei a Deus por vós. Oh! Almas santas dos cativos, Almas dos Pontífices, Almas dos Vigários, Almas dos Bispos, Almas dos asilados, Almas dos Sacerdotes, Almas dos Prelados, Almas mais abandonadas e todas aquelas que estão mais perto de verem a Deus, rogai por mim e alcançai a graça que vos peço! Pelo poder de Deus Padre, pelo poder de Deus Filho, pelo poder de Deus Espírito Santo. Oh! Almas santas Benditas, fazei o meu pedido. Assim como Nosso Senhor Jesus Cristo desce à terra no santo sacrifício da Missa, na hora da consagração da Hóstia, venham todas em meu socorro, sem demora em meu auxílio, para eu alcançar a graça que vos peço. (Pede-se a graça). Eu vos peço pela força dos três poderes: Padre, Filho, Espírito Santo, reunidos nas três pessoas da Santíssima Trindade, que formam o grande mistério. Oh! Almas aflitas do purgatório, rogai por mim e fazei o meu pedido. Almas das pessoas que morreram queimadas, afogadas e enforcadas. Almas santas e benditas que a Cristo adorais e glorificais, bendizeis e contemplais, por mercê, fazei-lhes preces por mim, para que eu seja livre de todos os perigos do corpo e da alma, seja feliz e obtenha bons resultados nos meus negócios, alcançai-me a graça que vos peço. Minhas santas Almas benditas, eu vos peço pela hora em que nascestes, pelo Senhor que adorastes, pelas penas do purgatório em que estás, venham todas em meu socorro sem demora, em meu auxílio, e valei-me da aflição em que me acho. Livrai-me de todos os perigos em meu corpo e da minha alma, de todas as calúnias, intrigas e perseguições. Livrai-me de todos os obstáculos e dificuldades que se opuserem às realizações de minhas petições ou fizerem mais tempo. Ajudai-me, oh! Almas aflitas do purgatório, principalmente as que morreram queimadas, afogadas e enforcadas. Pedi e rogai a Nosso senhor Jesus Cristo por mim, para que não me faltem os socorros do Céu e o pão de cada dia. Pedi e rogai a N. S. Jesus Cristo, principalmente pela chaga do seu ombro, que tanto fez sofrer aquele corpo santíssimo, pelas agonias do Horto das Oliveiras, quando prostrado por terra suou sangue pelos nossos pecados, pela coroa de espinhos que traspassou a cabeça de Jesus, pela cruz que Ele levou no ombro pelas ruas de Jerusalém, pelo último suspiro que Ele exalou na cruz, por todos estes martírios deste coração candíssimo, pedi e rogai por mim, para alcançar a graça que vos peço. Rogai a Jesus na Hóstia e no Cálice sagrado, no Santíssimo Sacramento da Eucaristia, pela sua gloriosa ressurreição e ascensão, para eu alcançar a graça que vos peço. Oh! Almas santas e benditas, principalmente as que morreram queimadas, afogadas e enforcadas, eu vos peço pelas dores e amarguras que Maria Santíssima sofreu no mundo desde o nascimento de Jesus até a sua morte. Por todas as lágrimas que ela derramou durante a paixão e Morte de seu adorado Filho. Pela sua triste amargurada solidão, quando se viu sozinha no mundo, sem o seu Santíssimo Filho, por todos os martírios deste coração de mãe aflitíssima e desolada, alcançai-me a graça que vos peço! Pedi a Jesus Cristo e Maria que me livrem de todas as faltas e perigos a que estou exposta. Devo-vos graças, principalmente, por terdes me preservado de tantas faltas e suas malícias. AMÉM. Rogando a Deus que ilumine com a luz do Espírito Santo todas as almas que me ajudaram e em momento de grande aflição, agradeço a Jesus ter permitido este auxílio de seus falangiários espirituais.

[515]MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**, 6ª ed. Belém: Cromos Editora. 2012. p. 179 – 181.

NOVENA DAS ALMAS QUE MAIS SOFREM NO PURGATÓRIO[516]

Pai eterno, vos ofereço o preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo para alívio das almas que mais sofrem no purgatório. Nossa Senhora, intercedei por elas. Vós, almas Benditas, ides a Deus por mim e pedis a graça que desejo (Pede-se a graça). (Reza-se 1 Pai Nosso, 1 Ave Maria e 1 Glória ao Pai e acende-se uma vela durante nove dias).

ORAÇÃO DAS 13 ALMAS

Oh! Minhas 13 Almas benditas, Sabidas e entendidas. A vós peço pelo amor de Deus, atendei o meu pedido (...). Minhas 13 Almas Benditas, Sabidas e Entendidas, peço pelo sangue que Jesus derramou, atendei o meu pedido (...). Pelas gotas de suor que Jesus Cristo derramou do seu sagrado Corpo, atendei o meu pedido (...). Meu Senhor Jesus Cristo, me guarda no vosso coração e protegei-me com vossos olhos. Oh! Deus de bondade, vós sois meu advogado na vida e na morte, peço-vos que atendeis o meu pedido (...). Livrai-me dos males, dai-me sorte na vida e cegai meus inimigos. Que os olhos do mal não me vejam, cortai as forças dos meus inimigos. Minhas 13 Almas benditas, Sabidas e Entendidas, se me fizerdes alcançar esta graça (...) ficarei devota de vós e espalharei um milheiro desta oração mandando, também, rezar uma Missa. (13 PN[517] – 13 AM, durante 13 segundas–feiras).

ORAÇÃO DAS ALMAS PODEROSAS

Minhas almas Santas que neste mundo foram injustiçadas, rogo a vós que atendam o meu pedido (Fazer o pedido). Almas Benditas, que tendes sede de justiça, atendei o meu pedido (Fazer o pedido). Vós que padecestes, vós que sofrestes todas as duras provações e por injustiça desencarnaste, rogo que não me deixem sofrer e atendam o meu pedido (Fazer o pedido). Almas Santas, durante esta novena eu vos darei um copo com água e rezarei por vós saciardes a vossa sede de justiça e me auxiliai neste pedido. (Rezar 1 Pai Nosso e 1 Ave Maria). (Importante rezar esta prece com um copo de água, depois descarregar, oferecendo a elas. Divulgue a novena e ofereça a Missa).

NOVENA PARA PEDIR UMA GRAÇA PARA CÍCERO

Já que te encontras ao lado dos anjinhos, que entoam os Hinos ao Senhor, venho te implorar para levares esta prece aos pés de Jesus, e pedir que me alcances esta graça se for permitido por Deus. (Pede-se a graça). Porque a tua alma junta a Ele, representa um lírio de pureza. (Reza-se 1 Pai Nosso e 9 Ave Marias , por 9 segundas-feiras)[518].

NOVENA PARA PEDIR UMA GRAÇA PARA RAIMUNDA PICANÇO

RAIMUNDINHA: a teu túmulo eu venho trazer-te um ramalhete de angélicas, para te pedir uma graça, para que eu alcance esta graça, se for permitido por Deus. Raimundinha: te peço pela tua Pureza, pela tua Inocência, pela tua Humildade, por três grandes virtudes, eu te imploro com lágrimas nos olhos, que vá a Jesus Cristo pedir por mim. (Pede-se a graça). Em seguida, terminar com estas palavras de oração: Raimundinha, ouve meus rogos pelas lágrimas de Nossa Mãe Santíssima Maria. (Rezam-se 3 Pai Nossos e 10 Ave Marias, por 9 Segundas-feiras).

---

[516] MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**, 6ª ed. Belém: Cromos Editora. 2012. p. 182
[517] PN= Pai Nossos e AM= Ave Marias
[518] *Idem.* p. 184

ZEZINHO ANJINHO DE JESUS

Aqui a teu pequenino túmulo venho humildemente implorar-te que intercedas por mim (Pedido) rogando a Deus para que me atenda neste pedido que vos suplico. Eu vos bendigo de coração sobre todos os anjos e santos do céu. Zezinho, glorioso anjinho do Senhor, eu vos invoco para que me livres da maldade do pecado, da cegueira de minha alma e me ajude a fugir delas, porque neste momento te envio este versinho a Maria Santíssima para levares a ela e depositares a seus pés: Santa Maria, Rainha dos Anjos, Rainha da Paz, Rainha das Virgens, Rainha do Santo Rosário (rogai por nós). Espelho da Justiça, Casa da Oração, Porta do Céu, Estrela da manhã, Saúde dos Enfermos, Refúgio dos Pecadores, Consoladora dos Aflitos (rogai por nós). 5PN – 5AM – 5GP[519].

ORAÇÃO DA PRETA DOMINGAS (Para ser rezada no túmulo)

Eis aqui a escrava do Senhor que salva a vossa alma. Oh! Clementíssimo Jesus, que abrasais de amor pelas almas, eu vos suplico pela agonia do vosso Sacratíssimo Coração e pelas dores de vossa Mãe Imaculada que purifique com o vosso sangue a alma de nossa irmã Domingas, que agora já se encontra junto de vós. Divino Coração de Jesus, eu vos ofereço pelo Coração Imaculado de Maria, as orações e as boas obras que em vida ela praticou e por todas as suas boas intenções, vos peço aqui, junto ao seu túmulo, as bênçãos do Senhor para a sua alma. Em nome do pai, do Filho e do Espírito santo. Amém!
(Rezam-se 2 Pai Nossos e 5 Ave Marias – Pede-se a graça desejada)

ESCRAVA ANASTÁCIA

Vemos que algum algoz fez de tua vida um martírio, violentou tiranicamente a tua mocidade; vemos também no teu semblante macio, no teu rosto suave, tranquilo, a paz que os sofrimentos não conseguiram perturbar. Isso quer dizer: eras pura e superior, tanto assim que Deus levou-te para as planuras do Céu e deu-te o poder de fazeres curas, graças e milagres mil. Anastácia, pedimos-te (...) roga por nós, protege-nos, envolve-nos no teu manto de graças e com teu olhar bondoso, firme, penetrante, afasta de nós os males e os maldizentes do mundo.
ANASTÁCIA – Origem Princesa Bantu-Angola, cresceu livre em Abaeté-Bahia. Castigada com mordaça por dizer não ser escrava. Suplicada pela fazendeira com ferro no pescoço, gangrenou. Trazida pelo senhor para o Rio, faleceu. Enterrada na Igreja dos Negros, teve a liberdade depois de morta. (Todas as manhãs, antes de sair para o trabalho, olhe para Anastácia, peça-lhe suas graças que tudo ocorrerá bem para você).

PRECE DE CÁRITAS:

Deus, nosso Pai, que sois todo poder e bondade, dai forca àquele que passa pela provação; dai luz àquele que procura a verdade, pondo no coração do homem a compaixão e a caridade. Deus, dai ao viajor a estrela guia; ao aflito a consolação; ao doente o repouso. Pai, dai ao culpado o arrependimento, ao espírito a verdade, a criança o guia, ao órfão o pai. Senhor, que a vossa bondade se estenda sobre tudo que Criastes. Piedade Senhor, para aqueles que não vos conhecem, esperança para aqueles que sofrem. Que a Vossa bondade permita aos espíritos consoladores derramarem por toda parte a paz, a esperança e a fé. Deus, um raio, uma faísca do Vosso amor pode abrasar a terra. Deixa-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita e todas as lágrimas secarão, todas as dores se acalmarão. E um só coração, um só pensamento subirá até Vós como um grito de reconhecimento e de amor. Como Moisés sobre a montanha, nos Vós esperamos com os braços abertos, oh! Poder... oh! Bondade... oh! Beleza... oh! Perfeição, e queremos de alguma sorte merecer a Vossa Divina

[519] GP = Glória ao Pai

Misericórdia. Deus, dai-nos a força para ajudar o progresso a fim de subirmos até Vós; dai-nos a caridade pura; dai-nos a fé e a razão; dai-nos a simplicidade que fará de nossas almas, o espelho onde se refletirá a Vossa Divina e Santa Imagem. Assim seja[520].

SALMO 23

O Senhor é o meu pastor, nada me faltará. Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas. Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor do seu nome. Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam. Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda. Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do Senhor por longos dias[521].

SALMO 37

Não te indignes por causa dos malfeitores, nem tenhas inveja dos que praticam a iniqüidade. Porque cedo serão ceifados como a erva, e murcharão como a verdura. Confia no Senhor e faze o bem; habitarás na terra, e verdadeiramente serás alimentado. Deleita-te também no Senhor, e te concederá os desejos do teu coração. Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele, e ele o fará. E ele fará sobressair a tua justiça como a luz, e o teu juízo como o meio-dia. Descansa no Senhor, e espera nele; não te indignes por causa daquele que prospera em seu caminho, por causa do homem que executa astutos intentos. Deixa a ira, e abandona o furor; não te indignes de forma alguma para fazer o mal. Porque os malfeitores serão desarraigados; mas aqueles que esperam no Senhor herdarão a terra. Pois ainda um pouco, e o ímpio não existirá; olharás para o seu lugar, e não aparecerá. Mas os mansos herdarão a terra, e se deleitarão na abundância de paz. O ímpio maquina contra o justo, e contra ele range os dentes. O Senhor se rirá dele, pois vê que vem chegando o seu dia. Os ímpios puxaram da espada e armaram o arco, para derrubarem o pobre e necessitado, e para matarem os de reta conduta. Porém a sua espada lhes entrará no coração, e os seus arcos se quebrarão. Vale mais o pouco que tem o justo, do que as riquezas de muitos ímpios. Pois os braços dos ímpios se quebrarão, mas o Senhor sustém os justos. O Senhor conhece os dias dos retos, e a sua herança permanecerá para sempre. Não serão envergonhados nos dias maus, e nos dias de fome se fartarão. Mas os ímpios perecerão, e os inimigos do Senhor serão como a gordura dos cordeiros; desaparecerão, e em fumaça se desfarão. O ímpio toma emprestado, e não paga; mas o justo se compadece e dá. Porque aqueles que ele abençoa herdarão a terra, e aqueles que forem por ele amaldiçoados serão desarraigados.

Os passos de um homem bom são confirmados pelo Senhor, e deleita-se no seu caminho. Ainda que caia, não ficará prostrado, pois o Senhor o sustém com a sua mão. Fui moço, e agora sou velho; mas nunca vi desamparado o justo, nem a sua semente a mendigar o pão. Compadece-se sempre, e empresta, e a sua semente é abençoada. Aparta-te do mal e faze o bem; e terás morada para sempre. Porque o Senhor ama o juízo e não desampara os seus santos; eles são preservados para sempre; mas a semente dos ímpios será desarraigada. Os justos herdarão a terra e habitarão nela para sempre. A boca do justo fala a sabedoria; a sua língua fala do juízo. A lei do seu Deus está em seu coração; os seus passos não resvalarão. O ímpio espreita ao justo, e procura matá-lo.

O Senhor não o deixará em suas mãos, nem o condenará quando for julgado. Espera no Senhor, e guarda o seu caminho, e te exaltará para herdares a terra; tu o verás quando os ímpios forem desarraigados Vi o ímpio com grande poder espalhar-se como a árvore verde na terra natal. Mas

[520] Prece de Cáritas. Ogumexuxoroque. Disponível em: < http://ogumexuxoroque.wordpress.com/author/ogumexuxoroque/page/2/> Acessado em: 04/08/2014.

[521]Bíblia Católica. Salmos. Disponível em: <http://www.bibliaonline.com.br/acf/sl/23> Acessado em 04/08/2014.

passou e já não aparece; procurei-o, mas não se pôde encontrar. Nota o homem sincero, e considera o reto, porque o fim desse homem é a paz. Quanto aos transgressores, serão à uma destruídos, e as relíquias dos ímpios serão destruídas. Mas a salvação dos justos vem do Senhor; ele é a sua fortaleza no tempo da angústia. E o Senhor os ajudará e os livrará; ele os livrará dos ímpios e os salvará, porquanto confiam nele[522].

SALMO 90:

Tu que habitas sob a proteção do Altíssimo, que moras à sombra do Onipotente, dize ao Senhor: Sois meu refúgio e minha cidadela, meu Deus, em que eu confio. É ele quem te livrará do laço do caçador, e da peste perniciosa. Ele te cobrirá com suas plumas, sob suas asas encontrarás refúgio. Sua fidelidade te será um escudo de proteção. Tu não temerás os terrores noturnos, nem a flecha que voa à luz do dia, nem a peste que se propaga nas trevas, nem o mal que grassa ao meio-dia. Caiam mil homens à tua esquerda e dez mil à tua direita, tu não serás atingido. Porém verás com teus próprios olhos, contemplarás o castigo dos pecadores, porque o Senhor é teu refúgio. Escolheste, por asilo, o Altíssimo. Nenhum mal te atingirá, nenhum flagelo chegará à tua tenda, porque aos seus anjos ele mandou que te guardem em todos os teus caminhos. Eles te sustentarão em suas mãos, para que não tropeces em alguma pedra. Sobre serpente e víbora andarás, calcarás aos pés o leão e o dragão. Pois que se uniu a mim, eu o livrarei; e o protegerei, pois conhece o meu nome. Quando me invocar, eu o atenderei; na tribulação estarei com ele. Hei de livrá-lo e o cobrirei de glória. Será favorecido de longos dias, e mostrar-lhe-ei a minha salvação[523].

SALMO 107

Meu coração está firme, ó Deus, meu coração está firme; vou cantar e salmodiar. Desperta-te, ó minha alma; despertai-vos, harpa e cítara; quero acordar a aurora. Entre os povos, Senhor, vos louvarei; salmodiarei a vós entre as nações, porque acima dos céus se eleva a vossa misericórdia, e até as nuvens a vossa fidelidade. Resplandecei, ó Deus, nas alturas dos céus, e brilhe a vossa glória sobre a terra inteira. Para ficarem livres vossos amigos, ajudai-nos com vossa mão, ouvi-nos. Deus falou no seu santuário: Triunfarei, e me apoderarei de Siquém, medirei com o cordel o vale de Sucot. Minha é a terra de Galaad, minha a de Manassés; Efraim será o elmo de minha cabeça; Judá, o meu cetro; Moab, a bacia em que me lavo. Sobre Edom porei minhas sandálias, cantarei vitória sobre a Filistéia. Quem me conduzirá à cidade fortificada? Quem me levará até Edom? Quem, senão vós, Senhor, que nos repelistes, e já não andais à frente dos nossos exércitos? Dai-nos auxílio contra o inimigo, porque é vão qualquer socorro humano. Com Deus faremos proezas, ele esmagará os nossos inimigos[524].

Anexo 41: Livreto "Soledade: História, Arte e Cultura", material didático e instrucional elaborado por esta Mestranda como suporte para a realização de visitas monitoradas no cemitério Nossa senhora da Soledade, em Belém do Pará. O lançamento do livreto está previsto para o mês de outubro/2014, por ocasião do evento denominado de "Conversa Pai d'égua – Visitas Monitoradas no cemitério da Soledade", sob a organização do Departamento de Educação Patrimonial da Superintendência do IPHAN/PA.

---

[522] Bíblia Católica. Salmos. Disponível: <http://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/salmos/37/> Acessado em: 04/08/2014

[523] _____. Disponível em: <http://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/salmos/90/> Acessado em: 04/08/2014.

[524] _____. Disponível em: < http://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/salmos/107/> Acessado em: 04/08/2014.

Anexo 41: Modelo do Livreto: Soledade – História, Arte e Cultura.

PAULA ANDRÉA CALUFF RODRIGUES

SOLEDADE: HISTÓRIA, ARTE E CULTURA

1ª Edição

Paula Andréa Caluff Rodrigues

Belém, Pará

2014

SOLEDADE: HISTÓRIA, ARTE E CULTURA

A inauguração do cemitério Nossa Senhora da Soledade, em Belém do Pará, no dia 08 de janeiro de 1850, marca o momento histórico da transferência dos enterramentos, anteriormente realizados em igrejas ou suas imediações, para um espaço público. Até então, havia apenas um pequeno terreno abandonado no Largo da Pólvora que servia para enterros de indigentes, acatólicos, escravos e excomungados. Portanto, o Soledade é oficialmente o primeiro cemitério público da cidade.

A Belém do século XIX possuía apenas dois bairros: Freguesia da Sé e Freguesia da Campina, separadas pelo alagado do Piri. Quando em 1848 começaram as obras para construção do cemitério, o Piri já havia sido aterrado e foi possível o arruamento de novos bairros. O Soledade foi instalado na periferia do centro urbano, localizado em uma quadra entre a Rua São Vicente de Fora (atual Av. Serzedelo Corrêa), Estrada da Constituição (atual Av. Gentil Bittencourt), Estrada da Vala (atual Av. Conselheiro Furtado) e Chafariz do Bispo (atual Travessa Dr. Moraes). A população local era de aproximadamente 75.000 habitantes, sendo quase 20.000 escravos. As pessoas se locomoviam a pé, em montarias, charretes ou canoas (em áreas alagadas).

Em 25 de março de 1850 o então Presidente da Província Jerônimo Coelho assinou uma Resolução tornando obrigatório todos os enterramentos no cemitério da Soledade. Este número foi impulsionado pela epidemia de febre amarela (1850) que ceifou milhares de vidas, assim como a epidemia de cólera (1855). Os enterramentos cessaram no ano de 1880 com o número de mais de 30.000 pessoas enterradas. A partir da data, os enterramentos foram transferidos para o Cemitério Santa Isabel, no Bairro do Guamá. Seu tombamento como Patrimônio Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional) aconteceu em 23 de janeiro de 1964.

Mesmo depois do encerramento de suas atividades, o Cemitério não deixou de ser visitado. Surgiu uma nova apropriação do espaço a partir de manifestações da “Devoção às Santas Almas do Purgatório” em frente ao Cruzeiro e outras devoções populares em túmulos específicos, que acontecem todas as segundas-feiras. Há registros de devoções com mais de 50 anos, passadas de uma geração a outra. Os principais túmulos de devoções populares são: O Menino Zezinho, Raimundinha Picanço, Preta Domingas, Menina Januária, os Gêmeos, Escrava Anastácia, Mariana Isabel, dentre outros.

O cemitério Soledade surgiu aos moldes dos cemitérios monumentais europeus, seguindo as linhas do período artístico do romantismo, com adoção de materiais, obras de escultura e cantarias provenientes de Portugal e Itália. Apresenta rica simbologia funerária, que revelam os ideais da época, aspectos socioeconômicos, profissões, valores conjugais, filiais e de gratidão.

Os quatro cantos da necrópole foram destinados a irmandades religiosas: Irmandade da Santa Casa (a única que ainda mantém uma portada), a Ordem do Santo Cristo (onde está enterrado o construtor do cemitério), Ordem Terceira de São Francisco (aos fundos) e Ordem Terceira do Carmo. É marcante a influência da riqueza trazida pelo Ciclo da Borracha e a Belle Époque. Seu pórtico de entrada (01) decorado com folhas de acanto e ampulheta alada foi projetado pelo arquiteto favorito do Imperador D. Pedro I, o francês Pierre Joseph Pézerat. As pedras de cantaria são oriundas de Lisboa e as grades de ferro que contornam a necrópole são de Liverpool , na

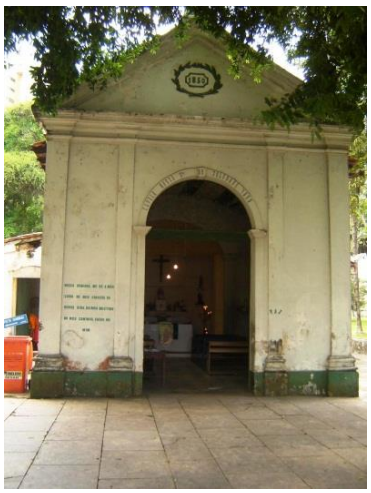
Inglaterra. O cemitério apresenta uma planta baixa tradicional com uma alameda principal que passa por um Cruzeiro (02) e termina em frente a Capela em honra a Nossa Senhora da Soledade (03). Os principais mausoléus estão localizados nas imediações da alameda, denotando a importância social e econômica do morto, bem como a tentativa de alguns em manter a sensação de ser enterrado dentro de igrejas.



(01) (Paula Rodrigues)



(02) (Paula Rodrigues)



(03) (Arquivo do IPHAN)

Dentre os principais mausoléus e túmulos, sugere-se a visita aos seguintes:

- D. Anna Joaquina Pimenta de Magalhães (04)
  Estilo eclético em mármore de Lioz. Figuras de anjos sobre nuvens (antecipação do paraíso). Ao centro de quatro colunas coríntias (o eixo do mundo), a pranteadora se apoia sobre a urna funerária em atitude de lamentação. Uso de vasos flamejantes (a chama eterna) e ampulheta alada (passagem inexorável do tempo). D. Anna, filha do português João Felipe B. P. Pedra Palácio com a paraense Mª Inácia Micaella de Chermont foi a matriarca da família Pimenta de Magalhães no Pará[525].

- Capitão de Mar e Guerra José Joaquim da Silva (05)
  Estilo eclético em mármore de Carrara. Encimado por uma urna flamejante (chama eterna) e frontão sustentado por cariátides (mulheres no lugar de colunas). Apresenta a ampulheta alada (passagem do tempo) sobre uma âncora (alusiva à profissão do falecido e símbolo da esperança), decorações com folhas de acanto (as provações foram vencidas), a cobra que morde o próprio rabo (símbolo da eternidade) e a flor do cardo/perpétua (perpétua saudade). O capitão foi Comendador da Ordem de São Bento de Aviz e prático das costas do Pará, Maranhão e Cayenna.

- Visconde de Arary e sua família (06)
  Estilo neoclássico. Quatro colunas (eixo do mundo) sustentam o frontão triangular, que traz no tímpano a figura do falecido Antônio Lacerda Chermont[526]. Sobre um acrotério há a figura de um anjo orante. O Visconde foi militar e fazendeiro do Marajó, chegando a ser

[525] Geneall. Disponível em: http://www.geneall.net/P/forum_msg.php?id=9642. Acesso em 13/01/14.
[526] GENI. A Myritage Company. Disponível em: http://www.geni.com/people/Ant%C3%B4nio-Lacerda-de-Chermont/6000000017587978346. Acesso em 13/01/14.

Comandante da Guarda Nacional e Presidente da Província do Pará. Foi condecorado com a comenda da Imperial Ordem de Cristo e Imperial Ordem da Rosa. Pai de Justo Leite Chermont, primeiro governador do Pará no regime republicano.

- Capitão Manoel José de Melo Freire Barata (07)
  Estilo neogótico. Frontão encimado por pináculos e vão com arco ogival protegido por portão em ferro trabalhado. Presença de tochas invertidas (o fogo da vida que se extingue) e a coroa/guirlanda (honrarias e vida eterna). O Capitão foi proprietário de muitos imóveis em Belém e abastado fazendeiro da Ilha do Marajó, onde foi assassinado. Seu filho Manuel de Melo Barata foi Senador da República, assim como seu neto Manoel de Melo Cardoso Barata, conhecido abolicionista, republicano, político, escritor, genealogista, historiador e bibliófilo[527].

- Ten. Cel. Benedito Pedro da Silveira Frade e família (08)
  Estilo neobarroco em mármore de Lioz, com procedência assinada: Germano José de Sales (Lisboa – Portugal). Mausoléu em forma de capela com rica iconografia funerária: figuras zoomorfas (cobras com cabeça de dragão) entrelaçadas, decorações fitomorfas, ampulheta alada (passagem inexorável do tempo), tochas verticais e vasos flamejantes (a chama eterna). O frontão apresenta volutas e *rocailles*, encimados por uma coruja e abaixo das cimalhas, existem duas faces de Cristo simetricamente opostas. Oriundo de família tradicional do Marajó, o Tenente Coronel possuía riqueza ligada a atividades agrícolas e exportação da borracha[528].

- General Hilário Maximiano Antunes Gurjão (09)
  Estilo neoclássico em pedra de Lioz, circundado por grades de ferro fundido. Túmulo robusto com acesso por duas colunas que simbolizam força e solidez, em alusão ao caráter do general que combateu na Guerra do Paraguai. Comandou também a Batalha de Tuiuti e a Batalha de Itororó, onde foi ferido, vindo a falecer dias depois. Foi agraciado com a comendas da Imperial Ordem de Cristo, da Imperial Ordem da Rosa, Cavaleiro da Imperial Ordem de Avis e Dignitário da Imperial Ordem do Cruzeiro[529]. O busto do General foi feito pelo Professor Alegretti, do Instituto de Belas Artes de Roma e o túmulo veio da Oficina da Província de Bréscia , na Itália[530].

- C.A. J. Chermont (10)
  Estilo neoclássico em mármore de Carrara. Mausoléu com escadarias, vitrais, colunas coríntias de fuste estriado e frontão triangular que guarda as iniciais C. A. J. que

[527] Família Barata Freire. Disponível em: http://www.genealogiafreire.com.br/unido_barata_freire.htm. Acesso em 13/01/14.
[528] Fundação Biblioteca Nacional. Treze de Maio - 1845 a 1861 - PR_SOR_00679_700002. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=700002&pagfis=3790&pesq=&esrc=s&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em 13/01/14.
[529] Biografia do General Gurjão. Disponível em: http://www.amazonline.com.br/heraldica/gurjao.htm. Acesso em 13/01/14
[530] BARATA, Mário. Valor urbanístico do Cemitério da Soledade. A Província do Pará, 29/12/1963. In: BARATA, Carlos Eduardo de Almeida. Cemitério da Soledade. História das Cidades. Disponível em: http://www.hcgallery.com.br/cemiterio_1.htm. Acesso: 13/01/13.

correspondem ao nome da filha do Senador Justo Chermont, Cecília Augusta de Assis Chermont, falecida ainda jovem[531]. O portão de ferro trabalhado traz detalhes em espigas. Dentro, há um busto de mulher e três urnas funerárias. O rico senador era filho do Visconde de Arary e chegou a ser Governador do Estado do Pará e Ministro das Relações Exteriores do Governo Deodoro da Fonseca[532].

- Antônio Theodorico da Silva Penna (11)
  Estilo neoclássico em mármore de Lioz. Mausoléu em forma de capela (recordando os antigos enterramentos nas igrejas), onde quatro colunas jônicas sustentam o frontão triangular que apresenta em cada ângulo uma figura alegórica (virtudes) com a representação do morto no tímpano. É guardado por duas esculturas de anjos: um segura uma trombeta (anjo mensageiro e anúncio do juízo final) e o outro tem nas mãos um livro (livro da vida). O falecido era um rico proprietário de terras no Marajó[533].

- Luiza Calandrini Sarah Bond Dewey (12)
  Estilo neoclássico em mármore de Lioz. Túmulo em forma de coluna que sustenta uma urna funerária encoberta por panos (luto). Observa-se a ampulheta alada (passagem do tempo) e uma rosa em botão quebrada, em clara alusão a "Lulu", que morreu antes dos três anos de idade, ou seja, uma rosa que não chegou a desabrochar. Seu pai, Henry Bond Dewey, foi Consul dos Estados Unidos no Pará, onde conheceu e casou com Luiza Calandrini da Silva Pacheco[534].

- Manoel Vicente Foro / João Cancio de Bohemia Sampaio (13)
  Estilo eclético em mármore de Lioz. Base com leões deitados (podendo simbolizar o poder ou o fato do falecido ser chefe de família). Meias colunas de fuste estriado emolduram o epitáfio e uma delas sustenta um pináculo encoberto por panos (luto). Nota-se uma guirlanda (símbolo da vitória sobre a redenção) na base de sustentação da grande urna (imortalidade) ornada com volutas e sobre a qual se ergue a figura alegórica de uma mulher com cruz em uma das mãos (Fé) enquanto a outra aponta para o alto (esperança do paraíso). Manoel Foro foi um rico fazendeiro[535] e João Cancio, fez Faculdade de filosofia na Universidade de Coimbra[536].

- D. Antônia Joaquina Roiz dos Santos (14)

---

[531] Diário Oficial da União. Diários Jus Brasil. Seção 1, DOU 18/05/1920. Disponível em: http:// www. jusbrasil. com.br/diarios/1885499/pg-10-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-18-05-1920. Acesso em 13/01/14.

[532] Biografia. Página do Senado Federal do Brasil. Portal Senadores. Disponível em: http:// www.senado.gov.br/senadores/senadores_biografia.asp?codparl=1998&li=23&lcab=1894-1896&lf=23

[533] Coleção das leis. Brazil 1870. p. 322. Disponível em: books.google.com.br/books?id=mq0wAAAAIAAJ. Acesso em: 14/01/14.

[534] Family Memorials: Genealogies of the Families and Descendants of the Early Settlers of Watertown, Massachusetts. p.689.Disponível em: books.google.com.br/books?id=3Yc-AAAAYAAJ. Acesso: 14/11/14.

[535] Fundação Biblioteca Nacional. *Treze de Maio - 1845 a 1861* - PR_SOR_00679_700002. Disponível em: memoria.bn.br/docreader/WebIndex/WIPagina/700002/2520

[536] Segundo Anno. UC Digitalli. Disponível em: https://digitalis.uc.pt/files/previews/76724_Preview.pdf. Acesso em: 14/01/14.

Escultura em baixo relevo de estilo neoclássico. Casal abraçado em atitude de lamentação, onde a mulher apoia a cabeça no ombro do homem, que segura nas mãos um galho (provavelmente de uma flor quebrada em associação à vida interrompida). Nota-se uma coluna adornada por guirlanda (merecimentos) com uma tocha deitada ainda queimando (a vida que se extingue, mas a chama da vida eterna ainda é uma esperança). Na cabeça do homem, há uma coroa de louros (vitórias e conquistas).

- D. Josephina da Silva Magno (15)
  Estilo neoclássico em mármore de Lioz, onde predomina a verticalidade. Coluna de secção quadrada decorada nos seus quatro lados com folhas de acanto estilizadas (simbolizando que as provações foram vencidas) e a ampulheta alada (passagem breve do tempo). Acima, ergue-se a figura de um anjo de longas asas que quase tocam os pés (o anjo da morte), de olhos baixos em sinal de aceitação, que segura nas mãos uma guirlanda de flores (merecimentos que imortalizam sua vida, vencendo a morte).

- Major Joaquim Victorino de Souza Cabral (16)
  Estilo neogótico em mármore de Lioz. Mausoléu em forma de capela neogótica, com abertura em ogivas acanhadas, pináculos e folhas de acanto estilizadas. No ponto mais alto está o anjo da morte (asas longas que tocam os pés). Ladeando o portão de ferro trabalhado, estão duas figuras femininas: uma com o seio desnudo prestes a amamentar o bebê, com uma criança menor ao lado (virtude do amor e caridade) e a outra com roupas largas segurando uma âncora (virtude da esperança). O Major foi o responsável pelas obras de construção do cemitério da Soledade.[537] Foi ainda talentoso advogado e defensor popular, chegou a exercer o cargo de juiz municipal[538].

- José (17)
  Estilo neoclássico em mármore de Lioz. Criança que faleceu aos sete anos de idade, simbolizado por um menino nu sentado que segura um pergaminho com seu nome e data de falecimento. Este túmulo vem sendo objeto de devoção popular, onde devotos atribuem milagres e graças recebidas por intermédio do "Menino Zezinho". Em retribuição, costumam deixar oferendas que vão desde balas, doces, refrigerantes, até camisetas e bonés para vesti-lo. É o túmulo mais visitado por devotos, no Soledade.

- Januária (18)
  Estilo neoclássico em mármore de Lioz, com gradil em ferro fundido. Imagens de crianças em túmulos significam, na maioria das vezes, a morte de um inocente. A delicada escultura de uma criança dormindo (o sono da morte) e apresenta um nível de qualidade e técnica apurada que certifica sua origem europeia. Note-se o rico panejamento clássico, os detalhes rendilhados do travesseiro, fronhas e vestes bordadas. A "Menina Januária" também é um túmulo de devoção popular.

---

[537] Fundação Biblioteca Nacional. *A Constituição: Órgão do Partido Conservador - 1874 a 1886* - PR_SPR_00562_385573. Disponível em: memoria.bn.br/docreader/WebIndex/WIPagina/385573/10368. Acesso em 14/01/14.

[538] _____. *A Actualidade - 1859 a 1864* - PR_SOR_02335_235296. Disponível em: memoria.bn.br/docreader/WebIndex/WIPagina/235296/1062. Acesso em 14/01/14.

- Preta Domingas (19)
  Estilo neoclássico em mármore de Lioz. Coluna de secção quadrada encimada por uma urna flamejante (o fogo eterno). Presença de ampulhetas aladas (passagem inexorável do tempo) e a representação da flor do cardo/perpétua (perpétuas saudades) na base da urna. O epitáfio identifica: "*Aqui jazem os restos mortaes da Preta Domingas. Faleceu em 25 de março de 1871. Signal de gratidão."* É interessante notar que uma escrava esteja no meio dos túmulos de ricos e poderosos. A última frase do epitáfio já responde a questão. Certamente foi a gratidão de um bom patrão que lhe concedeu esta última e grande homenagem. Este túmulo é objeto de devoção popular.

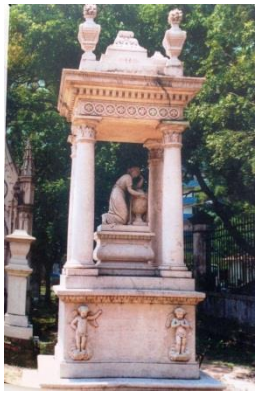
- Raimunda Chermont Picanço (20)
  Documentos anteriores atestam que esta sepultura era de azulejos portugueses. Todavia, não há sequer resquícios deste material, restando uma placa maciça em cantaria de lioz sobre o túmulo. Sua importância vem do fato de ser um dos mais antigos locais de devoção popular do cemitério da Soledade. Fontes não oficiais dizem que "Raimundinha Picanço" foi envenenada por seus irmãos, sem nenhuma comprovação.

- Mariana Isabel (21)
  Estilo neoclássico onde uma coluna baixa sustenta um obelisco (marco de influência egípcia) onde se ergue uma cruz. Na base, consta a inscrição: *"Aqui jaz D. Marianna Izabel Leite da Silva. Fallecida n'esta cidade de Belém a 06 (?) de julho de 1880. Amor conjugal."* Provavelmente, por ser homenagem de um esposo apaixonado, este túmulo é objeto de grande devoção popular, especialmente em casos matrimoniais.

- ... Barros (22)
  Estilo neoclássico em mármore de Lioz, cercado por gradil de ferro trabalhado, imitando um berço. Imagens infantis representando a morte precoce dos inocentes gêmeos. A escultura apresenta dois bebês adormecidos (o sono eterno) em uma almofada bordada, com as cabeças apoiadas em delicados travesseiros, denotando técnica rebuscada inexistente na região. Também é um túmulo muito visitado por devotos e recebe oferendas infantis.

- Escrava Romana/Anastácia (23)
  Sepultura simples delimitada por um gradil de ferro. Este é um túmulo emblemático, pois é de uma escrava reverenciada como a santa popular Anastácia. Na realidade, a Escrava Anastácia é uma devoção da cidade do Rio de janeiro, onde supostamente está enterrada. No Soledade, pode ser o caso de uma escrava homônima ou pode se tratar da escrava de propriedade do Sr. Joaquim Francisco Corrêa, Escrava Romana, que foi o primeiro enterramento do cemitério[539].

[539] REGO, O. L. M. Calendário histórico de Belém: 1616 - 1946. Belém, 1979. p.9. Disponível em: http://issuu.com/ufpadoispontozero/docs/calend__rio_hist__rico_de_bel__m?workerAddress=ec2-23-21-22-145.compute-1.amazonaws.com. Acesso em: 13/01/14.



(04) (Paula Rodrigues)



(05) (Paula Rodrigues)



(06) (Arquivo IPHAN)



(07) (Arquivo IPHAN)



(08) (Paula Rodrigues)



(09) (Arquivo IPHAN)



(10) (Giovanni Sarquis)



(11) (Arquivo IPHAN)



(12) (Paula Rodrigues)



(13) (Paula Rodrigues)



(14) (Luciene Cordeiro)



(15) (Luciene Cordeiro)



(16) (Paula Rodrigues)



(17) (Paula Rodrigues)



(18) (Paula Rodrigues)



(19) (Luciene Cordeiro)



(20) (Luciene Cordeiro)


(21) (Luciene Cordeiro)


(22) (Luciene Cordeiro)


(23) (Luciene Cordeiro)

LOCALIZAÇÃO NO MAPA

Para melhor apreciar a arquitetura funerária do Soledade, sugere-se um olhar detalhado em cada túmulo e a busca de identificação dos principais estilos artísticos e simbologias.

PRINCIPAIS SIMBOLOGIAS FUNERÁRIAS

- Ampulheta alada – a passagem inexorável do tempo. O fim do tempo de vida na terra.
- Âncora – profissão (marinheiro) ou a virtude teologal da Esperança.
- Anjinhos entre nuvens – o céu, o paraíso almejado.
- Anjo com trombetas – anúncio do dia do Juízo Final.
- Anjo que aponta ao céu – o falecido era pessoa boa e certamente o paraíso o espera.
- Anjo da morte – geralmente aquele com longas asas para baixo, tocando o chão.
- Árvore – a árvore da vida ou árvore da verdade.
- Cabeças de querubim – a alma.
- Caveira – morte.
- Caveira e ossos cruzados – a dualidade entre morte e imortalidade.
- Colunas – 04 juntas simbolizam o eixo do mundo; quebrada, pode ser morte precoce.
- Coração – Virtude teologal do Amor e Caridade; associação ao Sagrado Coração.
- Coroa – a vida eterna; coroa de louros é vitória (sobre a redenção).
- Crânio – quando nas mãos de alguém significa a própria pessoa morta.
- Criança – morte prematura de um inocente.
- Cruz – Virtude teologal da Fé. Símbolo do sacrifício perfeito de Cristo.
- Figuras alegóricas – geralmente simbolizavam as virtudes cristãs.
- Flor do cardo / perpétuas – perpétuas saudades (muito comum no cemitério).
- Flor quebrada – a vida que terminou. Flor em botão é uma vida que não desabrochou.
- Foice – morte, tempo que foi ceifado.
- Folha de acanto - as provações, simbolizadas pelos espinhos da planta, foram vencidas.
- Guirlanda de flores – Merecimentos e homenagens póstumas. Vitória sobre a morte.
- Leão – Chefe de família, poder.
- Livro – profissão (orador, escritor), a Bíblia, o livro da vida ou memórias do falecido.
- Mãos segurando coração – entidades beneficentes; misericórdia; caridade.

- Obelisco – marco comemorativo de influência egípcia.
- Panos – Luto.
- Patas de leão – o falecido era responsável pelo sustento da família.
- Pranteadora – figura geralmente feminina que chora a morte do ente querido.
- Salgueiro-chorão – símbolo de lamentações.
- Serpente – profissão (médico), quando morde a própria cauda é eternidade; maçom.
- Tocha – fogo da vida; quando invertida é a morte.
- Urna – imortalidade.
- Urna com anjo cuidando ou segurando – Lamentação.
- Urna com panos – a vida está encerrada e o pano do luto "aquece" o reservatório.
- Vaso vazio – o corpo separado da alma.
- Vaso com chamas – o fogo eterno ou o espírito eterno do homem.

Educação Patrimonial: Por favor, respeite os monumentos funerários, as vidas que eles representam e as pessoas que os visitam.

- Este cemitério é um local de contemplação, oração e devoção. Mantenha o respeito ao silêncio e introspecção dos que rezam pelos que já morreram;
- Não retire nenhuma peça ou objeto das sepulturas. Caso estejam caídos, favor informar a administração;
- Não suba, sente ou se apoie nos monumentos. Eles são frágeis e podem descolar, rachar ou quebrar em função de sua antiguidade;
- Restos de lixo e comida devem ser colocados nas lixeiras indicadas;
- Existem locais específicos para velas e oferendas. Ajude a preservar e conservar as sepulturas para que futuras gerações possam ter acesso a elas. Alimentos e velas sobre os túmulos irão acelerar o processo de degradação deste cemitério secular. Quem gosta de um lugar, cuida bem dele!

Grande parte das informações aqui contidas foi extraída do Livro **"O Tempo e a Pedra",** da autora Paula Andréa Caluff Rodrigues.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
SUPERINTENDÊNCIA NO PARÁ

SUPERVISÃO TÉCNICA
Adma Noêmia Santana Lopes

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL
Carla Cruz

ELABORAÇÃO
Paula Andréa Caluff Rodrigues
PEP/MP - MESTRADO PROFISSIONAL EM
PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS
Giovanni Sarquis
Luciene Cordeiro
Paula Rodrigues

DIREÇÃO DE ARTE E PROJETO GRÁFICO
Mendes Publicidade

ISBN nº
978-85-915369-1-7

2014

http://casadopatrimoniopa.wordpress.com/
pacaluff@gmail.com

Realização:

